This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

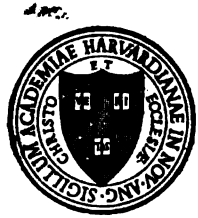
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

de
Tancredo de Barros P
32, Rua do Lavradio.
(Annuncia ás terças feira
Jornal do Commerci
Rio de Janeiro

Livraria Brasileira
de
Tancredo de Barros Paiva
132, Rua do Lavradio. 132
(Annuncia ás terças feiras no)
Jornal do Commercio
Rio de Janeiro

3A 6/26.6

Harvard College Library

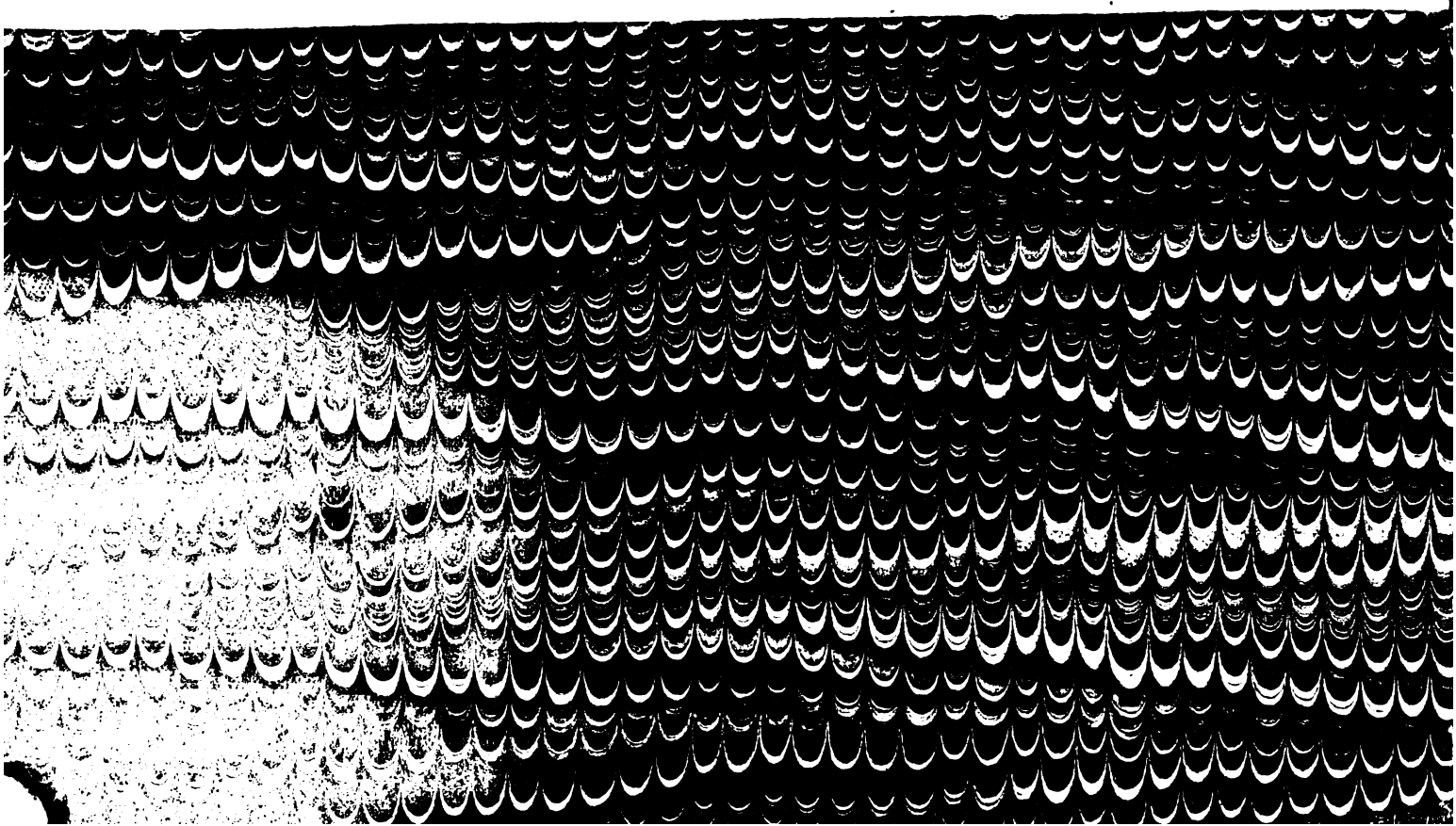


THE GIFT OF

EDWIN VERNON MORGAN

(Class of 1890)

AMERICAN AMBASSADOR TO BRAZIL



PANTHEON MARANHENSE

III

A. Gonçalves Dias

PANTHEON MARANHENSE

ENSAIOS BIOGRAPHICOS

DOS

MARANHENSES ILLUSTRES JÁ FALLECIDOS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

... nam domesticis exemplis abundamus: cogitasse quidquam putamus in vita sibi explendum nisi quod laudabile esse, et præclarum videretur?

(CICER. PARAD.)

TOMO III

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

SA 6126.6

HARVARD COLLEGE LIBRARY
GIFT OF
EDWIN VERNON MORGAN
OCT. 22, 1915.

XVI

ANTONIO GONÇALVES DIAS

AO

Dr. ALEXANDRE THEOPHILO DE CARVALHO LEAL

Voilà l'histoire du poëte. Elle est simple comme la nature, triste comme la vie. Elle consiste à souffrir et à chanter.

(LAMARTINE, *Vie de quelques hommes illustres*. Tom. I, HOMERE, pag. 34.)

PRIMEIRA PARTE

Bemdita a hora em que nasce um genio, aqui, alli, além, que importa se fôr luz benefica que esclareça e guie a humanidade? A esse outhorga Deus parte de seus attributos, e ordena-lhe que trabalhe e produza, e o mundo dá mais um passo para deante no stadio do progresso e da perfectibilidade humana, impellido por essa nova fôrça.

Quem segredou a Archimedes, ao banhar-se, o princípio da fluctuação, a Newton que a maçan cahida da arvore explicava a lei da attração, a Volta a pilha electrica e a Franklin o pára-raio, esse embryão da telegraphia electrica, e a Daguerre que a luz pintava?! Como do marmore bruto sahiram bellos e correctos a Minerva de Phidias, a Venus de Milo, o Apollo de Belvedère, o Moysés de Miguel Angelo; da téla sem côr o quadro da *Transfiguração* e as inimitaveis madonas de Raphael, de Murillo

e de Ticiano; da abobada e das paredes da capella Sixtina tão sublimes frescos, assim como todas essas maravilhas artisticas—, tantas estátuas, tantos quadros, tantos artefactos—, encarnação do bello e do ideal, na arte plastica? Quem deu aos cantos de Homero, de Ossian, de Virgilio, de Dante, de Ariosto, de Tasso, de Camões, de Milton, os accentos e imagens que os tornaram imperecíveis; e quem suspirou na musica de Bellini, de Rossini, de Donizetti e de todos estes mestres da harmonia? A essencia divinal que se infunde na alma do artista, do poeta, e o ennaltece e dissemelha dos mais homens, tornando-se tambem por isso mesmo seu maior tormento; porque quanto mais arrojados e altivos são seus vôos, é menos comprehendido por seus contemporaneos, e mais se rebella elle proprio contra a fragil e terrena natureza que o encarcera, acanha e comprime.

Admiro e venero a todos esses verdadeiros eleitos do ceu; mas tenho particular predilecção pelo poeta. Para contemplarem-se os primores da arte plastica é fôrça transportarmo'-nos aos lugares onde são conservados, emquanto que a poesia, como a natureza, onde quer que estejamos nos dá a beber a ambrosia que em suas taças de ouro nos offerece, encantando-nos com as doces harmonias que nos embriagam o espirito. Na cabeceira do nosso leito de dôr ou de prazer, no ermo dos desertos, na monotonia dos mares sem fim, na confusão das cidades; na hora do recolhimento, da afflicção ou do desalento, encontramos á mão nosso livro predilecto de versos que nos transmitte ao espirito doces e inefaveis exta-

sis que nos fazem esquecer por momentos o mundo com seus enganos e attribulações.

A despeito do magico condão que tem o poeta de viver parte do tempo em regiões povoadas de bellas illusões e onde a phantasia vôa livre e vê além dos seculos, não póde comtudo ficar isempto de sommetter-se ás circumstancias e accidentes que presidiram a seu nascimento e o rodeiam influindo efficazmente em suas idéas e no modo de as manifestar. Leiam-se a *Illiada*, a *Eneida*, a *Divina Comedia*, a *Jerusalem Libertada*, os *Lusiadas*, as tragedias de Shakspeare, as obras de Byron, de Schiller, de Goethe, de Chateaubriand, de Victor Hugo, de Lamartine, que rastrearão n'ellas encarnado o verbo e assignaladas as tendencias e impressões que no seu tempo abalaram profundamente esses entes sobrenaturaes, deixando transparentar em suas mais ethereas inspirações a parte que é da natureza humana.

Acompanhemos a Gonçalves Dias desde o berço até a sepultura, que acharemos em muitos dos seus versos o verdadeiro reflexo dos seus sentimentos, o cunho de sua individualidade dupla. Poeta objectivo e subjectivo inspira-se e canta, ora a natureza explendida e luxuosa do Brasil, porque as primeiras impressões que recebeu ao abrir os olhos á luz foram o aspecto das nossas brenhas com a sua solidão magestosa, imponente e sublime; ora suas proprias dores que o atormentavam, lhe despedaçavam o coração e perturbavam o espirito, vindo a desgraça por tantas vezes amargurar-lhe seus mais brilhantes triumphos e ridentes jubilos.

A cidade de Caxias, onde residia seu pae, o negociante João Manuel Gonçalves Dias com sua mãe Vicencia Mendes Pereira, mulher de côr acobreada, e que ainda hoje vive, não offerecia então tranquilla seguridade a quem, como elle, abraçára com tanto fervor a causa da mãe patria, pronunciando-se franca e lealmente contra as idéas emancipadoras. Era portuguez, e n'isso seguia antes os impulsos de seu coração do que os dictames da razão e do interêsse que lhe aconselhariam a prudencia e certa reserva quando o movimento revolucionario, victorioso já em S. José dos Mattões, no Brejo, na Tutoya, no Itapecurú-Mirim, já ameaçava, entrincheiradas as tropas no *Morro das Tabocas*[1], com o apertado cêrco em que tinha a cidade, assenhorear-se d'ella e dominar todo o districto.

Oppunha-se o denodo e ousadia dos cheffes das fôrças independentes contra o sangue frio, a tactica e valor do major José da Cunha Fidié, d'esse bravo militar portuguez de quem diz o poeta:

> ..... que a antiga espada
> Do valor portuguez empunha hardido
> No seu mando as retem: debalde, ó forte,
> Expões teus dias! teu esforço inutil[2]
> .....

E de feito que foi inutil, porque as tropas aguerridas e disciplinadas da metropole, reforçadas por grande

[1] Conhecido hoje por *Morro do Alecrim*, depois que Gonçalves Dias o tornou célebre em seus *Primeiros Cantos*, com o nome do esforçado campeão da independencia, o cearense João da Costa Alecrim, que o illustrou com suas façanhas.

[2] Vej na pag. 244 do tom. II das *Poesias* (5.ª ediç.—Garnier).

parte da população composta em sua maioria de negociantes portuguezes e de brasileiros dependentes d'aquelles, viram-se battidas e vencidas pelos corpos expedicionarios do Ceará e Piauhy, postoque irregulares e não exercitados; mas animados pelo amor da patria e pelos triumphos que tinham por marcos milliarios o Crato, Oeiras e Mattões. Cançados, abattidos e desacoroçoados os da cidade por dois mezes de sitio, soffrendo fome e mil outras privações de uma parte, e de outra enfraquecidos das dissenções dos que anceiavam pela independencia de que já gosava quasi toda a provincia, rendeu-se afinal Caxias em 1.° de agosto de 1823, n'esse memoravel dia em

Que os vis grilhões de escravos viu partidos [1].

Receioso João Manuel Gonçalves Dias das perseguições, ou quando menos de demonstrações um pouco rudes do desagrado da soldadesca e das turbas, que o olhariam de má vontade, como inimigo da causa nacional, ou para esquivar-se ao pagamento da quota que lhe competia na contribuição de guerra, a cuja cobrança se estava procedendo por ordem da junta da delegação expedicionaria e de conformidade com a capitulação de 31 de julho, ou por ambos esses motivos, o certo é que achou elle de melhor aviso homisiar-se, occultando-se nas mattas das terras do Jatubá, em um sitio chamado Boa-Vista [2],

[1] *Ultimos, Cantos—Caxias*, pag. 168.

[2] O sitio da Boa Vista está abandonado e reduzido a *tapera*, e tanto elle como as terras de Jatubá pertencem hoje aos herdeiros

affastado da cidade de Caxias obra de quatorze leguas, e ahi em uma tosca choupána de folhas de palmeira, como sóem ser fabricados os nossos *tijupabas*, na mais completa solidão, no sombrio da matta virgem, tendo por testemunhas frondentes e seculares arvores e seus volateis habitadores, assim como o mimoso e matizado beija-flor rompe a casca e sáe do ninho posto entre flores na espessura de verdejante moita, tal veiu ao mundo Antonio Gonçalves Dias ao amanhecer do dia 10 de agosto de 1823, n'essa

> ..... hora em que a flor balouça o calice
> Aos doces beijos da serena brisa.
> .....
> Quando o sol vem doirando os altos montes,
> E as ledas aves á porfia trinam [1]

os vagidos de um menino, que havia de mais tarde cantar os primores de formosura d'essa natureza e libertar de vez a litteratura patria, vieram confundir-se com o hymno que dirigiam ao rei dos astros todos os seres n'essa accorde harmonia que se chama aurora e que depois pintou-nos o poeta no principio do terceiro canto dos *Tymbiras* com as apropriadas côres de sua bem provida e feliz palheta Nascia Gonçalves Dias com a nossa patria, como Camões desapparecêra com a sua; e se Deus, na sua piedade, manda genios summos ás nações que teem de morrer

de Clemente Joaquim da Silva e de seu irmão Eleuterio Clementino da Silva, proprietarios d'elles.

[1] Vej. *Tymbiras*, cant. III, pag. 45.

para lhes allumiar a sepultura, como pondera o sr. Alexandre Herculano [1], tambem os envia para realçar o formoso incunabulo d'aquellas que surgem entre fulgores.

Mal contava Gonçalves Dias um mez de nascido, quando seu pae, julgando em seus excessivos receios o remontado e escuso sítio onde se refugiára com a familia e o irmão asylo não de todo seguro, passou-se ás occultas para a cidade de San'Luiz e d'ahi embarcou-se para Portugal, vivendo por todo o tempo que aqui permaneceu em Tras-os-Montes, sua provincia natal.

Chamavam-n'o todavia para a patria adoptiva saudades do filho e seus interêsses commerciaes, e assim que soube estar consolidada a ordem e serenados os espiritos na nossa provincia, tornou-se em 1825 para o Maranhão indo continuar com sua casa de commércio em Caxias e viver com Vicencia e o filho sob os mesmos tectos até que em 1829 despediu-a para se casar com a ex.ma sr.a D. Adelaide Ramos de Almeida, ainda hoje viva [2]. Qual a triste e desamparada Agar, teve então Vicencia de deixar aquella casa; mas só, sem levar o filhinho nos braços para servir-lhe de consolação em tamanho desventura e enxugar-lhe as lagrimas da miseria com seus sorrisos e caricias infantis! Assim foi cêdo arrancado do recatado e humilde berço e dos braços d'aquella, cujo

[1] Prologo da *Paquita*, poema do sr. Bulhão Pato.

[2] Foram fructos d'este consorcio e ainda vivem — José Gonçalves e João Manuel Gonçalves Dias, D. Joanna Gonçalves Dias, esposa do sr. dr. Odorico Antonio de Mesquita, e no número dos mortos conta-se Domingos Gonçalves Dias. São estes os irmãos do poeta pelo lado paterno.

amor illimitado e fervoroso rodea a prole de cuidados, de carinhos e de confortos; cuja previdencia antevê, resguarda e attende aos menores accidentes, e na sua cega complacencia desculpa e escurece tudo, ninguem ha, ninguem que substitua!! Esteve o poeta ausente da mãe e quasi que sem a conhecer até 1845, quando, de volta da Europa, onde curtiu agras saudades d'aquella que amava só por ter soffrido por elle as dores da maternidade; que os affagos de mãe não os teve completos, privado d'elles, na primeira infancia e roubado ao ninho materno qual avesinha « educada nas floridas selvas» para vir conviver na casa paterna com gente que lhe era estranha. Como tudo isso não havia de ficar dolorosamente gravado n'aquelle coração tão sensivel e onde tinham facil accesso todos os nobres e grandes sentimentos! É por isso que mais de uma vez o lastima a seu pezar, e como Job maldiz o dia do seu nascimento:

> ..... Antes meu berço,
> Que vagidos do infante vivedouro
> Os sons finaes de um moribundo ouvisse! [1]

e n'outro lugar:

> Senhor porque de nada me tiraste,
> Ou porque tua voz omnipotente
> Não fez seccar da minha vida a seve
> Quando eu era principio e feto apenas? [2]

Era o menino inquieto, vivo e travesso, e denunciava tanto atilamento que o pae, contra os usos até então em

[1] O *Templo*, pag. 169 dos *Cantos*, 2.ª edição alleman, 1857.
[2] Vejam-se *Primeiros Cantos*, pag. 152 da edição do Rio de 1846.

voga fel-o frequentar aos sete annos (em 1830) a aula de primeiras lettras do professor José Joaquim de Abreu, recommendado sobre tudo pela excellencia de sua calligraphia, arte que tem sido sempre mui cultivada e presada dos caxienses. Se Gonçalves Dias era o primeiro na sua aula, vencendo aos mais em aproveitamento, ninguem tambem o ganhava na lucta, na carreira, em trepar arvores, passarinhar e nadar. Raro era o dia em que não entrava para casa com algum vestigio d'essas travessuras. Seu pae, que era homem pouco communicativo e muito rispido, tirou-o da eschola, para o ter sujeito e sob sua vista na loja onde ao passo que aproveitava das lições de escripta e de contas de seu primo tambem caixeiro, de nome Antonio, ia ao mesmo tempo habituando-se de menino á vida commercial para a qual o destinava.

Era o novo pedagogo inexoravel em preceitos de calligraphia e de arithmetica, e não perdoava ao discipulo, com ser filho do patrão, a mais leve transgressão d'elles infligindo-lhe as duras penas da palmatoria e dos açoites, sem que o abrandassem os gritos e lágrimas de Gonçalves Dias; d'ahi vinha que, quando lhe gabavam a excellencia da lettra, como o attesta o *fac simile* que dei no primeiro tomo de suas *Obras Posthumas* e tudo quanto sahia de sua penna, costumava dizer: « Bem caro que me custou! »

Julgando-o seu pae bastante habilitado para tomar conta da escripturação de sua loja, que era por partida simples, fel-o em 1833 seu caixeiro. Era para ver como elle tamanino, que mal lhe apparecia a cabeça por traz

do balcão, não se deixava embahir pelos freguezes, antes levava-lhes a melhor em respostas agudas e ditos picantes.

Tinha por vizinho outro rapasito quasi da mesma edade, o sr. João Pedro Fernandes Thomaz Pippa[1], que hoje reside na Louzan onde exerce o encargo de tabellião, e era então, em Caxias, caixeiro do negociante Joaquim Francisco de Seixas Dourado, nosso compatriota. Medeava entre ambos apenas a distancia da estreita rua do *Cisco,* onde tinha João Manuel Gonçalves Dias seu estabelecimento commercial.

Desde a meninice que mostrou Gonçalves Dias decidida paixão pela leitura. Era ausentarem-se o pae de um e o patrão do outro, que, illudindo a vigilancia dos de casa, lá se esgueiravam os dois meninos, e entretinham-se ora brincando ou conversando, porém a maior parte das vezes ouvindo a um outro caixeiro da vizinhança, de nome Raymundo, ler as proezas de *Carlos Magno e dos doze Pares de França,* que era o seu mais cubiçado e gostoso passatempo. Ou quando não, aproveitada alguma hora furtada e com outro da mesma edade, orpham e seu inseparavel companheiro de travessuras, de nome João Baptista[2], lia tudo quanto lhe cahia debaixo das vistas — *Paulo ou a herdade abandonada, o Cego da Fonte de Sancta Catharina* e as mais producções de Ducray-

[1] É a este estimavel cavalheiro, amigo do nosso Gonçalves Dias, a quem devo parte d'estes factos da infancia do poeta.

[2] João Baptista Ramada, depois tenente coronel da guarda nacional, e cheffe preponderante de um dos grupos politicos da comarca de Caxias, e hoje fallecido.

Duminil, de Marmontel, de Montolieu, de Florian e de B. de Saint-Pierre, que andavam então na berra.

Era, além d'isso, ledor complacente dos sertanejos freguezes da loja, d'esses homens dos nossos desertos, excepcionaes pela vida solitaria, que levam, emprehendendo dilatadas jornadas atravez de florestas e de campinas ermas, cuidando de gados e luctando não raro com onças e reptis; errantes como os beduinos e como elles rudes, francos, hospitaleiros, e assim tambem amigos de contos aventurosos e de narrações de façanhas inverosimeis e sobrenaturaes, e é por isso que a *Historia do imperador Carlos Magno e dos doze Pares de França* de Vasco de Lobeira anda-lhes nos alforges, como o *pabulum vitae,* ainda dos que não sabem ler, e que por isso tomam como um dos maiores serviços o de fazerem-lhes ouvir um d'aquelles capitulos replectos de aventuras perigosas e de combates com gigantes. Não se negava o poeta a isso, senão que era por egual deleite para elle. Frequentava então a loja, entre outros, um velho sabido em contos maravilhosos e nas proesas de Roldão, de Oliveiros, de Ricareto, de Bernardo del Caspio, e de outros quejandos personagens d'esse livro de cavallaria andante e esse o trazia embutido de taes idéas. Tudo isso aguçava o desejo que nutria o menino de possuir um exemplar do seu mimoso author, e não descançou emquanto não lhe comprou o pae tão precioso thesouro, dando-lhe ao mesmo tempo, como correctivos, a *História de Portugal* por Laclede e a *Vida de D. João de Castro* por Jacintho Freire. Essa appllicação tão ardente aos livros fez com que o pae de Gonçalves

Dias reconhecesse que não era elle talhado para medir chitas aos covados e pezar manteiga aos arrateis, e assim, sem retiral-o de todo do balcão, fel-o de junho de 1835 em diante frequentar as aulas de latim e francez do professor Ricardo Leão Sabino. Dentro de pouco percebeu o intelligente e perspicaz professor que tinha no discipulo um talento fóra do commum e entrou a instar com João Manuel Gonçalves Dias que applicasse o filho ás sciencias. Abraçada essa idéa, trouxe-o comsigo para a cidade de San'Luiz em maio de 1837, para d'ahi transportar-se com elle para Portugal, onde ia aquelle procurar, senão restabelecimento, ao menos alívio aos seus padecimentos pulmonares; mas foi-se ali aggravando essa enfermidade até que a 13 de junho do mesmo anno expirou nos braços de Gonçalves Dias que aos treze annos foi pungido por

..... essa dor que não tem nome,
De quando sobre as bordas de um sepulchro
Anceia um filho, e nas feições queridas
D'um pae, d'um conselheiro, d'um amigo
O sello eterno vae gravando a morte!
Escutei suas últimas palavras,
Repassado de dor! —junto ao seu leito,
De joelho em lágrimas banhado,
Recebi os seus ultimos suspiros,
E a luz funerea e triste que lançaram
Seus olhos turvos ao partir da vida
De palido clarão cobriu meu rosto,
No meu amargo pranto reflectindo
O cançado porvir que me aguardava! [1]

(Saudades a minha irman).

[1] *Cantos*, 2.ª edição alleman—1857; pag. 639.

Orpham, só no mundo, sem arrimo nem protecção, e tão verde em annos, se tornou para Caxias acabrunhado de tantas magoas e com suas esperanças de todo desvanecidas; mas sua madrasta, que o estimava, o acolheu em seu desamparo. A instigavam para que effeituasse o intento de seu defunto marido, o juiz de direito da comarca, o sr. dr. Antonio Manuel Fernandes Junior (depois desembargador), promettendo obter da nossa assembléa legislativa provincial, de que era membro, um subsidio afim de auxiliar as despezas de Gonçalves Dias na Europa, o professor Ricardo Sabino, o coronel João Paulo Dias Carneiro, e os drs. Luiz Paulino Costa Lobo e Gonçalo da Silva Porto, offerecendo-se para contribuirem com quotas mensaes que assegurassem a manutenção do intelligente menino. Em vista de tão generosos e instantes offerecimentos e ainda mais desejosa de cumprir a última vontade do esposo, a ex.ma sr.a D. Adelaide Ramos resolveu-se a mandal-o para a Universidade de Coimbra, refusando comtudo para isso quaesquer alheios auxilios. No dia 13 de maio de 1838 retirou-se de Caxias em companhia do ferreiro Bernardo de Castro e Silva, natural da Figueira da Foz, e para onde se retirava com a pequena fortuna que alli adquirira[1]. Ía incumbido de vigiar Gonçalves Dias e de abonar-lhe mezadas.

[1] Tendo o meu illustre confrade, o sr. dr. conego Fernandes Pinheiro na *Noticia ácerca da vida e obras d'Antonio Gonçalves Dias* seguido tanto o incompleto ensaio biographico do 1.º tomo das *Obras Posthumas* d'este, como o artigo do tomo VIII do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, entendeu no em-

É a esta ausencia que allude o poeta n'estes tocantes versos:

Parti dizendo adeus á minha infancia,
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros
Que eu já no berço conheci,—áquelles
De quem mau grado a ausencia, o tempo, a morte,
E a incerteza cruel do meu destino,
Não me posso lembrar sem ter saudades,
Sem que aos meus olhos lágrimas despontem.
Parti: sulquei as vagas do oceano;
Nas horas melancholicas da tarde
Volvendo atraz o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meus tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias [1].

(loc. cit.)

Quem, antes dos caminhos de ferro, se dirigisse de Lisboa a Coimbra, chegando ao termo da sua jornada fatigado e agitado dos salavancos que experimentára nas estradas, em especial na de Condeixa, e molestado da má andadura do animal, sentir-se-hia dobrada e alegremente surprehendido por conhecer findo o seu martyrio e por desenrolar-se ante elle o magnifico e pittoresco panorama d'aquella cidade agalanada de tão formosas paizagens que a embellecem. Experimentou Gonçalves Dias tão ineffavel sensação.

Em outubro d'esse anno já se achava o nosso poeta

tanto que devia transformar este ferreiro retirado do officio em *capitalista abastado!* (Vej. na pag. 3 do 1.º tomo dos *Poesias* de A. G. Dias editadas por Garnier)—1870.

[1] Vej. *Cantos* (1857), pag. 640.

em Coimbra, sonho dourado e constante de seus devaneios da primeira juventude. Via e admirava tudo quanto havia n'ella, seus arredores, seus templos, seus passeios, suas quintas, seu museu e a universidade para onde havia em breve de entrar.

Antes dos faceis e rapidos meios de communicação que vieram os paquetes a vapor estabelecer entre a capital do Maranhão e as das provincias, onde estão estabelecidas as nossas faculdades scientificas, era a Universidade de Coimbra o centro para onde gravitavam os pensamentos dos maranhenses que aspiravam graduar-se em sciencias. Não era descabida a escolha, porque do contacto e conversação com os companheiros e professores das diversas materias que ahi se leem, acontece que mesmo de outiva adquirem-se muitos conhecimentos extranhos ao curso de sua preferencia e robustecem-se nos proprios e nos estudos de humanidades ou preparatorios, bases fundamentaes e solidas dos que se prezam de saber, e sobretudo na lingua patria, em cujo esmerado cultivo sempre timbrou a mocidade conimbricense, e d'onde nos veiu com Odorico Mendes, como já tive opportunidade de o dizer[1], o pronunciado gôsto que temos pela leitura dos classicos, e de que são eloquentes documentos os escriptos de João Francisco Lisboa e de Francisco Sotero dos Reis[2], que mais de perto os conversaram.

Que de poeticas e saudosas recordações não traz tam-

[1] Vej. no 1.º tomo d'esta obra—Manuel Odorico Mendes, pag. 4.
[2] Vej. obra citada, na vida de Sotero, pag. 121.

bem comsigo só esse nome de Coimbra, terra de tradições historicas e scientificas, com sua antiga universidade —monumento grandioso e venerando, cheio de honrosas e sábias memorias,—que sobranceira e culminante deixa descortinar de larga distancia sua torre e observatorio, qual pharol que marca aos estudiosos o porto de seu destino. Levantado esse edificio na cumiada da cidade que vae derramando-se em amphitheatro até o rio, domina os dois bairros em que ella naturalmente se divide, habitando suas eminencias os estudantes, e nas fraldas do monte, aquem do Arco d'Almedina, a população commercial e industriosa, como que servindo essa construcção mourisca de linha divisoria entre a turbulenta e folgazan mocidade academica e os pacatos e socegados burguezes que arreceiam-se tanto das travessuras e fucecias de seus alegres e soltos vizinhos.

Quanto não incitam o ardente pensamentear dos quo são fadados para poetas aquelles castellos e mosteiros em ruinas a rememorarem godos e arabes e os primeiros tempos heroicos da antiga monarchia portugueza, e aquelles montes e valles sombreados e matizados de flores na primavera e no estio, e por onde a vista se espairece, descançando com prazer e delícias na *Quinta das Lagrimas* de onde se enxergam os campos e ruinas do mosteiro da Sancta Clara, e em cuja extrema corre a *Fonte dos Amores,* relembrando estes sitios melancolicos e saudosos os infelizes amores de Ignez e de seu principe! E para mais seducções de tão encantadores panoramas, ahi está o Mondego placido e sussurrante a lamber-lhe as

areias e a murmurar-lhe em tôrno queixosas endeixas que estão a convidar os poetas a que venham pedir inspirações ás suas limpidas aguas ou ás suas pittorescas margens povoadas de choupos, de salgueiros e de alamos, de entre os quaes destacam-se a *Lapa dos Esteios*, a *Quinta das Cannas* com a da *Boa Vista* em frente, e o *Penedo das Saudades* a cavalleiro, e de onde os olhos namorados se alongam pelo valle das Oliveiras e mais além descobrem a *Quinta do Cidral* com suas larangeiras perfumadas e fonte de aguas puras![1]

Foi ahi que Ferreira, Sá de Miranda e Camões revelaram-se poetas e meditaram parte de seus mais sublimes versos; foi ahi que Almeida Garrett e Castilho ensaiaram os primeiros vôos com que depois em arrojado impeto altearam-se onde até hoje permanecem, e foi tambem ahi que o nosso poeta, na convivencia de Serpa Pimentel, de João de Lemos, de Couto Monteiro, de Xavier Cordeiro e de outros

> ..... novos cysnes
> Que a fonte dos amores meigos cria[2]

preludiou seus primeiros cantos, e adquiriu toda essa pompa e brilho de fórmas que ostentou depois em seus correctissimos versos.

[1] Tendo ido pela primeira vez a Coimbra, no verão de 1871, verifiquei que me não havia enganado na descripção geral que por méras conjecturas e informações fizera d'aquelles sitios, de modo que não alterei n'este trabalho, e isso com ligeiros toques, mais do que a redacção.

[2] Pag. 213 dos *Cantos*, 2.ª edição alleman de 1857.

Quantas vezes solitario, já em baixel ligeiro e ao sabor da corrente, já sentado no *Penedo da Meditação*, não se perdia em dôce scismar que lhe despertavam os prateados raios da lua coados por entre os castanheiros e animados pelas

> ..... auras encantadas
> Que entre os seus salgueiraes moram loquaces?[1]

e que lhe traziam vivas saudades da patria que de longe o enfeitiçava com suas palmeiras e florestas, com seu ceu constellado de myriades de estrellas, com suas varzeas tão floridas e seus bosques cheios de vida e de movimento, representando-lhe na mente quadro tão diverso do que tinha ante os olhos e que assim nos pinta, dominado da tristeza que lhe causava seu desolador aspecto:

> ..... Ao ver nublado
> Um ceu d'inverno e as arvores sem folhas,
> De neve as altas serras branqueadas,
> E entre esta natureza fria e morta
> A espaços derramados pelos valles
> Triste oliveira ou funebre cypreste,
> O coração se me apertou no peito.
> Arrasados de lágrimas os olhos,
> Segui no pensamento as andorinhas
> Nos invejados vôos! — procuravam,
> Como eu tambem, nos sonhos que mentiam,
> *A terra que um sol calido vigora,*
> E em frouxa languidez estende os nervos;
> Patria da luz, das flores[2].

[1] Pag. 643 dos *Cantos*, 2.ª edição alleman de 1857.
[2] Pag. 641 *idem, idem*, ou *Poesias*, tom. II, pag. 171.

Como consolação accudiu-lhe ahi á phantasia, inspirada pelo mesmo sentimento, essa singela e mimosa *Canção do Exilio* em que confrontando as bellezas de sua patria com o que o rodeava no paiz estranho, descobre n'ella tantos encantos é não menos excellencias:

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar sósinho á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem que ainda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá[1].

O nosso poeta, que tinha apenas tinturas de latim, em chegando a Coimbra quando terminavam as ferias, tractou logo de matricular-se sob n.º 7 na aula, então regida no Collegio das Artes (hoje lyceu) pelo abalisado professor Luiz Ignacio Ferreira, perfeito conhecedor das lettras classicas, profundo latinista e contrastado em todo o ponto com o professor da primeira aula de latim, o bonacheirão padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho, com quem morou Gonçalves Dias este e metade do seguinte anno lectivo, frequentando particularmente e com muita distincção e aproveitamento a rhetorica, philosophia, e

[1] *Primeiros Cantos*, edição do Rio de Janeiro, 1846, pag. 10 e *Cantos* (edição de 1857), pag. 4.

mathematicas elementares, e com tanto ardor as estudou que dentro d'esse tracto de tempo achou-se habilitado de todos os preparatorios exigidos para a matrícula no curso de direito.

Tinha então o nosso poeta quinze annos; figurando, porém, de menino na estatura, no porte e nas feições, attrahia já as attenções de muitos academicos que compraziam-se com ouvir-lhe as magnificas lições e a promptidão e acêrto de suas respostas, a vivacidado e o infinito espirito que scintillava de sua animada conversação, presentindo alguns o glorioso futuro que estava guardado para *o esperançoso menino do Maranhão*, como o appellidavam.

Quando em outubro[1] do seguinte anno (1839) voltaram de ferias os que conheciam o poeta e contavam achal-o matriculado na Universidade, souberam com bastante pezar que tinham-lhe falhado de Caxias com o supprimento de mezadas, e que n'esta penuria de meios recolhêra-se á casa do correspondente, na Figueira, á espera de recursos para regressar ao Maranhão.

Era o terceiro grande infortunio que lhe vinha inopinadamente ferir o coração com seus excruciantes e acerados espinhos!

João Duarte Lisboa Serra[2] que, á muita qualidade no-

[1] Para melhor comprehensão do leitor convem observar que o anno lectivo da Universidade de Coimbra vae de outubro a maio seguinte, sendo o espaço intermedio de ferias.

[2] De pag. 111 a pag. 197 do segundo tomo d'esta obra encontra-se a biographia d'este estimavel e laborioso brasileiro.

bre e distincta junctava raro e desinteressado enthusiasmo pelo merecimento alheio e particularmente pelo da mocidade brasileira, e como um dos mais fervorosos admiradores do intelligente menino caxiense, foi quem primeiro teve notícia da infelicidade de Gonçalves Dias e propoz aos companheiros de casa que lhe offerecessem em commum casa e bolça.

Morava elle então no collegio dos Loyos com os srs. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lapa, maranhenses como elle, e José Hermenegildo Xavier de Moraes, fluminense, que acceitaram essa idéa cheios de enthusiasmo e contentamento, e não como rasgo de generosidade, mas obrigação de corações bem formados e a quem a sociedade e a experiencia dos annos ainda não havia afrouxado os nobres e generosos impulsos, extinctos em muitos dos homens pelo calculado e frio egoismo.

Da proposta á sua execução não medeou uma hora escrevendo João Duarte uma carta com a franqueza e sinceridade proprias de mancebos, e a qual foi por todos assignada. Ainda não ha muito que explicava-me o sr. dr. Theophilo o motivo de assim haverem procedido, dizendo-me: « Para um só de nós, qualquer que elle fosse, não era sacrificio pesado; com tres moedas por mez viviam então os estudantes vida de principe, e qualquer dos quatro tinha muito maior mezada que essa; mas é que o convite partindo de todos nós, era idéa bonita, generosa e mais que propria para desvanecer do animo do amigo toda a sombra de hesitação».

E comtudo hesitou Gonçalves Dias, e só depois de muito instado das cartas francamente amistosas dos quatro compatriotas é que se resolveu a acceitar seus despretenciosos offerecimentos, vindo apresentar-se em maio de 1840 aos exames preparatorios. Achando-se em outubro accrescentados os hospedes do casarão do collegio dos Loyos com mais dois maranhenses, os srs. Pedro Nunes Leal e José Joaquim Ferreira Valle (hoje visconde do Desterro), assentaram que, para Gonçalves Dias não acanhar-se, deveriam todos fazer-lhe uma bolça, indo assistir com o sr. José Francisco Carneiro Junqueira, estudante tambem maranhense, em uma casa que chegasse para ambos [1]; mas retirando-se este d'ahi a um mez para o Maranhão, fizeram com que Gonçalves Dias se tornasse para casa d'elles que então já era na rua do Correio n.º 53, onde tinham mais por companheiros os srs. Antonio Rego e Francisco Leandro Mendes, egualmente nossos comprovincianos.

Desde essa epocha, não movida de pensamento ou de obra de protecção nem de favor pecuniario, mas expontanea e exhuberante, como brota o viço e o perfume nas nossas mattas, grande e irresistivel como o *fiat* do *Genesis*, surgiu entre Gonçalves Dias e meu estimavel amigo e parente, o sr. dr. A. Theophilo — essa amisade que foi sempre a sua mais grata consolação, e á qual haviam ambos no correr dos tempos de se acolher e abroquellar em mais de um triste e duro lance de vida. Os que lerem a

Aos Palacios Confusos, n.º 108.

dedicatoria dos *Ultimos Cantos* verão appontados em cada linha os fundamentos d'ella: « O que sou, o que for, diz elle, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude batteu constantemente ao meu lado, — a aragem bemfazeja de tua amisade, solícita e desvelada, — a tua voz que me animava e consolava, — a tua intelligencia que me vivificava ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma d'ellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dois corações que mutuamente se fallavam, se interpretavam, se respondiam sem o auxílio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com fôrças para abalançar-me a esta empreza; e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, dever para que sou attrahido por todas as potencias de minha alma — escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o último que os meus labios pronunciem se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente de meu coração[1] ».

Foi n'esse anno accommettido de um rheumatismo agudo que o reteve de cama por mais de um mez; alcançando todavia em pouco tempo os condiscipulos por sua applicação e estudo, sendo para notar que tanto n'esse primeiro anno de seu curso juridico, como nos seguintes,

[1] Vejam-se os *Ultimos Cantos*, pag. 4, da edição do Rio de 1851, ou *Cantos* (1857), pag. 429.

e em todo o decurso da vida de poeta, ninguem foi nunca mais estudioso do que elle. Operario da intelligencia, não conhecia o que era medir o estudo pelo tempo, e largava os livros da mão só de puro cansaço. Magnifico exemplo é esse para a nossa mocidade que fia a cultura do espirito mais da agudeza infinita com que a dotou a Providencia do que do estudo e do trabalho paciente, reflexivo, consciencioso e de todos os instantes! É que a intelligencia, como o sólo, produz rica mésse de fructos só depois de infundir-se-lhe n'ella muito cabedal e suór. Facilmente conquistou o nosso poeta um dos primeiros lugares entre os mais distinctos academicos de seu curso, á par de Bruschy, de Cardoso Avelino, de Salgueiro, de Couto Monteiro, de Bessa Correia, de Pedrozo, de Peixoto, de Nobrega e de D. Antonio da Costa.

Não era todavia isso o que mais lhe importava a elle, senão os seus queridos estudos de litteratura, dedicando-se esse anno ao conhecimento perfeito e aprofundado da litteratura franceza e ingleza, no que se fez familiarissimo.

Mui notavel e decerto esta epocha nos fastos academicos, porque á palavra magica e poderosa de um grande poeta portuguez, filho do districto de Coimbra, José Freire de Serpa Pimentel [1], funda-se em 1838 o theatro academico, e sahe do seio d'essa associação em fevereiro de 1840 a *Revista Academica*. Desde então corre e lavra por toda

[1] Fallecido vae em dois annos par do reino, visconde de Gouveia, tendo exercido importantes cargos administrativos.

aquella mocidade, por mestres e discipulos, como transmittido por uma prodigiosa corrente electrica, o gôsto e applicação dos estudos da litteratura nacional e forasteira em todos os gráus de sua vasta escala, sob todos os seus variissimos aspectos e fórmas, da poesia até a história, do romance e do drama até a eloquencia nas aulas. Dominava então com toda a fôrça e esplendor a reforma litteraria dita romantica, que tendo por campeões Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, de Vigny, Beranger, Alexandre Dumas, e outros em França, e em Portugal, Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Castilho, ía filiar-se em Shakspeare, Byron, Gœthe e Schiller.

Por esse mesmo tempo cahiu entre as mãos dos estudantes brasileiros um exemplar dos *Suspiros e Saudades Poeticas* do sr. dr. Domingos Gonçalves de Magalhães. Tornou-se o pendão, a glória d'esses mancebos, como um echo da patria que os chamava a elles, filhos egualmente do Brasil, e os animava e avigorava-lhes o espirito patriotico de que deram sempre cabaes testemunhos.

Os fanaes da litteratura portugueza, os escolhidos e imitados em materia de gôsto, de estylo e de linguagem eram os tres já então grandissimos vultos — os srs. Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Antonio Feliciano de Castilho, inclinando-se diversamente cada estudante e preferindo para mestre a este ou áquelle d'estes famigerados escriptores: o seu modêlo para Gonçalves Dias, além de Filinto Elysio, era o sr. Alexandre Herculano, como de quem tinha vagos e inexplicaveis presentimentos de que havia um dia de receber sem esperar a me-

lhor consagração de poeta que podéra desejar como elle proprio o confessa n'aquella excellente prosa — *Sirva de prologo* — da sua edição dos *Cantos*[1], e da qual o mui entendido litterato Trajano Galvão[2] dizia que — «*quanto mais lia mais o admirava, porque era um dos mais bem escriptos pedaços de prosa que conhecia!*»

Como são sinceras, verdadeiras e do fundo d'alma estas expressões? — «*Merecer a critica de A. Herculano,* diz elle no alludido prologo, *já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples mensão do meu primeiro volume, rubricada com o seu nome, desejava-o de certo; mas esperal-o seria da minha parte demasiada vaidade.*» Elle já o admirava e applaudia de ha muito como poeta e prosador preexcellente, que é, e não se pagava depois de confessar que ao sr. Alexandre Herculano devia «*a maior satisfação que tinha experimentado na vida litteraria*».

Nasce o poeta já com o seu condão; porém uns mais cêdo, outros só mais tarde, deixam percebel-o: em Gonçalves Dias foi mui precoce o poetar, e assim que pôde ligar idéas e escrevel-as, rimou-as e as dispoz n'essas linhas curtas e compridas, como chama o bom Filinto aos versos, balbuciando seus endecassyllabos em quadras, decimas e sonetos; e emquanto esteve na Figueira, antes de matricular-se na Universidade, dedi-

[1] Veja-se nas primeiras paginas das edições allemans e da brasileira ultimamente publicada.

[2] No segundo tomo d'esta obra acha-se a biographia d'este nosso poeta. Vej. de pag. 199 em diante.

cou-se a recordar as materias de humanidades e a ensaiar o estro, tendo por modelos os poetas latinos, que imitava nas fórmas e cujos pensamentos ás vezes copiava; mas só um ou outro amigo mais entrado na sua confiança é que, vencendo-lhe o vexame e excessiva modestia, devassava-lhe o segrêdo de seus versos de creança e de suas traducções de Horacio. Não foi difficil a esses anteverem n'aquelle imperfeito adêjo os arrojados vôos que havia de ainda um dia arrancar o grande poeta caxiense.

Não tardou que houvesse propicio ensejo de revelar-se a todos a occulta vocação de Gonçalves Dias. Ao divulgar-se em maio de 1841 a notícia da acclamação do sr. D. Pedro II, resolveram o punhado de brasileiros, que estavam então em Coimbra, solemnisar esse tão fausto successo. Um passeio nas brandas aguas do Mondego em saveiros ennastrados de flores e folhas, com a bandeira auri-verde a tremular, despregada aos ventos, e estrugindo o ar as girandolas de foguetes, os vivas, o hymno brasileiro, e depois de tudo um lauto banquete na *Lapa dos Esteios*, e como remate do festejo muita poesia, muito discurso e muita flôr—mocidade e riso—tal foi o modo por que os estudantes brasileiros manifestaram seus jubilos patrioticos.

Serpa Pimentel, João de Lemos, Lisboa Serra e muitos outros mimosos da musa affinaram e tangeram n'essa festa suas lyras; mas só um facto perdura ainda na memória dos que assistiram a ella: no mais empenhado do febril enthusiasmo d'aquella mocidade levanta-se Gonçal-

ves Dias, cujo dom era apenas sabido de mui raros, e todo envergonhado e de olhos baixos recitou a arrebatada poesia:

Enthusiasmo ardente me arrebata,
Eleva-se o meu estro e a minha lyra[1].

Surpreso e maravilhado o auditorio rompeu em fervorosos applausos, e o hymno nacional e o estrepito dos vivas vieram unir-se ás sinceras acclamações d'aquelles a quem revelava-se poeta de um modo tão brilhante.

N'esse anno compoz tambem várias outras poesias, sendo uma d'ellas a em que deplora a prematura morte da irman de seu amigo João Duarte Lisboa Serra. N'ella patenteia os nobilissimos sentimentos de seu coração, que transparecem principalmente n'este trecho:

Não poder eu a trôco de meu sangue
Poupar-te d'ésas lágrimas metade!
Não poder eu correr por esse mundo,
Expessas brenhas, escarpadas rochas,
Assoberbar torrentes, e trazer-te
As aguas do Lethis!
.....
E essa existencia
Que tão cara me é, t'a visse eu leda,
E feliz como a vida dos archanjos[2].

[1] Corre impressa em um folheto com outras que foram recitadas na mesma occasião.

[2] Appareceu pela primeira vez esta poesia na pag. 25 de um folheto publicado no Maranhão, em 1842, pelo dr. João Duarte Lisboa Serra com o seguinte titulo — *A seu estremoso pae, a seus ternissimos irmãos, e a todos os corações verdadeiramente sensiveis, offerece J. D. L. S.*, e depois na pag. 135 dos *Primeiros Cantos*, edição de 1846.

Encerradas as aulas, prestados os exames, e tendo Gonçalves Dias recebido uma quantia, assentou em vir até Lisboa com o sr. dr. Alexandre Theophilo, mas ao chegar á Figueira onde íam tomar o vapor, encontraram ahi um collega que achava-se sem dinheiro, e por isso obrigado a voltar para Coimbra. Não consentiram elles n'isso, e repartindo com aquelle do pouco que tinham, tomaram passagem e viram-se os tres condemnados á *mais horrivel viagem em convez de que possam ter resado as chronicas do mundo,* como elle proprio m'o affirmou.

Fome e frio, e por companheiros de martyrio soldadesca desenfreada e basto número de criminosos que vinham do Porto, e que n'essa noute tentaram quebrar os ferros, e por contrapeso muita immundicie e continuas rixas; eis os tormentos que padeceram nas compridas horas de viagem até aportarem á cidade de Lisboa. Mas aquelles inseparaveis amigos cujos selectissimos characteres irmanavam-se tão por egual, esqueceram-se bem depressa de tudo quanto soffreram, só para se lembrarem não do acto que haviam praticado e do sacrificio, senão unicamente do prazer que deram ao companheiro, tirando-o de tamanha difficuldade. Para o diante, no discorrer da accidentada vida do poeta, soube de factos similhantes a este, alguns dos quaes em circumstancias bem penosas e difficeis para elle.

Durante estas ferias passadas em Lisboa, continuou a vida de Gonçalves Dias a ser o que era e sempre foi — estudar, meditar, e entreter um namôro, como diversão

e descanço ás fadigas do estudo. A propria filha da dona da hospedaria foi a dama a quem prestou culto; mas de ligeiro passatempo, tornou-se o gracejo em vehemente paixão, que fez-lhe perder a cabeça, e seguramente esposal-a-hia a não oppor-se a isso o sr. dr. Theophilo.

Adoptou então como saudavel theriaga a leitura dos classicos portuguezes, e aquellas enfadonhas vidas de sanctos, de padres, de monarchas, ajudadas do estudo aprofundado da lingua italiana, a frequencia aos espectaculos do theatro da rua dos Condes, como estudo dramatico, e passeios pelo Tejo, contribuiram para cural-o d'este mal d'amores.

De todos os seus passatempos, nenhum aprazia-lhe tanto como esses passeios maritimos, quando o luar prateava as serenas aguas do Tejo!

«Gósto de passear sosinho e desconhecido pelas ruas desertas e silenciosas de Lisboa, dizia elle em uma carta. Gósto de disfructar a viração de uma noite de luar depois de um dia abafado. Gósto de contemplar parte da cidade do Caes do Sodré. Os edificios que se acastellam e que se desenham magestosos pelo mar, pelas casas circumvizinhas, figurando objectos extranhos e gigantescos. Gósto de me embarcar em uma falúa, correr o mar, contemplar a lua, que se espelha vacillante na superficie polida das aguas. Os navios que jogam descompassados como o cavallo que escava a terra impaciente de correr—e sobre tudo a voz do nauta que echoa triste na solidão da noute e accorda mil outras vozes. Eram vozes estrangeiras; mas que importa? meu coração as en-

tendia, eu tambem era proscripto como elles e como elles tambem suspirava por um tumulo na terra de meus paes! »

Chegado o mez de outubro, lá se foram todas essas andorinhas para os ninhos de Coimbra, onde recebeu o poeta uma boa somma, que lhe haviam mandado de Caxias. Quiz entregal-a aos seus generosos companheiros de casa; mas estes nem só recusaram acceital-a, como impozeram ao poeta a obrigação de comprar com ella livros da sua escolha, de onde veiu possuir elle uma selecta, e para estudante copiosa bibliotheca, que causou em Coimbra seu reparo.

Achavam-se então de menos os srs. José Joaquim Ferreira Valle e João Duarte Lisboa Serra, que havia mezes tinham-se retirado para o Brasil, e foram substituidos na casa pelos srs. Antonio Rego e Francisco Leandro Mendes, tambem comprovincianos de Gonçalves Dias, a quem faltaram de novo recursos pecuniarios, e por isso teve de acceitar o affectuoso patrocinio dos amigos[1].

Enriquecido com o conhecimento de mais uma lingua, foram seus estudos litterarios d'este anno, além da história, a litteratura italiana—poetas e prosadores antigos e modernos:—tudo leu, tudo devorou avidamente, e tomou de cór ou apontou não poucos trechos de Tasso, d'Ariosto, de Dante e de Petrarca. Era para admirar o

[1] N'este segundo anno de direito—1841-1842—achava-se matriculado sob o n.º 12 e de moradia na casa da rua de S. Cosme, n.º 5.

vasto e bem aproveitado thesouro d'erudição que já possuia! N'esse anno[1] escreveu, além de muitas poesias, grande parte de um romance em que figurava e a que pozera por titulo — *Memorias d'Agapito Goyaba*. Compunha-se esse manuscripto, que li em 1846, de tres grossos volumes que o poeta queimou quando esteve na Europa em 1854 segundo m'o disse em 1861, por envolver factos que respeitavam a outros que já não viviam.

Entrava a *Canção do Exilio* em um dos capitulos, e são d'esta obra os fragmentos que sahiram impressos nos n.os 1 e 2 do *Archivo*, jornal litterario e scientifico de que foram apenas publicados seis numeros, e para o qual collaboraram os srs. Augusto Rayol e Colin, e drs. Theofilo, A. Rego, Fabio A. de Carvalho Reis e F. J. Correia, e outros distinctos maranhenses. Podem hoje apreciar-se esses trechos, magnificos pelo estylo e sentimento, no III tomo das *Obras Posthumas* do poeta.

Recebendo nas férias algum dinheiro, como já havia acontecido n'outra occasião, entendeu que devia estar mais só para poder entregar-se com socêgo a seus estudos scientificos e litterarios, e por isso passou-se com outro amigo a occuparem a casa da rua de S. Salvador n.º 170, que defrontava a dos seus amigos e comprovincianos.

Ahi ficou todo o anno lectivo de 1842-1843, e foi quando mais trabalhou e produziu. São d'esta epocha

[1] No livro das matriculas encontra-se o seu nome sob n.º 110, o que prova que recolheu-se de ferias muito tarde ou que não teve dinheiro para o fazer mais cêdo.

grande parte das poesias dos *Primeiros Cantos* e das publicadas no primeiro tomo das suas *Obras Posthumas;* bem como *Pat Kull,* primeiro drama que concebeu, inspirando-se em um facto da história da Suecia, no reinado de Carlos XII; um extenso poema, que inutilisou; um romance de imitação do *Josphe Delorme* de Sainte Beuve, e mais outros trabalhos, que foram tambem pasto das chammas; e já quasi ao terminar o anno o seu drama *Beatriz Lonce* que com o *Pat Kull* fórma o quarto tomo das *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, publicadas no Maranhão em 1868. Não foi, comtudo, sua applicação litteraria impedimento para que deixasse de figurar entre os primeiros estudantes do seu terceiro anno, sendo um dos que sahiram com Bruschy e os srs. Teixeira de Vasconcellos, Couto Monteiro e outros, de encontro ás opiniões do padre Luiz Teixeira, e criticaram a redação das cadernetas de direito civil escriptas para compendio da aula d'esse professor, chegando taes polemicas entre os estudantes e seu lente a ponto de aggredirem-se pelos jornaes e doze de entre aquelles representarem ao govêrno contra as doctrinas do author das cadernetas. Exacerbada a *bilis* do enfatuado lente, que era de mais a mais padre, teve de applicar-se com ardente esfôrço ás materias do curso, correspondendo a elle o brilhantissimo acto que, na opinião de todos os que o ouviram, merecia premiado ou ao menos gratificado com menção honrosa, se o lente attendesse mais á justiça do que á satisfação de uma pequena vingança.

No meio de tanto trabalho ainda o nosso namoradiço

poeta achava ocio para requestar uma formosa filha do Mondego cujo rosto de marfim

De carmim
Tinge um nada a côr mimosa[1].

Pinta-nos elle essa paixão, ardente, violenta, immensa, como devia ser n'essa edade, e com o sagrado fogo a requeimar-lhe o sangue:

Amei! e o meu amor foi vida insana!
Um ardente anhelar, cauterio vivo
Posto ao coração, a remordel-o.
Não tinha uma harmonia a natureza
Comparada á sua voz, não tinha côres
Formosas como as d'ella — nem perfumes
Como esse puro odor qu'ella espargia
D'angelica pureza. — Meus ouvidos
O feiticeiro som dos meigos labios
Ouviam com prazer; meus olhos vagos
De a ver não se cançavam; labios de homem
Não poderão dizer como eu a amava![2].

Volta em outra poesia, ao mesmo assumpto, que tanto o preocupava:

Amei! — dedicação, ternura, extremos
Scismou meu coração, scismou minha alma[3].

Apezar de tudo isso foram esses amores fugazes, como

[1] *Cantos*, 2.ª edição alleman, 1857, pag. 33 — *A Innocencia* — que saiu antes, em outubro de 1843, no *Trovador*.

[2] *Cantos*, 2.ª edição alleman, 1857, pag. 147. — *Quadros da minha vida*.

[3] *Cantos*, 2.ª edição alleman, 1857, pag. 156. *Amor, delirio, engano*.

o relampago que fulge em tarde estiva, derramando rapido clarão sobre algumas das suas poesias, sem deixar empoz si o mais leve vestigio. Elle mesmo encarrega-se de o dízer a sua irman nas *Saudades:*

E todavia amei! pude um momento
Ver perto a doce imagem debruçada
Nas aguas do Mondego; ouvir-lhe um terno
Suspiro do imo peito, mais ameno,
Mais saudoso que as auras encantadas
.....
Foi um momento só!...
.....
Sim amei, fosse embora um só momento! [1]

Se não fosse a pobreza, talvez désse a mão de esposo áquella joven e interessante rapariga, ao menos parece que eram então esses seus desejos!

«Tu não sabes, escrevia elle ao sr. dr. A. Theophilo a 24 de janeiro de 1844, o que é amar sem esperanças! dizermos em nós, — um dia eu farei murchar a fé d'aquelle coração tão virgem — farei seccar as rosas d'aquelle rosto e a fonte d'aquella ventura tão fiada no amor e no futuro. Irei eu por esse mundo, e ella cá fica sem o seu amor, que levo — desgraçados porque nos conhecemos! Como ella me ama, pobre moça! Eu não chóro por mim; sou homem, dispenso grandezas, e quando soffro, sou desmentido por minhas palavras que nunca denotam soffrimento; mas ella?! Eu quizera vel-a sempre feliz, sem pezares, sem dôres, sem lágrimas, sempre cheia de contentamento.»

[1] *Cantos,* edição alleman de 1857, pag. 642.

Diligente e curioso, aproveitava as ferias intermediarias do Natal e da Paschoa para repartir seu tempo com seus favoritos estudos litterarios e frequentes excursões aos sitios proximos de Coimbra, indo muitas vezes a Formozelha em romagem de amor, render culto a uma formosa deidade ornada dos dotes de espirito.

É a estes amores que se referem os episodios que formam o capitulo das *Memorias de Agapito* com o titulo de *Uma página de album (Obras Posthumas,* tom. III, pag. 150 a 163), e onde ficou em relêvo um dos characteristicos de sua physionomia moral — o ciume — em flagrante desaccôrdo com a sua inconstancia nos amores, que é sestro de poetas, d'essas borboletas que poisam de flor em flor, e elle de si confessa nos seguintes versos:

A fugaz borboleta as flores todas
Elege, e liba e uma e outra, e foge
Sempre em novos amores enlevada:
N'este meu paraizo fui como ella,
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo, e firme e eterno,
Como o mar em bonança meigo e doce,
Do templo como a luz — perenne e sancto,
Não, nunca o senti; — sómente o viço
Tão forte dos meus annos por amores
Tão faceis... fui trocando[1].

No anno lectivo de 1843–1844 achou-se resumida em Coimbra a colmêa maranhense nos srs. Antonio Rego, Pe-

[1] *Primeiros Cantos (Minha vida e meus amores),* pag. 71, ou pag. 41 dos *Contos* (2.ª edição, 1857).

dro Nunes Leal e o poeta[1], e foi então que principiou com os estudos da lingua alleman, em que fez-se depois tão perito.

Tinha por devoção ler a seu inseparavel amigo, o sr. dr. A. Theophilo, as suas producções assim que as escrevia, e como estivesse este em Lisboa por ter já concluido seu curso de mathematicas em que fizera brilhantissima figura, sendo premiado em todos os annos, remetteu-lhe as poesias *O romper d'alva*[2], a *Visão — O Indio*[3], já publicadas, e *Coral* e *Jacaré*, que depois inutilisou. Eram seus primeiros ensaios de poesia americana inspirados nas reminiscencias da meninice e na leitura de Chateaubriand e de M. Ferdinand Denis, genero que d'ahi a dois annos viria despertar na litteratura brasileira o gôsto pelas investigações das nossas raças aborigenes, creando a eschola nacional e indicando aos nossos litteratos os ricos veios, que foi elle o primeiro a explorar com paixão verdadeiramente artistica e aquelle tacto e inteiro conhecimento da nossa natureza com suas verdadeiras côres e tons proprios.

Não ficou o segrêdo d'essas composições com o sr. dr. Theophilo, que abusando da confiança do amigo, passou-as ás mãos de um parente do hoje ex.mo sr. visconde de Castilho e que as mostrou ao grande poeta.

Foi tal o enthusiasmo e prazer que sentiu este com a lei-

[1] Matriculou-se n'este anno sob n.º 13, e morava na rua do Correio n.º 60.

[2] Impressa na pagina 255 dos *Primeiros Cantos* (edição de 1846), e pag. 159 da edição de 1857 — *Cantos*.

[3] Na pag. 51 do 1.º tomo das *Obras Posthumas*.

tura d'ellas, que quiz para logo estampal-as na *Revista Universal Lisbonense*, de que era principal redactor, e conhecer seu author, indagando com muito interêsse e individuação de todas as circumstancias de sua vida e estudos.

Não consentiu o sr. dr. A. Theophilo na publicação, porque assim contrariava o proposito do amigo, que tinha por devoção patriotica não dar á estampa seus primeiros trabalhos senão no Brasil. Não foi sem muita lucta que venceu os impulsos do coração que lhe pediam contrariasse o desejo do amigo, que talvez o perdoasse, quando visse essas primicias de seu engenho acompanhadas de um elogio da penna do principe dos poetas portuguezes, conforme tinham asseverado ao sr. dr. Theophilo. Se tal acontecesse, ter-se-ía dado que tres annos antes do sr. Alexandre Herculano, já outro mestre da lingua e da arte haveria julgado e acclamado o nosso poeta n'essa mesma *Revista* em que este pouco depois o fez! Mas já que não pôde pregoar e exaltar o engenho do joven poeta brasileiro, ao restituir as poesias que lhe haviam sido confiadas, prenunciou-lhe, como juiz vidente, o bello futuro que o aguardava, e lhe mandou aconselhar que continuasse a cultivar o genero de poesias que depois publicou Gonçalves Dias com o titulo de *Americanas*.

Emprehenderam os poetas conimbricenses a publicação do *Trovador*[1], jornal consagrado exclusivamente a producções poeticas, e que era dirigido pelos srs. João de Lemos, Xavier Rodrigues Cordeiro, José Freire, Lima,

[1] Veja-se o que d'este jornal diz Lopes do Mendonça nas suas *Memorias da litteratura portugueza*, de pag, 238 a 263.

Evaristo Basto e outros mancebos bem reputados na republica das lettras. Convidaram e insistiram com o nosso poeta para que concorresse a abrilhantar as columnas do jornal academico, ao que esquivava-se para não quebrar o preceito voluntario que se impozera; mas afinal mostrou ceder e em uma noite, vindo-lhe um dos redactores communicar que faltavam apenas umas cincoenta linhas para fechar o primeiro número e que assim os valesse com alguma producçãosita, resolveu-se então a isso. Chegou-se á meza emquanto tomavam chá, e com aquella facilidade de conceber, escreveu *corrente calamo* a *Innocencia,* que fez parte dos *Primeiros Cantos,* e que ao apparecer antes no *Trovador* foi apreciada e applaudida por todos os homens de gôsto que residiam em Coimbra.

Era ja graduado bacharel em sciencias juridicas[1], quando soube que o sr. dr. A. Theophilo estava prestes a partir para o Maranhão, e pungindo-o saudades d'aquella entranhada e franca amisade, quiz dar-lhe um abraço de despedida; mas faltavam-lhe recursos pecuniarios não só para esta jornada como para tirar a carta de bacharel. Teve de recorrer a um emprestimo e

> ..... co'a fronte baixa .....
> Coberto o rosto de vergonha — e timido
> Como aos pés do senhor um vil escravo
> Subi de um rico a escada, supplicante[2].

[1] Na universidade de Coimbra havia no curso juridico tres graus: o de *bacharel* no fim do quarto anno, o de *bacharel formado* no quinto, e depois com a defeza de theses o de *doutor*.

[2] Vej. *Orgulho e Avareza,* na pag. 72 do 1.º tomo das *Obras Posthumas*.

Depois de batter em uma e outra porta dos onzeneiros de Coimbra, encontrou um que lhe emprestasse a almejada quantia sob penhor de sua importante bibliotheca, que nunca mais pôde depois resgatar, porque, expirado o prazo para sua remissão, a pozera em almoeda o inexoravel credor.

Realisou de feito o desejo de estreitar nos braços o amigo antes de apartarem-se para tão longe, e ainda achava-se em Lisboa em julho d'esse anno de 1844, quando chegou-lhe a triste notícia de que uma irman paterna, natural como elle e a quem não conhecia, havia sido seduzida e atraiçoada por um primo. Não vacillou por um momento aquelle mirifico coração e correu immediatamente ao Gerez, alcançando prompta reparação da offensa feita á innocencia e ao amor de sua irman. Foi um pouco demorado esse negócio de familia, e quando o terminou era já passado o tempo das matriculas na universidade e perdido por conseguinte o anno. Sabendo alem d'isso que restava em Coimbra só um dos amigos que costumavam ajudal-o nas frequentes occasiões em que faltavam-lhe de Caxias com recursos pecuniarios, entendeu que lhe não devia ser pesado, dando por finda a sua carreira com o grau de bacharel e tornando-se para a nossa provincia.

Aconselhavam-lhe os medicos que antes de partir experimentasse as aguas do Gerez, tão appropriadas ao rheumatismo chronico de que padecia. Terminados os banhos em setembro, não quiz deixar Portugal sem o visitar em parte, e assim percorreu o Minho e Traz-os-Montes, e depois passando-se á Hespanha, viu algumas paragens da Galliza.

Foi durante aquella residencia nos ennegrecidos pincaros do Gerez e em Pitões[1] que escreveu toda a collecção de suas poesias que têem por titulo *Visões*, a *Escrava* e a *Desordem de Caxias*, alem de outras que foram publicadas nos *Primeiros*, *Segundos* e *Ultimos Cantos*, e nas *Obras Posthumas*.

Aqui acaba para Gonçalves Dias a vida de estudante, como o devia, resumindo em um só facto, mas sublime e bello, todo o pudor virginal d'aquelle ingente coração, toda a abnegação e generoso sacrificio d'aquella alma bem formada e sem egual; por isso tambem podemos, seus amigos, applicar-lhe com dobrada razão e desculpavel desvanecimento aquellas palavras que elle dirigiu ao sr. Alexandre Herculano:

«Tive.... a fortuna de encontrar n'elle um d'aquelles poucos, de alta intelligencia, que não perdem em serem admirados de perto, e cuja amisade se póde ambicionar como um thesouro: fortuna, digo, porque o é de certo, quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor, ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciencia, previnindo-nos de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre aquém do que devemos[2]».

[1] Veja-se a *Epistola* que vem na pag. 183 do 1.º tomo das *Obras Posthumas*, e que é dirigida ao seu collega e patricio o sr. José Antonio Fernandes Pinheiro.

[2] Vej. nos *Cantos*, 2.ª edição — de 1857, o *Sirva de prologo* á pag. VI.

SEGUNDA PARTE

Em janeiro de 1845 recolheu-se o poeta á cidade do Porto de volta de suas digressões ás provincias do norte de Portugal. Via-se ahi insulado e por outro lado salteado de saudades dos amigos; que já haviam todos partido para o Brasil. Para se lhe tornar ainda mais desesperada a situação, combattiam-n'o mil privações, e assim com o espirito desalentado e travado de tristeza, tanto foi chegar á cidade invicta como cuidar logo de se tornar ao Maranhão.

Deparando monção breve, embarcou-se no fim d'esse mez a bordo do brigue-barca *Castro II;* mas tão baldo de meios que tomou passagem com a condição de a pagar no porto do seu destino.

Pobre e desconhecido, sem um nome de familia bastante poderoso ou respeitavel para o patrocinar, antes marcado desde o berço com o que é considerado um duplo stygma, odioso para uma sociedade, como a nossa, atra-

sada, e onde tanto imperam os preconceitos de nascimento, tinha Gonçalves Dias a alma lanceada pelas previsões de um futuro sombrio, e assim engolphava-se em pensamentos que lhe attribulavam a mente e prostravam o espirito. Quantas e quantas vezes, no longo decurso d'essa viagem, estendendo a vista pelo vasto paramo das planuras oceanicas, achava no soluçar plangente das ondas e n'aquelle vagalhar incessante similhanças com a sua vida incerta e cortada pela desdita! Assim corriam tambem seus pensamentos torvos e melancholicos como as primeiras horas da noite na solidão dos mares. Outras vezes, alheado de si e todo entregue a suas tristes cogitações, não attentava nas maravilhas da natureza que lhe estavam provocando á porfia a imaginação incendida do poeta, já com o marulhar ora gemedor, ora tumultuoso, das vagas, com o susurro dos ventos pelas enxarcias e vélas, com a solidão magestosa do oceano tão illimitado e immenso, ora quedo e sereno todo bonança a espelhar a abobada azulada do firmamento; ora alteroso, rugindo e todo negrumes e pavor, com o horrivel e sublime espectaculo da borrasca! Sentado ao cahir da tarde na prôa do navio, deixava a revezes que corressem livres as lágrimas, e pendia-lhe então sob o pêso dos infortunios aquella nobre fronte que havia um dia erguer-se acima de todas, radiosa e cingida pela aureola da glória! Apesar das preocupações da vida positiva que incessantemente o accommettiam, entibiando-lhe a phantasia, ainda assim recuperava por momentos o seu imperio, tantoque n'essa viagem compoz os seus sublimes hymnos *O mar* e a *Idéa*

de Deus[1] e o poemeto *Analva*[2], que só depois, quando navegava pelo rio Itapecurú em demanda da sua Caxias é que os poz por escripto. Nas raras horas em que não scismava na sua infortunada sina, e no que estava o coração a presagiar-lhe na patria, entregava-se á leitura de seus authores predilectos — Filinto Elysio, Virgilio, Horacio e Victor Hugo.

No principio de março d'esse mesmo anno, depois de uma viagem de trinta e tantos dias, aportou afinal á cide de San' Luiz do Maranhão, indo aposentar-se na casa do seu particular e estremecido amigo o sr. dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal que o precedêra de um anno na nossa provincia; mas tão ancioso vinha o poeta de tornar a ver Caxias e de abraçar a desditosa e velha mãe, que fugindo ás instancias e hospedagem do amigo, já no dia 6 ía navegando pela bahia de San' Marcos em busca da cidade de seus sonhos que

..... no espelho das aguas se contempla[3].

Jaz esta cidade, emporio do commércio do sertão da nossa e da provincia do Piauhy, a 499 kilometros da foz do caudal *Itapecurú*, por ventura o mais transitado ao norte do cabo de Santo Agostinho até o Amazonas. Não acordava ainda então aquellas aguas com suas movediças pás a alavanca do progresso moderno, o célebre invento de James Watt, e as viagens incommodas e harto

[1] *Poesias de A. Gonçalves Dias* (5.ª edição), tom. I. pag. 151.
[2] Idem, tom. II, pag. 245.
[3] Vej. *Cantos*, 2.ª edição, Leipzig, 1857, pag. 17.

morosas faziam-se em barcos que não excediam as proporções do hyate, quando para mais brevidade não preferiam os viajantes transportar-se em embarcações que nada differem das pirogas ou *igáras* dos nossos indigenas, approximando-se tanto em contextura, como em fórma, d'esses primitivos meios de transporte. Foi pois em um d'estes barcos pequenos e sem confôrto, e em que gastavam-se cêrca de trinta dias para chegar a Caxias, que o nosso poeta, apenas sahido dos bancos da Universidade de Coimbra, navegava para a sua suspirada terra. A despeito da prolongada viagem não sentia-se enfadado, antes se refazia e refocilava com os ares patrios e o espectaculo d'essas margens meio selvagens.

E quem se não deliciará em uma jornada, onde se vão succedendo scenarios sempre variados, admiraveis e aviventadores! A principio, emquanto se navega pelas aguas que circumdam a ilha do Maranhão, e não recebem as do rio Itapecurú, ha certa uniformidade monotona no panorama. Ora bahias de pouca extensão, ora braços do mar, alguns tão estreitos que difficultam o tránsito ainda a pequenos barcos; a vegetação apresenta um só aspecto, além algumas palmeiras, e nas margens mangues mais ou menos alterosos, uns sub-arbustos, outros corpulentas arvores, todos com suas sporalas e raizes pendentes das ramas, procurando implantarem-se e fixarem-se no sólo para darem comêço a novos seres. Quando baixa a maré, não descortina o observador, onde quer que lance os olhos, afóra o verde-mar das aguas e o anilado do firmamento, senão uma orla ou facha acinzentada, for-

mada pelo chão lodacento e fôfo das margens onde vicejam os mangues, e por sobre ella o verde escuro de suas folhas, interrompida aqui e alli esta mesmidade da paizagem pela alvura nitente da garça, pela côr rosada das *colhereiras*, ou pelo escarlate vivo dos *guarás* que, com mais frequencia do que as demais aves ribeirinhas, já pousam nas ramas d'essas arvores, já volitam em bandos pelos ares a modo de pequenos esquadrões que tomam acaso diversas figuras geometricas, e logo que se avizinha a noite, veem abrigar-se e repousar em algum mangue frondente, e de sua predilecção, enxameando de tal guisa que escondem as folhas com a sua brilhante plumagem, dando á cópa como que a apparencia de um globo rubro ou incandescente.

Quanto mais se afasta o Itapecurú da sua embocadura tanto mais muda o scenario da natureza para vistas mais pomposas e variadas. Pouco acima da foz corre elle com mais violencia sobre arrecifes graniticos, tornando ahi a navegação difficil e temerosa.

Nos confins da provincia do Maranhão e proximo da serra dos *Alpercatas,* em um cabeço que lhe transmitte seu nome, nasce este rio o mais extenso e navegavel da nossa provincia, pobre e humilde regato, e com os innumeros tributarios que despejam n'elle, vae qual reptil centimano serpeando por valles e crescendo em volume e pujanças, derivando suas aguas por duzentas e cincoenta leguas de curso. Deslisam ellas no verão, ou estação da sêcca, limpidas e preguiçosas, apresentando-se o rio já profundo e com as margens empinadas como a

beijarem-se, já espraiado, com estas afastadas e quasi ao nivel da linha de agua, e o leito á flôr, mostrando suas areias prateadas, e tomando as mais caprichosas linhas, como serpe que se estorce e coleia, ou direitas a perder de vista, formando o que chamam em linguagem bordalenga *estirão* — aqui branda, alli rapidamente curvas. Transportam-se por elle a maior cópia dos productos agricolas da provincia e parte dos do Piauhy, e os generos commerciaes que com elles se permutam para abastecer as diversas e não poucas importantes povoações, que são por elle banhadas. Offerecem suas ribas além d'esses nucleos de população, e como contraste, espaços quadrados cobertos de madeiros derribados pelo machado ou já queimados pelo incendio, — ruina immensa e aspecto desolador da selvageria e atrazo do nosso systema agricola —; quando não plantações de algodão, de canna de assucar, de tabaco, de arroz, de mandioca e de milho, e de longe em longe, ainda com maiores intervallos, uma vivenda commoda, com tal ou qual elegancia, rodeada de casarias para a fabricação dos productos da lavoura, de pequenos, miseraveis e immundos *ranchos* ou *senzalas* dos escravos do abastado senhor, que, se concilia o que ha de rude e tedioso na vida campesina e de fazendeiro com os doces deleites de Pomona. Vê-se em frente, por detraz e aos lados de seu rustico solar, denso bosque de arvores de fructos, cuja formosura e fragrancia desafia o appetite que se regale do sabor delicioso e particular d'elles. Mais pittoresca é a paizagem onde assentam as choupanas dos pobres, ora

insuladas e solitarias no meio do ermo, ora palhoças agrupadas, mal construidas, tendo juncto raras bananeiras, algumas laranjeiras e mais perto um limoeiro e pimenteiras, condimentos da cozinha dos desprotegidos da fortuna. Tirado d'ahi, são as margens d'aquelle rio, na sua maioria, de aspecto selvatico, cobertas de luxuriante vegetação, explendente e sombria como sóe ser nas regiões intertropicaes. Aqui renques de palmeiras com seus leques variados como seus troncos, conforme as especies, uns erectos, alterosos e espessos quaes columnas de arruinado templo, outros delgados e recurvando-se ao menor sôpro da brisa ou torcidos como se mão de gigante se tivesse comprazido de os contorcer por folguedo, outros nós de folhagem pela acção destruidora do raio, ou cobertos de tenues ramos da baunilheira, trescalando perfumes. Ás caprichosas fórmas d'esse quadro risonho, succede de repente a tristeza que lhe infundem as sombras melancholicas das ingaranas que se debruçam no rio com suas franças pendentes como as de salgueiros soberbos e seculares, ou entrelaçadas e cingidas por mil cipós e parasitas que as despojam das ramas, substituindo-as por seu vasto folhiço, matizado de flores tão explendidas nas côres quanto phantasticas na contextura. Se n'este grupo de arvores apparenta ricos cortinados de verdura, n'aquelle, pela disposição dos sarmentos arremedam aqui arcos triumphaes, alli, quaes laçarias architectadas por mãos intelligentes de artista arabe, ou grinaldas entretecidas para capellas de amor.

As myrtineas, as heliconeas, os fetos, as bignoneas,

as orchideas, as malvaceas, as acacias, as gramineas arborescentes, os cactos com aspectos tão extravagantes e originaes, as paulineas, as baunisterias e passifloras a enredar e encobrir estes vegetaes, e muitas outras familias botanicas da nossa inexgotavel fauna, umas rasteiras alfombrando o sólo, outras gigantescas, desafiando as nuvens, embalsamam todas com seus aromas o ambiente, e maravilham o viajante deslumbrado com os matizes e fórmas das flores e com tanto prodigio e magnificencia d'este scenario inimitavel e magestoso da natureza brasileira.

No inverno, ou estação das chuvas, avolumando as aguas extraordinariamente, lançam-se turvas e impetuosas, crescendo e subindo até assoberbarem as mais alcantiladas margens, desbordam, alastram por toda a parte e derribam quanto lhes quebra a carreira violenta, arrastando, boiantes, no seu curso, arvores ás vezes colossaes, sem bastante firmeza no sólo para lhe resistirem, senhoream tambem os campos, sumindo as hervas, os arbustos e as arvores, figurando aqui um lago, além um golpho! Era n'essa quadra do anno que coube então ao poeta viajar o patrio rio.

Ajunctae a isto o bramir da corrente, o ciciar do vento nos leques das palmeiras, o ramalhar das folhagens nos bosques, o chilrear de umas aves, o grasnar de outras, os cantos languidos e sonoros d'estas, e os alegres e requebrados d'aquellas, os pios tristes e gemedores, os sons asperos, entrecortados, e estridulos d'aquell'outras, o sinistro ronco, postoque raro, da *boa constri-*

ctor, da *sucurujú*, o silvo colerico de uma cobra desperta de seu lethargo, e mais ao longe o rugido ameaçador o regougo, o grunhido e mil sons confusos de centenas de animaes casado com o zumbido de myriadas d'insectos,— concerto monstruoso de multiformes hymnos com que cada um sauda a seu modo pela manhan o astro rei, e d'elle se despede ao cahir da noute, produzindo todo este conjuncto soar da natureza uma harmonia a um tempo lugubre e imponente que, no meio d'este quadro deslumbrador, apavora e arrouba o espirito, e extasia ainda mesmo áquelles que não são fadados pelas musas, quanto mais ao nosso poeta que tinha a phantasia tão accessivel e propensa a taes contemplações, e estro tão espontaneo! D'aqui tereis uma fraca e imperfeita idéa das impressões que então sentiu, elle que estava sedento d'ellas! Eil-o transportado e rodeado por tamanho explendor da natureza do Brasil, rememorando-lhe as mattas virgens onde nascêra e folgára na meninice, a enamoral-o e a convidal-o para seu pintor! Já de Coimbra, attento ao que aconselha A. Garrett na sua *Historia da litteratura e lingua portugueza*, premeditava emancipar a litteratura brasileira das feições e roupagens europeas, explorando a rica mina das raças authoctonas, e desde aquelle tempo preludiava na lyra os cantos que o haviam d'immortalisar; mas faltava-lhe até ahi a côr local, tendo só para inspirarem-n'o as fugitivas recordações da infancia e as páginas arrebatadoras de Bernardin de Saint-Pierre, de Chateaubriand e de Fenimore Cooper, e para estudo as descripções do padre Simão de Vasconcellos, e tudo quanto sobre tal assumpto e com relação

ao Brasil escrevêra o sr. Ferdinand Denis [1] a quem brasileiros e portuguezes muito devemos pelos seus acurados e conscienciosos trabalhos historicos e litterarios. Essas tentativas poeticas concebidas ainda em Coimbra inutilisou-as elle por imperfeitas, agora que vivia em plena natureza da America do Sul, e identificava-se com o deserto de nossas florestas, com a solidão e pompa d'este rio, povoando-os na imaginação com as tribus infelizes e perseguidas, dispersas e quasi extinctas pelo fanatismo atroz e cega cobiça dos exploradoes, e com os restos d'ellas hoje errantes, foragidos e bravios, refazendo no pensamento os ritos, os costumes e as lendas d'a-

[1] Approveitando o ensejo para render, como brasileiro reconhecido, preito e homenagem de veneração e estima ao sabio e modesto escriptor francez, folgo de declarar que é elle um dos estrangeiros, que mais tem bem-merecido, e menos obtido, em honras e considerações por parte do nosso govêrno, tão prodigo aliás em malbaratar distincções e em galardoar charlatães, que se pagam com pingues remunerações, impingindo gatos por lebres, quando não nos abocanham e procuram ridicularisar-nos. Conheço do illustre bibliothecario de Sancta Genoveva em Paris, alem da sua *Historia de Portugal* e de muitos artigos biographicos na *Biographie Générale* de F. Didot, as seguintes obras, umas escriptas, outras editadas e annotadas por elle: *Scenes de la nature sur les tropiques, suivies de Camoens et de Jose Indio*, um volume impresso em 1824; *Resumé de l'histoire du Brésil* (1825). *Resumé de l'histoire littéraire du Brésil et du Portugal* (1821); no *Univers Pittoresque ou l'histoire et description de tous les peuples*, o volumoso tomo intitulado — *Le Brésil* —; *Une fete brésilienne célébrée à Rouen en* 1550 (Paris 1850); *Voyage dans le nord du Brésil par le père Yves D'Evreux, editée avec une introduction et des notes par F. Denis;* e tem no prelo a obra do padre Claude d'Abeville quasi tão rara como aquella de que só existia o exemplar que lhe serviu para a sua excellente edição.

quelles povos simples e livres como o ar que respiravam, o solo que lhes offerecia com mão dadivosa seus incultos fructos, e as mattas tantos animaes com que se alimentavam. Já então robustecido e retemperado o espirito com tudo quanto o rodeava, e abandonadas as idéas europeas, produziu em viagem o *Canto do Indio*[1], e já em Caxias o *Morro do Alecrim*[2], e um anno depois o *Canto do guerreiro* e o do *Piaga*[3]; e se nos ensaios de Coimbra ha reminiscencias de *Atala* e dos *Natchez*, n'estes cantos, liberto das prisões de modelos e d'impressões extranhas, encontra-se o genuino transumpto da nossa natureza e o character e os rudes costumesdos nossos indigenas. Foi este o diluculo d'essa nova e fecunda eschola cujo fundador é Gonçalves Dias, elle que incontestavelmente lhe imprimiu um sêllo original e grande impulso; porque ninguem tem sabido melhor copiar do natural e com todas as suas gallas, gradações e tons os accidentes e côres das nossas mattas, o modo de viver de seus indigenas, tendo de mais a vantagem de ter vivido frequentes vezes, desde que deixou as plagas portuguezas, nas nossas florestas,

[1] Vej. *Cantos*, 2.ª edição alleman de 1857, pag. 13. Traz no manuscripto a dacta de 15 de março de 1845, no logar *Payol* pouco acima da foz do Itapecurú.

[2] Vej. nos *Primeiros Cantos*, edição do Rio de Janeiro, 1846, pag. 24, dactada de Caxias a 2 d'abril d'esse mesmo anno (1845) e que elle supprimiu nas subsequentes edições, substituindo-a pelas que teem por titulo — *Caxias* — (pag. 16) e — *Deprecação* — (pag. 18 dos *Cantos* (1857).

[3] Estes são dactados, o *Canto do guerreiro* de 19 e o do *Piaga* de 15, ambos de fevereiro de 1846.

nos sertões e entre indios selvagens. Por tudo isso compete-lhe portanto a prioridade de haver roteado o terreno, pois de quantos o precederam só Bazilio da Gama no poema incompleto—*Uruguay*—apenas o desflorou; ainda-que denunciasse poder formar eschola, se não fossem os fortes grilhões classicos e a sua timidez: quanto a Durão, que se lhe não aproximava, esse seguiu servilmente no *Caramurú* as pégadas dos poetas transatlanticos, esforçando-se por imitar Camões ao menos nas oitavas rimadas, e não é por certo com semear a esmo nomes e locuções indigenas, que se forma o typo generico e verdadeiro d'essa litteratura, quando lhe falte o essencial—a côr local e o conjuncto de situações, sentimentos e characteres que limitam as raias das differentes litteraturas. Ao mesmo tempo que os *Primeiros Cantos* do nosso poeta, e sem que d'elle tivesse Gonçalves Dias notícia, appareceu o poemeto do sr. Manuel d'Araujo Porto Alegre (barão de Sanct'Angelo)—a *Destruição das florestas*—pintando a natureza brasileira, collocado porém n'ella o colono, e descrevendo seu author n'esta como nas outras *Brasilianas* os costumes e feições do homem meio civilisado, sendo portanto o assumpto e modo de encarar e cultivar o genero outro e inteiramente diverso, postoque egualmente nacional[1].

Voltemos á jornada do poeta, que foi sem accidentes, até que no fim de compridos dias pisou alvoroçado e jubi-

[1] Entre as poesias que formam o volume intitulado as *Brasilianas* ha certa originalidade, grande enthusiasmo e muita belleza.

loso as praias da sua Caxias de que estivera ausente sete longos annos, mal podendo suspeitar que o contentamento sem limites que sentia ao rever o torrão natal e estreitar sua mãe e amigos da infancia se transformaria em breve no amargo fel de pungentissimas agruras, tornando assim mais uma vez certo o annexim de que ninguem é propheta na sua terra.

Succede em Caxias, como em outras cidades pequenas, onde todos se conhecem e se encontram a miudo, e nem ha distracções e os acontecimentos são raros e dão-se com grandes intervallos. Ahi pascem os novelleiros sua ociosidade das intriguinhas de bairro e dos mais arriscados factos da vida privada que devassa a bisbilhotice ou inventa a malevolencia. A vinda de um forasteiro ou de um conterraneo empoz dilatada ausencia é materia vasta e grata para diuturnas observações das palestras dos ociosos: as feições do rosto, os ademanes, o trajo, as inclinações, os costumes, os dictos, as relações e visitas, tudo serve para commentarios, cada qual mais disparatado. Decidem não raro essas primeiras impressões do bom ou mau acolhimento e conceito que vem a formar-se em geral do individuo. Completa antithese com o viver sôlto da mocidade de Coimbra era o d'essa sociedade caxiense, composta na sua maioria de negociantes que medem seus actos, regram-n'os e os pautam pelas linhas perpendiculares do *Diario* e do *Razão* de suas casas commerciaes! Os homens serios, impertigados e graves no porte, embora sirva esse exterior a alguns para occultar reprovadissimo proceder, são inexoraveis para com quem

não os imita. Foi portanto para o poeta mui brusca essa mudança por passar sem transição de Coimbra para Caxias, e dos costumes e habitos francos e desbragados d'estudante para a vigiada e acanhada compostura aldean! Se foram-lhe desagradaveis as primeiras impressões, para seus conterraneos não menos desvantajosas as que lhes causaram suas maneiras desenvoltas e ar jovial e risonho.

Elle que deixára ahi, na infancia, a reputação d'insigne travêsso, voltava agora descuidado e sem reserva no dizer e obrar, rindo-se quando lhe aprazia, emittindo seu juizo sobre as cousas e os homens como lhe elle accudia ao pensamento, e o impressionavam uns e outras, o que era já motivo de grande escandalo para os pacatos e medidos habitantes que constituiam a opinião pública da terra, e que por tal procedimento o teriam já por leviano, se não viesse aggravar estas circumstancias o facto então altamente insolito de fumar pelas ruas, á luz do dia, não já charuto, mas até, o que era mais censuravel ainda, o plebeu cigarro, e de tomar cerveja no *Riacho da Ponte*, n'esse ameno e pittoresco lugar de banhos! Cumpre notar de passagem que ainda não se havia introduzido na capital e menos ainda em Caxias, como requinte de civilisação e bom tom, o costume de fumar publicamente, em toda a parte e a qualquer hora, e o de tomar bebidas fermentadas ou alcoholicas nos botequins e outros pontos de reunião. Essas usanças de que hoje abusam tanto, pois são toleradas ainda mesmo nos collegios de educação, nos theatros e sallas de baile, eram outr'ora tidas e condemnadas nas provincias como vicios abominandos.

As intriguinhas vilôas, os apódos, a vida monotona e por assim dizer bestial que levava em Caxias, magoavam e enojavam-n'o tanto que em menos de um mez de residencia escrevia elle: «Cada vez mais vulgarismo, mais tedio, mais aborrecimento d'esta *immundicie*. Cada dia um vivo protesto de me accostumar á minha vida, cada dia percebo um novo motivo de *desgôsto e de descontentamento*. Futuro! lá se vae com o resto de meus doidos projectos!... Poesia?! já lhe perdi o amor e nenhum outro tenho para o substituir[1].....

«Mas ser desconhecido, escrevia em 1 de maio do mesmo anno (1845), ou mal conhecido, mas sentir dôres d'alma e viver de tormentos, como aqui, é mais triste ainda!».....

«Sosinho, em terra que, apesar de minha, eu posso chamar estranha; é-me preciso conversar sequer de longe com alguem que me falle do passado, que não d'esta vida das realidades, do interêsse; é-me preciso fallar com alguem, que me entenda e que me responda, é-me necessaria a voz do irmão de minha alma — voz de amor e de esperanças — voz de enthusiasmo e de poesia — de uma indole e de uma alma que tem accentos mais fortes que os meus, mas que tem modulações mais doces que a minha — porque a sua corda é serena e branda, emquanto que a minha é rude, espinhosa e cheia de martyrio, e é a vergontea de onde sahiu a rosa fragrante e corada!.....

[1] Caxias, 11 de abril de 1845 (carta ao sr. dr. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal).

«Fazes mal, meu Theofilo, em me não escreveres com frequencia! A minha imaginação deixa-me, perdeu-se, fugiu! Para onde? para onde fugiu a brisa da manhan, para onde foge o pènsamento do poeta — para o ceu!... E eu que sou? Alguem que soffre, que não póde gemer, e que não tem sequer um recanto onde viva, que nem sequer póde fugir para outros climas — entre gente desconhecida que em me vendo perguntasse a si mesma: — Este quem é — que não chora e que parece soffrer tanto?!...[1] »

Foi debaixo das impressões com que escrevêra esta carta, pungido de todas estas miserias e ferido da atroz intriga que conseguíra resfriar a amizade da madrasta, que, obcecada então, não descobria as boas qualidades de Gonçalves Dias, e attribuia-lhe sentimentos que estavam em contradicção com os que sempre manifestára por seus actos e que nunca se aninharam em tempo nem em situação nenhuma de sua vida n'aquella alma nobre, leal e desinteressadissima; foi a 16 de maio, em um d'esses momentos de dolorosissima angustia, sujeito o espirito a desencontradas paixões que o poeta concebeu — O *soffrimento*[2] —, hymno afinado por funda e extrema dor, e que no tom e nos movimentos parece que o poeta foi illuminado pela mesma inspiração que fez vibrar as cordas ao psalterio de David. Desalentado e pungido, vendo

[1] Carta ao mesmo sr. dr. A. Theofilo C. Leal.

[2] Vej. *Primeiros Cantos*, edição do Rio de Janeiro de 1846, pag. 97, e *Cantos*, 2.ª edição, alleman, 1857, pag. 67 ou *Poesias*, 5.ª edição, pag. 89 do tom. I.

por toda a parte e na existencia do homem dores e attribulações exclamou então:

Meu Deus, Senhor meu Deus, o que ha no mundo
Que não seja soffrer?
O homem nasce e vive um só instante,
E soffre até morrer!

Inveja a flor, o romper d'alva, cuja existencia fugaz acha melhor que a do homem e principalmente a d'elle sem paz e sem amor:

Meu peito de gemer já está cançado;
Meus olhos de chorar;
E eu soffro ainda e já não posso allivio
Sequer no pranto achar!

Quando vae succumbir á dor, e as cordas sensiveis do coração começam d'estalar, quando a blasphemia roça-lhe os labios, e lucitreme-lhe a idéa do suicidio, a voz que suspendeu o braço de Abrahão ao consummar o sacrificio, mas purificada com a doce resignação do christão, fez-lhe pedir perdão e arrepender-se:

Quando roja meu corpo sobre a terra,
Quando me afflige a dôr,
Minha alma aos ceus se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flôr.

Eu bemdigo o teu nome eterno e sancto,
Bemdigo a minha dôr,
Que vae alem da terra aos ceus infindos
Prender-me ao Creador.

Bemdigo o nome teu, que uma outra vida
Me fez descortinar,
Uma outra vida onde não ha só trevas
E nem ha só penar.

Para mal de peccados do nosso heroe frequentavam a casa de sua hospedeira, os influentes do partido opposto ao das authoridades locaes. Aqui, como em qualquer povoado pequeno, estava a população dividida em dois campos extremados e apaixonados, e para ella, basta que um recem-chegado seja alojado ou tenha relações ainda que de mera cortezia com os directores de uma das parcialidades para ser logo tido e apontado por corypheu d'essa seita. Assim, pelo facto de ser sua madrasta relacionada por esse tempo com algumas influencias opposicionistas e sua casa mui frequentada por ellas, bastou para que passasse Gonçalves Dias por sectario d'essa parcialidade. Não se limitando a considerarem-n'o como tal, affirmaram-n'o em um jornalzito que o beliscou, e impelliu aos poucos o poeta até que o enfileirou em um dos partidos que então se disputavam em Caxias os cargos eleitoraes, e o levou a empenhar-se nas eleições municipaes, que se pleitearam em setembro d'esse anno. Recorrendo as authoridades á compressão, á ameaça e em último recurso á fraude, como sóe infelizmente manifestar-se em quasi todas as quadras e em quasi todas as partes do Brasil o voto livre do cidadão, e á vista de taes factos tomou-se Gonçalves Dias de tedio pelos negocios politicos por modo tal que nunca mais importou-se de eleições e de questões de partidos, não se approximando mais d'essa voragem para onde são attrahidos e em que se precipitam os nossos mais bellos characteres e talentos, consummindo-se as aspirações mais nobres n'essa lide insana de retaliações e de invejas.

Alludindo a estes desgostos domesticos e aos politicos diz a *Rosa,* jornal litterario que se publicava em Caxias por occasião do fallecimento do poeta (1864):

« Ha uma quadra calamitosa na vida do poeta que elle procurou passar desabafando gemidos, soltando sons pungentes n'esses versos que tanto nome lhe deram... *passâmos em silencio essa epocha triste cujas causas soube o poeta abafar no peito sem queixar-se! Devia ser assim...*[1]

Malavindo com os seus, que não sabiam apreciar bem as bellas qualidades do joven caxiense, deixou-se levar dos insistentes convites do dr. A. Theophilo de Carvalho Leal que o chamava para sua companhia e o aguardava de braços abertos, offerecendo-lhe obsequiosa hospedagem no seio de sua familia.

Em janeiro de 1846 retirou-se de Caxias, a que, apezar das amargas queixas que d'ella tinha, conservou sempre entranhado e inquebrantavel amor, revelado em muitos de seus versos.

No meio de taes attribulações e acabrunhadoras magoas não esteve comtudo sua lyra ociosa. Escreveu a 20 de maio *O Delirio,*[2] e a 25 a *Virgem,*[3] a 30 de junho o *Orgulho*[4], a 1 de julho o *Donzel*[5], a 9 de agosto *Tristeza*[6]

[1] A *Rosa* n.º 4 de 16 de novembro de 1864, cujo artigo necrologico virá um dia transcripto no vol. VII das *Obras Posthumas* do poeta.

[2] Vej. *Poesias,* 5.ª edição de Garnier, Rio de Janeiro, tom. I, pag. 85.

[3] *Cantos,* edição alleman, 1857, pag. 189.

[4] *Poesias,* 5.ª edição, com o titulo — *O orgulhoso* — na pag. 123 do tom. I.

[5] Idem, 2.º tomo, pag. 229.

[6] Idem, 1.º tomo, pag. 75.

e *Tristes Recordações*[1] a 18 do mesmo mez O *Cometa*[2], e a 12 de novembro *Amor, Delirio, Engano*[3].

Retocou o drama *Beatriz Cenci*, e delineou a *Meditação*, esse triste brado a favor da raça vilipendiada dos filhos d'Africa e de seus descendentes que a nossa cubiça traz ainda hoje sujeita e avergada sob o trabalho e o stygma da escravidão[4], e por desfastio e desfôrço compoz entre outras satyras, que foram publicadas no *Pharol*, as que se leem a pagina 87 e seguintes do primeiro volume das suas *Obras Posthumas*.

Condescendente em extremo, e cedendo ás instancias de alguns amigos e ao gôsto dos conterraneos que então ainda era alli pela eschola bocagiana, compoz e recitou no theatro particular *Harmonia* um soneto commemorativo do anniversario natalicio do nosso Imperador, e escreveu alguns monologos e lettras apropriadas ao nosso hymno nacional, que foram recitadas em dias de festividades nacionaes[5].

Precedia-o a fama da sua vocação e feliz engenho, sendo applaudidas dos entendedores as poucas poesias que haviam sido publicadas em 1845 no *Jornal de Instrucção e Recreio*. Não lhe pediramos, eu e o sr. dr. Theophilo, o seu consentimento para isso, e abusando da amizade, demos á estampa, por cópias que nos havia man-

[1] Vej. *Obras Posthumas*, 1867, 1.º vol., pag. 91.
[2] *Poesias*, 5.ª edição, 1.º tomo, pag. 124.
[3] Idem, ibidem, pag. 82.
[4] Vej. de pag. 7 a 127 do 5.º vol. das *Obras Posthumas*.
[5] Vej. de pag. 79 a 89 do 1.º vol. das *Obras Posthumas*.

dado, o *Mar*, o *Desejo*, o *Donzel*, a *Innocencia* e a *Idéa de Deus*. Entre os que mais o apreciavam, notava-se Francisco Sotero dos Reis tão lido e bom contraste de obras litterarias. No n.º 296 da *Revista* de 26 de julho de 1845, de que era redactor, veiu com um artigo sob a epigraphe — *O Desabrochar* do — *talento*[1] — onde entre outras phrases de admiração e louvor, lêem-se estas:

«O hymno ao *Mar* é, em nossa opinião, uma peça lyrica tão grandiosa, animada e variada, como o seu objecto; uma obra digna dos melhores mestres.

«Ao lel-o vieram-nos involuntariamente á lembrança, *Francisco Manuel*, *Cezarotti* e *Lamartine*, como se estivessemos notando o arrojado pintar dos primeiros, e o ousado pensar do segundo! Ao menos tal foi o sentimento de que nos vimos dominado. Impossivel é desconhecer n'este ensaio o indelevel cunho do genio, ou d'essa fôrça de concepção e enunciação tão incommensuravel e tão efficaz, que não conhece no seu alcance outros limites senão aquelles que foram marcados á humana intelligencia, d'essa potencia de comprehensão e de execução, que abrangendo o tempo, e o espaço, e o infinito, remonta-se das raias da existencia até as regiões desconhecidas do possivel para beber nas fontes da creação e de vida as divinas inspirações da poesia .....
.....O sr. Gonçalves Dias, pois, que se dá a conhecer por taes ensaios (*A Innocencia* e a *Idéa de*

[1] Vej. este notavel artigo do nosso decano dos jornalistas brasileiros e litterato de cunho, que virá transcripto no vol. VII das *Obras Posthumas* de A. G. Dias.

Deus), e faz a sua entrada no mundo litterario debaixo de tão felizes auspicios, é um engenho de finissima témpera, um engenho que sem dúvida ha de honrar o nome brasileiro, se continuar a trilhar a carreira poetica. E tanto menos suspeito deve ser este tributo de justa admiração que pagamos ao talento que desponta em todo o explendor da sua aurora, por isso que nem de vista sequer conhecemos ao illustre alumno das musas e a quem saudamos com o *Macte virtute esto!* »...

E em breve realisou-se esta prophecia do escriptor maranhense, vindo os applausos de tão competente avaliador expungir por momentos do espirito do poeta as maguas que o acabrunhavam então e eleval-o na sua propria consciencia, enchendo-o de satisfação [1].

Chegando á cidade de San'Luiz em fins de janeiro do seguinte anno (1846) foi hospedar-se na casa de seu dedicado e prestadio amigo, á rua de Sanct'Anna n.º 58[2]. Ahi fascinou-o a belleza de uma menina de olhos pretos e

[1] Como prova de reconhecimento dedicou o poeta a Francisco Sotero dos Reis a sua ode o *Cometa,* escripta em Caxias a 18 de agosto de 1845, e que vae impressa á pag. 166 dos *Primeiros Cantos,* e pag. 124 do 1.º tomo das *Poesias* (5.ª edic.)

[2] Depois da infausta morte de A. G. Dias teve essa rua o seu nome por deliberação da camara municipal, tomada sob proposta minha em sessão de 25 de agosto de 1865, como tambem succedeu n'essa occasião a outras, taes como a de *Odorico Mendes, brigadeiro Falcão, João Lisboa;* mas em 30 de março de 1869, sendo os membros da camara substituidos por outros, foi um dos primeiros actos da nova camara annullar tão patriotica medida de seus antecessores, conservando aliás a da rua 28 *de julho.* Parece impossivel que chegasse tão longe a intolerancia e o odio politico; mas infelizmente é verdade!

rasgados que frequentava a familia de seu hospedeiro. A 6 de fevereiro em um momento de amor platonico e de inspiração concebeu *Seus olhos* [1], que mereceu do sr. Alexandre Herculano, juiz acima de toda a excepção por seu character, saber, fino tacto litterario e demasiada lição de escriptores nacionaes e estrangeiros, dizer que é: *uma das mais mimosas composições lyricas que tenho lido na minha vida*[2], e depois d'elle o do sabio professor de litteratura de Berlim, Fernando Wolf: «Ha cousa mais melodiosa e encantadora do que *Seus olhos*, e *Olhos verdes* tambem celebres pela gentileza de suas imagens? [3]». Ahi entregava-se a seus estudos habituaes e predilectos, concluiu a sua *Meditação*[4] e compoz algumas mimosas poesias, taes como a *Leviana*[5], *Epicedio*[6], o *Trova-*

[1] Sahiu a primeira vez publicada no *Archivo*, jornal litterario que publicámos em 1846 em continuação do *Jornal de Instrucção e Recreio*, e para o qual teve o nosso amigo a summa condescendencia e bondade de collaborar com artigos de crítica theatral, uma traducção da *Torre de Verdun* de Frederico Soulié e tres capitulos das *Memorias de Agapito*. (Vej. para esta poesia *Primeiros Cantos* (1846) pag. 60 e *Cantos* (1857) pag. 30, e emquanto aos artigos em prosa o III vol. das suas *Obras Posthumas*, de pag. 131 a 191.)

[2] Foi esse artigo publicado na pag. 2 do tom. VII da *Revista Universal Lisbonense* (anno de 1847-1848), sob o titulo de *Futuro litterario de Portugal e do Brasil*, e depois reproduzido nas primeiras páginas das edições allemans dos *Cantos*, e achar-se-ha no VII volume das suas *Obras Posthumas*.

[3] Vej. *Brésil littéraire* (Berlim, 1863), pag. 178.

[4] Vej. o volume III das *Obras Posthumas* e o *Guanabára*.

[5] *Primeiros Cantos* (1846) pag. 50 e *Cantos* (1857), pag. 21 (escripto a 6 de fevereiro de 1846).

[6] Idem, pag. 79 ou idem, pag. 49.

dor[1], o *Canto do Guerreiro*[2], *Tristeza*[3], *Lagrimas sem dor e dôr sem lagrimas*[4], *Quadros da minha vida*[5], *Te-Deum*[6], quando não se entretinha nas singelas palestras cheias de franqueza com meia duzia de amigos dos tempos descuidosos de Coimbra e de Lisboa, e assim passou seis rapidos e venturosos mezes, os melhores da sua vida,como muitas vezes m'o assegurou depois, tendo-o já antes manifestado em várias cartas ao seu amigo o sr. dr. Theophilo.

Foi a saudosa recordação d'essa quadra para elle incomparavel de gosos innocentes e serenos que dictou-lhe na sua poesia.—*Adeus aos meus amigos do Maranhão*—estas estrophes repassadas de saudades[7]:

. . . . . .
Inda uma vez, adeus! Curtos instantes
De ineffavel prazer—horas bem curtas
De ventura e de paz frui comvosco;
Oasis que encontrei no meu deserto,
Tepido valle entre fragosas serras,
Virente derramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei comvosco.
Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,
. . . . . .
Deslumbrado vivi!. . . . . .

[1] *Primeiros Cantos*, (1846) pag. 11 ou *Cantos*, (1857) pag. 5 (escripto a 19 de fevereiro do mesmo anno de 1846).

[2] Idem pag. 76, idem, pag. 46 (escripto a 19 de fevereiro do mesmo anno).

[3] Idem, pag. 94, idem, pag. 64 (escripto a 2 de abril).

[4] Idem, pag. 155.

[5] Idem, pag. 201 e idem, pag. 140 (escripto em 18 de fevereiro do mesmo anno.

[6] *Poesias* de A. G. Dias (5.ª edição (Garnier), pag. 165 do 1.º tomo).

[7] Idem, *ibid.* pag. 166.

Vieram, porém, arrancal-o d'esses *instantes de ventura e de paz,* os serios cuidados que seu futuro inspiravam ao seu hospedeiro e amigo, antes irmão como se elles chamavam. Não descortinava o sr. dr. A. Theophilo para o amigo na vida apoucada de cidade de provincia espaço harto amplo onde se irradiasse desafogada a ingente glória, que antolhava a Gonçalves Dias. Pensou então no Rio de Janeiro que, como capital do imperio, offerecia theatro onde se desenvolvesse e fosse merecidamente aquilatado tão peregrino e prodigioso talento. Resolveu pois de si para si, e sem consultal-o, a viagem do poeta. Sabendo que todo o peculio d'este consistia em 300$000 réis escassos, que apenas chegariam para as despezas com seu transporte, entendeu que só com uma passagem de favor, que aliás se concedia com tanta facilidade, é que a bolça do poeta não ficaria de todo vasia. Com esse designio foi procurar o administrador da provincia. Estavamos em fins de maio, e exercia esse cargo, como vice-presidente, Angelo Carlos Moniz, depois senador, e a quem o sr. dr. A. Theophilo de C. Leal, explicou ao que viera á palacio. Accedeu elle de boamente ao seu pedido, não sem condições; pois andando empenhado em que fosse julgado um processo insignificante na substancia, porém a que ligava importancia, e como suspeitasse que o promotor público patrocinava ao reu, visto ter dado n'aquella occasião parte de doente para protelar o julgamento, desejava o vice-presidente entrasse o processo n'aquella sessão do jury. Concedida a passagem d'estado, inqueriu elle se Gonçalves Dias duvidaria exercer

interinamente e por alguns dias o cargo de promotor, ao que o sr. dr. A. Theophilo, lembrado dos proloquios que uma mão lava a outra, e com generoso generoso e meio, annuiu á proposta e foi assim nomeado o poeta promotor público interino da capital do Maranhão, cargo que não chegou todavia a exercer; porque, sabido do effectivo que não aproveitava ao seu protegido o expediente, deu-se logo por prompto, allegando ter sido passageiro seu incommodo[1].

Lavradas as portarias de nomeação e da passagem do estado, correu o dr. A. Theophilo para casa a surprehender o amigo com tão estranhas novidades, e chegado que foi disse-lhe transportado de alegria:

—Sabes que vaes partir para o Rio de Janeiro!

—Quem? eu! vou partir para o Rio?!

—Vaes, sim, e breve, e o que é mais singular ainda, é que, antes da partida tens de levar um pobre diabo á forca!

—Como é lá isso?!...

—Eu t'o conto em poucas palavras.

E d'ahi explicou-lhe o dr. A. Theophilo, entre muitos dictos engraçados e gargalhadas gostosas de ambos, aquelle negocio diplomatico.

Repugnava ao poeta mudar de terra com tão exiguos meios pecuniarios: mas tão ponderosas razões e risonhos

[1] Foi esta nomeação que levou naturalmente ao escriptor allemão a dizer a pag. 175 do seu *Brésil littéraire: Il devait se préparer à remplir la place de procureur général dans sa province.*

projectos apresentou-lhe o sr. dr. A. Theophilo com aquelle enthusiasmo e fé, que ainda hoje o characterisam, e que incutiam-lhe sobreposse a confiança que tinha nos superiores dotes litterarios do poeta, antevendo n'este lanço o explendor e fortuna que adviria a Gonçalves Dias logo que fossem conhecidos seus *Primeiros Cantos*, e representado o drama *Beatriz Cenci* [1], que a final o resolveu, determinando-se para logo a enfardar os livros e roupa, e no dia 14 de junho de 1846 já navegava para o Rio de Janeiro a bordo do vapor *Paraná*.

[1] Foi publicado este drama, depois da morte do poeta, no IV volume das *Obras Posthumas* com a *Pat Kull*, outro drama, como esse, de seus annos juvenis.

TERCEIRA PARTE

Dadivosa e sollicita de esmerada prodigalidade foi a natureza em dotar a cidade de San 'Sebastião do Rio-de-Janeiro e seus arredores com tantos e tamanhos prodigios como que para a tornar condigna capital do grande imperio americano. Quem segue rumo do norte em demanda da bahia da antiga *Guanabára* fica extatico e alumbrado ante a apparatosa e explendida perspectiva que se vae desdobrando ante seus olhos: os alcantis e explanadas de serranias, parte d'ellas de formação granitica, que irrompem em varios pontos, uns ao longe, outros abeirando a costa ou despontando do seio das proprias aguas, aqui o *Pão de Assucar*, o *Pico*, além o *Corcovado*, a *Gavia*, a *Serra dos Orgãos*, dispostos e acastellados de feição a simularem um gigante collossal resupino e que foi ali collocado como sentinella a vigiar os navios que devassam aquelles mares. Entrada a barra deffendida por penhascos de maravilhoso effeito, sem parceis, bem abrigada e pro-

funda, extasia-se o navegante com essa bahia mais vasta do que a de Constantinopla e que mede 31 kilometros de extensão e pouco mais de um de largura, e póde abrigar todas as esquadras do universo sem ficar empachada. É o enxame de ilhas e ilhotas, quaes cestos de verdura balouçando-se n'aquellas limpidas aguas illuminadas pelo nosso ceu tão azulado e brilhante!... Fazem contraste a estes pittorescos e ridentes panoramas outras escalvadas, e algumas verdadeiros monolithos, como que ali cahidos em porfiosa lucta de titães que reciprocamente os arremassassem. De entre as que se opulentam em vegetação e viço são mais extensas a do *Governador*, e a de *Paquetá*, deliciando todas pela amenidão e variedade das fórmas, ao passo que regalam o espirito d'aquelles que em dias festivos vão n'ellas procurar na caça e n'outros prazeres campestres diversões e esquecimento do afanoso labutar e penosas contrariedades da vida. Chegado á segura abra, não é menos surprehendente a cópia, a pujança e o movimento de sua navegação! Embarcações de todas as grandezas, feitios e procedencias procuram frequentes e em grande concurrencia esta bahia, antes braço de mar ou golpho, sem rival no mundo por sua vastidão, sumptuoso scenario, commodidade e segurança do ancoradouro, tanto para navios de guerra como mercantes que ahi agglomerados arremedam por seus mastros com bandeiras de tantas nações, e diversos signaes e flamulas uma como que floresta boiante, toda arreiada de flores. O que vae de grita, de cantillenas, de vozes em linguas differentes n'esse pandemonio laborioso, n'essa Ba-

bel commercial e operosa! O que ha nos lagos da Suissa, na bahia de Napoles, no Bosphoro, que emparelhe em magestade e amplidão, em belleza e variedade de paizagens com o phantastico Rio-de-Janeiro ?! Consoante o arruido e a faina incessante e activa do porto, são os da alfandega, dos trapiches e dos pontos da cidade mais commerciaes e de maior transito—com os seus 400:000 habitantes, com seus vehiculos, com seus caminhos de ferro, e transeuntes a pé e a cavallo.

Tudo quanto é obra da natureza, ou impulsão necessaria e expontanea do tempo ou da evolução do progresso, é maravilhoso, é giganteo, fascina, enthusiasma e arrebata!

É o Rio-de-Janeiro não só empório commercial, como tambem centro e cabeça da nossa vida politica e litteraria; ahi residem o cheffe do estado e o govêrno supremo, a maior fôrça do nosso exercito e da marinha, a faculdade de medicina e a eschola polytechnica, a militar e a de marinha, as academias de boas lettras e artes, e varios institutos; é pois um immenso fóco para onde convergem todas as vistas e aspirações dos brasileiros, e de onde irradiam para as provincias a vitalidade e o movimento.

Esta centralisação tão restricta, parece-me, como já tive occasião de o dizer, opposta á dilatadissima área do nosso territorio, e no futuro, fatal á sua integridade. Ensina-nos a natureza que, quando em um orgam superabunda vida, produz-se n'elle plethora; d'ahi congestiona-se, e por derradeiro desorganisa-se, causando, porém, antes d'isso a perturbação, a asthenia, senão o deperecimento dos mais.

Para a capital do nosso imperio estavam, pois, a impellir o poeta seus incontestaveis e extrordinarios merecimentos litterarios, e é n'esse grande theatro que vamos seguir os passos de Gonçalves Dias. No dia 6 de julho d'esse anno de 1846 chegou ao Rio-de-Janeiro, depois de uma trabalhada viagem de vinte e um dias, cheia de accidentes desagradaveis, como elle proprio nos refere «Foi maldicta a viagem, e tanto que eu desesperava de chegar a salvamento. Sahindo da Parahyba encontrámos um hiate pelo meio da noite. Houve abalroamento, a tripulação saltou para o vapor, e creio que aquelle foi ao fundo. Em Pernambuco arrebentou uma amarra, e andámos ás cristas com os navios ancorados. Na Bahia o contra-mestre matou um companheiro e amigo! Ao entrar finalmente no Rio faltou-lhe carvão ao vapor, e uma das caldeiras por estar rachada, ou por outro qualquer motivo, deixou de funccionar. Entrámos pois no dia 6 á noite e desembarcámos a 7. Ao desembarcar a bagagem, vi eu que uma caixa de livros estava molhada; estragaram-se os tres ultimos volumes do *Byron*, alguns de *Filinto*, todos os meus escriptos, etc., etc. E por fim, como eu não posso mudar de terra sem grangear molestias, estou com a bocca toda ferida, não sei de quê, talvez seja por causa do creosote de que fiz muito uso para alliviar de dôres de dentes, talvez ainda do charuto: veremos de que é!! .....

.....

«N'estes seis dias vou fazer imprimir os prospectos dos meus *Primeiros Cantos*.»

Tractou com effeito sem mais tardança da impressão do seu primeiro volume de versos e distribuição dos respectivos prospectos, porque impendiam o seu futuro e a acquisição de meios de subsistencia na côrte, do éxito e procura d'essa obra, tendo elle de seu uma ridicula quantia. Mas o que lhe faltava em dinheiro, sobrava-lhe em ánimo, e tanto que foi hospedar-se em um dos melhores e mais caros hoteis. Era uma reminiscencia da vida academica!

No meio de tantas difficuldades que o cercavam, não o abandonava a jovialidade com que disfarçava suas maguas e assim graceja d'essa situação: «Estou pois n'um bello hotel, *l'Univers*, de M.me Moreau. Gasto pouco mais ou menos como um lord; não nasci com genio de mãe de familia que reparte com exactidão mathematica o pão que ha pelos filhos que tem.

«Perguntas como fui recebido? Bem. Cartas de recommendação não servem senão de apresentação, de fazer e de receber visitas, nada mais. Eu tenho mais que fazer, e como sabes vim de lá com tenção de imprimir um volume de poesias...

«Estou estudando materia para um drama[1]; porque como me parece que a minha vida litteraria será como os dias dos polos, isto é, infinitamente pequena[2], quero

[1] A *Leonor de Mendonça*, que sahiu impressa no *Archivo Theatral* e ultimamente reimpressa no quinto volume das *Obras Posthumas* do poeta.

[2] Como se vê d'este trecho, havia muito que o accommettia o presentimento da morte!

fazel-a no pouco tempo que tenho, a mais brilhante possivel.

«Todos os dias desde as 9 horas da manhan ás 2 da tarde estou mettido na bibliotheca revolvendo chronicas velhas[1].»

Além das dores de dentes e feridas na bocca com que foi visitado ao chegar ao Rio, sobreveiu-lhe em meados de setembro uma orchite que o apoquentou devéras por mais de quinze dias. Para disfarçar esses incommodos e sua forçada reclusão consolava-se com a leitura dos melhores authores latinos da edição de Pankoucke, fazendo-o com a facilidade de quem, como elle, estava muito familiarisado com a lingua latina.

Logo que se restabeleceu, deu-se com o costumado ardor a seus favoritos estudos litterarios, frequentando assiduo a bibliotheca pública, onde se refazia da leitura de chronicas, alfarrabios poerentos e manuscriptos que respeitavam á história do Brasil e a seus aborigenes; e assim opulentou o riquissimo e profuso cabedal de conhecimento das nossas cousas passadas, em que se tornou tão consummado e erudito. Occupava-se tambem n'essa quadra com a revisão das provas dos seus *Primeiros Cantos*, com o estudo, sem preceptor, da lingua alleman, de que sempre fôra muito affeiçoado, com phantasiar uma serie de romances historicos que nunca chegou a escrever, e a final com o seu drama — *Leonor de Mendonça* — fundando na carreira dramatica solidas esperanças

[1] Esta carta é dactada do 29 de agosto de 1846.

de adquirir recursos de vida que lhe proporcionassem a representação de seus dramas; mas cêdo desvaneceu-se-lhe esse fagueiro sonho, não passando nunca esse drama por provas públicas no Rio de Janeiro [1].

Ainda estava fôrro das importunas relações com que a justa admiração dos contemporaneos havia d'ahi a pouco insittial-o, roubando-lhe as horas de trabalho, distrahindo-o e por assim dizer mortificando-o.

Desconhecido do público e na intimidade de dois ou tres amigos entregava-se de seu vagar e com socêgo ás lides litterarias, fervilhando-lhe na mente mil projectos e meditando excursões arrojadas por todas as provincias da litteratura—história, poemas, romances, dramas—que tudo se realizaria para glória do Brasil, como o attestava a sua fôrça de vontade, facilidade de concepção e de execução, seu indeffeso trabalho, e actividade inexcedivel, se não soprassem sobre elle desapiedadas as furiosas rajadas da desgraça, e o não distrahissem logo em principio de sua carreira os trabalhos de que se encarregava para prover ás necessidades da vida material. Tudo isso infelizmente conjurou-se e contribuiu para frustrar-lhe tão convidativos e formosos quanto grandiosos e promettedores projectos!

No mez de janeiro de 1847 publicou emfim o seu primeiro volume de poesias. Sahiu á luz desacompanhado de louvores preventivos ou de annuncios pomposos, em

[1] Foi á scena e com feliz êxito em 1848 no theatro de San'Luiz do Maranhão.

lettras capitaes, como que para reclamar a attenção pública, senão de duas linhas em typo miudo perdidas entre mil outros da quarta página do *Jornal do Commercio,* como elle proprio o diz: «e nos annuncios fui tão conciso e tão parco d'elles que mais não podia ser. Em janeiro e fevereiro dous de quatro linhas, e isto só no *Jornal do Commercio* »[1].

Como a violeta denuncia-se, escondida entre a folhagem, por sua fragrancia, assim os *Primeiros Cantos,* apezar do encolhimento de seu author, foram conhecidos, apreciados, lidos por todos com avidez e andavam de mão em mão no Rio-de-Janeiro e nas provincias, festejados pelo público e louvados por nossos escriptores. Atravessando o occeano foram dispertar a curiosidade do grande historiador portuguez, cujo character austero e pouco communicativo nunca transigiu com grandezas, nem barateou louvores, e ainda menos nunca os tece immerecidos. Foi, pois, tamanha a satisfação que sentiu com a leitura dos *Primeiros Cantos,* que deu-se pressa em publicar na *Revista Universal* um artigo muito lisongeiro, onde dava conta de suas impressões e exalçava o merito d'essas poesias[2].

O *Jornal do Commercio,* incontestavelmente o primeiro periodico do Imperio quer no formato e circula-

[1] Carta de março de 1847.

[2] O sr. Alexandre Herculano no seu artigo — *Futuro litterario de Portugal e do Brazil,* publicado no tomo 7.º da *Revista Universal Lisbonense* de 1847-1848 — veja-se no lugar competente do VII tomo das *Obras Posthumas,* onde o incluirei.

ção, quer no bem aparado das pennas de seus redactores, e na bem fundada reputação de grave e prudente, em extenso artigo principal do jornal de 10 de maio d'esse anno (n.º 129), escripto pelo sr. dr. Firmino Rodrigues da Silva, hoje senador do imperio, entre outras considerações e bem cabidos elogios, assim se exprime:... «procuraremos transmittir ao leitor as deliciosas impressões que sentimos ao ler os *Primeiros Cantos* do sr. Gonçalves Dias, collecção summamente variada de poesias, tão bellas como as mais bellas que tem sido inspiradas pelo genio brasileiro».....

..... «Seus versos são melancholicos ou folgazões, simplices ou magestosos, conforme as exigencias do assumpto, mas sempre tão repassados de harmonia que se gravam de per si mesmo na memória de quem os lê. A rima é facil; sem que ninguem o sinta, o consoante ahi vem collocar-se no fim do verso com o seu accento natural, e com tanta propriedade que ninguem se animaria substituil-o por outra palavra».

«Os sentimentos mais nobres do coração humano se abrigam n'essa alma de poeta, que se manifesta sempre tão impressionavel quer na contemplação das harmonias da natureza, quer no jogo das paixões, quer na elevação do pensamento quando admira os atributos da Omnipotencia Divina.»

Depois de transcrever algumas poesias que lhe pareceram as melhores, ao terminar esse artigo de critica litteraria, resume-se n'estes termos:

«Se quizessemos transcrever tudo quanto nos parece

primoroso nos *Primeiros Cantos*, fôra mister dar d'elles uma nova edição nas páginas d'este jornal. Não ha n'esse bello ramalhete das mais peregrinas flores uma só que não seduza, e n'essas flores uma pétala que não traga o cunho da perfeição[1].»

Pouco depois appareceu outra analyse ás poesias de Gonçalves Dias em um jornal litterario — A *Revista Universal* do Rio de Janeiro, que começava então a sua carreira jornalistica.

«O livro d'este illustre e talentoso poeta, diz elle, é e deve ser considerado como um acontecimento importante para as lettras brasileiras, porque elle encerra em si a magestade poetica, encarnada em cada um dos seus cantos; é um livro que deve vulgarisar-se, e andar em todas as mãos, porque na sua expressão sublime o pensamento está com o sentimento, o coração com o entendimento, a idéa com a paixão, e tudo isto colorido com a imaginação, e fundido com o sentimento da Religião e da Divindade.

«Não é possivel individualisar este ou aquelle canto para o recommendar, porque todos elles importam um merecimento real, mas sempre especialisaremos as *Poesias Americanas* que veem repassadas e ungidas de uma originalidade e nacionalidade muito felizes.»

Antes porém d'estes, já o havia proclamado e saudado outro jornal do Rio, a *Sentinella da Monarchia* de 14 de

[1] Vej. no VII volume das *Obras Posthumas* onde virá tambem transcripto este artigo magistral.

abril, que no seu n.º 903, e pela penna do ex.mo sr. conselheiro Martim Francisco, tambem poeta, assim começa:

«Eis ahi um author modesto, que nem foi annunciado pomposamente pelos jornaes, nem ageitou compadres que lhe assoalhassem o merito .....

..... «Bem quizeramos (conclue elle) indicar algumas das muitas bellezas que se descobrem no seu volume; porém receamos fazel-o em uma folha, que não sendo totalmente litteraria, não póde admittir em suas columnas artigos extensos d'esta ordem. Contentamo'-nos com escolher e dar aqui uma d'ellas.

.....

«Ao terminar, diremos ao poeta que não deve ser tão timido quem, como elle, se apresenta no mundo litterario com um volume de tão bellas inspirações.»

Se quizesse transcrever tudo quanto sahiu á luz na imprensa brasileira e ainda na de Portugal, louvando e ennaltecendo os *Primeiros Cantos*, seria trabalho demasiado longo: basta dizer que não só estes, que acabo de citar, como o *Ostensor*, e outros jornaes da côrte e das provincias teceram-lhe á competencia encomios expontaneos, brotados do enthusiasmo que produziram seus versos[1]. «Não conheço, nem sequer de nome um só dos que teem escripto a meu respeito: não consenti que nenhum dos meus amigos me elogiasse», escrevia-me elle em dacta de 5 de julho de 1847.

[1] Vej. no Appendice a primeira parte da nota — G — que tem por titulo *Bibliographia*.

Estava então bem longe de prever que sería glorificado por um dos maiores vultos de Portugal! Não acho expressões com que possa descrever a extrema alegria que manifestou o poeta quando em um dos dias de novembro de 1847 entrando-lhe eu pela sala onde trabalhava, dei-lhe a ler o número da *Revista Universal Lisbonense*, onde vinha o artigo do sr. Alexandre Herculano. Foram momentos de louco prazer. Lêmos e relêmos o artigo e o commentamos uma e muitas vezes, fazendo observações sobre o nome e qualidades do author, a expontaneidade, as conceituosas phrases e as circumstancias que concorreram para isso. Tudo notámos, desfiámos e applaudimos.

É bem que se conheça como foi parar a obra do nosso poeta ás mãos do egregio litterato portuguez. Sendo remettido um volume dos *Primeiros Cantos* ao sr. Ricardo Henriques Leal, que então se achava em Lisboa, este sentiu tão ineffavel gôso com a sua leitura que desejou saber a opinião de uma das primeiras notabilidades litterarias de Portugal: e por isso deu-o ao sr. Bertrand para que o mostrasse ao sr. Alexandre Herculano e soubesse d'elle o juizo que formava d'essas poesias. O livreiro assim o fez, e passados dias declarou-lhe o eximio litterato transportado de enthusiasmo que se lhe não daria de ficar com aquelle excellente livro que lhe proporcionára horas tão aprazíveis, e dentro em pouco appareceu na pag. 5 do tomo VII da *Revista Universal Lisbonense* de 1847 esse artigo tão animador e benevolo, e onde dizia do livro: «Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspi-

rações de um *grande poeta*. A terra de Sancta Cruz, que já conta outros no seu seio, póde abençoar mais um illustre filho.»

Com ter alcançado desde o apparecimento de seus *Primeiros Cantos* tão radiosos trophéus, e tão universal reputação, havia quasi um anno que estava posto no Rio de Janeiro sem obter um emprêgo que lhe assegurasse a subsistencia e lhe désse folga para poder realisar seus projectos litterarios, e ainda assim frequentava a bibliotheca pública onde continuava a compulsar com profunda attenção todas as obras relativas á história patria, scismando desde então escrever a *História dos Jesuitas no Brasil*, para o que já colhia materiaes, como m'o participou em carta de 23 de janeiro de 1847.

«Continúo com os meus estudos para os romances historicos que devem de ser, com os dramas e a história dos jesuitas, as minhas unicas obras em prosa.

«Tenho lido muito alfarrabio velho, muita chronica antiga; se não sahirem bons não será nem por falta de estudo nem de meditação sobre a materia. É a primeira vez que me tenho dado ao trabalho de tomar apontamentos, e para a primeira vez tenho bons cadernos cheios de massada indigesta.»

Depois de um anno de promessa, realisaram-se as esperanças do poeta com a creação do lyceu de Nictheroy. Noticiando-me a expectação em que estava d'esse arranjo, dizia:

«Ha perto de um anno que aqui estou e por ora nada de arranjar-me — até d'isso vou perdendo as esperanças.

Os nossos grandes homens recebem-me com a carinha n'agua, namoram-me quasi como se eu podesse dispor de alguns votos, e estou certo que se fôr bem recebido pelo Imperador, a quem terei a honra de ser apresentado um d'estes dias, ninguem será mais festejado, mais gabado, mais apreciado, mais acariciado que eu; veremos pois se os bons olhos do nosso monarcha farão mudar a minha estrella; de promessas já estou farto, de esperanças me vou fartando, e um anno de espera, é já muito! Qualquer dia ponho-me ao fresco e vou plantar batatas que é melhor que fazer versos.»

(Carta de 5 de julho de 1847.)

«Vae crear-se um lyceu em Nitheroy. As cadeiras estavam todas dadas menos a de inglez, e as dos substitutos, e é cousa possivel encaixarem-me em uma cadeira *substituida,* em idealidades, com a gratificação de secretario, o que, sommando tudo juncto, dá exactamente a metade do que me é preciso para viver no Rio de Janeiro, *silicet* um conto ou uma história.»

(Carta de 7 de agosto de 1847.)

Foi com effeito provido no lugar de secretario e professor adjuncto da cadeira de latim d'esse estabelecimento com um magro ordenado que apenas lhe chegava para passar com muita economia.

Approximava-se o dia da abertura das aulas e installação do lyceu, e incumbia a Gonçalves Dias, como seu secretario, ler um discurso appropriado ao acto. Vel-o-heis agora em áncias e enleiado, sentindo os calafrios que accommettem o estudante por occasião de seu acto do pri-

meiro anno; porque para elle, acanhado e inimigo de tudo quanto tinha resaibos de vaidade e ostentação, apresentar-se a fallar em público era cousa difficil, e que só fazia coagido pela fôrça das circumstancias e quando não podia de nenhum modo eximir-se d'isso. Na vespera d'esse acto escrevia elle ao sr. dr. A. Theophilo:

«Ámanhã (5 de setembro de 1847) é o dia da installação do lyceu de Nictheroy, onde sou adjuncto com o cargo de secretario—1:000$000 réis, que é pouco menos da metade do que me é preciso annualmente para viver n'esta bemdicta terra, onde se falla em contos de réis, como quem diz vou beber um copo d'agua. Incumbiram-me o *discurso de abertura,* não sei se merecerá as honras da impressão, nem se me estenderei com a sua leitura: desde Coimbra que não leio dissertações em público!»

Não podia vencer-se, e entre receioso e vexado, leu esse discurso com voz fraca e breve, como quem queria ver-se desapressado d'elle, e nem consentiu que o publicassem[1].

A glória que havia já adquirido, com ser tamanha, não o embriagava a ponto de esquecer-se da obrigação em que estava de aperfeiçoar-se e trabalhar em prol das lettras nacionaes. Incançavel e probo, era isso antes poderoso incentivo para aguilhoal-o e exigir d'elle fructos mais desenvolvidos e sazonados.

«Continúo, escrevia elle a 3 de setembro do mesmo an-

[1] Vej. no vol. VII das *Obras Posthumas,* onde sahirá impresso pela primeira vez.

no, a estudar materia para escrever a *História dos jesuitas no Brasil*. Tenho muito que estudar! É um dos élos que se me faz preciso para o meu círculo litterario, um traço na superficie que eu pretendo encher.

« Sahi-me bem de meus ensaios lyricos, menos mal do meu trabalho dramatico, o meu poema não tem desagradado a quem o tenho mostrado; falta-me pois o romance e a história.»

Depois de publicado o seu primeiro livro de poesias, voltou-se com effeito para o theatro. Tinha escripto em Coimbra dois dramas—*Pat Kull* e *Beatriz Cenci*. Não estava contente com o primeiro e pretendia refundil-o, ou então transformal-o em romance historico, e quanto á *Beatriz Cenci* fel-o copiar e entregar por interposta pessoa ao presidente do Conservatorio Dramatico. Queria ver o seu trabalho julgado pelo que realmente valesse, e não avaliado e approvado em homenagem ao nome do author.

Vieram os inexoraveis censores confirmar que a capa é que n'este mundo faz o monge, descarregando a mão tente profundos golpes no drama desajudado de padrinho e de paternidade. Descobriram-lhe mil defeitos de grammatica e gallicismos imperdoaveis, na essencia immoralidades em barda e na fórma muita inverosimilhança.

Magoou-se Gonçalves Dias d'este juizo na parte concernente aos gallicismos, erros de linguagem e d'estylo; porque prezava-se de purista e jurou *in petto* despicar-se de uma maneira conforme a seus brios e generoso coração, e emprehendeu desde logo essa collecção admiravel de *Sextilhos de fr. Antão*, como unica e cabal resposta

e prova do seu conhecimento da lingua portugueza, não só para escrevel-a com vernaculidade, senão no estylo de qualquer das phases de sua transformação, como a 23 de janeiro de 1847 noticiou-m'o :

«Estou agora compondo uma collecção de *rimances* que hei de imprimir com o nome de um reverendo padre de S. Domingos que Deus tem ha mais de trezentos annos; é obra pequena. Já escrevi um d'elles em portuguez antigo, tu o verás.»

Em quinze dias já os tinha escripto e posto a limpo, e passou a compor o seu drama *Leonor de Mendonça*. Dizia-me então com muita graça: «Estou fazendo uma duqueza de Bragança muito bem comportada e grave, tanto que nem um frade de S. Domingos sería capaz de condemnal-a ao fogo, quanto mais os censores do Conservatorio. E de feito, subindo pouco depois á censura do Conservatorio, este deu mui lisongeiro parecer, approvando o drama».

Muito antes, porém, d'esse trabalho, já imaginava o seu poema—*Os Tymbiras*—, cuja idéa foi-lhe suggerida em um passeio feito a um dos sitios mais pittorescos dos arredores do Rio de Janeiro. Deixemos a elle nol-o referir:

«Saberás que estive cousa de cincoenta dias em uma chacara do Serra, em *Macacos*, e durante todo aquelle sancto ocio, como dizia Virgilio, nada mais fiz do que fumar, caçar e imaginar. Imaginei um poema... como nunca ouviste fallar de outro: magotes de tigres, de coatys, de cascaveis; imaginei mangueiras e jaboticabeiras

copadas, jequitibás e ipés arrogantes, sapucaeiras e jambeiros, de palmeiras não fallemos; guerreiros diabolicos, mulheres feiticeiras, sapos e jacarés sem conta: emfim, um genesis americano, uma *Illiada Brasileira,* uma creação *recreada.* Passa-se a acção no Maranhão e vae terminar no Amazonas com a dispersão dos *Tymbiras;* guerras entre elles e depois com os portuguezes. O primeiro canto já está prompto, o segundo começado.» (5 de julho de 1847.)

Foi-lhe entrementes conferido o diploma de socio effectivo do Conservatorio Dramatico, que não acceitou por lhe não dar aprêço; não acontecendo outro tanto ao do Instituto Historico e Geographico Brasileiro que recebeu por esta occasião e tomou como distincção honorifica de subido valor.

Sollicitado pelo sr. Picot, que editava uma collecção de dramas pela mór parte traduzidos do francez, fez imprimir no *Archivo Theatral* a *Leonor de Mendonça,* sem nenhum dos direitos de author, tanto que, se quiz ter exemplares com que mimosear os amigos, ficou no desembolço de 30$000 réis. «A proposito do meu drama, escrevia elle a 12 de outubro de 1847, dei-o ao Picot para publicar na sua collecção do *Archivo.* Impresso o drama, fui agradecer-lhe, visto que tinha tido a bondade de m'o imprimir *gratis,* isto é, visto que a impressão foi por sua conta e risco, só por *obsequiar-me!* Disse-lhe que tinha amigos aqui e nas provincias a quem pretendia mimosear, e que para isso precisava de cincoenta exemplares. O homem fez uma careta, e se os quiz tive de gastar

30$000 réis. De maneira que a sr.ª duqueza veiu por fim de contas a custar-me trinta dias de estudos, trinta noutes de trabalho, trinta provas que revi, trinta supprimentos que fiz, e por último 30$000 réis que tenho até hoje gastado em comprar as minhas queridas filhas!»

Em fins d'esse anno, começo do de 1848, veiu engastar na sua corôa mais uma explendorosa joia — *Os Segundos Cantos* —, que foram muito applaudidos e admirados. Entre outras appreciações que appareceram sobre esta producção são mais notaveis os artigos do sr. Manuel de Araujo Porto Alegre (barão de Sanct'Angelo) no *Correio Mercantil* de 12 de julho d'esse mesmo anno, o do dr. José Hermenegildo Xavier de Moraes na *Revista Brasileira*, e o do sr. Augusto Frederico Colin, que tendo antes analysado o drama *Leonor de Mendonça*, no *Publicador Maranhense*, e no *Progresso*, periodicos politicos e commerciaes do Maranhão, deu dos *Segundos Cantos* lisongeira notícia nos n.os 4 e 7 da *Revista Universal Maranhense* de 1848.

Annos affanosos e quasi estereis foram para o poeta os de 1848 e 1849!... Os lugares do lyceu de Nictheroy tinham sido extinctos e elle para viver com a decencia que exigiam as relações que sua grande reputação lhe grangeára e com aquella independencia que lhe era innata, teve de luctar, sujeitando-se a grandes privações!

Affligia-o sobretudo não poder continuar a supprir de meios sua velha e pobre mãe, a quem fornecia uma mezada; e não querendo ao mesmo tempo abusar da

bondade de seu amigo, o conselheiro João Duarte Lisboa Serra, acceitando de novo um prato em sua meza, teve de entregar-se a toda a sorte de trabalhos. Em 1848 fazia extractos das sessões da camara dos deputados para o *Correio Mercantil*, e escrevia tambem artigos humoristiscos e folhetins para o mesmo jornal, e no seguinte anno passou a ser redactor dos discursos do senado para o *Jornal do Commercio*. N'esse insano labor de todas as horas mal tinha tempo para repousar: e menos ainda para occupar-se de litteratura, abandonando seu poema e outros trabalhos com tanto amor encetados ou apenas planeados, reservando os seus brevissimos ocios para admirar uma beldade que o trazia então prêso por seus encantos.

A proposito d'essa menina que lhe inspirou os *Olhos verdes*, esses mimosos e bellissimos versos, succedeu um caso que vem a pello recontar. Não eram esses galanteios de salão mais do que simples passatempo sem nenhuma consequencia. Entendeu, porém, um tio d'ella, major reformado, ou cousa que o valha, que devia levar a cousa á fôrça. Fossem reminiscencias bellicas e brios mui irritadiços ou desejo de casar a sobrinha, sahiu-se de seus cuidados, e recebe Gonçalves Dias uma bella manhan uma carta d'aquelle, impondo-lhe terminantemente casar com a parenta ou batter-se com elle em duello! Era como que uma segunda edição do proverbio — casar ou metter freira — correcta e augmentada; mas o poeta que não estava resolvido nem a casar nem a morrer, e enxergava em tudo isto o ridiculo que viria d'este negocio se chegasse

a transpirar, não respondeu ao cartel de desafio, e assim ficou em nada essa bravata, e o Ferrabraz foi prégar em outra freguezia.

Bem tarde accudiu-lhe o govêrno nomeando-o a 5 de março de 1849 professor de história patria e do 2.º e 3.º anno de latim do collegio de Pedro II, e postoque não bastasse o ordenado para suas despezas, dava-lhe esse emprêgo certa estabilidade e folga.

Emprehenderam então elle e os srs. dr. Joaquim Manuel de Macedo e M. A. Porto-Alegre, aos quaes ligava a mais fraternal amizade, a publicação de uma revista litteraria mensal, com o titulo de *Guanabára*, recordação do nome indigena do Rio de Janeiro, e a 2 de dezembro (1849) sahiu o primeiro número, que levaram os tres redactores a Sua Magestade o Imperador n'esse mesmo dia, que é o do anniversario do seu fausto nascimento. Iam os dois amigos com as veneras de suas condecorações pendentes ao peito, e Gonçalves Dias com a casaca limpa de toda e qualquer distincção honorifica. Conheceram seus confrades pelo olhar do monarcha, que elle reparára n'isso.

No dia seguinte entre os milhares de mercês e titulos, como então era de costume distribuirem-se, appareceu no meio de centenas de nomes de nullidades agraciadas com gran-cruzes, commendas e officialatos, o do poeta com o hábito de cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa, e foi esta a unica mercê e distincção que teve em sua vida. Gonçalves Dias no seu desaffectado desprendimento de ostentações vaidosas, não queria tirar o diploma nem

comprar a venera, e quando se lhe perguntava por isso, costumava obtemperar: «Nada, não quero que me confundam com algum tendeiro ou negreiro, basta que embrulhem aquelles a manteiga e o assucar com o que escrevo!» Encostava-se n'este parecer ao do padre Antonio Vieira, de que as commendas em certos peitos não são cruz, são aspa, e quando via tantos sambenitados da honra, honrava-se de não ser um d'elles.

Não pensava, porém, assim o conselheiro João Duarte Lisboa Serra, e um dia em que o amigo jantava em sua companhia, veiu surprehendel-o o filho mais velho d'este pregando-lhe um habito ao peito e presenteando-o com o diploma.

Vivia já mais folgadamente com os resultados que lhe subministravam o professorado e a penna litteraria, e por isso deixou em 1850 a residencia meio franciscana da rua da Misericordia, passando a habitar um primeiro andar de casas á rua dos Latoeiros, denominada depois da sua morte — rua *Gonçalves Dias*[1].

Escreveu ahi o seu drama — *Boabdil* — collaborou para o *Guanabára,* sahindo n'esta revista, de que foi redactor só até findar o primeiro semestre d'esse anno, varios e importantes artigos seus; foi tambem assiduo ás sessões do Instituto Historico, onde leu diversas memó-

[1] Em Caxias ha hoje uma praça — *Gonçalves Dias;* e na nossa capital, onde ergue-se soberbo um monumento á sua memória, riscou uma camara municipal a denominação que de reconhecidos haviam alguns brasileiros posto em uma d'ellas, para attestar sua passagem em 1846 na nossa cidade!

rias, taes como — *O Brasil e a Occeania* — que é um monumento de investigação e erudição, e deu pareceres e tomou parte activa nos debates, principalmente nos que versaram sobre questões de limites.

Em carta de 4 de abril de 1850, annuncia ao seu amigo, o sr. dr. A. Theophilo, que ía deixar a redacção do *Guanabára:* «Estou horrivelmente zangado com o *Guanabára* e como não estou disposto para aturar mais massadas, vou dar-lhe de mão no fim do semestre». Assim o fez; e como já projectava a sua almejada viagem ao norte do Brasil, tambem despediu-se por este tempo do *Correio Mercantil.* «Deixei os trabalhos das camaras (escrevia elle a 5 de maio de 1850) porque as febres amarellas deixaram-me a cabeça em um estado de continuada vertigem; em ficando melhor, principiarei com os meus trabalhos do Instituto, e darei ao mesmo tempo para a imprensa os meus *Ultimos Cantos* ou isso depois que acabar o *Boabdil.*

«Tenho ultimamente escripto muito para o *Correio Mercantil,* mas cousa *que sirva* — nada; estupido e aborrecido. Lastimo mil vezes o dia infeliz que me aventurei em uma comedia da qual se não póde retroceder sem desdoiro. Faço mil calculos por hora, porém o mais teimoso de todos e que me convem é sahir do Rio por uma temporada, pois que me vou bestificando demasiadamente. Não sei ainda se vá ao Prata ou ao Amazonas, viagens d'aquellas a que estou acostumado de longa dacta: — olhos no ceu, mãos nos bolsos vasios, olho para a norte e para o sul, para o poente e para o nascer do sol e

posso dizer como o poeta na tristeza do meu coração:

«Nulle part le bonheur ne m'attend!»

Apreciando o visconde de Mont'Alegre, então ministro do imperio, o espirito investigador e activo do poeta, o encarregou d'examinar minuciosameete os cartorios dos mosteiros, e archivos de camaras municipaes e de secretarías das provincias ao norte da côrte do imperio, a fim de serem transferidos para o Archivo Publico os documentos mais importantes que n'elles encontrasse; bem como o estado da instrucção pública n'essas provincias, de que daria conta circumstanciada ao govêrno.

Começou Gonçalves Dias a exercer essa missão pela cidade de San'Luiz do Maranhão para onde partiu a 21 de março de 1851. Antes, porém, de emprehender essa viagem, publicou os seus *Ultimos Cantos*, que foram na verdade os *ultimos;* porque mui ráras poesias lyricas produziu depois.

Parece que o coração lh'o presagiava quando dirigindo-se ao sr. dr. A. Theophilo na dedicatoria d'esse volume, exprimiu-se n'estes termos: «Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espirito enfermo.....»

Ia extinguir as fundas saudades, que o amarguravam, no seio da amizade e nos sitios que lhe recordavam passados gosos da infancia, «voltando á habitação singela,

como dizia na referida dedicatoria, onde correram felizes os primeiros annos da minha infancia.»

«Minha alma não está comigo, não anda entre os nevoeiros da Serra dos Orgãos, involta em neblina, balançada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella—lá está a espreguiçar-se nas vagas de San'Marcos[1], a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre viram, nas paizagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cafezeiro coberto de cipós e o pau d'arco de flores amarellas. Alli sim—alli está—desfeita em lágrimas sobre as folhas das bananeiras—desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo e que, em bem, veja eu em breve!»

Imperscrutaveis e fatidicos arcanos do destino! Onde esperava o desditoso poeta encontrar a felicidade, os gosos e alegrias que offerecem o commércio dos amigos, veiu por ludibrio da sorte a mais violenta paixão angustiar-lhe para sempre o resto de seus cançados dias, entenebrecendo-lhe os pensamentos e perseguindo-o incessante e sem piedade.

Não foi isso, comtudo, obstaculo para que deixasse de desempenhar sua commissão com todo o disvelo e hon-

[1] Serra dos Orgãos é o mais alcantilado cabeço da cordilheira que circumda a bahia do Rio-de-Janeiro, e San'Marcos, o nome de uma das bahias proximas á cidade de San'Luiz do Maranhão...

radez, percorrendo as provincias desde o Pará até a Bahia, e visitando e examinando em todas ellas as escholas, lyceus, academias, cartorios de conventos e secretarías das presidencias e de camaras municipaes com aquella curiosidade e zêlo com que costumava cumprir seus deveres, escolhendo quantos documentos lhe pareceram dignos de guardarem-se no archivo público da côrte. Formulou de quanto viu e estudou importantes e mui substanciosos relatorios que jazem no pó da secretaria dos negocios do imperio, ou em mãos particulares que os podem extraviar ou nunca mais os restituirão, como se lastíma o proprio poeta[1].

Assim vão muitas das nossas cousas, umas por indifferentismo e negligencia, outras por ignorancia d'alguns dos nossos estadistas, que suppondo-se na sua fatuidade omniscientes logoque vestem a farda de ministro, olham por cima do hombro os homens de merito e de sciencia, affectando censuravel desdem por quanto não é politica, e deixam desbaratarem-se muitas riquezas, que envôltas em informações, pareceres e outros documentos que sobem á presença d'elles, perdem-se em parte pelo desmazelo e incuria das nossas repartições; por isso que no nosso paiz o tempo é pouco para eleições e questões individuaes, que de mui insignificantes, tomam ás vezes gigantescas proporções á medida dos interêsses vis e baixos que as insufflam e as exploram. Usando de uma

[1] Veja-se na nota—I—onde vem transcripta a carta dirigida a 17 de março de 1859 ao Ministro d'Estrangeiros.

phrase chistosa do nosso distinctissimo poeta, o sr. Manuel d'Araujo Porto-Alegre (barão de Sanct'Angelo) direi com elle que os nossos ministros quando se empossam nas pastas, são accommettidos de uma triste e ridicula infermidade—a *peruite*—, que os faz rodopearem e incharem como as aves que dão o nome a similhante achaque.

Não foram de todo isentas de contrariedades estas peregrinações pelas nossas provincias: geralmente bem acolhido e festejado por todos os que o admiravam, encontrava coadjuvação nas authoridades, menos no presidente da Bahia, que então era o barão de San'Lourenço, que lhe não permittiu examinasse o archivo da secretaria do govêrno. Na capital do Maranhão deixou a borboleta de esvoaçar de flor em flor, attrahida pela chamma de vivo e intenso amor que lhe queimou as azas. Enamorou-se o poeta d'uma rapariga tão gentil quanto espirituosa, e cujas.

Fórmas tão donosas,
Tão airosas,
Fórmas da terra não são;
Pareces anjo formoso
Vindo da etherea mansão[1]

Eram recordações da *Leviana,* creança folgazona em 1846, que reviviam agora ao contemplar a mulher mais encantadora com os annos, mais perigosa pelas seduc-

[1] Vej. *A Leviana (Cantos,* ediç. alleman. de 1857) pag. 22.

ções de suas fórmas já desenvolvidas, e do espirito tão prendado e agudo. Vendo-se e fallando-se a toda a hora, desintranhando-se ambos em affectos, refinados na mais divinal, pura e ardente paixão, amaram-se loucamente e nunca mais deliram-se da memória do poeta aquelles momentos de arroubo e de requintada e ineffavel felicidade, tanto que passados annos, alquebrado de encontrados lances, ainda lhe vinham de contínuo saltear a imagem d'aquella mulher, e as dulcissimas recordações d'aquelles breves e captivos dias que passou nas serenas e singelas prácticas do mais innocente e descuidoso amor. Lá nas desertas e silenciosas margens do Amazonas, em 1861, ainda se embevecia com as saudosas memórias d'esses tempos, e d'aquella parte do edificio em que habitava — d'esse eremiterio poetico na sua mudez, d'esse jardim que tinha:

«Duas salas, um terraço,
Poucas flores, muito espaço,
Muita luz mas a melhor,
—A flor do teu coração,
A luz do teu sancto amor.
Não tinha a casa pintura,
O chão não tinha cultura:
Paredes nuas, ladrilho,
Tudo singelo sem brilho...
Ninguem diria a ventura
Que alli se podéra achar!»

Era-lhe grata essa soledade, porque a cada aurora e a cada despedida do astro do dia ahi vinha a fada de seus pensamentos alegrar-lhe a alma.

.....
«.... ninguem sabia
Que tu ali vinhas ter
A cada romper do dia
Como um raio de alegria!
É que o sol no seu morrer
Seus raios ali mandava,
Como que nos fixava
A história do amanhecer! [1]

Gonçalves Dias antes de partir do Maranhão para continuar no desempenho da sua commissão, pediu por carta a mão d'aquella joven[2], mas teve a cruel decepção de lh'a recusarem os paes d'ella, não porque seus subidos merecimentos não fossem sobejos titulos para honrarem a familia a que houvesse de alliar-se o poeta, senão tolhidos pelos preconceitos da nossa mal constituida sociedade.

Custa crer, em verdade, que n'estes tempos tão adeantados, esclarecidos e reparadores de tantas injustiças geradas, umas das leis de ferro dos romanos, outras das eras de barbaria e obscurantismo da edade media, ou das preocupações de casta, e de costumes quando as sociedades sahiam da infancia, ainda predominem até hoje no Brasil e com todo o vigor, a despeito das idéas philosophicas do nosso seculo. É fôrça, pois, que cahiam essas injustas antemuraes interpostas á felicidade e á fraternisação de parte dos nossos similhantes, sendo bemvindos

[1] *No jardim.* Vej. *Obras Posthumas,* vol. I, pag. 16.
[2] Vej. no *Appendice,* transcripta na nota A.

na sociedade brasileira todos aquelles que forem dignos por seus talentos e virtudes, havendo nas relações de familia tão facil accesso quanto o que ha na carreira politica, onde os homens livres são eguaes entre si e aspiram concorrentemente ás posições, exercendo todos os mesmos direitos e chegando ás maiores alturas os que são bafejados pela fortuna.

A quem considera os factos á luz da san philosophia, e com o ánimo desprendido e despreoccupado, não ha de revoltar essa muralha chineza insuperavel e ameaçadora, levantada contra aquelles que tiveram a desdita de provirem da illegitimidade, ou em cujas veias corre sangue africano ou indigena, postoque ás vezes de remota extirpe, e postoque seu espirito culto e elevado, seus incontestaveis dotes moraes e intellectuaes, ou seus actos nobres, generosos e preclaros o distanceiem e colloquem muito acima de outros que só teem a seu favor o nascimento de origem europea para lhes dar ingresso no gremio da sociedade e gyneceu da familia?! Viu-se jámais cousa tão descaroavel e iniqua como vedar-se-lhes a alliança com certas familias e até fecharem-se-lhes as portas de alguns salões, como ainda se practica hoje em dia onde a civilisação não entrou ou se conservam deploraveis abusões, para com os mestiços que se não apresentam condecorados com titulos nobiliarios, ou não são ministros, juizes, legisladores, presidentes, altos funccionarios, ou senão novos Cresos? Não nos honram e não applaudimos os homens de côr que são poetas, romancistas, dramaturgos ou publicistas? Para que então negar-lhes a par-

tilha de nossos lares, quando o acaso do nascimento imprimiu-lhes uma tez mais tostada do que a nossa?

E era esse ferrete o tormento do nosso maior poeta, que deixava avassallar seu claro espirito por tal preoccupação, sem que as homenagens que lhe rendiam por toda a parte e os applausos de admiração a tão peregrino genio o tornassem superior a essas injustas distincções que não devem affrontar senão ás mediocridades. É que a par de grandes qualidades, ha tambem grandes defeitos, e frei Luiz de Sousa já observára na sua *Historia de S. Domingos*, que quanto mais perfeitos são os homens teem maiores contrastes, e assim succedeu a Gonçalves Dias, em quem só conhecia esse desvio e cuja breve passagem entre os homens foi para elle um tecido de infortunios e maguas.

Estava em Pernambuco quando lhe veiu a fatal recusa. Com que sobresalto e commocção recebeu elle essa carta! Tremulo, com o peito a offegar, longe de todas as vistas importunas, fechado no quarto do hotel onde estava hospedado, abre-a e fica fulminado de dor!

Deixemos a elle proprio descrever as pungitivas sensações que n'essa hora o lancearam ... «Acostumado de ha longa data aos desenganos e soffrimentos, já era tempo para mim de ser menos creança e mais soffredor. Demais chamava eu a esse casamento, se se chegasse a realisar, um casamento rasoavel. Amava, mas não pensei que amava tanto. Acontecia comigo como com quem carrega algum pêso e conhece que tem fôrça para muito mais. Amava, mas podia amar mais e muito mais; amava, porém minha

alma, adormecida com a esperança que interiormente me sorria, não estava toda occupada; amava, mas o amor que eu tinha para o amor que eu adivinhava, que me conhecia capaz de sentir, era o espaço em relação á immensidade, o tempo em relação ao infinito!

« Ainda me lembra, e como não sería assim? ainda me lembra o logar, o momento, as circumstancias em que recebi aquella fatal carta. Estava eu no correio com o major Lopes: deram-me as cartas que eu lá tinha e me esperavam em Pernambuco. Abri-as todas sem as ler, para ver de quem eram; e entre todas feriram-me as quatro linhas de D... de que eu só pude ler a assignatura, como se uma luz demasiadamente forte me offendesse os olhos. Vim para casa; e o major Lopes, tendo de visitar uma pessoa no hotel em que estou, me acompanhava. Que momentos aquelles! que anciedade! que turbilhão de ideias, contrárias, confusas, baralhadas, me accudiam ao pensamento, em quanto parecia faltar-me a terra, o ar, a vida!

« Todas as idéas e scismas que durante o espaço de quasi um anno me tinham apparecido, emballado ou entristecido, risonhas como a ventura que me esperava, ou tristes como o desespero; essas phantasias de todos os tempos e de todas as horas que atrás e dentro de mim me acompanharam pelo norte do Brasil, do Amazonas até Pernambuco, no mar e nos rios, nas florestes do teu Mearim e nas serras do Maranguape; todo esse firmamento de amor, de dúvida, de incertezas, de estrellas e de trevas desdobrou-se de novo para minh'alma! Tinha

essa carta contra o peito, ou a apertava contra mim; ella queimava-me, e eu pude conter-me, porque essa prolongação de martyrio se me assemelhava a um prazer. Alli tinha o meu futuro, as minhas esperanças, a minha condemnação, ou o premio que Deus quizesse dar-me de uma juventude trabalhada e infeliz, e de uma vida sem merecimento talvez, mas não sem lágrimas nem sem coragem.

«Então realmente começaria a vida para mim; e um momento, um sôpro de felicidade celeste me teria feito esquecer todos os meus pezares e ainda aquelles a que tu não tens recusado lágrimas!

.....

.....«retirei-me a meu quarto. Como o sentenciado que procura espaçar a leitura de sua sentença; ou porque me adivinhasse o coração, ou porque o receio me tirasse a coragem, despi-me lentamente, li primeiro todas as mais cartas e ainda hesitei chegando áquella.

«Li-a emfim! tornei a lel-a quatro e mil vezes, e d'aquella leitura só me ficou a ideia da repulsa, a consciencia de quanto eu a amava pelo que soffria, da grandeza da perda pelo sentimento d'ella. Lágrimas e soluços me revelaram toda a intensidade do meu amor e da minha infelicidade; tive de conter os meus soluços, de abafar a minha dor para que m'os não conhecessem. Estava fóra de mim, chorava e delirava e repetia comigo palavras incoherentes, absurdas, expressões amargas ou carinhosas de quanto eu sentia, como se d'essa fórma podesse adquirir

a mentida seguridade com que vivêra e revocára a imagem de meus sonhos, e collocal-a de novo, como d'antes, em frente da minh'alma para que continuasse a presidir a todos os actos da minha vida intima, á elaboração de todos os meus projectos, a todas as creações de uma glória, se tal nome lhe cabe, solitaria e esteril!...»

«Por felicidade não comprehendeu D. F... nem saberá nunca com quanto extremo era amada: os accentos da paixão que ella me inspirou, mas que não ouviu nunca, ficarão comigo e eu não os terei de repetir a mulher alguma.»

«Escrevo a D. F... que se resigne, que me esqueça: no emtanto não suspeita ella do que vae dentro em mim, e reputando-me orgulhoso, acreditará que a recusa dos paes deixou-me mais irritado que sentido, e que a não amo a ponto de romper com todos por causa d'ella. Ficará mal comigo, ter-me-ha em pessimo conceito, e se assim fôr, tranquillo de que a minha memória não perturbará mais a felicidade da sua vida, tirarei algum contentamento do unico sacrificio que n'isto faço e quasi superior ás minhas fôrças — deixal-'a persuadida que a requestei por passatempo, e talvez para sua completa tranquillidade não pare só aqui o sacrificio, leve-o mais adianta!...» *(Carta* de 6 de fevereiro de 1852).

Passando dias depois pelo Recife, onde ainda elle se achava, fui procural-o. Recebêra n'essa occasião uma carta da mulher, que adorava, e na qual exprobrava-o duramente por não ter tido a coragem nem tanto amor que o compellisse a romper com considerações d'amizade e

do mundo, indo arrancal-a da casa paterna. Á sós comigo, no recanto mais escuso do jardim d'essa casa, abraçou-me soluçando e com os olhos afogueados, fóra de si e silente, appresentou-me esse papel. Dolorosa e terrivel era sua lastimada posição: de um lado o amor a provocal-o, a obrigal-o, as vivas recordações de um passado tão proximo e venturoso a attrahil-o e essa carta a ordenar-lhe, e de outro seu character de homem de bem, a gratidão á familia, mil outras considerações de brio e de pundonor a impedil-o! Com que verdadeiras côres não pinta elle essa excruciante situação nos seguintes versos do *Ainda uma vez adeus!*

... lembras-te d'aquelles feros
Corações que se metteram
Entre nós? E se venceram
Mal sabes quanto luctei!...

Oh! se luctei!... mas devêra
Expor-te em pública praça
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seus?!

Devêra, podia acaso
Tal sacrificio acceitar-te,
Para no cabo pagar-te
Meus dias unindo aos teus?[1]

Debaixo d'estas impressões e apoz um serão em que algumas intelligentes e espirituosas senhoras da alta sociedade do Recife contestavam que o amor podesse matar, foi que o poeta compoz o — *Se se morre d'amor* — que é para mim uma das poesias mais bellas e que ex-

[1] *Ainda uma vez adeus* — CANTOS, edição alleman (1857), pag. 286.

prime os singelos e reaes sentimentos de um coração apaixonado.

Foi Gonçalves Dias mais longe nos seus melindres; porque na sua extrema delicadeza de sentimentos, entendeu que devia tirar toda a esperança áquella joven, tornando impossivel a realisação de tão contrariada paixão, e deixar o coração da amada livre e ella desligada de seu juramento, e assim cuidou de contrahir laços matrimoniaes.

Antes de sua viagem ao norte do Brasil (1851) já conhecia a ex.ma sr.a D. Olympia da Costa, cujos altos dotes intellectuaes e espirito cultivado apreciava em muito. No seu regresso entrou a frequentar a casa do digno e respeitavel dr. Claudio Luiz da Costa, pae d'aquella senhora.

Chegado ao Rio de Janeiro a 17 de junho de 1852, não tardou em pedir-lhe por intermedio de seu amigo e confrade, o ex.mo sr. commendador Manuel de Araujo Porto-Alegre (barão de Sant'Angelo) a mão da filha, realisando-se o seu casamento com a ex.ma sr.a D. Olympia da Costa aos 28 de setembro do mesmo anno (1852) na capella de N. S. da Gloria da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Assim allude a este acto da sua vida na referida poesia *Ainda uma vez adeus*:

. . . . . .
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu t'o juro;
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

Tudo, tudo, e na miseria
D'um martyrio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei!
Ella é feliz (me dizia)
Seu descanço é obra minha! — [1]

Noticiando o sr. conselheiro F. Octaviano d'Almeida Rosa esse consorcio em um d'aquelles inimitaveis folhetins do *Jornal do Commercio* scintillantes de graça e mimo, lastimava as musas, vaticinando com summo chiste a viuvez d'ellas; pois que o poeta deixaria a lyra empoeirar-se, e não despediria d'ella mais um só canto; visto como é o casamento incompativel com a poesia, e as preocupações prosaicas do homem casado não se compadecem com o viver airado de poeta. Assim aconteceu em mal das lettras, porque desde então, exceptuando alguns escriptos de obrigação, como as memórias para o Instituto Historico, relatorios de commissões que exerceu, nada mais produziu em prosa, e quanto a versos, só conheço d'elle o *Ainda uma vez adeus*, e poucos mais que veem na edição alleman e na recente (5.ª) de suas poesias com o titulo de — *Novos Cantos* — e esses que publiquei no primeiro e no segundo volume de suas *Obras Posthumas*. Censurando-lhe o dr. A. Theophilo de C. Leal esse *farniente* ou esterilidade do poeta, respondeu-lhe Gonçalves Dias gracejando do caso:

«Quando os antigos aconselharam o celibato para a vida intellectual, faziam bem. A virgindade do pensamento

[1] *Ainda uma vez adeus* — Cantos, edição alleman de 1857, pag. 287.

ou antes da alma é uma fôrça que se multiplica pelo infinito, quando se encontra com o genio, com o estudo e com a outra virgindade. Foi isto por certo o que pretenderam symbolisar no mytho das musas que representam como solteiras, dando a entender que aos philosophos, aos mathematicos, aos astronomos, etc., e principalmente aos poetas, era sobretudo conveniente viver só. Nem será isto contra a natureza, porque são de ordinario pouco prolificos os homens que vivem a vida do pensamento; se teem filhos, não perpetuam a sua geração, e é bem raro passarem da terceira. Os descendentes de Homero, de Virgilio, de Camões, de Tasso, de Dante, de Milton, são *Illiadas, Eneidas, Lusiadas, Jerusalens libertadas, Divinas comedias, Paraizos perdidos,* descendencia gloriosa e eterna, que é ao mesmo tempo herança e brazão do espirito humano.

«Não quero dizer que me abalançaria a embocar a *tuba canora e bellicosa,* não, mas ainda para cantar sabiás e palmeiras! Ora, se as musas são mulheres, ciosas e caprichosas — como todas! — não queriam bigamos, quanto mais *decagamos* que é palavra tão escorregadia! Que queres? Divorciei-me das musas e vivo sizudo, grave, e qualquer dia barrigudo como verdadeiro *pater familiæ.* Os versos já não são para mim, agora só se for algum suporifero e pantafaçudo relatorio de commissão ou parecer da respectiva secção da minha secretaria.» *(Carta* de 5 de novembro de 1853.)

Vagando um lugar de official na secretaria dos negocios estrangeiros, foi Gonçalves Dias nomeado para elle

a 28 de dezembro de 1852, e seja dicto para honra e louvor do ministro que o nomeou, o visconde de Uruguay, que foi expontaneo esse acto de justiça e homenagem, e sem que o poeta houvesse requerido.

Julgando o ex.mo sr. conselheiro Pedreira (hoje visconde do Bom Retiro) então ministro do imperio, de summa utilidade o exame do estado da instrucção pública nos paizes cultos da Europa, bem assim a investigação e cópia de todos os documentos de interêsse para a nossa história e dos limites das nossas fronteiras, de modo que fosse enriquecido com elles o *Archivo Publico*, quasi baldo do que respeita aos tempos coloniaes, o encarregou d'isso por propria deliberação ou por instigação e conselho do nosso illustrado monarcha, como o dá a entender o proprio poeta n'este periodo de uma carta de 8 de fevereiro de 1853: —«Emfim supponho que vou á Europa. Será isso em tempo breve.

«Já fallei ao Imperador e vou, ou por outra, quero dizer que por elle não será a duvida, e que antes será d'elle que me virão as facilidades.»

«Se for (continúa) é por dois annos ao menos. Corro a Europa, vejo a exposição de París, aprendo o grego, alguma cousa de sciencias naturaes, um pouco de musica, plastica, etc.! Escrevo dois ou tres volumes e vólto, se se me não offerecer outra cousa melhor.»

Era com tão boas disposições que preparava-se o poeta para sua primeira viagem á Europa; e depois de uma ausencia de dez annos, ía rever de passagem os encantados sitios de Coimbra, avivar seu passado, demorar-se

em Paris, visitar a Italia e a Allemanha, realisar emfim os sonhos mais risonhos que lhe occupavam incessantes o pensamento.

QUARTA PARTE

N'esta agitada phase da vida do poeta fecha-se o cyclo angustioso de sua trabalhosa existencia.

A 15 de junho de 1854 partiu para a Europa, levando comsigo a esposa e uma cunhada.

Foi acolhido em Lisboa com fraternal enthusiasmo pelos litteratos portuguezes, e os jornaes de todo o reino deram noticia da sua chegada em termos assaz lisonjeiros e como de quem rendia preito de admiração a tão illustre e célebre hospede; mas ainda d'esta vez para que não durassem por muito tempo as alegrias do poeta, veiu o amargo travo do pezar entornar sobre ellas seu negro fel.

A *Laura* do nosso Petrarcha, não desmentindo a *Leviana* dos *Primeiros Cantos* e sempre

..... vária e melindrosa
Qual formosa
Borboleta n'um jardim

esqueceu-se do objecto de seus amores e dedicou-os a outrem (fatal destino!) nas mesmas desfavoraveis condições de origem e nascimento, e sem o nome, a glória e os predicados que exalçavam o grande poeta e lhe ornavam a corôa de artista. Como era de razão, oppoz-se a familia a um casamento tão desproporcionado e desvantajoso, tanto que para sua realisação foi de mister interferir a justiça. Um mez depois esse individuo, que era negociante, tinha fallido fraudulentamente, e para evitar a prisão occultou-se e fugiu furtivamente para Lisboa. Foi em uma das ruas d'esta cidade que o poeta encontrou inesperadamente aquella mulher d'antes risonha, trajando sedas e toda louçan, e agora pobre, abattida, com as feições desfeitas e trocadas as galas dos tempos felizes em rigoroso e profundo lucto! O latente e mal sopitado fogo da paixão ateou-se violento, e as feridas não de todo cicatrizadas reabriram-se de subito com apparição tão improvisa. Rebentaram-lhe involuntarias lágrimas, e desvairado voltou para casa, onde a sós comsigo deu largas á comprimida dor que lhe despedaçava o peito. Foi n'esses transes tão dolorosos e crueis que brotou-lhe viva, sublime e verdadeira essa plangente poesia — *Ainda uma vez adeus* —[1] fiel cópia do estado de sua alma. Ao visital-o pouco depois em París, para onde partiu, Manuel Odorico Mendes, a quem a dera a ler, attirou-se-lhe este nos braços, declarando-lhe que nunca poesia alguma lhe fizera derramar

[1] Vejam-se *Cantos*, edição alleman de 1857, pag. 287, ou *Poesias* 5.ª edição), pag. 340 do tomo I.

mais dorídas e sinceras lágrimas do que essa, sendo que n'isso resumia o maior e melhor elogio que d'ella lhe podia fazer. É que almas assim privilegiadas, e afinadas pelo sentimento do bello, adivinham e descobrem o que é dor real, e que irrompe involuntaria do peito de quem a soffre!

Nasceu-lhe a 20 de novembro, já em París, uma filha, fructo de seu consorcio; mas tão fraca e enfermiça que entendeu ser-lhe a ella util, como tambem á mãe, que padecia no clima da Europa, uma viagem d'alto mar e mudança para os ares patrios. N'essa conformidade mandou-as para o Rio-de-Janeiro em companhia do sogro. A 17 de abril de 1855 já se achavam alli, onde não houve cuidado nem medicina que valessem á creancinha, que a 24 d'agosto, dia immediato ao do anniversario do nascimento do poeta, já estava na mansão dos justos.

Sentiu elle profundamente esse golpe, cuja memória trazia tão gravada no coração que ainda em 1861, nas afastadas e selvaticas solidões do Amazonas onde o aculeava toda a sorte de recordações tristes e saudosas, dedicou-lhe várias poesias, como m'o communicou em mais de uma carta e das quaes conservei uma que com o titulo de—*Estancias*—vae publicada no primeiro volume de suas *Obras Posthumas*[1].

Depois de ter percorrido a Belgica, a Inglaterra, a Italia, a Suissa e differentes estados da Confederação

[1] Veja-se a pag. 1 do indicado volume e na pag. 7 do *Parnaso Maranhense* (obra impressa no Maranhão em 1861).

Germanica, a fim de examinar em paizes onde a instrucção pública está tão adiantada quaes os systemas mais convinhaveis a adoptar-se na nossa patria, tornou-se a Lisboa onde entregou-se a investigações de documentos historicos na Torre do Tombo e nas bibliothecas nacionaes d'Evora e de Lisboa, mandando extrahir cópia de tudo quanto lhe pareceu de proveito para a nossa história, e para as questões territoriaes, como sesmarias, foraes, privilegios etc., que tudo enviou para o Archivo Público, não se descuidando tambem do Instituto Historico para cuja bibliotheca adquiriu manuscriptos, bem como obras raras e cópia de outras de que não sabia de mais de um exemplar.

Chegando a esta cidade o nosso distincto litterato João Francisco Lisboa em julho de 1856, lembrou-se Antonio Gonçalves Dias, no intuito de ser-lhe util, e por julgal-o tambem conveniente ao serviço público que, dos trabalhos de que se achava incumbido na Europa, fosse commettido áquelle a parte relativa a investigações de documentos historicos, continuando elle, Dias, a occupar-se dos estudos sobre instrucção pública. Propol-o ao ministro do Imperio que conveiu n'isso, e assim voltou de novo o nosso poeta á Allemanha, demorando-se, em passagem por París, o tempo necessario para visitar a Exposição Universal, como commissario do Brasil, e escrever um bem elaborado relatorio que perdeu-se na secretaria do Imperio, e de que chegou ao nosso conhecimento a parte que foi publicada na *Revista Brasileira* e que pretendo reproduzir no setimo volume das suas *Obras Posthumas*

para se aquilatar do zêlo e minudencia com que procedia nas commissões de que o incumbiam.

Em Lisboa foi procurado e obsequiado por todos os litteratos portuguezes de certa nomeada—os srs. conselheiros Mendes Leal, A. F. de Castilho, Rebello da Silva, Pinheiro Chagas, Teixeira de Vasconcellos, Camillo Castello Branco, Biester, Bulhão Pato, Lopes de Mendonça, Gomes d'Amorim, Xavier Cordeiro, Innocencio da Silva, Alexandre Herculano, tendo com estes tres ultimos estreitas relações. Cumpre notar que estas demonstrações de affecto e admiração pelo genio não foram procuradas pelo poeta, cuja modestia não consentia se valesse de cartas de recommendação que lhe teciam louvores. D'isso tenho provas nas cartas que salvaram-se do naufragio, e entre as quaes encontrei algumas do sr. Alexandre Herculano, Martius, Sturz, Jacques Arago e d'outros recommendando-o a Victor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas (pae), Julio Janin e mais litteratos francezes e alguns allemães; as quaes deixou de apresentar porque o exaltavam, comparando-o aos primeiros escriptores contemporaneos. Não obstou similhante retrahimento a que conhecesse pessoalmente as celebridades europeas, a quem foi apresentado por M. Ferdinand Denis que lhe consagrava entranhada affeição e a quem retribuia o poeta, fazendo-lhe tambem na ausencia justiça á sua muita probidade, erudição e cavalheirismo.

Na Allemanha encontrou outro amigo no naturalista Martius que o estimava e com quem conviveu na mais cordial intimidade emquanto alli residiu.

Não foi perdida para Gonçalves Dias a sua estada na Prussia, onde applicou-se ao estudo da lingua alleman, que já cultivava de muito, e então aprofundou, procurando ao mesmo tempo dar maior desenvolvimento a seus conhecimentos de sciencias naturaes, sem descuidar-se comtudo da litteratura; e foi n'essa epocha que travando relações com os livreiros Brockhaus, publicou em 1857 seus *Primeiros, Segundos* e *Ultimos Cantos* em um volume nitida e elegantemente impresso com o titulo de *Cantos,* e em que veem suas poesias expurgadas d'alguns descuidos de linguagem devidos ao verdor dos annos, e supprimidas outras que lhe não agradavam [1]. Deu pouco depois á luz os quatro primeiros cantos de seu poema— *Os Tymbiras,* e o *Diccionario da lingua tupy, ou geral dos indigenas do Brasil.*

Estava ainda occupado com os encargos relativos á instrucção pública, quando o encarregaram em 1858 de nova commissão, nomeando-o o nosso govêrno cheffe da secção ethnographica da Expedição Scientifica que havia sido creada no designio de estudar as riquezas naturaes das provincias do norte do Brasil. Na intenção de corresponder de todo o ponto á escolha, dedicou-se com inexcedivel ardor a estudar craneologia; galvanoplastia para modelar os pés e mãos dos indigenas; photographia para retratar alguns specimens e paizagens; chimica, physica e physiologia. Pelas noções, que já tinha

[1] Acho que não deviam tel-as incluido na 5.ª edição de suas *Poesias,* respeitando assim sua vontade.

d'esses ramos achou-se dentro de poucos mezes sufficientemente habilitado n'elles. Depois de comprar por conta e ordem do nosso govêrno, instrumentos, apparelhos, livros e todo o mais material necessario para o bom desempenho da expedição, partiu no fim d'esse anno (1858) para o Rio de Janeiro a fim de reunir-se a seus companheiros. Prestadas as contas dos dinheiros recebidos na Europa para a compra do que era preciso para a commissão[1], seguiram a 26 de janeiro de 1859 todos os membros d'ella com seus adjunctos para o Ceará, primeiro ponto de suas observações.

Nunca houve no Brasil commissão mais numerosa e respeitavel pelos talentosos e provados engenhos que a compunham, tão largamente retribuida, nem tão copiosamente munida de meios para bem desempenhar sua missão; mas tambem não me consta que nenhuma tenha sido mais apodada pelos nossos legisladores e politicos que em tudo se intromettem, e que saberão muito de sciencias sociaes e juridicas, e ageitarão melhor umas eleições; mas que tirando d'isso, são em geral leigos no mais, como o provaram nas discussões suscitadas no parlamento com o fim de verberarem a Expedição Scientifica.

Veiu o tempo por maior infelicidade justificar em parte tanta celeuma, porque até hoje, e lá se vão quasi quatorze annos, ainda não disseram, nem se sabe a que foram tantos homens de incontestavel merito, e que

[1] Vae esse honroso documento na nota — B — do *Appendice in fine (Provisão de quitação).*

proveito colheu o paiz de tão avultadas quantias despendidas! Nem uma obra de utilidade para o Ceará, nem um poço artesiano, nem um projecto de porto artificial na cidade da Fortaleza, nem um escripto scientifico sobre botanica, geodesia, ou finalmente simples descripção que atteste o que estudaram ou observaram os nossos naturalistas e engenheiros, e para que não restasse d'ella um só padrão, o relatorio que escreveu o nosso poeta com tanta fadiga e com manifesto gravame da enfermidade que lhe punha a vida em grande perigo, perdeu-se, não sei se na secretaría do imperio, n'esse limbo mais confuso do que o de Dante, se na gaveta de algum amigo a quem o confiára na vespera de sua derradeira partida do Rio-de-Janeiro, em 1862; o que é certo é que elle o concluiu, como m'o affirmou em diversas cartas a par e passo que o ia escrevendo, até finalisal-o.

Tendo-se retirado para a côrte, em 1860, quasi todos os membros da Expedição Scientífica, e como que dissolvida esta, veiu Gonçalves Dias para o Maranhão no proposito de visitar o Pará e o Amazonas, onde as tribus indigenas conservam muitos dos seus primitivos costumes e fallam a lingua *tupy* com mais pureza. Passados alguns mezes em minha casa e outros no Mearim, com seu amigo o sr. dr. A. Theophilo de Carvalho Leal, e em Caxias com a mãe e amigos, voltou de sua cidade contentissimo com a brilhante e festiva recepção que seus conterraneos lhe fizeram, e foi-se em janeiro de 1861 para o Pará, d'ahi passando-se logo para o Amazonas, onde recebeu a notificação de que o govêrno dera por

terminada sua commissão, como a 25 de junho d'esse mesmo anno m'o participou:

«O govêrno mandou que a commissão se retirasse para a côrte e n'este sentido me veiu agora communicação do dr. Freire Alemão: respondi que tinha ainda muito que fazer, como de facto, e que suppunha não ir de encontro ás ordens do govêrno, pois que continuaria sem nenhum onus dos cofres publicos.» E assim fez, permanecendo n'essa provincia por espaço de um anno, visitando o valle do Amazonas em todos os sentidos, o rio *Negro*, o *Solimões*, o *Madeira* e outros importantes affluentes, entrando nas republicas convizinhas do Perú e de Venezuella, e nem sei até onde foram suas investigações pois que em seus papeis deparo variadissimos apontamentos esparsos e em abreviaturas, quer de lingua geral, de dialectos, de costumes e usos indigenas, quer minuciosos roteiros de suas viagens com aquella paciencia e individuação só proprios de um navegante. Encarregado n'estas excursões pelo presidente da provincia do Amazonas de examinar o estado das escholas de instrucção primaria nas regiões do Solimões e do Rio-Negro, houve-se com aquella severa indagação que costumava pôr no que era do serviço público, e escreveu sobre isso dois relatorios que andam appensos a outro do sr. dr. Manuel Clementino Carneiro da Cunha, então presidente d'aquella provincia. Incumbiu-lhe o mesmo presidente a ingrata tarefa de dirigir e organisar uma exposição de productos naturaes do solo amazonico e dos artefactos e outros productos de suaindústria, para á vista d'ella proceder-se a uma esco-

lha do que havia de remetter-se para o Rio de Janeiro, com o fim de figurar na segunda exposição universal de París. Em uma provincia onde a natureza é prodiga sem limites, mas a população inculta e em parte selvagem, sem noções do que é verdadeira indústria e sem poder alcançar a utilidade de uma exposição nem receber os estimulos que ella gera, facil é imaginar-se o improbo trabalho e as fadigas sem conta a que se daria o poeta para obter generos, colleccionar objectos e organisar uma tal qual exposição. O facto é que realisou-a, classificando o melhor que pôde o que colheu, e remettendo tudo para a côrte acompanhado de um relatorio adequado ao assumpto e harto curioso por suas muitas informações e acertadas reflexões.

N'aquellas vastissimas solidões, onde o silencio, a magestade da perspectiva, o maravilhoso, transportavam o poeta, assaltaram-lhe lembranças de sua vida passada, pungiram-n'o fundamente as saudades da filhinha que perdêra ao alvorecer d'aquella existencia e da mulher que o captivára e cuja imagem o perseguia incessante por toda a parte, avivando-lhe, como um remorso, os felizes e descuidados dias em que se prometteram reciproco e eterno amor. As poucas poesias que então compoz foram todas inspiradas por esses dois sentimentos, como se vê da collecção com o titulo *Versos modernos*, que publiquei no primeiro tomo de suas *Obras Posthumas*. Refundiu ahi tambem o seu poema *Os Tymbiras*, e quiçá o concluiu; acabou de traduzir o *Raposo* de Goethe e adiantou muito a *Noiva de Messina* de Schiller, versões ambas que co-

meçára no Ceará e em que punha todo o cuidado, tendo-as em muita estimação.

Tencionava, logo que terminasse esta excursão, vir assentar sua residencia definitiva na nossa capital, juncto de seus amigos. Preoccupava-o tanto esse projecto, que em mais de uma carta que me dirigiu do Pará e do Amazonas, dizia-me que assim que chegasse ao Rio-de-Janeiro tractaria de obter dos demais membros da Expedição Scientífica os apontamentos necessarios para organisar o seu relatorio que viria escrever no Maranhão, tendo antes conseguido a aposentadoria de official da secretaría dos estrangeiros para com o rendimento d'ella e o producto da venda de suas obras viver entre nós vida obscura e socegada em um arrabalde solitario onde podesse entregar-se á sua vontade á cultura das lettras. Desvaneceu, porém, sonhos tão formosos uma desagravel notícia que recebeu do Rio-de-Janeiro, acompanhando um número da *Semana Illustrada*, onde havia uma gravura que lhe fizeram crer allusiva a facto que entendia com elle.

Falsa ou verdadeira, transtornou-lhe ella inteiramente os planos e turbou-lhe completamente o espirito. Abandonando de repente as margens do Amazonas, passou em meado de novembro d'esse anno pelo Maranhão, onde se não demorou. Estava triste, desconcertado, taciturno, visivelmente contrariado e por vezes como que allucinado. Promettia estar de vólta em principios de janeiro do seguinte anno; mas chegando ao Rio-de-Janeiro a 8 de dezembro, communicou-me que teria de demorar-se alli até

conclusão de seu relatorio, porque assim era forçoso; mas que apezar de sentir-se bastante doente trabalharia dia e noite com tantoque o concluisse com a maxima brevidade.

Ou fosse das privações que soffreu nas viagens pelos rios da provincia do Amazonas, ou a prolongada exposição ao sol, ás chuvas e a toda a especie de intemperies, e os effeitos da intoxicação lenta dos miasmas palustres que emanam d'essa rede de rios que cobre o valle do Amazonas, ou os desgostos e contrariedade que o assediaram no Rio-de-Janeiro, ou por todas estas causas junctas, como é mais seguro de crer, poucos dias depois de sua chegada, escreveu-me que estava com febre e sentindo-se do figado.

A 5 de fevereiro (1862), dois mezes depois, communicava-me que: «.....
.... estas contrariedades me põem n'um estado de irritação e de susceptibilidade difficil de descrever-se. Fui a isso obrigado por causa da apresentação dos primeiros trabalhos da commissão, que nunca a tivesse acceitado! O primeiro folheto contendo a história da commissão, da excursão de seus membros, o resumo de todos os trabalhos, deve estar impresso para a abertura das camaras. Em maio ou junho já poderei sahir d'aqui, querendo-o Deus e permittindo-me os meus incommodos, porque sabes ou ficarás sabendo que estou um poço de molestias — do figado, dos rins e do coração, de uma, de duas ou das tres cousas. O que Deus quizer, e sería muito bom que elle o quizesse *para muito cedo.* »

Continuava a molestia nos seus estragos e d'ahi a um

mez, a 23 de março, referindo-se de novo a ella dizia-me:

«Estou, segundo dizem os medicos, com uma inflammação chronica de figado, uma lesão incipiente do coração, pernas inchadas em consequencia do figado, d'onde póde resultar uma anasarca, e a voz rouca e presa em consequencia de desordem dos pulmões que se *desordenam* com a *desordem* do supradito figado.

« Apesar d'este almanach de cousas ruins não te dê isso cuidado. Deus me deu vida para cem annos, e a prova é que desde os quinze annos a esbanjo tola, estupida e insipidamente como faz da sua fortuna mal adquirida o herdeiro de casa millionaria.

«Tracto de concluir ou antes de atamancar os trababalhos da commissão e depois ponho-me d'aqui para fóra antes que me sobrevenha a maxima de todas as infelicidades, cahir de cama no Rio! Quero morrer, lá, no meio de meus amigos, no seio de minha familia.»

Não o affligia, porém, tanto a enfermidade, que crescia e ameaçava extinguir-lhe em breve a existencia, como as intrigas com que pretendiam manchar-lhe a reputação, que muito prezava e que conservára sempre isempta de mancha. Do seguinte trecho de uma carta mui confidencial, se deprehende isso e quanto anciava se lhe avisinhasse a hora extrema:.....

.....

« Achei aqui um inferno! Procuram indispôr-me com pessoas que estimo, arrastar para a lama o meu nome, e no meio de tudo isto reflicto na minha vida e na

reputação que de antes tive e me tenho esforçado por conservar.

« Como! eu perco meu pae, quando apenas contava treze annos. Acho-me aos quatorze, uma creança, sem ter quem olhe por mim, mas tambem sem dever satisfações a ninguem, só, sem meios nem recursos, quasi a mendigar, e tenho a immensa fortuna de saír d'essa posição soccorrido pelos meus primeiros e bons amigos que datam d'esse tempo, mas que eu não conhecêra d'antes, Theophilo, Serra, Lapa, Rego, Pedro, Moraes, Virgilio, Jacobina, maranhenses e aquelles tres ultimos fluminenses que então estudavam em Coimbra e alguns outros que são hoje dos primeiros homens em Portugal.

«Aos vinte e um annos vólto ao Brasil, sem fortuna e sem protecção: percorro em 1851 as provincias do norte, e deixo por todas ellas sympathias!

«Chego em 1846 ao Rio com 200$000 réis no bolso, vivi sempre de cabeça erguida, não commetti nunca uma indignidade, não tinha de que me envergonhar diante dos homens e tenho a dicta de grangear outros amigos, Segundino, Macedo, Porto Alegre, Capanema e todos os membros d'essa boa familia de Lopes e Gomensoro, e na Europa deixo Odorico, Sampaio, Motta, Drumond, Ferdinand Denis, A. Herculano, Martius, e na Commissão Scientífica, Gabaglia, Freire Alemão, Coutinho, e no Ceará Ratisbona, Pompeu e Juvenal.

« Vou aqui, ou antes ia, como tu tiveste occasião de ver, aos bailes mascarados de cara descoberta para que todos me conhecessem, e no meio das folias do carnaval,

n'essa turba multa de um baile público, ninguem tinha senão lisonjas para me dizer.

«E esse homem, isto é, eu, vivi dos quatorze aos vinte e oito annos de edade, sem mancha, sem torpeza, sem que tivesse que fazer reparo na minha vida! E na edade em que nos outros se acalma o fogo da juventude, quando o bom senso começa a predominar sobre o impeto e cegueira das paixões, é então que eu, transtornando o curso normal da natureza, me havia de tornar máu, pessimo, indigno e debochado! Isso é estupendo! E merece bem a pena que se tome nota!

«E com todos esses amigos, e sabes que não barateio o appellido, scismei venturas, e a mim só me coube desenganos! Imaginava para o fim de meus dias um modo de viver.....

.....

«Já que me falta tudo, foi Deus servido dar-me amigos bem sinceros, amigos para quando d'elles preciso, que esses são os verdadeiros. E emquanto me restar um só que seja, não me queixarei da sorte!

«E todos esses amigos, dizia eu, homens de bem, como os que o são, ciosos de sua reputação e de seu nome, não me repellem, não me abandonam quando me tórno indigno d'elles!!

«Para consolar-me de tantas injustiças, muitas vezes digo comigo mesmo que se podesse haver alguma verdade no que se espalha, a conclusão sería que fui bom em outro tempo e que deixei agora de o ser!

«Esta atmosphera do Rio pesa-me, suffoca-me, e es-

tou vendo á hora e o momento em que estalo de dor! e só peço a Deus que isso aconteça bem cêdo! .....

«E apesar de tudo, sem que eu communicasse a minha chegada, sem dizer onde morava, fui procurado e visitado. Um Marechal, Conselheiros, Ministros, Senadores, Deputados e muitos, quasi todos os que entre nós figuram na tribuna, na imprensa e nas lettras,—procuraram-me no hotel de S. Paulo. Da Parahyba, de Nova Friburgo, do Maranhão, do Ceará, tem-se-me escripto instando comigo para que eu acceite a hospitalidade que elles de bom grado me offerecem para o meu tratamento e convalescença. A imprensa festeja-me não como a um amante que vólta, mas acaricia-me como se acaricia um amigo que soffre.

«Nas ruas, quando eu passeio arrastando-me enfermo e desanimado, sinto o calor vivificante de olhos compadecidos que me acompanham. Essa mocidade intelligente e benevola do Rio, que me aprecia muito além do que valho, parece comprehender, vendo-me, que ha em mim o quer que seja que me alquebra o corpo, depois de me ter acabrunhado o espirito. S. M. mesmo, com uma bondade, de que me não esquecerei nunca, recommendou a um amigo meu que me metta em um carro e me leve para fóra do Rio.

«Chego a pensar com amargura que eu já vivi muito e vejo com satisfação que já é tempo de morrer!

«Sei que a minha molestia é grave, e nunca me tratei. Precisava descanço e allegava necessidade de trabalho! Precisava sobretudo sahir do Rio e procurar em ou-

tra parte algum allivio, e deixo-me ficar aqui até hoje! Podia medicar-me, trabalhando, e tão longe estou d'isso que o meu medico desconfiou já que eu tomasse cousas que me fizessem mal! Não; não preciso d'isso. Eu bem sei que tenho dentro em mim melhor veneno do que as drogas que se vendem nas boticas!

«Outro medico deu-me um mez apenas para me ter de pé, e no fim de mez e meio admira-se que eu seja tão forte, porque ainda não estou de cama!»

. . . . . .

Havendo por fim concluido o relatorio que o retinha no Rio de Janeiro, partiu a 7 de abril (1862) no *Apa* com destino ao Maranhão; mas já estava a doença mui adiantada, todo edemaciado, soffrendo fortes palpitações de coração, rouco e com tosse. Visitado em Pernambuco pelo sr. dr. Sarmento, prescreveu-lhe este peremptoriamente que se embarcasse quanto antes para fóra doBrazil, se tinha ainda algum apêgo á existencia.

Impressionou-o tanto o parecer do abalisado medico que procurou partir sem mais detença para a Europa. Não foi sem muito custo que conseguiram pessoas qualificadas do Recife, sobretudo o sr. José de Vasconcellos, a cujo prestimo soccorreu-se, obter-lhe passagem no brigue francez *Grand Condé*; que estava prestes a sahir; mas cujo dono, M. Teste, recusava-se a admittil-o como passageiro por julgar que não deitaria a viagem com vida, obrigando talvez o navio a quarentena e a despezas desnecessarias em Marselha, como tambem por lhe não convir metter mantimentos para um unico passageiro. Re-

movidas estas difficuldades com declaração do medico, e por haver-se sujeitado Gonçalves Dias a fazer matelotagem a sua custa, de bordo do *Apa*, de onde me escreveu dando conta de tudo isto e dispondo d'alguns objectos como quem conhecia proxima a sua hora, passou-se elle para o brigue que já no dia immediato navegava.

Por esta relação escripta dia por dia, e ás vezes hora por hora, e que remetteu-me Gonçalves Dias pouco depois de chegar a Paris, conhecerá o leitor o estado e marcha de sua molestia e mais occorrencias que se deram em sua viagem desde que sahiu do Rio de Janeiro até que chegou a Marselha, ficando assim mais que satisfeita a sua curiosidade:

«*Sahida do Apa*—7 de abril.

«Á noite, ao largar da Bahia, chega o paquete inglez e quebra-se uma pá do nosso que torna uma roda de pouca utilidade. Viemos a custo até Maceió e chegamos a Pernambuco no dia 15.

«Grande novidade! Aconselha-me o dr. Sarmento que parta quanto antes para a Europa.

«Embarco no dia 18 ás 2 horas da tarde, Sexta-Feira Santa, depois dos arranjos de passagem, de medicamentos e do farnel de bôca, e de vencer as difficuldades do dono do *Grand Condé*, que a instancias de amigos deixa-me embarcar no seu brigue no estado perigoso em que me achava.

«*Dia 20*. Partimos ás 6 horas da manhã, levamos todo o dia navegando á vista de terra. Tenho mais appetite, mais somno, mas a inchação cresce. As partes inferiores muito inchadas.

«*Dia 21.* Calma ou quasi, as vélas não pendem, mas jogam em vae-vem contínuo. Passo as manhãs, as tardes e as noutes sentado á porta da camara, suspirando pelo vento.

«*Dia 22.* Alevantei-me ás 2 horas da manhã, adormeci ao relento, retiro-me ás 3 para o meu camarote: amanheço com os olhos e rosto inchados. Devo ter 23 gallinhas ou frangos. Leio *Gorgias* e *Ariosto*.

«*Dia 23 á noite.* Ponho eu mesmo um caustico, porque os testiculos me vão crescendo demasiadamente. Ás 5 da manhã, sem ter pregado ôlho toda a noite, e levando-a sentado, como passo ha cerca de quinze dias, não pude mais tolerar o caustico, e eu mesmo levantei-o. Ficou fresco; todavia suppurou muito.

«*Dia 24.* Passei melhor o dia apesar de chuvoso. Continuamos em uma quasi calma abominavel. Pelo sim pelo não, escrevi *in articulo mortis* uma carta para o Theophilo e outra ao Motta. Recebe 200$000 réis para o Telasco, e o relogio, como foi do Moraes, fica para o Theophilo e a cadeia para Ignezota. Os livros e papeis, que te forem de Lisboa, guarda-os, e tudo que julgares inutil põe fóra.

«*Dia 25.* Continúa a calma: o meu caustico suppura pouco, porque não tive coragem de o limpar bem. Amanheci com a face e ôlho esquerdo inchados, mas essa inchação desappareceu com o dia—ahi por volta das 11 horas já não tinha traços d'isso.

«*Dia 26—sabbado.* O meu caustico fez-me um mal horrivel; tomo tres pilulas de calomelanos. As pelliculas do

caustico veem agarradas ao unguento de basalicão. Ponho novo: depois de tres horas de horriveis soffrimentos, tiro-o e ponho azeite doce, em falta de unguento branco. O rosto (face esquerda) amanhece inchado; mas a inchação torna a desapparecer durante o dia (10 da manhã).

«*Meio dia.* A calma quasi podre, que até aqui nos tem perseguido, parece querer cessar. Estamos a algumas 50 leguas ainda distantes da linha. A esta hora caiu um forte chuveiro acompanhado de grande ventania. Queira Deus que dure. Uma hora depois se tinha desvanecido toda a esperança. A chuva caiu em torrentes, mas o vento tinha amainado. Compro umas calças de enfiar.

«*Dia 27 d'abril — domingo.* Por volta da uma hora caenos um vento, que foi refrescando até as 6 da tarde.

«Os meus membros inferiores continuam a crescer.

«Não dormi a noite, com pesadelos e maus sonhos que tenho agora frequentemente, com qualquer mudança atmospherica ou quando durmo fechado em pequeno espaço.

«*Dia 28 — segunda feira.* Amanhecemos em calma, as vélas batem desesperadamente.

«Creio que apenas hontem, talvez pela noite, é que passamos a linha!

«Optima navegação para quem confiou a sua salvação á rapidez da viagem! Dou balanço á minha capoeira — tenho só 20 gallinhas.

«Pescamos dois peixes até as 10 da manhã. Faltão-me dois cantos para concluir o *Orlando,* cujos paladinos me andaram apoquentando a noite passada.

«*Dia 29.* Os meus incommodos augmentão, bem que eu esteja persuadido que a ter ficado em terra, elles terião progredido muito mais rapidamente.

«Ha dois dias que ando com toda a parte inferior do corpo envolvida em uma coberta, por não ter calças em que caibam os meus testiculos, nem mesmo as de enfiar que ha cinco dias comprei ao moço de bordo. Calma e chuva.

«*Dia 30.* Pela meia noite refrescou o vento, mas pouco.

«Só hoje é que passaremos a linha, apesar de termos sempre navegado com proa ao norte. É provavel que se ao sahir de Pernambuco podessemos ter caminhado alguns graus para leste não tivessemos encontrado tão incrivel successão de calmas.

«Estando um pouco peior dos testiculos puz implasto de Vigo sobre o caustico cicatrizado. Tenho appetite, mas qualquer cousa enche-me o estomago e anceia-me. Durmo, mas somno agitado e interrompido por pesadelos, principalmente até á meia noite.

«*Dia 1 de maio.* Tivemos de ante-hontem á meia noite até á meia noite de hontem vento um pouco mais fresco, que sempre dava para 6 milhas e mais. Depois caiu de novo em calma.

«Se era condição essencial para o meu restabelecimento a viagem rapida para fóra da zona torrida, como quer o dr. Sarmento, estou mal.

«Os testiculos vão a mais a ponto de não me deixarem hoje sentar.

«O membro incha e recurva-se cada vez mais. Estou

vendo que dentro de dois ou tres dias cessará de todo a diurese. Um pigarro incommodo se faz ouvir, quando respiro. Quasi me está parecendo que o dr. Sarmento tem rasão!...

«*Dia 2 de maio.* Desde o amanhecer o vento se tem tornado mais fresco. Já é bem tempo d'isso.

«Adoeceram-nos dois marujos hontem: um não quer tomar remedio. Supponho que se vae. Eu que embarquei meio morto, espero em Deus que hei de chegar a Marselha.

«*Dia 3.* Tomei hoje dez pillulas de Halloway. Morreu o marujo que se expoz imprudentemente ao tempo, soffrendo de uma colica. Coitado!

«*Dia 3* Restão-me só 14 gallinhas!

«Desde o dia 2, quando propriamente começamos a navegar com vento de feição, que meu estado de saude tem melhorado consideravelmente. De dia para dia, as melhoras são visiveis. A inchação das pernas e mais partes inferiores desvaneceu-se.

«Nos pés ainda resta alguma cousa; mas depois que desappareceu a inchação, vejo-me em tal estado de magreza que isso me explica a grande debilidade em que me acho.

«As calmas reinão na linha e se estendem até 3 e 5 gráus alem d'ella, para o norte.

«Aos 28° NO. é a juncção dos ventos geraes (alisados) e dos variaveis.

«Aqui por via de regra se encontra um ou dois dias de calma.

«Dos Açores a Marselha tem-se ido em quinze dias. No mais, durante o inverno, faz-se a viagem de Pernambuco a Marselha em menos de quarenta. Durante o inverno, dizem, porque n'essa quadra se encontrão com frequencia, na região dos ventos variaveis, grandes e duradouras ventanias de oeste, que ainda são excellentes no Mediterraneo. Dizem, porém, que são melhores as viagens n'este tempo, não porque sejão mais rapidas, mas porque o tempo se conserva quasi egual, sem ventanias, nem trovoadas.

«Aos 16° norte, n'este tempo, e no mar, já ás quatro horas da manhã se pode chamar dia. De noite, sobretudo depois das doze horas, a temperatura é tal e o ar tão frio, que se carece de andar vestido como na Europa no tempo d'inverno. Por isso é que as minhas *pantorrilhas* têm desertado.

«Hoje, 5.ª feira, 8, vou-me ao bacalhau para festejar a minha convalescença, e ás pillulas de Halloway. Ou ellas ou o uso frequente de chá me tem feito ourinar como um desesperado de hora em hora, dia e noite, dois grandes vasos em vinte e quatro horas.

«*Dia 9—sexta feira.* O vento amainou um pouco, depois das nove horas da manhã. Devemos ter passado 20° norte.

«Vou melhor, ou antes continuão as melhoras. A goiabada tem destruido todo o effeito dos purgantes. É preciso ter cautella com ella.

«*Dia 10—sabbado.* Vento fraco, mas ainda se póde calcular em 5 milhas a marcha do *Grand Condé*. Com o ba-

louço, as garrafas de limonada gazosa têm em grande parte estourado. Hoje bebi a última antes que tambem estourasse.

«Pelas tres horas da tarde avistamos por barlavento uma galeota-brigue que nos fazia signal de soccorro. O vento era brando. O *Grand Condé* apanhou as vélas maiores e as dos mastareos e pozemo-n'os á espera. O diabo do navio, porém, é tão ronceiro, que apesar de irmos com poucas vélas, e essas mesmas encontradas para neutralisar o effeito de umas com a opposição das outras, ainda assim, iamos avançando e ganhando caminho. Os do brigue ás quatro e meia horas da tarde lançárão lancha ao mar, confiando com rasão, mais na fôrça dos remos do que na marcha do seu navio.

«Era um brigue nort'americano que ha noventa dias justos partira de Santos para as ilhas de Cabo Verde; *Robert Sirrat,* ou *Sarah* se chamava. De Santos á altura, em que o encontrámos, se póde vir muito bem em 25 dias, e este com mais rasão, porque os navios chegados ultimamente a Pernambuco, em proveniencia do Rio, trouxerão todos excellente viagem.

«Mas é o tal brigue, ao que parece, um carro de lama intoleravel, porque sem mau tempo, e apenas com pouco vento e algumas calmas poz tres mezes em chegar até aqui! É de suppor que lá para o fim do anno chegue ao seu destino, se a gente que o tripula não morrer antes d'isso de fome, salvo se tiverem de novo a ventura de encontrar outro *Grand Condé* com alimento bastante para lhe ceder parte d'elle.

«*Dia 11 de maio.* Passei a noite soffrivelmente, ainda que continuem os maus sonhos e pesadêlos quando me acontece pegar no somno antes da meia noite.

«Somno interrompido, duas a tres vezes. Já não ourino tantas vezes, mas a ourina tem bom aspecto. O ventre continúa entumecido e embaraçado. As pillulas de Halloway farão talvez o milagre de me livrar d'este incommodo. Algumas dôres nas articulações dos membros inferiores sobre modo doridos, mas tenho appetite e durmo umas seis horas. Creio que ainda d'esta feita não me vou. E o coração?! Sinto palpitações, mas não me parece cousa de muito cuidado, e o cançasso diminue. Hontem pude subir ào castello da pôpa para ver o brigue americano. Apesar de embarcado ha vinte dias ainda não tinha visto o mar, depois que entrei para o *Grand Condé*.

«O nosso capitão é um normando, M. Galland, que, como todos os velhos marujos, está muito aborrecido com a vida do mar, e ancioso por tomar os seus quarteis de inverno. Homem intelligente, com muita práctica de navegação, conhece toda a costa da America, no Atlantico e no Pacifico, e tem já grande numero de viagens para o Brasil. Póde-se mesmo dizer que está já acclimatado depois que apanhou a febre amarella no Rio.

«D'aqui lhe resultou uma boa inflammação do figado que não o poz, segundo elle diz, no estado em que me vejo por ter vindo a correr para França, onde conseguiu restabelecer-se. Lembrado d'isso, é que lhe devo attenções, como companheiro de infortunio.

«Rifflard ou Buffard, porque cada um chama a seu modo

o seu piloto, animo jovial, anda comtudo acabrunhado e aborrecido com as diarias massadas do capitão.

«A tripulação é composta, como em um navio de piratas, de gente de todas as nações. Ha muitos catalães.

«O navio em si é soffrivelmente velho e cançado. Comprou-o em março d'este anno uma casa franceza de commercio estabelecida em Pernambuco, e é esta a primeira viagem que faz com o seu novo proprietario, que é M. Teste. Foi, segundo parece, uma compra por especulação.

«As vélas rompem-se todos os dias, os cabos não resistem mais do que as vélas, e tudo está amarrado, remendado por tal fórma que parece se não dever contar muito com a duração do navio; todavia é bastante veleiro.

«*Dia 12 de maio*. O vento continúa, posto que fraco, as minhas melhoras tambem, posto que lentas. Durmo melhor, ahi umas oito horas.

«A minha *Noiva de Messina* não sei por onde anda, tenho-a procurado por ser optima occasião de continuar com a minha traducção, pois que nada tenho que fazer. Não a encontro.

«Pelas 11 horas da manhã avistámos um navio de tres mastros, que passou perto de nós, mas não em distancia em que se podesse ter falla com elle. Levava a direcção de ONO. approximadamente.

«Ha tres dias que temos sargaço, não em muita abundancia, mas constante.

«O contra-mestre doente ha quatro dias, deu-se por prompto da sua colica.

« O capitão parece mais contente por já não ter que fazer quarto.

« As minhas gallinhas derão em se fazer guerra umas ás outras, dentro da capoeira. Cahirão todas em cima de uma coitada, espicaçárão-lhe o rabo, d'onde lhe resultou a morte. Se continuão, mando cortar o pescoço a todas, e conserval-as de sal, como se faz com as marrecas no nosso Maranhão.

« Dado o balanço na capoeira, o *Mousse* trouxe-me a infausta notícia de que existião *onze*, incluindo dois franganitos de nonada. Com o opportuno auxílio do bacalhau e uma pessima carne sêcca do Rio Grande, que me comprárão em Pernambuco para o meu farnel, espero em Deus que não morrerei de fome até Marselha. Em caso de dúvida ha ahi tapioca *á ufa*.

Ao meio dia, com a observação do sol nos achamos a 28° 30′ norte. Porém ainda que o vento não seja perfeitamente *geral*, parece, segundo a opinião de um dos officiaes de bordo, que a região dos ventos variaveis ou então começa depois dos 40° graus ou é n'esta estação que elles só se encontrão para além.

« *Dia 13*. Dia claro, tempo sereno, vento fraco; ainda assim o navio, que parece excellente com pouco vento, dá perto de 5 milhas e ás vezes mais.

« Pouco depois do meio dia encontrámos um navio de tres mastros, que ia na direcção de SO. Ao avistar-nos levantou a bandeira franceza: mas quando viu que o *Grand Condé* içava tambem a mesma bandeira, cobrou coragem e patenteou a sua verdadeira nacionalidade.

Era um navio sulista dos Estados Unidos, que nos tomára por navio de guerra, por causa de umas portinholas de luar que tem o *Grand Condé*.

«Abro a segunda caixa de vinho de Bordeaux. A primeira tinha uma garrafa quebrada.

« Não sei se mencionei que ha cousa de tres dias foi-se a última botija de limonada gazosa. A agua mineral parece, porém, que com o frio vae tomando mais fôrça.

« O meu caffé estragou-se. Vinha embrulhado em papel e tão mal preparado que não era de suppor que durasse muito. Não tomei d'elle nem uma chavena, e assim foi-me preciso dal-o antes que de todo se acabasse de estragar.

« Um cento de charutos do Rio teve o mesmo destino. Tambem não me é possivel tolerar o charuto, com o habito que vou tomando do cigarro com o fumo *caporal*. *Miseria!* Até fumo importamos da França e dos Estados Unidos! D'este Brasil se póde com egual rasão dizer o mesmo que disse Byron da Turquia: « Tudo n'essa terra é divino, excepto o homem que a habita! » e principalmente, aquelles que a governam. Isto é meu!

«*Dia 14.* Continuamos com a nossa navegação para L. NO., mas corrigindo a variação da agulha, marchamos propriamente para NE., quando o nosso caminho seria muito mais para L. Ao meio dia 33°,40′ norte.

«*Dia 15—terça feira.* O vento fraqueija, é talvez a calma que costuma sobrevir entre os ventos geraes e os variaveis. Deus queira que após ella nos venha uma boa rajada de O. que nos dure por alguns quinze dias.

«*Dias 16 e 17*. Dois dias de calma podre. Tivemos por companheiros mais tres navios que se avistárão a distancia, dois para o sul, e um terceiro que parecia levar a mesma direcção que nós.

«O sargaço desappareceu, em vez d'elle algumas caravelas que os inglezes chamão *Portuguese man of war*, e os francezes *Galères du roi de Portugal*. Uma tartaruga nos veiu fazer negaças. Lançou-se o escaler ao mar; mas quando o harpoador estava quasi chegando a tiro, ella mergulhou e foi-se.

«*Dia 18—domingo*. Por volta do meio dia começou a soprar um vento favoravel, mas summamente fraco. Bastará que elle nos ponha fóra d'esta zona.

«Quiz ver se podia continuar com a traducção da *Noiva*, que achei afinal; mas só consegui traduzir alguns versos. Em tendo de novo a mão assentada, é possivel que o resto vá mais depressa, ainda que, segundo se diz, seja o rabo o peior d'esfolar.

«*Dia 23*. Continúa a calma: quando nos acontece andar, é negocio d'uma e quando muito de tres milhas. O que não será no Mediterraneo?! Parece que a estação vae adiantada, e então as calmas que alli começão de julho em deante, nos vão abarrotar. Para o meu figado não é má a demora!.....

«Infelizmente contei só com uma viagem de quarenta dias, o que quer dizer que aos cincoenta estarei comendo pelo amor de Deus, se houver quê.

«A apparencia do céo, esta manhã, segundo diz o capitão, promette mudança de tempo. Se for para bem será

muito bom. O vento parece querer refrescar á tarde. O mar está muito agitado. O *Grand Condé* já deita 4 milhas.

«*Dia 24—sabbado.* Deitamos já 5 milhas, e parece que a cousa ainda vae a mais. Entra alguma agoa pelos escovens, o que é um grande prazer, e até preferiria a tempestade á calma. O vento é assim assim — não dos melhores. Como estamos na altura do Estreito, póde bem ser que possamos enfiar por elle dentro.

«Continúo a emmagrecer. Mas a barriga, os testiculos e joanetes não querem ceder de todo. As palpitações continuão tambem, não muito incommodas, mas continuão. A tossesinha vae e vem. Nos primeiros dias quasi havia desapparecido. Como eu tomava então charope de Labelonge, e a digitalis é aconselhada para estas affecções, attribúo a cessação da tosse ao uso d'esse medicamento. Tendo uns papelitos de digitalis, entendi que devia tomar tres por dia; mas com um á noute e outro pela manhã, veio-me uma soltura, acompanhada de colicas e suores frios. Emfim cheguei a desconfiar!... Agora tomo só um papelito.

«*Dia 25 de maio.* Avistamos pela manhã a ilha do Fayal, quando com o crescer do sol se foi desfazendo a neblina. O vento era fraco, anoitecemos ainda com ella á vista. Infelizmente tomamos pelo seu lado occidental, de modo que um ventosinho fresco de oeste que nos faria muita conta, se navegassemos por fóra, foi-nos inutil por não poder ser aproveitado senão com risco de irmos sobre a ilha se viesse a amainar.

«O Fayal tem um aspecto vulcanico; mas tudo quanto

se vê está cultivado, ao menos distingue-se a divisão das terras em pequenas propriedades, como nas provincias mais cultivadas de Portugal. Aquella gente, encarrapitada no cimo da sua ilha, no meio do occeano, sem medo dos escandalos, nem das más linguas, sem se importar muito com a moral, se por ventura conhecem os seus principios, não se occupão seriamente senão de fazer filhos. Dos 13 em diante, tudo que é femea entra na vida, sob a protecção do tecto paterno. D'ahi por diante, a que deixa de ter um filho cada anno, em quanto se conserva em serviço effectivo, é declarada anathema pelo *cura*.

«*Dia 26—segunda feira*. Vento quasi bonança e pouco de feição. Só tenho 5 gallinhas, o que é uma miseria!

«Por volta do meio dia nos achamos em frente da *Graciosa*, que deixamos á direita, e avistamos, ainda que um pouco encoberta pela neblina, a cidade de *Sancta Cruz*, capital da ilha. Por traz d'ella nos devia ficar a ilha de *S. Jorge*, mas um pouco mais para oeste. Esta ilha tem 12 a 15 legoas de comprimento, sobre 1 a 1 1/2 de largo. É uma linguiça occeanica. Quasi em frente nos deveria ficar a *Terceira*. Todas ellas têm gente como formigas, prova de que os seus habitantes não se descuidão da vinha do Senhor.

«O vento amainou, de noite fomos deitando 3 milhas.

«*Dia 27*. Refrescou um pouco mais o vento ao amanhecer, mas tão pouco que nem vale a pena de se fallar n'isso. O capitão persegue os marujos com serviço: é uma lida de dia e de noite, alguma impertinencia no meio d'isso, entresachada de sermões (sobretudo desde que lhe em-

prestei o *Gorgias)*. Tudo isto faz com que a maruja esteja desesperada por chegar. Creio que desembarcárão todos, inclusive o *Mousse* e o Piloto, não ficando a bordo senão elle e um magnifico exemplar de cães da Terra Nova, que possue.

«O marujo francez ganha de ordinario 60 francos por mez.

«*1.º de junho*. Vento mais ou menos fraco; mas porém favoravel ha cinco ou seis dias. O capitão, por isso, aproveita a monção para mudar vélas. Se o vento continúa hoje á noite poderemos avistar o Cabo de S. Vicente.

«Hontem e hoje temos encontrado muitos navios. Hoje, e é apenas meio dia, já vimos uns dez — entre elles — dous portuguezes. Já tenho só 3 gallinhas!

«*Dia 2 de junho*. Á meia noite de ante-hontem passamos, ao largo, pelo Cabo de S. Vicente.

«*Dia 3—terça feira*. Chegamos á meia noite á entrada do estreito; mas não havendo o capitão encontrado á venda em Bordeaux um plano do estreito, e não tendo nunca passado por elle, foi-lhe preciso esperar pelo dia.

«Começámos a navegar quando removidas as neblinas, e dentro em pouco estavamos em frente de Tanger. Um barco de pesca hespanhol veio a bordo vender-nos charutos, papel de cigarros, figos, laranjas, batatas etc., um pouco caro; mas vinhão umas seis pessoas no barco e por muitos dias: ou não farão nada, ou muito pouco; porque os navios que vêm de Portugal ou de outras paragens proximas não lhe darão muito gasto.

«Comprei 24 ovos e 18 laranjas por um pezo.

«Vento pouco. Hontem porém parece que houve uma ventania de O. tão rija que os navios não podérão sahir.

«*Dia* 7. Vento até hoje pouco favoravel, andamos em diversos bordos; mas no fim de 24 horas, como antehontem e hontem, depois de ter andado 50 leguas, não avançamos mais do que 9 a 10 no nosso rumo.

«Estamos em frente das montanhas de Granada (perto do porto de Malaga). —É bello ver aquelles cimos branqueando de neve. Chegámos a final a Marselha; mas estamos sem tir'te nem guar'te condemnados a quarentena por causa do marujo que morreu ha quasi dous mezes!... O capitão, o piloto, a tripulação dão-se a perros, e já trabalhou o telegrapho para París, participando ao consignatario que ficava o *Grand Condé* impedido por ter succedido um fallecimento a bordo. Estou muito contrariado com similhante contra-tempo que me vae atrazar o tratamento. Escrevi em consequencia d'isto a seguinte carta ao nosso ministro em París: «Cheguei a 14, e vejo-me desde já forçado a ir importunar a V. Ex.ª

«Soffrendo do figado e do coração embarquei no Rio de Janeiro a 7 de abril para vir ao Maranhão tratar da minha saude; porém no mar a minha molestia se aggravou por tal fórma, que chegando a Pernambuco tomei o primeiro navio que sahia para França. Passei pois de bordo do *Apa* para o *Grand Condé* no dia 20 d'abril, e aqui chegamos com 55 dias de viagem.

«Marcarão-nos ao principio 5 dias de quarentena, depois 7 que se findarião amanhã, ultimamente ordenão que antes de se conceder prática ao navio proceda elle á

sua descarga, negocio de mais vinte dias, e que n'esse intervallo fique o passageiro, pois sou unico, de quarentena, e isso porque em viagem e ha perto de dous mezes atraz morreu de colica um marujo por imprudencia de não querer agasalhar-se com o mau tempo que fazia.

«Ora em Marselha não ha Lazareto, não ha uma choupana para receber os passageiros de quarentena e com as commodidades que exige o meu estado. Mandei ao Director da saude o meu passaporte, no qual se dizia que vinha para tratar da minha saude — e o attestado do medico no qual se diz qual é a enfermidade, que é incompativel com o menor germe de febre amarella, porque a existir já se teria manifestado de modo fatal.

«Pedi-lhe que a não ser possivel o meu desembarque, me fosse permittido tomar qualquer vapor, que sahisse de Marselha para portos do estrangeiro.

«Vou peiorando de dia para dia, e perdendo todo o beneficio que me fez a viagem, porque não posso seguir meu tratamento, sem facultativo nem os medicamentos precisos, nem commodo a bordo do nosso navio em descarga e cheio de desinfectantes!

«Esta minha carta tem pois por fim rogar a V. Ex.ª se digne dizer duas palavras a meu respeito, ponderando que depois que parti de Pernambuco já sahirão d'alli dois paquetes da Companhia carregados de passageiros que chegárão a Bordeaux, sem que a febre amarella se tenha manifestado. Se ha differença entre os que navegam a vapor ou á véla, deve ser n'este caso em favor dos ultimos que têm muito mais dias de viagem.

«Considerando que tenho quasi dous mezes de viagem — que a resposta de V. Ex.ª por breve que seja não me poderá fazer sair com menos de 8 ou 10 dias de quarentena — que não ha Lazareto em Marselha, que o passageiro nada tem que ver com o porão do navio, se acaso alli existe algum fóco de infecção — que não parece humano deixarem-me sem recursos com a molestia que soffro, eu rogaria a V. Ex.ª de ver se é possivel, ou que se me dê desembarque, ou que se me permitta sair de Marselha para ir tratar da saude fóra d'ella. — Sou de V. Ex.ª, etc.

«Consegui por fim safar-me d'esta prisão, e parto amanhã para París.»

Aqui finalisa esta relação que por minuciosa não perde, visto como por ella fica-se inteirado de como deu-se o equivoco da sua suppositicia morte.

Sabido em París que estava o *Grand Condé* em quarentena por ter fallecido a seu bordo um homem em um dos primeiros dias de viagem, assentou o consignatario que não poderia ser outro senão o passageiro que embarcára quasi moribundo, e sem mais averiguações escreveu pelo paquete, que estava de partida para Pernambuco, a M. Teste, fazendo-o sciente do desagradavel incidente que só acarretava despezas e empates, tudo por sua condescendencia em conceder passagem a Gonçalves Dias!

Chegada tão fatal nova ao Recife, espalhou-se immediatamente e com incrivel rapidez, e o redactor do *Jornal do Recife,* amigo de mais a mais do poeta, transmit-

tiu-a ao público por seu jornal, e d'ahi propagou-se por todos os angulos do imperio, como succede aos grandes acontecimentos da ordem d'este.

Chegando á côrte tão infausta notícia a 24 de julho, quando estava o Instituto Historico em sessão, foi o proprio Imperador o primeiro a propor o encerramento dos trabalhos como testemunho do muito dó que sentia essa associação pela perda de tão egregio e util membro.

Foi geral a consternação em toda a côrte e nas provincias. O lucto do coração, o sentimento intimo e real pelo fallecimento do poeta, manifestou-se tão geral e profundamente como nunca houve exemplo egual: officios funebres, missas de requiem, nenias, necrologios, houve em barda, e póde-se dizer sem exageração que quasi todos os escriptores julgaram-se na obrigação de pagar seu tributo de saudade á memória do genio, e de derramar uma lágrima sobre essa sepultura que tinha por lapide o occeano[1]. Teve o poeta a ventura singular e rarissima de conhecer em vida o juizo da posteridade, e de receber sincera e expontanea apotheose de seus contemporaneos. Pretendo publicar no último volume de suas *Obras Posthumas* tudo quanto então d'elle escreveram, chegou ao conhecimento e pude laboriosamente colleccionar para esse trabalho bibliographico, onde se deparam algumas peças d'incontestavel merito.

Encarregou-se o proprio poeta de desmentir d'ahi a dous mezes esse falso boato em uma carta que dirigiu-

[1] Veja-se a II parte da nota G— *bibliographia* — já citada a pag. 83.

me a 23 d'agosto, e de que me servi para o fac-simile que antecede a biographia incompleta do tomo I das suas *Obras Posthumas*. Mettendo a riso o caso, diz n'ella: «É mentira! não morri! nem morro, nem heide morrer nunca mais — *Non omnis moriar!* como diz o mestre Horacio.

«Tenho jornaes do Rio, Bahia e Pernambuco, que me emprestaram, e segundo todos elles — *Mortus est pintus in casca!*

«E necrologios então?!... Um collega escreveu:

Deus n'um accesso d'amor
Ao poeta soberano
Deu-lhe por berço o equador
E por tumulo o occeano!

«Trata-se da minha defunctissima pessoa! Passa fóra!»

Entre os papeis que encontrei mettidos por seus livros, havia o seguinte borrão de uma correspondencia que, parece-me, tencionava encaminhar ao sr. José de Vasconcellos para ser publicada no seu *Jornal do Recife*, e que pelo chiste entendo não vir descabida em um trabalho dedicado a esboçar-lhe os principaes traços physionomicos.

IN EXCELSIS

«Li no seu acreditado jornal, em um dos numeros do mez passado, a infausta noticia do meu prematuro fallecimento.

«Se de qualquer conhecido ou amigo meu me annunciassem tão desgraçado acontecimento, eu me encheria

de profunda mágôa, e pronunciaria algumas palavras de commiseração segundo os estylos d'essa—não valle, senão propriamente—bola de lágrimas. O negocio, porém, é mais serio: não se trata do meu visinho Ucalegon que arde, sou eu proprio que por um lance caprichoso da fortuna, me vejo reduzido a terra, e pó, e cinza e nada. Posso asseverar a S. S.ª que o meu amor do proximo não é de tal quilate que eu sinta mais a morte de outro qualquer do que a minha propria. Ponho a modestia á parte, e concordo ingenuamente com todos que isso foi grandissima perda para o orbe terraqueo em geral, e para a minha pessoa em particular. Diria mesmo—grandissima, porque a extensão da perda bem póde tolerar uma exageração grammatical de superlativo!

«Todavia esse infeliz annuncio não me apanhou de todo desapercebido, tão certo é que as más noticias voão. Ainda o vapor que trouxe as malas do Rio se achava fundeado no Tejo, e já em París, quando alguma vez me accontecia sahir, olhavão-me todos com curiosidade e admiração, e como que querião perguntar-me as últimas notícias da *Oriboza* do Mexico ou dos *Campos Elyseos* ou do *Paraiso*. Hoje comprehendo o que isso foi! Deveria ter seguramente a minha physionomia o quer que fosse de extra-commum, de sepulchral como a de D. João de Maraña acompanhando o seu enterramento com desleixo.

«Mas D. João era um reprobo, e eu não fui senão um peccador da especie commum, com o defeito de tratar seriamente das cousas sérias.

«Foi esse o motivo por que estando eu convidado para

uma reunião, no dia em que me chegárão as malas do *Navarre,* deixei de comparecer por parecer-me desattenção comigo, e carencia de dignidade mortuaria, o apresentar-me em público no proprio dia em que recebia a noticia do meu fallecimento.

«Não, Snr.—Retirei-me ao meu aposento, tranquei portas e janellas, fiz noite e puz-me de nojo. Vi porém com certo pasmo que não se apressavão a desanojar-me, e isso me começou a injoar. E de repente..... por um movimento machinal, quiz bater com a mão na testa á modo dos vivos!—voltavão-me em charrua as ideias innatas: percebi com os olhos do espirito que eu não podia logicamente ser desanojado, visto que o morto era eu em pessoa!

«Ora á semelhança d'esta, me tem accontecido uma infinidade de desplicencias, de semsaborias que tornão a morte tão aborrecida como a propria vida. Já pela terceira vez repetia a minha memória de cabo a rabo os *Elementos de Civilidade,* que na minha infancia me poserão nas mãos, e que por castigo me fizerão copiar, e decorar tantas vezes. Pois n'esse livro precioso, n'esse codigo da gente bem nascida, acabo de descobrir lacuna irreparavel =o capitulo= de como se hãode portar os finados que se divertem em passar por entre os vivos. Não sei, por exemplo, se como bom christão devo encommendar alguma capella de missas por minha alma; não sei se devo trazer fumo no chapéo, porque parece que ha para isso maioria de rasão; não sei emfim se me será permittido fazer versos profanos com a restricção mental de algumas

alleluias para penitencia d'este peccado venial. Em summa nada sei, estou no reino das sombras. Ainda hontem encontrei-me com D. João de Maraña, que anda cá por cima de Herodes para Pilatos, mas sempre tão endiabrado que o não querem receber em parte alguma.

«Perguntei-lhe de que modo se tinha elle sahido d'estes mil e um embaraços, e o nobre hidalgo

Responde-me com gesto irado
Como quem da pergunta...

«No me hable U.d desso, hombre, que me dá fastidio! Todas estas contrariedades me vão enfastiando por tal modo que eu daria com o basta á propria morte, á inamolgavel, á fatal, á descaroavel morte, se para isso me não fosse de absoluta imprudencia dar um desmentido a jornaes tão conceituados como o seu, e sobretudo se não fosse preciso renunciar aos effeitos da bondade divina que me concedeu a graça especial, com que poucos dos seus eleitos se têem benzido, de ler as minhas necrologias, de admirar-me do grande homem que fui no seculo, sem me sentir.

«Mas a proposito de necrologias é justamente a esse respeito que me dirijo a S. S.ª porque quanto á minha morte já passou em caso julgado, ficarião prejudicadas as reclamações. Permitta-me S. S.ª dizer-lhe com a franqueza de quem já não tem contemplações com este mundo, que o seu artigo necrologico foi de uma parcimonia, de uma somiticaria, de uma avareza inqualificavel.

«Como! pois nem ao menos depois de morto me permitte S. S.ª que eu tenha no seu jornal mais espaço, do

que occupei no mundo em que vivi?! Então de que serve deixar-se a gente morrer? Por muito pouco exigentes que sejamos nós outros os defunctos, isso só bastaria para nos resuscitar á fôrça de pura indignação.

«*Tacit indignatio vivos.*

«Sempre suppuz menos mesquinheza da sua parte em favor de um collaborador do seu jornal. Suppuz que generosamente economico, S. S.ª me concedesse ao menos uma página toda inteira para mim só! — aos lados umas tarjas pretas, no alto um *hodie mihi*, coroado d'essas lágrimas que se vêm nas cartas de convite a enterro da côrte com uma fórma tão exquisita quanto parece que cheirão mal. Mas é moda, e os meus restos mortaes se enterrarião sem duvida com essas tres lagriminhas de pós de sapatos, arrojadas á feição de pão de assucar. Mais em baixo um *Ecce-pacit!* e no corpo da página nos typos chamados *Cicero* (invocação symbolica á deusa da eloquencia!) muita cousa bonita, verdades de epitaphios e os merecimentos que teve, e os que não chegou a ter por falta de tempo, e que não morreu do figado, por que sempre foi uma pomba sem fel, mas suffocado por uma sucia de tymbiras que se lhe attravessárão na garganta, e outras delicadezas a este modo, todas tocantes, sentimentaes, patheticas, de fazer rebentar em agua os parallelipipedos da rua do *Ouvidor!* Bem em baixo um *Domino plaudo,* para variar esse *requiem eternam* que já fatiga, e no fim.

(Assignado)

Gonçalves Dias.

«Cante-me d'isso! Assim qualquer christão se póde deixar morrer, e menos descontente embrulha-se na sua mortalha-cartaz e deita-se no sepulchro á espera do dia do julgamento final.

«Se a um coração tão bem formado como o de S. S.ª eu fosse porém citar exemplos d'esse mundo, eu lhe lembraria d'aquelle honrado negociante de Marselha, dono ou proprietario do *Grand Condé*, que apesar do *G* e *C* (tem tres metros!) foi posto de quarentena como um simples borda d'agua que tivesse na prôa a figura de nympha, aclavancada pelo capataz dos carpinteiros da ribeira! Em desrespeito aos grandes homens historicos da França custou ao pobre diabo nada menos de 20:000 francos, e é bem sabido que um negociante que acaba de soffrer um prejuiso d'esses é capaz de actos do mais inexplicavel desespêro, e chega até a lastimar a morte de um poeta!

«Assim, matou-me, mas tem desculpa: sem condoer-se dos meus respectivos infortunios, elle se lembrou de mim, espalhou no meu sepulchro goivos funebres, coroou-me a gelida fronte de perpetuas immarcessiveis com lamentos e suspiros arrancados de uma alma pasmada de esvoaçar pela primeira vez sobre campos da poesia. Fil-o poeta com a minha morte. Pobre negociante! Foi o derradeiro entremez da minha vida. Deus me perdoe! como perdôa tambem a S. S.ª o seu defuncto amigo

GONÇALVES DIAS.

Houve no emtanto quem tentasse desfigurar este facto da vida do poeta e em que elle não fôra parte, attribuin-

do o falso boato de sua morte a ardil concertado entre elle e o redactor do *Jornal do Recife!*

A maledicencia e a inveja, que estão sempre dispostas a tisnar os bons characteres, e o despeito dos que haviam acreditado sinceramente na notícia, e viam assim um meio de exercer uma vingancinha, deram-lhe curso, e o mais é que ha gente que finge ainda hoje acreditar n'essa calúmnia, quando não ha um facto, por mais insignificante, na vida do poeta que a possa authorisar, se não é que todos elles a desmentem formal e plenamente, a não bastarem para isso as circumstancias que deram lugar ao *qui-pro-quo*. Demos, porém, de barato que similhante aleivosia tivesse vislumbres de verdade, não estava ahi o viver singelo, a sobranceria, a esquivança com que sempre evitou louvores e vans ostentações e o arruido dos arautos litterarios, para que a gente sensata repellisse tão repulsiva infamia contra a qual protestavam bem alto as inauferiveis qualidades de Gonçalves Dias?

O unico culpado em tudo isso foi o consignatario de París e nunca jámais o redactor do *Jornal do Recife*. Ponha-se, porém, qualquer no seu caso, que faria outro tanto, apressando-se em transmittir ao público uma notícia tão importante, e que correspondia a uma calamidade nacional que vinha enlutar as lettras patrias. Se não o fizesse o jornal de que era redactor o sr. José de Vasconcellos, outro o faria, e nem era preciso que fosse publicada para que da casa commercial do Recife se propagasse da mesma fórma pela cidade e d'ahi por todo o imperio, levando a consternação a todos — brasileiros e

estrangeiros. Para que pois incriminarem de leviano tão sisudo e reportado cavalheiro, como é o sr. José de Vasconcellos?

Desmentido que foi o boato do fallecimento do festejado poeta, e sabido que vivia em paiz estrangeiro reduzido á maior penuria, cumpria á nação accudir sollícita e pressurosa a um filho que era sua glória e seu orgulho, e o nosso govêrno assim o fez, concedendo-lhe o ministro de estrangeiros por despacho de 27 de agosto (1862) seis mezes de licença com todos os vencimentos. Em março do seguinte anno prorogou-a com *metade* do ordenado; e findo esse praso, concederam-n'a de novo, mas já *sem ordenado algum.*

Amigos prestimosos e dedicados de Gonçalves Dias, esforçaram-se então para que não ficasse elle na Europa desprovido de recursos, e assim conseguiram se restaurasse a commissão de exame dos archivos e bibliothecas portuguezas que elle já exercêra em 1854, e que fôra extincta com a morte de João Francisco Lisboa, seu successor n'ella, accrescentando-se á gratificação d'este encargo a de membro da Exposição Scientifica, incumbido de assistir á impressão e rever provas dos relatorios d'ella.

Era isto mui louvavel e honrava assaz a quem o propozera como ao ministro que referendára o decreto. Não faziamos com isso mais do que é costume practicar-se em outros paizes com seus benemeritos, e já que copiamos d'elles tantas instituições contrárias á nossa indole, costumes e clima, é mais louvavel e meritorio que o façamos

em cousas tão justas e sanctas. Por nossa vergonha foi de pouca duração essa benemerente medida.

Succedendo a este outro ministerio com idéas de economia, supprimiu-a, tirando ao poeta o unico recurso que lhe restava a elle, que prostrado por mortal enfermidade, via-se abandonado, caminho da sepultura e tão longe da patria! Era isso uma crueldade, e revolta ainda mais acto tão censuravel e sem qualificação, quando se considera que o nosso govêrno tão largo e pouco escrupuloso com amigos e acostados, que não têm ás vezes uma unica qualidade que os abone, foi tão atrozmente mesquinho para com um dos nossos mais illustres compatriotas. Torna-se mais saliente a injustiça por ter sido cassada essa ordem pelo sr. conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva, então ministro do imperio, tambem poeta, varão distinctissimo por suas luzes, orador de subidos quilates e engenho superior, e por occupar a pasta de estrangeiros um comprovinciano de Gonçalves Dias.....

O sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo no seu discurso proferido a 16 de dezembro de 1864, na sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geographico, quando ao lamentar a morte do poeta, refere-se a este acto, estygmatisa-o n'estes termos não menos eloquentes que verdadeiros: « Era a miseria que visitava o poeta moribundo em seu pobre leito na terra estrangeira; era a miseria que se sentava á cabeceira do agonisante e se mostrava fria, horrivel, ameaçadora aos olhos d'aquelle que tinha creado para o Brasil tão mimosas e bellas pro-

ducções, em *Marabá*, na *Mãe d'agua*, em *Gulnare*, em *Coema*. Era a miseria mandada em nome de não sei que lei do Brasil, como se o Brasil podesse ter lei que mandasse matar-lhe a glória! *(Revista Tr. do Instituto Historico*, tom. 27.º, pag. 135.)

Nem é por demais vehemente esta objurgatoria ou exagerado o topico d'este memoravel discurso, quando tracta do poeta; e se se lhe póde apontar alguma inexactidão, por mal informado o orador, é quando diz que Gonçalves Dias mantinha-se em París ás sopas do nosso estimavel e velho diplomata Droumond de Menezes, e que se embarcára em navio de véla por falta de meios. Sei com toda a certeza que Gonçalves Dias tinha algum dinheiro comsigo e que morou até partir para o Maranhão no hotel Lafolie. Se tivesse, porém, cahido em tão extrema miseria, seus amigos do Maranhão accudiriam pressurosos a suavisar-lhe a sorte e tornarem-lhe seus padecimentos menos penosos; tinha Sua Magestade o Imperador que prevenindo sollícito qualquer difficuldade que esse acto de seu govêrno trouxesse ao poeta enfermo, praticou um d'esses rasgos de mirifica generosidade tão communs n'elle e que assim apregoa o proprio sr. dr. J. M. de Macedo: «Sua Magestade o Imperador que sempre destinguíra e estimava o illustre poeta; mas que o suppunha a coberto de quaesquer privações, mercê de providencias que contava houvessem sido tomadas, sentiu-se profundamente afflicto, e mandou logo pelo paquete francez do mez de agosto ordem illimitada para do seu bolsinho prestarem-se ao nosso consocio todos os meios

pecuniarios que lhe fossem necessarios ». Já não o encontrou em França tão liberal auxílio, nem o aviso do ministro do imperio restabelecendo a gratificação de director da secção ethnographica da Commissão Scientífica [1]. Demais, pelas proprias cartas de Gonçalves Dias sei que recorreu a todos os meios que a sciencia medica aconselhava contra sua enfermidade; esteve em uso de aguas em diversas cidades da Allemanha e de França; consultou as notabilidades medicas de París, da Belgica, da Prussia, e nunca a enfermidade remittiu, antes foi sempre caminhando, porque era fatal e sem remedio!

Não pretendo com isso escurecer os bons serviços e carinhos que lhe prodigalisaram o nosso respeitavel compatriota e sua familia que foram mui prestadios e caridosos em obsequial-o, como estou de tudo bem informado pelo illustre M. Ferdinand Denis, que ainda a 27 de junho de 1869 escrevia-me de París: «J'aimais et j'admirais sincérement, comme vous, le poëte Gonçalves Dias, non seulement à cause de son sentiment poetique si original, si élevé, mais aussi en raison de la noblesse de son caractère et de la bonté de son cœur.

«Il était aussi aimé et apprecié dans l'excellente famille Droumond de Menezes, et les soins les plus délicats, je dirai même les plus touchants, lui étaient donnés non seulement par M. Droumond, mais par sa digne compagne dont la perte récente laisse tant de deuil. Ces soins, dont je vous parle, allaient si loin qui tous les matins, malgré la distance qui séparait l'hotel du poëte de l'habi-

[1] Vej. nota — H — o excerpto do *Discurso* do sr. dr. Macedo.

tation de ses amis, une soupière d'argent remplie d'arrow-root préparé avec un soin qu'on ne peut attendre que de l'amitié, lui était expediée. Je ne crois pas cependant que Dias ait souffert d'un besoin d'argent; il était logé dans un excellent hotel de la rue Vivienne, où je suis allé le voir plusieurs fois, et les serviteurs comprenaient parfaitement qu'ils avaient en lui un homme peu ordinaire, qu'on ne pouvait confondre avec les voyageurs qui se confondent dans ces vastes caravancerails tant confortables qu'ils peuvent être.»

Esta rectificação não enfraquece de modo algum a merecida censura que faz o sr. dr. Macedo ao imperdoavel acto do nosso govêrno; porém o que é ainda mais triste e digno de execração ou de lástima é o abandono em que têm estado até hoje a velha mãe e a esposa do poeta. Quando todos os dias vemos o govêrno propor e o corpo legislativo decretar verbas para pensões a viuvas e filhos de titulares e de medalhões, verdadeiros espantalhos, senão que foram sanguesugas da substancia pública; quando em 1848 assisti das galerias das camaras dos deputados á discussão de uma proposta d'augmento de pensão a certa viuva, allegando-se que era para sege e lacaios, sinto-me indignado de tão injusto esquecimento! Se até hoje ainda não morreu á mingua; ou não estendeu na estrada a mão á caridade pública a velha e pobre mãe do poeta, se ainda não chegamos a essa miseria e vergonha, deve-se ao coração generoso do sr. dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal [1], que tem religiosamente continuado

[1] Apresento aqui o retrato d'esse intelligente e generoso brasi-

Theophilus

a fornecer-lhe a mezada que Gonçalves Dias dava-lhe em vida desde 1848. Quanto á viuva do poeta, essa para poder manter-se vive de ensinar piano e outras prendas, ella que é tão fraca e tão enfermiça!

Não é que no Senado Brasileiro se não levantasse em maio de 1873 a eloquente e generosa voz do ex.mo sr. conselheiro Octaviano, verberando essa feia ingratidão e reclamando para ella o pagamento de divida tão sagrada n'estes breves e vigorosos argumentos por occasião de discutir-se um projecto de pensões: «Meus, senhores, cumpre advertir que as nações não devem remunerar sómente os serviços de seus funccionarios: ha serviços de uma ordem elevadissima, serviços feitos por particulares ao progresso e á honra das nações, que merecem grandes remunerações. Não é só na magistratura, no campo da batalha ou na administração que podemos zelar o patrimonio e reputação do Brasil: é tambem nas lettras, nas artes e nas indústrias.

«Portugal, sr. presidente, é hoje mais conhecido e mais illustre pelo poema do seu grande poeta, do que pelos feitos heroicos de seus homens de armas e de administração. O poema de Dante ha de fazer recordado sempre o berço do seu nascimento, mais do que as facções dos brancos e negros, dos guelphos e gibellinos.

«Nós temos tambem, sr. presidente, algumas glórias litterarias que já nos elevam no conceito do mundo e hão

leiro, cujas feições sympathicas e francas reflectem os nobilissimos sentimentos que se aninham n'aquella grande alma affeita aos ternos affectos e a tomar parte nas dôres alheias para allivial-as.

de no futuro constituir o patrimonio de honra de nossos filhos. Gonçalves Dias é uma d'essas glórias, é no meu conceito o primeiro dos poetas brasileiros, e foi pena que a molestia e a morte nos roubassem o muito que nos promettia ainda mais aquelle grande talento e aquella alma inspirada. Pois bem, senhores, a viuva do immortal poeta está arcando com a miseria, e apezar de sua debil compleição, é obrigada a dar lições em casas particulares, com uma fadiga que a está matando a pouco e pouco, para não morrer á fome ou estender a mão ás esmolas».

«E cumpre saber-se que esta senhora não é sómente a viuva de Gonçalves Dias, é tambem a filha de Claudio Luiz da Costa, o funccionario philanthropo, que largos annos de vida despendeu no curativo dos nossos soldados desde a Independencia e até em campo de batalha, e que consagrou a velhice a educar os pobres cegos, liberalisando com estes não só os seus ordenados que recebia da nação, mas o pouco que tinha podido economisar na mocidade.

«É para esta senhora que chamo particularmente a attenção do govêrno. Ella tem um duplo direito á consideração nacional: é a viuva do nosso poeta mais illustre; é a filha de um dos mais dignos servidores da nação.» (maio de 1873).

Em vista d'este borrão na nossa história litteraria é lícito suppor que se Gonçalves Dias não definhou no catre de um hospital foi por não o consentir o adiantamento d'este seculo e nem termos á mão a enxerga onde morreu Camões!

Rematando aqui esta digressão a que obrigou-me o encadeamento logico dos factos, volvamos á interrompida narração para concluir esta parte da biographia do poeta.

Pôde elle, como já fica relatado, chegar a París onde d'ahi a tempos entrou a exercer a commissão de que o encarregaram, mas soffrendo sempre, e sem allívio nem melhoras que o fortalecessem.

Cederam os symptomas de lesão do figado e do coração; mas aggravaram-se-lhe os dos pulmões. Em 1860 já eu lhe havia descoberto uma escrophula no pescoço que durante suas excursões pelo Amazonas desappareceu sem tractamento algum, saltando essas expressões morbidas para as vias respiratorias, onde se foram metamorphosear em pthysica laryngea: a voz tornou-se-lhe rouca até abafar-se-lhe de todo, de modo que era-lhe necessario para fazer-se por último comprehender valer-se de acenos e da escripta.

Emmagrecia á vista d'olhos e com as fôrças minguadas, abattido e triste, denunciava tudo seu proximo fim, e ninguem já se illudia sobre a gravidade de sua molestia, senão elle, coitado! que não conhecia seu estado, formando projectos e procurando em toda a parte o restabelecimento da saude, e para isso andava de leu em leu atraz de facultativos ou clima que lhe debellassem o mal! De París passou-se para Lisboa, de Lisboa tornou-se a París, e d'ahi para Bruxellas, para Dresde, para Munich e de novo para París, e não houve aguas de França e da Allemanha, como já disse, preconisadas por suas

virtudes therapeuticas, que não experimentasse, até que no cabo de dous annos de desenganos resolveu afinal partir para o Maranhão, cedendo a reiterados convites meus; persuadido como eu estava de que em uma temperatura tepida e sempre egual, e no tranquillo e affectuoso regaço da amizade, cercado de cuidados e tractado convenientemente, se não melhorasse, certo estacionaria a molestia; e quando viesse a perecer, daria o último arranco entre carinhos e nos braços dos amigos, vendo ao redor de si rostos conhecidos e banhados de lágrimas de verdadeira dor. Seus despojos mortaes seriam, como era seu maior desejo, depositados na terra da patria para que os consummisse!

Tencionava vir em agosto de 1864 como m'o communicára a 23 de julho: «O Capanema me escreveu do Rio ultimamente, dizendo que não obstante se ter dado por finda a minha commissão, tinhão-se arranjado os negocios por fórma que eu poderia continuar a estar por estes climas. Até agora, porém, não sei que arranjo foi esse, e não me consta officialmente nada. Ora, como eu não quereria que o inverno me apanhasse por cá abanando com as mãos — abanando, visto que o inverno não permitte tão util entretenimento, nem ha moscas que apanhar, estou, vae não vae, a decidir-me e a fazer companhia ao Odorico em viagem para o Maranhão. A viagem do mar, em navio de véla me hade fazer bem, a estada no Maranhão ainda melhor».

A imprevista e repentina morte de Odorico Mendes veiu embaraçar-lhe a viagem, transtornando-lhe os calcu-

los e projectos a perda do amigo, que lhe foi bastante sensivel. «O Brasil acaba de soffrer uma perda irreparavel, dizia-me em carta de 25 de agosto. Odorico falleceu em Londres a 17 do corrente! Antes d'elle morreu em Portugal o Lisboa, e eu não quero ficar enterrado em París, nem ainda para seguir o exemplo de gente tão recommendavel.

«Ha meia duzia de dias haviamos ajustado partirmos ambos para Lisboa e d'alli para o Maranhão. Voltar para o Maranhão era o seu desejo mais fundo: já elle tinha arranjado na mente a sua casa, o seu modo de vida, o seu commodo para morrer.

«Quiz, porém, ver Londres antes de dizer o seu último adeus á Europa e alli fica sepultado!

«Não te posso dizer quanto sinto essa morte, Odorico mesmo nunca soube quanto eu o estimava.

«Fico aqui. Estou á espera de minha boa comadre, D. Militina, que ha de estar, e com rasão, inconsolavel com a morte do irmão.

. . . . . .

«Em todo o caso vou ver se salvo os manuscriptos do Odorico. De qualquer fórma que seja lá os havemos de imprimir.»

A 6 de setembro (1864) escrevia-me pela última vez, communicando-me a sua partida, que estava para breve. «Persuadido de que uma longa viagem por mar (pensava elle com as illusões de doente) ha de ser de algum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre».

«Dizem-me que ha um navio a sahir no dia 10 do cor-

rente. Se ha, vou n'elle. Em outubro devo lá estar, se não ficar no mar. (Que presentimento!)

«O nosso secretario em Lisboa, Costa Motta, te ha de remetter umas malas com roupa minha e uns caixotes com livros e retratos de frades, que pude arranjar pela Bibliotheca Nacional de Lisboa.

«No caso de alguma catastrophe, *quod absit*, os retratos ficão para a nossa Bibliotheca, e as copias de manuscriptos manda-as para o Instituto!»

«Tenho não sei porque boas esperanças de que a viagem me fará bem; mas quando mesmo me dê mal e muito mal, ainda assim é mais que provavel que tenha ainda o prazer de te dar um abraço.»

Infortunado amigo! Depois de tão longa jornada, e em que libravas tuas mais firmes esperanças, vieste achar morte, morte tracteada das horriveis ancias da asphyxia, quando ante-gostavas a tranquillidade e o affectuoso tractamento entre os amigos!

D'esta viagem e do estado grave em que embarcou Gonçalves Dias, dá succinta conta o sr. Ramalho Ortigão na sua obra — *Em Paris*, —[1] na volta de uma visita que fez a mr. Ferdinand Denis:

«Foi com as lágrimas na voz e com a maior tristeza no semblante que Ferdinand Denis se referiu aos ultimos dias que Gonçalves Dias, o chorado poeta brasileiro, viveu em Paris, profundamente minado pela enfermidade que depois lhe deu por tumulo o occeano. O melancholico moço espairecia a sua mágua fumando constante-

[1] Vej. a supracitada obra, impressa no Porto em 1868.

mente e fallando da morte, que tinha nos pulmões, com uma glacial indifferença, que compungia profundamente quantos o conheciam e amavam.

«Embarcou para o Maranhão tão doente, que o sr. Drummond, um respeitavel ancião outr'ora ministro do Brasil na côrte de Roma e em Lisboa, residente em Paris desde alguns annos, e que tributava a maior affeição a Gonçalves Dias, recommendou instantemente ao commandante do navio que o conduzia á patria que, se o infeliz viajante fallecesse na viagem, elle Drummond satisfaria toda a despeza que se fizesse a bordo para conservar o cadaver, a fim de que chegassem pelo menos seus despojos mortaes á amada terra de sua patria.» (Pag. 65 da *obr. cit.*)

No dia 9 de setembro de 1864 já se achava Gonçalves Dias a bordo do *Ville de Boulogne*, que no dia seguinte deixava o porto do Havre e fazia-se de véla para o de San'Luiz do Maranhão.

Foram sollicitos Drummond e mr. Ferdinand Denis em recommendar ao commandante que se desvelasse e tivesse o maior cuidado e attenção para com o passageiro enfermo, e tão digno por isso, e por sua importancia e valia de toda a especie de favores. Assim o diz o sr. Ramalho Ortigão na sua obrinha, e o confirma mr. Ferdinand Denis em carta com que me honrou.

Que horas minguadas e tristes não passou o infeliz Gonçalves Dias entre essa marinhagem rude e indifferente, elle tão fraco, já sem voz, antes moribundo que vivo, entregue a seus pezares a sós comsigo! ..... Consolava-o ao menos e sustinha-o a idéa de que ia morrer

entre os seus mais intimos amigos e na terra de seu nascimento.

E essa idéa tanto o preocupava, que o derradeiro canto que desprendeu dias antes de partir de França, foi a poesia intitulada — *Minha Terra.*

N'ella mostra recordar-se com saudades do céu da patria, dos amigos e de seu lar! Como com a *Canção do exilio,* inspirada nas saudades da patria, inceta seus *Primeiros Cantos,* assim com esta fecha a sua carreira poetica! Acabou como havia começado — rememorando a patria e com ella abraçado:

Quanto é grato em terra extranha
Sob um céu menos querido,
. . . . . .
. . . . . .
Recordar sabidos casos
Saudosos da terra amada!

E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,
Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso ameno luar!

. . . . . .
. . . . . .
Depois de girar no mundo
Como barco em crespo mar,
Amiga patria nos chama
Lá no horisonte a brilhar.

E vendo os valles e os montes,
E a patria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isto que vejo é meu!

Meu este sol que me aclara,
Minha esta brisa; estes céus,
Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço, são meus!

Mais os amo, quando volte,
Pois do que por fóra vi,
A mais querer minha terra
E a minha gente apprendi[1].

Foi o brigue seguindo sua derrota sem nenhum accidente que a contrariasse. Oito dias antes do naufragio, já escasseavam tanto as fôrças ao poeta que para sahir do leito havia mister da ajuda de algum dos tripulantes, e repellia toda e qualquer alimentação, contentando-se unicamente de agua com assucar e de aspirar o fumo do charuto, que lhe era soprado na bocca por um moço da camara que se lhe tinha affeiçoado, e a quem Gonçalves Dias dava a entender por acenos que não chegaria á terra natal.

Quando ás seis horas da tarde do dia 2 de novembro avistaram as costas do Maranhão, pediu que o levassem ao tombadilho, e ahi enfiando por ellas os avidos olhos arrasados de lágrimas, sentiu tão profundo abalo que cahiu em deliquio. Das tres para as quatro horas da madrugada já do dia 3 de novembro batteu o brigue nos baixos chamados *Corôa dos ovos*, ou dos *Atins*, proximos á villa de Guimarães, e em breve estava toda a embarcação inundada e a camara completamente tomada de agua, perecendo n'ella Gonçalves Dias! Por mais pro-

[1] Vej. *Obras Posthumas*, 1.º vol., pag. 47.

testos que depois fizessem os tripulantes em sua defeza, não houve na confusão e faina de safar o brigue, alma piedosa que se lembrasse de accudir ao desgraçado poeta que via agora os dias ameaçados de anciada morte, como se lhe não bastasse a mortal enfermidade que os trazia contados! Horrivel supplício que havia de ter sido essa lucta! Prêso ao beliche que lhe ia servir de esquife, sem poder transportar-se ao tombadilho onde estava a salvação, e sem voz para se fazer ouvir, bradando soccorro, via as aguas subirem, até que o submergiram e suffocaram, extinguindo-lhe a trabalhada existencia!

Nem ao menos cuidou a tripulação em salvar seu cadaver que foi de certo devorado pelos tubarões que abundam nas costas e bahias do Maranhão [1].

Que angustiada morte e que tumulo!

. . . . . .
Cahir assim do pantheon da história,
do fastigio, do vortice, do cumulo,
ante-sazão, no immenso mar seu, tumulo,
onde não vela a sombra de uma cruz!

. . . . . .
Insondaveis mysterios do destino!
foges, cançado, aos temporaes da vida,
ergues o vôo, e cahes, aguia ferida,
no pego dos eternos temporaes!

No mar ficou apenas a crysolida.
O tempo que as memorias divinisa
ha de escrever teu nome por divisa.

THOMÁS RIBEIRO.

[1] Vej. no *Appendice*, nota C, in fine da biographia, o depoimento

Seriam cinco horas da tarde d'esse infausto dia 3 de novembro quando entrou a divulgar-se a luctuosa e contristadora noticia da morte de Gonçalves Dias, espalhada pelos naufragos que acabavam de chegar á nossa cidade. Fui immediatamente procural-os informando-me do piloto de todas as circumstancias do sinistro. Disse-me que quando se lembraram do passageiro já se achavam distantes da embarcação e quasi a abicar á praia; mas que tambem quaesquer diligencias poder-lhes-hiam ser fataes e de pouco ou nenhum proveito para Gonçalves Dias, que antes d'elles partirem *já devia* ter perecido afogado nas aguas que desde o principio do naufragio tinham inundado a camara, e porc erto o asphyxiado em pouco tempo, visto sua grande debilidade e o mau estado dos pulmões. Mostrando-me então pezaroso e bastante afflicto, e reconhecendo demais o piloto a importancia do passageiro, não só pelo que eu lhe dei a entender, como tambem pelas frequentes indagações que a elle e aos mais tripulantes fazia grande parte da população que accudia aos magotes á casa a que se tinham recolhido, comprehenderam todos elles que haviam procedido mal, e começaram a afiançar que o poeta succumbíra muito antes do naufragio; mas eram n'isto tão contradictorios que não poderam enganar aos menos avisados.

Resta agora averiguar outra questão tambem de si bastante grave: sería o naufragio casual ou intencional? Os pe-

do commandante e os do 2.º, 3.º e 6.º deponentes que por elles claramente deprehender-se-ha que houve descuido, e que a ninguem occorrêra a idéa de salvar Gonçalves Dias.

ritos da costa do Maranhão o declaravam a meia voz que com mar chão e vento de feição, depois de avistar-se o pharol de Sanct'Anna não se perde um navio em baixo tão conhecido, marcado nas cartas, e dirigida a derrota por officiaes praticos na costa por tantas viagens que tinham já feito a ella, como acontecia com os do *Ville de Boulogne,* senão de caso pensado e muito de proposito.

Davam mais consistencia a essas suspeitas o estarem o carregamento e o barco seguros, e este por velho, reclamando grandes reparos. Já estes rumores não eram mysterio para ninguem, e todos d'elles se occupavam, menos a policia!

No fim de sete dias accordou ella afinal e passou a interrogar os naufragos, porém com tal morosidade e intervallos, que sendo doze os interrogados, só no dia 21 de novembro é que se procedeu ao interrogatorio do undecimo e duodecimo, advertindo-se que os quesitos foram identicos, pela mesma ordem, e sem a menor reflexão ou contradicção que os podesse colher em desaccôrdo ou falsidade. Tiveram assim bastante tempo para concertar entre si nas respostas; e comtudo, o mais simples exame das peças do processo dá logo a conhecer palmares contradicções nas respostas dos tripulantes e deixa a convicção de que o poeta ainda vivia quando a camara encheu-se de agua![1]

O immediato ao piloto do brigue, interrogado a 10 de novembro, diz que logo depois do choque do navio, co-

[1] Veja-se esse processo no fim da biographia *(Appendice),* na nota C retro citada á pag. 170.

nheceu por meio da *luz que vinha da abitacula*, que Gonçalves Dias estava morto!... Note-se que a abitacula fica no tombadilho ou convez, e os beliches de passageiros aos lados da camara por baixo d'este, e que esse depoimento vae tambem de encontro ao que elle referiu a mim e a outras pessoas, na noite de 3, quando não suspeitava da gravidade do caso. Accrescenta mais que o brigue naufragára das tres para as quatro horas da madrugada, e que o teria abandonado ás sete horas da manhã, o que sería incrivel, quando não o desmentissem os habitantes da costa, as notícias vindas de Guimarães e os depoimentos de seus companheiros de infortunio, inclusive o do capitão, que foi o último a deixar o seu posto de honra, segundo elle proprio o affirma, dizendo aliás que o fez ainda de madrugada e quando o brigue se ía ao fundo.

Vamos agora ao que allegou o homem do leme, segundo deponente, interrogado no dia seguinte. Não obstante medearem vinte e quatro horas, tempo mais que sufficiente para combinarem nas respostas, este refere que no começo do perigo todos os esforços eram empregados para a salvação do navio, e que no *momento de embarcar a tripulação para a chalupa* mandou o capitão dois marinheiros em busca do passageiro, e que *não foi possivel chegar-se ao lugar* onde era de suppor fosse este encontrado, porque a camara estava completamente invadida pelas ondas.

Se o immediato havia antes verificado que Gonçalves Dias já estava morto para que deixou que o capitão o mandasse procurar por dois marinheiros?!

O mestre do brigue interrogado em terceiro lugar, informou que no momento do desastre notára que Gonçalves Dias *mechia levemente com as mãos* (era a sua linguagem por lhe faltar a voz), o que está em contradicção com o immediato que o dá por morto antes do sinistro. Diz mais que no primeiro momento do naufragio, o capitão, que estimava Gonçalves Dias (e quem não o estimaria!) o mandou transportar para a chalupa; mas que depois, reflectindo que seria mais conveniente pôr esta a nado antes que os vagalhões a enchessem de agua, como já o estavam a camara e o convez, resolveu passar Gonçalves Dias para ella quando houvesse de largar do brigue; mas que infelizmente *não foi possivel chegar ao camarote do passageiro*, porque foi a camara toda feita pedaços e o navio aberto de pôpa á prôa e tomado totalmente pelas ondas a tal ponto que se não pôde lançar mão sequer de um pouco de biscoito que estava na mesma camara. Quem ha que deixará de condemnar essa demora na trasladação do enfermo quando conhecia o capitão que já estava a camara cheia de agua?!

O quarto interrogado informou que o navio partiu-se de meio a meio logo depois do choque, e que indo elle pouco antes á camara em busca de biscoitos, a encontrára tão cheia de agua que não lhe foi possivel entral-a, e que *suppõe* (sic) que n'esta occasião fallecêra (podéra que não!) o passageiro dr. Antonio Gonçalves Dias. O quinto interrogado é accorde com estes tres, accrescentando, porém, que ouvíra a alguns marinheiros e ao mestre, que no emtanto calou essa circumstancia, que quando o im-

mediato fôra accordado pelo embate do navio, passou por frente do leito do passageiro, que já encontrou morto, e todavia o immediato no seu depoimento diz que verificou a morte de G. Dias, olhando para dentro da camara, ajudado pela luz que despedia a abitacula, e não *passando por juncto de seu leito*. O sexto deponente diverge do terceiro, assegurando que Gonçalves Dias por occasião do choque do navio *movia com as mãos*, e que não pôde tiral-o do beliche por estar a camara litteralmente cheia de agua, e o setimo informando que o navio, logo que batteu, encheu-se de agua, obtemperou que no meio da confusão que reinava *viu por entre os destroços da camara inundada pelas ondas o passageiro Gonçalves Dias, ou antes seu cadaver, fóra do leito com a cabeça para baixo e o resto do corpo mettido ainda no camarote, e que á vista da completa inundação da camara sem haver meio algum de chegar ao lugar em que estava o passageiro sem grande risco, tornou-se cousa impossivel salval-o ou pelo menos o seu cadaver.*

Pelo topico d'esse depoimento percebe-se que golphava agua em toda a camara, e que o infeliz Gonçalves Dias tentára sahir do camarote, como se collige perfeitamente da posição em que o víra o marinheiro Sager. Concorda o oitavo deponente com o setimo nas circumstancias essenciaes. O nono, cozinheiro do brigue, como que dá a entender que Gonçalves Dias estava com vida por occasião do naufragio. O capitão do brigue, decimo interrogatorio, perguntado a 15, quatro dias depois de encetadas as averiguações, informa que no momento do nau-

fragio o seu estado (o de Gonçalves Dias) *devia ter peiorado* (não affirma) *bastante* a ponto de achar-se *talvez já morto*, quando deu-se o sinistro. Refere além d'isso, que « apezar da grande confusão que reinava a bordo, perguntou a seu immediato e a mais um marinheiro (provavelmente ao setimo informante) pelo passageiro, e foi-lhe por elles dicto que se achava morto, o que era muito possivel attento o estado a que se achava reduzido. «O undecimo abundando na affirmativa de que o navio, logo que entrou a batter, perdido o leme, encheu-se de agua por tal fórma, que havia d'ella quatro pés acima do convez, tanto que a chalupa já fluctuava quando lançaram mão d'ella para salvarem-se, diz que quanto ao passageiro, suppunha que houvesse morrido ao primeiro choque do brigue em vista da sua extrema fraqueza, e que depois não era possivel entrar na camara a fim de trazel-o para cima por estar esta despedaçada e tão cheia de agua que a lancha ou chalupa de bordo fluctuava no convez, tendo tambem para si, como o capitão, que Dias fallecêra com o choque do navio; mas que ás oito horas da noite, isto é, sete antes do sinistro, *tinha estado com elle, e que então ainda movia o corpo.*

Sem embargo de estarem os tripulantes de mãos dadas e conluiados a deporem todos no mesmo sentido, e da deficiencia e defeitos do processo, ainda assim colligem-se das palavras d'alguns d'elles, que Gonçalves Dias não estava morto quando o brigue batteu, e que excepto o piloto e um outro d'outiva, ninguem affirma positivamente o facto, ou então louva-se n'elle, cujo testimunho é con-

tradictorio ao que no principio dizia e destruido pelas respostas do setimo e nono deponentes.

De tudo isto e do mais que colhi de minhas proprias indagações concluo e tenho a triste e inabalavel convicção de que Gonçalves Dias morreu no naufragio por descuido e abandono da equipagem do brigue —*Ville de Boulogne!*

Misero e mesquinho poeta! Infeliz ao ver a luz, mais infeliz ainda ao despedir-se d'ella! Nasceu ás occultas, no meio das florestas e de ventre impuro; morreu no mar de morte angustiada, e seu cadaver, insepulto e agitado pelas vagas, desappareceu no meio d'ellas!

Singular coincidencia! Embarcado em abril de 1862 para a Europa, espalhou-se o boato que havia fallecido a bordo recebendo o oceano seus restos mortaes, e ao tornar-se d'ella, perde-se a embarcação, acaba elle ahi os dias e servem-lhe as ondas de mortalha! E o coração presago lhe prenunciava de continuo e de ha muito a morte!.....

Escrevendo do Rio a 10 de julho de 1853 ao sr. dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal já lhe dizia.... «nas minhas horas de tristesa, e de pesar, que as tenho, e muito, sinto de te não ver ao meu lado: deixo-me vencer do desánimo, e na edade que é para os outros (tinha trinta annos então), a fôrça da vida, *a morte se me antolha* ás vezes como uma grande, immensa felicidade.

«Admiras-te? Que lhe hei de eu fazer se é culpa da minha organisação? Com ella esta-me parecendo que ainda no ceu teria motivos para me reputar infeliz.

«Estou cansado, meu Theophilo, declino e creio que

bem rapidamente. Nada tenho feito a não ser a conclusão da Memoria do Instituto *(Brasil e Oceania)* depois que cheguei ao Rio (refere-se ao seu regresso depois da commissão ao norte do Brasil em 1851) para nada tenho gôsto, nem mesmo para fazer uma viagem á Europa, porque tenho medo de deixar minha mulher em terra estranha e longe dos seus.

«Sinto-me de dia a dia mais fraco, mais abattido, mais incapaz de estudos serios, de trabalhos aturados .... a não ser as saudades, phantasiei-me muitas vezes um morrer solitario, mas placido e tranquillo, sem lagrimas, sem gritos, sem companhia tambem. Figurava-me no meu quarto de estudo com os meus authores ao lado, d'onde podesse ver o sol no seu occaso, e a natureza e o ceu que me sorrissem pela ultima vez, ao correr da viração da tarde, e sentindo a exhalação da terra, o sussurro do mar, o perfume das flores. Que me fosse dado dizer um adeus a tudo isto na melhor de todas as minhas composições, que te chegasse orvalhada com as lagrimas da saudade, e depois, quando das mãos frouxas me caisse a lyra, continuar ainda n'um phantasiar vago, ouvindo os sons mais fracos, sentindo mais tenues os perfumes, como quem adormece ao som de musica que se affasta, e no meio de sombras vaporosas de imagens radiantes, de uma harmonia longiqua, e desfallece pouco a pouco até que no ultimo raio que desferisse o sol, fugisse minha alma para os pés de Deus.

«Has de agora ver que não morro assim, ou de uma

apoplexia no meio da rua, mas tomando caldos á força, coberto de sinapismos dos pés á cabeça, cercado de remedios como uma pharmacia em dia de balanço, com caras de chôro, com as lagrimas do estylo e uma véla de cera amarella na mão!»

Voltando á mesma idéa da morte proxima, em carta dactada de Lisboa de 13 de março de 1864, assim se expressa.....

..... «Já não era pequena fortuna acabar a gente como quer e onde quer. Se é certo que uma bala doida n'um campo de batalha, um choque de apoplexia fulminante, ou a lanceta indiscreta de um sangrador de má morte leva um homem com admiravel facilidade .....

.....

«Hoje penso de outro modo. Quer-me parecer que o homem ferido de morte no meio do mais profundo somno, acorda ao menos em espirito para morrer, é o relampago que fusila no meio das trevas para alumiar a estrada que deixámos, é o abysmo para que já temos o pé alevantado. Pois se assim é, melhor será chegar a esse termo, legando as ultimas palavras, o ultimo riso, a ultima lagrima áquelles que amou na vida, discorrendo philosophias como Socrates, ou poetando no leito da morte, como o immortal D. Quichote:—Ves tu, amigo Sancho, aquella pobre avesinha que n'aquelle tosco ramo tinha o ninho? foi-se e abandonou-o, e não voltará mais!»

Depara-se em seus *Cantos*, por diversas vezes, com o torvo aspecto da morte a entenebrecer-lhe o pensamento.

Nos *Primeiros Cantos*, na poesia que tem por titulo — *Minha musa* — lê-se:

N'esse pobre cemiterio
Quem já me dera um logar!
Esta vida mal vivida
Quem já m'a dera acabar.

(*Cantos*, 1857, pag. 27.)

Na mesma parte de seus *Cantos*, na poesia dedicada ao dr. João Duarte Lisboa Serra:

..... minh'alma anceia
A hora em que tambem ha de asylar-se
No seio immenso do perdão do Eterno.

(*Cantos*, 1857, pag. 110.)

Na — *Quadras da minha vida* — diz:

Lagem fria dos mortos! quem me dera
Gosar do teu descanço, ir asilar-me
Sob o teu santo horror, e n'essas trevas
Do bulicio do mundo ir esconder-me!
Oh! lagem dos sepulchros! quem me désse
No teu silencio fundo asilo eterno!

(*Cantos*, 1857, pag. 149.)

E então estava o poeta na primavera da vida, contava vinte e tres annos, e no entanto já anciava pela paz do sepulchro!

No *Ainda uma vez adeus* vem estas palavras fatidicas:

Adeus, qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida comtigo,
Ter sepultura entre os meus!

(*Idem*, pag. 289.)

Não me perguntes porque soffro — triste,
Porque da morte o negro espectro invoco,
Porque cançado d'esta vida almejo
A paz dos tumulos.

(*Quando na hora — Idem*, pag. 567).

Volve mais adiante a esse anceio de morrer:

Talvez na pedra de um sepulchro frio
Melhor folgára de me ver deitado,
Sentir nos olhos estancado o pranto
E amadorrado o padecer no peito.

(*Idem*, pag. 568.)

Foje pois, ó minha alma, da vida
Foje, foje da vida mesquinha,
Leva timida esperança, caminha
Té parar na presença de Deus!

(*Desesperança*, pag. 597.)

Minha hora derradeira sôe em breve,
A só esperança que nos mortaes não falha!
Morrerei tranquillo;
Bem como a ave, ao pôr do sol, deitando
Debaixo d'aza a timida cabeça
Da noite o somno aguarda.

(*Desalento*, pag. 609.)

Onde se revela, porém, todo inteiro esse revolutear incessante do espirito do poeta no anhelar a morte é no hymno — *O meu sepulchro* — (pag. 629).

Nas *Saudades*, que dedica á irman, pergunta como presentindo qual será seu fim:

Onde a pedra, onde o seio em que descance?

(pag. 642.)

E realisaram-se, em verdade, estes tristes vaticinios! Ao deixar aquella grande e nobilissima alma esta terra onde ao lado da estrada litteraria juncada para elle de flores e tropheus, abria-se outra toda espinhos e agruras, não se lhe deparou seio onde descançasse, nem terra onde repousasse! Não é que eu deixasse de empregar todas as diligencias possiveis para descobrir o paradeiro de seu cadaver. Foram, porém, baldados os esforços da primeira authoridade da provincia, do chefe de policia, de seus subordinados, e sobretudo os do digno juiz de direito da comarca de Guimarães (hoje desembargador), o sr. dr. Adrianno Manuel Soares, e as promessas de largas recompensas que fiz pelos jornaes em meu nome e de prestimosos amigos [1].

Não fui menos diligente em fazer procurar e arrecadar o espolio do poeta, sabendo pelo moço da camara, que o servia e ajudava, que elle tinha uma pequena mala de couro que muito zelava, trazendo pendurada ao pescoço a chave d'ella. Informou-me que dentro n'ella trazia alguns objectos de oiro, dinheiro, e muita cousa escripta — em livros, cadernos e folhas separadas —, o que teve occasião de ver por muitas vezes, por só d'elle confiar essa chave para abril-a em sua presença e ir-lhe dando um ou outro manuscripto, conforme sua indicação. Recebi da alfandega dois bahus, acompanhados de umas relações que fiz immediatamente públicas, e nos quaes havia alguma roupa, muitas cartas de amigos do poeta; mas quanto

[1] Vej. nota —D— no *Appendice*.

á tal mala só passados tempos veiu-me notícia de que parava no poder de um dos habitantes de San'João de Cortes, indio manso, como o geral dos moradores d'essa povoação. Requisitando do presidente da provincia providencias para que me viesse quanto antes esse precioso achado, fez elle para ahi seguir o supplente do juiz municipal d'Alcantara. Mas que decepção! Vindo-me a tão suspirada mala pelos tramites legaes, só encontrei n'ella umas camisas, calças e botinas velhas, cartas e uma dentadura postiça! Parecia-me extraordinario que achasse todas as cartas que eu havia escripto ao poeta, no periodo de dois annos, e muitas de seus amigos e estranhos, dois livros deteriorados pela agua salgada, e nem uma folha sequer de lettra do poeta e nenhum objecto de valor!...

De Alcantara, todavia, participavam-me que o individuo que tomára ahi conta dos bahús e depois fôra a San João de Cortes arrecadar a mala, mostrava aos amigos albuns, mappas e alguma roupa fina, pertencentes ao poeta... Passados mezes entrou um filho do mesmo a publicar na *Coalição* poesias que, tirando alguns maus versos e certas construcções grammaticaes que não empregaria Gonçalves Dias, davam mostras de que eram suas. Como entrassem a fazer reparo n'isso, remetteu-se a gralha ao silencio até que, vae em um anno, começou de novo a apparecer com ellas no *Publicador Maranhense* sob o titulo de — *Parnaso Alcantarense*. Para que o leitor julgue de quem são as pennas de pavão, transcrevo em uma nota duas producções poeticas que, dados os descontos, pare-

cem pelo torneio e estylo de Gonçalves Dias[1] e uma da lavra do improvisado poeta, para que decidam do pleito[2].

Pessoas respeitaveis asseguravam-me de que o carcereiro Antonio, amigo da tal authoridade, quando estava electrisado por um pouco de alcohol, desfiava todo esse negocio e affirmava que seu compadre tinha debaixo de chave muitos manuscriptos do poeta caxiense. Dous annos depois fui confirmado n'essas já bem fundadas suspeitas. Exercia o sr. José Narciso R. de Sá Vianna, por occasião do naufragio, o cargo de subdelegado de San' João de Cortes, e foi d'elle que recebeu Francisco Antonio Martins a pequena mala com muitos objectos e competente rol.

Asseverou-me seu parente e meu amigo, Justino José Pereira, que foi pelo sr. Sá Vianna feita entrega a Martins da roupa, cartas, alguns livros, um album e muitos manuscriptos, quer em folhas avulsas quer em cadernos e livros, tendo bem presente um com o titulo — *Noiva de Messina* — cujas páginas do lado esquerdo eram escriptas á mão e as do direito tinham grudadas folhas de livro impresso cujos characteres desconhecia, parecendo-lhe gothicos; um diccionario da lingua tupy ou geral, impresso, e todo emendado ás margens e entre as linhas pela mesma lettra da precedente obra. Depois que resido em Lisboa, foi-me affirmado por um negociante do Maranhão, que aqui esteve de passagem, a existencia d'esse diccionario, ajunctando que vendiam-se em Alcantara photogra-

[1] Vej. nota E no *Appendice*, onde se as encontrarão.
[2] Vej. nota F no *Appendice*.

phias de certas celebridades europêas, tendo os respectivos nomes no verso d'ellas por lettra de Gonçalves Dias, e para que melhor me certificasse d'isso apresentou-me uma de Victor Hugo por onde reconheci tão desconsoladora verdade.

Não creiam que desde as primeiras notícias e suspeitas da subtracção de tantas preciosidades litterarias, me descuidasse um só momento de empregar todos os meios possiveis para obtel-as, e nem tem havido ardis, rogativas, promessas e alvitres a que me não tenha soccorrido, mas tudo até hoje em vão!

Vendo improficuas minhas diligencias, tractei ao menos de dar publicidade aos escriptos do poeta que pude encontrar entre os livros da sua copiosa bibliotheca que antes da sua morte me havia sido remettida por sua ordem e pela intervenção do sr. Costa Motta, então empregado da nossa legação em Lisboa; mas para colleccionar essas producções de Gonçalves Dias houve de mister percorrer folha por folha todos os seus livros, buscar e rebuscar por tudo, decifrar borrões, alguns inintelligiveis e escriptos a lapis e até em nesgas de papel, como a *Baunilha* que, já meia apagada, achei dentro d'uma obra alleman. Succedeu-me outro tanto com a versão da *Noiva de Messina,* visto como a cópia que havia já preparado para a imprensa, conforme m'o participou, estava detida em Alcantara. Quanto aos seus dramas, sabia que os deixára no Rio de Janeiro, mas como ninguem se accusava d'isso, usei do expediente de annunciar que os ia dar á estampa servindo-me de borrões,

(imaginados por mim!) sem que as cópias podessem por isso aproveitar a quem as tinha occultas. Dias depois d'esse annúncio, voltando a ex.ma sr.a D. Olympia Gonçalves Dias, viuva do poeta, em um domingo da missa apresentou-lhe o porteiro do Instituto de Meninos Cegos um pacotinho dos manuscriptos dos dramas, que lhe havia sido entregue por um preto que retirou-se sem querer declarar de onde vinha. Acham-se todos estes no quarto e quinto tomos de suas *Obras Posthumas*.

Não foram menos sentidas e copiosas as homenagens e oblatas rendidas agora á chorada memória de Antonio Gonçalves Dias, do que já o tinham sido por occasião da falsa notícia de sua morte, em 1862. Possuo de ambas uma collecção de nenias, necrologias, notícias, etc., que tenho por mais ou menos completa, e que com o titulo de —*Apotheose*— pretendo publicar um dia[1] como remate ao setimo e último tomo de suas *Obras Posthumas*, sem comtudo fazer d'ellas escolha sempre offensiva aos excluidos, quando foram tão sinceras e livres de suggestões todas essas provas de consideração e saudades ao grande poeta brasileiro.

Passadas as oblações funebres e religiosas que rendi ao repouso eterno do amigo, e de que tive imitadores onde quer que chegava tão lastimosa noticia, convoquei a 13 de novembro varios distinctos cavalheiros e alguns populares que tinham influencia nas classes mais inferiores da sociedade maranhense, e propuz-lhes unissemo'-nos no empenho de promover uma subscripção com o fito de

[1] Veja-se a terceira parte da nota G já referida a pag. 83 e 148.

levantar-se um monumento que testemunhasse o nosso aprêço, admiração e reconhecimento[1] áquelle portentoso genio, imperecivel glória do Brasil, e cuja reputação se vae firmando onde quer que chegam seus *Cantos*. Acolhida a idéa com enthusiasmo, tractámos de organisar commissões parciaes, constituindo os srs. F. Sotero dos Reis, dr. Antonio Rego, dr. A. Theophilo, dr. Pedro Nunes Leal e eu a central. Expedimos circulares para diversos cidadãos da provincia e de fóra d'ella, e obtivemos do sr. Vicente Pontes de Oliveira um beneficio no nosso theatro *S. Luiz* de que era emprezario e actor. Depois vieram outros destinos e circumstancias deixarme só em campo; mas nem por isso abandonei meu posto, nem perdi a esperança ou desfalleci. Empenhei-me com amigos, esmolei de um e de outro, e os obulos que ia recebendo, punha-os a render no Banco Commercial do Maranhão. Consegui tambem da Assembléa Provincial do Maranhão, valendo-me da eloquente voz do sr. Joaquim Maria Serra, tão notavel talento quanto prestadio amigo, a decretação de fundos que, embora parcos, foram de auxilio para a conclusão do monumento. Quando estava n'este empenho accommetteu-me a rebelde enfermidade que obrigou a abandonar minha terra, porém não o meu projecto querido. D'aqui mesmo escrevi ora a um, ora a outro, reclamando seu apoio a favor d'elle, e por duas vezes alcancei de nossos representantes no corpo legislativo a proposta de loterias em beneficio do monumento. Sem offensa dos cavalheiros que me auxiliaram nas respecti-

[1] Veja-se a nota O. onde dou d'isso circumstanciada noticia.

vas camaras legislativas, não posso deixar de distinguir e apontar os nomes dos ex.mos srs. senadores Luiz Antonio Vieira da Silva, Antonio Marcellino Nunes Gonçalves, Candido Mendes de Almeida e Visconde de Souza Franco, do deputado provincial Joaquim Serra e do empregado da secretaría da camara dos deputados, meu cunhado Antonio Henoch dos Reis, que tem-me servido de activo e sollícito auxiliar em todo esse negocio, na approvação do decreto dispensando de impostos os objectos concernentes ao monumento, e ainda agora na concessão de uma loteria para o pagamento do débito como do aformoseamento da praça onde se ergue o monumento. Quanto aos promotores de donativos pecuniarios releva fazer menção especial dos ex.mos srs. drs. Sinval Odorico de Moura e Augusto O. Gomes de Castro, e srs. João Manuel Gonçalves Dias, Joaquim Coelho Fragozo, Carlos Rocha, Joaquim Domingues de Lima, Candido José de Jesus, Verissimo Ricardo Vieira e Trindade, Francisco Maranhense Freire de Lemos (então professor público na villa de Pinheiro), Luiz Gonzaga de Araujo Cordeiro, dr. Adriano Manuel Soares, e Luiz Candido Furtado Coelho, distincto artista portuguez emprezario d'um theatro do Rio de Janeiro que, como o sr. V. P. de Oliveira, já mencionado, tambem me concedeu um espectaculo em beneficio do monumento. A todos elles serei reconhecido em quanto viver, e tenho summo prazer em o declarar hoje de publico[1].

[1] Veja-se na nota O a notícia da reunião e outros passos dados, a fim de angariar dinheiro para o monumento, bem como o discurso do ex.mo sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, na assembléa

Se por êrro de memória deixei de mencionar o nome de algum cavalheiro que me désse a mão para obter capitaes e ajuda, seja-me relevado pela distancia, por terem-se-me perdido varios papeis a cujo acondicionamento me não permittiu a grave molestia dirigisse, que não attribuido isso a ingratidão e menos ainda a pouca estima.

geral, pugnando pela concessão de duas loterias, cujo projecto foi assignado por toda a deputação maranhense e um deputado da do Piauhy; e o do sr. Joaquim Serra, defendendo na nossa assembléa provincial uma emenda á lei do orçamento, propondo 10:000$000 réis para auxiliar o monumento, e que apezar de seus esforços foi reduzido a 2:000$000 réis! A proposta da assembléa geral cahiu, e ao mallogro d'ella allude o sr. dr. Bernardo Guimarães quando no seu canto elegiaco—Á morte de Gonçalves Dias—diz:

Mas ó vergonha! ó crime!
Gloria, genio, infortunio, nada vale
Ao poeta sublime!
Pede o pejo e o decóro que se cale
Tão feia iugratidão.
Mas ah! não posso; que a meu despeito
Nos labios ferve a voz do coração,
E rompe-me do peito,
Como um echo de horror descompassado,
Da indignação o brado,

Esses que ás glórias patrias refractarios,
De um nobre povo crêem-se mandatarios,
Negam uma homenagem
A quem já vive na posteridade,
A quem tem por pregão a eternidade,
E o mundo por mensagem.
Ah! registre o Brasil em seus annaes
Mais este exemplo novo!
Falsos depositarios desleaes
Da vontade do povo
N'estes nefastos, miserandos dias,
Um simples preito ao genio recusaram,
Ao monumento de Gonçalves Dias,
Uma pedra negaram!...

(O Indio Affonso — pag. 129.)

Não houve, porém, em tudo isto mais do que demora na execução e paciencia para vencer contrastes. Quando estava, comtudo, quasi a realisar-se meu pensamento de toda a hora e imaginava erguido no meio da nossa risonha praça dos Remedios esse modesto padrão, eis que começaram a emergir os obstaculos de toda a parte e de todo o genero, figurando-se-me alguns insuperaveis. Em tantos annos que levei trabalhando em silencio, soffrendo recusas de um e de outro, sem todavia nunca entibiar, ninguem se lembrou de perguntar-me em que ponto ia de meu projecto e com que contava poder um dia effeitual-o. Pois bem, se ninguem acoroçoou-me até alli, uma vez contractada a construcção do monumento com o sr. Germano José de Salles e conhecido o plano pelos habitantes do Maranhão, não me faltaram censores, uns porque entendiam se não deviam collocar bustos em pedestaes, outros, e estes foram então em grande número e em tom de ameaça, indicando que a estátua ficasse voltada já para este, já para aquelle lado que mais interessava ao embellezamento de determinado predio. A camara municipal tambem recusou a princípio conceder-me licença nos termos em que a requeria, e sobretudo no que entendia com o aformoseamento da praça [1]. A não serem os incançaveis esforços e tenacidade do sr. José Manuel Vinhaes, meu procurador em todo esse negocio, e a bondosa influencia do ex.mo sr. dr. Gomes de Castro, que além d'isso mandou, como presidente da provincia, entregar a meu procurador

[1] Vej. a segunda parte da nota O *in fine*, onde vem tudo isto desfiado pelo miudo.

os dois contos de réis decretados pela assembléa provincial, não sería por certo destruido este primeiro estôrvo.

Desimpedido por este lado e chegadas as peças do monumento ao porto de San' Luiz do Maranhão, assim como solemnisada com toda a pompa e lusimento a cerimonia do assentamento da primeira pedra d'este no dia 10 de agosto de 1872[1], como havia concertado com os membros da commissão escolhida por mim, desde então surgiram de todos os lados difficuldades apostadas, acinte, a contrariarem-nos os desejos.

Não sabía ao certo quanto restava ainda no Banco Commercial do Maranhão para acudir ás últimas despezas, e nem calculava sahissem tão caros os fretes e carretos no Maranhão. Faltou por isso dinheiro para o levantamento das differentes peças e festejos da inauguração da estátua. Destruiram, porém, todos estes graves embaraços o indefeso zêlo e inquebrantavel sollicitude dos srs. José Manuel Vinhaes, Themistocles da Silva Maciel Aranha e Joaquim Marques Rodrigues, membros da commissão das obras do monumento, já quotisando-se entre si, já recorrendo a uma subscripção entre seus amigos e os cavalheiros que formavam a commissão directora dos festejos da inauguração. Todos elles contribuiram com não pequenas quantias, sobresahindo todavia aos mais em generosidade o sr. dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal. Se não pôde realisar-se a inauguração da está-

[1] Vej. a supramencionada nota O, na terceira parte, onde reproduzo a descripção d'essa solemnidade e os discursos e poesias que houve por essa occasião.

tua do poeta no dia 3 de novembro, como havia determinado, foi ella levada a effeito no seguinte anno e no dia do anniversario da Independencia do Brasil com o maximo brilhantismo e pompa, e com tão significativas demonstrações de regosijo dos habitantes de San'Luiz do Maranhão que ultrapassaram minha expectação e ficam acima de todo o encarecimento[1].

Concluida, pois, essa gratissima tarefa que me impuz, em tão brevissimo praso, graças a quem é consagrada a homenagem, cabe-me aqui declarar com desvanecimento e ufania que se hoje se ergue vistoso esse monumento, devemol-o aos admiradores de Gonçalves Dias e ainda mais á efficaz e prestadia cooperação e dedicação dos incançaveis e prestimosos cavalheiros que tanto fizeram!

O applaudido poeta, cuja existencia foi, pois, incessante tecido d'antitheses, misturando-se-lhe ás glórias e triumphos litterarios as tristezas e dissabores do infortunio, não percorreu, caminho do Capitolio, por estrada desimpedida e plana, senão escabrosa e tão juncada de flores e laureis, quanto de agudos espinhos espalhados por toda ella com mão larga pela desventura, que sempre o acompanhou até descarregar-lhe profundissimo bote na hora extrema condemnando-o ao excruciante supplicio de sentir oscillar-lhe a vida entre a tortura de lenta e fatal enfermidade e as atrocissimas agonias do naufragio — duas mortes qual mais afflictiva a disputarem a posse d'aquelle corpo meio consumido e quasi exhausto de seiva, que teve

[1] Vej. a parte IV da nota O *in fine*.

o occeano por sepultura e por epitaphio seus versos immortaes como o proprio mar que o recolhia em seu seio e a lingua em que os escreveu.

Dez annos ainda não são passados sobre tão sinistra catastrophe e já o reconhecimento e a admiração de seus contemporaneos deram incontrastavel testemunho de si no monumento levantado n'essa formosa praça que se debruça altiva sobre a serena bacia formada pelas aguas do *Anil* e do *Bacanga* a beijarem-se ahi em doce amplexo.

E ao navegante que, dobrando a *Ponta d'Areia,* procura o ancoradouro de San'Luiz, do Maranhão, fere-lhe a vista esse padrão de marmore que indica-lhe a capital da provincia onde nasceu o nosso maior poeta lyrico, e attesta, com a perenne glorificação de seu nome, n'esse marco milliario de sentimento nacional, que depois d'elle morto remiu a posteridade tudo quanto padeceu entre os homens.

QUINTA PARTE

Antes de concluir o imperfeito esbôço da physionomia moral d'este radioso vulto, cujo brilho reflecte sobre o Brasil, tentarei em tenue perfil dar idéa de seu physico.

Era Gonçalves Dias, como Horacio e como Dante, de baixa estatura, que não excedia a $1^{m},50$; mas bem proporcionado e musculoso: tinha mãos e pés mui pequenos, agilidade nos movimentos, passo curto e apressado, e grande disposição para caminhar a pé. Sua cabeça bem desenvolvida para os lados das fontes era realçada por uma fronte elevada e ampla, profundamente vincada em toda a sua extensão pelo longo meditar e pelas acerbas agruras da sorte contrária que incessantes o magoavam. Seus olhos pequenos, pardos, serenos, mui vivos e expressivos, espelhavam a franqueza de seu character e accentuavam aquelle movel e sympathico rosto. Bocca e nariz regulares, sendo as azas d'este um pouco arregaçadas; tez morena, barbas e cabellos raros, castanhos, macios,

annellados nas extremidades, sem comtudo denunciarem, quer elles ou as maçans, por mui salientes, sua origem mistiça. Quando em bôa companhia ou entre amigos, franzia-lhe constante os labios sincero e franco sorriso, e tomava larga parte na conversação, principalmente se havia senhoras de espirito e cultura na sociedade; porque então o poeta desentranhava-se em conceitos agudos e engraçados, cheios de delicadeza e d'essa amena zombaria que não offende, e em que ninguem o vencia quando estava de veia. Era outro a sós comsigo; aquelle supremo esfôrço abandonava-o e os tristes pensamentos livres de distracções ou contenções, vinham annuviar-lhe a mente, transformando-lhe o riso em traços de profunda melancholia e mergulhal-o em tristeza e em fundo meditar.

Eis em resumido e desbotado esbôço o poeta Antonio Gonçalves Dias, de quem entre os muitos retratos photographicos, tirados em differentes epochas, e alguns a oleo, só conheço dous que são parecidos ao original — o que está em uma das salas da camara municipal da cidade de Caxias, feito a expensas do sr. João Manuel Gonçalves Dias, irmão do poeta, e por elle offerecido a essa corporação, e outro que me pertence, ambos devidos ao pincel do distincto pintor francez M. Viennot, que soube, por minhas indicações sobre uma de suas melhores photographias, apanhar com summa felicidade e talento as feições do poeta e reproduzil-as fielmente na téla. É elle que serviu de cópia á gravura que vae em frente d'este volume.

Verbo facil, correcto e elegante; conversação cheia de encantos e attractivos por sua variedade, bom humor,

despretenção e chiste, e quando pedia o assumpto com profundeza e saber, expressava-se com clareza e em metal de voz agradavel, e se bem que não mui volumosa e musical, bastante sympathica. Não possuia o dom da declamação, e por isso seus versos lidos, por elle, perdiam muito d'aquelle sabor e colorido que lhes são qualidades tão peculiares.

Singelo no seu trajar, como em tudo mais, e avesso a apuros de modas, pouco se lhe dava do bem talhado do fato, comtanto que fosse de estofos de bôa qualidade, sobretudo o que trazia conchegado ao corpo, timbrando na finura e primores das roupas brancas, que era todo o seu luxo e cuidado. Simples no viver como no tracto, nunca teve até casar moveis de sala, consistindo nos primeiros annos de residencia no Rio de Janeiro toda a sua mobilía em duas cadeiras e uma meza redonda que lhe servia ao mesmo tempo de secretária, e em estantes toscas e sem vidraças. N'este aposento desguarnecido da casa da rua da Misericordia, onde residiu até 1849, recebia a quem quer que o procurasse, tanto as visitas dos amigos como as das notabilidades politicas, financeiras e litterarias do Rio de Janeiro que o procuravam com muita frequencia.

Abstemio por natureza, comia mui pouco, e para abrir-lhe o appetite havia de mister que ao jantar se lhe apresentasse á meza variedade de pratos para d'elles escolher uma diminuta parcella, como que por debique. Furtava-se tambem quanto lhe era possivel a tomar parte em banquetes, recusando-se aos convites por meio de todo o genero de evasivas. O uso do charuto era n'elle mais que

hábito — era vicio, fumando com excesso, em especial quando escrevia ou meditava. Quanto era apaixonado da musica de theatro, aborrecia bailes e saráus, só comparecendo a elles á fôrça d'instancias, e se fazia parte de uma ou outra quadrilha de contra-danças, era a isso constrangido por cortezania. Modesto e affavel no seu tracto, de seu natural obsequiador e despido de formalidades ceremoniosas, dispensava apresentações para receber de boa sombra e com amabilidade a quem quer que o procurava.

O sr. dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro na noticia biographica que precedeu o seu *Almanach de Lembranças* para 1873, declarando que foi contemporaneo, collega e amigo de Antonio Gonçalves Dias, assim o retrata:

«Parece-me que o estou vendo. Antonio Gonçalves Dias era baixo, delgado e energico, vivo, franco, affoito, leal e amigo como elle o sabía ser. Dir-se-hia que o sangue das tres raças — europea, indiatica e africana —, que lhe corria nas veias, lhe dava commettimento para tudo quanto era generoso [1]. Era, como bem diz Lopes de Mendonça á página 318 das suas *Memorias de Litteratura* [2], «um homem do mundo, accessivel a todas as idéas generosas, a todos os sentimentos honestos, modesto e reflectido, que sabe conversar com a musa na sua hora e ensejo proprios, *sem affectar estar continuamente viajando* nas regiões da

[1] Vej. *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro* para o anno de 1873, pag. 5.

[2] Vej. *Obr. cit.*, edição de 1855, Lisboa.

pura idealidade. *Rara qualidade é esta*, no seculo em que os maiores talentos usam ás vezes de um charlatanismo calculado, apresentando-se como creaturas quasi sobrenaturaes e incommodando a imaginação para fazerem effeito». D'essa affabilidade no convívio íntimo, d'esse acatamento ou antes delicadeza extrema com que acolhia conhecidos e estranhos, sem nunca mostrar enfado ou pouca vontade em receber visitantes e perder largas horas em aturar quanto massador se presumia com direito a travar relações com o poeta ou a manifestar-lhe d'est'arte sua admiração pelo cantor caxiense, fui muitas vezes testemunha. Não só punha todo o empenho em occultar signaes de impaciencia ou de constrangimento aos importunos, que lhe roubavam o seu tempo precioso, como ia sua condescendencia ao ponto de abusarem d'ella quer apoderando-se de objectos de seu uso que lhes agradavam a elles, quer pedindo-lhe de emprestimo quantias e livros que nunca mais restituiam. Se não temesse abuzar da attenção dos leitores poderia adduzir muitos factos em abono d'esta feição do character de Gonçalves Dias; mas contento-me apenas com estes: tinha de uma feita bilhetes de ingresso para um baile e para diversos espectaculos, como folhetinista do *Correio Mercantil*. Convida varios amigos para repartil-os com elles; mas á noite procura-os debalde, que nem um só encontrou! Tinham entrada franca em sua casa aquelles que se diziam seus amigos, e sem que lhe dessem a menor satisfação, aproveitaram-se, como de costume, d'esse meio para divertirem-se gratuitamente. Nem por isso deu Gonçalves

Dias demonstrações de contrariado, antes metteu o caso a bulha, dizendo aos convidados: — « Quizera eu agora saber o que hei de escrever para o folhetim de segunda feira? Está dicto, faço como Eugenio Sue, encho columnas de reticencias! A peça que pregaram-me, fazendo com que eu deixe de assistir hoje ao espectaculo lyrico, reparto com os leitores, deixando-os *in albis*». Outra vez preparava-se para ir ao baile do *Cassino Fluminense*, e não achou no guarda-fato calças pretas, sabendo que um hespanhol, que lhe frequentava a casa, as levára no corpo. «Dava um doce, disse-me entre risonho e meio agastado, para ver como D. F. pôde enfronhar-se n'aquellas calças, sendo mais alto do que eu! Se fossem pardas, desculpal-o-hiam de certo aquelles que o vissem assim estatalado; mas pretas e novas, tomam-n'o certamente por ladrão!» Não se limitavam estes abusos só ás roupas e bilhetes, porque viu elle mais de uma vez versos seus ineditos figurando em revistas litterarias e em livros de individuos que o frequentavam e que na sua ausencia íam-lhe á pasta e lhe copiavam uma ou outra producção, extropiando-a para que assim não lhe descobrissem verdadeiro author.

Generoso, estava a sua bolça sempre aberta para os amigos, ainda que ficasse com ella vasia, e sem ter com que accudir ás suas mais urgentes necessidades.

Quando estava imprimindo os *Segundos Cantos*, o senador Alves Branco (visconde de Caravellas), bom cultor das lettras e então ministro d'estado, concedeu-lhe, por mediação do conselheiro João Duarte Lisboa Serra, um

auxílio de 300$000 réis, por conta da verba destinada para fomentar as lettras. Em carta de 12 de julho de 1848, dá elle a razão por que acceitou a quantia, e como ficou desfalcado de parte d'ella:

«Todavia tive de fazer rosto alegre e acceital-a com toda a maior repugnancia e já deves comprehender porque assim o fiz.

«No firme proposito em que estava, estou e estarei sempre de nada acceitar do govêrno para a publicação das minhas obras, ainda que muito precisasse: de duas uma — ou eu arranjaria os meios de as publicar independente da mesquinha ou antes miseravel coadjuvação do govêrno; ou não as publicava, perdendo-se mui pouco com isto. Porém estava devendo ao Serra, e era necessario pagar-lhe. Achei que era melhor receber isso do que furtar: recebi, pois, os 300$000 réis. Antes de chegar á casa um amigo [1] pediu-me dinheiro e mostrou-se tão precisado d'elle que lá se foram 100$000 réis; 200$000 réis que ficarão, levei-os ao Serra, sob pretexto que elle os gastasse para m'os restituir, se eu tivesse necessidade d'elles quando fosse ajustar contas com o livreiro. Não lh'os pedi e nem nunca tive tenção de lh'os tornar a pedir.» Como este acto de honradez, generosidade e desinterêsse quer para desempenhar a palavra, quer para servir a amigos, ainda com sacrificio de seus commodos, sei de outros muitos factos.

Quando estava a Expedição Scientífica no Ceará, foi

[1] O Sousa Ribeiro da célebre questão do barão de Villa Nova do Minho.

prêso por ordem do presidente d'aquella provincia um pagem ou creado do sr. capitão dr. Silva Coutinho, membro da secção geodesica, de nome Abel, por ter entrado armado pela cidade da Fortaleza dentro. Julgava-se o sr. dr. Coutinho offendido em seus direitos; por isso que as instrucções do govêrno imperial concediam o uso de armas prohibidas aos membros da Expedição e aos de sua comitiva; mas como militar inferior em patente á primeira authoridade da provincia e a ella por tanto subordinado, não podia desaffrontar-se pela imprensa sem comprometter-se e transgredir o regulamento militar. Gonçalves Dias sem trepidar ante a idéa de malquistar-se com o presidente e adquirir um inimigo poderoso, e tendo só em mira obsequiar o companheiro, desaggravando-o, tomou a peito o negocio, e publicou um folheto — *A questão Abel* — em que expoz e discutiu o acto com muito calor e ironia.

Como prova do seu desinterêsse e isenção de character basta este trecho de uma sua carta de 23 de janeiro de 1847:

«Pasmo da estupidez infinita com que aprouve ao Creador encaixar-me n'esta cabeça para tudo o que se diz vida — meios de vida, e modos de vida —, e lucro e ganancia, aquella nunca assaz apreciada prosperidade que os francezes alcanção com artimanhas e ninharias, os portuguezes com pontapés dos patrões, sordidez e paciencia, e nós outros, netos de Tupan com revoluções sem modo nem fins, e o que é peior ainda com vergonha e humilhação sem termos, de rojo aos pés de um ministro,

que, por que foi vil e baixo quando era subordinado ou ninguem, não quer pretendentes que olhem fito e com a cabeça erguida, e com voz que nada tem de medrosa.

«Sancto Deus! porque me não déste uma espinha dorsal de cera, uns olhos de Jacques Ferrand quando menos, e uma vozinha de leite e mel, uma d'essas vozinhas que me fazem subir a côr ao rosto e comer as unhas com vontade de desandar um bofetão em quem a tem!

«Não penses comtudo que desanimei! fica isso para quando eu menos o quizer, porquanto até hoje nada tenho encontrado superior á minha vontade.»

Respondendo a um amigo que o aconselhava a que solicitasse do govêrno emprêgo rendoso que o descançasse quanto ao futuro, o que lhe sería facil obter, attento o renome de que justamente gozava dentro e fóra do paiz, responde em carta de 11 de setembro do mesmo anno (1847):

«Não penso no futuro, não penso e não quero pensar n'elle; o presente me corre bem triste e bem carregado — o futuro será tal ou peior: porque hei de pensar n'elle?! Julgas tu que algum anjo desfolhou rosas na vida, e das rosas tirou os espinhos para que eu me não magoasse n'elles? Oh! não sabes?! D'esses poucos que teem lançado os olhos sobre o meu volume de poesias, quando chegam a conhecer-me, admirão-se porque me suppunhão velho, e quebrado pelos annos e pela amargura. Veem-me sorrindo, e não pensão e nem podem convencer-se do que eu tenha soffrido: não se lembrão que o soffrimento gasta mais depressa o coração do que a vida,

nem se lembrão nem imaginão que a dôr faça envelhecer mais depressa a alma do que o corpo. Se hoje lhes perguntares porque os meus Cantos são graves e melancholicos — elles responderão que é mania da epocha, que é a melancholia de convenção; que os poetas modernos sonhão dôres e tormentos como Horacio sonhava com taças de Falerno, cantando os olhos de Lalage que docemente fallava e sorria — como Filinto sonhava com praguentos ao passo que ouvia a mamã fallando ás occultas aos bichos do papá.

«Deus os fade em bem e a nós tambem.

«Se eu curasse do dia de ámanhã!..... mas não vês que se isso assim fosse, estaria eu a estas horas a medir covados de chita, a pezar arrateis de manteiga, ou então andava por esse matto a expremer côcos para fazer azeite de andyróba, ou a talhar arvores para recolher gommas? Chama-me piégas, tolo ou o quer que seja; mas lembrate sempre que emquanto o teu amigo não se importar com o dia de ámanhã, hade ser merecedor da tua amizade: não ha de curvar-se nem descer a praticar uma baixeza, e terá talvez força para resignar com toda a dignidade vantagens de hoje por pouco que lh'o requerião as circumstancias.

«Esta gente que se dá comigo não sabe que independencia que eu tenho na minha vida, nos meus actos e nas minhas opiniões. Talvez me exagere — sempre nos extremos: ou muito condescendente ou muito imprudente. Bem sabes odeio ou amo com extremo, e será terrivel o dia em que eu tiver de o mostrar em algum acto solemne;

porque não sabem que por baixo d'esta mascara de cera que todos me veem, ha uma vontade inflexivel, ha uma estatua de ferro. Dize-me: ha muita gente tua conhecida que tenha affrontado mais obstaculos, que tenha começado e progredido na sua carreira com mais paciencia, com mais tenacidade do que eu?

«Mas isto é para ti que me conheces, para os outros é tudo muito natural.....

«Amo o Brasil como quem mais o ama, e a perspectiva de uma revolução, ainda emprehendida com força e recursos diminutos, atterra-me e contrista-me.»

Estes trechos de cartas escriptas para serem lidas á puridade e só por quem os comprehendia, e nunca devassados d'estranhas vistas, pintam melhor a physionomia moral do nosso honrado poeta do que eu o faria accumulando provas em abono de quem tanto timbrava na honra, desinterêsse e dignidade pessoal.

Julgando-se preterido na reforma que houve em 1859 na secretaria d'estrangeiros, dando accesso a outros empregados, quando estava elle prestando serviços no Ceará, como director da secção ethnographica e secretario da Expedição Scientifica, e antes d'estes, nas commissões que exerceu na Europa, estudando e informando ácerca d'instrucção pública, e investigando archivos para d'elles extrahir para o nosso Archivo tudo quanto havia de mais precioso, que eram trabalhos assaz uteis ao nosso imperio, escreveu ao sr. dr. Capanema para que fizesse entrega ao ministro de sua secretaria do officio que dirigia a este, pedindo sua exoneração d'official d'essa repartição.

Não o fez o amigo por entender que isso poderia prejudicar a Gonçalves Dias, e se o dou agora á estampa na nota I[1] é por conhecer-se d'esse documento que não percebeu gratificação como membro da commissão que assistiu por parte do Brasil á exposição universal de Paris, e nem ao menos quantia para pagar seu transporte; bem como o pouco cuidado que havia na conservação das cópias dos documentos historicos que fez extractar dos archivos portuguezes e seus importantes relatorios sobre instrucção pública!

Era Gonçalves Dias tambem em extremo ciumento, não admittindo esse namoradiço poeta a mais leve quebra de affecto em quem correspondia ao seu amor, como elle proprio encarrega-se de nol-o declarar em um trecho de suas *Memorias d'Agapito:* «Sou cioso — infernalmente cioso, eu o sinto, eu o sei. Se o demonio do ciume me gravar na alma um pensamento, uma palavra vossa por indifferente que seja — um gesto insignificante — uma circumstancia pequena, ligeira — quasi nulla — qualquer cousa emfim que eu veja, escute ou sinta — estaes morta![2]»

Quando apoderavam-se d'elle suspeitas de infidelidade soffria com demasiado rigor seus tormentos; porque embora tractasse com intimidade áquelles a quem dava o nome de amigos, com mui poucos ou antes só com dous abria-se em pontos tão delicados. A acção principal, o movel de seus dramas, sobretudo do *Boabdil* e da *Leonor de Mendonça*, é esse sentimento.

[1] Vej. no *Appendice* a supramencionada nota.
[2] Vej. á pag. 162 do vol. III das *Obras Posthumas*.

A despeito dos poderosos motivos que lhe traziam o coração em perenne lucta, occultando em publico o que lhe ia por dentro, mostrava-se prazenteiro, era sua conversação animadissima e scintillante de conceitos chistosos, e de dictos agudos, deslisando levemente por sobre os assumptos pouco importantes, tornando-se porém grave, demorado e reflexivo, quando enredava-se pelos dominios sem termos da arte, da litteratura e da sciencia, onde descreteava, soando como o teclado de afinado pianno que responde em todos os tons, ao sabor de quem o fere, encantando com suas melodias a quem o ouvisse.

Ninguem melhor do que elle se conhecia e zombeteava de seus defeitos physicos, e um dos que lhe mereciam mais remoque era a sua estatura.

Em uma carta de 21 de setembro de 1846 dizia, referindo-se á appresentação que d'elle fizeram n'um sarau: «Tive uma noite cheia—uma noite maravilhosa! Julgas talvez que fui applaudido pelo pouco que sou, ou pelo que posso ainda um dia vir a ser? Enganas-te: fui uma curiosidade. Em bailes a que tenho ido, tenho passado por um menino que de vez em quando diz as cousas assim não sei como, que não é commum, e n'este fiz a figura de *Tom Pouce!*... Conheço agora o que tenho de esperar.

«Vou-me apregoar por uma raridade e mandar pôr nos jornaes:

ATTENÇÃO!!...

Tom Pouce americano dá espectaculos em taes e taes noites: é uma raridade maravilhosa! Tom Pouce faz ver.

sos e tem uma carta de bacharel. Tom Pouce é um pygmeo gigante, o que é prodigioso e incrivel; Tom Pouce falla como a gente, o que é estupendo: Tom Pouce namora, o que é divertidissimo; sabe um pouco de latim, de hespanhol, de francez, de italiano, de inglez e de allemão, o que é sem exemplo para os pygmeos. Tom Pouce tem vinte e tantos annos, e poderá chegar aos trinta, o que será um macrobio entre os seus pares!»

«Meu Deus, quando eu penso que assombro não seria para o mundo um homem que tivesse duas varas e meia de altura, sinto infinita commiseração de nossos grandes homens que escapárão de nascer no reino de Micromegas!»

Não enfiava, nem desconcertava-se facilmente: — desejando conhecel-o uma senhora muito conceituada no Rio de Janeiro, appresentaram-n'o em um baile a ella que não pôde deixar de dar mostras da surpreza de que fôra tomada ao vel-o, pois que se nos affigura sempre que os homens célebres teem porporções agigantadas.

— De que admira-se, minha senhora? Do meu todo? reflexionou A. Gonçalves Dias. As mais fragrantes essencias guardam-se em frasquinhos bem pequenos!... Nestes sainetes d'agudeza d'espirito ninguem o sobreexcedia ou ganhava-lhe o pareo.

Apreciava a amizade e cultivava com tal fervor e devoção esse nobilissimo sentimento que nada lhe era mais grato do que prestar serviços e ser util aos amigos, ainda com sacrificio de toda a sorte, e nem ha quem estivesse com elle relacionado que lhe não reconhecesse tão emi-

nente qualidade, aqui mesmo em Lisboa, n'estes poucos annos deixou gratissimas recordações[1]. O sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, que foi seu amigo, diz: «Gonçalves Dias cultivava frequente o commércio de amizade, e aprazia-se passar horas inteiras, que voavam rapidas, entretendo-se com os amigos, ora em graves discussões de pontos litterarios, ora em amena conversação, que elle enchia de encantos com o atticismo de seu espirito e com o fogo vivo de innocentes e subtis epigrammas». (Vej. *Discurso* na nota H).

Em mais de uma de suas poesias manifesta elle o grau de aprêço e o culto que votava a tão sublime virtude.

Chegando, em Coimbra, a João Duarte Lisboa Serra a infausta nova do fallecimento da irman que tanto amava, dedicou-lhe o poeta um epicedio cheio de consolação, e em que derrama-se em lamentos, intornando precioso balsamo confortador sobre aquellas dôres n'estas bellas expressões arrancadas das profundezas da alma:

[1] O sr. Gomes d'Amorim é um dos que se mostram mais saudosos e lastima pezaroso sua morte. Não só m'o tem manifestado por muitas vezes, como o consigna n'esta strophe do seu *Memento*:

Emfim, Gonçalves Dias,
Poeta brasileiro,
E amigo verdadeiro,
Fecha o comboi feral.
Da sua terra amada,
Juncto ás amenas plagas
Foi receber nas vagas
Sepulchro e funeral!

(*Ephemeros* — 1866, pag. 358.)

Não poder eu a trôco de meu sangue
Poupar-te d'essas lagrimas metade!
Oh! poder que eu podesse! — e almo sorriso,
Que tanto me compraz ver-te nos labios,
Inda uma vez brilhasse!
E essa existencia,
Que tão cara me é, t'a visse eu leda,
E feliz como a vida dos Archanjos! [1]

N'outra poesia diz:

.....
O que dóe, mas de dor que não tem cura,
O que afflige, o que mata,
Mas de afflicção cruel, de morte amarga
É morrermos em vida
.....
No coração do amigo! [2].....

Amizade! união, virtude, encanto —
Consorcio do querer, de fôrça e d'alma —
Dos grandes sentimentos cá da terra
Talvez o mais reciproco, o mais fundo!
Quem ha que diga: — eu sou feliz! — se acaso
Um amigo lhe falta? um doce amigo
Que sinta o seu prazer como elle o sente!
Que soffra a sua dor como elle a soffre? [3]

Assim comprehendia Gonçalves Dias a amizade e a practicava. De todos quantos amava nenhum se lhe antepunha no entranhado affecto ao sr. dr. Alexandre Theophilo

[1] Vej. Cantos, edição alleman de 1857, pag. 96 — *Á morte prematura de, etc.*
[2] Vej. Idem, ib., pag. 587 — *O que dóe mais na vida.*
[3] Vej. Idem, ib,, pag. 587 — *Quadras da minha vida.*

de Carvalho Leal, que lh'o retribuia por egual. Eram a encarnação viva do tão conhecido e fallado, mas pouco imitado mytho de Castor e Pollux ou do de Orestes e Pilades. Chamavam-se de irmãos e o eram no que ha de puro e intenso n'esta affeição, de verdadeiro e terno e sancto na accepção mais sublimada e lata d'este dôce termo. Entre ambos nunca houve sollicitude ou acto nobre e generoso em que um excedesse ao outro ou de que não participassem em proporções eguaes: segredos por mais reconditos e pensamentos individuaes por mais intimos que não depositassem reciprocos nos sacrarios de tão conformes corações, servindo os annos e a ausencia de fortalecer os elos da cadeia que os unia, estreitando-os cada vez mais e com mais amor essa amizade tão extremecida e intensa. Melhor o proclama o poeta na dedicatoria dos *Ultimos Cantos,* embora o haja aqui de repettir: «Podes a teu grado, diz elle, sondar os arcanos da minha consciencia, e não te será difficil descobrir o segrêdo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus ultimos cantos são teus; o que sou, o que fôr, a ti o devo, a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude batteu constantemente ao meu lado, a aragem bemfazeja da tua amizade sollicita e desvellada, a tua voz que me animava e consolava, a tua intelligencia que me vivificava ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma d'ellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dois corações que mutuamente se fallavam, interpretavam, e se res-

pondiam sem o auxílio de palavras». D'ahi tambem tomava-o por seu Mecenas, e dedicou-lhe várias poesias, o volume de seus *Ultimos Cantos,* e por sua vontade livre e expontanea os seus trabalhos litterarios sem excepção de um só seriam todos consagrados a esse amigo, se não fosse elle o primeiro a não o consentir, indicando-lhe pessoas a quem julgava que o poeta devia gratidão.

Quem prezava em tanto essa virtude não podia deixar de ser filho menos amante: era sua velha e ignorada mãe o centro de attracção de seus devaneios e doces commoções. Soccorrel-a, amparal-a e proporcionar-lhe meios e confortos que lhe suavisassem os velhos e cançados annos outr'ora tão cortados de penuria, era seu incessante desejo e maior empenho, e para que o podesse levar a effeito não se forrava a trabalhos nem havia sacrificios por extraordinarios que o fizessem desamparar qualquer empreza honesta e digna, com tanto que d'ahi lhe proviessem recursos para repartir com ella.

Soffria não raro privações, resumia suas despezas e trabalhava sem medida nem folga quando ainda não tinha emprêgo lucrativo, e isto só para suppril-a da costumada mezada. Não foi uma só vez ao Maranhão que a não visitasse logo em Caxias para mimal-a e affagal-a, como o testemunham os caxienses relacionados então com elle.

Consoantes á tão nobres e generosos sentimentos, vibraram-lhe no coração os de uma religião sincera, pura e sem affectação: seu alaude não desferia unicamente sons de amor, e d'outras paixões mundanas; mas em seus cantos respira-se o suave perfume de uma alma imminente-

mente religiosa, crente e imbuida dos sãos preceitos do Christianismo, e era assim que concebia a poesia, como o declara no prologo de seus *Primeiros cantos:* «Purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a *poesia* — a *poesia grande e sancta*...[1]»

Na *Consolação nas lágrimas* que é um mimo de amor, diz:

Tenho uma harpa religiosa
.....
Foi o Senhor quem m'a deu
.....
Que as notas suas concerta
Aos sons do psalterio hebreu.

(*Poesias,* 5.ª edição, tom. I, pag. 179).

No meio de suas angustias não o abandona a fé e resignado abraça-se á cruz:

Quando me afflige a dôr,
Minha alma aos ceus se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flor.
E eu bemdigo o teu nome eterno e santo,
Bemdigo a minha dôr,
Que vae alem da terra aos ceus infindos
Prender-me ao Creador.
Bemdigo o nome teu, que um'outra vida
Me faz descortinar,
Uma outra vida onde não ha só trevas,
E nem ha só penar[2].

[1] Vej. CANTOS, (1857) pag. 2.
[2] Vej. Idem, ib. pag. 68 — *Soffrimento.*

Vejamos agora como comprehendia qual deva ser hoje em dia a missão do poeta:

E hoje... em nosso exilio erramos tristes,
Mimosa esperança ao infeliz legando,
Maldizendo a soberba, os crimes, os vicios;
E o infeliz se consola e o grande treme.
Damos ao infante aqui do pão que temos,
E o manto alem ao misero rachitico;
Somos hoje Christãos[1].

Eis agora o ideal da resignação:

Um cantico d'amores exaltaram
Ao throno do Senhor, e eu disse ás turbas:
—Elle nos faz *gemer porque nos ama.*

(Ao dr. João Duarte Lisboa Serra, pag. 110)

N'outra poesia exalta as obras do Creador e prorompe:

Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes
Teus prodigios, teu poder immenso;
O pae ao filho o diz, ao sec'lo o outro,
A terra ao céu, o tempo á eternidade!

(O oiro, pag. 121)

No *mar* torna a glorificar em ardentes strophes Deus e suas obras:

Fervida a Musa com os teus sons casada,
Glorifica o Senhor de sobre os astros
Co' a fronte além dos céos, além das nuvens.

(O mar, pag. 152)

[1] Vej. CANTOS, pag. 92 — *O vate.*

Explica no *Templo* porque adora e prefere o amor do Creador ao da natureza:

..... porque te adoro.
No altar profano de belleza esquiva
Não queimo incenso vão;— tu só me occupas
O coração, que eu fiz hostia sagrada,
Apuro de elevados sentimentos,
Que o teu amor sómente asylam, nutrem
Quando ao sopé da cruz me chego afflicto
.....
.....
Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto
Escutas minha voz que te supplica;
Só tu nutres minh'alma de esperança,
Só tu, oh meu Senhor, em mim derramas
Torrentes d'harmonia, que me abrasam

(*O Templo*, pag. 171)

No *Dies iræ* a crença da immortalidade da alma e da summa bondade Divina enflora-lhe esse cantico, e entrevendo o premio na outra vida, termina-o:

Embora pois a nossa vida corra
Alheia da ventura!
Além da terra ha céus, e Deus protege
A toda a creatura!

(*Dies iræ*, pag. 270)

Contricto e cheio de uncção na sua prophetica poesia— *O meu sepulchro* — exora:

Tu, Senhor, tu, meu Deus, tu me recebe
Na tua sancta gloria: alarga os azas
Do teu sancto perdão, que ao teu conspecto
Humilhado me sinto, como a grama
Que o pé do viajor sem custo abate,
A ti volvo, ó Senhor, bem como o filho

Que ao sôpro das paixões soltando as vélas
Da juventude ardente, foge ao tecto
E ao lar paterno, onde por fim se acolhe.

(*O meu sepulchro*, pag. 635)

São mais que sufficientes estes trechos para dar cabal idéa do espirito religioso do nosso poeta que se abre de par em par na *Idéa de Deus*, no *Te-Deum*, no *Dies iræ*, no *Prodigio*, na *Cruz*, no *Passamento*, e na *Morte*. Dominava-o com egual intensidade o amor da patria, como o provam, além de seus escriptos, suas acções e o testemunho dos contemporaneos, verdadeira pedra de toque por onde se lhe podem aquilatar os bellos dotes que o ornavam, que estes certamente afirmarão que mais do que grande poeta, era um estrenuo e dedicado patriota.

Quereis conhecer melhor o conceito em que era tido pelos que o tractavam de perto, eis a confirmação d'isto, eis o testemunho respeitavel do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo em uma occasião em que se não mente pela solemnidade do acto, e quando a posteridade julga imparcial e severa na ausencia eterna d'aquelle que já foi riscado do número dos vivos. No discurso em que commemora a vida do poeta lastimando tão precoce e infortunado passamento, na sessão magna do Instituto Historico e Geographico do Brasil, occorrida no dia 11 de dezembro de 1864, concluia n'estes termos: « Fallei até aqui do poeta, agora duas últimas palavras em relação ao homem:— Gonçalves Dias era tão admiravel pelo fogo e intelligencia como pelas virtudes do coração: honra, patriotismo, infinita dedicação aos amigos, lealdade sem

quebra, assignalavam a nobreza de seu caracter: leão soberbo e ousado se um poderoso da terra pretendia offendel-o ou tentava humilhal-o; mas leão que uma creança dominava com um sorriso, era ainda mais, e sobretudo de uma modestia pura e candida, que sem que elle o pensasse, fazia realçar o seu merecimento, como o veu branco que, escondendo o rosto de uma donzella, augmenta-lhe o prestigio da belleza; assim, singelo, franco, caridoso, capaz de sacrificar-se, extremamente sensivel, Antonio Gonçalves Dias tambem pelos dotes moraes deixa um nome que será sempre abençoado[1]».

Sem que as solicitasse, vinham as honras litterarias como de per si procural-o na sua recatada modestia. Do que pude colher, sei que era membro effectivo do Instituto Historico e Geographico do Brasil, da Sociedade de Indústria Nacional, da de Instrucção Pública e do Conservatorio Dramatico, todas do Rio, honorario, de várias sociedades litterarias e gabinetes de leitura das provincias, bem como correspondente do Instituto Dramatico e do Litterario de Coimbra, da Sociedade Geographica de Berlim, da dos Antiquarios do Norte, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa; que todos esses estabelecimentos se honravam de contal-o no seu seio.

M. Ferdinand Denis que o estimava, não só por seu saber e talento, como por seus predicamentos sociaes, disse a um meu amigo quando visitou a Bibliotheca de Sancta Genoveva e fallára no poeta: — «era Gonçalves Dias sobre-

[1] Vej. o tomo XXVII, parte 2.ª, da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico do Brasil ou a nota H no fim d'este tomo.

posse modesto, o que é rarissimo entre poetas!» — e o sr. Innocencio Francisco da Silva em um artigo que publicou no *Archivo Pittoresco*, com o titulo de — *Apponta-mentos para a vida e tragica morte do insigne poeta brasileiro Antonio Gonçalves Dias*, desculpando-se da censura que lhe fez o author allemão Ferdinand Wolf no seu *Brésil littéraire* de ter sido nimiamente succinta a noticia que aquelle dá do poeta no seu *Diccionario bibliographico*, diz: «Era elle de seu natural encolhido e modesto, e esquivava-se sempre a dar noticias de si, postoque ás vezes as promettesse, mostrando ceder ás instancias que se lhe faziam a esse respeito. A mim mesmo as prometteu encontrando-nos pessoalmente na sua última estada em Lisboa, em fins de 1863: mais de uma vez me renovou a promessa, que a final nunca satisfez[1]».

A esta excellente qualidade, que não era de modo algum estudada, reunia muita nobreza de sentimento. Além de uma alma compassiva e accessivel aos males alheios, tinha o coração aberto a todos os affectos e a todos os enthusiasmos, e na sua delicadeza esquivava-se quanto podia a dar molestia e ser pesado ainda aos seus mais intimos e dedicados amigos. Sem ambição nem impostura não dava tambem guarida á vaidade, antes docil e attento ás observações, acolhia de boa sombra as censuras e reparos feitos ás suas producções litterarias, nem sabía o que era conservar odio ou rancor a quem o offendia. D'ahi não sei o que mais admirar n'elle, se o grande poeta que era, se o homem virtuoso e inteiro.

[1] *Archivo Pittoresco*, tom. x, pag. 207, 1.ª columna.

Tirando de suas leituras e trabalhos, nada havia que mais o deleitasse que a musica. Sentia tambem grande prazer em entreter-se com creanças, que eram seus encantos. Quantas vezes não o vi em casa de Segundino Gomensoro, na de João Duarte Lisboa Serra, de Theophilo ou na minha, prestando attenção, fazendo folgar e applaudindo as travessuras de seus amiguinhos como os chamava? Quem era assim inclinado aos gosos e passatempos do lar, teve a sina de quasi todos os homens que vivem da imaginação, não deixando descendencia legítima que lhe herdasse o nome.

Democrata como Odorico Mendes, como elle tambem não se fazia cargo de manifestar seus principios alem de um estreito círculo de amigos, entendendo que o Brasil ainda por muitos annos não estará preparado para mudar de systema politico. Não o impediam comtudo suas idéas politicas de fazer ardentes votos pela prosperidade da actual dynastia, e de ser admirador das altas virtudes e saber do nosso monarcha, a quem tinha sincera e profunda affeição e era mui grato. Ouvi-o por muitas vezes fazer um juizo bastante favoravel de S. M. I., e para confirmal-o trago este periodo de uma carta que dirigiu ao sr. dr. Theophilo a 10 de abril de 1848, poucos dias depois da sessão magna do Instituto Historico em que inauguraram-se os bustos do conego Januario e general Cunha Mattos, e recitou elle o seu *Canto inaugural* que corre impresso nos *Segundos Cantos*[1]. Se não

[1] Segundos Cantos, Rio de Janeiro—1848, pag. 79, ou *Poesias*, 5.ª edição, Paris, tom. I, pag. 212.

receiasse avolumar este trabalho poderia apresentar outros periodos de cartas em que se occupava d'estes assumptos com a franqueza a que obriga a amizade. Depois de louvar os oradores e poetas que abrilhantarâm essa festa litteraria com suas producções, diz: «De mim nada te digo, recitei uma poesia que está a saír á luz, e então a julgarás. Só me distingui em não affogar o Imperador á fôrça de baforadas de lisonjas, verdadeiras nuvens de incenso.

«Porque?—Pois estou convencido que ninguem crê mais firmemente do que eu na necessidade do govêrno monarchico entre nós, ninguem quer mais ao Imperador do que eu: tem virtudes que o fazem um homem estimavel, tem qualidades de um rei litterato; mas parece-me que sempre que se falla na presença de um poderoso é preciso cautela e reserva nos louvores para que se não convertão em lisonjas; é preciso ter alguma coragem para se poder affrontar com certeza na opinião do vulgo, quando se acaba de louvar um d'estes—o epitheto de lisonjeiro ou adulador! É cousa que não poderei fazer nunca ainda que me sobrasse vontade para isso: não posso, não sei.»

Não resguardava-se só da pecha de cortezão como não tomava a menor ingerencia nas eleições, e nem sequer concorria a ellas com o seu voto, ou se interessava pelas nossas luctas politicas.

Desde as eleições municipaes de Caxias, em que foi parte em 1845 e sondou as nossas miserias politicas, que assentou em não envolver-se mais n'ellas, não por indiffe-

rentismo, nem por cálculo ou desamor á patria, deusa de seus sonhos e de suas scismas, como o demonstra em muitas de suas poesias, especialmente nos *Tymbiras;* mas para conservar puros de individualismo seus principios e por considerar os partidos que se digladiam entre nós como parcialidades collecticias, reunidas por sordidos interêsses e mirando só ao poder e ao engrandecimento proprio, iman que os attrahe. Referindo-se á nossa politica escrevia a 10 de abril de 1848: «... convence-te que no Brasil, onde quer que seja, qualquer que seja a côr da politica, não passa ella nunca do individualismo, não é nunca mais do que isso!» Acha-se infelizmente todos os dias justificado entre nós este parecer do poeta!

Nos amores, movediço e inconstante, como succede aos de imaginação ardente e que convivem com as musas, ateou-se-lhe um dia como atraz deixo referido, o fogo devorador de uma paixão violenta, indomavel, immensa pela mulher fatal do seu *Ainda uma vez adeus,* do *Jardim* e das outras poesias de seus derradeiros dias, Tinha por essa metade da humanidade, por esse ente creado por Deus para nossa companheira a mais elevada opinião, como o manifesta em muitas de suas composições poeticas, e em outros escriptos. «Se alguma vez estudastes, diem um de seus folhetins do *Correio Mercantil*[1] essa porção do genero humano, que é o principio de quanto praticamos de bom, e de mau tambem, que resume em si o brilho de todas as estrellas, o perfume de todas as flores, cuja

[1] Vej. *Um anjo,* nas pag. 167 e seg. do 3.º volume de suas *Obras Posthumas.*

voz é como um echo de todas as harmonias do coração, cujo rosto é o typo de toda a belleza creada, a quem maldizemos, praguejâmos e amaldiçoâmos, e que procurâmos sempre, e que sempre nos acompanhão, doceis, affaveis, bondosas, sem que as más palavras as irritem uma só vez, sem que os maus tratos as amedrontem, direis tambem, como eu, que a mulher é um anjo. É um anjo de amor e de bondade, que nos entretece os raros fios de seda que nos correm na tela da vida, a voz que nos anima quando desacoroçoados, o seio onde pousâmos a cabeça nos dias de fadiga, a mão que nos enxuga as lágrimas corrosivas do desespêro na hora do soffrimento, que nos allivia as mágoas, e redobra os nossos prazeres compartindo-os comnosco.

.....

«Mulher — como se nos revela seductora, graciosa e brilhante! joven e formosa como a luz do sol, alegre e sympathica como o romper da alvorada; feliz d'aquelle que logra os seus affectos, que lê em seus olhos, dardejando torrentes de indefinivel ternura, as provas da sua predilecção! Feliz, mil vezes feliz! Corrão os dias, passem os annos, venhão os trabalhos, as tormentas, a idade, o tumulto da vida, os praseres, o poderio, a gloria ainda, nada poderá arrancar-nos a memoria de um primeiro amor, de um amor de quinze annos, tão cheio de enlevos! tão extreme de interêsse! É o resquicio de preciosa essencia que nunca se apaga no vaso em que uma vez a depositámos.

«Esposa — occupada nos trabalhos domesticos, com a

lida innocente de uma vida sem tormentosas peripecias, sollícita pela educação d'uma familia que herdará suas virtudes, só pode ser bem comparada á luz modesta de uma lampada sempre accesa defronte do seu sacrario.»

Comparando assim a mulher em todas as phases e condições da vida termina:

«Em todas as idades, em todas as condições, em todos os estados, quando o halito pestifero de um homem não lhe embacia o limpido e delicado espelho da vida, a mulher é a filha mais nova e a mais querida de Deus, a mais perfeita das creaturas, que foi a última feitura que caiu das mãos do Eterno, quando lhe quiz completar o quadro variado e magnífico das suas maravilhas com a maior de todas ellas.»

Alliava ao culto que consagrava á beldade, decidida dedicação ao estudo. Se gastava parte da noute em algum passatempo, ainda que se recolhesse tarde, entregava-se ao trabalho, lendo ou escrevendo até madrugada, occupado com solidos estudos de litteratura, de sciencias moraes, de biologia e de philosophia [1].

Não era poeta que obrigasse a inspiração a obedecer-lhe em tempo aprasado e á sua vontade, antes submettia-se elle aos reclamos d'ella, quando lhe accudia a revezes e por temporadas, como se conhece pelas dactas e lugares onde concebeu e escreveu seus versos. As *Visões*, por exemplo, e parte das poesias de seus *Primeiros Cantos* foram-lhe imspiradas no Gerez onde as escreveu em

[1] O sr. J. M. de Macedo confirma isto mesmo no seu discurso — nota H.

menos de uma semana, outras em Caxias, tambem em curto praso, ou no Rio de Janeiro, e as últimas no Amazonas.

Ás vezes um accidente, uma circumstancia fortuita bem simples e desapercebida para os mais, era incentivo assaz forte para incender-lhe o estro, e dar origem a uma excellente poesia. Passeavamos uma tarde em companhia de certa familia pelas praias de Nictheroy, quando cahiu n'agua uma rosa que trazia presa aos cabellos uma das senhoras, aliás feia, e no outro dia leu-me Gonçalves Dias a sua *Rosa no mar*.

Quando estava inflammado pelo fogo sagrado da poesia, parecia que se lhe transfigurava a physionomia, os olhos chammejavam, o rosto illuminava-se e a voz surda, como que arrancada de dentro, soava palavras inintelligiveis, sahidas entrecortadas e á medida que as ía transmittindo ao papel. Os augures e sybillas da antiguidade, ou os *pagés* de que falla em seus poemas, haviam de ter alguma cousa de similhante, quando evocavam os espiritos. Muitas vezes fui, quando morava em sua casa, surprehendel-o alta noite e espreital-o n'esses momentos supremos: era bello e terrivel de ver-se! De uma espontaneidade admiravel, escrevia seus versos de um jacto, e depois tirava d'elles mais de uma cópia para que se não perdessem, e assim acontece que d'alguns autographos encontro dous e tres exemplares escriptos de seu punho.

Não tinha essas alegrias do coração, apanagio dos felizes da terra, antes a sina de outros poetas, d'esses escolhidos que vivem não raro deslocados e perdidos no meio

dos mais homens que, não tendo a alma afinada pela d'aquelles, nem respirando as auras que revoluteam pelas regiões ideaes e encantadas de onde se descortinam só dourados horisontes, não os podem comprehender em suas manifestações nem elles teem fôrça para triumpharem nas luctas das paixões terrenas onde a seu pezar se ennovellam e enredam. É d'ahi que nasce o desdem com que os olham, e a qualificação de loucos com que averbam a alguns de seus actos fóra do commum. E por modo que o poeta, a quem coube em partilha o dom sublime de arroubar-nos os sentidos com a musica da linguagem harmoniosa, com os arrojos de um pensamento todo ideal e cheio de imagens engendradas n'aquella phantasia bafejada por Deus, o poeta tropeça e pára, se não cahe todas as vezes que desce á terra, e vê-se constrangido a viver entre nós e como nós.

Para ser grande, para produzir enthusiasmo nas almas prosaicas dos leitores vulgares, importa que seja o poeta um ente singular e phantastico. Esse sentir profundo e triste, esse amor infinito e sem reserva, essa mistura de timidez e de atrevimento, esses receios e zelos ás vezes sem causa, essa irritabilidade exagerada são as modulações que ferem as cordas da lyra, que irradiam sons que enlevam, sem percebermos que quem tange o instrumento é um infeliz, um martyr de seu genio!

O poeta, escravo de seu destino que o fadou para gemer, vae em seus cantos, quanto mais sentidos, exgotando tanto mais depressa a seiva da vida. Póde viver mais tempo n'este mundo, e alvejar-lhe a fronte serena e sem

nuvens, se, humanando-se, conversou mais com os homens do que com a arte. Se a desventura, porém, crestou-lhe a existencia, e o perseguiu no seu peregrinar sobre a terra, destinou-lhe a lucta e as dores, não ha constituição por mais robusta que possa resistir a tanto, a menos que a energia d'alma e a resignação não o assistàm. Mais vibrante gemerá seu alaude sons cadentes e melodiosos, repassados de paixão; mas as cordasir-se-lhe-hão estalando uma a uma até que o instrumento se despedace e o cantor pereça de puro cansaço. Era Gonçalves Dias um d'esses genios votados á desventura e á dor. Liberalisou-lhe Deus á farta o dom da poesia, dando-lhe ao mesmo tempo a sorver de continuo o fel amargo do infortunio.

Quem o visse prazenteiro a pairar-lhe quasi sempre nos labios o riso do contentamento, a entresachar na conversação dictos jocosos e picantes, e a aparentar nos modos e acções leveza de espirito, não poderia adivinhar os esforços que empregava para isso, como querendo-se illudir e aturdir-se. Elle proprio o dá a conhecer em mais de um periodo das cartas que atraz vão transcriptas.

Conheciam tambem isso os que viviam na sua intimidade e o tinham acompanhado de perto desde a infancia, e ainda melhor aquelles com quem se abria. Esses percebiam os negrumes que lhe enpardeciam a alma, lamentavam a sua mesquinha sorte e sabiam que eram suas mais inspiradas e tocantes strophes verdadeiras expressões das intimas tempestades que lhe rugiam violentas lá por dentro, ou como elle o diz: É a dor, é o soffrimento, é o

espinho da vida a entranhar-se pelo coração que nos arranca um grito que se chama — ode ou poema. — Quem soffre póde não ser poeta, mas o poeta duvido que não soffra:

> Então aventei em que a vida inteira
> Do bardo era um perenne sacerdocio
> De lagrimas e dor![1]...

Seu pendor a pensamentos melancholicos, seus cantos quasi sempre plangentes como as dores que lhe accudiam incessantes á imaginação, espelham-se e manifestam-se de sobra em seus poemas:

> Minha Musa não é como nympha
> Que se eleva das aguas — gentil —
> Co'um sorriso nos labios mimosos,
> Com requebros, com ar senhoril.
>
> Nem lhe pousa nas faces redondas
> Dos fagueiros anhelos a côr;
> .....
> Ella ama a solidão, ama o silencio,
> Ama o prado florido, a selva umbrosa,
> E da rôla o carpir.
> Ella ama a viração de tarde amena,
> O sussurro das aguas, os accentos
> Do profundo sentir.
> .....

Em outro lugar:

> .....
> .....
> Correm meus dias lacrimosos, tristes
> Como a noite que estende as negras azas
> Por céo negro e sem fim.

[1] Vej. pag. 108 dos Cantos (ediç. de 1857), poesia *Ao Dr. João Duarte Lisboa Serra.*

É o proprio a reconhecer quão triste era sua musa:

É triste a minha Musa, como é triste
O sincero verter d'amargo pranto
D'orfan singela;
É triste como o som que a brisa espalha,
Que cicia nas folhas do arvoredo
Por noite bella.

.....

Então corre o meu pranto muito e muito
Sobre as humidas cordas da minha Harpa
Que não resoam;
Não choro os mortos, não; choro os meus dias
Tão sentidos, tão longos, tão amargos
Que em vão se escoam [1].

«Mas o vate, quando soffre,
Modula em meigos accentos,
Seus doridos pensamentos,
A sua eterna afflicção;
E das lagrimas choradas
Extrahe um balsamo sancto
Que vae estancar o pranto
Nos olhos de seu irmão [2].

Conviva infausto d'um festim, que odeio,
Ás proprias galas que ostenta
A natureza — não se ri minha alma,
Nem de as notar meu coração se alegra [3].

Possuia como poucos o germen fecundante da poesia — exquisita sensibilidade, alliada a portentoso engenho, muita

[1] *Minha Musa* — Cantos (1857), pag. 24, ou *Poesias*, 5.ª edição, tom. I, pag. 63.

[2] *As duas cordas* — Idem, ib. 516, ou Idem, tom. II, pag. 77.

[3] *Quando nas horas* — Idem, ib. 570, ou Idem, tom. II, pag. 115.

imaginação, illimitada inspiração e incendida phantasia. Elle que já era um dos maiores poetas do nosso paiz, com a madureza da edade e desoppresso de cuidados para dedicar-se inteiramente á cultura do espirito e ao trabalho, tornar-se-hia de certo uma das maiores glórias litterarias de ambos os hemispherios onde se falla a lingua portugueza. Se aos quarenta e tres annos, com uma vida tão attribulada e cortada de contrariedades e tropeços que lhe faziam desperdiçar muito tempo, ainda assim produziu esses monumentos admirados e applaudidos por toda a parte, o que não faria d'ahi em diante se podesse realisar seus projectos de recolher-se ao Maranhão e viver retirado do mundo e longe de toda a importunação ociosa, para empregar-se sem reserva a escrever as obras para as quaes já tinha colligido os necessarios materiaes?!

A sua *Historia dos Jesuitas,* a conclusão do poema — *Os Tymbiras* — os seus estudos sobre instrucção pública, e o relatorio dos trabalhos da Expedição Scientifica seriam, como muitas vezes m'o assegurou, as primeiras obras que havia de publicar.

Resta-nos pois agora lastimarmos sem regresso que desapparecesse com essa estrella radiosa tanto brilho, tanta riqueza e esperanças tão alentadas e largas, deixando de pós si, como o sol no occaso, os magicos fulgores do arrebol!

SEXTA PARTE

Conheceis acaso poeta mais festejado e popular entre os seus compatriotas e tão bem considerado d'extranhos? Lestes jamais um livro que vos enamorasse e enfeitiçasse tanto o espirito, que vos fizesse vibrar tão no intimo as cordas do coração como os *Cantos* de Gonçalves Dias?! Eil-o em todas as bibliothecas lido e citado por doutos e indoutos, por damas e cavalheiros. É bem de ver que voga tão geral e louvores tão frequentes e de tantas bôccas a encarecerem a obra e o author não podiam e não podem ter outra origem senão a do merecimento real, incontestavel e incontrastavel, accrescendo que tão justo renome foi adquirido sem esfôrço nem estrepido, de si mesmo e não por empenhos e recommendação, e como condescendencia extorquida ou barateada pelo elogio mútuo. Por isso tambem a corôa de poeta com que lhe cingiram a fronte é de oiro de fino quilate, que não de ouropel, ou formada d'essas lantejoulas que phosphoream

a certa e determinada luz e maream ao menor toque, ou desmerecem e perdem o falso brilho com o discorrer do tempo. E assim devia de ser pelas excellencias do individuo e da sua obra prima — *Os Cantos* — d'esse thesoiro onde não ha joia que não seja de grande valor e que não tenha apreciadores enthusiastas já de sua fórma, de sua metrificação, já de sua essencia, de seu conceito e elevação de idéas e de sentimento, sendo notaveis pela novidade, relêvo, graça, frescor e colorido das imagens. São essas poesias, na phrase expressiva de Voltaire, de l'or pur, sem que se possa contrastear-lhes qualquer liga. Não apontarei *Seus olhos* (pag. 30 dos *Cantos* — 1857) tão preconisados pelo egregio litterato portuguez, o sr. Alexandre Herculano [1], e depois d'elle por quantos teem escripto a respeito dos versos de Antonio Gonçalves Dias, o *Canto do guerreiro* (pag. 5 dos *Cantos*) e em geral todas as *poesias americanas,* que mereceram particular menção do historiador portuguez, do sabio allemão Fernando Wolf [2], d'alguns criticos allemães [3], do sr. dr. Macedo Soares, e finalmente de quem sabe avaliar o que ha n'ellas de bello, de originalissimo e de natural.

O conservador da bibliotheca de Berlim e professor de litteratura, acima citado, louva com especialidade *Olhos Verdes* (pag. 487 dos *Cantos*), *Sextilhos de fr. Antão*

[1] *Revista Universal Lisbonense,* pag. 5 do tomo 7.º, anno de 1846-1847: artigo mais de uma vez citado.

[2] *Le Brésil littéraire* (Berlim, 1863), na traducção do trecho relativo ao poeta que vae na nota K do appendice.

[3] Idem. Vej. nota J.

e *Se se morre d'amor* (pag. 299), que qualifica *de versos dignos de Schiller*[1], e *A tempestade* (pag. 265), no que são tambem accordes nos gabos, Lopes de Mendonça *(Memorias de litteratura contemporanea,* pag. 316), o sr. dr. Macedo Soares, o critico allemão Booch F. Arkossy[2]. Os hymnos — *O mar, Idéa de Deus* e a *Lua,* ás lyras *Rosa no mar, Consolação nas lágrimas, Menina e moça,* bem como a americana *Gigante de pedra* e as *Sextilhos de fr. Antão* são merecedores de muitos encomios e de lisongeira apreciação do nosso philologo e venerando litterato, Francisco Sotero dos Reis no seu *Curso de Litteratura* (vol. IV, de pag. 319 em diante). O sr. dr. Macedo Soares no seu notavel e bem escripto artigo —*Typos litterarios contemporaneos* — especialisa por sua parte —*A Cruz* — o *Templo, Consolação nas lagrimas* e a *Lua,* abonando-as mais que todas as outras poesias de A. Gonçalves Dias. Classifica o sr. M. Pinheiro Chagas *A Solidão* de «uma perola de lyrismo e de frescura» *(Ensaios Criticos,* pag. 175). Da saudosissima elegia — *Ainda uma vez adeus (Cantos,* pag. 284) diz o abalisado critico Fernando Wolf: *Poucas poesias intimas conheço no portuguez contemporaneo que possam sustentar parallelo com esta em abundancia de coração, verdade de sentimento, clareza e limpidez d'expressão, como em franqueza e sinceridade de narração»*... e mais adeante continúa: — *Ainda uma*

[1] *Le Brésil littéraire,* (Berlim — 1863) pag. 175.

[2] Os trabalhos d'estas authoridades, a que me refiro aqui, virão colleccionados no vol. VII das *Obras Posthumas* de A. G. Dias, e em parte acham-se nas notas J, K, L, M e N.

vez adeus é um romance intimo, um drama delicioso d'amor, que por si só faria conceber lisonjeiras esperanças do author, se já não estivesse firmada a sua reputação de grande poeta». Indicarei o — *Soffrimento* (pag. 67) que lembra os psalmos de David, por ser como elles repassado d'angustia e dôr, e orvalhado de lágrimas de resignação, *Meu anjo, escuta* e os *Suspiros* (pag. 221), mimosas creações que fallam á alma, *A flor do amor* (pag. 293) que só parece inspirada no meio dos desertos da Arabia e phantasiada pela imaginação d'um d'esses crentes do alkorão, e *Como eu te amo* (pag. 590), ardente apostrophe de amor, apaixonada e fremente como o sentimento que a gerou.

Entre as *poesias americanas* — *O leito de folhas verdes* (pag. 440), não é inferior ao *Gigante de pedra* (pag. 433). *Tabyra* (pag. 237), *Marabá* (pag. 462), *Mãe d'agoa* (pag. 472), e *Y-Juca-pyrama* (pag. 442), tão applaudidas por alguns criticos, são primores perfumados pela natureza tepida e florida do Brasil. Se folheaes as poesias publicadas depois da sua morte, no primeiro volume das suas *Obras Posthumas*, ficareis seguramente enleiado na escolha, cada qual mais bella pela singeleza de fórma, pela muita verdade de sentimento, pela ausencia de atavios, ou antes pela nudez com que se mostram essas poucas poesias que escreveu nos ultimos dias de sua vida, e por onde percebe-se que o poeta ía entrar em nova phase. No *Jardim* (pag. 15 do primeiro volume das *Obras Posthumas)* rememora elle os amores castos e descuidosos que o saltearam em 1851; são versos ins-

pirados pela mulher que lhe fez em um momento de suprema dor arrancar de dentro esse brado sublime—*Ainda uma vez adeus*. São originadas da mesma paixão *Como, és tu? (Obra cit.*, pag. 23), *Se muito soffri já, não m'o perguntes* (idem, pag. 11), *Se te amo, não sei* (idem pag. 21). As *estancias* (idem, pag. 1), em que deplora a morte da unica filha que teve do seu consorcio, são sublimes de sentimento, de côr local e de delicadeza. A *Baunilha* (pag. 19) é um mimo de graça e de perfeição, e como que se lhe aspira o nativo aroma. Entre as demais poesias que formam o primeiro volume das *Obras Posthumas* de Antonio Gonçalves Dias sobresaem os sonetos, que resumem os tres personagens do romance *Notre Dame*, de Victor Hugo e o que começa:

Baixel veloz, que ao humido elemento
(Son. VI, pag. 145.)

Quanto ás satyras, que se acham tambem n'esse volume, são frouxas e dão a conhecer que, mão adestrada a dedilhar as cordas de oiro da lyra para descantar amores, saudades e outros nobres sentimentos, não póde fazer vibrar cordas de ferro, nem empunhar o latego de Juvenal. Naufragou n'ellas como o sr. dr. Domingos G. Magalhães nas *Eleições do Maranhão* e n'outras satyras que publicou na *Minerva brasiliense*.

O engenho por mais alto que depois arranque os vôos, não póde nos primeiros adejos litterarios dispensar-se do concurso e auxilio alheios, e de seguir o gôsto da sua epocha que o domina e avassala, peia-lhe os movimentos

e não raro o desvia e perverte-lhe de suas inclinações e naturaes disposições.

Gonçalves Dias, educado por Filinto Elysio na eschola horaciana, não pôde comtudo vencer a torrente, e deixou-se fascinar a princípio pelo brilho da eschola romantica que imperava com suas exagerações dramaticas. Muitos dos seus primeiros versos resentem-se, como os de Zorrilla, da leitura frequente de Victor Hugo, e assim como Chateaubriand não pôde eximir-se do sentimentalismo implantado pelo *Werther* e pela *Nova Heloisa,* o nosso poeta não pôde apartar-se da eschola pessoal de Lamartine e dos poetas da restauração, cahindo algumas vezes n'esse hysterismo da eschola byroniana; mas nem por isso deixa de rastrear-se n'isso mesmo muita originalidade e a individualidade do seu formoso engenho. De fino tacto e de extrema sensibilidade, não tem rival na delicadeza da expressão, na louçania e vigor dos toques de suas pinturas, copiadas do natural, sem que affrouxe n'ellas, nem dilua as tintas ou amaneire os quadros.

Se lhe excedem outros no fogo e no ardor do enthusiasmo, se não é pomposo nem temerario, perdendo-se pelo espaço nas exagerações hyperbolicas, que aturdem e dão vertigens aos leitores, ou quer subindo ás nuvens para de lá jorrarem catadupas, não é menos admiravel, sem ter os defeitos dos que alteam-se aos alcantis do sublime, procurando seguir a Victor Hugo, grande e inimitavel em suas arrojadas imagens, para baquearem, novos Icaros, por terra e pedirem de emprestimo as muletas a Gongora e a Marini. As azas do nosso poeta vão manso e manso

desferindo os ares, ora baixando terra a terra para libar do nectar das singelas florinhas do campo, ora deslisando pelas ethereas regiões do bello ideal. É por essa branda serenidade, por essa notavel simplicidade, pela melodia e doçura, pela correcção e fluencia da phrase que nos extasia e encanta. Não ha artificio n'elle, nem arrebiques preparados para attrahir os applausos das turbas com o luxo de ornatos, de filagranas, de arabescos, asiaticos e com saltos gymnasticos, trocadilhos e phrases ôcas e sonoras nem com outras affectações de que abusam certos litteratos modernos para com ellas occultarem a pobreza do engenho e de idéas, vestindo-a de tantas roupagens e adornando-a com excesso de missangas. São pelo contrário naturaes e espontaneos seus versos, sem que n'elles se depare com essas miragens que, causando illusão de optica, enganam os sentidos e adormentam o espirito. Tudo isto é-lhe desconhecido, tornando-se seus escriptos ainda mais apreciaveis pela propriedade das imagens exornadas de forçadas galas, e nunca jamais accumuladas a esmo e sem arte.

Associa ás expressões de suas recordações e sentimentos intimos os quadros da natureza que o rodeavam e o impressionavam com seu formoso panorama, e soube aproveital-os com summa felicidade, sem que revele nada de ficticio nas commoções que o abalavam e engendravam-lhe seus admiraveis versos. Não é sómente natural, nobre e harmoniosa sua metrificação, como tambem variada, percorrendo a escala rythmica em todos os tons conhecidos na arte poetica. Perfeitamente accorde ás im-

pressões, grita e geme sua lyra, plangente e lacrimosa, ou expande-se risonha e affectuosa, branda e suave, já vibrante e forte ao sabor das idéas e dos sentimentos que o dominam e inspiram. É musica suavissima que enleva e arrebata, entranha-se na alma, captiva e seduz.

É ás poesias lyricas que o poeta apraz confiar suas impressões e sentimentos pessoaes, e nem concebo tambem lyrismo que não seja individual como a solidão que envolve o poeta, as paixões que lhe tumultuam no peito, sem o que é commum, desbotado, e convencional e ficticio o que produz. Canta o poeta, antes chora, diz Chateaubriand (se me não falha a memória) seus infortunios, o ceu perdido, o amor concentrado no coração, as luctas de sua intelligencia e os contrastes de seu enygmatico destino!»

Não faltavam a Gonçalves Dias as condições que assignala Lamartine ao poeta para que seja considerado perfeito, porque, como a de Homero, era a sua lyra viva em todas as suas cordas, com a escala humana tão extensa como a natureza, de maneira que tudo quanto havia de grave ou ligeiro, de suave ou triste, de pungente ou delicioso, encontrava n'ella um grito e um sentimento. D'ahi, soavam as cordas de seu harmonioso instrumento com o mesmo enthusiasmo e fortuna, quer impressionado pelo espectaculo grandioso e luxuriante da nossa natureza americana, quer pelas proprias dores.

Poeta objectivo, cantava seus proprios sentimentos, e assim deu-nos pedaços do seu coração no *Ainda uma vez adeus*, no *Meu Sepulchro*, *Se se morre de amor*, *etc.*; mas

essa poesia individual, esse lyrismo sentimental só occupa um pequeno espaço em seus cantos tambem inspirados pelas desgraças dos indigenas e por seus costumes, ou já por idéas moraes, philosophicas e religiosas, como em suas *Visões* e *Hymnos;* portanto se examinarmos com attenção seus *Cantos,* reconheceremos que estes generos reunidos excedem de muito suas producções propriamente lyricas; sendo pois Gonçalves Dias tambem poeta subjectivo, cantando com mais frequencia o que o cercava e feria-lhe a imaginação do que seus intimos e tristes pensamentos. E é no entanto condemnado com desabrimento pelo critico inglez na *Saturday Review*[1] esse individualismo do author dos *Cantos,* que não constitue aliás o thema favorito de seus versos, e dá comtudo tanto realce e encanto a essas composições tão queridas e apreciadas dos leitores sensiveis e de apurado gôsto.

Só póde explicar-se semelhante opinião pelo seu character nacional tão avesso a blandicias e ternuras, não sendo, demais d'isso, facil aos saxões exprimir com toda a propriedade certas manifestações de sentimento n'essa lingua anti-musical e pouco amolgavel aos requebros do lyrismo, embora fossem n'elle felicissimos Byron em muitos dos seus poemas e Shakspeare na sua *Julieta e Romeu,* e o tentassem os poetas lakistas com mais ou menos exito. Acho que não tem razão o critico inglez nas suas predilecções exclusivas pelo verso energico e pro-

[1] Vej. este artigo no *Appendice,* nota M, onde vem transcripto na sua integra com a traducção ao lado.

fundo em seus conceitos, tendo por menos estimavel e primoroso o terno e brando!

Outro predicado não menos recommendado em Gonçalves Dias é a linguagem, por ter sabido o poeta casar a harmonia d'ella com os pensamentos grandiosos e ethereos concebidos n'essas regiões encantadas do ideal, onde os horisontes dourados e repintados de mil cores quando o sol n'elle se atufa ou morre, onde as mattas, as campinas e os rios, sombreados por arvoredos seculares, gigantescos ou matizados de flores exhalando de fragancias balsamicas e suaves, foram por elle tantas vezes perlustrados e contemplados.

Se as excellencias que tornaram o nosso poeta popular e tão festejado não fossem proclamadas e reconhecidas pela gente de gôsto, para fazermos grande cabedal d'ellas bastava considerarmos que subiu tão alto a sua fama logo que appareceu publicado seu primeiro livro de poesias, que transpondo a vastidão do occeano em tantas centenas de leguas que nos separam do Velho Mundo, venceu o indifferentismo e desdem de extranhos, e grangeou boa nomeada ao vate brasileiro não só em Portugal, onde se falla a mesma lingua e ha comnosco tantas e tão frequentissimas relações de interêsses e consanguinidade, senão ainda nos paizes mais cultos, porém tão pouco lidos na litteratura portugueza, que a desdenham e desconhecem completamente. É para notar que na Europa, incluindo este reino, ostenta-se affectado menos-prezo e ha mesmo ignorancia de tudo quanto é do Brasil, quando não nos chanceam e ás vezes nos calumniam malsinando os factos,

os homens e as cousas da nossa terra. O ser, pois, Gonçalves Dias conhecido e julgado favoravelmente em França, em Inglaterra, na Allemanha, na Italia, na Hespanha e aqui, é maravilha e facto tão extraordinario que, por si só, dá a medida do merito do poeta e constitue o mais justificado elogio de seus versos!

Uma vez consagrado e reconhecido poeta pelo sr. Alexandre Herculano por occasião dos *Primeiros Cantos*, como já o mencionei, não desmereceu Gonçalves Dias de tão justo e competente conceito, antes com pincel mais firme, tintas mais ricas e côres mais vivas traçou novos quadros que demonstram o aperfeiçoamento progressivo que adquiria com o estudo consciencioso e observação reflectida e perspicua.

Lopes de Mendonça, o mimoso folhetinista, talento fadado para aquilatar e conhecer o que era do dominio da arte e das lettras, nas suas *Memorias de litteratura contemporanea* exalçando os *Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos* no seu todo, e especialisando alguns poemas, expressa-se d'este modo em um dos periodos do capitulo que dedica ao poeta: «Não é de certo temerario affirmar que é elle hoje (1856) o *primeiro poeta* do Brasil, e um dos *mais notaveis talentos* da geração que se dedica ás lettras em ambos os paizes». *Mem. de litt. cont.* (pag. 316).

«Em raros poetas (accrescenta mais adeante) temos visto mais pronunciado e distincto o sentimento da natureza, da natureza indigena, americana. Só um poeta nascido e educado nas scenas dos tropicos póde descrever assim o luar que brilha tão vivo ao sul do equador e na-

morar as estrellas que mais vastas e luzentes se accendem no manto azulado do firmamento.» *(Obr. e loc. cit.)*

«Vocação (diz á pag. 324) como a do sr. Antonio Gonçalves Dias, como a do joven poeta expirando na aurora do seu talento (refere-se a Alvares d'Azevedo) testemunham eloquentemente a vitalidade da nação brasileira.»

O sr. Pinheiro Chagas, digno émulo de Lopes de Mendonça na crítica litteraria, com mais illustração e profundeza e a outros respeitos superior áquelle, tractando do nosso poeta na *Revista Contemporanea de Portugal e do Brasil,* (n.º IX do tom. V), escripto depois reproduzido nos seus *Ensaios Criticos*[1], diz:... «Nenhum dos poetas seus compatriotas attingiu ao mimo de fórma, que se revela em algumas das suas composições lyricas, a elevação de pensamento, que se encontra n'outras, a opulencia d'imagens que possuem quasi todas». *(Ensaios crit.*, pag. 168). Depois de outras considerações e de citar a *Solidão,* comparando-a com uma das melhores lyras de Dirceu, conclue: «Como vêem, Gonçalves Dias é principalmente um poeta mimoso, de inspiração suave e de suaves paixões; é um d'estes poetas que, ao contemplarem o sol posto, se enlevam na doce melancholia que inspira essa hora tão saudosa, e não se prendem em phantasiar palacios incendiados, vulcões, cataractas de chammas nas nuvens do occidente sobre as quaes lança reflexos escarlates o clarão moribundo do sol, que se atufa nas aguas».

«Comtudo, isso não obsta a que as suas poesias sejam

[1] Vej. *Ensaios Criticos,* por M. Pinheiro Chagas. Porto, 1866.

sempre revestidas d'um esplendido colorido, e que as mais opulentas roupagens se despreguem e ondeiem em tôrno da idéa suave e mimosa. As poesias de Gonçalves Dias são como que rainhas melancholicas; arrastam sedas e oiro, velludos e brocados, mas não erguem a fronte altiva e soberana, deixam-n'a caír ao pezo de languida tristeza, e o orgulho do throno não lhes encrespa os labios, onde fluctua apenas um vago e meigo sorriso.

«Philosopho e crente, ha nas poesias, a que deu o nome de *hymnos*, a suave unção religiosa de Lamartine. Como o poeta francez gosta de ir orar sósinho ao templo, quando a nave mysteriosa recebe apenas o timido clarão do crepusculo. Como o poeta das *Meditações* ao debruçar-se sobre o cadaver, sente avigorarem-se-lhe as suas crenças na immortalidade, e na effusão de seu coração, sólta dos labios esta magnifica estrophe (pag. 177)

Sahe da larva a borboleta,
Sahe da rocha o diamante,
D'um cadaver mudo e frio
Sahe uma alma radiante [1].

O sr. Luciano Cordeiro no primeiro tomo de sua obra de supposta crítica litteraria [2], compara Gonçalves Dias aos poetas portuguezes João de Deus e Soares de Passos, julgando-o todavia inferior a estes.

Não contestarei essa afferição injusta, quando o sr. Camillo Castello Branco encarregou-se no n.º 6 de suas tão

[1] *Epicedio* — Cantos (1857), pag. 65.

[2] *Livro de crítica, arte e litteratura portugueza d'hoje*. Porto, 1869, pag. 278.

populares e applaudidas *Noites d'Insomnia* de o fazer com a competencia que lhe assiste: — «Gonçalves Dias, apoucado pela ignara bitola de um zoilo vesgo, tem dous monumentos: um de marmore na sua patria, outro nos livros que são d'elle, que são nossos, que os temos na memoria do coração desde a mocidade».

Não disputemos, todavia, sobre este ponto, e quanto á arguição de todo o ponto inconsistente e absurda de que não temos litteratura propria, consignada n'esta sentença summaria do alludido pseudo-critico: «Gonçalo Dias *(sic)* que os brasileiros na sua monomania (!) de terem uma litteratura, como se esta andasse demarcada pela geographia politica, dão como poeta seu, como elle proprio julgava sel-o, é um lyrico inspirado, franco,» etc., (pag. 178 do *Livro de Critica),* já em outra parte (nas *Locubrações,* de pag. 187 a 233) occupei-me d'este assumpto para dispensar-me de vir de novo a terreiro com elle, se é que precisa defendido o que os factos, a mais simples reflexão e a propria natureza do assumpto encarregam-se de contestar!

O professor allemão, Fernando Wolf, cujo passamento deploram as lettras, no seu mui noticioso e aprimorado trabalho *Le Brésil littéraire* (Berlim, 1863), consagra algumas páginas á analyse das obras de Gonçalves Dias até então impressas. Tractando em geral de suas poesias, diz: «Mostram suas descripções das grandes scenas e dos phenomenos da natureza uma concepção ideal juncta ao colorido que só nos tropicos se deparam, como, por exemplo, o magnífico hymno a *Tempestade,* descripção d'uma

d'essas peculiares borrascas do céu da America meridional». *(Obr. cit.*, pag. 177).

Mais adeante: «Provou Gonçalves Dias pelas composições, de que fallámos, seu talento de poeta e de poeta castiço na lingua portugueza, mereceu porém distincto lugar no Pantheon Brasileiro por suas Poesias Americanas». *(Obr. cit.* pag. 178) «Excedeu (accrescenta depois) seus predecessores e ainda ao mais proximo d'elle, Araujo Porto Alegre. Não se satisfaz com descrever subjectivamente a impressão que lhe causaram as particularidades da natureza e dos costumes brasileiros, identifica-se objectivamente com os panoramas, com as idéas e com as expressões indigenas.

«Eil-o, ora qual o vate indio *(pagé* ou *piága)* a explicar e a conjurar visões, ora a entoar hymnos guerreiros e a narrar sacrificios e sanguinolentas luctas, ora qual *marabá* a lastimar o destino d'essa raça mistiça desprezada pelos indios, ora qual joven indio a fallar dos encantamentos da *mãe d'agua,* que similhante ás sereias o attrahe á humida sepultura; em summa, approximou-se Gonçalves Dias da ballada, está nas melhores condições para crear uma poesia verdadeiramente *nacional* revestida com uma fórma consentanea ao gôsto de *nosso tempo*.

«Ninguem deve portanto admirar-se de que estas *americanas* tenham adquirido no Brasil tão grande popularidade, quando agradam sobremaneira aos leitores europeus, sentindo dispor de tão acanhado espaço, que nos limita a darmos d'ellas apenas alguns extractos[1].»

[1] Na segunda parte da sua obra, sob n.os 81 a 84, reproduz o sabio allemão algumas das poesias americanas dos *Cantos*.

Mr. E. de Laplace n'alguns artigos da *Revue contemporaine* de 15 de dezembro de 1856, que tem por titulo— *Litteratura brasileira* — referindo-se ao poeta, cinge-se apenas a estas breves considerações:

« Os indigenas do Brasil acharam no sr. Gonçalves Dias, author das *poesias americanas,* um cantor enthusiasta .....
..... Elle canta com mais delicadeza do que fôrça as guerras e superstições d'estes. *O gigante de pedra,* lenda indigena, a *Tempestade,* descripção colorida de um tufão do Brasil, são as mais interessantes poesias d'essa collecção ».

O litterato hespanhol D. Juan Valera[1], em um artigo intitulado *Da poesia brasileira* que appareceu na *Revista hespanhola de ambos mundos,* traduzido e publicado depois no *Guanabara,* vol. III, de pag. 322 a 323, conclue por estas palavras: «Ha todavia poetas que merecem ser particularmente conhecidos. Um d'elles é Gonçalves Dias, que por sua originalidade e fecundidade póde ser chamado o *Zorrilla* do Brasil; suas lendas e canções brasileiras são interessantissimas. Uma d'ellas denominada *Y-juca-pyrama* pinta maravilhosamente os ferozes costumes d'essas tribus selvagens».

« N'outra poesia—*A mãe d'agua*—, descreve a sereia brasileira ou o espirito que habita o fundo dos rios..... o *Gigante de pedra* ..... celebra em *elegantes versos* o passado do seu paiz e o brilhante futuro que o aguarda.

[1] Vej. nota L no *Appendice.*

Olhos verdes é um edylio *delicadissimo, Marabá* é a melancholica pintura do menospreço com que os indios tratam os de sua tribu de sangue misturado, e por último no *Tabyra*, mostra-nos o poeta os indios guerreando-se entre si e sendo destruidos pela dominação portugueza como se aquelle vastissimo territorio fosse pequeno para elles, preparando d'est'arte o serem conquistados pelos europeus. Este canto parece-me, quanto á metrificação, imitado do *Carmagnola* de Manzoni. Nota-se muito a miudo em Gonçalves Dias a leitura de Victor Hugo e de Zorrilla, porém este vate americano possue a ternura que fallece nos nossos poetas europeus.»

O *Litteralisches Central blatt für Deutschland*, de Dresde, em 19 de setembro de 1857[1] diz: «... a elevação dos sentimentos, a profundeza, a energia de expressão, o ardor da phantasia, o esplendor das imagens e propriedade do estylo distanceiam estas poesias do pretendido rythmo lyrico e da monotonia das rimas emparelhadas em que ainda vegeta a poesia moderna portugueza.

«Contrastando com a affectação e o amaneirado da phraseologia e metrificação geralmente seguidas, reune o poeta a esta originalidade uma metrificação variada e linguagem propria, cultivando o verso sôlto e subjugando termos aliás rebeldes, e dando com elles fôrça á expressão; mas com tal frequencia que póde causar estranheza á poetica tradicional...»

[1] Vej. este e mais alguns artigos no *Appendice* — nota J.

« Formam a corôa da collecção (dos *Cantos)* as *poesias americanas,* imagens e sentimentos que a patria do poeta e a natureza selvagem dos seus bosques indigenas reverberam em reflexos lyricos.»

No *Magazin für die Litteratur des Auslands* de Berlim, em data de 22 de abril de 1858, vem um artigo de F. Booch Arkossy analysando com certa individuação e com palavras de louvor muitas das bellas poesias dos *Cantos*[1].

Na pag. 9 da introducção do seu romance o *Calabar* expressou-se o ex.mo sr. conselheiro Mendes Leal n'estes termos, referindo-se a Gonçalves Dias:

« Ha muito que Portugal admira, á frente da esperançosa mocidade brasileira, o dr. Gonçalves Dias, poeta de genio e de inspiração, que em mais de um de seus primorosos cantos entreviu já o glorioso futuro que está fadado á sua geração poetica.»

Consagra o sr. Camillo Castello Branco uma columna do *Diccionario de educação e ensino* (pag. 670 do tom. I) ao nosso poeta, e onde entre outros gabos diz d'elle: « Morrêra o *primeiro* poeta brasileiro que mais *puramente rythmava em lingua portugueza*», e na pag. 50 do 4.º numero de suas curiosas e bem acceitas *Noites de insomnia* o qualifica de «primaz dos escriptores brasileiros ».

No tomo XIV da *Biographie universelle,* no *Dictionnaire universel des contemporains* de Vapereau (3.ª ediç.),

[1] Vej. no *Appendice* a *retro-citada* nota J.

na *New-American Cyclopedia,* no primeiro e no oitavo tomo do *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio F. da Silva, e em um trabalho publicado em quatro numeros do tomo x do *Archivo Pittoresco,* e em que este consciencioso e esmerado escriptor relata os ultimos momentos do poeta, veem artigos especiaes consagrados a Gonçalves Dias. Sempronio (o sr. dr. João Franklin da Silveira Tavora) nas suas estimadas *Cartas a Cincinnato* (Pernambuco, 1872) faz em mais de um topico justiça aos eminentes dotes poeticos do cantor nacional.

A este concerto unisono de merecidos e espontaneos louvores vem junctar-se o parecer do crítico inglez que, analysando de relance, no n.º 104 da *Saturday Review* de 24 de outubro de 1857 [1], os *Cantos* com aquella acrimonia e desdem congenitos ao orgulho britannico, não pôde comtudo eximir-se de confessar que o nosso poeta é *superior a muitos respeitos* a Longfellow e a Rodowitz, o que já é grande elogio; e que a poesia *Seus olhos* não póde ser nem sequer imitada na lingua ingleza, e nem ha traducção que possa dar idéa ainda approximada dos donaires e graças do original, onde os pensamentos faíscam por entre as palavras como brilhantes em um collar *(which thougths sparkle out through the words like jewels under lace),* e especialisa mais o *Meu Sepulchro,* e *Sobre o tumulo de um menino,* poesias que verteu para sua lingua.

Já não era pouca honraria prender a attenção de um subdito da Gran-Bretanha a ponto de leval-o a consagrar

[1] Vej. nota M já citada.

uma analyse aos *Cantos* de Gonçalves Dias, e merecer-lhe louvores uma ou outra poesia do nosso festejado e popular poeta, o que peza por certo mais na balança do que o mau humor com que o critico aggride a rainha de Portugal, o sentimentalismo e desafogos lyricos, e sobretudo as *poesias americanas* do nosso poeta, quiçá por ser genero tambem cultivado pelos escriptores nort'americanos.

Não deixarei comtudo passar sem reparo o parecer pouco seguido de alguns que, como o critico inglez, proscrevem os indigenas da litteratura da America, tendo-o por indicio de mau gôsto. Não são nem podem ser fixos e permanentes os preceitos das artes, antes variam com as epochas, com os povos e com as evoluções da humanidade, vinculadas, estreitadas, mescladas, confundidas como se acham as ideias e manifestações do mundo moral com as do mundo physico.

Como descrevel-a e inspirar-se na magestade das nossas mattas e das nossas scenas sem collocar n'ellas o selvagem com a sua rudeza, com seus habitos, com suas superstições e com seus infortunios?

A arte na Grecia derivava do Egypto e em Roma d'aquella, e já no Oriente era e é outra. Cada uma tem o seu typo, tem fórmas e contexturas que as dissimelham.

Os povos na infancia foram caçadores — vida nomada, com o espaço para divagarem, era fôrça destruirem para se alimentar; depois pastores, vivendo a familia em commum, d'ahi a conservação, e o tecto para abrigarem-se; mais tarde lavradores, como transição natural e logica. Firmaram-se no sólo e d'ahi veiu a propriedade.

Depois fabricantes — d'ahi aperfeiçoamento e desenvolvimento dos recursos que lhes offereciam os productos do sólo e a intelligencia. Nos povos primitivos foram pois mais estimadas as fôrças physicas, e tornou-se indeclinavel necessidade augmental-as e avigoral-as pela cultura incessante e de cada hora, porque n'ella é que consistia para elles a belleza, a grandeza e o direito. Quanto mais proximos da infancia, tanto mais predominam e influem nos povos esses sentimentos que predominavam e presidiam a todos os actos de sua vida social, tomando como regulador e espelho os phenomenos e leis da natureza que os impressionavam: — a carreira, a natação, a lucta corpo a corpo, o manejo das armas, seus exercicios, e o endurecimento do coração — a educação d'esses povos. D'ahi originam-se a jactancia e o orgulho sem limites que tanto os characterisam; commettimentos audaciosos, a temeridade levada á insania, a guerra permanente, a todo o transe e sem fé, muitas vezes só pelo prazer da carnificina, formam a base, o elemento e o regimen governativo de cada nação ou tribu barbara. É essa a sua lei suprema, o fundamento e as funcções de sua existencia: a isto subordina-se tudo mais, e a isto se vão prender todos os factos. Para chefe e guia era escolhido o mais forte e destemido — governavam os musculos, e a coragem e a audacia. Homero para cantar os gregos dos tempos fabulosos traça a acção e entrecho de seus poemas servindo-se das luctas de povo a povo, de guerreiro a guerreiro. Para com os bretões não tem Ossian outro caminho, e com os *tu-*

pys não ha desviarem-se d'elle os poetas que se inspiram na natureza brasileira virgem, e querem ser verdadeiros e aspiram passar á posteridade. Para os *Tymbiras,* para os poemetos de A. Gonçalves Dias receberem a sancção pública e terem o cunho de perdurabilidade, para serem emfim tão estimados e terem voga, cumpria que se identificassem e reflectissem todas as côres e matizes da vida dos indigenas na sua luz primitiva como elle os havia observado e concebido, seguindo o trilho dos poetas do Oriente, dos authores da Biblia, de Homero, de Macpherson e dos poetas das Niebelungen. E que poeta se não impressionará por essas tribus singelas e rudes como os sitios onde viviam e por onde ainda hoje erram, infelizes desde o descobrimento, e depois sem lar, sem sepulturas, fugindo de sertão em sertão em busca dos mais longinquos ermos, sempre rebeldes contra a sujeição e indomaveis ás leis e aos habitos de sociabilidade que lhe queriam os europeus impor á fina fôrça?!

A sensibilidade tão exquisita e irritavel nos que teem o fogo sagrado das musas e a imaginação bastante accessivel ás minimas impressões, e faceis a arrebatar-se, não se apropriarão esses elementos, scismando com esse mundo novo povoado de ficções, cheio de magia a desabrochar de si poesia e encantos?

Não quero com isso dizer que a poesia brasileira deva ser inspirada sómente nos indios, mas que é um dos seus mananciaes mais ricos e formosos; e que ha n'elles bastante que beber e que explorar não ha contestar, e ahi estão os litteratos estrangeiros a applaudirem e a preten-

derem cavar tambem n'essa mina de pedrarias de inestimavel preço só esperando habeis lapidarios que as faceiem para que ostentem toda a sua riqueza e fulgor. Estou persuadido que a geração por vir não abandonará esse campo, senão que o cultivará com ánimo, mimo e despreoccupação, sem se embaraçar com os motejos d'aquelles que, como o escriptor da *Saturday Review*, encaram as cousas pelo lado positivo e as enxergam por certo e determinado prisma, querendo medir pela craveira do actual selvagem miserando e erratico os que já foram, e revivem agora para o poeta com seus ornatos, e suas luctas e seus ritos. Mais de um poema epico póde ainda tirar-se d'esse veio. «E poderia acaso a *Illiada* servir de modêlo a um poema americano? (pergunta um mestre e authoridade na materia). A vida selvagem encerra em si bastante interêsse, bastante grandeza, bastante maravilhoso, para sustentar movimento d'aquelle folego e magestade? D'aquelle não direi; mas se tivessemos um Homero (encarrega-se elle de responder), a mina para as suas explorações não sería outra. Essa raça, seu passado, suas superstições, é tudo de tamanho e vigor descommunaes. O gentilismo tem a sua face pomposa e formidavel. A epopéa barbara não póde deixar de ser uma insigne epopéa.

«Um dos elementos de grandeza da *Illiada* é o maravilhoso, symbolisado na crença pagan. Tambem os nossos indios tinham maravilhoso e á farta. As suas superstições — eis no meu fraco entender — o musculo d'essa poesia; e esse musculo, fôrça é dizel-o, não tem sido de-

senvolvido e destendido, como acaso cumpriria dos nossos epicos.

«O Homero brasileiro acharia na nossa raça primitiva typos parecidos com Achilles, Heitor, Priamo e Meneláu. Até encontraria uma Helena, sem outro trabalho mais do que o de abrir a história.....
..... Uma rapariga de certa tribu da ilha de Itaparica foi raptada pelos habitantes do local onde depois se edificou a cidade do Bahia, e d'ahi accendeu-se uma guerra terrivel.

«Esse Homero iria beber a poesia nacional nas tradições dos indios; mas nas tradições que, pingues e plenas, as tinham nos paineis summos e nos monumentos das suas tradições, das suas batalhas titanicas. Desde a cilada ao inimigo até o incendio, desde o heroismo nas luctas até o heroismo das hostes, tudo offerecia elevação propria, que não destoaria do drama nem da epopéa.

«Bebel-a-hia principalmente nas superstições, susceptiveis dos episodios mais robustos e dos mais agigantados prodigios, de que a história dá idéa que se vê que é pallida; mas que bastante colorido encerra para nos fazer conhecer que tinha o calor e a importancia de verdadeiras maravilhas.

«Bebel-a-hia no que o character selvagem tinha de esculptural, predominante e athletico. De dentro das soturnas cavernas, do seio dos valles interminaveis, de cima dos rios occeanicos, dos recessos da mansão opaca das selvas, acordaria os echos de dramas tremendos que ahi

jazem adormecidos na necropole de seculos; evocaria as visões mysteriosas e mythicas da sua theogonia, as sombras das suas divindades, dos seus lemures, que faria representar papeis pavorosamente grandes, quaes os representa no *Hamlet* o espectro de Banquo.

«Assim como o poeta grego fazia tremer o Olympo com um movimento da cabeça de Jupiter, o poeta americano faria abalar a solidão em seus fundamentos com o simples tanger do maracá do sacerdote inspirado, representante de Tupan.

«Faria emfim dos guerréiros heroes — dos heroes semi-deuses; da crença religiosa a primeira fonte do poema — tudo em ponto grande, compativel com a pujança de uma raça indubitavelmente capaz dos commettimentos mais altanados.» *(Cartas a Cincinnato* — Pernambuco, 1872 — pag. 217 e 218.)

Reforçado por tão eloquentes e bem desfiados raciocinios, e enthusiasta das nossas cousas, nem por isso opino para que tudo seja *indio* e que se deforme uma producção do genero com excesso de termos *tupys;* nem é essa a unica seara onde ha rica messe a colher: ahi temos a mais as tradicções dos primeiros colonisadores europeus, os costumes coloniaes, os nossos feitos de armas, principalmente por occasião de expulsarmos os hollandezes, e mais recentes materiaes para architectarmos com tudo isso muitas obras primas. E nem se arreceiem com o célebre *Timon brasileiro*, que, n'aquella ironia fina e zombeteadora, que ninguem melhor sabía manejar do que João Francisco Lisboa, mostra-se sobresaltado da

invasão tupy, e a quem affigura-se ler nas esquinas das ruas e praças, no frontespicio dos jornaes, nas proas das embarcações e por toda a parte *denominações tupys*[1]. É que esse espirito tão lucido deixou-se illudir pela exageração da turba-multa dos imitadores do grande poeta, suspeitando que a mania tornar-se-hia doutrina, e essa a eschola exclusiva e predominante da nossa litteratura, e não porque tal pensar denuncie decadencia de tão vigoroso espirito, como presume o sr. dr. Couto de Magalhães no seu *Ensaio de Anthropologia* (Tom. XXXVI da *Revista Trim. do Inst. Historico).*

Pondo de parte o que é pelas mediocridades litterarias imitado de Gonçalves Dias, acha-se de certo, *em tudo* quanto tem o sôpro vivaz de sua imaginação creadora, o sêllo do ideal, do sentimento do bello, engendrado pelo exame dos objectos descriptos e isento de exagerações. Quem tambem se arredar da senda que traçou e da eschola que fundou, descamba e cahe seguramente no ridiculo, e o olvido será recompensa de tanta semsaboria. São a esses taes a que allude tão delicadamente o ex.mo sr. conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Roza em seu folhetim do *Correio Mercantil* de 5 de dezembro de 1857: «tornando-se estupidamente selvagem, e julgando terem achado uma novidade por fallarem em *maracá, boré* ou *piága:* não é assim, mas inspirando-se da nossa natureza, das tradições d'essas raças extin-

[1] Vej. *obras de João Francisco Lisboa.* Maranhão. 1864, vol. I pag. CXXXIX usque pag. CXLV da biographia do author, e vol. II, da mesma obra, de pag. 199 a pag. 208.

ctas ou abastardadas que foram senhoras d'esta terra que lhes foi conquistada á traição e á custa de tanto sangue d'elles[1].

«Chateaubriand e Cooper, na America do norte, o author de *Paulo e Virginia*, na Ilha de França, acharam n'essa natureza fecunda e virgem o cunho immortal de suas obras. Porque não poderão fazer os nossos poetas o mesmo? Pois o *Natchez* e os indios de Cooper serão mais poeticos do que os nossos?!»

Não me occuparei mais com o crítico inglez no que é do dominio da arte e do gôsto; mas não me soffre o ânimo agradecido deixar sem breve impugnação as injustiças que faz com relação a Portugal.

Não desconheço o atrazo d'este povo quasi escondido na penumbra que projectam a Inglaterra, a França, a Allemanha e outras nações da Europa tão adeantadas em civilisação e tão prósperas; mas se este reino ficou tão abaixo na escala do progresso europeu; se está a braços com difficuldades insuperaveis, e reduzido a tamanha miseria, deve-o ao sombrio e feroz fanatismo ensinado e enraizado na população pelas ordens monasticas e pelo absolutismo no tão prolongado e fatal predominio d'essas oppressoras instituições. Foram por ellas exhauridas e desperdiçadas durante seculos as fôrças vitaes do paiz até quasi extinguil-as de todo em todo: em vez de terem cortado o reino de estradas perfeitas, solidas e commodas, explorado todo o territorio, de serem creadas instituições

[1] Vej. nota N do *Appendice* in fine.

liberaes, de haverem fomentado a indústria, derramado copiosamente a instrucção pelo povo, tractaram de erigir templos, de construir aqueductos, de dotar largamente mosteiros e confrarias, de estabelecer e dar prestigio aos jesuitas e á inquisição, e de entregar o reino e suas conquistas á acção do braço religioso e da cubiça da curia romana. D'ahi as perseguições e morticinios dos *christãos novos* e judeus, o exilio obrigado de tantas familias industriosas, ricas e activas, e a transferencia de riquezas a outros paizes onde a tolerancia religiosa e liberdade do pensamento e da consciencia estavam em pleno exercicio; d'ahi tambem a sujeição a Roma, e a indebita ingerencia ou quando menos influencia do clero no govêrno, e essa infelicissima jornada de Africa, em que succumbiu com a flôr da nação o proprio rei, deixando nos campos de Alcacer-Quibir a vida, e o throno devoluto para vir n'elle sentar-se em breve Filippe II de Hespanha. Não se póde, porém, attribuir sómente ao ultramontanismo e ao regime absoluto o estado de ruina a que tem chegado Portugal, senão em parte á tutella de sua *antiga e fiel alliada* a Inglaterra, que lhe foi já tão nociva. Não devia, por isso, vir o escriptor do *Saturday Review* chasquear do venerando alliado de sua nação, quando não por piedade e respeito, ao menos por gratidão.

Quanto ao que respeita á liberdade politica, não havia até pouco tempo entre as nações de raça latina quem se lhe avantajasse desde que a actual dynastia inaugurou o systema constitucional representativo. Gosa Portugal comeffeito de ampla liberdade d'exprimir o pensamento

quer na tribuna, quer na imprensa, e dado que a Gran-Bretanha o sobreexceda na práctica das doutrinas constitucionaes, como quem tem a seu favor a indole e character nacionaes, a educação de seculos n'esse regime, a instrucção disseminada até pelas infimas camadas populares, não se achou ainda o seu parlamento com disposição para abolir a pena de morte, a lei dos morgados e outros vicios e usanças da velha monarchia e de sua orgulhosa aristocracia.

É certo que D. Maria II commetteu erros, se bem que não intencionaes, mas que foram remidos por muitos actos excellentes, tendo demais a rara virtude de atravessar o genesis do govêrno representativo sem profundos abalos, guiando-se n'essa transformação e arduo tirocinio com muita cordura e tino prudencial, embora tivesse de encontrar os velhos preconceitos e absurdas tradições do dominio absoluto com fundas e millenares raizes e emergissem as inquietações e turbulencias proprias de um povo ainda não affeito ao exercicio de seus direitos e no meio do qual havia muitos adeptos fervorosos do rei decahido. Foi seu reinado, sem embargo d'isso, brando e tolerante, havendo sobreposse na rainha a excellente mãe de familia, que deixou apoz si uma descendencia digna de empunhar o sceptro.

Como apodal-a de louca *(foolish woman)* e a D. Fernando de Coburgo de princepito allemão *(petty German-prince)* como que por desprezo? Se se refere o escriptor á pequenez do territorio de Saxe-Coburgo-Gotha, toca tambem esse remoque ao finado consorte da rainha Vi-

ctoria; mas se ás qualidades administrativas do principe, deu elle sobejas provas de que as tem, como assaz o patenteou na sua regencia.

D. Pedro V não ensaiou só reformas liberaes, como diz o escriptor, senão que as realisou.

De que no reinado de D. Maria II gosava o povo portuguez d'aquelle grau de liberdade compativel e bastante para sua evolução, abona-o o facto de ter estado tranquillo ao tempo que outras nações do velho continente europeu se agitavam á alvorada da revolução franceza de 1848.

Se no principio de seu reinado houve perturbações, e algumas d'ellas harto graves, nenhuma comtudo tão calamitosa e sangrenta como as de Hespanha, e nem foram originadas de arbitrios e violencias da corôa, senão de expansões mal soffridas de ambiciosos politicos.

Contesto que seja ingloria e obscura a litteratura portugueza moderna, como affirma o escriptor britannico, antes alardea ella explendor e pompa em algumas de suas producções. É certo que Portugal do seculo XVI distanceia do de hoje, seguindo a sorte de todos as nações que já foram grandes e opulentas. Á sua infancia auspiciosa succedeu no seculo XV uma virilidade sem rival e invejada pelos povos que imparceiravam com elle. Tudo então era aqui grande, maravilhoso e radiante. Nos descobrimentos devassou *mares nunca de antes navegados*, conquistando terras em todas as regiões do globo, levando por toda a parte o nome portuguez, e plantando as quinas victoriosas na Asia, na America, na Africa, nas

Ilhas occeanicas, e onde finalmente teve de travar pelejas. Nas lettras bastava-lhe Camões com seus immortaes *Luziadas*, se não tivesse outros que podem figurar de par com este genio, taes como Antonio Ferreira, João de Barros, Fr. Luiz de Sousa, Lucena, e sobre todos elles o padre Antonio Vieira.

Attestam o alto grau a que chegou nas artes os templos magestosos da Batalha, dos Jeronymos, de Alcobaça e de Mafra, e os quadros do Grão Vasco e de Sequeira, e as muzicas de Marcos Portugal. Está decadente, abattido, gasto e assoberbado de necessidades, achaques todos da velhice, mas de uma velhice que não provoca o riso do escarneo, senão muito dó e veneração.

Se na litteratura contemporanea quizermos colleccionar os productos da poderosa Albion com os do *ignorado* Portugal, não sei quem ficará a dever!

Depois de lord Byron e de Walter-Scott a quem poderá apresentar que seja superior a Almeida Garrett, a Alexandre Herculano e ao cego vate visconde de Castilho? Conta ella acaso uma pleyade tão cheia de viço como a que actualmente explora aqui com feliz êxito todas as provincias litterarias—romance, história, drama e poesia—, sem desmerecer em nenhuma? Tire-se á *merry England*, Carlos Dickens, que já não vive, Bulwer e alguma vaporosa e sensivel miss, o que lhe restará para ufanias nas lettras? A esses contraporei Mendes Leal, Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas, Rebello da Silva, Silva Gayo, Gomes d'Amorim, Julio Diniz (Gomes Coelho), Arnaldo Gama, Thomaz Ribeiro, Teixeira de Vasconcellos, Bulhão

Pato, Soares de Passos, João de Lemos, Palmeirim, João de Deus, Latino Coelho, Innocencio F. da Silva e outros cujos nomes omitto por brevidade, e digam-me em consciencia se Portugal n'este recanto, pobre, pequeno e desprezado, póde n'este ponto dar chanças ao escriptor inglez? Não surprehende, comtudo, tamanha injustiça e ignorancia do que por aqui vae da parte d'uma revista litteraria, quando a redação do *Times*, que se preza de bem informado e grave, gozando dos fóros de primeiro jornal entre os da Europa, mostra-se tão alheio ás cousas e aos homens de Portugal, ainda dos mais proeminentes, como por exemplo do Duque de Saldanha que militou com lord Wellington e tem medalhas inglezas ganhas com valor nas campanhas da Peninsula, e no entanto commetteu ha pouco tantas e taes inexatidões ácerca de factos notaveis da vida d'este illustre militar a ponto que o *Jornal do Commercio* de Lisbôa de 28 de novembro de 1869 julgou-se na obrigação de sahir a campo e repor os factos taes como eram.

Tornando ao assumpto, de que fui desviado por esta digressão que estava a reclamar de mim tão revoltante aggressão feita aos nossos irmãos, adduzirei para aqui alguma cousa do muito que se tem escripto no Brasil em louvor do poeta; pois a querer resumir tudo quanto se tem dicto em louvor de seus escriptos, seriam acanhados os limites d'esta obra.

O venerando litterato e profundo philologo, tambem consummado latinista, Francisco Sotero dos Reis, diz logo no principio de seu excellente *Curso de litteratura*

portugueza e brasileira: «O sr. Gonçalves Dias, *que não tem rival entre nós,* no colorido e perfeição do estylo, é sem dúvida pelo seu elevado e acceso imaginar o *primeiro lyrico da epocha;* e direi não só do Brasil, mas ainda nos dois paizes de lingua portugueza. (Vej. pag. 74 do vol. I) Mais adeante accrescenta:... «que uma nação que apresenta um poeta como o sr. dr. Antonio Gonçalves Dias, um orador como o fr. Francisco de Mont'Alverne, um sabio e profundo moralista como o marquez de Maricá, já tem direito a occupar um lugar distincto entre os povos cultos do universo *(loc cit.*, pag. 76)... e com effeito, nenhum dos poetas lyricos seus contemporaneos, quer no Brasil, quer em Portugal, levantou a voz tão alto, e tomou tons tão variados, e apresentou ainda tanta poesia de estylo, como elle o fez nos seus admiraveis quadros dos *Primeiros, Segundos* e *Ultimos Cantos,* a cada um dos quaes devo, como é de razão, consagrar uma lição, considerando os *Novos Cantos* da edição de Leipsick, como um simples additamento de algumas poesias mais». *(Obr. cit.*, vol. IV, pag. 319.)

«Como poeta romantico (accrescenta ainda mais adeante o mesmo author) a nenhum dos dois grandes lyricos do seculo XIX, Lamartine e Victor Hugo, *cede* em concepção imaginosa, fogo de inspiração e delicada expressão sentimental, porque a ambos *iguala em grandeza do engenho, senão em nomeada por ser a lingua portugueza muito menos conhecida que a franceza.* Como poeta do Novo-Mundo *não tem rival nas suas poesias americanas, porque nenhum dos contemporaneos sobe em seus*

vôos tão alto como elle, quer nos descreva o immenso *Gigante de pedra,* quer o tragico caso de *Y-Jucapyrana.*

«Em linguagem pittoresca e poetica nenhum poeta, repitto, *é mais rico do que este,* que faz um estudo especial de sua lingua a ponto de nos poder dar as poesias as mais deleitaveis na antiga linguagem, que fallavam nossos avós ha mais de cinco seculos. Nas suas *poesias americanas* deu fôro de cidade a não pequeno número de termos indigenas, fazendo-os sobresaír por sua valentia ou suavidade no meio das mais engenhosas ficções, das mais ricas imagens poeticas, e dos mais harmonicos versos. Para operar o prodigio de adoptar tantos termos da lingua *tupy* sem quebra do primor poetico, prodigio não menor, que o outro de produzir a velha linguagem do *Cancioneiro* de D. Diniz no bello romance de *Gulnare* e *Mustaphá,* era mister ser não só um grande poeta, mas um *verdadeiro genio em poesia;* e Gonçalves Dias *o era em toda a plenitude da expressão.*»

O sr. dr. Macedo Soares no seu substancioso artigo *Typos litterarios contemporaneos,* publicado nos *Ensaios litterarios* de S. Paulo, e reproduzido no *Correio Mercantil* de 5 janeiro de 1861, analysa com muita individuação e apurado gôsto os *Cantos* do nosso poeta. Referindo-se aos *Primeiros Cantos* diz: «Além de levantarem um monumento preciosissimo da poesia nacional *(as poesias americanas),* os *Primeiros Cantos* prestaram *mais um serviço á litteratura,* e *foi na arte do verso;* e quanto aos *Segundos:* «são uma graciosa elegia do principio ao fim!»

O rythmo dos versos (dos *Novos Cantos)* é seguro, o estylo proprio, conciso, digno, a phrase justa e correcta; em duas palavras—os *Novos Cantos* são um novo progresso, e *por si só* fariam a reputação de um poeta.»

Nos *Ultimos Cantos* nota com louvor as *Saudades* e *Meu Sepulchro,* e especialisando a que tem por titulo *Agar,* diz: «É uma poesia historica digna de attenção, simples e verdadeira lenda biblica, variada e rica no desenvolvimento da idéa no tempo..... ..... Sobre este simples facto derramou o poeta as côres de sua palheta...» «Na segunda parte ostenta a magnificencia da phrase, nas proporções epicas do assumpto». Em outro lugar diz: «O bardo nacional tem conquistado *sem esfórço seu nem dos amigos o primeiro lugar entre os poetas*». É com effeito um dos grandes meritos, como já o observei, do nosso poeta, essa ausencia de apparato ou apresentação, esse inestimavel e raro encolhimento de vida. Nasceram sem que elle cooperasse para isso, o conceito universal, e a aurea que vulgarisa a fama do poeta e vae crescendo com os annos. Por isso é bem cabido e assaz verdadeiro este periodo do critico, a que acima alludi: «Este attesta (o público) que a obra é bella, accrescenta aquella (a crítica) *é de uma belleza duravel.* Responde o público por si, a crítica pela posteridade. O público dá-lhe a glória, assegura-lhe a crítica a posteridade».

Occupando-se especialmente das *poesias americanas,* que encarece, acha comtudo que o *Canto do Indio, A Mangueira* e *Cachias* não teem *côr local,* a que chama

indianismo; porém em contraposição ao sr. Pinheiro Chagas, affirma que as outras «offerecem *vasta messe* ao cegador laborioso, e são cantos *destinados a uma longa vida,* preferindo o poeta n'elles o sentimento á descripção».

O *Canto do guerreiro* e o *Canto do Piága* merecem-lhe altos gabos. Compara *Tabyra* a uma página da *Illiada,* a um fragmento dos *Niebelungen,* e ajuncta que *n'elle tudo concorre para fazer d'esta poesia uma das páginas epicas de mais valor que possue a poesia nacional»,* e na sua opinião corre parelhas com *Y-Juca-pyrana,* tendo esta sobre *Tabyra* o merito do seu desenvolvimento dramatico mais complicado e interessante, e louva-o já pelo que respeita á concepção, já pelo rythmo.

Passando o sr. dr. Macedo Soares ás *Sextilhas de fr. Antão,* descorda de todos os escriptores que melhor conhecem a lingua de Camões como a escreviam os antecessores d'este, e não podendo attribuir similhante opinião á falta de gôsto em quem deu d'elle irrefragaveis provas n'essa serie de artigos atraz citados, levo-a á conta de pouca leitura que talvez terá, como succede a mór parte dos nossos homens de lettras, dos classicos portuguezes, anteriores a Camões como B. Ribeiro, Sá de Miranda, D. Duarte e Resende, e custa-me a emittir similhante juizo a respeito de quem venero como litterato illustrado que é. Na sua opinião declara que se fôra editor das obras do poeta, excluiria da collecção essas *Sextilhas,* embora incorresse em censura; e assim o faria, primeiro porque quebram a unidade do livro; segundo por ser meramente philologica a importancia d'ellas; terceiro por ser artifi-

cial esse estylo, e um *tour-de-force,* um ensaio de erudição, um estudo talvez da lingua vernacula; *d'essas cousas que guardam-se no fundo da gaveta*».

Aparto-me completamente do parecer de tão distincto escriptor; pois que para mim não ha nada mais mimoso e cheio de enlevos, tão chegado ao modo de dizer e de sentir da epocha que o poeta crystallisou, como essas *Sextilhas*, que teem em seu abono authoridades respeitaveis e competentissimas na materia como as que seguem:

F. Sotero dos Reis, no vol. IV do seu *Curso de litteratura,* não acha termos com que exalte os meritos das *Sextilhas.*

«Causa em verdade assombro ver como um mancebo de vinte e tres a vinte e quatro annos pôde em tão pouco tempo adquirir *tão profundo conhecimento do portuguez antigo e moderno* para compor, por um milagre de talento, que outro nome não tem, *as mais bellas e mimosas poesias na velha e pobre linguagem do Cancioneiro* de El-Rei D. Diniz! Que estudo não era preciso fazer não só para possuir em tal edade *um tão cabal conhecimento* do idioma, mas, *e sobretudo, para se exprimir com tanta graça e mestria na linguagem obsoleta que fallaram nossos avós* ha mais de quinhentos annos atraz! Só o poder do genio podia chegar a tanto.....

.....

«Assim, se os francezes se jactam de que o seu Lafontaine, homem provecto quando compunha suas fabulas, se exprimisse tão bem na antiga linguagem ou *langage du vieux temps, com mais razão* devemos nós os brasi-

leiros gloriar-nos de que o nosso Gonçalves Dias ainda mui moço, *manejasse tão bem a antiga linguagem portugueza,* como aquelle celebre fabulista a franceza, já maduro.» (Vej. *Obr. cit.* pag. 337 do vol. IV.)

«Concluirei dizendo de quem quer que ler a admiravel poesia *Gulnare e Mustaphá* que denuncia tambem talento dramatico no grande poeta lyrico, reconhecerá logo em Gonçalves Dias o verdadeiro genio; pois só por um brilhante effeito do genio se podiam tirar taes accentos da pobre e obsoleta linguagem que se fallava em tempo de D. Diniz e dos reis, seus predecessores (Vej. pag. 349, vol. IV.)

E note-se que o author do *Curso de litteratura,* além de um estudo aturado das linguas latina e portugueza, era versadissimo em tudo quanto são classicos e difficuldades da lingua vernacula, e nos seus escriptos mostra ser de fino tacto litterario.

Depois do esclarecido juizo d'este venerando mestre da lingua, passo a dar o de um critico e talentoso litterato portuguez. Eis como o sr. Pinheiro Chagas aprecia as *Sextilhas* nos seus *Ensaios Criticos:*

«Não posso terminar este rapido esbôço critico, sem fallar em uma *optima producção* de Gonçalves Dias, em que *se revela exuberantemente não só o poeta, mas o erudito,* em que o seu talento se não esfólha já em poesias fugitivas, mas em que *prova a sua robustez de um modo esplendido.* Refiro-me ás poesias a que elle deu o nome de *Sextilhas de fr. Antão.*

«Disfarçando-se debaixo d'este pseudonymo adoptou

Gonçalves Dias a *linguagem* e a *pittoresca ingenuidade litteraria* de um monge poeta do seculo XVI. Depois de Castilho, no maravilhoso *auto* que vem no drama *Camões, ainda ninguem foi tão feliz* no *ousado commettimento.*

«As *Sextilhas* são verdadeiramente um thesouro de graciosa singeleza, de fino espirito, de primorosa narração. *Gulnare* e *Mustaphá* principalmente é uma *composição admiravel.* Mostra-se ali de quão subidos quilates é o merecimento do poeta brasileiro.» (*Ens. Crit.* pag. 176.)

Mais adeante accrescenta: « É realmente admiravel como Gonçalves Dias conseguiu *impregnar-se do tom da epocha,* sem por isso se tornar pezado, antes fazendo *muito e muito deleitosa a leitura d'aquelles versos.*

« Admirando todas as producções do poeta brasileiro, *estou em asseverar* que as *Sextilhas de fr. Antão são a sua obra prima (loc. cit.* pag. 180)».

Fernando Wolf no seu *Brésil littéraire* diz: « Provou tambem Gonçalves Dias que é *senhor da fórma e* da *lingua* no cyclo de romances que ajunctou á collecção de suas poesias com o titulo de *Sextilhas de fr. Antão* ....

«*Imitou mui bem* a linguagem do XVI seculo em suas strophes de seis versos tão fluentes»... *(obra citada,* pag. 178).

Agora ouçamos o author do artigo do *Saturday Review:* «São innovações de outro genero uma serie de poemetos no *estylo das antigas chronicas metrificadas ou balladas.* São pela mór parte *aprazíveis,* principalmente quando contêem alguns resaibos de lenda».

«Monumento de erudição philologica», chama-as o sr. conego dr. Fernandes Pinheiro, a pag. 7 da sua *Noticia* que precede a 5.ª edição dos *Cantos* (1870) com o titulo de *Poesias*.

«Gonçalves Dias, diz mais adeante a pag. 13 o mesmo escriptor, é inquestionavelmente o nosso *primeiro poeta lyrico*, e nenhum melhor do que elle comprehendeu e executou as leis d'esse difficilimo genero de composição. A bella alma do poeta espalhou-se em seus inspirados carmens, e jamais deixou de revelar n'elles os generosos *impulsos que o guiavam.*»

Chama-o Sempronio (o sr. dr. Franklin Tavora) em suas *Cartas*: «Colosso formado gotta a gotta, dia a dia, estalactite inacessivel e sublime do genio, consolidado no conceito de mais de uma nação». (*Questões do dia*, pag. 118). Diz tambem o ex.mo sr. conselheiro José de Alencar no seu *Iracema* (2.ª edição): «Gonçalves Dias é o poeta nacional por *excellencia*, e ninguem lhe disputa o conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens.»

Com receio de prolixidade deixo de entrar n'outras considerações para que o assumpto por fertil me está a convidar a penna.

Fecha o sr. dr. Macedo Soares o seu artigo com este trecho já citado pelo sr. Innocencio F. da Silva no seu *Diccionario bibliographico*:[1] «Ao sr. Gonçalves Dias compete o *primeiro lugar entre os primeiros poetas* da

Vej. no vol. 8.º ou 1.º do supplemento, no artigo Antonio Gonçalves Dias.

geração nova, a elle a honra de ter trazido do seio das florestas, a planta da poesia nacional e completado a nossa emancipação do jugo da Arcadia, a elle a glória da era nova aberta aos destinos da arte brasileira.

«N'esse primado póde descançar tranquillo: para os espiritos predestinados não se mede a distancia do Capitolio á Rocha Tarpeia.»

O sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, que reune em grau eminente a triade da arte, e que é excellente romancista, dramaturgo e poeta, e tenho por contraste legal para avaliar e aquilatar engenhos, no discurso proferido na sessão magna do Instituto Historico e Geographico brasileiro effectuada a 16 de dezembro de 1864, que já tive occasião de citar, lastimando o prematuro fallecimento do poeta, diz:

«Antonio Gonçalves Dias não tinha sómente um talento maravilhoso, possuia tambem uma vasta erudição: as linguas latina, italiana, hespanhola, franceza, ingleza e allemã lhe eram tão familiares como as respectivas litteraturas; seus escriptos, principalmente os que publicou nos ultimos tempos, tanto em verso como em prosa, são modelos de pureza de linguagem, e de excellencia de estylo em portuguez. Com intelligencia tão desmedida e com instrucção variadissima e solida, mostrou-se *notabilidade em todos os generos de trabalhos litterarios* que sahiram de sua penna e *pelo menos em um não teve quem o egualasse no Brasil e em Portugal. (Rev. Trim. do Inst.* tom. XXVII, 2.ª part., pag. 438.)

. . . . . .

«É porém na poesia lyrica que está a suprema manifestação do inspirado. Gonçalves Dias é incontestavel-*o primeiro poeta lyrico da lingua portugueza:* é egual em suavidade a Gonzaga, e muito maior poeta que elle: não cede a Garrett na magia de uma fluencia enlevadora, *nem a algum outro dos mais abalisados e formosos d'aquellas divinas delicadezas de poesia,* que sómente podem nascer de uma rara e mimosa sensibilidade.» (Vej. *loc cit.*)

«É elle indisputavelmente diz, o sr. dr. João Franklin da Silveira Tavora *(Sempronio),* na pag. 166 das suas *Cartas,* o nosso primeiro poeta, e difficilmente terá um successor que se lhe approxime.» Do mesmo parecer é o ex.mo sr. senador Octaviano, como o declarou no Senado no trecho do seu discurso já atraz citado.

Como se vê, todos á uma são unanimes em ceder a palma de primeiro poeta lyrico moderno, na lingua portugueza, a Gonçalves Dias; mas no fastigio da radiosa manifestação do genio, no meio da hosanna dos contemporaneos maravilhados de tanto brilho, revolta-se a inveja e procura embacial-o, dando o inimitavel, apaixonado e sentido *Ainda uma vez adeus,* como plagio, como cópia servil da poesia de Zorrilla — *Hojas seccas* — e isto porque em uma idéa mui commum e trivial, assimelham-se esses poemas, quando a situação, o sentimento e as paixões, que os provocaram, são diametralmente oppostos. Zorilla dirige seu canto á mãe, é o coração do filho que pulsa, mostrando-se arrependido de ter por um momento trocado o amor puro e sereno, como é o amor de

mãe, pelo lubrico e agitado da mulher sem fé nem alma, que não o soube comprehender, e por isso pede perdão ao ente que lhe dera o ser e deplora o tempo tão loucamente esperdiçado; Gonçalves Dias encontra-se, longe da patria, com a mulher de sentimentos nobres, que amára profundamente, porém que pertencia a outro homem ante a face da egreja e que a circumstancia da sorte reduzíra á pobreza. Apparece ao poeta, de subito e inesperadamente, em uma rua de terra estranha, infeliz, lacrimosa e com as côres desbotadas. D'esse encontro fortuito, da dolorosa commoção que abalou-lhe o espirito e lh'o conturbou, é que irrompeu esse canto, apaixonado e ardente como a dor intensa que o lanceava — gottas ferventes de sangue que lhe escaldavam as veias e borbulhavam no coração. A sentença contra Alcibiades desde a mais remota antiguidade que se estende a todos quantos sobresahem aos demais homens, e que deverão reputar-se por mui felizes se lhes escreverem só os nomes nas conchas, e não lh'as arremessarem tambem! ou profanarem-lhes um dia as sepulturas, desenterrando-lhes os ossos para os dispersarem, como tem acontecido a alguns; «porque a facciosidade, como diz o sr. conselheiro Mendes Leal, no seu parecer que precede a traducção do *Tartufo* (pag. 16), aproveita só aos incapazes, porque tenta rebaixar tudo ao seu rasteiro nivel, e isto é o alvo unico de quem não póde elevar-se por si», ou com o vaso de ourina que um poetastro invejoso dos triumphos de Petrarcha, despejou sobre elle no transito, quando ía ser coroado no Capitolio.

Quando algum escriptor apparece pela primeira vez e

logo com obra de vulto, brada raivosa a turba-multa dos invejosos, voz em grita, que lhe não pertence no todo ou ao menos em parte o applaudido escripto. Tal succedeu a Almeida Garrett, aos srs. visconde de Castilho, conselheiro Mendes Leal e a outros eminentes engenhos. Desmentidos e convencidos pelas successivas e subsequentes producções do author que abocanhavam, não se dão ainda por vencidos e soccorrem-se a rebuscar e a descobrir plagios nas idéas, nas palavras e até no todo da obra, em alguns paragraphos ao menos, e quando a paciente e aturada investigação não lhes depara o peccado venial, inventam-n'o e dão por julgado de plagiario o notavel e applaudido engenho, quando nada ha aliás mais commum do que darem-se pontos de contacto e de similhança nas obras de arte e de imaginação; e não é todavia isso que embacia a glória de quem a tem real e grangeada por seus feitos e merecimentos, e não esmolada ao elogio mútuo pelas mediocridades rasteiras.

As manchas do sol não lhe minguam o brilho, e só é isso defeito em quem se cobre de retalhos, nos poetastros e litteratos de contrabando que se apavonam com as alheias galas, e em cujos escriptos não se encontra de bom senão o alheio. Por ventura, Virgilio com ter introduzido no seu immortal poema scenas e trechos de Homero deixará algum dia de ser applaudido e admirado? e no canto X da sua *Jerusalem libertada,* quando Godofredo ferido no cêrco da cidade sancta fica só e acha remedio para extrahir a setta n'umas hervas colhidas no monte Oreb por um velho, não imita Tasso egual passagem de Virgilio

quando faz apparecer a Eneas Mercurio sob a figura de um velho, que tambem extrahe-lhe a setta e o cura com hervas de um monte? A descripção do combate d'Agramanto e do monstro marinho, no *Orlando Furioso* d'Ariosto, não é copiada do *Antheo* d'Ovidio? Que importa que Shakspeare imitasse Marlowe, que o *Child Harold* de Byron servisse de modêlo a Chateaubriand para crear o seu Renato? O *Francisco Moor* de Schiller tem parecenças com *Ricardo III* de Shakspeare, como o *Ornmane* de Voltaire, com *Othello*, e a sua *Morte de Cezar* com outras tragedias de Shakspeare de quem aliás desdenha. O *Cid* de Corneille é uma formosissima imitação de *Guillon de Castro*, e ao passo que é pouco conhecido este hespanhol e sua obra esconde-se na poeira das bibliothecas, esplende com todo o fulgor e vence o tempo a immorredoura obra do tragico francez. Se não receiasse offender melindres traria a terreiro producções, aliás de muito merecimento, d'escriptores da nossa epocha, mostrando pontos em que se assemelham ou approximam d'alheios trabalhos.

Demais, onde os versos de Gonçalves Dias só teem parecença com os de Zorilla, é em duas strophes que exprimem idéas mui communs, e que acodem a qualquer quando se encontra com outrem, apoz grave enfermidade ou infortunios, como quando nos saudamos ou nos despedimos, no mais não ha paridade, nem pontos de contacto entre essas poesias.

O sr. conselheiro Mendes Leal, desculpando ou antes explicando a propriedade ou para melhor dizer a — ori-

ginalidade com que Molière soube aproveitar o que encontrou de bom disperso em trabalhos d'outros authores, dá-nos a lista resumida dos mananciaes onde bebeu o grande comico francez os melhores lances de suas inimitaveis comedias[1], não para amesquinhar-lhe a glória,

[1] «A lista, diz o sr. conselheiro Mendes Leal no seu luminoso parecer ácerca da traducção do *Medico á fôrça,* das imitações de Molière é consideravel. Na comedia *Os arrufos* (Dépit amoureux) verte para a scena a ode 9.ª do livro III de Horacio. *O Estouvado* deriva manifestamente do *Innavertito,* de Nicolau Barbieri, tão manifestamente como os *Amantes indiscretos,* de Guinault, precedentes d'egual origem, e similhante á peça de Molière no plano e characteres. As *Preciosas* tem por visiveis ascendentes os *Retratos* de M.elle de Montpensier; e a *Preciosa* do abbade De Pure, convertida em comedia sob o titulo de *Falsas Preciosas,* o que deu lugar ás accusações de expoliação do invejoso Somaise auxiliado do bilioso Visé. *D. Garcia de Navarra* ou o *Principe cioso* é directamente transladado do theatro hespanhol, e muitos versos d'este ensaio pouco feliz acham-se repettidos e aproveitados no *Mysanthropo.* A idéa fundamental da *Eschola dos Maridos* é extrahida dos *Adelphos* de Terencio. A *Eschola das Mulheres,* que sublevou tantas admirações apaixonadas e tantas irritações injustas, é tirada da *Precaução inutil,* novella de Scarron, que a tirára já de Hespanha. *O Tartufo* tem analoga ascendencia nos *Hypocritas* do mesmo author. Scapino nasceu do unico lance comico produzido por Cyrano de Bergerac. O *Avarento* deve não pouco á paternidade de Plauto, e Ricoboni indica nem menos de outros quatro authores que n'esta peça o poeta em diversas partes imitou. *O Convidado de pedra* descende de Tirso de Molina. O proprio *Mysanthropo* se orna com versos litteralmente traduzidos de Lucano. Muitos dos melhores traços satyricos do grande comico podem ser originariamente estudados em Rabelais, em Bocaccio, em Montaigne. Finalmente, theatro grego, theatro latino, theatro italiano, theatro hespanhol, novellas, contos, poemas, tonilhos e vilancicos populares, tudo explora, tudo utilisa.

Mas que importa, se tudo faz tão novo, tão seu, tão Molière em

senão para mostrar as minas de onde foi extrahir tantas preciosidades.

No parecer que segue a traducção do *Avarento,* abundando o illustre academico nas mesmas idéas, renovadas e mais abrilhantadas por aquelle engenho vigoroso e tão esclarecido, cita esta opinião de Goethe: — «Não oiço a cada passo fallar senão de originalidades. Que entendem por originalidade! Mal somos nascidos começa o mundo a influir em nós e sempre, e em tudo e até ao fim. Só temos por individuaes a nossa energia, a nossa fôrça, a nossa vontade. Se eu pudera enumerar *todas as dividas por mim contrahidas* para com meus grandes predecessores e os meus contemporaneos, *pouco em verdade me ficaria!*» (pag. 376.) Na pag. 378 cita na continuação de seus bem deduzidos argumentos os seguintes versos de Musset:

Il faut être ignorant comme un maître d'école
Pour se flatter de dire une seule parole,
Que personne ici-bas n'ait pu dire avant vous.
C'est imiter quelqu'un que de planter des choux!

summa? Vem a ser como o lapidario, que das mãos do mineiro recebe o diamante nativo, calhau grosseiro, e facetando-o o torna precioso, ou, se antes quereis, como a abelha que do melhor de cada flor fabrica e enche o favo.

Refugiando-se a esta faculdade de absorpção, que é commum a Shakspeare, a Corneille, geralmente a todos os grandes talentos innovadores, um dos muitos biographos do poeta, V. Furnel, define com extremo tacto e bom senso este direito de apropriação que não é o plagiato e ainda menos o deterioramento: «L'originalité véritable (diz elle) consiste beaucoup moins dans l'invention que dans la disposition des matériaux et la manière d'en tirer parti». Vej. pag. 227 do *Medico á fôrça,* traduzido pelo sr. visconde de Castilho, Lisboa, 1869.

Ha'hi axioma mais corrente e exacto do que o *nullum novum sub solem,* principalmente no que respeita a obras d'imaginação? Melhor ainda o diz Odorico Mendes na página 19 de seu *Opusculo ácerca do Palmeirim d'Inglaterra:* «Quem recusasse a Moraes o titulo de original por se ter aproveitado de pensamentos alheios, recusal-o-hia a Lucrecio, que adoptou de Epicuro, a Virgilio que serviu-se de Platão, de Pythagoras, d'Ennio e dos historiadores!» «O episodio de *Herminia da Jerusalem* de Tasso não foi aproveitado de Virgilio?» «Camões não se modelou por Castanheda, e d'essa pecha livraram-se por ventura Dante, e Ariosto?»

«Só Deus (ajuncta com muito acerto) é creador, as segundas creações dos homens, mais ou menos disfarçadas imitações ou accrescentamentos. Orginal é o author que, do já creado, forma novas combinações; *que no todo imagine ou invente não o ha n'este mundo.*»

São muitas vezes essas imitações verdadeiros descuidos de memória, d'essa faculdade tão desenvolvida no poeta; e por isso não admira que no arrebatamento e enthusiasmo da imaginação, no ardor da composição accudam-lhe, como suas, idéas e phrases alheias, que lhe ficaram impressas com a leitura, e surgem-lhe de mistura no tropel das que lhe são individuaes.

Assim como os genios teem seu cunho e individualidade especial, e não se copiam uns aos outros servilmente, tambem não admittem confrontação entre si. Gyra cada um na sua orbita e brilha com luz propria: Schiller e Goethe, na Allemanha, Dante e Tasso, Manzoni e Silvio Pellico, na Italia,

Calderon e Lope da Vega, Moratin e Cervantes, na Hespanha, Victor Hugo e Lamartine, em França, Byron e Walter Scott, em Inglaterra, Ferreira e Camões, Garrett e os srs. A. Herculano e visconde de Castilho, em Portugal, são grandes, dão nome perduravel ás nações que se ufanam de ser seus berços, e brilham com os reflexos que irradia a aureola deslumbradora que os involve, e differem comtudo nas indoles litterarias, e chegaram ao templo da glória hombro a hombro e por caminhos parallelos, mas diversos. Acontece o mesmo, no Brasil, ao sr. dr. Domingos Gonçalves de Magalhães (visconde d'Araguaya), e a Antonio Gonçalves Dias: são ambos poetas agigantados, e no fastigio da glória ambos, dessimilhantes aliás nas tendencias, nas indoles e nos generos. Aquelle emboca com valentia a tuba da guerra, este dedilha suave e doce a harpa do menestrel; aquelle folga antes *com o clangor* das armas e confusão das pelejas, com o estrepido dos ginetes, com o atroar dos canhões, com o estrondear da natureza convulsa e cortada de tempestades, este com o trinado e gorgeio das aves, com o balido das ovelhas no redil, com o perfume das flores e com os sons macios da natureza em repouso. Um é o vulcão incandescente, o desencadeado cyclone correndo impetuoso e fremente sobre a terra, a catadupa a despenhar-se violenta e a irisiar seus cambiantes de côres; o outro a leve brisa gemendo pelos leques das palmeiras, e a enrugar leve e branda a superficie das aguas, o orvalho a aljofrar as petalas das flores, o regato a murmurar plangente sobre seixinhos, e o farfalhar do vento em densa

moita de caniços. Se me desculpam a comparação, o sr. dr. Magalhães é capaz de envergar a armadura de Ricardo Coração-de-Leão e dar botes terriveis com o montante do rei inglez, e Gonçalves Dias podia servir-se com mão dèstra do delicado e agudo alfange de Damasco do Sultão Saladino; ou melhor ainda, este é o Bellini do metro, aquelle o Mayerbeer. Gonçalves Dias não escreveria a ode *Napoleão em Waterloo* — nem o sr. dr. Magalhães — *Flor de amor* — *Ainda uma vez adeus* — *A Baunilha* — *Se se morre de amor*, *Menina e moça*, *Leito de folhas verdes e Coema*.

Aquelle prende a imaginação do leitor e engolpha-o ás vezes nas regiões das idéas metaphysicas, este falla-lhe á alma, toca e põe-lhe em vibrações as fibras mais sensiveis do coração, e com aquella musica deliciosa de seus rythmos o enleia, extasia e fascina. Um traz-nos á mente o estampido das borrascas, o ribombo dos canhões, *o retintim do embate de armas*, o outro os sons maviosos de harpa eolia, o cantico de vozes suspirosas coadas atravez das gelosias de um claustro, ou da flauta quebrando a solidão silenciosa dos mares.

Um é o poeta da guerra, da philosophia; o outro o poeta do amor e do soffrimento. Um é a fôrça, o raciocinio; o outro a delicadeza, o sentimentalismo. Em Gonçalves Dias o coração parece que se desdobra e fica patente ás flores perfumadas e castas d'aquella alma pura e sem dobrez, apta para receber as impressões por menores e tenues, e temperada por excessiva irritabilidade para as repercutir em vibrações poeticas. Em o sr. dr.

Magalhães a cabeça predomina e influe poderosamente em todas as suas producções poeticas.

Não os confrontemos por se não assimilharem, applaudamos e tenhamos legitimo orgulho em collocal-os no mesmo pedestal tendo por seus companheiros os srs. M. de Araujo Porto-Alegre (barão de Sanct'Angelo), dr. J. Manuel de Macedo, conselheiro José d'Alencar, Machado d'Assis, Gonçalves Crespo e outros bellos e florescentes engenhos.

O sr. dr. Soares de Macedo definindo mui bem a individualidade d'estes dois poetas diz no já alludido artigo — *Typos de litteratura contemporanea* — : «O genio do sr. dr. Magalhães é constantemente sollicitado por causas exteriores; os seus assumptos são circumstanciaes, dependem de factos sem os quaes não se teriam manifestado suas inspirações.....
ao passo que nos *Cantos* do sr. dr. Gonçalves Dias os assumptos são tirados da propria intimidade do poeta, resultam de uma concentração eminentemente lyrica que vamos reachar nos *Tymbiras,* e que debalde tentar-se-hia descobrir na *Confederação dos Tamoyos*».

Pago o tributo de justa admiração ao poeta lyrico, e tendo apresentado as diversas opiniões que correm sobre seus *Cantos,* resta-me agora consideral-o por outras faces. Pelo formoso escantilhão que deu-nos nos quatro cantos de seus *Tymbiras,* faz-nos suppor que, uma vez completo e concluido esse poema epico, seria a joia mais valiosa de sua explendente corôa, fechando, assim, como pretendia, o mirifico cyclo de suas composições poeticas com tão soberbo tropheu.

Era n'elle que librava suas mais alentadas esperanças, e tendo para si que com seu poema firmaria ainda mais sua reputação, e por isso tencionava dar-lhe todo o desenvolvimento possivel no que respeitava ao character, usos, costumes, superstições e lendas dos nossos indigenas, descrevendo ao mesmo tempo quanto ha de maravilhoso e magnificente na natureza brasileira —nos seus rios, nos seus lagos, nas suas montanhas, na sua flora e na sua fauna—, para o que tinha feito estudo especial e demorado nas digressões que effeituára, quer em 1851, quer depois, nas últimas viagens ao interior do Ceará, do Piauhy, do Maranhão e do Pará, em toda a bacia e valle do Amazonas e de alguns de seus affluentes mais importantes.

Quando em outubro de 1857 leu-me os seis primeiros cantos de seu poema, delineou-me o seu plano, e n'outras occasiões, principalmente quando esteve commigo no Maranhão em 1861, fallou-me d'elle, como quem já o houvesse concluido, faltando-lhe apenas as modificações que pretendia fazer-lhe depois da sua visita ás regiões amazonicas, onde os indigenas approximavam-se de seu estado primitivo. A epopéa teria ao todo dezeseis cantos, de que vi em 1853 doze, já copiados a limpo, não os pretendendo publicar, comtudo, senão em fragmentos, como practicára lord Byron com o *D. Juan*, ou como Goethe que consumiu vinte e quatro annos para concluir o *Fausto*, dando á estampa o primeiro fragmento em 1790 e o resto da primeira parte d'esse monumento litterario em 1797. Foi levado de egual pensamento e para ouvir e aproveitar os conselhos e alvitres da crítica illustrada e desapaixonada

e conhecer a impressão que causaria no publico litterario obra de tanto momento, que deu á estampa os cantos que conhecemos. Só depois d'isto é que reuniria em um volume o poema completo, retocado, limado e conforme ao que lhe apontassem de mais sensato e melhor. Enganam-se portanto aquelles que attribuem a apparição d'esses quatro cantos á soffreguidão de celebridade, quando já a tinha elle em demasia para sua desambiciosa modestia.

Dado, porém, que se não possa formar cabal juizo e comprehender o entrecho do poema por esses cantos, que são apenas o começo da acção, tentarei ainda assim resumil-os para que os leitores possam ter uma tal qual idéa do fragmento.

Na introducção, bellissima pelo tom elevado e exornado, declara sem mais rodeios qual o assumpto de seu poema, nos seguintes versos:

Os ritos semi-barbaros dos piágas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
D'onde, como d'um throno, emfim se abrirão
Da cruz de Christo os piedosos braços;
As festas e batalhas mal sangradas
Do povo americano, agora extincto,
Hei de cantar na lyra.....

Evocando a sombra do selvagem guerreiro, com seu torvo aspecto, eis os traços animados com que o pinta:

Quem podéra, guerreiro, nos seus cantos
A voz dos piágas teus um só momento
Repetir, essa voz que nas montanhas

Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ía derramando arrojo e brios,
Melhor que taças de cauim fortissimo!!
.....
Como os sons do boré, sôa o meu canto
Sagrado ao rude povo americano:
Quem quer que a natureza estima e preza,
E gosta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque sussurrando ao longe—
Escute-me.—Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de myrto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flores enfeitando a lyra;
Não me assentei nos cimos dos Parnaso,
Nem vi correr a lympha da Castalia.
Cantor das selvas, entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho:
Unido a elle soltarei meu canto,
Emquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

N'este trecho dá singelamente a razão de ser do poema, comparando os cantos ás rudes musicas tiradas do *boré*.

É por egual felicissima e original a imagem da Cruz de Christo para significar o antigo nome do Brasil—*Terra de Sancta Cruz*.

Começa o poeta o primeiro canto, pondo em scena o chefe da tribu *tymbira*, Itajuba, que descançava em um antro escuro, e cujo valor extraordinario provinha, segundo o vulgo, do encanto de um velho piága, que lhe transfundíra inteira a hardidez e bravura de *Jaugar*, seu pae, d'aquelle que fôra guerreiro da estatura dos heroes

da *Illiada*, e cuja fôrça era de tal témpera que sem auxílio de arco

..... Os musculosos membros repellião
A frecha sibilante, e que o seu craneo
Da maça aos tesos golpes não cedia.

Julgavam-n'o por isso invulneravel até que sendo acaso ferido um dia, animou-se o cheffe dos *gamellas* a vir reptal-o a combate singular, cujo premio sería a tribu do vencido, prisioneira e escravisada ao vencedor.

Trava-se a lucta entre ambos, herculea, feroz e sublime. É magnífico esse quadro, e compette com os de Homero. O leitor que o julgue:

Travaram lucta fera os dois guerreiros.
Primeiro ambos de longe as settas vibrão;
Amigos manitós, que ambos protegem,
Nos ares as desgarrão. Do gamella
Entrou a frecha tremula n'um tronco
E só parou no cerne; a do tymbira,
Ciciando veloz, fugiu mais longe,
Roçando apenas os frondosos cimos.
Encontrão-se os tacápes, lá se partem;
Ambos, o punho inutil rejeitando,
Estreitão-se valentes: braço a braço
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
Rouqueja o peito arfado, um som confuso
.....
.....
São ambos fortes: o tymbira hardido,
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexivel como a frecha bem talhada.
Ostenta-se robusto o rei das selvas;
Seu corpo musculoso, immenso e forte
É como rocha enorme, que desaba

De serra altiva e cahe no valle inteira.
Não vale humana força desprendel-a
D'alli, onde ella está: fugaz corisco
Batte-lhe a calva fronte sem partil-a!

Separão-se os guerreiros — um do outro.
Foi d'um o pensamento, a acção foi d'ambos,—
Ambos arquejão; descoberto o peito,
Arfa, estua, eleva-se, comprime-se,
E o ar em ondas sofregas respirão.
Cada qual mais pasmado que medroso,
Se estranha a força que no outro encontra,
A mal cuidada resistencia o irrita.
Itajuba! Itajuba! — os seus exclamão.
Guerreiro tal, como elle, se descóra
Um só momento, é dar-se por vencido.
O filho de Jaguar voltou-se rapido.
— D'onde essa voz partiu? quem n'o aguilhôa? —
Raiva de tigre annuviou-lhe o rosto,
E os olhos côr de sangue irados pulão.

«A tua vida a minha gloria insulta!
Grita ao rival, e já de mais vivestes,»
Disse e como o condor, descendo a prumo
Dos astros sobre o lhama descuidoso,
Pávido o prende nas torcidas garras,
E sóbe audaz onde não chega o raio...
Voa Itajuba sobre o rei das selvas,
Cinge-o nos braços, contra si o aperta
Com força incrivel; o colosso verga,
Inclina-se, desaba, cahe de chofre,
E o pó levanta e atrôa forte os echos:
Assim cahe na floresta um tronco annoso,
E o som da quéda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pe alçando,
— Morre! lhe brada, e o nome teu comtigo! —
O pé desceu, battendo a arca do peito

Do exanime vencido: os olhos turvos,
Levou, a extrema vez, o desditoso
Áquelles ceus d'azul, áquellas mattas,
Doce cobertas de verdura e flores!

Vence afinal Itajuba e mata o cheffe dos *gamellas*, ficando por isso senhor dos guerreiros que o acompanhavam. «Tudo aqui é natural, diz Sempronio — *Cartas*, cit. pag. 201, e adeante — (pag. 202) «Parece-me estar vendo a pugna de dois, só, mas mirifica».

Estes todavia não honram a palavra do rei das selvas, e aproveitando-se da escuridão da noute, fogem. Enfurece-se Itajuba contra uma tal aleivosia e jura vingar-se d'ella. Mas ainda não se preparava para ir attacar os *gamellas* em suas *tabas* quando, açodado e medroso, o veiu avisar Jurucey de que esses fementidos guerreiros desciam o rio, demandando em som de guerra os arrayaes *tymbiras*.

Itajuba galga prestes uma cumiada e atrôa os ares com os bellicosos sons da *nemby*, e

O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
Convertem-se em guerreiros...

A resenha que faz o poeta de diversos capitães *tymbiras* tem tanta verdade e côr local, tantos traços homericos, que ninguem deixa de ler essa passagem senão muitas vezes. Passando-os em revista,

Nota o cheffe a ausencia de Jatyr, a quem
..... aos cheffes todos anteponho,
Cuja bravura e temerario arrojo
Folgo em reger e moderar nos prelios.

Entram os cheffes a murmurar. Não soffre o amor pa-

terno que attribuam isso a covardia e mostra-se Ogyb resentido da suspeita; mas Itajuba atalha a altercação, reprehendendo aquelles que ao de leve procuram marear os brios do joven guerreiro. Emquanto, porém, altercavam, afasta-se Juracey com pé ligeiro. Finda o primeiro canto com a terminação do dia.

Merece reproduzido o começo do canto segundo, em que descreve o poeta o anoitecer nas nossas regiões do norte do Brasil:

Desdobra-so da noute o manto escuro;
Leve a brisa subtil pela floresta
Enreda-se e murmura, — amplo silencio
Reina por fim. Nem saberás tu como
Essa imagem da morte é triste e torva,
Se nunca, a sós comtigo, a presentiste
Longe d'este zunir da turba inquieta.
No ermo, sim: procura o ermo e as selvas...
Escuta o som final, o extremo alento,
Que exhala em fim do dia a natureza!
O pensamento, que incessante vôa,
Vae do som á mudez, da luz ás sombras,
E da terra sem flor ao céu sem astro.
Semelha á fraca luz qu'inda vacilla
Quando, em ledo sarau, o extremo acorde
No deserto salão geme e se apaga!

Passa d'ahi á descripção do assentamento das *tabas* dos *tymbiras* e com ella, vem de mistura em rapidos traços a de um bosque d'arvores fructiferas. Conclue tudo isso com estas conceituosas reflexões:

Quadro risonho e grande, em que não fosse
Em granito ou em marmore talhado!
Nem palacios nem torres avistáras,

.....
Rudes palhoças só! que mais carece
Quem hade ter sómente um sol de vida,
Jazendo negro pó antes do occaso?

Quedam os guerreiros immoveis e pensativos ás po tas de suas *tabas*, não que o temor das proximas pelej os atterrem, senão que supersticiosos como são os indio presentem grande desgraça. Procura-os serenar o pia que aparamentado e com os ademanes proprios,

Solta do sacro rito os sons cadentes,

e conjurando os manitôs, appetece-lhes felizes e alegr sonhos.

Recolhem e entregam-se todos ao somno, menos Itaj ba, que desvelou toda a noite, afflicto como se acha com desapparecimento inexplicavel do amigo — de Jatyr d olhos pretos, vindo tristes pensamentos apavorar-lhe imaginação. Faltando-lhe a consolação das lágrimas pa acalmarem-lhe as dôres que o pungem, pede a Croá, m vioso vate da tribu, um de seus carmes, e este canta episodio de Coema, que se prende á acção principal poema:

«Flor de belleza, luz de amor, Coema,
Murmurava o Cantor, onde te foste,
Tão doce e bella, quando o sol raiava?
Coema, quanto amor que nos deixaste!
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,
Tão macios teus olhos! teus accentos
Cantar perenne, tua voz gorgeios,
Tuas palavras mel! O romper d'alva
Se encantos punha a par de teus encantos,

Tentava embalde pleitear comtigo!
Não tinha a ema porte mais soberbo,
Nem com mais graça recurvava o collo!
Coema, luz de amor, onde te foste?

Quão singela e natural é essa descripção da India? Como esta são outras bellezas que encerra este tocante e arrebatador episodio, riquissimo de imagens, de sentimento e de situações.

Reatando porém, o, fio do entrecho do poema, acha-se, além de Itajuba, o velho Ogyb tambem de vêla, angustiado pela sorte de Jatyr, d'esse filho, sua unica consolação e seu amor. Scismava mil desgraças que poderiam ter-lhe succedido no ermo onde ha tres dias errava!

Quando mais se lastimava e deixava-se levar por suas magoas solitarias, apparece-lhe o louco Piahyba e falla-lhe de Jatyr e de Coema, imitando o poeta no encontrado das idéas, na fórma e até no rythmo o devaneiar desconcertado de quem tinha a razão perdida, e é esse episodio ainda mais bello por essa originalissima contextura. O velho fóra de si objurga o louco para que lhe diga qual a sorte do desgraçado filho, e termina o poeta este canto com a deprecação d'Ogyb.

Abre o terceiro com a pintura do nosso amanhecer. Que quadro maravilhoso e copiado tão do natural, e com que suaves, melifluos e sentidos versos retracta a aurora brasileira?!

Era a hora em que a flor balouça o calice
Aos doces beijos da serena brisa;
Quando a ema soberba alteia o collo
Roçando apenas o matiz relvoso;

Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinam,
E a verde coma dos frondosos cedros
Move o perfume, que embalsama os ares;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso véo da parda nevoa;
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentis orlados com festões de fogo;
Quando o vivo carmim de esbelto cacto
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gottas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só cousa e muitas, — melhor face
Da sempre vária e bella natureza:
Um quadro antigo que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Em seguida lastima-se o cantor do povo errante ao ver as *tabas* extinctas pelo progresso, e os vastissimos sepulchros

Que vão do mar aos Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amazonas.

Compunge-o a destruição de tantas arvores gigantescas, seculares e preciosas tombadas aos crebros golpes dos machados europeus manejados por mãos de escravos africanos, e em patriotico arroubo exclama afinal:

America infeliz! que bem sabia,
Quem te creou tão bella e tão sósinha,
Dos teus destinos maus! Grande e sublime

Corres de pólo a pólo entre os dois mares
Maximos do globo: annos da infancia
Contavas tu por seculos! que vida
Não fôra a tua na sasão das flores!
Que magestosos fructos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno;
America infeliz já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascaveis da Europa?!
Velho tutor e avaro cubiçou-te,
Desvalida pupila, a herança pingue
E o brilho e os dotes da sem par belleza!
Cedeste, fraca, e entrelaçaste os annos
Da mocidade em flor ás cans e á vida
Do velho que já pende, e já declina
Do leito conjugal immerecido
Á campa onde talvez julga encontrar-te!

Uma vez despertos os tymbiras com o romper d'alva reunem-se e relatam ao piaga os sonhos que os visitaram durante a noite, de onde tira o augure selvagem o feliz prenuncio de victória certa, ao que folgam e soltam brados de contentes os guerreiros; mas eis que Japeguá, triste e cabisbaixo, interrompe essa folgança phrenetica para narrar um sonho horrivel que tivera, inferindo d'elle que a sorte das armas será adversa aos companheiros. Prudente e cauteloso, aconselha que haja moderação e se não aventurem á guerra. Sahe-lhe ao encontro Catuába, valente como elle; mas irreflectido e temerario. Roldão da tribu, respira sangue e anceia pelas luctas: seu character era qual

.....luz fugaz facil prendida
Nas plumas de algodão: luz que deslumbra
.....

Questionam, dirigem-se improperios, ameaçam-se e estavam por instantes a dividirem-se em dois campos inimigos e a travarem peleja mortifera, quando Itajuba acode, impõe silencio aos guerreiros tymbiras que obedecem á voz do cheffe, menos um que paga sua desobediencia, morrendo instantaneamente ás mãos do proprio Itajuba. Intervém então o piága e declara que do sonho de Japeguá só prevê sinistros casos e infortunios! Confirma Mocujá esse terrivel augurio, referindo sonho ainda mais pavoroso que o agitára toda a noite.

Crê o desditoso Ogyb descobrir no guerreiro, que Mocujá víra em sonhos, seu estremecido filho. Este em vez de desvanecer-lhe taes suspeitas, affirma que os feitos do sonhado guerreiro foram taes quaes já os havia admirado em Jatyr. D'ahi succede commevodoras lástimas do pae e indescriptivel confusão em toda a tribu. Prophetisa emtanto o piága graves calamidades a todos por estar Tupan offendido do esquecimento e abandono em que o traz a tribu, deixando o maracá sem offerendas e o piága á mingua.

Para espancar a triste impressão causada por essas scenas convida-os o cheffe e parte com elles para a caça. Tudo isto é eminentemente americano, e só quem se acha intimamente identificado com tudo quanto se prende a indigenas do Brasil, e é dotado de genio, pôde com tanta arte crystallisal-o n'esse poema tão nacional.

É destinado quasi todo o quarto canto a pôr em scena a embaixada de Jurucey aos *gamellas* e do que se passa em tempo nos arraiaes d'esses guerreiros. Ao saberem

estes da vinda do mensageiro d'Itajuba exultam de contentes, e Gurupema, seu cheffe, toma-a, como os mais, por missão de paz, suppondo todos que o cheffe tymbira lhes mandará restituir o corpo do *gamella* por aquelle morto na pugna singular.

Entra as tabas inimigas o mellifluo Jurucey, e pasma ao contemplar a pujança dos *gamellas;* porém nem por isso se mostra menos sereno e impavido na apparencia. Ao passo que banqueteam e dão commodo gasalhado ao mensageiro *tymbira,* Gurupema reune os cheffes *gamellas* em conselho antes de inquirir ao que veiu elle, aproveitando o poeta o ensejo para descrever esses feros guerreiros no que teem de mais notavel nos aspectos e nas façanhas. Todos proclamam e pedem a guerra; mas o experimentado e cordato cheffe não quer ceder a seus intentos bellicosos sem primeiro ouvir as propostas de Jurucey, encontrando seu parecer opposição nos seus, principalmente em Itapeba e Okena. Como é grandioso e bello o quadro em que são debuxados os dois *gamellas!*

..... Os dois de mãos travadas,
Sereno o aspecto, placido o semblante,
Á furia popular se apresentavam
De constancia e valor sómente armados.
Eram escôlhos gemeos, empinados,
Que a furia de um vulcão ergueu nos mares;
Eterno alli serão com os pés no abysmo,
Co'os negros cimos devassando as nuvens,
Se outra fôrça maior os não affunda.
Ruge em balde o tufão, em balde as vagas
Do fundo pégo á flor do mar borbulham!

A nada attende Gurupema e vae ter com Jurucey, mas ao ouvil-o inconveniente e arrogante, accende-se em colera, e arremessando-se reciprocos e feros insultos, vão requintando em recriminações até que um dos *gamellas* fere o mensageiro em um braço. Esta criminosa perfidia desfez todo e qualquer designio pacífico, e exprobrando-lhes o mensageiro o que havia de infame e torpe n'esta acção, ameaça a turba dos guerreiros *gamellas*, assegurando-lhes que

Vida por gotta pagareis meu sangue;
Por onde quer que fordes de fugida
Vae o fero Itajuba perseguir-vos
—Por agua ou terra, ou campos, ou florestas—;
Tremei!.....
Logo que finda esta ameaça
...como o raio em noite escura
Cegou, despareceu! De timorato
Procura Gurupema o author do crime,
E author lhe não descobre; inquire... embalde!

Com este lance finalisa o quarto canto d'esse poema que o naufragio e morte de Gonçalves Dias deixou incompleto!

Mas d'este pouco, que póde ser apreciado, quanto não ha que admirar no apropriado das scenas, do dizer, e do sentir? O nascer e pôr do sol, os bosques, as usanças e ritos dos selvagens, suas superstições e sentimentos exagerados, os prazeres d'esses filhos das selvas, tudo respira n'esses quatro cantos nossa natureza vigorosa que harmonisa-se intima e logicamente com as idéas e imagens que rebrilham sem esfôrço nos versos dos *Tymbiras*. O odio, a vingança, a carnificina, deleites d'essas hordas,

revelam-se em suas sanguentas luctas, em suas façanhas e em seus protervos gabos de si proprios. Quem ler com attenção esses quatro cantos, como que acha-se transportado para a epocha do descobrimento do Brasil e entre nossos selvicolas, movendo-se e descançando a vista no scenario onde habitaram os infelizes aborigenes.

Ha em cada epocha litteraria uma mania predominante, uma phrase, um termo, uma senha de guerra entre os criticos, e que serve-lhes, como de pedra de toque para avaliarem todos os objectos e manifestações da arte e do espirito. Hodiernamente é a *côr local* a palavra sagrada dos sacerdotes do templo. Dominados por essa idéa, deixam-se por ella levar, e é esse o prisma por onde observam e esmerilham os menores incidentes e a mais simples descripção, tornando-se exigentes e difficeis de contentar: a esses, porém, creio que os *Tymbiras* satisfarão plenamente.

Para o sr. dr. Soares de Macedo algumas das *poesias americanas* de Gonçalves Dias não teem a *côr local*, e já o sr. M. Pinheiro Chagas, que toma por padrão a Fenimore Cooper, não a encontra em nenhuma d'ellas. Parte este critico, quanto a mim, de um falso principio, querendo achar nos acanhados limites de uma peça ligeira, inspirada por um dado e determinado facto, ou em um quadro adstricto a descrever um acto ou um sentimento da vida selvagem, o desenvolvimento e a acção, os accidentes que cabem em um romance ou n'um poema, mas ainda assim não valem as scenas dos *Derradeiros Mohicanos*, ou do *Lago Ontorio* o dramatico *Y-Juca-pyrama*, a me-

lancolica *Marabá,* o patriotico *Tabyra,* o mimoso *Leito de folhas verdes?*

Rebattendo o sr. dr. João Franklin da Silveira Tavora (Sempronio) esse reparo do sr. Pinheiro Chagas diz: — «Recorro ao Dias, não no lampejante *Canto do guerreiro,* não no *Y-Juca-pyrama,* modêlo de pundonor e de ufania barbara, nem no *Tabyra,* eminentemente marcial e athletico, mas em uma poesia de insinuante sentimentalismo e amor — o *Canto do Indio.* Bem sabes com que pujança de idéa e galhardia de linguagem o poeta exalta em notas plangentes o amor grandioso do selvagem (pag. 168)».

Depois de citar um trecho da apontada poesia, accrescenta: «Esta magnificencia, este primor comprehendo eu como echo da paixão sumptuosa do selvagem. Esta, sim, se não foi, presume-se que podia ser a verdadeira poesia brasileira. A sensação e as idéas, os estimulos altivos como o coração, que se expandia nas luctas eternas, que as eternas solidões ainda mais solemnes e magestosas faziam, teem n'estas suavissimas, sem deixarem de ser seguras e musculosas vozes um echo fiel e intimo que vão coando na alma. O selvagem *tupi,* victima da paixão, como sóe brotar em animos de tal têmpera, ou falla assim ou não falla.

«Quem ha'hi que não conheça a poesia intitulada — *Leito de folhas verdes* — do mesmo inspirado poeta? Aquella viração da noite, aquelle rumorejar do bosque, a mangueira altiva, a flor do tamarindo, o doce arôma do bogarim, valles e montes, lagos e terra, a *arosoya,* a brisa da manhan, tudo nos falla da natureza virgem e dos

rendez-vous no matto, tão simples e prosaicos em si mesmos; mas que não obstante deram assumpto a uma das mais bellas e graciosas composições de A. Gonçalves Dias, no dizer de João F. Lisboa. O poeta tira da palheta, onde guarda as mimosas côres da sua elegante phantasia, as mais apropriadas ao desenho, e combinando-as com as amenissimas galas da natureza, entretece o sendal de variegadas illusões com que encobre o fundo material e quiçá abjecto do motivo. O leitor haure, como em deleite, esses esplendidos versos, sabe o facto que elles decantam, facto em si mesmo *simples* e *prosaico*, e nem uma palavra sequer lhe vae estremecer a placidez d'esse véu de decencia e de poesia, que se diria cobrir o puro leito da innocencia. E comtudo não ha exageração nem o minimo desaire no quadro! As côres são vivazes, a pintura verosimil *(Cartas cit.*, pag. 169)».

Mais adeante da pag. 180 á 185 das alludidas *Cartas* torna a occupar-se Sempronio das proposições do illustre litterato portuguez, e de cuja impugnação só transcrevo estes dous periodos: «Se o escriptor portuguez conhecesse melhor as cousas da nossa terra; se soubesse que ... Gonçalves Dias percorria o Brasil do sul ao norte, penetrando nas entranhas das tribus do Ceará, do Maranhão, do Pará e do Amazonas, atravessando rios caudalosos, margens invias, estudando costumes e dialectos varios, colhendo mil notícias e tradições ... e combinava na sua grande imaginação, á sombra de um gigante da floresta, ou á margem inundada de emanações aquaticas, ou no pincaro de uma serra a topetar com a immensi-

dade, a poesia musculosa e farta, que se percebe palpitar livre, natural e vehemente ao menor vencilho nas páginas immortaes do *Y-Juca-pyrama* e dos *Tymbiras;* se soubesse finalmente qual o juizo incontestavel da universalidade brasileira n'este ponto, certo não teria aventurado idéas que não acharam e nem podiam achar a menor guarida entre nós (pag. 182.)»

«Fique sabendo o sr. Pinheiro Chagas (continúa na pag. 183 a 184) que no Brasil não se conhece outro padrão de litteratura indiana com fóros para interpretar fielmente o character local, senão aquelle que o paiz deve ao prestimoso genio de A. Dias.

«Esse typo já recebeu o sagrado baptismo das populações e dos entendidos, e é o unico destinado para perdurar e transmittir-se á posteridade; porque foi bebido nas fontes authenticas do estudo mais conscientemente feito do nosso aborigene.»

É ahi, é n'esse poema que o nosso poeta patenteia com todo o explendor e vigor seu opulento talento de pintor colorista e de sagaz observador que tem vivido e se inspirado no céu e nas mattas virgens do nosso imperio com os seus indigenas—é nos *Tymbiras* se bem que incompletos. Isso mesmo dá a entender o sr. Pinheiro Chagas nos *Novos ensaios criticos* (1868) por occasião de tractar da *Iracema* do sr. conselheiro José de Alencar, e como que ahi se retracta:

«Dizem-me que os *Tymbiras* de Gonçalves Dias mostram já uma tendencia maior para se impregnarem na côr local e para reflectirem, na sua mudez sublime, as gran-

des imagens dos povos primitivos da America. Não conhecendo esse poema, não posso formar juizo sobre elle, mas outros poemetos indianos publicados no volume dos versos do *grande poeta brasileiro* authorisam-me a suppor que a morte ceifou Gonçalves Dias antes d'elle ter inaugurado verdadeiramente a litteratura nacional do Brasil, e que á *Iracema* do sr. José d'Alencar pertence a honra de ter dado o primeiro passo affoito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições (*Nov. Ens. crit.*—pag. 218)».

Era seguramente com esse poema que Gonçalves Dias pretendia cimentar as bases da litteratura nacional, apresentando uma outra *Illiada*, ou pelo menos uma epopêa em nada inferior á do bardo da Caledonia nem ás *Niebelungen* germanicas. Occorrêra-lhe a primeira idéa d'essa obra em 1847 em um dos risonhos bosques das cercanias do Rio de Janeiro e quando em outubro d'esse anno fui seu hospede leu-me os seis primeiros cantos e delineou-me o plano dos *Tymbiras*, como já tive occasião de o dizer.

Ainda tenho presente na memória o quanto me arrebatou a soberba descripção da lucta temerosa de Jatyr com uma onça, que o surprehendeu no mais denso d'uma floresta onde entrára atormentado e lanceado pela dor da perda de sua gentil Coema, fugindo sem tino das tabas dos seus. Debruçava-se á beira de um regato para mitigar a sêde, quando o assalta esse feroz animal. Recebe o joven e valoroso guerreiro tão inopinado attaque com a imperturbabilidade de um ânimo stoico.

Antemura-se Jatyr com o tronco d'uma arvore corpulenta; mas no fervor dos rapidos e repetidos botes da fera, desprenderam-se-lhe a elle as flechas dos hombros. Extenuado de fadiga e do muito sangue que perdia das feridas, e prevendo que em breve seria vencido, quiz valer-se de uma d'essas flechas. Por mais instantaneo e veloz que fosse o movimento para apanhar uma d'ellas, consegue a enraivecida onça empolgal-o. Jatyr só teve tempo para segurar uma flecha entre os dentes, e n'essa lucta corpo a corpo, dilaceradas as carnes do selvagem, espadanando-lhe o sangue das profundas e innumeras feridas, pôde ainda manejar a setta hervada com *ouarary*, (curáre) e embebel-a nos gorgomilhos da onça. Esvaidos por fim, morreram ambos enlaçados, e assim o foi encontrar o desolado Ogyb, guiado por Piahyba, e os agoureiros pios do *acahuan*. Depara-se-lhes então o lastimoso e horrendo quadro do filho já cadaver e roido pelas aves de rapina e pelos immundos tatús! A esta scena commovente seguia-se a do funeral do indio como soiam pratical-o os indigenas.

Era este bellissimo episodio tambem conhecido de M. Odorico Mendes, antes de partir para França, e mereceu enthusiastico applauso do cantor do *Hymno á Tarde*, a ponto de presagiar que uma vez impresso e conhecido o poema, os melhores pintores procurariam á competencia passar para a téla esse admiravel trecho, que parecia animado de sôpro vital, tanta era a felicidade, a propriedade e o movimento da acção!

De pós o encontro das duas tribus inimigas, sahem os

gamellas vencedores da pugna e são repellidos os *tymbiras* de *Tapuntapera* (Alcantara), parte recalcados para o *Mearim* e *Itapecurú*, e o grosso da tribu, abeirando a costa da provincia, interna-se pelo Amazonas, onde se tresmalha, perecendo o cheffe, que, ao acolher-se no cimo de uma copada arvore onde procurava occultar-se de uma bandeira de resgate, é ahi picado por uma cobra coral.

Nos episodios dramaticos, nas superstições, nos lances amorosos, na descripção da *pororoca* do grande rio Amazonas e na invasão e conquista do Brasil pelos portuguezes e sua colonisação, na introducção dos jesuitas, em tudo era sublime, realisando o bello ideal n'esse vasto e variado assumpto pintado á verdadeira luz e com o colorido delicado e nativo em que ninguem imparceirava com elle por serem faculdades especialissimas d'aquelle grande poeta.

O apparecimento dos quatro primeiros cantos do poema foi, todavia, enthusiasticamente acolhido no Rio de Janeiro, dando d'elles noticia harto lisonjeira o *Jornal do Commercio* e o *Correio Mercantil* (dezembro de 1857) em seus folhetins escriptos, os d'este jornal, pelo sr. senador Francisco Octaviano d'Almeida Rosa, e os d'aquelle pelo sr. dr. J. M. de Macedo, onde tão integros juizes, saudando o poeta pela nova corôa com que laureava sua fronte já tão resplendente, appontavam n'esse ensaio as bellezas que lhes mereciam mais louvores[1].

[1] No Livro II do vol. VII das *Obras Posthumas* hãode vir estes trabalhos, bem como o trecho do *Curso de Litteratura* de Sotero, ácerca do poema. Vej. a nota N, no *Appendice*.

Depois d'estes sahiu nos n.os 55, 56, 57 e 58 da *Actualidade* (outubro de 1859) uma serie de artigos de crítica sob o anonymo, aliás tão mal disfarçado que soube-se logo que eram do sr. dr. Bernardo Guimarães, author dos *Cantos da Solidão*. Sinto não poder reunil-os na collecção de notícias e críticas que se referem aos escriptos do poeta por tel-os perdido com outros papeis quando parti para Lisboa á procura de restabelecimento da grave molestia de que fui attacado em abril de 1868; porque daria elle cabal medida da crimeza com que o crítico da *Actualidade* fez a autopsia do poema. Cinjo-me, portanto e a meu pezar, aos apontamentos que por felicidade ficaram-me, e parece-me que por elles poder-se-ha fazer uma idéa approximada da sem-razão de semelhante crítica.

Para o sr. dr. Bernardo Guimarães tudo são defeitos nos quatro cantos dos *Tymbiras* — linguagem, metrificação, imagens e invenção!

Põe pécha na linguagem d'este poema, taxando-a de *quinhentista, gothica,* que não quadra com o assumpto nem ao tempo, forçada e heriçada (sic) d'archaismos; devendo comtudo desculpar o gallicismo a quem acha o estylo de Gonçalves Dias com taes defeitos. Estou convencido, porém, que para espiritos menos negativos e que souberem com profundeza a lingua patria não haverá nenhum dos senões censurados pelo crítico, antes acharão na linguagem vernacula, no trigo sem joio d'essas deliciosas páginas, não vocabulos obsoletos, que os não ha'hi senão mui correntes e sabidos de quem é rico de terminologia portugueza, a singeleza da phrase e a bella e

concisa urdidura d'ella, que são outras tantas excellencias e meritos dos *Tymbiras*.

A vernaculidade, o manejar bem a lingua, está mais na construcção dos periodos, e na collocação dos complementos, do que no emprêgo de um termo derivado do francez, e que denuncia só o escriptor gafo de gallicismo. N'este poema, como em outros escriptos de Gonçalves Dias, ha absoluta ausencia de todos esses barbarismos, apreciando-se n'elles, pelo contrário, o uso legítimo, genuino e apropriado das palavras, discreta parcimonia de termos indigenas e a concisão no dizer. Se faltam a uma obra estas bases essenciaes, não passará de certo á posteridade, embora lhe assistam outras bôas qualidades. Se é isso condição indispensavel a qualquer outro escripto, ainda se torna ella mais imperiosa em um poema, sem o que não terá d'epopêa mais que o nome.

Permitta-me, porém, o sr. dr. Bernardo Guimarães que o averbe de incompetente na materia, visto como n'esses artigos mostra que conhece pouco a lingua patria e está enfrascado na phraseologia e modo de construir francelho, como se vê d'essa critica onde são frequentes os gallicismos escusados, taes como: «*torna-se recommendavel, tirado* (por aproveitado), chefe d'obra, e outros quejandos, que se deparam n'esses artigos.

Diz o sr. dr. B. Guimarães que a linguagem do poema não quadra ao assumpto, e depois d'elle repettiu-o ha pouco o sr. conselheiro José d'Alencar na página 224 da 2.ª edição (1870) do seu romance — *Iracema*: «Gonçalves Dias é o poeta nacional por excellencia, ninguem

lhe disputa na opulencia da imaginação, no fino lavor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens. Em suas *poesias americanas,* aproveita muitas das mais bellas tradições dos indigenas, e no seu poema não concluido dos *Tymbiras* propoz-se descrever a epopéa brasileira. Entretanto os selvagens do seu poema fallam uma *linguagem classica,* o que lhe foi censurado por outro poeta de grande estro, o dr. Bernardo Guimarães: elles exprimem idéas proprias do homem civilisado e que não é verosimil tivessem no estado da natureza.

«Sem dúvida que o poeta brasileiro terá de traduzir na sua lingua idéas, embora rudes e grosseiras, dos indios; mas n'essa traducção está a grande difficuldade: é preciso que a lingua civilisada se molde quanto possa á singeleza primitiva da lingua barbara, e não apresente as imagens e pensamentos indigenas senão por termos e phrases que ao leitor pareçam naturaes em bocca de selvagem.»

Alludindo Sempronio *(Cartas cit.,* pag. 314) a este ponto, assim expressa-se: «Não é nosso designio analysar aqui as producções do *primeiro poeta do Brasil, e inabalavel cheffe* da nossa litteratura indiana, e menos deffendel-o de uma accusação vaga que não determina os pontos do delicto. Apresentem, porém, o libello accusatorio em termos, que o mais inhabil advogado fallará em nome de *uma das mais abalisadas glórias* da nossa terra».

Considerando-me um d'estes, embora não esteja formulado o libello, como mui bem o pondera Sempronio,

pedirei humildemente venia para sahir com breves embargos a um dos capitulos da accusação feita aos *Tymbiras*.

Quando não quadrou a linguagem castigada e pura a qualquer escripto e em especial a um poema? Quizera tambem que o sr. dr. Bernardo Guimarães explicasse porque é que não convem ella e não quadra ao tempo? Porventura deve-se hoje escrever algaravia ou lingua de cafres por isso que estamos no seculo XIX? Quando se tracta de sciencias physicas, sociaes e philosophicas é força adoptarmos vocabulos extranhos afeiçoados á indole portugueza, e no caso em que já o não tenha introduzido o prolongado uso popular; mas não ha razão para empregarmos uma construcção defeituosa e repulsiva quando tenhamos de relatar as usanças e as crenças, ou de descrever as paixões e sentimentos dos selvagens, as scenas deslumbrantes da natureza virgem, onde não ha caminhos de ferro, nem pontes pensis, telegraphos electricos e vapores, antes tão singelos costumes e limitadas relações sociaes não exigiam abundancia de palavras nem synonimia. Para tudo isso ha cópia de termos na lingua portugueza por modo que só é necessario recorrer-se a neologismos, quando haja de exprimirem-se cousas propriamente indígenas ou *tupys*.

Pelo dizer d'estes dous illustres escriptores, a quem respeito e prézo, deve adaptar-se e modificar-se a linguagem portugueza ao modo de fallar dos protogonistas do romance, do drama ou do poema, e assim por exemplo, o allemão, o inglez, o francez, o indio, etc., travarão dialogos, e as idéas que se apresentarem como d'elles, hão

de ser um arremêdo das respectivas linguas! Ficaria aceado o poema de Gonçalves Dias!... No *Atalá* e no *Natchez* de Chateaubriand, nos *Derradeiros Mohicanos* e no *Lago Ontario* de Fenimore Cooper, quer nas diversas composições de Longfellow, com serem tão americanas, deixaram porventura esses authores d'escrever suas obras immortaes em seus estylos d'elles, e em bom francez e inglez vernaculo?!

Esta mania, que outro nome não merece, de alguns dos nossos litteratos quererem que no Brasil se forme uma lingua aparte da portugueza — uma lingua *nacional* — foi já por mim discutida em outro trabalho (*Locubrações*, de pag. 236 a 246) e desnecessario é vir de novo aqui ventilal-a, bastando apenas repettir, como profissão de fé, que não sou dos que entendem que a lingua deve ficar estacionaria, porque João de Barros e Camões não empregaram vocabulos que a civilisação e o progresso nas sciencias e artes exigem, e que os brasileiros, tres vezes mais numerosos que os portuguezes e essencialmente curiosos e dados a viajar, aguardem que os litteratos portuguezes, que teem authoridade na materia, os adoptem para que depois lhes possamos dar curso de moeda legal; mas está isto longe do abuso de neologismos, geralmente de origem franceza, a esmo e sem fundamento algum, de transgressões das regras da boa sintaxe e o uso de tantos outros descuidos imperdoaveis; quando é um dos preceitos mais recommendados pelos mestres da arte, que haja todo o esmero e pureza de dicção nas obras de tomo e em especial nas epopéas, a menos

que passe seu author pelo dissabor de as ver recebidas com indifferença, servindo de motejo ao público lido e sobretudo aos homens illustrados.

É essa negligencia, é esse desleixo, essa falta de leitura dos mestres da lingua enfermidade de que, por incuria, adoecem alguns dos nossos homens de lettras, que faz com que os portuguezes olhem com desdem para nossas producções litterarias e que d'elles diga o sr. Pinheiro Chagas nos seus *Novos Ensaios Criticos:* «O defeito que vejo em todos os livros brasileiros (protesto contra tão injusta generalisação), e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente, é a *falta de correcção na linguagem portugueza, ou antes mania de tornar o brasileiro uma linguagem differente do velho portuguez»* etc. (pag. 221).

É esse tambem o motivo por que disse ainda ha pouco um jornal respeitavel, ao noticiar a apparição da *Jerusalem* de monsenhor Pinto de Campos, que por acaso estava escripta em *portuguez*. É bem de ver que prova essa injúria ignorancia da parte do noticiarista, que do contrário não incluiria no seu anathema a Gonçalves Dias, a Odorico, a Sotero, a João Lisboa, e a tantos outros escriptores brasileiros que manejam a lingua tão galhardamente como os que se prezam aqui em Portugal de o fazerem; mas isto vem confirmar que em geral escrevemos os brasileiros sem cabal conhecimento da lingua e com flagrante desprêzo dos seus preceitos mais triviaes!

Com muita razão, pois, deplora João Francisco Lisboa esse defeito commum á maioria dos nossos litteratos,

expressando-se assim na biographia de Manuel Odorico Mendes: «A lingua portugueza transformando-se no Brasil e affectando novos meneios em que o desalinho, as incorrecções e os modernos e escusados gallicismos alliam sem graça e com gôsto impuro as fallas obsoletas de quinhentos». *(Revista Contemp. de Portugal e do Brasil*, n.º 7, 1862, e IV vol. das *Obras de João F. Lisboa*, pag. 491).

«A modificação, diz F. Sotero dos Reis no seu *Curso de litteratura portugueza e brasileira* (Maranhão, 1868, tomo 1.º) que é filha da falta de estudo da lingua, e consiste no emprêgo de termos estranhos sem necessidade, e de construcções que a barbarisam, como o de vocabulos e modos de dizer francezes, deve por absurda e intoleravel ser combattida por todos os homens doutos, que se dedicam ás boas lettras, no Brasil, porque a palavra é a arma de civilisação mais poderosa, que Deus concedeu ao homem, ou o primeiro movel das sociedades humanas em qualquer estado que seja, e para produzir o seu effeito nunca ha de ser falsificada por liga de baixo metal, que lhe altere o valor.» (Vej. pag. 84 da *obr. cit.)* «Tenhamos muito resguardo n'esta parte (nos neologismos e emprestilhos), diz Fernão de Oliveira na sua *Grammatica da linguagem portugueza*—pag. 18, da edição de 1871—; porque a lingua e a escriptura é fiel thesoureira do bem de nossa successão.»

Convençam-se, portanto, de uma vez aquelles que aspiram á immortalidade pelas lettras, que não ha obra alguma que se recommende á posteridade, sem estylo e boa

linguagem. E isso assim é, foi e ha de ser por todos os seculos; porque a lingua é a parte material, mas indispensavel, das concepções do espirito.

Assim como o operario não fará obra perfeita, se não tem os instrumentos necessarios para isso ou se não sabe utilisar-se d'elles, esse escriptor não attingirá nunca ao bello da fórma, se se não tiver preparado de ante-mão com o exercicio do mais rebelde, do mais intractavel de todos os instrumentos, a lingua!

A linguagem correcta, o engenho e a arte eis a triade que preside a todas as obras primas escriptas, e se o engenho vem de Deus, o instrumento e a arte, isto é o estudo da lingua e o estylo, e perfeição dos modelos vem do esfôrço e do trabalho: aquelle mais ou menos perfeito e completo, esta mais ou menos aprasivel, formosa e encantadora, estão ao alcance de qualquer de mediana intelligencia, pois que as bellezas do estylo, como diz Garrett, juiz supremo na materia, só as dá o estudo.

Estudem e meditem os nossos noveis escriptores nos originaes latinos e gregos e nos classicos da lingua materna. É por sem dúvida arido e enfadonho o manusear estes mestres por se occuparem quasi que exclusivamente em narrar milagres e vidas de sanctos e frades, mas pela fonte ser rodeada de grotas e fraguedos difficeis de vadear, não deixaremos de desedentar-nos, e não dê a mocidade ouvidos áquelles que dizem desnecessario o conhecimento profundo da lingua; que o fazem por indolentes e vaidosos de si, procurando n'esse desprego affectado desculpa para sua incuria e inopia.

Que apreço terão monumentos vistosos, fabricados sem os preceitos architectonicos e sem bons alicerces, joias antes de lapidadas, o ouro e outros metaes preciosos occultos nas minas? Assim succede á maioria dos productos da nossa litteratura.

Oradores eloquentes, abalisados e profundos jurisconsultos, historiadores pacientes e investigadores, poetas bem sorteados, romancistas e dramaturgos imaginosos não nos faltam, mas descurâmos da lingua, produzindo obras informes no estylo e que, se pyrilampeam um momento, apaga-se-lhes logo o brilho e somem-se no olvido; porque idéas mal expostas e de modo que se lhes não comprehenda o sentido, e sem os attractivos da boa urdidura são jardins sem flores ou esqueleto sem tecidos que o revistam e embellezem.

Voltemos, porém, a outra ordem de considerações que ainda nos suggere a critica do sr. dr. B. Guimarães. O primeiro verso dos *Tymbiras* —

Os ritos semi-barbaros dos piágas

é por elle notado como *aspero e sem harmonia,* o que está em manifesto desacordo com a doutrina que adopta em outro lugar, estribando-se para isso nos preceitos do ex.^{mo} sr. visconde de Castilho de que a harmonia «é a analogia do som com a idéa, a onomatopeia»: logo é este verso harmonioso, visto como o poeta pretende exprimir n'elle que os ritos eram selvaticos, empregando de proposito para esse fim a onomatopeia no intuito de fazer-se melhor comprehender, acompanhando ao pensamento o rude

som das palavras. Censura tambem ao poeta por dizer na introducção que se *abriram os piedosos braços* da *Cruz de Christo,* isto por achar que a idéa assenta ao calvario que não á America; mas se o censor attentasse, aindaque de leve, cahiria em si e veria que o author não se refere á America, senão unicamente ao Brasil, isto é, á terra de Tupan, a que os portuguezes chamaram a princípio ilha de *Santa Cruz*, e depois ainda por muito tempo, *Terras de Santa Cruz*, portanto apropriada, original e mui feliz é esta imagem de Gonçalves Dias.

Acha por egual infiel a descripção do crepusculo da tarde no primeiro canto, como a da aurora no segundo, porque conforme o crítico póde ser applicavel tanto ao Brasil como á Siberia por haver confusão n'esta rapida passagem da tarde para a noute e d'esta para o amanhecer. Com esse seu reparo teceu o sr. dr. Bernardo Guimarães, sem que o suspeitasse, o maior elogio possivel a esses bellissimos trechos; pois que essa mesma confusão, essa transição rapida e brusca, essa quasi ausencia de taes phenomenos naturaes é real e constante da Bahia para o norte, principalmente do Ceará até o Pará, e por tanto na provincia do Maranhão, em *Tapuytapera* (Alcantara) onde se passa a acção do poema. Se Gonçalves Dias, grande observador e aprimorado colorista, como era, phantasiasse um céu e uma natureza modelados pelo que houvesse lido nos authores europeus, deixaria de ser nacional, desceria muito no conceito dos admiradores do seu genio, merecendo o menospreço com que são tidos esses imitadores servis da litteratura franceza. É na Eu-

ropa, sobretudo na Siberia, onde ha pelo contrário arrebóes prenunciando por muito tempo o nascimento e occaso do sol; mas na proximidade do equador, sería isso por certo um estupendo milagre!

Para que se aquilate o bom gôsto e a razão que assistem ao censor, peço que leiam na pag. 306 das *Poesias* essa descripção da aurora, e attentem depois para a da tarde, que acha-se na pag. 289, e as quaes atraz extractei, e digam-me os que são naturaes das provincias do norte do Brasil ou que já estiveram n'ellas se não sentem-se tomados d'enthusiasmo ao lel-as!...

Se a cousa é de todo má, como pretende o sr. dr. B. Guimarães, basta que se abra o poema em qualquer parte para que se esbarre logo com verso prosaico, desharmonioso e manco. Façamos a experiencia e para não irmos mais adeante, aqui no fim da introducção. Vejamos por exemplo estes versos:

..... nas folhas que engrinalde
A acacia branca e o seu candor derrame,
E a flor do sassafraz se estrella amiga.
(*Intr.*, pag., 273 do tom. II)

Mas isto é bom sem senão, é brando, é dulcissimo!

Não serão perfeitissimos estes versos onomatopeicos:

Rugindo os longos encontrados leques
(Id. pag. 272, ib.)

Avulta, ruge, horrisono ribomba
(*Cant.* IV, pag. 331, idem, ib.)

Arran soprada, que um menino espóca!
(Idem, pag. 332, idem, ib.)

Para encurtar razões, nada agrada n'estes quatro can-

tos ao sr. dr. B. Guimarães, até o tão applaudido e inimitavel episodio de *Coema,* e o canto de Piabyba, que é notavel pela propriedade imitativa com que o poeta procurou em versos quebrados arremedar o dizer tresvariado e as idéas sem nexo de um louco. Pois em tudo isto acha o censor que pôr pêcha e descobre-lhes aleijões e manchas! Verbera tambem os versos soltos do poema por *lastimosamente* prosaicos, sem harmonia nem melodia!

«Citemos, continúa o censor. A difficuldade está na escolha do trecho em um poema onde os versos cheios e harmoniosos são *tão raros.*»

Mais adeante repiza e volta á carga: «Alem de não possuirem os versos dos *Tymbiras* harmonia nem melodia, são quebrados a todo o momento, fóra de todo o proposito».

Declara mais em outro lugar que «sendo os *seus versos* (os de Gonçalves Dias) *geralmente applaudidos* (ahi está o motivo verdadeiro d'esta desarrasoada censura) *muitos d'elles inteiramente destituidos de merito* (não os acham assim Alexandre Herculano, Pinheiro Chagas, Lopes de Mendonça, Sotero dos Reis, Araujo Porto-Alegre, conselheiro Octaviano e drs. Macedo Soares, J. M. Macedo, F. Denis, Wolf, Juan Vallera, a *Saturday Reiew,* e os criticos allemães que d'elles occuparam-se), escrevendo Gonçalves Dias seu poema *ao correr da penna*».

Tendo em outro lugar appresentado os motivos que levaram Gonçalves Dias a publicar esse fragmento do seu poema, dispenso-me de refutar agora tão falsas proposições, observando, aliás, que só quem não conhecia ou nunca teve relações ainda de momentos com o poeta,

poderia aventar a idéa que a publicação dos *Tymbiras* fôra aconselhada pela vaidade e immensa confiança no seu proprio talento, julgando de si para si que haviam de applaudir a obra só por ter seu nome! Engana-se n'isso o illustre author dos *Cantos da Solidão,* e nem a probidade litteraria e honestissimos precedentes de Gonçalves Dias authorisavam-n'o a fazer d'elle juizo tão desfavoravel e injusto.

Pergunta o sr. dr. B. Guimarães em tom de mofa se *as orbitas de Jucá estavam vasias,* e para tornar mais evidente o êrro de G. Dias cita o seguinte periodo:

> Vem primeiro Jucá de fero aspecto,
> De uma onça bicolor cobre-lhe a fronte
> A pelle vistosa;—sob os hirtos cerdos,
> Como sorrindo, alvejam brancos dentes,
> E nas vasias orbitas lampejam
> Dois olhos fulvos, maus.

Está isto tão claro que só a muita paixão é que podia cegar o crítico a ponto de não comprehender que a pelle da onça servia de cobertura e mascara a Jucá para assim tornar seu aspecto ainda mais feroz, e que enfiando a vista pelas aberturas vasias onde estavam em vida os olhos da onça, lampejam ahi seus olhos *fulvos, maus.*

Assim tambem é mui cabido o pleonasmo a que soccorreu-se o poeta para dar mais fôrça e relêvo, e tornar bem saliente a alvura dos dentes do selvagem, contrastando com o pello mosqueado da onça.

Nem atino por que causou ao sr. dr. B. Guimarães estranheza e motivos para ironias este verso dos *Tymbiras!*

> Como sorrindo alvejam brancos dentes

quando antes do nosso poeta já o sr. Alexandre Herculano havia tantas vezes empregado essa figura, e o que é mais notorio, em prosa, como por exemplo na pag. 39 do *Eurico:* «Os capilares *alvissimos* dos arabes *branqueavam* etc. e na página 264... «e n'essa meia claridade *branquejavam* roupas *alvas* de mulher». São os mesmos similes e ambos na mesma obra! Na *Voz do Propheta* lê-se: «Pelas praças e ruas *pelejar-se-hão pelejas*». Se quizesse adduzir outros exemplos de authoridades de egual respeitabilidade iria mui longe, e assim remetto para a nota infra[1] os nimiamente pechosos, ponderando de pas-

[1] Passo aqui a enfiar os pleonasmos que encontram-se nos *Lusiadas,* dispensando de os extrahir dos lugares onde vem a phrase—*mas porém, nunca jámais* e outras:

..... porque *vejam*
Que são *vistos* por vós no mar irado
(Canto I, Est. XVIII)

E de tudo que *via* com *olho* attento
(Idem, Est. LXIX)

Nas *mostras* e nos gestos o não *mostrou*
(Idem)

As forças exercitam *inimigas*
Do *inimigo* inverno congelado
(Canto II, Est. XXIII)

Quero-lhe *querer* mal.....
(Idem, Est. XL)

Estas *palavras* taes *fallando orava*
(Idem, Est. LXXVIII)

Que a *faz fazer* ás outras companhia
(Canto III, Est. LXVIII)

D'ambos de dous a fronte coroada
(Canto IV, Est. LXII)

Vi claramente *visto* o lume vivo
(Canto V, Est. XVIII)

Dos *olhos* facilmente que *enxergar* se não podia
(Idem, Est. XIX)

sagem que nunca ouvi accusar de êrro o uso discreto do pleonasmo, *sendo havida como belleza esta figura, quando usada com propriedade.* Confunde-a seguramente o illustre censor com a perisologia!

De quantas censuras faz o sr. dr. B. Guimarães aos *Tymbiras* a que não posso de todo accommodar-me é, como já disse, a de ser escripto o poema em estylo gothico e quinhentista. Do proprio libello do censor tiremos as provas dos fundamentos de sua sentença, onde dá como êrro e chasquea de expressões correctas e necessarias, como por exemplo da de—*dona,* que o poeta empregou para

Estava-se com as *ondas ondeando*
(Idem, Est. XX)

E *verão* mais os *olhos*
(Idem, Est. XLVIII)

Pouca *falta* vos faz a *falta* minha
(Canto VI, Est. LV)

Não *creias* fero Boreas que te *creio*
(Idem, Est. LXXXIX)

Que a *coroa* de palmas alli *corôa*
(Canto VIII, Est. LI)

Que *mande* da fazenda emfim lhe *manda*
(Idem, Est. LXXVIII)

Se passarmos agora aos prosadores a quem não assiste a desculpa da metrificação nem da harmonia que os constranja, acharemos no padre Antonio Vieira pleonasmos como estes—*verdade verdadeira, ignorancia ignorada* (*Sermões,* tom. I, pag. 166 da edição de 1854), *nunca jámais* (idem pag. 11). *Viu com os olhos* o trabalho etc. (*Historia de S. Domingos,* por fr. Luiz de Sousa, tom. I, pag. 433, edição de 1767),.... lhe *corriam* as lágrimas dos *olhos abaixo* (*Vida do beato Suzo,* pelo mesmo, pag. 199, edição de 1756). Entre os modernos, alem do sr. Alexandre Herculano, é recorrer ao sr. visconde de Castilho, e sobre tudo ao visconde de Almeida Garrett onde os depararão.

distinguir as indias entradas em annos das jovens, a quem por isso incumbiam trabalhos diversos. Diz então o crítico com ironica chança que já que as indias eram tractadas por *donas* deveria o poeta dar o titulo de dom aos cheffes tymbiras!

Apresentemos as duas passagens onde o author emprega esse termo: uma quando o *piága* queixa-se do esquecimento em que é tido pelos seus, dizendo:

«Que um só homem perece á mingua
Quando campeiam tantos homens d'arco
Nas tabas d'Itajuba — tantas *donas*
Na cultura dos campos adextradas.

Um pouco abaixo, na mesma página, encontra-se:

Lêdas donzellas no cauim se appliquem,
Os meninos á pesca, *á roça as donas.*

Como se vê d'estas citações, unicas onde acha-se o termo — *dona* —, em nenhum indica *titulo,* mas *qualificativo* que a não empregar o poeta, teria de recorrer a circumloquios que tornariam frouxos e diffusos esses periodos, além de delatar n'elle pouco conhecimento da lingua, onde ha vocabulos tão genuinos, expressivos e concisos. É para admirar que o sr. dr. Bernardo Guimarães que, como poeta, hade ter necessariamente lido os *Lusiadas* de Camões, não deparasse em mais de um lugar d'essa sublime epopéa com as expressões *donas* e *donzellas,* entre outros n'estes versos:

Vão pelos telhados e janellas
Velhas e moças, *donas e donzellas.*
(Canto vii, est. 49.)

Note-se que estas *donas*, por serem de Calecut, eram tambem *indias!*

Na pagina 15 da *Chronica do Palmeirim d'Inglaterra* de Francisco de Moraes (1.ª edição de 1562) vem: «estava acompanhada de algumas *donas e donzellas*», onde tem a mesma significação que lhes deu Camões, e com um e outro Gonçalves Dias.

Então o que não dirá o crítico d'este verso de Camões:

Estava pallida a *donzella*

referindo-se o poeta a D. Ignez de Castro que já tinha tido tres filhos?!...

Tambem achará um absurdo e contrasenso na phrase com que Bernardim Ribeiro começa as suas *Saudades:* «*Menina* e *moça* me levaram da casa, etc., e dirá naturalmente que se era *moça* não podia ser *menina!* Menina é tomado aqui na accepção de solteira, e corresponde ao *demoiselle* dos francezes e *miss* dos inglezes, seja qual for a edade da solteirona.

Em outro ponto diz o sr. dr. Guimarães: «As ideias e os versos do sr. Gonçalves Dias são mesmo

Doce poeira de aljofradas gottas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

«O epitheto *doce* é uma inconcebivel transgressão do bom gosto e até parece que do bom senso», (no entender do sr. dr. Bernardo Guimarães) «*poeira doce* é cousa que nenhum paladar póde tragar! Aqui anda refinado gongorismo ou cousa que o valha.»

Perdoe-me o sr. dr. Bernardo Guimarães, mas, ou quiz

zombar de seus leitores suppondo-os muito ignorantes, ou então não se lembrou que *doce* em portuguez e em qualquer lingua significa tambem—*tenue, macio, delicado,* etc.

Não foi ainda feliz n'este quinau o illustre crítico; pois o mais desattento e menos prevenido perceberá que com essa bellissima imagem quiz o poeta indicar que o orvalho estava dividido em tenuissimas gottas qual poeira, ou reduzido a pó subtil como se perolas, levadas a esse estado, fossem esparzidas pelas petalas carmesins da flor do cacto. Ora desconhecer e metter isto a ridiculo é muita obcecação, é escurecer o que é claro, é não apreciar o que é bello, e querer que lhe revertam os epithetos que arremessa contra o author dos *Tymbiras!*

Como então não riria ás bandeiras despregadas se lesse nos livros de therapeutica ou de pathologia, ou ouvisse aos esculapios qualificarem de *doce* o effeito de alguns purgantes, como do de oleo de ricino?!

Foi tambem censurado e mettido á bulha por certo poeta coevo de Camões o vocabulo—*furia*—empregado no seguinte verso dos *Lusiadas*

> Dae-me uma furia grande e sonorosa
>
> (Canto I est. 3)

Os contemporaneos e a posteridade deram depois razão ao poeta, e com effeito, esse vocabulo tomado na accepção de enthusiasmo poetico, como faz o epico, torna concisa e valente a phrase, nem sei de outro que bem e appropriadamente o podesse substituir.

Felizmente para a litteratura patria poucos terão lido os *Tymbiras* eivados de tanta animosidade e com o criterio do sr. dr. B. Guimarães, como melhor o testemunham muitos escriptores considerados, que passo a citar em meu abono. É que são assim os espiritos negativos! satyrisam o que os mais dos criticos louvam e acham bom — é isto como o lume que se atea para aquecer o cadinho, onde se depuram os metaes preciosos.

F. Sotero dos Reis, que escreveu sua analyse em 1868, muitos annos depois da morte do poeta e da critica do sr. dr. B. Guimarães, não póde ser acoimado de cortejador d'essa celebridade ou de ignorar os reparos do censor, e no entanto diz: «O que é certo é que as bellas passagens contidas nos primeiros cantos dos *Tymbiras* fazem com razão lamentar a perda dos outros, que completavam o poema, e o tornariam pela ventura *um todo grandioso e digno de tal engenho*».

Referindo-se depois ao episodio de Cuema diz que: «é de uma grande belleza, quer se attenda á fôrça do pathetico, quer ao primor do *colorido* e tropos os mais felizes, e *á harmonia metrica a mais perfeita,* que tudo contribue para tornal-o como um suave perfume de poesia exalado sobre o tumulo da formosura extincta em flor. E onde se encontram versos mais cheios de expressão, novidade e graça do que os que foram por mim já apontados?»

Depois de extractar outro trecho do poema, assim se exprime:

«Os mais suaves accentos de muzica ouvidos ao longe

no silencio da noite não vencem a magica doçura d'esta aeria poesia tão delicada no conceito, como na fórma, e tão acommodada ás crenças dos indigenas na sua ignorancia quasi infantil. Versos tão repassados de sentimentos ternos e tão embellezados de poeticas imagens, *só Gonçalves Dias os sabia fazer*. (Vej. pag. 385 do 4.º vol. do *Curso de Litteratura portugueza e brasileira.)*

O sr. dr. J. M de Macedo, além da analyse mui favoravel do folhetim do *Jornal do Commercio,* que vae n'outro lugar publicada[1], do seu discurso já citado, e no qual commemora a morte do poeta, assim se exprime quanto aos *Tymbiras:* «Nos quatro primeiros cantos dos *Tymbiras a inspiração arrebata, a harmonia dos versos extasia, o vigor do pensamento e o primor dos adornos maravilha»* (pag. 419 da *Rev. Trim. do Instit.*, tom. XXVII, 2.ª parte).

O ex.mo sr. conselheiro F. Octaviano de Almeida Rosa, juiz competentissimo, imparcial, e cujo conhecimento e manejo da lingua é assás reconhecido, diz no folhetim — *Paginas menores — do Correio Mercantil* de 7 de dezembro de 1857. «..... nunca é cêdo para saborear um fructo sazonado *(os Tymbiras),* cujo perfume e côres nada recorda do que se conhece.

«É um poema americano, bem nosso, exclusivamente nosso; é um episodio da raça indigena do Brasil idealisado pelo poeta de suas desgraças, de suas guerras, de

[1] Vej. nota — N — no *Appendice.*

seu heroismo. Está cantado em *magnificos versos*, que só podiam inspirar a nossa natureza e esse sol fecundo que nos alumia.»

Mais adeante ainda diz: «A essas producções ligeiras, mas de toda a belleza, que se encontram nos tres volumes *(Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos)* de poesias lyricas do dr. Gonçalves Dias com o titulo de—*Poesias Americanas*—ao poemeto Y-*Juca-pyrama*, inspiração de maior folego e perfeição do que as anteriores, succede agora um poemeto completo. A obra não está concluida. Só depois de terminada é que deverá ser julgada definitivamente. Os quatro cantos, porém, que acabam de ser entregues á curiosidade pública, authorisam a dizer, que se o poeta não fraquear na continuação e conclusão de seu poema, fez *uma obra magistral, levantou um monumento á poesia nacional;* fez mais, abriu uma larga senda nova por onde tende e deve seguir a nossa litteratura».

Se nacionaes da ordem dos litteratos, cujas opiniões acabo de apresentar, fazem excepção, e discordam totalmente do sr. dr. B. Guimarães, acompanham-n'os os escriptores estranhos que teem conhecimento dos *Tymbiras*. O sabio conservador da bibliotheca de Vienna d'Austria no seu *Brésil littéraire*, diz: «Revela-se comtudo o grande talento do poeta na *belleza dos versos, da dicção*, e *em muitas passagens*». (pag. 180 da *obra cit.)* Vejamos agora o parecer do *Central Blatt für Detschlandu*, de 16 de janeiro de 1858, na parte—*literarisches:* «Vem o presente ensaio epico *(Tymbiras) justificar os merecidos elogios* que

então tecemos ao author: é esta obra um quadro animadissimo das tribus selvagens que habitavam n'outras eras a região do norte do Brasil, com suas luctas sanguinolentas, festins, ritos, costumes barbaros e character individual no meio da natureza que é primitiva, e tudo com aquella *linguagem poetica, fresca e energica que tanto distinguem o author nas suas poesias lyricas. Maneja o poeta com superior mestria o jambo de cinco pés,* e em verso solto, o que é uma verdadeira difficuldade nas linguas latinas (quem falla é um allemão) tão conformes e que se prestam tão facilmente á rima, ao passo que as germanicas são proprias e propendem tanto para aquella versificação».

O sr. Antonio Candido Gonçalves Crespo, cujo merito já é bastante avantajado, se bem que esteja no alvorecer do genio, despontando-se-lhe nas *Miniaturas* aurora radiosa, escrevendo-me ha tempo (16 de maio de 1871), falla n'estes termos ácerca dos *Tymbiras:* «Eu chego a adorar aquelle gentilissimo talento de Gonçalves Dias, o potente creador da poesia nacional, e enthusiasta cantor das epopéas brasileiras.

«Elle não era só o inspirado, era tambem o sabedor profundo da lingua e dos seus multiplos segredos. Os *Tymbiras* são a prova d'isso, e podem sem desvantagem terçar justas com o *Camões* e a *D. Branca* de Garrett; posto que de genero diverso, tambem com aquelle numeroso e magnífico *Caramurú* de Durão. Que pena que não concluisse obra de tanto valor artistico!»

O que posso dizer por derradeiro é que uma vez lidos

os *Tymbiras* fica-se sedento pela conclusão de tão admiravel poema, e lastima-se dobradamente o naufragio que arrebatou a vida ao poeta e extraviou o manuscripto do poema, deixando incompleto tão prodigioso e soberbo monumento da nossa litteratura nacional.

Assim como no organismo o excesso de vitalidade de um systema ou orgam domina os mais e actua sobre elles, assim tambem as faculdades da alma ou do intellecto teem a sua idyosincrasia especial. Em Gonçalves Dias predominava o lyrismo, e a tuba epica e o cothurno tragico não eram para elle. *Toussaint Louverture, La chute d'un ange, Le tailleur de pierre,* e os *Homens illustres* de Lamartine serão sempre escriptos lyricos afinados pelas *Meditações.*

Os *Cantos* de Gonçalves Dias derramam tanta, luz que deixam na penumbra tudo o mais quanto produziu o cantor dos indigenas e do amor. O *Patkull,* drama escripto aos dezenove annos sem nunca mais passar sobre elle a lima do author que o escondia no fundo das gavetas, bem o prova. Era seu intento dar-lhe outra fórma; mas tinha-lhe amor como seu filho primogenito, apezar dos defeitos que lhe notava, e por isso nunca se resolveu a levar a effeito seu projecto de fazer d'elle um romance. Succedia outro tanto com a sua *Beatriz Cenci,* composto pouco depois d'aquelle.

Respirava o poeta a atmosphera romantica, que então invadia e occupava as regiões litterarias, e foi sob essas impressões e tomado de enthusiasmo por essa eschola que então pompeava com seus explendidos tropheus e luzi-

mento do prestigio, com a pujança de seus ruidosos e immensos triumphos, foi n'essa quadra que concebeu esses dois dramas.

Bello tempo era esse, tempo de enthusiasmo, de esperançoso porvir, de cultura fecundissima das artes, de fé viva em tudo quanto reverdecia! Apoz a revolução de julho de 1830 parecia que tudo rejuvenescia e desabrochava viçoso ao sol da liberdade, que despontava em França, e d'alli, como de fóco e centro immenso de elaboração intellectual e de luz, desparzia seus raios luminosos e vivificadores, e aquecia e esclarecia todo o orbe, agitando-o e electrisando-o.

E o mundo estremecia de jubilo, e caminhava seguro e confiado, manifestando vida e aspirando ao progresso e á civilisação sem parar ou recuar n'essa palangenesia. Assistia-se com ância e prazer ás supremas pelejas que se deram os classicos e os romanticos. Arcaram corpo a corpo esses gigantes, tendo os novos protestantes por lemma os preceitos de Shakspeare, de Goethe e de Schiller, por primeiros cheffes Byron e Chateaubriand, como luctador homerico a Victor Hugo, e por auxiliares ao mavioso Lamartine, ao fecundissimo Alexandre Dumas, a de Vigny, a Saint-Beuve, a Mérimée, a Barbier, a Musset, a Béranger, a Horacio Vernet, a Bellini, a Donizetti e a Verdi, uns no drama, outros na poesia, no romance, na pintura, na musica, todos lidadores crentes, esforçados, imperterritos no mais travado da pugna. Terçavam-se estas justas, não nos campos da Criméa, mas nos theatros e academias de París, nem havia ainda mordaças para a

imprensa e para a tribuna. O rebaixamento da dignidade humana, a corrupção e o materialismo como meios de avassalar e entorpecer o povo não eram empregados pelo cesarismo. Eram lides incruentas e fecundas, renhidas nos campos das idéas onde só ha festas e glorificações, jubilos e applausos, e d'onde o desalento e a descrença são banidos!

Os inventos de Watt e Fulton que encurtaram as distancias, tomaram desde então incremento, e auxiliando os esforços dos homens, invadiram todas as indústrias e entraram a realisar prodigios! A telegraphia electrica que permuta as idéas entre os povos, levando-as até os pontos mais distantes com a celeridade do pensamento, prenunciando a confraternisação da humanidade e o desapparecimento de fronteiras, fôra ensaiada. A abolição da dôr physica do operado é tambem d'esse glorioso periodo.

Essa epocha brilhante e essa eschola tão ousada chegaram ao seu apogeu em 1840, e ahi permaneceu até 1848. Depois, em 1851 começou a decahir. Ao fecundo bafejo da liberdade succedeu o segundo imperio, e com o regimen napoleonico empallideceu e enfermou a litteratura, abaixando-se ao nivel das consciencias e da politica.

Os grandes vultos vão desapparecendo consumidos pela morte ou envelhecendo pelos annos, e a ninguem vejo que os possa substituir, em França. N'estes vinte annos passados, tudo se tem amesquinhado e declinado, e a marcha da humanidade para a perfectibilidade fez uma pausa no seu curso. Que descobrimentos notaveis teem-

se ultimamente feito de onde resultem beneficios ao homem? Só meios de destruição aperfeiçoados, mais rapidos e mais efficazes na arte da guerra; na artilheria, nas espingardas, nas metralhadoras, nos vapores encouraçados, nos torpedos! Na litteratura ou é o materialismo e a sensualidade inspirando a imaginação dos poetas, ou é Ponson du Terrail com seus romances inverosimeis, de interminavel e complicadissimo enredo, tendo por sequazes a Feydeau e Pedro Zaconne; na musica as operetas de Offenbach, no theatro—os buffos, a baixa comedia, e o estafado anathema da riqueza e perdão da peccadora. N'esta orgia theatral não carece talento. Para cantar ao som de polkas e walsas, para representar figuras disparatadas e abstrusas, onde os sentimentos não se elevam acima da vulgaridade, basta actor mediocre. Lamartine, Chateaubriand, de Vigny morreram, Bellini e Rossini tambem morreram e outros sacerdotes da arte os precederam ou acompanharam na sepultura, ou o que tanto vale, emmudeceram. D'essa phalange do periodo da restauração da arte só resiste o poeta da humanidade, o exilado de Jersey—Victor Hugo, estatua colossal sobranceira ás vagas do occeano, erguido nos pincaros ennevoados de uma pequena ilha, qual novo Hercules a debellar a hydra moderna com sua clava potente e maravilhosa[1].

Esse movimento litterario não se propagou em nenhuma parte com tanta intensidade como na Athenas portu-

[1] Escrevia este trecho em 1869, antes da catastrophe e da miseria da França com a devastadora guerra franco-prussiana.

gueza, na cidade das sciencias e das lettras, na cidade habitada pela mocidade que vae de geração em geração de talentos sempre se renovando, e como que tornando a fabulada virtude da fonte de Juvencio uma realidade. Entregavam-se então os academicos de Coimbra com ardor ás lettras e enthusiasmavam-se com a leitura das obras dos grandes mestres, e estimulados pelo êxito dos *Dois renegados* do sr. conselheiro Mendes Leal foram produzindo *D. Sisnando, Almançor, Brazia Parda,* etc. Impellido pela torrente d'essas idéas e sob as impressões e o gôsto que imperava, procurou o nosso poeta pagar-lhe tambem seu tributo, e depois de crear *Patkull* mais conforme á sua indole e tendencias litterarias, poz-se como os demais confrades a rebuscar nas chronicas antigas factos bastante atrozes, e pela bitolada *Torre de Nesle,* da *Lucrecia Borgià* e do *Antony,* e d'ahi produziu a *Beatriz Cenci* que em materia de atrocidades não cede a palma a seus modelos, sobrelevando a muitos outros da mesma epocha no bem ordenado da urdidura, excellencia do estylo, pompa de imagens e n'algumas scenas commoventes e de muito lyrismo.

Foi ainda sob a impressão da dor que perturbou-me o espirito, sentindo até hoje a desgraçada morte do amigo, que procurei colligir tudo quanto havia de ineditos de Gonçalves Dias, vindo depois a doença arredar-me para tão longe de onde se imprimiam suas *Obras Posthumas.* Do contrário eu teria retirado da collecção esses dois dramas escriptos na primeira juventude do poeta, reduzindo tudo a cinco volumes; ou nas provas typographi-

cas do *Patkull* cotejal-o-hia pelo manuscripto original, expungindo os borrões e corrigindo as infidelidades do desastrado copista.

Pondo de parte esses senões alheios, de correcção facil, aprecia-se n'esse drama o bem concebido da situação e bem debuxado do desenho de *Patkull,* cuja acção passa-se no tempo de Carlos XII da Suecia, d'esse rei aventureiro, destemido e famoso guerreiro, que na violencia do character e no pleno despotismo que reinava na Europa, não conhecia peias á sua vontade e ambições, ficando perdidos aquelles que se lhe oppunham. *Patkull,* fidalgo e valente patriota, estremecia a Livonia, sua patria escravisada e que se estorcia sob a pressão da tyrannia. D'ahi, no proposito de vingar seu pae, que perecêra nos ferros de Carlos XII e libertar aquella terra, não perde ensejo de revoltar o povo e levantar bandos contra o usurpador.

Occupava-lhe tambem o generoso coração outro sentimento não menos nobre e forte: adorava Namry, cujo amor fôra abençoado pelo pae d'ella, na hora da morte, como galardão por lhe ter *Patkull* salvado a vida com risco da propria.

A nobre e formosa duqueza correspondia a esse amor mais por obediencia á determinação paterna do que por inclinação do ánimo, tendo-se antes affeiçoado a um mancebo pobre — Paikel, a quem amára aos primeiros rebates do coração.

Paikel, ainda que nobre, desviou-se do exercicio das armas para entregar-se de corpo e alma á alchimia, que

o pae de Namry reputava cousa desprezivel, e por isso o desestimava e negou-lhe a mão da filha.

Nem por isso deixava elle de amal-a, e para arredar Patkull de juncto d'ella e perdel-o sem regresso, vae despertar n'elle o patriotismo arrefecido pelo amor. Traz-lhe para isso uma mensagem, incita-lhe os brios e a vingança, e acaba a final por convencel-o a que acceite a embaixada.

Parte Patkull para seu fatal destino, sendo detido em caminho, prêzo em Casimir e condemnado! Paikel, livre de seu rival, persuade-se que fará reviver o antigo amor em Namry. Debalde! entre ambos estava Bertha, a creada da duqueza, e a quem elle havia enganado com promessas de casamento, roubando-lhe a innocencia para depois abandonal-a na miseria. Ralada de ciumes, consegue de Wolf, fiel pagem de Patkull, que vá communicar ao amo que Namry já o não ama, redobrando assim ao infeliz os tormentos da sua afflictiva e triste situação com os crudelissimos e peiores que todos os mais — os dos zelos! Sabida no entanto de Namry a prisão do amante, procura salval-o por todos os meios. Vale-se de Augusto, fraco e irresoluto, que só tem em mira conservar o ducado de Hanover, cedendo para isso ás mais vergonhosas condições que lhe impoz Carlos XII, até a de entregar-lhe Patkull, seu amigo, e que por seu respeito se sacrificára n'esta última aventura que ia ter por paradeiro o cadafalso. Exora-o Namry, lança-lhe em rosto a infamia de seu proceder; mas tudo vae quebrar-se d'encontro ao egoismo e á ambição d'aquelle!

Paikel, por sua vez, conhecendo já tarde frustrados seus intentos de seducção, apodera-se d'elle o remorso, e procura reparar seu crime. Disfarçado com os trajos de creado do carcereiro penetra a prisão, e ahi encontra Patkull desesperado e descrente dos homens, e preferindo breve morte ao abandono e esquecimento da amada. Persuade-o Paikel do contrário com tanta vehemencia, que por fim resolve-o a fugir aproveitando-se do seu disfarce; mas n'isto chega Bertha, que ignorando similhante traça e incitada pelo desejo de vingar-se do seductor, que na propria casa de Namry ainda a insultára de um modo atroz, denuncia-o como traidor e vem ella propria, acompanhada de soldados, executar sua prisão.

No quinto e último acto, que pecca pela brevidade, e parece apenas esboçado, o monologo de Patkull, que se lastima e duvida do amor de Namry, é bello e em nada inferior á scena em que o sacerdote exhorta-o á resignação e ao perdão, bem como aquella em que Namry dissuade-o de suas infundadas suspeitas. Termina o drama quando estavam os amantes entregues a esse descuidoso dialogar amoroso, que resumia para elles tudo quanto havia no mundo. É n'esse lance que veem os soldados arrancal-os do enlêvo em que estavam para conduzirem Patkull ao cadafalso! N'esse pavoroso e cruel despertar perde a duqueza os sentidos e cahe!

É pois interessante o entrecho, e a acção cheia de peripecias: na scena ha de resentir-se de frieza, principalmente a primeira scena do primeiro acto por demasiado longa. Ha outros deffeitos e irregularidades proprios de princi-

piante que ainda não está affeito a escrever, e nem tem experiencia dos effeitos scenicos; mas torna-se deleitavel sua leitura, porque ha em todo elle muito sentimento e poesia.

Beatriz Cenci, em cinco actos, e cuja acção passa-se em Rocca Petrela, entre Napoles e Roma, no anno de 1508, foi tambem escripto quando ainda cursava os bancos da Universidade; é um drama de fôrça, vasado nos moldes da eschola ultra-romantica quando em toda a plenitude da sua manifestação. Um fidalgo, cynico, corrupto e enfraseado nos mais refinados vicios da effeminada Italia do seculo XIV, educa no mais occulto do seu castello e afastada do contacto do mundo uma filha, innocente e formosa; e quando esta chega á nubilidade, tenta pervertel-a embriagando-a com as vertigens de sumptuosos bailes de mascaras, com musicas inebriantes e voluptuosas e lautos banquetes, a cujos festins só assistem cortezans e mancebos devassos, para com suas conversações livres e deshonestas delir do coração da filha todo o sentimento moral e assim poder mais facilmente lograr seus incesintentos tuosos.

A madrasta d'esta — Lucrecia Petroni —, por dó pela víctima de tanta perversidade, a inclina, como preservativo, ao amor puro e divinal, facilitando para isso os meios de ver e entender-se com Marcio, bello e encantador mancebo por quem D. Beatriz apaixona-se. Insistindo D. Francisco em consummar seu nefando e hediondo crime, é envenenado pela propria filha. D'ahi a pouco começa esse pae desnaturado a sentir os terriveis effeitos do

toxico; mas ainda hesita em acreditar em tal, quando lhe apparece D. Lucrecia e o confirma n'essa terrivel idéa, declarando-lhe que era n'isto parte para vingar-se das affrontas recebidas. Reune elle então as fôrças quasi a despedirem-se, reanima-se, cresce sobre ella e a apunhala! Termina o drama com a morte de ambos.

Tudo respira n'este drama o mais apurado romantismo, e não lhe faltam os predicados e preceitos da eschola descabellada: projecto incestuoso, orgia, envenenamento e parricidio! Disfarça, porém, todas essas exagerações a linguagem, a delicadeza e a paixão das scenas entre Beatriz e Marcio, o sentimento puro d'esse amor ideal, o estylo seductor e meigo, e o que ha de verdadeiramente dramatico e soberbo n'este trabalho.

Quando Almeida Garrett erguia barreira ás exagerações do theatro da regeneração litteraria, e empenhava-se por bem encaminhar a turba dos dramaturgos portuguezes exemplificando as suas doutrinas da arte com *Um auto de Gil Vicente, O alfageme de Santarem, D. Philippa de Vilhena,* e com *Frei Luiz de Sousa,* creação sublime e vigorosa, tambem escrevia Gonçalves Dias para a scena brasileira a sua *Leonor de Mendonça,* que é um verdadeiro protesto contra a eschola ultra-romantica.

Precede a esse drama publicado no *Archivo Theatral,* em 1847, e agora no quarto volume das suas *Obras Posthumas,* um prologo que por si vale um tractado da arte dramatica, e onde veem consubstanciadas suas idéas sobre a materia.

Ha ahi completa transformação em seu modo de pensar,

quanto á esthetica theatral. Estão passadas as exaltações da mocidade e é já um trabalho mais perfeito e reflectido. Não agradará á massa dos espectadores, áquelles que estão com o paladar embotado pelos excitantes de scenas de sangue, de punhaes, de venenos, de adulterio e incesto ou pela divinisação da hectaria e objurgatorias contra a riqueza e a aristocracia, mas para quem aprecia o que é do dominio da arte extreme de artificios, de ornatos postiços e de quanto ha inverosimil e grosseiro, para aquelles emfim que apreciam o theatro de De Vigny, de Ponsard, de George Sand, esses hão de achar muito merecimento na *Leonor de Mendonça*.

É elle em tres actos e cinco quadros. Passa-se a scena em Villa Viçosa, de Portugal, no anno de 1442, servindo-lhe de thema a morte do nobre Antonio Alcoforado e de D. Leonor de Mendonça, ordenada pelo suspeitoso marido d'esta, D. Jayme, character sombrio, nimiamente cioso e pouco communicativo, que casára, a contragosto e por obediencia ao rei, com D. Leonor de Mendonça, que era comtudo adorada em segrêdo pelo joven Antonio Alcoforado, filho do rigido e honrado ancião Affonso Pires Alcoforado, respeitado e querido de todos em Villa Viçosa, onde vivia com seus tres filhos, Manuel, Antonio, protogonista do drama, e Laura, pomba de innocencia e de candura, formosa sem senão, estremecida pelo pae e irmãos e dedicada a elles. O mancebo Alcoforado salvára a duqueza quando elle em uma caçada estava a ponto de ser victima de um javali. Tamanho acto de bravura, com o sacrificio da propria vida, merecêra

dos duques a recompensa de uma patente para o exercito de Africa; mas quiz Alcoforado despedir-se da duqueza, e agradecer-lhe o favor,an tes que se partisse. Teve n'essa entrevista a imprudencia de declarar-lhe a paixão que ha muito o devorava. Sabedor o duque d'este colloquio, e desatinado pelo ciume, nada inquire, nem reflecte, e vinga-se do innocente e generoso mancebo, que é justiçado. Isto entrevê-se, mas não é o palco manchado de sangue, nem se ouvem gritos estridentes, menos o extertor da morte. Ha muita belleza de pensamentos, muita verdade, e as scenas correm naturaes e logicamente encadeadas.

Segue-se a este o seu — *Boabdil*, última creação dramatica do poeta. É apparatoso, de muita acção e movimento, e deve produzir em scena magnífico effeito.

Boabdil, último rei de Granada, ama a Zorayma com a loucura, com o ardor e concentração proprios dos arabes, porém esta amára antes a Ibrahim (Aben-Hamet), nobre e generoso abencerrage, com o arrebatamento e o desvario de uma primeira paixão; cedeu porém á ambição e instancias do pae, e foi povoar o serralho de *Boabdil*. Aixa, mãe do rei, e que empregára artificios sem número e fizera extremos e sacrificios inauditos para o elevar ao throno, via com mágua a sua obra de tanta astucia, fadiga e perigos, destruida por esse amor que enervava e fascinava o filho, tornando-o descuidoso da gerencia do govêrno e esquecido da deffeza do reino, da religião e do mister da guerra. Granada, entregue ao ocio e aos prazeres, folgava emquanto Fernando e Izabel, os

reis catholicos de Hespanha, levavam de vencida os mouros expellindo-os do territorio hespanhol, e ameaçavam já apoderar-se do throno de Boabdil. A religião, o amor materno e a ambição atormentavam Aixa, e a instigaram a usar de traças que imaginára como efficazes para delir ou amortecer essa paixão, que fazia com que o filho se esquecesse de seus deveres e de tão caros e sagrados interêsses. Pareceu-lhe que, inspirando-lhe o ciume, arrefeceria o amor que o trazia embellecado, e assim lograria se voltasse para os negocios do estado. Veiu o acaso favorecer-lhe os projectos. Um de seus espias achára um ramilhete, mensageiro de entrevista pedida a Zorayma por Aben-Hamet. Entrega essa prova de infidelidade ao filho, que com as idéas transtornadas pelos zêlos, ordena immediatamente aos soldados que cerquem os jardins da Alhambra e degolem todos os abencerrages sem excepção de um só. No momento em que os hespanhoes accommettem a cidade e se ouvem os sons dos clarins inimigos, occupam-se as tropas de Boabdil em immolar no pateo dos Leões a flor, o melhor d'ellas, os valorosos abencerrages!

D'esta brevissima resenha deprehendem-se as interessantes e animadas scenas que offerece este drama, em que concorrem tão excellentes qualidades — o assumpto, o scenario e o contraste e violencia das paixões, realçadas por um estylo opulento, ameno, correcto e elegante como tudo quanto é escriptó por Gonçalves Dias, e do qual diz Sotero no *Curso de litteratura:* «É um bello drama historico de enrêdo intrincado, no gôsto moderno,

com situações verdadeiramente dramaticas, todas nascidas de assumptos e de characteres mui bem sustentados, com especialidade os de *Boabdil*, de *Zorayma* e de *Aixa*, que são soberbos e honram o pincel do poeta.....

« A prosa em que se acha escripto é mui expressiva e deleitosa, e se o poeta a reduzisse a bellos versos como os sabia fazer, gosaria este drama de todos os fóros de uma tragedia de primeira ordem (*Obr. cit.*, tomo v, pag. 4.)

Por minha parte estou persuadido que quando haja de ir á scena, será muito festejada e tida como uma das melhores peças do repertorio brasileiro, pois que a julgo destinada a uma vida longa, e quando não fosse por al, pela 2.ª scena do 2.º acto em que se encontram os antigos amantes, Zorayma e Ibrahim, ella já sultana e elle simples cavalleiro, occulto no pseudonymo de Aben-Hamet.

Que dialogo dulcissimo e castamente apaixonado é esse! D'egual fôrça é a scena 3.ª do 3.º acto: são os mesmos transportes amorosos, o mesmo dialogo delicadamente cinzelado. Não inferior a esta é a 5.ª scena do 4.º acto, mas a todos estes trechos sobreleva a 9.ª scena do 5.º e último acto entre Boabdil, offendido e cheio de zelos, Aben-Hamet e Zorayma, culpados e sabendo-se condemnados á morte. Tudo isto é surprehendente e de maravilhoso effeito; mas em todo o drama destaca-se a figura apaixonada de Boabdil, laconico e energico, recalcando no fundo do peito a furia de suas paixões, tal como incendio sopitado, que não mostra seus estragos na violencia das labaredas, senão no intensissimo calor: elle pouco

falla, não se arrepella, nem estruge a scena com imprecações, mas obra e inopinado assalta e fere suas victimas. Muito ha, pois, que admirar n'este drama — a pompa e a gravidade da linguagem, o vigor dos sentimentos, e o lyrismo que se ostentam n'elle. Concluirei esta rapida analyse dos dramas do poeta com a opinião do sr. dr. J. M. de Macedo, que com ser um dos nossos mais celebrados dramaturgos, é juiz idoneo e mui authorisado.

«Nos dramas que compoz Gonçalves Dias, diz elle no seu discurso commemorativo[1], não se alistou como cego partidario nas phalanges onde fulge a estrella magestosa de Victor Hugo, marcando muitas vezes a fôrça, a independencia de um verdadeiro genio em rasgos audazes de originalidade sublime, em felizes e inspirados lances, dignos da altiveza de Shakspeare. De seus quatro dramas, *Beatriz Cenci* affigura-se-me a joia mais preciosa de sua corôa de dramaturgo.» (*Rev. Trim. do Inst. Hist.*, tom. XXVII, pag. 438.)

De volta de sua excursão ao norte do Brasil como membro da Expedição Scientifica, projectára publicar uma collecção de versões de poesias dos melhores authores estrangeiros sob o titulo de *Echos de alem-mar*, constando de versões proprias e tambem das de outros litteratos brasileiros. Para dar mais realce e valor a esse trabalho e tornal-o estudo e lição proveitosos, pretendia precedel-o de uma introducção, onde esboçaria e daria seu parecer sobre as litteraturas europeas, o que lhe

[1] Vej. na sua integra na nota H do *Appendice*.

sería de facil execução por ser mui lido n'ellas não só nos trabalhos mais conhecidos dos litteratos meridionaes e da Europa central, senão dos *russos, hollandezes, suecos e dinamarquezes,* conhecidos do poeta nos originaes; porque lhe não eram vulgares só as linguas alleman ingleza, como as que se assemelham a estas.

Principiada a impressão do primeiro tomo, que tinha por titulo — *Peregrinas* —, teve de dar de mão á empreza, forçado da enfermidade, que o obrigou a saír precipitadamente do Rio de Janeiro, e depois buscar o clima da Europa, onde nunca pôde infelizmente recuperar a saude!

As versões feitas por Gonçalves Dias publiquei-as no segundo volume de suas *Obras Posthumas* e posto não terem sido limadas pelo author, não são menos admiraveis pela correcção da phrase, energia do estylo e fidelidade; porque ninguem melhor do que elle, grande conhecedor de ambas as linguas, alleman e portugueza, podia vencer asd ifficuldades do original de Schiller, e sobretudo de uma lingua já de si escabrosa, e que vae sempre em progressivo adiantamento, ao passo que o portuguez ficou estacionario.

O visconde de Almeida Garrett, que n'esta materia lia de cadeira, alludindo na pag. 31 do vol. 2.° de suas inimitaveis *Viagens na minha terra* ás difficuldades de verter o allemão para o portuguez, diz: «Quem póde traduzir taes versos, quem de uma lingua (a alleman) tão vasta e livre póde passal-os para os nossos apertados e severos dialectos romanos?»

Ganhou porém o nosso poeta tão porfiado e perigoso pleito, hombreando na sua traducção com o original de Schiller. Nas outras traducções, nas de Henrique Heine, nas de Victor Hugo, de Herder, etc., teve êxito não menos feliz, conservando a belleza e fórma dos authores de onde traduziu, como se poderá melbor verificar, collacionando os originaes com essas versões que desmentem o rifão italiano — *traductore, traditore.* Conhecia d'elle tambem a traducção do *Raposo,* poema de Goethe; mas que não foi encontrada entre seus livros, seguindo naturalmente no naufragio a sorte dos outros manuscriptos.

Quanto escreveu em prosa e pude colligir acha-se no terceiro e sexto tomo de suas *Obras Posthumas,* sendo extractadas parte d'ellas da *Revista Trimensal do Instituto Historico* do Brasil. Nenhum dos socios effectivos d'esta illustre corporação foi-lhe tambem mais dedicado e trabalhou para ella com mais afinco, reunindo a tamanha sollicitude tanta intelligencia e tão apurada e solida erudição. N'essas memórias, em relatorios, em pareceres, em discussões, sempre houve-se na mesma conformidade, e todos esses trabalhos brilham pela clareza e sobriedade da phrase, patenteando seu author vastissima erudição, quando o assumpto o exigia, e só com o fito de esclarecer as dúvidas e reforçar suas opiniões, que não por essa ostentação pedantesca, verdadeira sciencia de livreiro, como acontece aos que armam a illudir o vulgacho litterario, porém substancioso producto de aturado e proveitoso estudo, de muito meditar sobre chronicas antigas e obras raras alliado a bastante tino obser-

vador e fina critica. Esses trabalhos denunciavam o futuro historiador, que seria um dia egual ao grande lyrico que já era.

Na analyse que fez (vej. tom. III das *Obras Posthumas)* á memória do nosso confrade, o sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, demonstrando o poeta a todas as luzes que a descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral foi devida ao acaso, refuta completamente a opinião do distincto consocio, e revela extensos conhecimentos, fôrça de raciocinio e leitura detida e muito superior á sua edade, dando a conhecer que suas horas de recolhimento no gabinete não eram disperdiçadas com frivolas leituras, senão aproveitadas em armazenar preciosos cabedaes. Outro trabalho de não menor merecimento é a introducção aos *Annaes historicos do Maranhão* (2.ª edição) por B. P. de Berredo.

N'outra memória:—*Se no Brasil houve Amazonas,* contesta elle que houvessem existido tanto alli, como na Scythia, fundando-se para isso em valiosos documentos historicos, e levando ainda aos espiritos mais imbuidos d'essa fabula o convencimento de que não passa similhante nação de guerreiras de mera ficção.

No fragmento das *Memórias de Agapito* delata dotes de romancista bem sorteado, e é para lamentar que não houvesse trilhado essa carreira apenas tentada, ou que não désse pelo menos nova fórma a esse escripto, tirando-lhe toda a apparencia de memórias intimas de seus annos juvenis, para offerecel-o ás provas públicas em vez de lançal-o ás chammas como o fez. Constavam ellas

de tres volumes, e dado que respeitassem factos particulares, tinha capitulos deliciosos, arrebatadores e commoventes pelo seu extraordinario interêsse dramatico e que não descerravam o veu do mysterio, principalmente na parte relativa aos amores de uma miss tão apaixonada e poeticamente escripta.

No referido terceiro volume de suas *Obras Posthumas* vem tambem incluido o trecho que tem por titulo *um anjo,* especimen dos seus folhetins do *Correio Mercantil,* onde havia muito chiste, muito primor de estylo, muita novidade.

Maravilhado pelas grandezas do Amazonas, intentou dirigir-me uma serie de cartas (1861), das quaes só recebi a primeira, que inseri no alludido volume, e onde deixa entrever de quanto merecimento seriam ellas; mas, ou porque me não chegassem ás mãos, escriptas de tão remotas paragens e sendo irregulares os nossos correios, ou que lh'o impedissem escrevel-as suas viagens tão penosas por esse rio-mar e seus confluentes, o que sei é que ficou em principio esse trabalho, que tanto promettia de si.

De todos os seus escriptos sobre história patria e ethnographia, é sem contestação o de maior tomo e superior merito a memória — *O Brasil e a Occeania.* (Vej. VI volume das *Obras Posthumas),* quer se attenda á concepção e ao assumpto, quer ao material e essencia d'ella; pois é trabalho extenso, muito pensado e aprofundado. Occupa-se dos indigenas do Brasil, descreve-lhes os costumes, characteres physicos, moraes e intellectuaes,

religião, emigração, degeneração, etc., e confronta-os depois aos da Occeania, pondo em parallelo as raças, linguagem, ritos, costumes e indoles. Por esta brevissima synthese do seu conteúdo avalia-se o estudo aturado e copioso que devia de ter feito o author para ter podido produzir obra, que nada deixa a desejar sobre tão difficil, variada e vasta materia.

Por ella se vê que a biologia, a ethnographia e a linguistica foram bem meditadas pelo poeta, e que elle compulsou tudo quanto de melhor tem produzido o engenho humano sobre a complexa e extensa sciencia anthropologica. Não se pagou só do que ha escripto em portuguez e francez sobre indigenas e raças, mas poz tambem em contribuição muitas obras allemans, inglezas, italianas, hespanholas e latinas. Ahi ventila e resolve com summa penetração os mais arduos e obscuros pontos, como os mais aridos e indecifraveis. Tudo sujeitou á mais paciente desquisição, esclarecido pela intensa luz de sua prespicaz e prompta intelligencia, e não encontrou dúvida que não delucidasse, encarando as questões por todas as faces, ameudeando e esmeunçando os factos, procurando os fios aos labyrinthos e destrançando-os por mais emmaranhados. É portanto essa memória um monumento d'erudição, de estudo, de crítica illustrada, despreoccupada e sensata, de saber, e por isso mesmo uma das mais brilhantes joias com que enriqueceu-se a nossa *Revista Trimensal.*

Occupando-se Francisco Sotero dos Reis d'esta memória na lição LXXXIV do seu *Curso de Litteratura* (tomo V, pag. 41), diz: «Este singular engenho, *o maior sem*

contradicção que produziu o Brasil em nossos dias, não se limitou unicamente a ser o primeiro de nossos poetas em mais de um genero, mereceu tambem lugar distincto entre nossos prosadores, reunindo assim duas qualidades que nem sempre andám a par uma da outra, porque os grandes poetas não são de ordinario grandes prosadores. Não admira, porém, que Gonçalves Dias se exprimisse tão bem na linguagem das musas como na dos homens; porquanto sobre haver sido privilegiado pela natureza com aquillo que se chama genio, tinha feito aturado e especial estudo da lingua portugueza, como o attestam as suas inimitaveis *Sextilhas de fr. Antão*».

«A obra, pois, tem a nossos olhos (pag. 43 do *Curso*) o dobrado merito de resumir com escolha e criterio tudo quanto se tem escripto a tal respeito (dos indigenas) e de conter, com especialidade na primeira parte, as mais judiciosas observações filhas da experiencia e estudo especial do auctor feito sobre os proprios lugares em que se deram e dão os factos que menciona.»

«*O Brasil e a Oceania,* repette adeante, é uma obra no genero historico, didactico e philosophico, que nada deixa sem solução e desempenho, nem na maneira por que o author encarou a questão e a elucidou, nem na linguagem em que é escripta, que é portuguez castiço e de lei, *contra o que se observa em algumas de nossas obras modernas, aliás não destituidas de merito.*» (*Obr. e vol. cit.*, pag. 44.)

É a *Meditação* um dos melhores boccados de prosa do vate maranhense. A não ser a *Voz do Propheta* e alguns capitulos do *Eurico* do sr. Alexandre Herculano, e um

trecho de Almeida Garrett, não conheço na lingua portugueza cousa que em estylo biblico, n'essa prosa poetica, se lhe possa emparelhar, ou que se lhe assemelhe na elevação do pensamento, no tom da linguagem, na amenidade do estylo. É um poema em prosa, um canto singelo e plangente erguido a favor da emancipação da escravatura, da extincção d'esta lepra que corrompe a sociedade brasileira, envenenando-lhe a seiva da vida e empanando-lhe o brilho. Em bem que esse mal herdado por nossos descobridores, e que nos aguarenta, nos amollece, corrompe-nos o moral, e faz-nos estremecer no caminho do progresso, chegou a seu termo! D'aqui a annos terá desapparecido da face do Brasil esse negrume de ignominia, esse crime transmittido á nossa geração pelos conquistadores e primeiros colonos europeus! Esse escripto de Gonçalves Dias foi pelo tempo que appareceu um acto de coragem, e uma das vozes precursoras da sanctissima e charidosa lei de 28 de setembro de 1871.

Ao ler essas páginas inspiradas e repassadas de tanto sentimento humanitario sente-se que ha n'ellas verdade e o pungir de uma alma sensivel e toda bondade. E assim devia de ser, porque escriptas em um dos mais attribulados lances da vida do poeta, quando ferido em Caxias, na propria terra de seu nascimento, pela inveja e pela calúmnia ao transpor da juventude dada aos impulsos de generosidade e á fé ainda pura, sem práctica do mundo, para a meticulosa e apoucada realidade do viver regrado da gente séria foi esse um despertar terrivel e angustioso. Os desenganos da vida abalaram-n'o de chofre, e esse positi-

vismo chato e pequenino o opprimiu, e fez soarem fortes as cordas generosas de seu coração de mancebo. Atormentado e contrariado nos seus mais prezados sentimentos, buscou, como meio de espalhar suas maguas, traçar essa *Meditação*, e assim começou a escrevel-a em 1845.

Ha n'ella tantos periodos tocantes e verdadeiros, tanta poesia, que escolhel-os e assignalal-os tanto valia como reproduzir toda a obra. Imaginação brilhante, enthusiasmo sincero e ardente, e profunda fé no futuro, patriotismo entranhado e sem cálculo — tudo isto e muito mais descobre-se na *Meditação*.

Eis rapidamente enumeradas e ligeiramente analysadas as locubrações litterarias de Antonio Gonçalves Dias, que chegaram até nós, escapas da catastrophe em que com a sua vida perdemos suas obras ineditas, que me consta estarem retidas em Alcantara, taes como a *Historia dos Jesuitas no Brasil*, os demais cantos dos *Tymbiras*, a cópia da *Noiva de Messina*, os materiaes para a 2.ª edição do seu *Diccionario da lingua geral ou tupy*, e algumas poesias lyricas.

Para quem teve os dias tão cheios e occupados por trabalhos extranhos á litteratura, porém inherentes aos diversos cargos que occupou, e ora distrahidos por desgostos e infortunios que tão cruelmente o perseguiram e insitiaram, fez muito, e é digna da maior admiração tão prodigiosa fecundidade e erudição tanta e em tão breves annos!

No vigor da vida intellectual, quando o homem estudioso já tem colhido e guarda na memória optimos pro-

ductos, quando as cans vão-lhe amarellecendo os fructos do estudo, da meditação e da experiencia, quando tambem ha mais desejo e empenho d'escrever tornando-se o homem avaro do seu tempo, eil-o arrebatado aos amigos e á glória, sem que ao menos seus restos fossem rejeitados á praia, como elle pedíra em seus *Primeiros cantos*[1], para que lhe *orvalhassem a humilde sepultura*[2], verificando-se desgraçadamente o fatidico vaticinio do *Meu sepulchro*[3]:

Ninguem virá com titubantes passos,
E os olhos lacrimosos, procurando
O meu jazigo.....

Já que lhe não podem visitar a sepultura os admiradores de seu genio, compette-lhe incontestavelmente um dos primeiros lugares entre as glórias da patria, no nosso Pantheon, não só como sabio litterato e insigne poeta, mas tambem como cidadão prestante e homem honrado e honesto. Se o nome de patriota não pertence, como direito exclusivo, a quem deffende o territorio e brios nacionaes, com a espada, no campo da peleja, e com a penna e a palavra, como politico e estadista, senão tambem a quem com suas vigilias, talento, idéas e escriptos contribue para o seu progresso, civilisação e prosperidade, ou para o luzimento das lettras e sciencias, elle o merece por egual aos mais reputados; poisque excellente patriota

[1] Vej. *Adeus a meus amigos do Maranhão, Poesias* (5.ª ediç.), tomo I, pag. 169.

[2] Vej. *Meu sepulchro*, idem, tomo II, pag. 163.

[3] Vej. idem, ib.

foi elle, explendendo na nossa constellação litteraria, e cumprindo fiel e religiosamente seus deveres nos encargos que exerceu e em que deu sempre preclaras provas de abnegação, honradez, intelligencia e lealdade. Por tudo isso devemos reconhecer em Gonçalves Dias e honrar n'elle o grande cidadão que estremecia o Brasil e acatava suas instituições com o amor egual ao que dedicava á amizade, com todos os castos e nobilissimos affectos que ornavam e vicejavam em sua grande alma.

A influencia que exerceu o poeta na nossa litteratura foi efficacissima e salutar, emancipando-a de vez e dando-lhe uma physionomia inteiramente nacional e originalissima.

É este asserto o echo do consenso geral que assim confirma Sempronio nas suas *Cartas:* «Foi infatigavel e verdadeiro propagador d'essa eschola, que cultivou como o sacerdote mais estrenuo, authorisado e feliz» (*obr. cit.* pag. 166); e o sr. dr. Joaquim M. de Macedo: «Desde 1846 que foi elle a columna de fogo que indicou o caminho da terra da promissão da poesia á nossa mocidade cultivadora das lettras. Suas *Poesias americanas* fundaram, como as *Brasilianas* de Porto-Alegre, uma estrada, cujo character é todo nacional». *(Disc. cit.)*

Se no curso das idéas, nas imagens, na esthetica finalmente, deu-lhe um cunho especial, na plastica não fez menor serviço á arte, dedilhando na lyra todos os metros, desde o descarnado dissyllabo até o verso de arte maior, e isto com segurança notavel, com harmonia e aquella melodia, tão peculiares a elle, e que lhe aformo-

seam e fazem ainda mais realçar seus correctos e elegantes versos.

Separou-nos da Europa e da Arcadia descobrindo, novo Colombo, ignorados e amplos horisontes, devassando as bellezas de nossas florestas, das tradições e das vidas dos nossos indigenas primitivos, os encantos dos nossos rios, dos nossos lagos e do nosso céu, e tudo quanto em summa orna, agalana e emmoldura a natureza brasileira.

Tinha individualidade propria: nem o lyrismo pallido e gemedor de Lamartine, as exaltações de Victor Hugo ou a ironia d'Alfredo de Musset notam-se em seus maviosos e immortaes *Cantos;* mas o amor, a patria, a amizade e as nobres virtudes do coração eram os tons que feria em sua lyra, tão vária nas modulações e no rythmo, como lhe pediam as idéas e sentimentos que exprimia.

Dotado de muita probidade litteraria, não abusava tampouco de seu talento para obter com elle accrescentamentos de fortuna e de glória: antes modesto e simples por condição e vontade, apresenta n'isso um exemplo onde o devamos estudar e cumpre o imitem os nossos bons engenhos.

Serviços não menos relevantes, e cujos effeitos hão de mais tarde sentir-se estão consignados nos diversos relatorios das commissões de que foi encarregado. Devoto cultor da boa e verdadeira linguagem portugueza, sem ser affectado e turgido, empregando vocabulos obsoletos e empolados, com estylo arrevezado, mesclado de gallicismos, neologismos e outras deformidades, como se notam com pezar em alguns de nossos escriptores, era cas-

tiço no torneio das phrases, na propriedade e pureza dos termos, na fluencia e suavidade do estylo. Quereis apreciar estes predicados, estudae-os nos seus escriptos em prosa, nos *Cantos*, no seu poema, na versão da *Noiva de Messina*. Não adorava por isso a fórma com sacrificio das idéas, antes servia-se d'aquella para tornar mais claras, mais expressivas, mais bem acceites estas.

Com aquella perspicuidade notavel, com o bom senso e bom gôsto innatos n'elle, aliás aperfeiçoados pelo profundo conhecimento do latim e pelo indefeso meditar sobre os bons exemplares classicos, avigorados pelo estudo de quasi todas os litteraturas antigas e modernas, formou o precioso thesouro, que apreciavamos n'elle e que fel-o manter-se n'esse justo meio entre os que desprezam a fórma pelas idéas, e os que, fazendo d'ella culto, empolam a phrase, deixando-a ôca se bem que sonóra, ou modelam seu dizer pelo de quinhentos, entendendo que a lingua não deve progredir com a humanidade, antes é a photographia do passado.

Não ha pois negal-o que recebeu a arte, no Brasil, grande e poderoso impulso do poeta dos *Cantos*, e ha de o seu nome ser conhecido e estimado de nacionaes e estranhos agora e emquanto for sabida a lingua portugueza, por ter todas as condições de vitalidade e de sobrevivencia na prosteridade como já o testificam as muitas edições de seus poemas [1], mui conhecidos e bem avaliados na

[1] A última que d'elles conheço e que contém todos os seus versos impressos em sua vida, é feita em 1870, e pertence á acreditada casa do Rio de Janeiro de M. Garnier.

America como na Europa. Outros documentos, não menos incontestes e eloquentes, dos admiraveis meritos de Gonçalves Dias são o louvor universal com que tem sido acolhidas suas producções pelos cultores das lettras de todos os paizes, o sentimento de dôr que manifestaram por sua morte, e o monumento que nove annos depois de tão desgraçado successo ergueram seus admiradores em uma das mais formosas e pittorescas praças da cidade de San'Luiz do Maranhão[1]. Já que a terra da patria não deu abrigada a seus restos mortaes que erram insepultos, balouçados pelas vagas do occeano, ao menos veiu a posteridade em breve prazo pagar ao sublime poeta a divida de gratidão que haviam contrahido para com elle os contemporaneos agradecidos, e render preito de justa homenagem a tão portentoso engenho. Disse Soares de Passos de Camões (*Poesias*, 2.ª ediç., pag. 2) estas palavras que teem toda a applicação ao nosso poeta:

Foste grande na dôr como na lyra.
Quem soube mais soffrer, quem soffreu tanto?
Ave canóra em solidão gemendo,
Tiveste o genio por algoz ferido.....

Concluirei, finalmente, com o *non omnis moriar* de Horacio, que cabe a Gonçalves Dias pelo voto de todos quantos tenham lido e comprehendam seus inspirados *Cantos*.

[1] Veja-se no *Appendice* as notas J e O, onde reuno — na primeira, alguns artigos forasteiros sobre as obras de Gonçalves Dias, e resumo n'esta a descripção do monumento á sua memória, e as solemnidades do assentamento da primeira pedra d'elle e inauguração da estatua, indo aqui a gravura representando esse modestissimo tributo.

Monumento á memoria de Antonio Gonçalves Dias

APPENDICE

Nota A

... pediu por carta a mão d'aquella joven.—pag. 101.

I.—C. de pedido em casamento á mãe de D...

Estou por momentos á espera do vapor em que hei de partir para o Ceará: por este motivo, e porque a minha demora já tem sido bastante longa, não posso ir á Alcantara pedir as suas ordens nem para fallar-lhe de um negocio, que me interessa, e sobre o qual me permittirá de a occupar por alguns momentos. Parecer-lhe-hei importuno e impertinente; por isso tambem para escrever-lhe esta preciso de recordar-me da bondade summa com que me tem sempre tractado.

Para lhe fallar sem rodeios, a que estou pouco acostumado, eis o de que se tracta: peço-lhe D. ... em casamento. Fazendo-lhe similhante pedido, quero e é do meu dever ser franco. Não tenho nem a ambição de figurar na politica de meu paiz, nem o amor de fazer fortuna, e quando se désse o contrario faltar-me-hia ainda a habilidade, o geito para alcançar ambas ou qualquer d'essas cousas. Assim, parece-me que nem chegarei a ter mais do que hoje tenho, sendo difficil que venha a ter menos, nem valerei mais do que hoje valho, que é bem pouco. Não desconheço que outros, e de certo melhores partidos se offerecerão para sua filha: a unica compensação, que lhe posso offerecer, mas que não sei se a julgará sufficiente — é que me parece ter conhecido quanto ella por suas qualidades se recommenda, e querer lisongear-me de que a tractaria quanto melhor podesse, se bem que não quanto ella merece. Rogo-lhe pois que não veja n'este meu pedido atrevimento da minha parte, porém o

desejo grande que tenho de me ver ligado com uma familia a quem por tantos motivos respeito e sou obrigado e a uma pessoa, a quem desejaria ter por companheira.

Sendo affirmativa a sua resposta voltarei do Rio, tendo assegurado d'alguma fórma um futuro, e o farei o mais breve que poder para aceitar o seu favor e beijar-lhe as mãos.

No caso contrario posso affirmar-lhe que, acostumado de ha muito a soffrer revezes na vida, não será este dos menores. Procurarei persuadir-me que algum motivo mais forte que a sua natural bondade terá obstado ao seu consentimento, e consolar-me-hei com a lembrança de que me esforcei por alcançar a mão de sua filha, se não fui digno de a merecer.

Creia, etc. A. Gonçalves Dias.

II—Outra sobre o mesmo assumpto ao irmão de D...

Pedi D. ... a tua mãe; mas antes de tudo convém dar-te uma explicação. Não te quero envolver n'este negocio, porque sei que é de si melindroso: não te queria fallar d'elle senão quando estivesse concluido ou desfeito. Então era um dever, um dever de amisade para comtigo, um dever de cortezia para com o irmão d'aquella a quem pretendo. Não queria ter de me queixar de ti, o que é de uma eventualidade tão remota, que apenas é possivel, nem tambem que agradecer-te para que no futuro nem ella, nem pessoa alguma da tua familia podesse queixar-se de ti.

Sou fatalista no que diz respeito á minha vida, e resolveu-se-me sempre a fatalidade em fazer por fim o que não quizera; por isso te escrevo, pedindo-te ao mesmo tempo que não tomes n'este negocio senão a parte que tomarias sem que antecedesse pedido algum meu, ou como se te fosse eu inteiramente indifferente.

Sabes que não tenho fortuna, e que longe de ser nobre de sangue azul, nem ao menos sou filho legitimo; fallo-te assim, porque ainda quando eu por natureza houvesse sido e fosse um homem dobre, é esta uma das occasiões em que a honra, o pundonor, a propria dignidade requerião toda a franqueza da minha parte. Não tenho fortuna, e segundo todas as probabilidades não a terei nunca; porque para isso, como para mil outras cousas, não tenho nem geito, nem paciencia, nem cabeça. Não tenho ambição de posições vanta-

josas, talvez mesmo não tivesse possibilidade para as obter; mas quando as tivesse, não imagino que possa haver interesse nem meu nem de familia minha, que me extraviem do trilho, a que eu talvez erradamente, chamo o meu — destino. É possivel que mude de pensar, porém tractamos da actualidade.

Assim, pois, o que te proponho será, se o quizeres, não um casamento, mas um sacrificio. A que se quizer ligar com a minha sorte, terá de se contentar com o que sou, que é bem pouco, com o que valho, que é pouco menos, com o que posso vir a ser ou a valer, que ainda menos póde ser do que isso, ou póde vir a ser mais do que me é dado imaginar.

É preciso que ella se aventure: terá uma vida de rosas ou de espinhos — viverá para o mundo ou para o soffrimento. A incerteza poderá ser um incentivo para que ella o aceite, um motivo para que tua familia o rejeite, eu por franqueza o digo.

Estas e outras reflexões tu as farás comtigo, tu as dirás, se o quizeres. O que te posso asseverar é que em falta de abundancia, de luxo ou de riqueza, que lhe não posso dar, terá tua irmã um coração que a ama, e um homem que a estima, e que a estima tanto que a pede com a quasi certeza de que vae soffrer uma repulsa.

O que espero, meu caro, é que tua mãe me responda brevemente, o que te peço, é que mostres esta carta a D. ..., no caso de que tua mãe se resolva affirmativamente para que ella saiba que não a enganei, e do nenhum partido que vae fazer em entregar-me todo o seu futuro. Sendo negativa, sentirei e muito, não por orgulho offendido, senão porque ella o desejava devéras. Não me queixarei nem terei motivos para isso. Conheço que sem má vontade, e só por estas rasões poderia qualquer pessoa aceitar ou rejeitar sem vexame a minha proposta, e ainda sem desar para mim. Bem pódes crer, não haverá forças que me fação esquecer que sou teu amigo, do ... e da familia de ambos.

Farei votos pela felicidade de todos, e para que em outra parte e com outra pessoa possa tua irmã achar a ventura que lhe desejo e de que é merecedora por todos os titulos.

Crê-me

Teu do C.

A. Gonçalves Dias.

Nota B

... prestadas as contas dos dinheiros recebidos na Europa para a compra do que era preciso para a commissão...—pag. 119

(Provisão de quitação)

Francisco de Salles Torres Homem, do conselho de Sua Magestade o Imperador, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, Presidente do Thesouro Nacional, etc. Faço saber aos que esta provisão de quitação de contas virem que na primeira contadoria do Thesouro Nacional foram examinadas e liquidadas, na fórma das instrucções de 26 de abril de 1832, as contas que prestou o dr. Antonio Gonçalves Dias relativas ás quantias que lhe foram adiantadas na Europa no espaço decorrido de maio de 1857 a junho de 1858 para compra de livros, instrumentos e mais objectos destinados aos trabalhos da commissão de engenheiros e naturalistas, creada pelo artigo 17 da lei n.º 874 de 1 de outubro de 1856, e reconheceu-se ter o mesmo doutor recebido da Legação Imperial em Londres no referido praso duas mil e quinhentas libras esterlinas e ter despendido duzentas por conta da ajuda de custo que tem como membro da dita commissão, e foram encontradas no pagamento que se lhe mandou abonar pelo aviso do ministerio do Imperio, de 28 de setembro findo, e as duas mil e trezentas restantes na compra dos objectos acima mencionados, perfazendo ao todo as duas mil e quinhentas libras esterlinas. E porque de conformidade com o aviso do ministerio do Imperio de 26 de novembro e o *cumpra-se* de 30 do mesmo mez foram assim as suas contas *justas e saldadas, dou* o dr. Antonio Gonçalves Dias *por quite, livre e desobrigado da responsabilidade* pelos adiantamentos que lhe foram feitos na Europa, na importancia de duas mil e quinhentas libras esterlinas no periodo decorrido de maio de 1857 a junho de 1858, considerando-o porém com direito a ser pago, quando assim o resolva e determine o Ministerio do Imperio, não só de setecentos e oitenta e tres francos e trinta e sete centimos que despendeu alem das duas mil e quinhentas libras esterlinas, como tambem dos dezesete thalers e vinte e seis kreutzers que Luhme & C.ª deixaram por engano de consignar em sua conta, fazendo-se então o encontro da

importancia de dez libras esterlinas, um soldo e cinco dinheiros de mais paga a Leite & Irmão, de Londres, que convirá averbar-se n'esta quitação; e devendo o mesmo entender-se a respeito dos seus herdeiros e successores, que por este facto estão igualmente quites e desobrigados de toda a responsabilidade e com direito a igual indemnisação. Para constar passou-se a presente provisão de quitação, que vae escripta e assignada na fórma da lei.—*João Affonso de Carvalho,* segundo escripturario do thesouro nacional, a fez n'esta côrte e cidade do Rio de Janeiro aos 14 de dezembro de 1858. E eu *Antonio José de Bem,* director geral interino da contabilidade do mesmo thesouro, a subscrevi.

FRANCISCO DE SALLES TORRES HOMEM.

Por despacho do Thesouro Nacional de 30 de novembro de 1858.

O director

Antonio Henriques de Miranda Rego.

Fica registrado a fl. 168 do livro respectivo.

O 4.º escripturario

Pedro Pio de Almeida Gralha.

N. B. Foi indemnisado a 22 de janeiro de 1859 da quantia de 200$267 réis, saldo do ajuste de contas.

Nota C

... foi de certo devorado pelos tubarões que abundam nas costas e bahias do Maranhão—pag. 170 e 172

Interrogatorio e depoimento da tripulação do brigue francez «Ville de Boulogne» ácerca do naufragio d'este e da morte do poeta A. Gonçalves Dias

PRIMEIRO

Termo de averiguações

Aos 10 de novembro de mil e oitocentos e sessenta e quatro, n'esta cidade do Maranhão, em a secretaria de policia, onde estava o chefe de policia interino dr. Sebastião José da Silva Braga, ahi

era presente Pierre Gaignaux, immediato do navio *Ville de Boulogne*, assistido do encarregado do vice-consulado francez Alfredo Bandeira Hall, o qual foi interrogado do modo seguinte[1]: Perguntado de que maneira teve logar o naufragio d'aquelle navio, e especialmente como se deu o fallecimento do dr. Antonio Gonçalves Dias que vinha de passageiro no mesmo navio? Respondeu que o naufragio teve logar no dia tres do corrente (novembro) das tres para as quatro da manhã na paragem Cumã[2], batendo o navio e quebrando-se sobre os baixos que existem n'aquelle logar. Disse mais que das quatro para as cinco horas da tarde do dia anterior haviam avistado terra, e porque não podessem entrar n'esse dia, fizeram-se ao largo e então durante a noite pela força da maré, que enchia, vento[3] e correnteza foram irremissivelmente impellidos para os baixos, onde naufragaram, e que logo que o navio tocou elle interrogado sahiu rapidamente de seu camarote, e tendo a cautela de lançar os olhos para o passageiro Gonçalves Dias *viu que este se achava morto*[4], *apesar da fraca luz que vinha da abitacula do navio*. Disse mais que o mesmo passageiro, trazendo elles tres ou quatro dias, já não dava uma palavra, e que nada comia havia muitos dias, não obstante as grandes exigencias que faziam o interrogado e o commandante, limitando-se elle Dias apenas a beber agua com assucar, e que este estado aggravou-se desde o momento em que elle cessou, como de costume, de escarrar grande quantidade de materias.

Disse mais que o melindroso estado em que se achava este passageiro, obrigava a elle interrogado a vel-o todas as vezes que tinha de passar por juncto de seu camarote, cujas portas conservava sempre abertas.

[1] Para forrar os leitores á enfadonha repetição das palavras tabellioas da abertura e do encerramento de cada termo, supprimi-as nos que se seguem a este.

[2] Chama-se á bahia da villa de Guimarães, proxima ao logar do sinistro — *Bahia de Cumã*.

[3] Não havia vento rijo e ponteiro que podesse impellir o brigue contra os baixos!

[4] É o unico deponente que isto diz, allegando o terceiro que Gonçalves Dias por essa occasião mechia com os dedos, e o oitavo que o vira com o corpo fóra do beliche, e os demais, como se verá, que não poderam ir ao beliche do passageiro Dias por estar a camara tomada d'agua, d'onde se collige ser isto pura invenção; porque este individuo disse-me antes que não tinham procurado o passageiro por ser inutil, visto que sem forças, quasi moribundo, *devia ter morrido* logo que as aguas invadiram a camara.

Perguntado se durante a noite do naufragio elles não tiveram occasião de ver o pharol de Itaculumin? Respondeu que durante o começo da noite viram este pharol, que ao depois obscureceu-se com a grande neblina que havia. Perguntado se no momento do naufragio não houve quem se lembrasse de salvar o passageiro de que se tracta, ou mesmo de trazer o seu corpo, caso elle houvesse fallecido? Respondeu que no momento em que o navio tocou, o interrogado, que se achava em seu camarote, correu ao convez do navio, tendo apenas tempo, como acima disse, de lançar os olhos para *o passageiro morto em seu leito,* e que quando toda a tripulação com o commandante procuravam embarcar-se na canoa do navio, a qual fluctuava ao lado d'este, o commandante mandou aos marinheiros buscar o passageiro Gonçalves Dias; *mas foi isto impossivel de realisar-se, porque o navio, já partido ao meio,* tinha a camara completamente inundada pelas ondas. Perguntado porque não tractaram de ver se salvavam algumas das malas da bagagem do referido passageiro, que talvez fluctuassem na camara? Respondeu que na posição em que elles se achavam, não o poderam fazer, e que pelas sete horas do dia, pouco mais ou menos, quando deixaram o navio[1], tiveram occasião de ver boiando ao longo do mesmo navio entre outros objectos uma das malas grandes do passageiro das que se achavam no porão do navio. Perguntado quantas malas compunham a bagagem d'este passageiro? Respondeu que tres, sendo uma grande e duas pequenas, alem de uma mala-saco de viagem que existia na camara juncto ao seu camarote, sendo que as outras estavam no porão, e todas ellas bem fechadas. Perguntado se durante sua travessia para esta provincia o passageiro Gonçalves Dias nunca lhe fizera algumas recommendações sobre seus papeis? Respondeu que nunca, pois que o passageiro não fallava, limitando-se à fazer alguns signaes de sim ou não com a cabeça ás perguntas que lhe fazia. Nada mais lhe foi perguntado. Houve o doutor chefe de policia por concluido este termo, que assigna com o interrogado e com o encarregado do vice-consulado da França a quem foi lido primeiramente e depois transmittido ao interrogado, que o

[1] O navio batteu ás quatro horas da madrugada, segundo o depoimento d'este maritimo, e partiu-se logo ao meio, e no emtanto só ás sete horas do dia é que sairam d'elle!

achou conforme. Eu Pedro de Sousa Guimarães, official o escrevi. Sebastião José da Silva Braga = Gaignaux = Alfredo Bandeira Hall.

SEGUNDO

Termo de averiguações

Aos onze de novembro de mil e oitocentos e sessenta e quatro & era presente Elvir Etienne, marinheiro do navio *Ville de Boulogne,* assistido do interprete para este acto nomeado e juramentado pelo doutor chefe de policia, o alferes Antonio Feliciano Peralles Falcão, ao qual foram feitas as seguintes perguntas: Perguntado onde se achava elle na occasião em que o navio batteu? Respondeu que se achava no leme do mesmo navio. Instado para que narrasse como se deu o naufragio do mesmo navio, passou a fazel-o do modo seguinte: «Que havendo na vespera do naufragio, das quatro para as cinco horas da tarde, avistado terra, o capitão aproou ao largo, e depois de haverem percebido a luz do pharol do Itaculumim a fim de esperar o amanhecer, e seriam tres para quatro horas da madrugada, quando inesperadamente batteu o navio, havendo em roda d'elle uma quantidade de ondas que o fizeram abrir de meio a meio[1], não obstante os esforços que se empregaram para o fazer virar de bordo, e que elle interrogado só abandonou o leme depois que o navio começou a sossobrar, embarcando-se com todos os seus companheiros na chalupa do navio que fluctuava. Perguntado se n'essa occasião ou mesmo antes, no começo do perigo, o capitão ou outra qualquer pessoa *não se lembrára de salvar o passageiro que vinha no mesmo navio,* o dr. Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que no começo do perigo todos os esforços eram empregados para a salvação do navio, e no *momento do embarque da tripulação* na chalupa[2], havendo o capitão mandado por dous marinheiros procurar o passageiro, de que se tracta, *não foi possivel chegar ao logar onde era de presumir que fosse elle encontrado, porque toda a camara do navio se achava invadida pelas ondas.* Perguntado se na

[1] E segundo o depoimento retro do immediato só ás sete horas da manhã é que deixaram o navio, que já antes estava partido de meio a meio!

[2] Note-se que esta já fluctuava ao dizer d'elle quando se embarcaram n'ella, e por conseguinte a camara cheia d'agua e o passageiro, que n'ella se achava sem fôrças para safar-se, afogado!

occasião em que o navio battera, não presentiu algum movimento no camarote onde se achava o passageiro Gonçalves Dias? Respondeu que com quanto do logar do leme, em que elle se achava, visse o camarote do passageiro, todavia não presentiu n'elle movimento algum, mesmo porque já o suppunham fallecido, em virtude de um grande ataque ou syncope que teve o passageiro, quando na vespera á tarde pediu que o levassem á tolda do navio para ver a terra, sendo sem duvida grande abalo, pois não julgava chegar a ella em vista do triste estado de saude com que embarcou no Havre. Perguntado se não teve occasião de ver as malas do passageiro nas quaes constava haver papeis de importancia? Respondeu que não, por isso que era elle um simples marinheiro de prôa.

TERCEIRO

E no mesmo dia, mez e anno compareceu Perroquin, mestre do navio francez *Ville de Boulogne*, assistido do interprete mencionado no termo retro Antonio Feliciano Peralles Falcão, ao qual foram feitas as perguntas seguintes: Perguntado de que maneira teve logar o naufragio d'esse navio na *Corôa dos Ovos?* Respondeu que achava-se de quarto quando o navio batteu nos baixos dos Atins, tendo isto lugar das tres para as quatro horas da manhã do dia tres do corrente, devido á grande correnteza, e falta que havia de um piloto. Perguntado se no momento do naufragio não teve occasião de ver o passageiro o dr. Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que no momento do primeiro choque do navio, havendo corrido para chamar o capitão, passando pelo camarote do passageiro Dias, viu-o *a mecher levemente com as mãos*[1], sendo que, duas horas antes do acontecimento, tendo ido offerecer-lhe um pouco d'agua por isso que o passageiro se lhe havia particularmente affeiçoado, encontrou-o ainda vivo postoque bastante prostrado, tanto que não quiz a agua offerecida, e que este estado de prostração havia sido exacerbado desde o momento em que na vespera o passageiro, levado á tolda do navio, avistou a terra que dizia elle durante a travessia que não havia de attingir; sendo porém convicção d'elle interrogado que por occasião do terceiro choque que soffreu o navio, resistindo a todos

[1] Talvez a pedir soccorro, coitado!

os esforços que se fazia para fazel-o virar de bordo, o passageiro já teria fallecido[1]. Perguntado se na occasião em que a tripulação embarcou na chalupa não houve quem se lembrasse de ir procurar o passageiro para salval-o? Respondeu que no primeiro momento do sinistro o capitão, que lhe era bastante affeiçoado, quiz mandar leval-o para a chalupa, porém que ao depois reflectindo que as ondas já inundavam o navio a ponto de cobrir a chalupa, e que a agua teria de enchel-a necessariamente, entendeu ser melhor levar o passageiro na occasião em que esta tivesse de largar do navio, e infelizmente n'essa occasião, apezar das ordens do capitão, e dos esforços de dous marinheiros, *não foi possivel ir ao camarote do passageiro, porque já a camara, feita em pedaços e o navio aberto de próa á pópa, era inundada completamente pelas ondas a um ponto tal que não foi possivel lançar-se mão de um pouco de biscouto que estava na mesma camara.* Perguntado se sabe o numero de malas de que se compunha a bagagem do passageiro, e se na occasião viu alguma boiar? Respondeu que a sua bagagem compunha-se de tres malas grandes e um sacco de viagem, alem de uma pequena caixa que existia sobre a meza da camara contendo medicamentos e outros objectos, e que na occasião da chalupa largar do navio descobriram ao longo d'elle uma d'aquellas malas, que com outros objectos de seu carregamento haviam deixado antes da chalupa partir.

QUARTO

E no mesmo dia, mez e anno retro compareceu Barrier, marinheiro do navio francez *Ville de Boulogne,* assistido do interprete Antonio Feliciano Peralles Falcão, o qual foi interrogado do modo seguinte: Perguntado de que maneira teve logar o naufragio d'este navio, e se sabe de que morreu o passageiro dr. Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que se achava dormindo, e acordou inesperadamente pelo primeiro choque do navio, trabalhou como marinheiro d'este ás ordens do capitão, para salvar o mesmo, e não podendo conseguil-o, *por abrir-se logo este ao meio*[2], tiveram de largal-o e

[1] Em que se fundava a sua convicção, se antes o vira mecher-se, e nunca mais o tornára a examinar?

[2] Este diz que o navio abriu-se logo, e o immediato disse que embarcaram-se na chalupa ás sete horas, mais de tres horas depois do acontecido!

embarcar na chalupa d'este; porém antes de fazel-o, foi por mandado do capitão á camara buscar um pouco de biscouto, e achando-se esta já inundada pelas ondas, não pôde entrar n'ella, e *suppõe que n'esta occasião fallecéra o passageiro* dr. Antonio Gonçalves Dias.

QUINTO

E no mesmo dia, mez e anno retro ahi compareceu Morin, marinheiro do navio francez *Ville de Boulogne,* assistido do seu interprete Antonio Feliciano Peralles Falcão, o qual foi interrogado do modo seguinte: Perguntado como tivera logar o naufragio do navio mencionado, e que fim levára o passageiro dr. Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que no momento em que o navio batteu nas costas de Guimarães achava-se elle interrogado dormindo nos alojamentos da prôa, e que, subindo ao convez, uniu-se a todos os seus camaradas a ver se conseguiam virar de prôa o navio, o que sendo improficuo, tractaram de saltar para dentro da chalupa *que fluctuava ao lado do navio, que instantaneamente feito em dous pedaços foi inundado pelas ondas.* Que n'essa occasião o capitão mandou por dous marinheiros procurar o *passageiro ou mesmo seu cadaver*[1], regressando elles por nada poderem fazer por se *achar a camara toda inundada.* Perguntado se, segundo sua opinião, o passageiro morreu no naufragio, ou da molestia que padecia? Respondeu que, segundo sua opinião, o passageiro Dias falleceu da molestia que soffria, a qual o havia prostrado de um modo tal que, ha muito não comia e não bebia, e nem mesmo podia fallar, dizendo mais que no momento do accidente ouviu elle interrogado dizer ao mestre e a outros marinheiros que o passageiro já estava morto, quando o immediato, acordado pelo primeiro choque do navio, passou-lhe por juncto do leito, onde elle se achava[2].

[1] Estava portanto o capitão na duvida se Dias estava vivo, e no emtanto o immediato não o tirou d'ella!

[2] Isto parece remendo e para convencermo'-nos d'isto basta considerar que o immediato disse que verificára o facto á luz da abitacula e de cima onde era o seu beliche, e este deponente diz que o fez quando o immediato, acordando pelo choque, passou por juncto do leito do passageiro!...

SEXTO

Aos quatorze de novembro de mil oitocentos e sessenta e quatro, n'esta cidade do Maranhão etc., ahi era presente Jean Turbiam, assistido do encarregado do vice-consulado francez, Alfredo Bandeira Hall, ao qual foram feitas as seguintes perguntas: Perguntado como se dera o naufragio do navio *Ville de Boulogne,* e o fallecimento do passageiro dr. Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que seriam das tres para as quatro horas da manhã quando o navio batteu, estando elle de quarto, e *logo quebrou-se todo;* e quanto ao passageiro Dias, achando-se elle desde muito doente, tão gravemente que ha quatro para cinco dias não tomava alimento algum, e nem fallava, tornando-se *necessario carregal-o todas as vezes que mostrava desejos de sair fóra da cama,* julga elle interrogado que na occasião dos primeiros choques do navio elle Dias estava morto ou agonizando, por isso que ao retirar-se elle interrogado do lugar em que se achava ajudando os seus companheiros a fazer o navio virar de bordo, *vira fóra do leito as mãos do passageiro que moviam-se levemente fechando e abrindo os dedos.* Perguntado se não houve tempo de salval-o na lancha que trouxe a tripulação? Respondeu que quando o capitão tractou no primeiro momento do naufragio de mandar por dous marinheiros conduzir o passageiro ou o seu cadaver, foi isto impossivel por se *achar a camara completamente inundada pelas ondas.*

SETIMO

E no mesmo dia, mez e anno n'esta cidade de Maranhão, comparecendo Loger, marinheiro do navio *Ville de Boulogne,* foi interrogado do modo seguinte: Perguntado como tivera logar o naufragio do navio *Ville de Boulogne,* e como fallecêra o passageiro do mesmo navio dr. Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que estando dormindo, accordou quando o navio batteu, aos gritos de seus companheiros que procuravam viral-o de bordo; mas foi inutil todo o esfôrço, porque o mesmo navio *quebrou-se immediatamente.* Que quanto ao passageiro Dias, elle interrogado julga que falleceu ao primeiro choque do mesmo navio, o *que é de suppor*[1] em vista da

[1] Não tem pois a certeza, ou antes doeu-lhe a consciencia mentir, assim pois a conta em duvida, e pelo resto do depoimento parece que Dias fizera esforço para sa-

extrema fraqueza a que a doença o havia reduzido, não comendo ha dois dias e nem fallando, podendo apenas mal exprimir-se com um ou outro accionado. Disse mais que no meio da confusão que reinava por occasião do naufragio observou *entre os destroços da camara inundada pelas ondas, o passageiro Gonçalves Dias ou antes o seu cadaver, lançado fóra do leito com a cabeça para baixo e o resto do corpo occulto ainda no camarote,* e que em vista do estado em que se achava o navio *sem haver meio algum de ir-se, sem grande risco, ao logar em que estava o mesmo passageiro, tornou-se impossivel salval-o ou ao menos seu cadaver.*

OITAVO

E no mesmo dia, mez e anno e lugar citado, ahi era presente o marinheiro do navio *Ville de Boulogne* de nome Lirond Luis, assistido do encarregado do vice-consulado da França, Alfredo Bandeira Hall, o qual foi interrogado do modo seguinte: Perguntado como acontecêra o naufragio do navio *Ville de Boulogne* e o fallecimento do passageiro dr. Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que estando elle de quarto ás quatro horas da manhã pouco mais ou menos, batteu o navio, e tentando elles viral-o de bordo, o navio não accudio ao leme por falta de vento, e levando-o a correnteza para cima do banco, *quebrou-se logo.* Quanto ao passageiro nada sabe; sendo que antes de virar o navio e depois do primeiro choque que elle soffrêra viu-o em seu camarote com a cabeça e hombro de fóra com o corpo para dentro sem se mover, pelo que o julgou morto.

NONO

E no mesmo dia, mez, anno e logar retro mencionado achou-se Laumonier, cozinheiro do navio *Ville de Boulogne,* assistido do encarregado do vice-consulado francez, o qual foi interrogado do modo seguinte: Perguntado como se dera o naufragio do navio *Ville de Boulogne,* e como fallecêra o passageiro Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que se achava dormindo na occasião em que

hir do camarote, tanto que o deponente o vira na occasião da geral confusão com a cabeça para baixo e o resto do corpo no camarote.

o navio batteu, e que poucas horas depois sossobrou, não obstante todos os esforços empregados pelo capitão e a tripulação; e que quanto ao passageiro sabe elle interrogado que vinha muito doente, ao ponto de não comer e nem fallar, sendo a sua prostração tal que para sair do leito, em que se achava, *era preciso carregal-o*. Que elle interrogado, como cozinheiro do navio, esmerava-se em fazer-lhe excellente comida a seu sabor d'elle: porém que este, mórmente nos seis dias que precederam ao naufragio, repellia a comida que lhe trazia. Disse mais que na occasião do naufragio foi absolutamente impossivel, não obstante a boa vontade do capitão, salvar o passageiro Dias, que aliás elle interrogado julga que fallecêra ao primeiro choque do navio, o qual tendo a camara toda invadida d'agua, isto impediu a entrada dos marinheiros, que procuravam salval-o, ou ao menos o seu cadaver.

DECIMO

Aos quinze de novembro de mil oitocentos e sessenta e quatro, n'esta cidade do Maranhão, era presente o capitão do navio *Ville de Boulogne,* de nome Etienne Eguidazu, assistido do encarregado do vice-consulado da França William B. Wilson e do interprete Alfredo Bandeira Hall, ao qual foram feitas as seguintes perguntas: Perguntado em que dia e logar aconteceu o naufragio do navio de seu commando, e de que modo? Respondeu que o naufragio teve logar no dia 3 do corrente, das tres para as quatro horas da madrugada, nos baixos, que, segundo lhe dizem, se chamam, se elle bem se recorda, dos Gallegos[1], nas costas de Guimarães, a doze milhas de terra — baixos estes que dizem ser inundaveis, e que quanto ao naufragio passa-o a expor do modo seguinte: Que no dia dois, das onze horas para meio dia avistaram o pharol de Santa Anna, e então virando de bordo, navegaram para o oeste até que ás seis horas da tarde descobriram o pharol do Itaculumim; e de novo fazendo-se ao bordo do mar, assim caminharam até que das tres para as quatro horas da madrugada foi elle acordado a chamado do marinheiro do quarto, que lhe dizia haver uma arrebentação proxima, havendo a sonda, momentos antes, dado doze braças, e então como se tractava de virar de bordo, não obedecendo o navio á manobra, deu a primeira pancada nos baixos, e lançando-se immediatamente

[1] São chamados corôa dos *Ovos* ou dos *Atins*.

as ancoras, houve a infelicidade de que uma d'ellas se quebrasse já quando o navio parecia obedecer aos esforços que se faziam para viral-o de bordo, e indo com maior força caír sobre os mesmos baixos, soffreu todo o impeto do mar, que em grandes ondas já o inundavam, *mórmente pelos buracos feitos ao saltar o leme, ficando a camara de tal modo alagada que tornou-se impossivel descer a ella para salvar o passageiro que alli estava.* Disse mais que *quebrado o navio de próa a pópa,* e arreiada a machado a mastreação, viu-se *a chalupa fluctuar,* e então chegado o momento de cuidar na salvação da tripulação, lançou-se ao mar esta que tinha quatro remos, um balde e uma cassarola, faltando-lhe o leme. Disse mais que desconhecendo o logar em que se achava, buscou terra para o lado, donde avistava o pharol do Itaculumin, e que depois de muita fadiga em razão de grande mar que fazia aproveitaram uma pequena enseada onde o mar os arrojou, passando dois marinheiros a abrir com um machado a chalupa com receio de que alguem se aproveitasse d'ella, ao que elle não pôde obstar em vista das condições em que se achava elle e sua gente.

Disse que depois de alguns momentos de caminharem por terra, foram ter a uma choupana de pescadores. os quaes depois de darem caffé e alguma cousa para comer, ensinaram-lhes o caminho de Genipahuba, onde chegaram ás quatro horas da tarde pouco mais ou menos, depois de umas tres horas de marcha, e que chegados a esse lugar foram ter com o inspector de quarteirão, que mandou um correio á Villa de Guimarães para dar parte do occorrido ao respectivo delegado de policia. Perguntado se não trouxe comsigo algum passageiro, qual o seu nome, e se foi ou não salvo do naufragio. Respondeu que no Havre, porto de sua procedencia, o armador Masurier, por intermedio do seu agente, preveniu-o que ía um passageiro, e n'essa occasião o recommendou, pedindo que tivesse todo o cuidado com elle por causa de seu mau estado de saude, e que este passageiro era o dr. Antonio Gonçalves Dias. Que de facto no dia da partida encontrou elle interrogado o passageiro já a bordo, tendo sido recebido pelo immediato, que declarou a elle interrogado que o passageiro se apresentára acompanhado de um amigo[1]. Disse mais que durante a travessia sempre tra-

[1] O nosso antigo ministro em Portugal, Drumond, que tanto elle como a senhora se desvelaram pelo nosso poeta nos ultimos mezes que passou em Paris.

ctaram elle e os seus subordinados o melhor que poderam ao dr. Gonçalves Dias, não lhe faltando cousa alguma de que elle precisasse; pois havia posto á sua disposição o chocolate, a marmelada, as ameixas e outras iguarias do seu uso especial d'elle interrogado, que deviam ser agradaveis a um doente nas circumstancias do dr. Antonio Gonçalves Dias. Disse mais que este vinha bastantemente doente do peito, tanto que mal se percebia uma ou outra palavra, quando desejava alguma cousa, e que esse estado de prostração muito se aggravou uns oito dias pouco mais ou menos antes do naufragio, a ponto de não querer comer absolutamente, de não fallar, bebendo apenas um ou outro gole de agua com assucar; mas fumando quatro a cinco charutos por dia, não obstante advertil-o elle capitão, allegando Dias que não lhe fazia mal algum. Disse mais que quando avistaram terra, o passageiro, tendo sido levado a seu pedido para o tombadilho, sentiu tal commoção com o prazer que teve n'aquella occasião, que sobreveiu-lhe uma syncope tal, que todos julgaram que fallecesse, e que d'então até ao momento do naufragio o seu estado devia ter peiorado bastante ao ponto de achar-se *talvez já morto*[1], quando teve logar aquelle sinistro.

Perguntado se não teve tempo de salvar ao menos o cadaver d'aquelle passageiro no momento em que embarcou com a tripulação na chalupa? Respondeu que, apezar da grande confusão que reinava a bordo, perguntou elle a seu immediato e a mais um marinheiro pelo passageiro, e como lhe fosse por elles dito que já se achava morto, o que era muito possivel em vista do estado a que se achava reduzido, como acima expozera, continuou no seu posto de honra como capitão do navio, a cuidar d'este, sendo o ultimo a embarcar na chalupa, como era de seu dever, e que mesmo quanto á salvação do cadaver d'aquelle homem, que elle considerava como um amigo e de quem muito se condoêra pelo seu triste estado de saude, era impossivel em face do estado a que a camara ficou reduzida pela invasão das ondas, de sorte que não permittia a ninguem entrar n'ella.

UNDECIMO

Aos vinte e um de novembro de mil oitocentos e sessenta e quatro ahi era presente Jean Guene, marinheiro do navio *Ville de Bou-*

[1] Apesar do asserto do immediato o capitão poz em duvida a morte do poeta antes do naufragio, tanto que o mandou buscar, como fica atraz deposto.

logne assistido do vice-consul interino de França William B. Wilson e do interprete Alfredo Bandeira Hall ao qual foram feitas as seguintes perguntas. Perguntado onde se achava no dia ou momento do naufragio, quaes os meios empregados para a salvação da tripulação e do passageiro, unico que havia a bordo, de nome Antonio Gonçalves Dias? Respondeu que das tres para as quatro horas da madrugada do dia tres do corrente achava-se elle dormindo quando o navio batteu pela primeira vez, e despertado correu então para o convez com os seus companheiros, tendo á testa o commandante, e ajudou-os a ver se o navio virava de bordo, o que foi impossivel não obstante os esforços empregados, até que, arrancado o leme e levado o navio de rojo ao banco, continuou a batter de tal fórma que *abriu-se de meio a meio* sendo inundado pela violencia das ondas de um modo tal, que quando lançaram-se na lancha para salvarem-se, já *esta fluctuava em cima do convez, que tinha quatro pés d'agua* [1].

Que quanto ao passageiro Dias julga este interrogado que fallecêra ao primeiro choque do navio, attenta a grande debilidade e prostração em que se achava, sendo que quando o capitão viu o estado em que se achava a camara, tractou de mandar conduzil-o para a lancha, e *não foi possivel entrar-se na mesma camara, porque já estava partida e completamente invadida pelas ondas.* Perguntado em que occasião viu pela ultima vez o passageiro Dias? Respondeu que quando se achava ao leme, na tarde antecedente, viu-o deitado em seu leito, immovel, e mexendo apenas com as pontas dos dedos, e que o moço da camara lhe havia dito que o passageiro já nada comia e nem bebia, havia seis a oito dias, e que *era provavel* que de um momento para outro fallecesse.

DUODECIMO

E no mesmo dia, mez e anno retro, e logar mencionado, compareceu na Secretaria de Policia François Roquet, moço de camara do navio *Ville de Boulogne,* assistido de interprete, digo do vice-consul

[1] Repitto a observação de que no emtanto o immediato disse que largaram do navio às 7 horas da manhan, e se insisto n'este ponto é porque é elle o unico que affirmou que Gonçalves Dias já estava morto quando se deu o naufragio, para assim julgar-se o valor do seu testemunho.

interino de França William B. Wilson e do interprete Alfredo B. Hall, ao qual moço da camara foram feitas as seguintes perguntas: Perguntado onde se achava no momento do naufragio e como teve este logar? Respondeu que se achava dormindo á prôa quando o navio deu a primeira pancada sobre os baixos, e que, acordando, viu reinar a bordo a maior desordem devida á manobra e aos meios empregados pelo capitão para fazer virar de bordo o navio, o que não foi possivel, até que derrubada a mastreação e o navio *todo aberto*, e com o leme partido, começou a sossobrar, salvando-se elle com o capitão e seus companheiros na lancha do navio, *que fluctuava em cima do convéz*, e que elle interrogado, não obstante a sua idade de quinze annos, ajudou seus companheiros em todas as manobras. Perguntado se não houve meio de salvar o unico passageiro que existia a bordo de nome Gonçalves Dias? Respondeu que este se achava em seu beliche, completamente prostrado pela molestia, que já o perseguia quando embarcou no Havre, e que no momento em que o navio batteu pela primeira vez *julga*[1] elle interrogado que n'essa occasião é que Dias fallecêra.

Disse mais que quando a tripulação embarcou na chalupa, o capitão procurou pelo passageiro, porém que os meios empregados *foram improficuos por se achar a camara completamente inundada e por todos os lados aberta.*

Perguntado se elle interrogado não teve occasião de estar com o passageiro e se este não lhe communicou alguma cousa de particular? Respondeu que na qualidade de moço da camara estava constantemente com o doente, trazendo-lhe tudo quanto lhe appetecia; pois tinha ordem do capitão para satisfazer a todos os seus desejos, e que o doente pouco ou nada fallava, e que nada lhe disse de particular, principalmente depois que deu absolutamente em não querer comer, pedindo só uma ou outra vez uma pouca d'agua com assucar, e que n'essas occasiões por mais de uma vez ouviu o doente dizer que *não tinha esperanças nenhumas de chegar ao seu paiz.* (Pobre Dias!)

Perguntado qual a ultima vez que esteve com o passageiro Gonçalves Dias? Respondeu que no momento em que elle interrogado se foi deitar, ás oito horas da noite do dia antecedente, o passageiro ainda então mexia com o corpo. Nada mais lhe foi perguntado.

[1] Não tem certeza.

N. B. Como já o ponderei no corpo d'esta obra e aqui repettirei, deprehende-se da simples leitura d'este documento, que na confusão que houve a bordo do *Ville de Boulogne* para o safar do perigo, não houve quem se lembrasse de Gonçalves Dias, que, fraco a ponto de não poder descer da cama, como attestam alguns deponentes, não pôde saír do beliche, e que, logo depois de ter o navio battido, perdeu o leme e começou a entrar agua para a camara onde havia fendas, e tanta foi ella que galgou o convez de modo a fluctuar a lancha em tres pés d'agua. Parece que o poeta debatteu-se e quiz saír do beliche, porquanto um dos marinheiros diz que notou que elle se achava com a cabeça para baixo e fóra do camarote, e o corpo occulto n'elle. Nenhum affirmou o facto, a não ser o immediato cujo testemunho não merece fé, ou um marinheiro que n'elle se louva, todos, inclusive o capitão, dizem que *julgam* que elle já estava morto quando o navio batteu; mas quanto a nós não resta dúvida de que o poeta morreu afogado, abandonádo pela tripulação, e que esta, á vista do empenho que mostravam no Maranhão por saber da sorte de Gonçalves Dias, conheceu sua importancia, e procurou então arredar de si tão grave responsabilidade, conhecendo que isso lhe accarretaria a animadversão de todos, procurava desfigurar os factos, narrando-os depois a seu geito.

Nota D

... fiz em meu nome e de prestimosos amigos.—pag. 182

Uma correspondencia para o *Correio Mercantil* (do Rio) de 29 de novembro, escripta por occasião do sinistro e transcripta pelo sr. Innocencio Francisco da Silva no seu artigo—*Apontamentos para a vida e tragica morte do insigne poeta brasileiro Antonio Gonçalves Dias*—publicado de paginas 206 a 379 do tomo x do *Archivo Pitoresco,* dá conta das diligencias que fizeram-se para descubrir o corpo de Gonçalves Dias: «Logo que foi sabido o naufragio, s. ex.ª o sr. presidente da provincia e o sr. dr. cheffe de policia interino tomaram e expediram todas as providencias, recommendando muito que procurassem o cadaver e os bahus pertencentes á bagagem

do illustre poeta. O segundo de accordo com o primeiro offereceram um premio á pessoa que encontrasse o corpo. Outro premio, e para o mesmo fim, foi tambem offerecido por varios amigos do dr. Dias, em cujo numero o dr. Antonio Henriques Leal[1].

Confirma isto e accrescenta os nomes de outros cavalheiros, que se esforçaram no mesmo sentido, o seguinte officio do presidente ao cheffe de policia interino: — «Pelo seu officio n.º 479 de 8 do corrente (novembro de 1864) fico informado dos *esforços empregados* tanto pelo Subdelegado de policia do districto de Guimarães, como pelo juiz de direito da respectiva commarca (dr. Adriano Manuel Soares) no sentido de arrecadarem os salvadas do navio *Ville de Boulogne* e de *procurarem o cadaver* e bagagens do dr. Antonio Gonçalves Dias.»

Nota E

... transparecem pelo torneio e estylo de Gonçalves Dias — pag. 184

Apezar das muitas incorrecções e enxertos conhece-se bem que a poesia infra transcripta e que appareceu no n.º 13 da *Coalição* de 28 de março de 1865, como outras que foram então publicadas no mesmo jornal com o nome de Martins, denunciam umas em parte outras quasi no todo qual sua verdadeira paternidade. Eis a que me refiro tal qual saíu n'esse periodico :

[1] A quantia offerecida pela authoridade era de 300$000 réis e a por mim de réis 1:000$000, como tornei bem publico em todos os jornaes.

POESIA

Nos annos de minha innocente sobrinha Senhora D. Esther Augusta Lopes Martins

Tuas fórmas tão airosas,
Tão donosas,
Fórmas da terra não são.
Tu és um anjo formoso
Vaporoso
Vindo de etherea mansão.

GONÇALVES DIAS.

Oh! quanto é bella a bonina
Rorejada de neblina,
Que brilha á luz matutina,
Como uma estrella no mar!
Quanto é lindo vagamente
Da lua o disco nitente
Se deslisando indolente,
No azul do céo a brilhar!

Quanto é bella a mariposa
Quando nas flores se pousa,
Quando brinca, e não repousa,
Por mansos ares—voando!
Quanto, a nuvem setinada,
Roxeando a madrugada,
Que no levante—dourada
Surge o sol annunciando!

Oh! quanto é bello, em repouso
Doce canto harmonioso
Do gondoleiro soidoso
Por noite amiga se ouvindo!
Oh! quanto o Iris luzente,
Como uma zona nitente,
É lindo no mar dormente
Varias cores reflectindo!

Oh! quanto é meigo das aves
Sonoras vozes suaves
Da orchestra pelas naves,
Do templo o som reboando...
Formosa e bella Ericyna
Pinta a poesia divina,
Pinta a strella vespertina
Risonha e alma assomando...

Porém tu, mais que a bonina,
Mais que nuvem matutina,
Mais qu'a lua adamantina,
Que meigos sons echoando,
Que a mariposa entre as flores,
Mais inda que lindas cores
Do Iris, e seus amores
Á noite o nauta cantando,

Mas inda, Esther venturôsa,
Que tudo isto—és formosa,
Muito mais meiga, donosa,
Muito mais sublime emfim!
Oh! não minto... ás vezes, quando
Tão gentil vagas brincando,
Me parece estar olhando
Lá dos ceus um seraphim.

Queira Deus omnipotente,
Que sempre vivas contente,
Sempre bella finalmente,
Qu'eu cante o teu nascimento
Cad'anno, se minha vida,
Como flor emmurchecida,
Não pender, Esther querida,
Sob o pó do esquecimento...

Mas o—justo—sempre vive...
Que a sensitiva mais livre,
Se murcha, depois revive
Mais risonha e vicejante...
Oh! então hei nos fulgores
Lá dò céu, entre os alvores
Rogar-te, ó anjo, favores,
A Deus Senhor—supplicante.

Alcantara, 4 de janeiro de 1865.

ALVES MARTINS.

Vae em dous annos que entrou a apparecer no *Publicador Maranhense* uma versalhada com o titulo de *Parnaso Alcantarense*, e firmados com o nome do sr. A. R. Alves Martins, recheada de Joves, Cupidos, etc.; mas lá vem como á surrelfa um ou outro pedacinho, visivelmente alapardado a Gonçalves Dias, como n'esta poesia que parece em grande parte filha de outra musa que não do improvisado *arcade*:

Já viste apenas aberta
A flor de juniparana?
É bella assim rociada;
Pois é mais bella Joanna.

Tu vês do mutum as pennas?
Côr cinzenta e negra tem;
Mas só imitam os cabellos
D'aquella a quem quero bem

Em manhan de primavera
Já viste do ceu a côr?
São mais azues e mais puros
Os olhos do meu amor.

De meu verde bacurizeiro
Já viste lindo botão?
É qual rubim fascinante;
Pois assim seus labios são.

Em porfia de belleza
Derrota a bella formosa
O ceu, o botão, as pennas
E a flor de juniparana.

A. C. Alves Martins.

Nota F

... para que decidam do pleito.—pag. 184.

Para que melhor se aquilate dos meritos do poeta alcantarense e se decida de quem são na essencia as poesias antecedentes, transcrevo esta que é seguramente da sua lavra:

O CANTO DOS ATINS

Viajantes do universo,
Que cortaes o mar de anil,
Silencio! que n'estas aguas
Dorme a gloria do Brasil.

Foi um anjo que d'este mundo
Gonçalves Dias chamou,
Que repetiu entre os homens
Os hymnos, que o Ceu cantou.

Foi o anjo da poesia,
Que nascer quiz entre nós,
No Brasil, onde mil aves
Fizessem coro á sua voz.

O genio d'estas corôas,
Querendo tel-o p'ra si,
Fez quebrar-se o seu navio
Para que ficasse aqui.

Vivendo em throno de c'rôas,
Que pisava com desdem,
Natural é que sua tumba
Fosse uma c'rôa tambem.

Procurar vinha um jazigo
Cá no Brasil onde está;
Mas debaixo das palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Quizera dormir, ao menos,
Do seu Brasil ao luar,
Ao rugir das feras pátrias,
Ao sussurro do palmar.

Preferindo aos da Europa
Este clima tão gentil,
Quiz dormir sob os auspicios
Dos encantos do Brasil.

Mas o cysne não podendo
Seu Maranhão alcançar,
Exultou ficando, ao menos,
Entre nós, aqui no mar.

E dormir já que não poude
Ao cantar dos jacamins,
Dorme feliz n'estes baixos,
Onde cantam mil atins.

Oh! e nós eternamente
Cantaremos com clamor,
Elevando nos lamentos
Seus louvores ao Senhor.

E ao passo que a su'alma
Cantam lá mil seraphins,
É seu corpo aqui saudado
Pelo canto dos atins.

Depois que está n'estes baixos,
Aves mil, alem de nós,
Vêm saudal-o no seu somno
Co'os encantos de sua voz.

Estas ondas, que se quebram
N'estes baixos com furor,
Gemerão eternamente,
Laceradas pela dor.

E as chuvas, que seis mezes
Inundaram todo o Brasil,
Lagrimas são que, de lucto,
Verterão nuvens á mil.

E os trovões, que ribombam,
São a salva universal
Com que os Céos eternamente
Salvarão seu funeral.

E o Sol, a Lua, as Estrellas,
Que brilham sempre no céu,
São as luzes que illuminam
Seu marinho mausoléu.

Alcantara, 3 de novembro de 1866.

CAETANO CANDIDO ALVES MARTINS.

Nota G

BIBLIOGRAPHIA

I

. . teceram-lhe á competencia encomios expontaneos brotados do enthusiasmo
. que produziram seus versos.—pag. 83

Procurarei apontar n'esta breve noticia bibliographica os nomes dos jornaes e livros que fallam de Antonio Gonçalves Dias e de seus escriptos, bem como tudo quanto o louva, e lastima quer o seu

suppositicio fallecimento em 1862, como o real em 1864. Eis quanto á primeira parte por sua ordem chronologica:

O desabrochar do talento—artigo principal do n.º 296 da *Revista* de 26 de julho de 1845 (Maranhão): escripto por Francisco Sotero dos Reis, quando o poeta tinha apenas publicado umas tres poesias no *Jornal de Instrucção e Recreio,* tambem do Maranhão.

Publicados os *Primeiros Cantos* appareceram:

Critica litteraria—Os Primeiros Cantos—na *Sentinella da Monarchia* de 14 de abril de 1847, sob o pseudonymo *Hyeronimus* (conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrade).

Á leitura dos Primeiros Cantos, poesia dedicada ao author por Cherubino H. Lagôa, inserta no n.º 202 da *Sentinella da Monarchia* de 23 de abril de 1847.

Primeiros Cantos do sr. Gonçalves Dias—artigo editorial do *Jornal do Commercio* com o titulo generico—*Litteratura*—(Vej. n.º 129 de 10 de maio de 1847). É artigo extenso, bem escripto e da penna do ex.mo sr. senador Firmino Rodrigues da Silva.

A Revista Brazileira, O Ostensor Brazileiro e outros jornaes litterarios do Rio e das provincias deram tambem conta da apparição do volume de versos de Gonçalves Dias de um modo assás lisonjeiro.

Ode e soneto por Francisco de Salles Guimarães e Cunha (Vej. *Progresso*—do Maranhão—de 28 de junho de 1847).

Soneto (inedito) pelo poeta sertanejo Manuel Rodrigo dos Passos—dactado de Pastos-Bons em 1848.

Primeiros Cantos de Gonçalves Dias, artigo do n.º 162 do *Progresso* de 18 de agosto de 1847.

Noticia Bibliographica dos Primeiros Cantos, do *Publicador Maranhense* de 18 de janeiro de 1848, escripto pelo sr. dr. José Ricardo Jauffret sob o pseudonymo—*um Maranhense*—e datado de Montpellier em 15 de novembro de 1847.

A Carta (jornal de Lisboa) de 4 de janeiro de 1848.

Futuro litterario de Portugal e do Brazil pelo sr. Alexandre Herculano, inserto na pag. 5 do tomo VII da *Revista Universal Lisbonense* de 1848.

Segundos Cantos e Sextilhas de fr. Antão, artigo do dr. José Hermenegildo Xavier de Moraes na *Revista Universal Brasileira* de fevereiro de 1848.

Segundos Cantos e Sextilhas de fr. Antão, artigo bibliographico do ex.mo sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre (barão de Sant'Angelo) antes de estar relacionado com o poeta. Vej. *Correio Mercantil* de 12 de junho de 1848.

Segundos Cantos e Sextilhas de fr. Antão, artigos do sr. Augusto Frederico Colin nos n.os 4 e 5 da *Revista Universal Maranhense* do mez agosto de 1849.

O drama Leonor de Mendonça, artigo do sr. Augusto Frederico Colin inserto no *Publicador Maranhense* de 27 de janeiro de 1848.

Lopes de Mendonça nas *Memorias de Litteratura Contemporanea* occupa-se dos *Primeiros, Segundos* e *Ultimos Cantos* de pag. 313 a pag. 318.

M. Pinheiro Chagas de pag. 175 a pag. 185 do tom. v da *Revista Contemporanea de Portugal e do Brasil,* artigo depois accrescentado e reproduzido de pag. 161 a pag. 180 dos *Ensaios Criticos* (Porto, 1870).

Innocencio Francisco da Silva, nas pag. 150 e 151 do tom. I e nas pag. 157 a 164 do tomo VIII do seu *Diccionario Bibliographico.*

Dr. Macedo Soares — Typos litterarios contemporaneos — (Vej. *Correio Mercantil* de 5, 7 e 8 de janeiro de 1862.

Francisco Sotero dos Reis nas pag. 73 a 76 do tomo I e nas lições LXXXII, LXXXIII e LXXXIV do tomo IV e nas lições LXXXV e LXXXVI do tomo V do *Curso de litteratura portugueza brasileira.*

Dr. João Franklin da Silveira Tavora (Sempronio) nas *Cartas a Cincinnato* (Pernambuco, 1872).

Dr. Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, de pag. 547 a 549 do seu *Curso Elementar de litteratura,* na sua *Historia litteraria,* que ainda não li, e na *Noticia sobre a vida e obras de Antonio Gonçalves Dias,* que precede a recente edição de seus vèrsos com o titulo — *Poesias* — editor Garnier.

Camillo Castello Branco, nas pag. 670 usque 672 do primeiro tomo do *Diccionario de educação e ensino,* na pag. 50 do n.º 4, e na pag. 82 do n.º 6 das *Noites de Insomnia.*

Dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro nas primeiras paginas com que abre o *Almanak de Lembrança Luso-Brasileiro* para 1873 (acompanha a biographia um retrato do poeta gravado sobre madeira).

Luciano Cordeiro, na pag. 278 do *Livro de Critica* (Porto, 1869).

Ramalho Ortigão, na pag. 65 do *Em Paris* (Porto, 1868).

Dr. Cesar Marques, na pag. 31 do — *Aos meus meninos* (Maranhão, 1872).

Paulo de Moraes — Recordações da America, folhetim do n.º 493 do *Jornal do Commercio de Lisboa* — 1870.

Ferdinand Denis nas pag. 393 e 404 de sua edição do *Voyage au nord du Brésil par le père Yves d'Evreux* (Paris, 1864), e no tomo XIV da *Nouvelle Biographie générale* de MM. Firmin Didot Frères (artigo especial — *Dias*) Antonio Gonçalves.

J. Vapereau — Dictionnaire Universel des Contemporains (3.ª edição), pag. 325.

New American Cyclopedia, vol VI. pag. 440.

Don Juan Valera — Da poesia Brasileira, artigo inserto na *Revista Española d'Ambos Mundos* — 1853.

De Laplace, artigo sobre a litteratura brasileira inserto na *Revue Contemporaine* de 15 de dezembro de 1856.

Annuaire de la Revue des Deux Mondes de 1856.

Ferdinand Wolf, de pag. 175 a pag. 180 do *Brésil littéraire* (Berlim, 1863).

Ácerca dos *Tymbiras* ha pareceres especiaes do ex.mo sr. senador F. Octaviano de Almeida Rosa no seu folhetim — *Paginas menores* — do n.º 294 do *Correio Mercantil* de 7 de dezembro de 1857 e do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo no folhetim — *A Semana* — do n.º 335 do *Jornal do Commercio,* do Rio, de 6 de dezembro de 1857, de Francisco Sotero dos Reis, de pag. 361 a 387 do tomo IV do *Curso de litteratura* já citado, e finalmente o do sr. dr. Bernardo Guimarães nos n.os 55, 56, 57 e 58 da *Actualidade* de outubro de 1860.

Quanto a noticias e juizos em jornaes de lingua forasteira temos:

Na *Revista de Turim,* ao lamentar seu redactor a morte do visconde de Almeida Garrett, consola-se por terem as lettras portuguezas em Gonçalves Dias um representante digno de preencher essa falta.

Sachsiche constitutionnelle Zeitung de 8 de novembro de 1857.

Litterarisches centerblatt für Deutschland, de 19 de setembro de 1857.

Magasin für die Literatur des Auslands, Dresden, Dienstag, 21 de abril de 1858.

Magazin, Litteratur des Auslands, Berlim, 22 de abril de 1858.

Brasilian Poetry, critica litteraria do n.º 104 do vol. IV da *Sa-*

turday Review of politics, litterature, science and arts, de 24 de outubro de 1859. Occupa-se dos *Cantos*.

Vienner Zeitung de 5 de novembro de 1862.

Dresden Nachrichter de 7 de novembro de 1862.

II

... derramaram uma lagrima sobre essa sepultura
que tinha por lapide o oceano—pag. 148

(Oblata por occasião da suppositicia morte do poeta em 1862)

POESIAS

Poetas, dae ouvidos... por Agrario de Menezes.

O poeta e a gloria por Franklin Doria.

Morte, morte cruel... por Satyro de Oliveira Dias.

Silencio! não choremos os que deixam... por A. A. Mendonça

Dos mares d'alem... por Bazilio Chaves.

Não cantes, sabiá... por Ernesto M. da Silva.

Calou-se a briza... por Amaral Tavares.

Quando na terra... por José Antonio da Cunha.

Silencio! só nos resta agora o pranto... por Henrique Autrand Junior.

Mais uma gloria do Brazil de menos... por M. Domingos de Carvalho.

Era um genio... por Cyrillo de Lemos.

Qual estrella... por Climaco Barboza.

Tredos phantasmas... por Satos Neves.

No mar ao gemer das vagas... por F. Moniz Barreto.

Mais um genio... por Aristides Augusto Millon.

Lá cubriu-lhe o oceano... por Hermenegildo da Silva Senna Junior.

Mais um sol... por Pedro de Calazans.

Não triumphaste d'esta vez... por José Antonio de Freitas.

Não morreu... por Trajano Galvão de Carvalho.

EM PROSA

Sessão do Instituto Historico (noticia da suspensão da).

Ultimo dever por J. Praxedes Pereira Pacheco.

Artigo da *Constituição* (jornal) da Bahia.
Artigo do *Correio Paulistano.*
Artigo do *Ecco da capital.*
Artigo do *Diario do Rio de Janeiro.*
Artigo da *Semana Illustrada* de 1862. Sahiu tambem um bello quadro representando o poeta coroado e circumdado de allegorias tiradas de suas mais bellas composições poeticas.
Artigo da *Saudade.*
Artigo do *Correio Mercantil* do Rio.
Artigo do *Constitucional* do Rio.
Artigo da *Revista Popular.*
Artigo da *Situação* do Rio.
Artigo da *Imprensa Paulistana.*
Artigo da *Revolução Pacifica.*
Vespas (da *Semana Illustrada).*
Artigo do *Jornal do Commercio* do Rio.
Artigo do *Jornal da Bahia.*
Artigo do *Diario da Bahia.*
Artigo do *Jornal do Recife* (primeiro a dar a noticia).
Artigo do *Diario de Pernambuco.*
Artigo do *Cearense.*
Artigo do *Pedro II.*
Artigo da *Coalição* do Maranhão.
Artigo da *Situação* do Maranhão.
Artigo da *Conciliação.*
Artigo do *Noticias diversas.*
Artigo da *Estrella do Amazonas* por S. Coutinho.
Artigo da *Actualidade,* do Rio.
Artigo da *Razão* de S. Paulo.
Artigo do *Ecco do Sul* do Rio Grande do Sul.
Artigo do *Jornal do Commercio* de Lisboa (correspondencia do Rio de Janeiro.)

Desmentido do boato de seu fallecimento

Está vivo o dr. Antonio Gonçalves Dias, correspondencia pelo dr. Claudio Luiz da Costa, publicada nos jornaes do Rio, de 3 de agosto de 1862.
Noticia da *Situação* do Rio.

Noticia do *Correio Mercantil* do Rio.

Noticia do *Jornal do Commercio* do Rio.

Noticia da *Coalição* do Maranhão, a que segue-se a poesia de Trajano.— Não morreu!

Folhetim do *Correio Mercantil,* e como estes, deram tambem os mais jornaes do imperio o desmentido com vivas mostras de satisfação e jubilo.

III

... que com o titulo de «Apotheose» pretendo publicar um dia.— pag. 186

(Tributo de saudade e admiração ao poeta Gonçalves Dias por occasião da sua morte a 3 de novembro de 1864)

Além dos suffragios pelo eterno repouso do desgraçado poeta em muitas das egrejas das povoações principaes do Brasil, são estes os escriptos que lastimavam esse desgraçado successo:

POESIAS

Á morte de A. Gonçalves Dias por João Rodrigues de Oliveira Santos (corre hoje impressa na pag. 13 do volume de suas poesias que tem por titulo *Horas Vagas).*

Gonçalves Dias por Flavio Reimar (dr. Gentil Homem de Almeida Braga). Precede o seu poema — *Clara Verbena* — que vem na collecção de suas poesias — *Sonidos.*

Á morte do poeta brasileiro A. G. Dias por Augusto de Miranda. Acha-se no volume de poesias que em 1866 publicou o author em Coimbra com o titulo tambem de *Primeiros Cantos.*

Lagrima sentida á morte do insigne poeta brasileiro Antonio Gonçalves Dias (soneto) por C. A. Salazar Sanches. Vem colleccionado em um volume de suas poesias impresso no Maranhão.

Á Gonçalves Dias, *a minha musa,* por Francisco Ferreira de Vilhena Alves. Faz parte do seu volume de poesias que intitulou *Monodas.* (Vej. pag. 101.)

Nenia á memoria do mavioso e infeliz poeta dr. A. G. Dias por Maria Firmina dos Reis. Vem na pag. 197 de seus *Cantos á beira-mar.*

Á memoria de A. G. Dias por C. Amelia.

Gonçalves Dias (versos em francez) por M.me A. E. Langenschwartz Froes.

Gonçalves Dias traducção do mesmo por Joaquim Serra.

Prophecia por J. Ramos Coelho (no *Archivo Pittoresco* e *Diccionario d'Educação).*

Gonçalves Dias por Franklin Doria (no *Almanach de Lembranças brasileiras)* Maranhão, 1866.

O cantor dos tymbiras por Juvenal Galleno.

Á memoria de Antonio Gonçalves Dias pelo dr. D. Jacy Monteiro.

Soneto sobre o mesmo assumpto e pelo mesmo.

A Palmeira sobre o mesmo assumpto por Benicio Fontenelle.

A Gonçalves Dias por Joaquim José Teixeira.

Á morte de Antonio Gonçalves Dias por Manuel Luiz F. da Rocha.

Gonçalves Dias por Deolindo Pontes.

Gonçalves Dias por Martiniano Mendes Pereira.

Á memoria do illustre poeta Gonçalves Dias por F. de Barros.

Canto elegiaco á memoria de Gonçalves Dias por Bernardo Guimarães (Vem no *Affonso Indio,* romance pelo mesmo).

Memento, poesia de Francisco Gomes de Amorim em memoria de alguns amigos. Vem nos seus *Ephemeros.*

A Gonçalves Dias por J. P. *(*Vej. *Diario de Pernambuco).*

Mais uma prece funebre... (anonymo do *Diario do Rio de Janeiro).*

Nenia á morte de A. Gonçalves Dias por J. B. Alves Martins.

Á sentida morte do eminente poeta brasileiro A. Gonçalves Dias por Augusto de Carvalho. (Sahiu logo depois da noticia da sua morte no *Paiz* da cidade de Campos, e foi já transcripta na *Aurora,* jornal litterario e scientifico do Porto, redigido por Augusto de Carvalho e Alfredo de Sousa Pinto.

Consta-me de mais uma poesia do sr. Joaquim Serra nos seus *Quadros Sertanejos,* e na qual lamenta a morte do Odorico e a de G. Dias: não menciono aqui as que foram publicadas por occasião de ser lançada a primeira pedra do Monumento e da inauguração de sua estátua por virem impressas na nota O.

EM PROSA

Artigos do *Publicador Maranhense* n.os 273 e 274 de novembro de 1864.

Artigo do *Paiz* de novembro de 1864.

Artigo da *Situação.* de novembro de 1864.

Artigo do *Diario do Grão Pará.*

Artigo do *Jornal do Amazonas.*
Artigo da *Estrella do Amazonas.*
Artigo do *Cearense.*
Artigo do *D. Pedro II.*
Artigo do *Publicador da Parahyba.*
Artigo do *Jornal do Recife.*
Artigo do *Diario de Pernambuco.*
Artigo do *Jornal da Bahia.*
Artigo do *Diario da Bahia.*
Artigo do *Sergipano.*
Artigo do *Jornal do Commercio,* do Rio.
Artigo do *Correio Mercantil,* do Rio.
Artigo da *Revista Brasileira.*
Artigo do *Diario do Rio de Janeiro.*
Artigo da *Semana Illustrada.*
Artigo do *Echo de Minas.*
Artigo da *Revista Paulistana.*
Artigo do *Echo do Sul.*

Artigo necrologico do n.º 4 da *Rosa,* jornal litterario publicado em Caxias — 16 de novembro de 1864.

Oração funebre recitada pelo reverendo padre J. Guimarães em uma missa de *requiem* e exequias em suffragio da alma de Gonçalves Dias, celebradas em 17 de novembro de 1864 na egreja de Nossa Senhora dos Remedios na cidade de Caxias.

Algumas das poesias de Gonçalves Dias tem sido postas em musica por Amat, Gorjão e Rayol.

Não foram só accordes e unisonos em carpir a morte do poeta os jornaes de todo o imperio, como os de Portugal, transmittindo primeiro tão triste noticia o sr. Pinheiro Chagas no *Jornal do Commercio* de Lisboa. e d'ahi todos os mais repetiram-n'a, e mais detidamente a *Nação* (dr. Gomes d'Abreu), o *Conimbricense* e o *Bracarense.*

No tomo x do *Archivo Pittoresco* sahiu um extenso artigo do sr. Innocencio Francisco da Silva, — *Apontamentos para a vida e tragica morte do insigne poeta Antonio Gonçalves Dias.* O sr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas publicou em Braga (1865) um folheto— *Desafogo de saudades na desastrosa morte do distincto poeta maranhense Antonio Gonçalves Dias.* É do mesmo escriptor um ar-

tigo que sobre o nosso poeta vem desde pag. 111 até pag. 117 do *Almanach Familiar para Portugal e o Brasil* (1869), impresso em Braga.

Tanto o Instituto Historico, como o Conservatorio Dramatico suspenderam suas respectivas sessões ao communicarem-lhes seus presidentes a notícia da morte de Gonçalves Dias, havendo por bem Sua Magestade o Imperador, ao dar seu consenso ao acto do Instituto a que estava presente, declarar que era a mais justa homenagem ao talento e recompensa devida aos serviços feitos áquella corporação por esse finado consocio.

Nota H

... restabelecendo a gratificação do director da secção ethnographica da commissão scientifica — pag. 159 e 217

Discurso do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pronunciado na sessão magna anniversaria do referido Instituto no dia 16 de dezembro de 1864.

.....
.....
.....

Não tinham ainda passado tres mezes depois que se fechára o athaúde de Odorico Mendes, e já eramos feridos por uma verdadeira calamidade nacional com a morte do nosso consocio e grande poeta o dr. Antonio Gonçalves Dias.

Na provincia do Maranhão ufana-se a cidade de Caxias de ter sido, a 2 de agosto de 1824[1], o berço d'esse inspirado; a cidade de S. Luiz se honra de tel-o visto em suas aulas fazendo o curso de humanidades[2]; e em Portugal a universidade de Coimbra não esquecerá jamais a glória de haver-lhe conferido o titulo de bacharel em direito; glória, honra e ufania bem fundadas, porque não haverá registro que contenha o nome de Gonçalves Dias onde não fulgure um raio de luz.

[1] 10 de agosto de 1823, no sitio Boa Vista, e não como diz o orador por mal informado.

[2] Outro engano manifesto.

O prestigio de um diploma academico e o thesouro de um talento prodigioso, que parecia sempre uma vocação, qualquer que fosse a sciencia em que se experimentasse, abriam ao nosso consocio os fascinadores horisontes de riquezas, e de altos graus sociaes; mas Antonio Gonçalves Dias não fôra creado para fruir os triumphos do cálculo; devia ser na terra um apostolo do idealismo: tinha nascido poeta: dir-se-hia que o anjo das harmonias baixára do céo a procural-o no berço, e que lhe accendêra n'alma a flamma divina, que ahi lhe ficára para inspirar-lhe suavissimos cantos. Não se fizera; Deus o creára poeta: o dom da poesia estava em sua natureza como a fragrancia está no calice das flores: a inspiração rompia do seu espirito, como os raios do dia rompem do seio do sol.

Era uma missão: devia cumpril-a. O inspirado chegou ao Rio de Janeiro em 1846 e logo publicou os seus *Primeiros Cantos* e revelou-se o grande poeta: o seu livro foi uma aurora esplendente. Applausos unanimes o saudaram na patria, e alem do Atlantico Alexandre Herculano, o vulto immenso da litteratura portugueza, teceu uma corôa ao cysne brasileiro.

Aos *Primeiros* seguiram-se os *Segundos*, e a estes logo depois os *Ultimos Cantos*—dois livros de poesias que bastariam para o orgulho de uma geração. Com elles ou entre elles nascem d'aquelle mesmo engenho fertilissimo *Patkull, Leonor de Mendonça, Beatriz Cenci*, e mais tarde *Boabdil*, quatro brilhantes engastados na nascente litteratura dramatica nacional,—triste litteratura dramatica de um paiz que ainda não tem theatro!...

Ao mesmo tempo Gonçalves Dias, unindo-se a dois amigos, fundava com elles em 1849 o *Guanabara*, revista litteraria mensal; no mesmo anno o nosso consocio o sr. dr. Joaquim Caetano da Silva, então reitor do imperial collegio de D. Pedro II, propunha e conseguia a creação de uma cadeira de história do Brasil, provisoriamente desligada da de história e geographia modernas; e exultava recebendo n'esse collegio como professor d'aquella materia, e por elle mesmo indicado, o já muito distincto poeta, a quem ainda sobravam horas para enriquecer o nosso Instituto com diversas memorias, cheias de erudição, palpitantes de interêsse e reveladoras de profundo estudo das nossas cousas.

Quando no futuro se comparar a transcendencia, a extensão e o numero de tantos trabalhos com o tempo em que Gonçalves Dias

os executou, haverá quem o imagine vivendo em labor incessante em algum silencioso retiro, como nas montanhas da Syria aquelle que devia chamar-se a Bôca de Ouro, ou fugindo dos homens e cantando na solidão, como Petrarcha na Vaucluse, e todavia não era assim: Gonçalves Dias cultivava frequente o santo commércio da amizade, e aprazia-o passar horas inteiras, que voavam rapidas, entretendo-se com os amigos, ora em graves discussões de pontos litterarios, ora em amena conversação, que elle enchia de encantamento com o atticismo do seu espirito, e com o fogo vivo de innocentes e subtis epigrammas.

Se escreveu, se produziu muito para esplendor das nossas lettras, é que não havia para elle nem hora, nem dia que não fossem opportunos: quando começava o labor era um prodigio na rapidez da composição; ás vezes amanhecia escrevendo, outras erguia-se alta noite do leito para ceder ao impeto do estro que o despertava do meio de um sonho: deram-se casos em que uma meditação de philosopho, ou cantos de poesia, correram de sua penna no meio de uma festa e de jubiloso ruido: nada podia então distrahil-o: era Archimedes resolvendo o problema. Não tinha que esperar jamais a inspiração: a inspiração era a odalisca formosa sempre obediente á sua vontade.

Em 1851 Gonçalves Dias partiu do Rio de Janeiro incumbido pelo govêrno de inspeccionar em algumas provincias do norte a instrucção primaria e secundaria, pública e particular; n'esta interessante commissão deu elle conta em accuradissimos relatorios datados do Maranhão, Pará e Parahyba, em junho, agosto e dezembro do mesmo anno de 1851, e da Bahia em maio de 1852. Esses documentos, de uma transcendencia incontestavel, e que formavam um grosso volume, devem, ou antes deveriam encontrar-se na secretaría do ministerio do imperio[1].

De volta de sua viagem ao norte, foi Gonçalves Dias nomeado primeiro official de uma das secções da secretaría dos negocios estrangeiros; pouco, porém, se demorou n'esta capital, porque logo em 1854 seguiu para a Europa encarregado de colligir em Portugal manuscriptos e documentos relativos á história do Brasil: muito

[1] Depois de andarem por mãos particulares, de facto ahi param, como ultimamente foi-me communicado pelo nosso amigo, José Vicente Jorge pouco antes de seu fallecimento. Faria o ministerio respectivo louvavel serviço mandando-os imprimir.

abundante e preciosa foi a colheita alli realisada pelo nosso consocio: se o desmazelo a perdeu em parte, a culpa não foi d'elle. *O sic vos non vobis* é uma triste verdade em todos os paizes e em todos os seculos!

O inspirado annunciou a sua volta á patria com a remessa dos quatro primeiros cantos do seu primoroso poema—*Os Tymbiras*, publicados em Leipzig em 1857, de uma nova edição das suas poesias, contendo dezeseis *Novos Cantos* enthesourados em um só volume; no anno seguinte chegou á capital do Imperio, trazendo ainda um outro livro, fructo de suas locubrações, o—*Diccionario da lingua tupy, chamada lingua geral dos indigenas do Brasil.*

O nosso consocio não pôde demorar-se no Rio de Janeiro: membro da commissão scientifica exploradora de algumas provincias do Imperio e encarregado especialmente da parte historica e ethographica, partiu para a provincia do Ceará em janeiro de 1859; em 1860, emquanto seus companheiros voltam á capital, adianta-se elle para o norte, entra no magestoso Mediterraneo de agua doce, sobe-o, aprofunda seus estudos sobre os costumes dos selvagens; e accedendo ao pedido do presidente da provincia do Alto-Amazonas, o sr. Manuel Clementino Carneiro da Cunha, elabora um curioso trabalho sobre a instrucção pública, pelo qual mereceu os mais justos elogios do administrador da provincia; em fim presta d'alli mesmo patrioticos serviços para tornar mais esplendida a primeira exposição industrial do Brasil, e vem encontral-a aberta no Rio de Janeiro em dezembro de 1861.

A presença do inspirado no theatro dos seus mais bellos triumphos veiu prenunciar aos seus amigos e admiradores a fatal calamidade de 3 de novembro. Gonçalves Dias já não era o mesmo: profunda melancholia apagára-lhe a vivacidade do espirito e os risos dos tempos felizes: fallava da morte, como a juventude sonha com a esperança, e a morte estava n'elle consumindo, devorando pouco a pouco aquella vida, que era um thesouro do Brasil: sua voz enrouquecêra, cruel enfermidade estava estampada em seu rosto e no inspirado já se adivinhava um moribundo. E ainda assim não descançava; o trabalho era o seu lenitivo e a sua consolação: consolação, eu creio; mas lenitivo!... e no entanto trabalhava, escrevia como um condemnado á morte que não espera perdão, nem o

pede, e só se empenha em aproveitar as horas contadas que ainda tem de passar no mundo.

Trabalhou muito esse pobre irmão em seu agonisar de tres annos: tudo estava morrendo n'elle, menos a intelligencia, que nunca se desalentára — menos o amor da patria, que nunca arrefeceu n'elle! Contribuiu para o *Parnaso Maranhense*[1], archivo de glória litteraria para sua provincia: collaborou em uma collecção de traducções poeticas de escolha esmerada, e muito se empenhou na sua publicação: comprehendeu que era um dever de honra levar ao cabo, antes de descer ao tumulo, a organisação e redacção dos estudos que particularmente lhe competiam na commissão scientifica, e esgotou n'esse labor immenso as fôrças que lhe restavam; queria responder com um último triumpho aos epigrammas e ás críticas d'aquelles para quem toda a sciencia se resume em arranjos de eleições e em despachos materialissimos do expediente.

Uma viagem á Europa tornára-se o recurso extremo aconselhado pelos medicos ao illustre poeta, que em 1862 seguiu para Pernambuco em um dos nossos paquetes do norte, e d'ahi para França em um navio mercante, e dois mezes depois, como se julho de 1862 devesse prophetisar o 3 de novembro de 1864, chega annúncio da morte de Gonçalves Dias comprovado com a relação das mais verosimeis circumstancias: a dor se derrama em toda a população: o nosso Instituto resolve no dia da infausta noticia suspender os seus trabalhos, em demonstração de saudade e pezar, declarando S. M. o Imperador que era a mais justa homenagem ao talento e recompensa devida aos serviços feitos ao Instituto pelo seu finado consocio: a mocidade academica, os homens de lettras, os artistas, a imprensa periodica, manifestam em todo o Brasil os sentimentos mais afflictivos pelo fatal acontecimento, e nos templos do Senhor celebram-se funebres officios pela alma do inspirado.

Mas em breve chega da Europa a feliz nova que desfaz o lucto dos corações; ainda era cêdo para o trance derradeiro; Gonçalves Dias vivia, e chegára a conceber esperanças do restabelecimento de sua saude; a influencia do clima lhe fôra favoravel nos primeiros mezes, mas logo depois sentiu que o mal progredia, e em França,

[1] Foi emprehendida essa publicação por alguns mancebos esperançosos e sahiu d'ella um volume, impresso em 1861, na typographia de B. de Mattos.

na Allemanha, em Portugal, e outra vez em França, procurou debalde um milagre de sciencia que o salvasse!

Agonisou longe da patria dois annos e alguns mezes, e em todo esse tempo, sem que podessem vencel-o os martyrios da enfermidade, cumpriu a sua missão escrevendo sempre: pagou o que elle suppunha a sua divida de honra, concluindo a redacção dos seus trabalhos especiaes da commissão scientifica[1]; traduziu com esmerado zêlo a *Noiva de Messina* de Schiller; deu começo e adiantou muito a sua *Historia dos Jesuitas no Brasil*, obra que planejava com proporções grandiosas, e para a qual tinha reunido preciosissimos elementos; compoz e poliu os doze ultimos cantos do seu poema—os *Tymbiras*, e, escrevendo sem cessar e com um ardor só explicavel em quem via já proximo o seu fim, anhelava deixar ao Brasil todas as preciosidades do seu engenho maravilhoso. Genio modesto! tentava esgotar uma fonte que Deus creára prodigiosamente perenne!

Gonçalves Dias não tinha fortuna; partindo para a Europa em 1862, teve uma licença de seis mezes com os seus ordenados de primeiro official da secretaría de estrangeiros, e a gratificação que lhe compettia como um dos directores da commissão scientifica: quando o govêrno não pôde legalmente prorogar aquella licença com ordenado, deu-lhe pela secretaría dos negocios do imperio a mesma commissão que estivera desempenhando em Portugal o nosso finado consocio João Francisco Lisboa, que por sua morte a deixára vaga, a mesma commissão de que já uma vez em 1854, fôra Gonçalves Dias encarregado, e que então em 1862 talvez fosse... mas porque o não direi? foi um glorioso e patriotico pretexto para soccorrer o poeta moribundo, cuja agonia na miseria seria uma nodoa indelevel para o Brasil, como é uma nodoa indelevel para Portugal a miseria de Camões e a sua morte no leito de um hospital!.

O sr. Guizot, attacado leviana e brutalmente pela tribuna e pela imprensa da opposição por ter dado uma missão na Italia a Theo-

[1] Labora em erro o illustre orador, porquanto Dias terminou esse relatorio antes de partir do Rio em abril de 1862 segundo m'o declarou em carta de 25 de março. Se o entregou na secretaría do Imperio, e d'ahi o desencaminharam, ou se o confiou a alguem para que o apresentasse ao ministro, é mysterio que não pude até hoje nem sequer rastrear.

dorico Jouffroy, que começava a soffrer a molestia pulmonar que o levou á sepultura, respondeu dignamente que a missão era um pretexto, e que os homens que honravam o nome da França deviam achar na gratidão da França uma acção animadora da sua fôrça e da sua coragem nas difficuldades da vida. E mais agradecida ainda que a França, mais bella e magestosa nos cultos rendidos ao genio, a Inglaterra, sobresaltada pela enfermidade que ameaçava os dias de Walter Scott, sabendo que uma viagem lhe podia ser util, não lhe deu uma missão diplomatica, não procurou um pretexto para soccorrel-o, poz um navio do estado á disposição do illustre romancista.

Mas em 1864, custa dizel-o, é porém verdade!... Gonçalves Dias recebeu do govêrno do seu paiz a declaração impiedosa que do 1.º de julho em deante cessava a sua commissão litteraria e a gratificação de director de uma das secções da commissão scientifica! Era a miseria que visitava o poeta moribundo em seu pobre leito na terra estrangeira, era a miseria que se sentava á cabeceira do agonizante e se mostrava fria, horrivel, ameaçadora aos olhos d'aquelle que tinha creado para o Brasil tão mimosas e bellas producções —*Marabá* e a *Mãe d'agua*, *Gulnare* e *Coema*. Era a miseria mandada em nome de não sei que lei do Brasil, como se o Brasil podesse ter lei que mandasse matar-lhe a glória!...

Gonçalves Dias achou-se absolutamente sem recursos: o conselheiro Drummond, velho e prestimoso servidor do estado, e hoje cego e pobre (já fallecido), o hospedou em França durante um mez, e deu metade do seu pão ao grande poeta, que se resolveu a voltar para o Brasil em companhia do seu amigo e comprovinciano Odorico Mendes [1].

A noticia da situação tristissima em que se achava Gonçalves Dias chegou ao Rio de Janeiro. Sua Magestade o Imperador, que sempre distinguiu e estimou muito o illustre poeta, e que o suppunha a coberto de quaesquer privações, mercê de providencias que contava haverem sido tomadas, sentiu-se profundamente afflicto, e logo mandou pelo paquete francez do mez de agosto ordem illimitada para do seu bolsinho prestarem-se ao nosso consocio todos os meios pecuniarios que lhe fossem precisos.

[1] Vej. atraz na pag. 159 d'este tomo.

O actual sr. ministro do imperio tornou de novo effectiva a gratificação de director da secção ethnographica da commissão scientifica; mas Gonçalves Dias já não foi encontrado em França; a morte subita e inesperada de Odorico Mendes tinha acabado de prostral-o; chorando pediu ao céu dois mezes de vida para vir morrer entre os seus irmãos pela patria, e dar o seu corpo á terra onde havia nascido: embarcou no navio mercante e de véla *Ville de Boulogne,* porque não teve dinheiro para pagar a sua passagem no paquete francez, e veiu... veiu para não chegar!...

Já não tinhà voz nem fôrças, nem esperança alguma durante a viagem; o seu estado aggravou-se: apezar de tudo, escrevia ainda e muito, até que por fim sua mão tremula não pôde mais fazel o, foi o último golpe quando na vespera desfez-se em lágrimas, como Walter Scott quando nas vesperas da agonia, pedindo para escrever, sua filha não conseguiu fechar-lhe os dedos que deviam suster a penna.

O resto da lugubre história de Gonçalves Dias é um mysterio do mar; diz o capitão do barco que dias antes de 3 de novembro o illustre poeta não se levantára mais, nem tomava alimento algum; e que na hora tremenda do naufragio, indo ao beliche para tractar de salval-o, encontrou-o morto, e por isso abandonou o cadaver no navio que se abysmava[1].

Morreu, pois, o dr. Antonio Gonçalves Dias e exhalou o último suspiro no mais completo isolamento, deante das terras do seu berço, que anhelante demandava e sem que lhe fosse dado vel-as; o corpo que elle queria restituir ao chão da patria foi preza do mar, e seus numerosos manuscriptos, seus importantes trabalhos, fructo do labor de tres annos, julgam-se de todo perdidos. Morreu no mar, como prenunciára a falsa notícia de 1862, e como parece ter elle proprio, e sem, o sentir prophetisado nos seguintes versos com que fechou o seu canto —*Adeus aos meus amigos do Maranhão:*

Tal parte o desterrado; um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia
D'onde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo[2].

[1] De pag. 170 a 177 d'este tomo procurei demonstrar ser falsa similhante asserção do commandante e do piloto do *Ville de Boulogne.*

[2] Este trecho inspirou ao sr. Ramos Coelho a sua bellissima *Prophecia.*

O inspirado chegou ao termo da sua missão, mas deixou em sua passagem um rasto de luz que nunca se ha de apagar, deixou um nome que é uma glória do Brasil, deixou-nos livros que hão de atravessar os seculos, e uma influencia real, vivificadora e potente, que dará lustre e espirito verdadeiramente nacional á nossa litteratura.

Antonio Gonçalves Dias não tinha sómente um talento maravilhoso, possuia tambem uma vasta erudição: as linguas latina, italiana, hespanhola, franceza, ingleza e alleman, lhe eram tão familiares como as respectivas litteraturas: seus escriptos, principalmente os ultimos publicados, tanto em verso como em prosa, são modelos de pureza de linguagem e de excellencia de estylo em portuguez; com intelligencia tão desmedida e com instrucção variadissima e solida mostrou-se notabilidade em todos os generos de trabalhos litterarios que saíram da sua penna, e pelo menos em um — no lyrico — não teve quem o igualasse no Brasil e em Portugal.

Estudando e esclarecendo a história, foi um escriptor grave, simples e profundo: a sua crítica apurada e segura se patenteou repettidas vezes nas memórias por elle apresentadas ao nosso Instituto. A sua *Historia dos jesuitas no Brasil* devia ser um monumento.

Nos dramas que compoz Gonçalves Dias, sem se alistar como cego partidista nas phalanges da escola romantica, lançou seus vôos arrojados para os horisontes, onde fulge a estrella magestosa de Victor Hugo, marcando muitas vezes a fôrça e independencia de um verdadeiro genio em rasgos audazes de originalidade sublime, em felizes e inesperados lances dignos da altiveza de Shakspeare.

Dos seus quatro dramas, infelizmente nem todos publicados, *Beatriz Cenci* afigura-se-me a joia mais preciosa da sua corôa de dramaturgo [1].

É, porém, na poesia lyrica que está a suprema manifestação do inspirado. Gonçalves Dias é incontestavelmente o primeiro poeta lyrico da lingua portugueza; é egual em suavidade a Gonzaga, e muito mais original, e muito maior poeta que elle; não cede a Garrett na magia de uma fluencia enlevadora, nem a algum outro dos mais abalisados e formosos n'aquellas divinas delicadezas de poesia, que sómente podem nascer de uma rara e mimosa sensibidade.

[1] Foram já publicados nos vol. 4.º e 5.º das suas *Obras Posthumas*.

Enumerar seus bellos cantos fôra repettir todo o longo indice dos seus tres livros.

Nos quatro primeiros cantos dos *Tymbiras* a inspiração arrebata, a harmonia dos seus versos extasia, o vigor do pensamento e o primor dos adornos maravilham. O congresso dos cheffes indios faz lembrar Homero, e na descripção de uma aurora que rompe, sente-se o frescor das auras matinaes, ouve-se o gorgeio dos passarinhos, e amanhece-se com o poeta em um mundo encantado.

Não cabe aqui estudar a influencia exercida por Gonçalves Dias sobre a litteratura nacional. Seja-nos lícito recordar simplesmente que desde 1846 foi a columna de fogo que mostrou o caminho da terra da promissão da poesia á nossa mocidade cultivadora das lettras. Suas *Poesias americanas* fundaram com as *Brasilianas*, de Porto-Alegre, uma eschola cujo caracter é todo nacional.

Se a glória bastasse para felicitar o homem na terra, nenhum outro teria sido mais feliz que o nosso poeta, Milton teve corôas sómente vinte annos depois da sua morte, quando as teceu a mão patriotica de Addison. Torquato Tasso morreu antes de chegar ao Capitolio, e Clemente VIII pôde apenas cingir com a corôa do genio a fronte gelida do seu cadaver; a arvore magestosa da glória, que para quasi todos só floresce sobre os tumulos, para Gonçalves Dias desde os mais bellos annos cobriu-se de flores; vivo ainda e na edade dos risos, as acclamações do mundo chegaram a seus ouvidos de poeta triumphador, e comtudo elle não foi feliz! A fonte dos seus tormentos estava exactamente no encanto especial que o fazia mais poeta — na sensibilidade.

Depois de 1862 Gonçalves Dias podia chamar-se, e elle proprio chamava-se — um poeta de alem-tumulo. Como Carlos V, assistiu ao seu funeral, e mais afortunado que o rival de Francisco I, ouviu ou leu a sua necrologia, e os primeiros juizos que sobre elle faziam os seus suppostos sobreviventes: coube-lhe o milagre de viver mais de dois annos um pouco no meio da posteridade, que começára o processo do seu merecimento em um tribunal que se julgou reunido em tôrno de uma sepultura, que aliás ainda não estava aberta.

Fallei até aqui do poeta: agora duas últimas palavras em relação ao homem: Antonio Gonçalves Dias era tão admiravel pelo fogo da intelligencia, como pelas virtudes do coração: honra, patrio-

tismo, infinita dedicação aos amigos, lealdade sem quebra, assignalavam a nobreza do seu caracter; leão soberbo e ousado se um poderoso da terra pretendia offendel-o ou tentava humilhal-o; mas um leão que uma criança dominava com um sorriso: era ainda mais, e sobretudo de uma modestia pura e candida, que, sem que elle o pensasse, fazia realçar o seu merecimento, como o véu branco que, escondendo o rosto de uma donzella, augmenta-lhe o prestigio da belleza. Emfim, singelo, franco, caridoso, capaz de sacrificar-se, extremamente sensivel, Antonio Gonçalves Dias tambem pelos dotes do coração deixou um nome que será sempre abençoado.

Mereceu de Sua Magestade o Imperador a mais elevada estima, dos seus compatriotas, amor e admiração; e deixa nos corações dos seus amigos uma saudade que jámais se extinguirá.

A gratidão nacional vae erigir á memoria de Gonçalves Dias um monumento na capital do Maranhão[1]: e o anjo da poesia que cantou na alma do inspirado já lhe abriu em par as portas do templo da glória.

(Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, tom. XXVII, 2.ª parte, de pag. 428 a 440.)

Nota I

... como se lastima o proprio poeta — pag. 98

... appenso em nota esse officio-carta que merece conhecido pag. 206

Illmo e Exmo Sr. Ministro.

Ceará. — Fortaleza, 17 de março de 1859.

A benignidade que sempre encontrei em v. ex.ª me anima a pedir-lhe que, esquecendo-se por alguns momentos da elevada posição em que se acha, se digne escutar-me no que me interessa da re-

[1] Acha-se erguido esse monumento desde 7 de setembro de 1873, quando foi inaugurada a estátua do poeta ao som festivo e jubiloso das acclamações de uma população inteira, que se ufanava de render tão justo preito ao immortal poeta.

forma da secretaria d'estado dos negocio estrangeiros, que acaba de ser publicada nos jornaes do Rio de Janeiro.

É este o facto, somenos para todos, e de muita importancia para mim, mas com a vantagem de se poder definir em poucas palavras. Os officiaes da secretaria de estrangeiros, antes da reforma, percebiam vencimentos equivalentes aos dos directores das secções de hoje, e dentro da repartição tinham apenas acima de si o official maior: por consequencia o antigo official, que passa a ser primeiro, nem só perde uma parte de seus vencimentos, como é rebaixado em categoria. Ora a reforma do pessoal administrativo tem sempre em vista a admissão de pessoas mais habilitadas para o serviço, a inutilisação dos que n'elle se gastárão e o aproveitamento dos que ficão na escala ascendente ou descendente, e no grau em que podem ser uteis, sem que se offendão os de baixo, sem que os de cima reparem.

Se houve erro, como quasi sempre acontece, se o empregado suppõe que lhe faltárão com a justiça, ainda assim, no meu entender não tem motivo algum de queixa. Os poderes administrativos manifestárão, como convinha, a sua opinião: não resta ao preterido senão um dos dois recursos — acquiescer, calando-se, ou protestar, demittindo-se.

Não é, portanto, para me queixar que me dirijo a v. ex.ª, pois alem de extemporanea, a queixa seria infructifera. O governo consultou os dados que tinha, aquilatou-os e escolheu; á sua escolha presidiu a consideração de merito relativo, ou, se o quizerem, a conveniencia do serviço; póde o amor proprio de cada um offender-se, mas nada tem com isso o govêrno, cuja norma é a imparcialidade: quizera sim, e mais que tudo, que se não enxergasse na resolução que n'este caso deverei tomar nenhum motivo de indisposição pessoal para com v. ex.ª a quem não devo senão favores: para isto peço permissão para o fazer juiz no meu caso, e venia para começar de mais alto a succinta história das commissões em que tenho sido empregado.

Em 1850 (cito approximadamente as datas) era eu professor no Imperial Collegio de Pedro II, e tendo necessidade de vir á minha provincia natal, pedi uma licença, que acceitaria sem vencimentos, e uma passagem d'estado nos paquetes da companhia brasileira. O negocio, apezar de simples, offereceu difficuldades: derão-me em

vez de licença uma commissão com os meus ordenados, ficando eu incumbido de estudar a instrucção pública nas provincias do norte, e de colher documentos historicos nos archivos provinciaes, e executado satisfactoriamente este trabalho, teria eu uma gratificação na minha volta. Qualquer que fosse a maneira por que desempenhei aquella commissão, parece não ter desagradado ao governo, pois que a elogiou em tres relatorios differentes, promettendo-se a impressão d'elle; mas essa impressão, mesmo de parte d'esse trabalho, nunca chegou a realisar-se, e para que eu recebesse a gratificação promettida e caprichosamente negada, tive de esgotar todos os recursos e de reduzir-me á desagradavel condição de pretendente! Nomeado depois official da secretaría de estrangeiros, derão-me para a Europa, passados tempos, as mesmas commissões em que já tinha estado nas provincias do norte. Comecei a colligir documentos historicos em Portugal; mas estava a collecção ainda em princípio, quando recebi nova ordem do governo para assistir á exposição universal de París como commissario por parte do Brasil, em companhia dos drs. Gabaglia e Capanema. A exposição tinha já começado ha mezes, e o Brasil não tinha concorrido, e a nossa bandeira tinha por isso sido arreiada do palacio da exposição, e nós, os commissarios brasileiros, nos achavamos em uma posição singular! Assim mesmo não recuámos, e começámos os nossos trabalhos, emquanto esperavamos as promettidas ordens do governo para as despezas necessarias, ordens estas que nunca chegárão ao nosso conhecimento! Os nossos relatorios, que devião ser impressos em París, com mais economia, com maior desenvolvimento e em tempo, em que nenhum outro havia ainda apparecido, vierão morrer esquecidos no pó das secretarías do imperio e da marinha, onde boa parte d'elles se desencaminhárão!

O governo não se dignou sequer accusar-nos o recebimento d'esses trabalhos, e levou o seu silencio ao ponto de não responder ao deputado conselheiro Ferraz quando o interpellava designadamente sobre está commissão, perguntando-lhe o que tinhamos feito, e o que é ainda mil vezes peior, deixou pairar sobre nós a horrivel suspeita de que tinhamos consumido não sei que porção de contos de réis, quando a verdade era, como v. ex.ª bem o sabe, que nem a mim, nem ao dr. Gabaglia nos pagárão sequer ao menos as ridiculas passagens de Lisboa e de Londres até París!...

Para concluir a collecção dos documentos historicos tornei-me para Lisboa, onde encontrei o commendador João Francisco Lisboa, desejoso de encarregar-se d'essa parte de minha commissão. Remetti para a secretaria do imperio cerca de cincoenta volumes manuscriptos in-folio, e pedi em favor do sr. Lisboa me exonerassem d'esse encargo. O governo, que já estava compromettido com o dito sr. Lisboa, accedeu promptamente ao meu pedido, calando comtudo a remessa que eu havia feito!...

Quer v. ex.ª saber o apreço que deu o governo a esses trabalhos e o que foi feito d'elles? Precisei de alguns d'esses manuscriptos para uma noticia que tencionava apresentar ao Instituto Historico, e não os encontrei... Tinham sahido da secretaria do imperio para as mãos de um homem a quem só conheço pela carencia absoluta de boa fé e de honestidade litteraria. Parece incrivel!

Foram-me tambem precisos os relatorios que annos atraz havia apresentado ácerca da instrucção nas provincias do norte, e que me iria servir de base a trabalhos identicos feitos na Europa, e que queria mandar imprimir, e tambem não os achei! Os nossos relatorios sobre a exposição universal de París tiverão o mesmo fim, e só uma diminuta parte foi aproveitada por um amigo, que se doeu de a ver em mortuorio e de que se perdesse com as outras, e a fez imprimir na *Revista Brasileira* [1].

Eu pela minha parte, ainda que o governo me tivesse promettido uma gratificação na minha volta, não julguei que a devia pedir, quando esses trabalhos não merecião a pena da communicação usual de recebimento, de que aliás são tão prodigas as nossas secretarías e nem ao menos de conservação entre outros papeis inuteis que atulhão as estantes das nossas repartições. De parte dos factos que deixo mencionados só tive conhecimento em chegando ao Rio de Janeiro: já então se achava organisada a commissão scientífica de que me honro de ser membro, mas que talvez acceitasse por me persuadir que se podião prestar serviços tão valiosos em commissões de tal natureza, como nos rotineiros das repartições públicas.

Conheço agora que me enganei e que taes encargos, em relação a quem os acceita, devem ser considerados mais como favor que recebem, do que como direitos que adquirem.

[1] E a que reimprimiremos no 7.º volume das *Obras Posthumas*.

Á vista do exposto, figura-se-me que sou como o negociante em más circumstancias, que em vesperas de abrir fallencia, procura o amigo, julgando que ainda assim lhe póde ser util em alguma cousa.

Digo pois ao sr. conselheiro... para que o sr. ministro dos negocios estrangeiros se lembre, quando lhe parecer conveniente, que o meu logar na secretaría d'estado dos negocios estrangeiros está vago desde hoje.

Se n'esta commissão continúo, conhecendo aliás que meus trabalhos terão o paradeiro dos antecedentes, é porque me fórça o que devo a Sua Magestade o Imperador, ao Instituto Historico e aos meus actuaes companheiros. Todavia dentro e fóra do Instituto não ha falta de quem melhor do que eu possa desempenhar as minhas vezes, e que não desdenhe associar-se á commissão scientifica, entrando para o meu logar. Sendo assim, eu empenharia todo o valimento que posso ter para com v. ex.ª, firmado na amisade que de antes se dignava mostrar-me, a fim de que se realise o mais breve possivel alguma pretensão que appareça n'esse sentido, asseverando-lhe que eu considerarei como corôa de seus obsequios a notícia d'essa demissão, que não sería a primeira, se m'a désse, sendo a ultima, como espero, que carecerei de pedir.

Tenho a honra, etc.[1]

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

[1] Foi esta carta dirigida ao sr. dr. Capanema para ser entregue ao ministro d'estrangeiros; mas não me consta que aquelle o fizesse, no que obrou bem.

Nota J

(Jornaes allemães)

DIAS (A. Gonçalves)—CANTOS, collecção de poesias, 2.ª edição, Leipzig, 1857. Brockhaus. (1. Pag. XXVIII in-16.)

Em 1846 appareceu a primeira edição de parte d'estas poesias do poeta brasileiro, no Rio de Janeiro, e excitou para logo a merecida attenção tanto na patria do poeta como em Portugal. Teve o célebre historiador portuguez Alexandre Herculano bastante isempção para apontar o author, que lhe era completamente extranho, como mui importante apparição, e offerecer na *Revista Universal Lisbonense* uma critica dos *Primeiros Cantos,* que A. Gonçalves Dias junctou a esta edição correcta das imperfeições da mocidade, e assim o fez como agradecimento e melhor recommendação ás suas poesias. Os encomios tecidos ao poeta pelo historiador portuguez foram completamente justificados: a elevação dos sentimentos, a profundeza e energia da expressão, o ardor da phantasia, o explendor das imagens e propriedade do estylo distanceiam estas poesias do *pretenso rythmo lyrico* e da monotonia das rimas emparelhadas que ainda vegeta na poesia moderna portugueza. Contrastando com as affectadas e amaneiradas phraseologia e metrificação geralmente seguidas, reune o poeta á originalidade uma metrificação variada e estylo proprio, já cultivando o verso sôlto, já subjugando vocabulos aliás rebeldes para dar com elles fôrça á expressão, se é que não causa extranheza á prática tradicional a frequencia com que emprega essas figuras, taes como esp'rança, tum'lo, c'rôa, etc., já se não deixando escravisar pela rima quando entende que ella veda-lhe de exprimir um pensamento. Formam a corôa d'esta collecção *as poesias americanas,* onde as imagens e os sentimentos da natureza selvagem, dos bosques, dos indigenas, e da patria reverberam em reflexos lyricos.

(Do *Literalisches Centralblatt für Dieutschland* de 19 de setembro de 1857.)

BRASIL

O dr. F. França e A. Gonçalves Dias

Dão os nossos viajantes, em seus livros sobre a America meridional, noticia das minas de diamantes, das estradas de ferro e dos mirificos matadouros das cidades, da Mauricia, d'essa benefica *arvore da vida* (tuya) que, segundo dizem, nutre, veste e abriga

DIAS (A. Gonçalves) — CANTOS, collecção de poesias, 2.ª edição, Leipzig, 1857. Brockhaus. (1 Bl., XXVIII, 654 S. 16.)

Die erste Auflage eines Theiles dieser Gedichte von einem Brasilianer erschien 1846 in Rio de Janeiro und erregte alsbald im Vaterland des Dichters wie in Portugal das verdiente Aufsehen. Der berühmte portugiesische Historiker Herculano verschmähte es nicht, auf den damals ihm wie der Welt ganz unbekannten Verfasser als auf eine bedeutende Erscheinung hinzuweisen und in einer Lissaboner Zeitschrift eine Anzeige der Primeiros Cantos de A. Gonçalves Dias zu liefern, welche als beste Empfehlung der Verfasser der zweiten, um das Doppelte vermehrten, nunmehr erschienenen Auflage in der Vorrede beigefügt hat. Das von dem portugiesischen Geschichtsforscher dem brasilianischen Poeten gespendete Lob erscheint vollkommen gerechtfertigt; frische Unmittelbarkeit der Empfindung, Tiefe und Energie des Ausdruckes, glühende Phantasie und Eigenthümlichkeit des Stiles erheben diese Poesien über das lyrische Reimgeklingel und die ewige Wiederholung der oft gesungenen Melodien, in welche sonst in der modernen portugiesischen Literatur die Dichtkunst fortwegekiert. Mit dieser echten Originalität stimmt es auch, daß der Verf. im Gegensatze zu der hergebrachten geglätteten Phraseologie und Verskunst sein eigenes metrisches und stilistisches System befolgt, daß er namentlich den reimlosen Vers cultiviert und die widerwilligen Wörter manchmal mit einer Gewalt zu seinem poetischem Gebrauche verwendet, die der traditionellen Poetik wohl Bedenken erregen mag, wenn er z. B. tum'lo, esp'rança, c'rva für tumulo, esperança, corva setzt, und es auch mit dem Reime nicht genau nimmt. Die Krone der Sammlung bilden die Poezias Americanas, Bilder und Empfindungen, die das Vaterland des Dichters und dessen wilde Reitze in lyrischer Spiegelung wiedergeben.

Literarisches Centralblat für Deutschland (n.º 38 de 19 de setembro de 1857).

Brasilien

Dr. F. França und A. Gonçalves Dias

Unsere Touristen erzählen in ihren Büchern über Süd-Amerika von den Diamantlagern, den Inkastraßen und den großartigen Schlachthäusern der Städte, von der Mauritia, dem wohlthätigen Lebensbaum, der ganze Volksstämme nähren, kleiden und ihnen als Wohnung dienen soll

tribus inteiras, e do espectaculo pittoresco que apresenta a pesca dos gymnotos (poraqués), como tambem da impenetravel espessura das mattas virgens dos tropicos, sómente habitadas pelo zombeteiro macaco *(titi)* com rosto de criança, ora risonho, ora triste, e pelas aves revestidas de mui caprichosas côres, e finalmente dos vastissimos pampas por onde galopa n'um cavallo sem freio o solitario *Gaucho*, admiravel por sua dextreza hyppica que sabe prear com um laço e com egual presteza um touro ou um homem. Temos na nossa litteratura magnificos quadros dos reinos animal e vegetal d'essa região do mundo; conhecemos a peculiar configuração e aspecto da sua paisagem; porém o homem, seu modo de viver errante, seu estado e condições, são por nós um tanto ignorados, senão um grande phenomeno, confuso e digno de melhor conhecimento do que o que d'elle possuimos. Quão pouco sabemos da Columbia, de Washington, de Bollivar e de seus cavalleiros selvagens que na batalha de Ajacucho tão valorosa e aguerridamente acutilaram os hespanhoes, do general San'Martin e da sua espantosa marcha para o Chili, atravez das cordilheiras dos Andes, em que nenhuma das expedições modernas se lhe póde avantajar, do dictador do Paraguay, d'esse sombrio Dr. Francia, que faz lembrar alguns vultos ferozes da antiguidade, fazendo de algum modo fortificar a opinião de que n'aquelle paiz só ha um officio — o de carniceiro —, e só uma arte — a da picaria. Apezar das artes e sciencias dormirem na America meridional ainda no seu berço, observa-se alli comtudo certa agitação de vida intellectual.

Sería na verdade injusto quem quizesse confrontar a velha Europa, elevada gradualmente pelo largo transcorrer de dois mil annos ao subido grau de prosperidade a que tem attingido o genero humano, com este novo mundo accessivel á cultura vae apenas em trezentos annos. De todas as regiões da America meridional é principalmente o Brasil a que fez maiores esforços para sahir do crepusculo material da ignorancia. O actual imperador D. Pedro II, de origem alleman pelo lado materno, e principe dotado de vasta intelligencia, esforça-se a bem de seu povo, já fundando estabelecimentos scientificos, já rodeando-se de sabios e artistas. N'este intuito acaba o governo brasileiro de dirigir-se a um celebrado compositor convidando-o para ir ao Rio de Janeiro, e tracta-se de contractar com um dos primeiros architectos da Allemanha a construcção de

und von dem malerischen Schauspiel, das der Fang der Gymnoten gewährt, von dem undurchdringlichen Dickicht tropischer Urwälder, welche nur der neckische Titi mit seinem von der Freude zur Trauer schnell übergehenden Kindergesicht und die in die abenteuerlichsten Farben, gekleideten Vögel beleben, und von den unermeßlichen Pampa's, über die auf ungezähmtem Roß einsam der Gaucho galoppirt, von dessen Reiterkunststücken, wie er ebenso geschickt einem Menschen als einem Stier den Lasso überzuwerfen weiß. Wir haben in unserer Literatur ausgezeichnete Schilderungen der dortigen Thier und Pflanzenwelt, wir kennen die eigenthümliche Gestalt, den Charakter der Landschaft, aber der Mensch, das dortige Völkerleben, die dortigen Zustände sind uns noch wenig bekannt; es ist noch ein großes, verworrenes Phänomen und einer besseren Kenntniß würdig, als wir bis jetzt davon haben. Wie wenig wissen wir über den Washington Columbia's, Bolivar, und seine wilden Reiter, die in der Schlacht bei Ayacucho so wacker auf die Spanier einhieben, über den General San Martin und seinen Marsch über die Anden nach Chile, einen Uebergang, wie die Kriegführung der Neuzeit keinen zweiten aufzuzeigen hat, über den Diktator von Paraguay, den düsteren Francia, der an einige Gestalten des Alterthums erinnert. Fast ist man zu der Meinung berechtigt, daß es nur Ein Handwerk dort giebt, das des Metzgers, nur Eine Kunst, die Kunst nämlich des Reitens; dennoch spürt man bereits, liegen auch Künste und Wissenschaften noch in der Wiege, den Pulsschlag geistigen Lebens.

Freilich, den Maßstab des alten, seit 2000 Jahren allmählich zur höchsten Blüthe der Menschheit emporgestiegenen Europa's an die Werke dieser neuen, erst seit 300 Jahren der Kultur zugänglichen Welt legen zu wollen, wäre sehr ungerecht. Vorzüglich ist Brasilien dasjenige Land des süd-amerikanischen Kontinents, welches die größten Anstrengungen macht, sich aus der Unkultur des sinnlichen Dahindämmerns aufzureißen. Der jetzige Kaiser, Dom Pedro II., mütterlicher Seits deutscher Abkunft, ist einer der intelligentesten Fürsten, der sein Volk bildet und hebt durch Gründung wissenschaftlicher Anstalten, durch Gelehrte und Künstler, die er um sich zu versammeln sucht. So ist an eine nberühmten, vielgenannten Komponisten eine Einladung, nach Rio Janeiro zn kommen, ergangen; mit einem der ersten Architekten Deutschlands, der einige große Bauten, wie z. B. den Bau eines Thea- ters, ausführen soll,

soberbos edificios taes como o de um theatro, e Burmeester de Halle já partiu para o Brasil.

A prova mais cabal d'esta actividade de espirito do imperador a bem das sciencias e artes está na nomeação d'esses commissarios que tão frequentemente espalha por differentes pontos da Europa, com fins scientificos, achando-se agora alguns d'elles, como sabemos, aqui em Dresda. Estes homens, animados de verdadeiro interêsse pelas sciencias, possuem erudição classica em tanta cópia que honraria qualquer das universidades allemans. Pedimos venia para chamar a attenção sobre dois dos mais distinctos e que seguramente representarão algum dia papel brilhante na história do seu paiz. São elles os srs. drs. Ferreira França e A. Gonçalves Dias.

O dr. Ferreira França aquilatado na sua patria como sabio professor, já deve de ser conhecido de muitos dos leitores d'este jornal por seus trabalhos scientificos. Deu provas de sua predilecção pela lingua e litteratura alleman, traduzindo d'esta para a sua o *Torquato Tasso* de Goëthe e o *Uriel Acosta* de Gutzkow. Não ha muitas semanas que fez algumas prelecções públicas sobre o estado politico e social do Brasil, destruindo muitas opiniões erroneas e preconceitos enraizados entre nós ácerca d'aquelle paiz; sendo tambem algumas de suas prelecções relativas a Camões e a suas poesias, applicando-se o producto d'estas a beneficio de um estabelecimento de charidade de Dresde. Delineou um quadro cheio de vida e de animação do poeta portuguez, que na sua epopea gigantesca e verdadeiramente nacional, canta tudo quanto ha de cavalleiroso, bello, nobre e commovente na história de sua nação. Inspirado pelo assumpto e baseado em profundos e vastos estudos bebidos nas fontes originaes, deu-nos a conhecer muitas particularidades da vida do poeta que eram ignoradas por nós.

Outro personagem não menos interessante e digno de menção é o dr. Antonio Gonçalves Dias, conhecido e festejado não só no Brasil, mas em Portugal, Hespanha, e até em França (Veja-se o *Annuaire de la Revue des Deux Mondes*, 1856, e a *Encyclopédie Moderne* de Firmin Didot). Nasceu Gonçalves Dias na provincia do Maranhão, imperio do Brasil, e estudou na Universidade de Coimbra a faculdade de direito, e foi alli que revelou pela primeira vez o seu talento poetico. Regressando á patria findos seus estudos, occupou por dias um cargo na magistratura, abandonando-o para

unterhandelt man noch. Burmeister aus Halle ist bereits nach Brasilien übersiedelt.

Ein lebendiges Zeugniß von dem regen Sinn des Kaiser für Wissenschaft und Kunst sind die Mitglieger einer Expedition, welche der Kaiser zu wissenschaftlichen Zwecken nach Europa gesendet hat und die, über Europa ausgebreitet, sich in diesen Tagen in Dresden ein Rendez-vous gaben. Diese Männer, beseelt von einem feurigen Wissensdrang, sind mit einer klassischen Bildung, die einer deutschen Universität Ehre machen würde, ausgerüstet. Es sei uns erlaubt, auf zwei der hervorragendsten Mitglieder dieser Expedition, die vielleicht noch einmal berufen sind, in der Geschichte ihres Landes eine Rolle zu spielen, aufmerksam zu machen. Es sind dies die Herren Dr. F. França und A. G. Dias.

Professor Dr. Ferreira França, in seiner Heimat als Gelehrter und Staatsmann geachtet, dürfte vielen Lesern dieses Blattes durch seine wissenschaftlichen Arbeiten schon bekannt sein. Seine Liebe zu deutscher Sprache und deutscher Literatur, die er mit Eifer und Ausdauer studirt hat, bethätigte er durch eine portugiesische Uebersetzung von Goethe's, Torquato Tasso, und Gutzkow's, Uriel Acosta. In den letzten Wochen hielt er in Dresden einige Vorlesungen über die politischen und sozialen Verhältnisse seines Vaterlandes, manch irrige Meinung, manches über jenes Land bei uns herrschende Vorurtheil berichtigend. Ebenso las er, zum Besten einer hiesigen milden Stiftung, über Camoens und seine Dichtungen. Es war ein Bild voll Geist und Leben, was er von diesem Dichter entwarf, der in seinem herrlichen, wahrhaft nationalen Heldengedicht Alles, was irgend in der Geschichte seines Volkes ritterlich, schön, groß, edel und rührend ist, besingt. Der für seinen Gegenstand begeisterte, auf tiefes und umfassendes Quellenstudium gegründete Vortrag enthielt viele noch ganz unbekannte Einzelheiten aus dem Leben des Dichters.

Eine ebenso interessante und erwähnenswerthe Persönlichkeit als Dr. França ist Antonio Gonçalves Dias, dessen Name als Dichter in Brasilien, Portugal und Spanien mit Anerkennung und Verehrung genannt wird und der auch in Frankreich (s. Annuaire de la Revue des deux Mondes 1856 und Encyclopédie moderne de Firmin Didot) nicht ungekannt ist. Dias wurde in der Provinz Waranhão in Brasilien geboren, studirte in Coimbra die Rechtswissenschaft, wo man auch zuerst auf sein poetisches Talent aufmerksam wurde. Nach Beendigung seiner Studien nach Brasilien zurückgekehrt, bekleidete er kurze Zeit eine Wa-

logo, e depois passou a exercer o logar de professor de história nacional no Rio de Janeiro. Na qualidade de membro do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro tem-lhe prestado relevantissimos serviços já por seus escriptos na *Revista Trimensal*, já por acuradas investigações historicas e ethnographicas. Depois de ter estado na Europa, regressando ao Brasil, tomou parte na expedição scientifica que por ordem do governo foi incumbida d'explorar o interior d'algumas provincias. Tem escripto, além de muitas poesias lyricas, os dramas *Leonor de Mendonça, Beatriz Cenci* e *Boabdil*, sendo que este último foi já traduzido para o allemão pelo dr. França e sahirá em breve dos prelos[1]. N'este drama, em cinco actos, representa-nos o poeta o nobre, mas fraco Boabdil, que por uma sanguinolenta sentença, que extingue os abencerrages, precipita a ruina da dominação arabe na Hespanha. O enrêdo da peça é traçado com raro talento, e distingue-se pela verdade e viveza dos sentimentos, pelo brilho da exposição, pela linguagem poetica e ardor d'imaginação; é um bello reflexo do occaso meridional dos arabes sobre as ruinas d'Alhambra.

Dresde — 20 d'abril de 1857. ELAZ.

(Do Magazin für die Literatur des Auslandes. — Berlim, terça feira, 21 d'abril de 1857.)

DIAS (Antonio Gonçalves) — Os TYMBIRAS, poema americano, Cantos I—IV Leipzig, 1857. Brockhaus

Já tivemos occasião de mostrar n'este jornal, (veja-se o n.º 38, pag. 603 da collecção do anno de 1856) o logar distincto e especial que occupa este poeta brasileiro na litteratura portugueza, quando noticiamos a publicação de suas poesias lyricas[2]. Vem o presente ensaio epico justificar os merecidos elogios que então tecemos ao author: é elle um quadro animadissimo das tribus selvagens, que habitaram n'outras eras as regiões do norte do Brasil, com suas luctas sanguinolentas, festins, ritos e costumes barbaros, e character individual, passando-se a scena no meio da natureza virgem e pri-

[1] Creio que até hoje ainda se não publicou esta annunciada traducção; mas sei que o drama foi representado no theatro de Dresde.

[2] O artigo que vem atraz inserido.

gistraturstelle, die er jedoch bald aufgab, da er zum Professor der Geschichte in Rio Janeiro ernannt wurde. Als Mitglied des brasilianischen Instituts leistete er Vorzügliches durch seine historischen und ethnographischen Forschungen über Brasilien; nach seiner Rückkehr in die Heimat wird er Theil an der Expedition nehmen, die im Auftrage der Regierung das Innere Brasiliens bereisen wird. Außer mehreren Bänden lyrischer Dichtungen schrieb er die Trägödien: „Leonor de Mendonça", „Boabdil„ und „Beatrice Cenci". Boabdil, ein Schauspiel in fünf Aufzügen, wird, von Dr. França deutsch übersetzt, nächstens im Druck erscheinen. Der Dichter führt uns den edlen, aber schwachen Boabdil vor, der durch das blutige Gericht, welches er über die unglücklichen Abencerragen hält, den Untergang der arabischen Herrschaft beschleunigt. Das Stück ist sehr geschickt angelegt und zeichnet sich durch Wahrheit und Innigkeit der Empfindung, durch den Glanz der Darstellung, dichterische Sprache und feurige Einbildungskraft aus, es ist der Wiederschein eines südlichen Sonnen-Untergangs auf die Ruinen der Alhambra.

Dresden. C. Cl ß.

(Magazin für die Literatur des Auslande, n.° 48. Berlin, 3.ª feira 21 de Abril 1857.)

DIAS (Antonio Gonçalves) — Os TYMBIRAS, poema americano. Cantos I-IV. Leipzig, 1857. Brockhaus.

Auf die eigenthümliche und hervorragende Stellung, welche der genannte brasilianische Dichter in der portugiesischen Literatur der Gegenwart einnimmt, ist schon in diesem Blatte bei Gelegenheit einer Anzeige seiner Gedichte hingewiesen worden. (Vergl. Jahrg. 1857, Nr. 38. S. 603.) Das ihm dort gespendete Lob rechtfertigt er durch den vorliegenden epischen Versuch, ein Bild aus dem Leben eines wilden Volksstammes Südamerikas in der Vorzeit, von seinen blutigen Kämpfen, wie von seinen Festen, von dem Character der einzelnen Männer, wie von dem der großartig primitiven Natur, in der sie leben — Alles in derselben frischen und energischen Dichtersprache, welche auch die früheren Poesien von Gonçalves Dias auszeichnet. — Den reimlosen fünffüßigen Jambus, in welchem das Gedicht abgefaßt ist — ein Versmaß, dessen Behandlung

mitiva. Encontra-se aqui ainda aquella linguagem poetica, fresca e energica, que tanto distinguem o author nas suas poesias lyricas. Maneja o poeta com superior mestria o iambo de cinco pés em verso sôlto, o que é uma verdadeira difficuldade nas linguas neo-latinas tão uniformes e que se prestam facilmente á rima, ao passo que as germanicas são proprias e propendem tanto para aquella versificação.

Para os leitores que não são compatriotas do author, nem estão traquejados nos nomes indicos e expressões technicas, sería para desejar que o poeta désse em notas, como fez com a collecção de suas poesias lyricas, explicação dos termos de que usa em seu poema.

(Literarisches Centralblatt für Deutschland de 16 de janeiro de 1858.)

BRASIL

Poetas luso-brasileiros

I

Gonçalves Dias

Assim como a litteratura norte-americana póde erguer-se de ha muito ao nivel da da mãe-patria, e despertar tanto interêsse quanto a da Gran-Bretanha, assim tambem entra agora para o proscenio de um modo notavel e bastante agradavel a litteratura brasileira, competindo com a portugueza, que continúa em parte a definhar sobre as antigas bases classicas. Outr'ora estava o Brasil na mais rigorosa e estreita dependencia da metropole, sem poder aspirar a uma solida cultura intellectual, e quasi todos os empregados, sacerdotes, militares, etc., eram portuguezes europeus que, nos seus diversos centros d'actividade, copiavam e proseguiam no novo-mundo sem a menor alteração possivel o theor de vida a que estavam habituados na patria, permanecendo quasi sempre nos preconceitos, modos de pensar e vida social, bebidos com o leite materno, até poderem voltar de novo para a terra da promissão — a patria europêa — fitando n'ella, apezar de todos os gosos e encantos dos paizes tropicaes, olhos saudosos estendidos por sobre o incommensuravel occeano.

Assim pois, emquanto o Brasil, filho da Lusitania, foi administrado em commum com a metropole, sob o mesmo sceptro, subsis-

der eigenthümliche Tonfall der auf den Reim angewiesenen Romanischen Sprachen eben so sehr erschwert, wie die Germanischen Sprachen sich ihm mit Leichtigkeit zuwenden — handhabt der Verfasser mit der Virtuosität des Meisters.

Für diejenigen Leser, welche nicht zu den speciellen Landsleuten des Dichters gehören, wären erklären de Noten zu den mancherlei amerikanischen Namen und technischen Ausdrücken wünschenswerth gewe- sen, etwa in der Art, wie er sie seiner früheren Gedichtsammlung beigefügt hat.

(Literarisches Centralblatt fur Deustschland n.° 3, 16 de Janeiro 1858.)

Brasilien

Brasilisch-portugiesische Dichter

I

Gonçalves Dias

Wie die englische Literatur Nord-Amerika's gegenüber derjenigen Grossbritanniens, des Mutterlandes, schon seit längerer Zeit Bedeutung zu gewinnen und Interesse zu erwecken gewußt hat, so treten jetzt auch die leterarischen Bestrebungen des Tochterlandes Brasilien gegenüber der auf alten klassischen Grundlagen fortlebenden Literatur Portugals in angenehm bemerkbarer Weise in den Vordergrund. Selbstverständlich war Brasilien früher auf das Stammland verwiesen, sobald es sich um eine gediegene Bildung handelte, und der größte Theil der Beamten, Geistlichen ꝛc. bestand aus europäischen Portugiesen, die in ihren verschiedenen Wirkungskreisen mit möglichst wenigen Modificationen das in der Heimat gewohnte Leben in der neuen Welt fortsetzten und die mit der Muttermilch eingesogenen Vorurtheile, Anschauungsweisen und soziales Gebahren in den meisten Fällen so lange festhielten, bis sie wieder in das gelobte Land, ihre europäische Heimat, zurückkehren konnten, wohin ja, trotz aller Zauber und Genüsse des Tropenlandes, ihr sehnsüchtiges Auge über den unermeßlichen Ocean gerichtet blieb.

Magazin für die Literatur des Auslandes, N.° 48, de 22 de abril de 1858.

So lange also das Tochterland Brasilien mit der europäischen Mutter Portugal unter einem Scepter verwaltet wurde, so lange bestanden auch

tiram as circumstancias acima apontadas, e era então absolutamente impossivel que a litteratura, aliás parcamente cultivada, adquirisse um cunho nacional e individualidade propria. Todo o brasileiro considerava-se portuguez, e portanto faltava o estimulo que poderia crear e fundar uma litteratura nacional com caracter distincto, e fortemente ornada com as côres patrias. Tudo isto, porém, vae mudando desde que o Brasil constituiu-se em 1822 imperio independente, divergindo totalmente de Portugal no seu systema politico e administrativo; porém como é de razão que em muitos pontos fosse a mudança gradual, desapparecendo as similhanças em parte e aos poucos, não é possivel que se apaguem ellas já de todo. A despeito da independencia, são os filhos do joven imperio mandados a Portugal, procurando alguns estudar na Universidade de Coimbra que conserva nos corações de todos quantos fallam a lingua portugueza recordações classicas que se vão prender nos tempos de Camões.

Entretanto tem-se feito, sobretudo desde a exaltação do actual imperador D. Pedro II, quanto á fundação de faculdades e collegios, tudo o que exige a dignidade do novo Estado, para quem é tambem de summa importancia a independencia moral no que respeita á educação de seus futuros cidadãos. D'ahi vem, e principalmente desde o decreto de 17 de setembro de 1851, que versa ácerca da instrucção secundaria, que se tem levado a effeito a organisação das academias ou faculdades scientificas pelo molde dos nossos estudos superiores, baseando-a em principios excellentes e liberaes, e cujos bons resultados, confessamos sem rebuço, provocam nossa sincera admiração [1].

Cumpre-nos agora, já que tivemos necessidade de desviar-nos de nosso assumpto, que reatemos-lhe o fio. É o dr. Antonio Gonçalves Dias um dos primeiros e mais célebres poetas brasileiros, e ao mesmo tempo o que ousou desfraldar a bandeira da litteratura nacional. Nasceu em 1823 na cidade de Caxias, da provincia do Maranhão. Enviaram-n'o seus paes (aliás sua madrasta) ainda de tenra edade para Portugal, onde o diligente mancebo completou os seus estudos philosophicos e juridicos na celeberrima Coimbra. Cul-

[1] O que não diria o author se fosse seu artigo escripto depois da promulgação do decreto n.º 5600, tão liberal e tão vasto e completo em suas optimas providencias!

die oben angedeuteten Verhältnisse, und daß unter diesen am allerwenigsten die dort ohnehin spärlich genährte Liebe zur Literatur ein nationales und originales Gepräge erhalten konnte, liegt auf der Hand. Jeder Brasilier betrachtete sich als Portugiesen, und somit fielen alle Ursachen zur Anbahnung und Begründung einer nationalen Literatur, die den deutlichen, scharf ausgeprägten Charakter des heimatlichen Bodens trug, hinweg. Anders wurde es, als sich 1822 ein selbständiges Kaiserthum Brasilien konstituirte, das vor Allem im Regierungs- und Verwaltungssystem vollständig mit Portugal brach, obwohl natürlich die übrigen Beziehungen nur zum Theil und nach und nach sich lockerten, in manchen Hinsichten aber gar nicht abgebrochen werden konnten. Gleichwohl schickte das junge Kaiserthum nach wie vor seine Söhne nach Portugal, um in Coimbra in die Wissenschaften eingeweiht zu werden, da dieser Universität noch von dem einzigen Camões her ein klassisches Andenken in den Herzen Aller bewahrt wurde, die das portugiesische Idiom die gemeinsame Muttersprache nennen.

Inzwischen wurde, besonders seit dem Antritte des jetzigen Kaisers von Brasilien, Dom Pedro II, für die Hebung der nationalen Schulen und Kollegien Alles gethan, was die Würde des Staates erheischte, dem es unbedingt um eine ehrenvolle Selbständigkeit auch im Punkte der Erziehung seiner künftigen Bürger zu thun sein mußte. Und so hat sich denn, besonders nach dem Dekret vom 17. September 1851 (betreffs des Sekundär-Unterrichtes) eine nach den liberalsten und tüchtigsten Grundsätzen erfolgte Organisation der Kollegien der verschiedenen Fakultäten, denen unserer Hochschulen entsprechend, bewerkstelligen lassen, von deren trefflichen Resultaten wir uns, offen gestanden, zu unserer Ueberraschung überzeugen konnten.

Kommen wir nach dieser uns nothwendig erschienenen Abschweifung zur Sache. Einer der ersten und zugleich bedeutungsvollsten brasilischen Dichter, der unter nationaler Flagge aufzutreten wagte, ist Dom A. Gonçalves Dias. Er wurde 1823 in Cachias, Provinz Maranhão, geboren. Früh schickten ihn die Aeltern nach Portugal, wo der strebsame Jüngling auf dem weltberühmten Coimbra seine philosophischen und juristischen Studien vollendete. Das früh erwachte dichterische Talent pflegte der junge Brasilier mit großer Vorliebe, und als er nach Beendigung der wohlbenutzten Studienjahre in seine schöne Heimat zurückkehrte, um plangemäß als Staatsanwalt in der Provinz zu Maranhão zu wirken, erhielt seine poetische Richtung ein solches Uebergewicht über seinen bürgerlichen Beruf,

tivou o joven brasileiro com predilecção o talento poetico que n'elle desabrochou precoce, e quando, no cabo dos bem aproveitados annos escholares, regressou á sua bella patria para, segundo planeára, entregar-se n'ella á carreira da advocacia na sua cidade natal, prevaleceu tanto n'elle a inclinação poetica, que resolveu consagrar-se completamente ao serviço das musas. N'este intuito passou-se ao Rio de Janeiro, magestosa capital do imperio florescente, o qual com a sua variadissima e excessiva vitalidade, com a sua côrte imperial, com a séde de toda a administração, offerecia mais vasto campo d'actividade, fallando no sentido commercial e social, e onde certamente depararia muitos confrades. Ao passo que em Portugal ensaiava não raro a veia poetica em versos de circumstancia, agora fixava suas vistas principalmente no theatro, como na eschola predilecta do poeta, e aliás necessaria, como é sabido para quem estreia a carreira das lettras. Collaborando em jornaes litterarios e em alguns politicos, teve ao mesmo tempo ensejo para experimentar e apurar o gôsto, e apresentou successivamente umas depós outras obras de cunho, bem como ensaios dramaticos. Foram comtudo os seus *Primeiros Cantos*, primeira collecção de suas poesias publicadas no Rio de Janeiro em 1846, ainda mais do que esses ensaios dramaticos que fixaram sobre elle a attenção de seus compatriotas e até mesmo de Portugal e grangearam-lhe merecida fama, tão necessaria a poetas.

Pouco tempo depois da publicação d'essas poesias, e como testemunho de distincção, conferiram ao poeta, que era por egual versado n'outras disciplinas, a cadeira de história patria no collegio de Pedro II[1], e Alexandre Herculano, actualmente o mais distincto poeta e historiador de Portugal, na *Revista Universal Lisbonense*, (Veja-se esse artigo que ha de vir no VII tomo das *Obras Posthumas)* consagrou algumas palavras de louvor e animação aos *Primeiros Cantos*, aproveitando a occasião para fazer alguns confrontos entre o velho Portugal e seu joven e ousado filho, o Brasil, postoque um pouco tristes, na verdade, para aquelle, e d'ahi, á vista d'aquellas bellissimas poesias, prognostica á magestosa terra meridional de alem do Atlantico um futuro laureado, emquanto que a mãe patria caminha de rôjo em sua visivel decadencia.

[1] Na biographia do poeta mostrei compridamente os apuros em que se viu antes e depois de ter grangeado fama quasi universal.

daß er bald ganz dem Dienste der Musen sich zu widmen beschloß. Er siedelte deshalb nach der Hauptstadt über, nach dem herrlichen Rio de Janeiro, das mit seinem vielgestaltigen Leben, dem kaiserlichen Hofe, dem Sitze der Gesammt-Verwaltung, in kommerzieller und sozialer Beziehung einen großartigen Wirkungskreis bot und wo sicherlich viele Gleichgesinnte anzutreffen waren. Während er sich schon in Portugal vielfach in Gelegenheits-Gedichten versuchte, richtete er jetzt mit klarem Blick sein Hauptaugenmerk auf das Theater, als des Dichters vorzüglichste Schule, die dem angehenden Dramatiker selbstverständlich vor Allem noth thut. Während er sich als Mitarbeiter an mehreren, literarische Zwecke verfolgenden Tagesblättern betheiligte, fande er zugleich Gelegenheit, seinem Geschmack zu läutern und zu prüfen, nnd dann trat er rasch hinter einander mit einigen dramatischen Versuchen hervor. Noch mehr als diese sollten jedoch seine in Rio de Janeiro 1846 in erster Sammlung herausgegebenen Gedichte («Primeiros Cantos») die Aufmerksamkeit seiner Landsleute und selbst Portugals auf ihn lenken und ihm einen (dem Dichter so nothwendigen!) Namen machen.

Nicht lange nach dem Erscheinen jener Gedichte verlieh man dem auch in anderer Richtung wohldewanderten Dichter und Gelehrten, als Zeichen der Anerkennung, den Lehrstuhl für Geschichte zu Rio de Janeiro, während Alexander Herculano, der ausgezeichnetste Dichter und Geschichtschreiber des heutigen Portugal, ein warmes Wort der Würdigung den «Primeiros Cantos» in der Revista Universal Lisbonense, tom. VII widmete, die Gelegenheit benutzend, um eine hier und da freilich etwas zu melancholische Vergleichung des jetzigen alternden Portugal mit dem jugendlich aufstrebenden ehemaligen Tochterlande Brasilien anzustellen, und worin er aus Anlaß jener schönen Dichtungen dem herrlichen Südlande jenseits des großen Wassers eine doppelt goldene Zukunft verhieß, während das Mutterlande seinem sichtlichen Verfall entgegenwanke.

Esta duplicada justiça que o poeta não suspeitava se lhe fizesse, foi, como é natural, estímulo para seu aperfeiçoamento e incitamento para emprehender obras mais grandiosas, seguindo-se uma serie de trabalhos historicos e dramaticos á publicação dos *Segundos* e dos *Ultimos Cantos*, dos quaes o poeta na sua prolongada residencia na Europa (de 1855 a 1857), principalmente na Allemanha, offereceu ao público uma nova edição. D'esta elegante collecção de poesias publicadas en Leipzig em 1857 com a denominação de *Cantos* faremos uma succinta analyse esforçando-nos ao mesmo tempo por traduzir algumas das mais aprimoradas em versos allemães correspondentes ao original quanto á metrificação.

Formam as *Poesias Americanas* o principio do volume. A *Canção do exilio* que para aqui reproduzimos, foi composta em Coimbra em 1843, e exprime claramente as disposições de espirito do poeta da America do Sul, que, vivendo ha annos em terra extranha, sente a miudo saudades da patria.

CANÇÃO DO EXILIO

Minha terra[1], tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar — sósinho á noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

[1] O escriptor allemão traduziu *land*, quando aqui significa patria.

Diese doppelte und wohl kaum vom Dichter erwartete Anerkennung seines Strebens verfehlte natürlich nicht, ihn zu immer Besserem und Größerem anzuspornen; eine Reihe historischer und dramatischer Arbeiten trat ans Licht, während sich zu den «Primeiros Cantos» auch «Segundos Cantos» und «Ultimos Cantos» gesellten, welche der Dichter während seiner längeren Anwesenheit 1856 und 1857 in Europa, und zwar besonders in Deutschland, in einer neuen, gesichteten Ausgabe dem Publikum darbot. Ueber diese 1857 in Leipzig elegant ausgestattet erschienenen Poesieen wollen wir nachstehend in Kürze referiren und gelegentlich versuchen, den Sinn einzelner, als vorzugsweise gelungen betrachteter Gedichte in einer dem Versmaße der Originale entsprechenden deutschen Dichtung wiederzugeben.

Den Anfang des Buches bilden die „Amerikanischen Poesieen". Bezeichnend für die Stimmung des schon lange im Auslande weilenden Südländers, dem wohl oft das Heimweh angekommen sein mag, ist die 1843 in Europa gedichtete «Canção do exilio», welche wir nachstehend in Uebersetzung bieten:

Lied aus der Verbannung

Mein Land nur hat Palmenhaine,
Wo hold singt der Sabia [1];
Sänger, die mich hier umflöten,
Sind so lieblich nicht als da.

Unser Himmel zeigt mehr Sterne,
Unsre Fluren schöner blühen;
Unser Wald hat reich'res Leben,
Heißer wir in Liebe glühen.

Einsam sinnend Nachts, und grübelnd,
Find' ich mehr Vergnügen da;
Mein Land nur hat Palmenhaine,
Wo hold singt der Sabia.

[1] Sabia, ein melodisch und lieblich singender Vogel des brasilischen Urwaldes.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar sósinho á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Deixam o *Canto do Piága* e o do *indio* entrever a vida intima e immaterial d'aquelles selvagens que, repellidos pela torrente irresistivel da civilisação, caminham para a mais completa decadencia, que já era ha muito presentida.

No idyllio — *Caxias*— dá-nos elle a descripção da sua terra natal, situada na provincia do Maranhão.

É a *Deprecação* uma prece da raça cobreada dirigida ao poderoso e temivel *Tupan*, a quem ella se lastima do descalabro em que vae o povo *tupi*, que foi tão feliz antes da invasão dos europeus, e n'essa ode implora o indigena a alta protecção do Deus da guerra, para que ajude o povo a repellir a fogo e a sangue do solo patrio de seus maiores o dom funesto da civilisação e do christianismo.

Fecha esta poesia o cyclo epico, que precede a collecção das *poesias diversas*. Na *Leviana* canta em graciosos versos as angelicas fórmas de uma formosa mulher; mas pelo astucioso fecho d'essa delicada poesia concebe-se que o author, a despeito de toda a sua admiração, não escravisou-lhe o coração.

Descobre o poeta na *Minha Musa* seu fôro interior muitas vezes commovido, e deixa-nos perceber que n'essa carreira de discipulo das musas, a que se dedicára, luctava com o infortunio, e, miserando, nem sempre viu satisfeitas suas esperanças e aspirações.

No *Desejo*, já um tanto desilludido dos sonhos dourados, que creára na arrebatada imaginação, dirige-se a Deus, implorando lhe conceda ao menos por um momento amor egual ao seu, e para que

Mein Land bietet Schönheitsfülle,
Wie ich hier sie nirgends sah;
Einsam sinnend Nachts, und grübelnd,
Find'ich mehr Vergnügen da.
Mein Land hat nur Palmenhaine,
Wo hold singt der Sabia.

Gott der Huld, laß mich nicht sterben,
Eh' mein Land ich wiedersah
Und sein Zauber mich belebte,
Wie noch nie mir hier geschah;
Laß mich schau'n die Palmenhaine,
Wo hold singt der Sabia.

«O Canto do Piága» und «O Canto do Indio» lassen einen tiefen Blick in die geistige Welt jener Indianer thun, die sich von dem unwiderstehlichen Vordringen der Civilisation dem längst geahnten gänzlichen Untergange entgegengetrieben sehen.

In «Cachias» giebt uns der Dichter in Form einer Ode eine idyllische Schilderung seines Geburtsortes Cachias, in der Provinz Maranhão.

«Deprecação» ist ein Gebet der Rothhaut zu dem mächtigen Gott Tupan, dem der Verfall der einst so glücklich gewesenen indianischen Völker seit dem Eindringen der bleichen Gesichter geklagt und worin schließlich dessen hoher Schutz angefleht wird, um mit Feuer und Schwert die unwillkommene Gabe der Civilisation und des Christenthums vom heimischen Boden ihrer Väter wieder hinwegzufegen.

Dieses letztere Gedicht schließt den der Sammlung vorangestellten Cyklus der „Amerikanischen Poesien". — In «A Leviana» besingt der Dichter die Engelreize eines schönen Weibes in anmuthigen Versen; der schalkhafte Schluß des Gedichtes läßt aber vermuthen, daß der Verfasser desselben trotz aller Bewunderung doch sein Herz nicht dabei verloren.

In «A minha musa» schildert der Dichter sein oft seltsam bewegtes Innere, woraus zu schließen, daß er bei der selbst erwählten Laufbahn als Jünger der Musen durchaus nicht alle Erwartungen und Wünsche befriedigt sah, daß er sich vielmehr oft sehr enttäuscht und elend gefühlt.

In «Desejo» wendet sich der mit seinem selbstgeschaffenen golden geträumten Berufe ziemlich zerfallene Dichter an Gott, ihn anflehend, daß er sein liebebedürftiges Herz eine gleichgesinnte liebende und geliebte Seele

n'um amplexo fervente deixe a terra e se transporte ao empyreo! como tambem acontece aos nossos jovens poetas cá da Allemanha, que no principio de suas aspirações só curam de amores fataes!

Mas felizmente que o poeta surge d'esse extasis penoso e melancholico, tornando-se de outro humor e reanimando-se e com pensamentos joviaes, ao aspecto de objectos graciosos e sem detença sahe d'essa paixão e passa a dedicar-se a outra mulher tão angelica que seus encantos são traduzidos pelo poeta em excellentes quão enthusiasticos versos. Que d'ahi em diante foi profunda e séria a sua inclinação provam seus versos; pois que só póde fazer semelhantes poesias, quem sente tão realmente no íntimo d'alma o que expressa. Torna-se summamente agradavel a cadencia rythmica n'essa tão melodiosa lingua meridional, e o poeta com ella falla ao coração. Damos portanto para aqui uma d'essas poesias com sua traducção procurando imital-a o melhor que pudemos e se o fazemos é porque os criticos de toda a parte teem achado este canto de amor muitissimo bello.

SEUS OLHOS

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrellas incertas, que as aguas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Tem meiga expressão,
Mais doce que a briza, mais doce que o nauta
De noite cantando, mais doce que a frauta
Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.

finden lassen möge; dann wolle er in einer seligen Umarmung gern den Erdenstaub, das Erden-Elend verlassen und sterben! C'est tout comme chez nous, unsere jungen Dichter wissen im Anfange auch nichts Besseres zu thun!

Glücklicherweise reißt sich der Poet wieder aus so bedenklich melancholischer Stimmung. Er ist inzwischen anderen Sinnes geworden; irgend ein froher Anlaß hat ihn mit frischem Lebensmuth erfüllt, und so nimmt er auch bald wieder Gelegenheit, sich in ein anderes Engelweib zu verlieben, dergestalt, daß er dessen Reize in trefflichen, enthusiastischen Versen schildern kann. Daß diesmal seine Neigung eine tiefe, ernste gewesen, geht aus dem Liebesliede selbst hervor, denn so dichtet nur der, welcher seinen innersten Gefühlen einen sprechenden Ausdruck verleiht. Der rhythmische Tonfall des Gedichtes macht dasselbe in der so klangreichen südlichen Sprache besonders angenehm und zum Herzen sprechend. Wir geben deshalb nachstehendes Original und eine dasselbe möglichst treu nachahmende Uebersetzung, um so mehr, als auch die Kritik überall dieses Liebeslied ganz besonders schön fand.

Ihre Augen

Ihre Augen so dunkel, so schön und so klar,
In strahlendem Licht,
Wie Sterne, wenn funkelnd im schlafenden Meere
Ihr Flimmern sich bricht.

Ihre Augen so dunkel, so schön und so klar,
So zärtlich und traut
Wohl sanfter als Zephyr, — als Nautilus singend
Zur Nacht, — und als Flöten, auf Fluren erklingend,
Die Silber bethaut.

Ihre Augen so dunkel, so schön und so klar,
In strahlendem Licht,
Sind zärtliche Kinder, voll Anmuth verklärend
Ein rosig Gesicht.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; causando tormento,
Com beijos nos pagão a dor de um momento
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
Ás vezes luzindo, serenos, tranquillos,
Ás vezes vulcão!

Ás vezes, oh! sim derramão tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falleca,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
Desperta a chorar;
E mudo e sizudo, scismando mil coisas,
Não pensa—a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Ás vezes do céo
Cáe doce harmonia d'uma harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véo.

Quer sejão saudades, quer sejão desejos
Da patria melhor;
Eu amo seus olhos que chórão sem causa
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que fallão de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Gleich Kindern, die hüpfen und jubeln und springen
Im fröhlichen Bund,
Voll Unruh und Schalkheit, — bereitend oft Qualen
Und Schmerzen, die schlau sie mit Küssen uns zahlen
Von lieblichem Mund.

Ihre Augen so dunkel, so schön und so klar, —
Wer mag ihnen nah'n —
Jetzt leuchtend, dann sinnend; jetzt ruhig, dann wieder
Ein wilder Vulkan!

Ach! manchmal wohl leuchten sie matt und umdüstert,
Ersterbende Gluth;
Dann, ach! wohl scheint mir, als wollten sie sinken, —
Seh' ich in schmerzlichen Thränen sie blinken,
Sinkt mir auch der Muth.

Dann gleichen dem Kind sie, dem lieblichen, zarten,
Das aufwacht und weint,
Und, ruhig, dann vielerlei sinnt, unbekümmert,
Was passend sich eint.

So senkt sich zuweilen in reine Gemüther,
Wie Jungfrau und Kind,
Von oben, wie Klang aus den himmlischen Sphären,
Ein unbestimmt Sehnen, sich kündend in Zähren,
Die thauen so lind.

Wie oft auch nach schönerer Heimat begehret
Voll Unruh' das Herz:
Ich liebe die Augen, die unbewußt oftmals
Seweint ohne Schmerz.

Ich lieb' ihre Augen, die dunkeln, die klaren,
Mit zündendem Strahl,
Den Ausdruck harmonischer Herzensempfindung,
Verkünder der treuesten Liebesverbindung,
So keusch allzumal.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que fallão de amores
Com tanta paixão.

Exprime com propriedade no *Canto do Guerreiro* um hymno bellico d'um cheffe indigena das mattas virgens do Brasil com toda aquella jactanciosa consciencia da sua independencia, sem a menor sombra de modestia; e em plena natureza rustica; retracta o poeta bellissimamente e com a possivel fidelidade esse typo de guerreiro indomito da raça cobreada ou americana, que mais facilmente se deixaria anniquilar do que civilisar, como de facto succedeu. Esforçámo'-nos por conservar na sua integra a metrificação e o sentido do original, cuja naturalidade, singeleza e frescor tanto se conformam com a linguagem florida dos indigenas americanos.

CANTO DO GUERREIRO

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não gerão escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, Guerreiros,
— Ouvi meu cantar.

II

Valentes na guerra
Quem ha, como eu sou?
Quem vibra o tacápe
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me;
Quem ha, como eu sou?

Ihre Augen so dunkel, so schön und so klar,
Von Liebreiz umstrahlt,
Ich liebe diese Augen, in denen die Liebe
So innig sich malt.

Das folgende Gedicht: «O Canto do Guerreiro», schildert uns den Kriegsgesang eines indianischen Häuptlings der brasilischen Urwälder, mit all dem stolzen Selbstbewußtsein und dem gänzlichen Verleugnen irgendwelcher Bescheidenheit einer rohen Natur; der Dichter giebt uns in abendländischer Sprache ein möglichst der Wirklichkeit abgelauschtes Portrait jenes unbändigen Kriegertypus der Rothhaut, die sich, wie die Erfahrung zeigt, lieber ausrotten als civilisiren läßt. Wir halten uns genau an das Versmaß des Originals, das durch frische, naturwahre Bilder, der blumenreichen Sprache der amerikanischen Indianer entsprechend, interessant wird.

Gesang des indianischen Kriegerhäuptlings

I

Im Urwald, im dichten,
Den Stürme durchbrausen,
Die Thaten der Braven
Erzieh'n keine Sklaven,
Die Furcht hält und Grausen
Vom Kampfe so bang.
— O hört mich, ihr Krieger,
Hört meinem Gesang!

II

Wer war wohl im Streit mir
An Tapferkeit gleich?
Wer schwingt den Tacape
Mit wilderer Macht?
Wer führt in der Schlacht
So tödtlichen Streich?
— O hört mich, ihr Krieger,
Wer stellt sich mir gleich?

III

Quem guia nos ares
A frecha implumada,
Ferindo uma preza,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
—Guerreiros, ouvi-me,
—Ouvi meu cantar.

IV

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
Quem canta seus feitos
Com mais energia?
Quem golpes daria
Fataes como eu dou?
—Guerreiros, ouvi-me:
—Quem ha, como eu sou?

V

Na caça ou na lide,
Quem ha que me affronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céo.
—Quem ha mais valente,
—Mais dextro do que eu?

VI

Se as mattas estrujo
Co'os sons do Boré,
Mil arcos se encurvão,
Mil settas lá vôão,
Mil gritos reboão,
Mil homens de pé

III

Wer schickt in die Luft den
Gefiederten Pfeil,
Das Wild niederschlagend,
So sicher hintragend
Zum Felsen so steil,
Wie's stets mir gelang?
— O hört mich, ihr Krieger,
Hört meinen Gesang.

IV

Wer hat so viel Feinde
In Fesseln gebracht?
Wer singt seine Thaten
Mit wilderer Macht?
Wer führt in der Schlacht
So tödtlichen Streich?
— O hört mich, ihr Krieger,
Wer stellt sich mir gleich?

V

Wer fordert im Jagen,
Im Kampf mich heraus?!
Die Unze, die wilde,
Sie wittert mein Kommen,
Der Feind flieht beklommen;
In luft'ge Gefilde
Der Vogel entweicht.
— Wer lebt, der geschickter
Und tapfrer sich zeigt?

VI

Durchhallet den Urwald
Mein Boré zur Nacht:
Tausend Bogen sich spannen,
Tausend Pfeile dann zischen,
Tausend Rufe sich mischen,
Tausend Krieger steh'n Wacht,

Eis surgem, respondem
Aos sons do Boré!
—Quem é mais valente,
—Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas mattas;
Não fazem ruido:
O vento gemendo,
E as mattas tremendo,
E o triste carpido
D'uma ave a cantar,
São elles—guerreiros,
Que faço avançar.

VIII

E o piága se ruge
No seu Maracá,
A morte lá paira
Nos ares frechados,
Os campos juncados
De mortos são já:
Mil homens vivêrão,
Mil homens são lá.

IX

E então se de novo
Eu toco o Boré;
Qual fonte que salta
Da rocha empinada,
Que vae marulhosa,
Fremente e queixosa,
Que a raiva apagada
De todo não é,
Tal elles se escoão,
Aos sons do Boré!
—Guerreiros, dizei-me,
—Tão forte, quem é?

Erheben sich, folgen
Dem Rufe zur Schlacht!
— Wer lebte je tapfrer,
Wer zeigte mehr Macht?

VII

Durch die Wälder sie kommen,
Still, ohne Geräusch;
Der Winde leis' Klagen,
Durch die Wildniß getragen,
Das dumpfe Gekreisch
Eines Vogels erklingt: —
Die Krieger sind's, die mir
Des Boré Ruf bringt.

VIII

Und mit dem Maraca
Der Piaga wild schreckt;
Dort hauset der Tod,
Wo die Luft Pfeil' und Speere
Durchsausen, bald Heere,
Des Feinds hingestreckt:
Tausend Mannen ersteh'n mir,
Zum Kampfe geweckt.

IX

Und wenn dann mein Boré
Von neuem erschallt:
Dem Quell gleich, der hoch auf
Dem Felsen entspringt,
Und schäumend zum Thal
Sich stürzt, und vor Qual
Wild tobt, da ihn zwingt
Des Ingrimms Gewalt:
So kommen meine Streiter,
Eh' der Ton noch verhallt.
— Wer herrscht, o ihr Krieger,
Mit solcher Gewalt?

Segue-se a esta uma bella collecção de poesias, cujo assumpto versa principalmente sobre o amor, a vida intima e outros sentimentos humanos tão explorados pelos poetas.

Sob a rubrica — *Visões* — deparam-se lindissimas poesias tão phantasiosas, quaes as sabem gerar as illusões da vida. Ajuncta-se a estas uma serie de poesias circumstanciaes entresachadas d'alguns poemas contemplativos e meditativos. É interessante o *Pirata,* episodio no genero byroniano, e não é menos plastico e commovente *A villa maldita, cidade de Deus,* onde o author descreve a vida voluptuosa de uma grande cidade, como Jerusalem, sobre a qual se derrama a peste, e que ao mesmo tempo lucta com inimigos que a sitiam e por último penetram n'ella, seguindo-se a isto o incendio, o roubo e o desencadeamento de todas as paixões brutaes de hordas grosseiras, que espalham por toda a parte a desolação, a morte, a ruina e a fome, e que obrigam o povo, a quem o Senhor justamente irado voltou a face, a arrancar lamentos e gemidos! Mas com este inaudito terror e espantosa vingança applaca-se a justiça divina; vem a misericordia substituir a cholera de Deus, e o Ente Supremo permitte que d'estas ruinas erga-se de novo e brevemente uma cidade maior, muito mais magestosa e pomposa, porque o Deus da justiça e dos exercitos tambem é o Deus da infinita bondade.

São as *Quadras da minha vida* umas recordações d'outras eras em que o poeta chóra seus sonhos da mocidade, que se evaporaram, e saciado da vida e privado de toda a consolação, deseja baixar á sepultura, como bella prova por certo da dor mundana! Se indagamos as causas d'esses queixumes é unicamente o amor, que lhe amargurou a vida com as suas inevitaveis illusões[1]!

Encontramos na subdivisão — *Segundos Cantos* — poesias mais faceis, graciosas, variadas e tambem algumas circumstanciaes, e tidas, como sempre succede ás do author, por optimas, sendo que a desgraçada paixão do amor não satisfeito acha tambem aqui accentos verdadeiros. Entre ellas — *Tabyra,* poema em fórma de ballada, é uma tradição indico-guerreira com seu costumado desfecho tragico.

[1] Havia para Gonçalves Dias, alem dos desenganos do amor, as privações, a pobreza e a nodoa do seu nascimento.

Hierauf folgen eine Auswahl Dichtungen, die in bekannter Weise Liebe, Leben und menschliche Gefühle überhaupt zum Gegenstande haben.

Unter der Rubrik «Visões», Traumbilder, erhalten wir fünf hübsche Poesieen, nicht mehr und nicht minder phantastisch als das vielgestaltige Traumleben sie bringt. Eine Reihe Gelegenheitsgedichte schließt sich ihr an, untermischt mit einigen Dichtungen kontemplativer und reflektirender Natur. — Interessant ist die im Stile Byron's gehaltene Episode «O Pirata»; nicht minder plastisch und ergreifend ist: «A Villa maldita, Cidade de Deus», wo das üppige Leben einer großen Stadt (Jerusalem) geschildert wird; wie dann in der von zahllosen Heiden umlagerten und eingeschlossenen Stadt die Pest ausbricht, bis es endlich den siegreichen Feinden gelingt, in die Stadt einzudringen und die Brandfackel, die rohe Brutalität und Beutelust der übermüthigen und ergrimmten Kriegerhorden allenthalben Zerstörung, Trümmer, Trauer, Heulen und Wehklagen, Verzweiflung und Vernichtung verbreiten über das Volk, von dem der Herr in gerechtem Zorn sein Antlitz gewandt! — Doch durch diese unerhörten Schrecken ist auch seine Gerechtigkeit gesühnt worden: das unendliche Allerbarmen tritt an die Stelle des göttlichen Grimmes, und so gestattet er, daß sich bald wieder eine weit herrlichere, große, prunkende Stadt über den Ruinen erhebe, — denn der Gott der Gerechtigkeit und der Kriegsheere ist auch der Gott der unendlichen Güte.

Die «Quadras da minha vida» sind ein Rückblick auf das bisherige Leben des Dichters, wo er die in Nichts zerflossenen Träume seiner Jugend beweint und lebenssatt und trostesbaar sich drei Ellen unter die Erde wünscht: ein Pröbchen des schönsten europäischen Weltschmerzes! — Forschen wir nach der Ursache dieser Klagen, so ist es eigentlich wieder nur die leidige Liebe, die ihm mit ihren nun einmal unvermeidlichen Täuschungen das Leben verbittert hat.

In der Abtheilung: «Segundos Cantos», finden wir leichtere, gemischte, auch Gelegenheitsgedichte, die, wie dies meist der Fall, recht gut gerathen; die unglückliche Leidenschaft der unbefriedigten Liebe weiß sich indessen auch hier gelegentlich Ausdruck zu verschaffen. «Tabyra» behandelt in Balladenform eine indianische Kriegersage mit dem gewöhnlichen tragischen Ende.

Os hymnos — *O Mar, Idéa de Deus, Romper d'alva, A Tarde, O templo, Te Deum,* distinguem-se pela dignidade, elevação de sentimentos e nobreza de linguagem.

Nos hymnos *A Lua, a Noite, a Tempestade* revela um bello talento de poeta colorista, ao passo que predomina n'elles o elemento lyrico do poeta.

Os *Novos Cantos* contêem diversas poesias novas, de natureza contemplativa, apparecendo ainda aqui e alli expressões repassadas do mais vivo amor encarado sob várias feições, até que as *Sextilhas de Fr. Antão,* imitando a linguagem do rimance do portuguez antigo, produzem um gracioso cyclo d'aquellas aventuras de combates de côrte da gloriosa edade media, em que christãos e mouros de contínuo se degladiavam, tornando a vida mutuamente pesada.

Começam os *Ultimos Cantos* por uma epistola dedicatoria ao seu amigo, o dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, e o poeta aproveita o ensejo para dizer-lhe o que já sabiamos pelas poesias anteriores, isto é, que tomava, ao que parece, a firme resolução de romper completamente com a mal-aventurada carreira poetica, o que provavelmente não acontecerá por ser já sestro commum a outros grandes poetas quando no primeiro impeto de desgôsto ou por deixarem as regiões ethereas do Olympo, descem á terra onde acham cousa mais proveitosa do que enfileirar versos em que lastimam sua sorte, a humanidade, o amor, etc., e por isso despedem-se das muzas; mas se retomam o vôo, vê-se que nada perderam do seu genio, se é que ás vezes não estão ainda mais habilitados para crear cousas mais solidas e completas, testemunhando assim sua madura e tranquilla experiencia e uma contemplação mais real e positiva do mundo que o circumda. Formar da poesia o seu unico modo de vida é facto suspeito e muito duvidoso para os politicos e para os pensadores sensatos, e fallando francamente, não resulta d'ahi senão uma direcção limitada, que influe exclusivamente e de um modo nocivo, ou ao menos, até certo ponto, prejudicial á actividade e vida do proprio poeta.

E assim é, e tanto mais se deve congratular a litteratura nacional do Brasil, que ainda tão nova já aspira a grandes altezas, quando presencea um dos seus mais importantes corypheus tentar e conseguir dominar muito a tempo as superiores fôrças do seu genio para empregal-o utilmente antes da decadencia que trazem os annos, e

Die Hymnen: «O mar», «Idéa de Deus», O Romper d'Alva» (Das erste Morgenroth), «A Tarde» (Der Abend), «O Templo», «Te Deum» zeichnen sich durch Würde, Gedankenfülle und edle Sprache aus.

In den Hymnen „An den Mond", „Die Nacht", „Der Sturm", offenbart sich ein schönes Talent poetischer Malerei, obwohl in beiden ersteren Stücken das lyrische Element des Dichters vorwaltet.

Die «Novos Cantos» enthalten verschiedene neue Dichtungen kontemplativer Natur, hier und da die immer wieder von anderen Seiten zu betrachtende Liebe nicht vergessend, bis uns die «Sextilhas de Frei Antão», die Sprache der altportuglesischen Romanze nachahmend, einen artigen Cyklus jener Hof- und Kampfes-Abenteuer des glorreichen Mittelalters bringen, wo die Christen und Mauren in Europa und Afrika sich fortwährend befehdeten und einander das Leben schwer machten.

Die «Ultimos Cantos» beginnen mid einer widmenden Zuschrift an einen Freund, den Dr. A. T. de Carvalho Leal; der Dichter nimmt Gelegenheit, seinem Freunde das zu sagen, was wir aus den bisher besprochenen Poesieen bereits zur Genüge erkannt, und es scheint, daß er den ernstlichen Vorsatz gefaßt, gänzlich mit der leidigen Dichterlaufbahn zu brechen, wozu es aber hoffentlich nicht kommen wird, denn wir haben ja Beispiele genug, daß, nachdem sich das erste ungestüme Brausen unserer großen Dichter gelegt und sie von den Höhen des Olymp herab zur Erde gestiegen, um noch etwas Anderes und gelegentlich Besseres zu unternehmen, als Klagen über Schicksal, Menschheit, Liebe ꝛc. in Verse zu bringen, — daß sie dann nicht nur nichts von ihrer Genialität eingebüßt, sondern bei reiferer, ruhigerer Erfahrung und einer durch ihre neuen Verhältnisse angebahnten vernünftigeren Weltanschauung sogar Gediegeneres und Vollendeteres zu schaffen vermochten. Die Poesie zur alleinigen Lebensaufgabe zu machen, hat von jeher das Kopfschütteln der Polizei und — aller vernünftig urtheilenden Staatsbürger zur Folge gehabt, weil dabei, offen gesprochen, nichts als eine mitunter sehr einseitige Richtung herauskommt, die auf Alles im Leben und Schaffen des exklusiven Dichters verderblich oder wenigstens beeinträchtigend influirt.

Um so mehr kann sich die jugendlich aufstrebende National-Literatur Brasiliens Glück wünschen, daß einer ihrer bedeutungsvollsten Koryphäen durch die bei Zeiten versuchte und gelungene Fesselung seiner genialen Kräfte an eine reelle Beschäftigung vor dem Schiffbruch und dem Zerfall mit sich selbst bewahrt und dem Leben zu einer hoffentlich langen und

d'est'arte restituido á vida activa que lhe auguramos longa e coroada dos mais felizes resultados. O professor de história do Brasil terá para rotear solo mais grato, e em cujo labor muito o ha de auxiliar com bom proveito o zêlo activo da sua natureza poetica; pois que esta fecunda e inspira aquelle, e isto que avançamos confirma o proprio poeta, não que conheçamos de perto seus trabalhos historicos, mas assim o entrevemos das *poesias americanas dos Ultimos Cantos* onde ha visivel progresso, por quanto o poeta tractando apenas d'algumas tradições dos indigenas, consegue felizmente abandonar o elemento lyrico pelo epico, que terá sempre e nunca deixará de ter mais interêsse e merito do que o lyrismo, ao menos na actualidade em que cada um é de per si poeta lyrico, isto é, se delicia na contemplação e pintura de seus proprios e reconditos sentimentos, e por conseguinte não lhe apraz ouvir n'este genero alheios sentimentos. F. Booch Arkossy.

(*Do Magazin für die litteratur des Auslandes,* Berlim—22 de abril de 1858).

(Noticia de sua segunda chegada a Dresde)

Dresde, 5 de novembro — Ha dias que acha-se n'esta cidade, chegado do Rio de Janeiro, o sr. A. Gonçalves Dias, um dos poetas e escriptores mais notaveis do Brasil, e veiu com o intento de passar aqui o inverno. O sr. Dias, que já esteve aqui, vae em seis annos, fez parte de uma expedição scientifica, mandada por seu governo para explorar nos annos de 1859-1860 as provincias do Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará, principalmente no que respeita a seu solo e os indigenas d'ellas. Os varios pontos das explorações scientificas d'essa commissão, composta de quinze membros, foram por elles distribuidos por modo que ficavam a cargo do sr. dr. Lagos as investigações attinentes á zoologia, do sr. dr. Freire Allemão (oriundo de paes allemães) as de botanica, do sr. dr. Capanema as de mineralogia e geologia, do sr. dr. Gabaglia as de astronomia e topographia, e do sr. dr. A. Gonçalves Dias as de ethnographia, história e agricultura, como cheffes das secções, sendo este de mais o secretario encarregado do relatorio. Este último, que agora occupa-se de rever todas as memórias da alludida commissão, é bem conhecido no mundo litterario como author de várias obras em portuguez pu-

erfolgreichen Thätigkeit wiedergegeben worden ist. Der „Professor der Geschichte" hat das dankbarste Feld zu bebauen, wobei der thätigste Eifer stets seiner Dichternatur zugute kommen muß, indem dieser sie immer neu befruchtet und begeistert. Die Bestätigung solcher Behauptung liegt auch bei unserem Autor vor. Obwohl wir seine historischen Arbeiten noch nicht näher kennen, finden wir doch in den „Amerikanischen Poesieen", welche die «Ultimos Cantos» eröffnen, bereits einen sichtbaren Fortschritt, indem sich der Dichter bei der Behandlung einiger Indianersagen glücklich aus seinem lyrischen Element heraus- und in das epische hineinarbeitet, was immer und immer interessanter und verdienstlicher sein und bleiben wird, als die bloße Lyrik, — wenigstens für die heutige Welt, wo jeder Mensch an sich selbst mehr oder minder lyrischer Dichter ist, d. h. in der Betrachtung und Schilderung seiner eigenen inneren Gefühlswelt sich gefällt und deshalb von Anderen in diesem Genre nicht zu viel hören mag.

F. Bock-Arkossy.

Dresden, 5. November. Seit Kurzem befindet sich in unsrer Stadt einer der namhaftesten Dichter und Schriftsteller Brasiliens aus Rio-Janeiro, hr. Gonçalves Dias, um den Winter hier zuzubringen. Herr Dias, der schon vor sechs Jahren hier gewesen, hat in den Jahren 1859–1862 eine im Auftrage der Regierung in das Innere deß nördlichen Brasiliens abgeschickte wissenschaftliche Expedition begleitet, welche vornehmlich den Zweck verfolgt hat, Land und Leute (Indianer) der Provinzen Seara, Piauhy, Waranham und Para zu erforschen. Die verschiedenen Aufgaben der wissenschaftlichen Forschungen dieser aus 15 Personen bestehenden und in 5 Sectionen gesonderten Expedition waren unter die einzelnen Mitglieder derart vertheilt, daß Dr. Lagos die zoologischen, Freire-Allemao (von deutschen Verfahren abstammend) die botanischen, Capanema die mineralogischen und geologischen, Dr. Gabaglia die astronomischen und topographischen, Gonçalves Dias die ethnographischen und culturhistorischen Untersuchungen besorgte. Der Letztere, gegenwärtig mit der Sichtung des gesammelten Materials beschäftigt, ist als Verfasser mehrer, bei J. J. Brockhaus in portugiesischer Sprache erschienenen Werke, z. B. «Cantos», ferner eines brasilianisch-indianischen Wörterbuches:

blicadas por J. J. Brockhaus, taes como: *Os Cantos, Um diccionario indico-portuguez e os Tymbiras,* etc., e prestando homenagem ao genio allemão, tambem traduziu para a lingua vernacula um grande número de poesias de authores allemães, como por exemplo de Heine, de Jul de Hammer, etc., como já concluiu e está prestes a fazer imprimir a *Noiva de Messina,* de Schiller.

(Do *Viener Zeitung* de 5 de novembro de 1862.)

Dresde, sexta feira 7 de novembro de 1862. — Acaba de chegar a esta cidade um dos poetas e escriptores mais célebres do Brasil, vindo do Rio de Janeiro para aqui passar o inverno.

É elle o dr. A. Gonçalves Dias, que já esteve ha annos atrás entre nós, e foi, como membro de uma commissão, encarregado por seu governo nos de 1859–1862, de explorar as provincias do Brasil.

(Do *Dresden Nachrichten* de 7 de novembro de 1862.)

Dresde, 6 de novembro .....

Desde ante-hontem que reside entre nós um interessante hospede litterario, o poeta brasileiro A. Gonçalves Dias, que veiu do Rio de Janeiro, e segundo nos informam com intenção de passar o inverno n'esta cidade de Dresde, que debaixo do ponto de vista litterario vae-se tornando cada vez mais sympathica. Os seus *Cantos* elegantemente editados por Brockhaus, em Leipzig, encontraram na Allemanha bom acolhimento e merecido interêsse. Tencionamos traduzir para o allemão e publicar uma ou outra das suas poesias.

(Do *Sachsische constitutionnelle Zeitung* de domingo 8 de novembro de 1862.)

»Os Tymbiras« u. s. w., in der literarischen Welt wohlbekannt und hat auch, dem deutschen Genius Rechnung tragend, zahlreiche Dichtungen deutscher Autoren, z. B. von Heine, Jul. Hammer u. s. w., in das Portugiesche übertragen. Auch die Uebersetzung der „Braut von Messina" hat Herr Dias bereits im Manuscript vollendet.

— Seit Kurzem befindet sich in unserer Stadt einer der namhaftesten Dichter und Schriftsteller Brasiliens aus Rio-Janeiro, Hr. Gonçalves Dias, um den Winter hier zuzubringen. Herr Dias, der schon vor 6 Jahren hier gewesen, hat in den Jahren 1859–1862 eine im Auftrage der Regierung in das Innere des nördlichen Brasiliens abgeschickte wissenschaftliche Expedition begleitet, welche vornehmlich den Zweck verfolgt hat, Land und Leute (Indianer) der Provinzen Seara, Piauhy, Maranham und Para zu erforschen.

(Magaz. für die Literatur des Auslandes, n.° 48, 156, n.° 48 e 49, de 1857. Wiener Zeitung, para 5 nov. 1861.)

Dresden, 6 Nov. Aus Thüringen kommt uns die Nachricht zu, daß der bekannte amerikanische Dichter und Reiseschriftsteller Bayard Taylor, der sich seit seiner zweiten lappländischen Reise wieder in dem liebgewonnenen Deutschland aufgehalten, in Gotha vor einigen Tagen mit Fräulein Hansen, der Tochter des rühmlich bekannten dortigen Astronomen, vermählt hat. Taylor begiebt sich von Gotha nach London, um dort wissenschaftlichen Arbeiten obzuliegen. Seit vorgestern weilt hier ein interessanter literarischer Gast, der brasilianische Dichter Dias aus Rio de Janeiro, welcher, wie wir vernehmen, den Winter in unserm, auch in literarischer Beziehung mehr und mehr Anziehungskraft übenden, Dresden zubringen wird. Seine Gedichte — „Canzas" — haben durch die in sehr eleganter Ausstattung bei Brockhaus in Leipzig erschienene Ausgabe auch in Deutschland Eingang und verdiente Theilnahme gefunden. Wir gedenken gelegentlich das eine und andere Gedicht in deutscher Uebersetzung vorzulegen.

(Sächsische Constitutionelle Zeitung, Domingo 8 de novembro 1857.)

Nota K

... no seu consciencioso e aprimorado trabalho LE BRÉSIL LITTÉRAIRE consagra algumas paginas... pag. 232 e 247

(Do Brésil Littéraire par Ferdinand Wolf — pag. 175-180)

Dissemos que de todos os que seguiram o trilho aberto pelas *Brasilianas* [1], é ANTONIO GONÇALVES DIAS o maior talento.

Nascido em Caxias, provincia do Maranhão, no anno de 1823, foi cedo mandado por seus paes para Coimbra, onde estudou philosophia e direito [2]. Devia preparar-se para exercer o cargo de promotor público na sua provincia, mas desde os tempos de estudos que os seus talentos poeticos se lhe tinham extraordinariamente desenvolvido e sido apreciados. Não tardou pois Gonçalves Dias a seguir seus gostos litterarios trocando o lugar, que obtivera na magistratura ao regressar para o Brasil, por uma cadeira de história [3].

Publicou em 1846 sua primeira collecção de poesias lyricas *(Primeiros Cantos,* Rio de Janeiro 1846, 8.º) • em parte já impressa em jornaes portuguezes, principalmente no *Trovador* [1] de Coimbra. Deu

[1] A escbola litteraria a que Gonçalves Dias denominou de *americana* não teve por antecessor o author das *Brasilianas* como affirma F. Wolf em varios topicos de sua excellente obra — *Le Brésil Littéraire* — não só porque a primeira *Brasiliana* do illustre poeta rio-grandense, o sr. Porto-Alegre (barão de Sant'Angelo) appareceu ao mesmo tempo que os *Primeiros Cantos,* mas tambem porque Gonçalves Dias desde 1843 que cultivava o genero; e depois, este inspira-se nos costumes das raças indigenas, e aquelle no dos colonos quanto ao modo de cultivar as terras, no *Tropeiro,* no *Boiadeiro,* etc.

[2] Veja-se para maiores esclarecimentos e particularidades da vida do poeta o meu ensaio biographico.

[3] O sabio F. Wolf foi n'este ponto mal informado como verão os leitores pelo que vae no trabalho a que me refiro nas notas antecedentes.

• Reconheceu Alexandre Herculano, o mais célebre poeta dos que ora existem em Portugal, a vocação do grande poeta Gonçalves Dias na critica d'essa primeira collecção *(Revista Universal Lisbonense,* VII, pag. 5, 1847-48, reimpressa tambem no principio da edição completa das poesias do nosso poeta. — *W.*

[1] Foi o author allemão mal informado. Algumas das poesias dos *Primeiros Cantos* sahiram no *Jornal de Instrucção e Recreio* (1845) e no *Archivo* (1846), revistas litterarias do Maranhão; porém em Portugal antes d'essa epocha só publicou uma poesia — a *Innocencia* — e essa no *Trovador,* levado pela idéa patriotica de não dar publicidade a suas poesias senão no seu berço natal, como deixo consignado no ensaio biographico, pag. 41.

á luz em 1848 uma segunda collecção *(Segundos Cantos,* e *Sextilhas de fr. Antão,* Rio de Janeiro 1848, 8.º) e uma terceira em 1851 *(Ultimos Cantos,* Rio de Janeiro 1851, 8.º. Fez Gonçalves Dias tambem alguns ensaios dramaticos, augmentando assim o limitado número das tragedias nacionaes. Apontam-se *Leonor de Mendonça* (impressa no *Jornal do Commercio*[1]*), Boabdil, Beatriz Cenci*[2].

Voltou Gonçalves Dias em 1850 para a Europa[3] encarregado pelo governo de estudar os estabelecimentos scientificos da Allemanha e particularmente da França. Habitou até 1858 n'aquelle paiz, e fez imprimir em Leipzig uma edição completa de suas poesias[4].

Publicára mais em 1857 na mesma cidade os quatro primeiros cantos de uma epopéa com o titulo de—*Tymbiras, Poema Americano* (Leipzig 1857, 8.º). Regressou o nosso poeta á sua patria em 1858 para tomar parte como historiador e ethnographo na viagem scientifica que seu governo mandára fazer á provincia do Ceará. Eram titulos para isso suas memórias sobre diversos pontos duvidosos da história do Brasil e seu diccionario da lingua tupy[5].

Emquanto seus companheiros voltaram no cabo de dous mezes para o Rio de Janeiro a fim coordenar suas collecções, ficou Gonçalves Dias nas margens do grande rio Amazonas, onde nascêra[6], e

[1] Não foi no *Jornal do Commercio,* mas sim no *Archivo Theatral,* que se publicava na imprensa d'aquelle *Jornal.*

[2] Estes dois dramas sahiram publicados pela primeira vez no tomo 4.º e 5.º das *Obras Posthumas* do poeta (Maranhão 1868, em formato de 8.º)

[3] Foi em 1854 e não em 1850 como diz o author.

[4] *Cantos. Collecção de poesias de A. Gonçalves Dias. Segunda edição.* Leipzig, Brokhaus, 1857. Dedicou esta edição a um de seus amigos, o dr. G. S. Schuch de Capanema, austriaco domiciliario do Brasil. O *prologo* é datado de Dresde, 30 de março de 1857.

Depois sahiu á luz n'esse logar uma terceira edição (com o retrato do author) tambem pertencente á collecção de *authores portuguezes,* 1860, 8.º Depois da morte do poeta, abusando o editor allemão da propriedade litteraria da viuva do poeta, tem feito mais duas edições e exposto á venda por sua conta propria. Em 1870 appareceu uma nova edição (quinta) em dois volumes e contendo todas as poesias publicadas em vida do author, inclusive os quatro Cantos dos Tymbiras. Pertence ao sr. Garnier, para o que teve a competente authorisação da viuva.

[5] Vejam-se suas memorias sobre as questões da existencia das Amazonas no Brasil, e da descoberta fortuita ou não do Brasil. Resolve a primeira pela negativa e a segunda pela affirmativa. (Vej. o 3.º e o 6.º volumes das *Obras Posthumas,* 1868, 8.º)

[6] Caxias fica á margem do rio Itapecurú, e não do Amazonas, que banha as provincias do Pará e a do seu nome.

cujo clima é por elle mui bem supportado. Quer continuar suas investigações sobre os indigenas d'estas regiões[1].

Ao publicar Gonçalves Dias sua primeira collecção *(Primeiros Cantos)* pronunciou-se pela seguinte maneira no que respeita á poesia e á sua vocação de poeta: «*Com a vida isolada que vivo, gósto de affastar os olhos de sobre a nossa arena politica para ler em minha alma, reduzindo á linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as ideias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano, o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento, o coração com o entendimento, a ideia com a paixão, colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a poesia, a poesia grande e sancta, a poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder produzir.*

São com effeito as poesias de Gonçalves Dias na sua maioria expansões lyricas propriamente taes, porém sem que sejam fingidas, senão marcadas com o cunho de uma verdadeira inspiração; vê-se que o poeta engolpha-se na contemplação da natureza, e nos refere suas impressões. São, como as do sr. dr. Magalhães, elegiacas na essencia; porém distinguem-se das d'este em que o sentimento e o pathos occupam maior espaço de que a especulação e a reflexão. Cantou tambem o amor, seus prazeres e soffrimentos, sentidos por elle proprio; mas fel-o sem a ligeireza de Anacreonte, nem a intervenção dos pastores da Arcadia; antes de um modo serio e ideal do que com o fervor sensual dos meridionaes, como melhor se conhecerá, por exemplo, de uma poesia digna de Schiller: *Se se morre de amor*[2].

Mostram-nos pelo contrário as suas grandes scenas da natureza e de seus phenomenos uma concepção ideal juncta ao colorido que só nos tropicos se depara, e para isso ahi tendes o hymno ma

[1] Acham-se impressas na *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil.* Quanto ao glossario publicou-o elle em Leipzig, 1858 com o titulo —*Diccionario da lingua geral dos indigenas do Brasil* (in-12). O prefacio é dactado de Vienna, junho, 1857.

[2] Vej. a pag. 299 dos *Cantos*, 2.ª edição de Brochkaus, Loipzig, 1857.

gnifico: *A tempestade*[1], descripção de uma d'essas borrascas peculiares do céu meridional[2].

Seguiu Gonçalves Dias muitas vezes quanto á fórma d'estas poesias o systema das strophes e das rimas entresachadas, introduzidas pelo sr. Magalhães[3]. Elle é o proprio a tocar n'isto no alludido prologo: «*Muitas d'ellas* (poesias) *não tem uniformidade nas strophes, porque menosprézo regras de mera convenção; adoptei todos os rithmos de metrificação portugueza, e usei d'elles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.*

Embora despreze em seus versos e em suas strophes os usos admittidos, não é por certo a fórma n'aquillo em que menos sobresahe G. Dias; por isso que é fluente sua versificação, harmoniosa sua dicção e sobretudo musicaes suas rimas. Ha cousa mais melodiosa e mais encantadora do que as duas poesias *Seus olhos* e *Olhos verdes*[4], tambem célebres por suas imagens graciosas? São variações sobre o tão conhecido thema dos olhos de uma amante, porém cada uma d'ellas attrahe por novas figuras e por encantos particulares.

Provou tambem Gonçalves Dias quanto é senhor da fórma e da lingua no cyclo de romances que ajunctou á sua collecção com o titulo de *Sextilhas de fr. Antão*. Faz frei Antão, pio dominico, narrar as histórias de sua mocidade, passadas na côrte de D. Affonso V e de D. João II, reis de Portugal. Imitou bem[5] a lingua do seculo XVI, e suas strophes de seis versos são fluentes, tendo o todo antes o tom de uma chronica rimada do que a de romances populares.

Tem Gonçalves Dias provado pelas composições de que fallamos

[1] Vem esta poesia na edição dos *Ultimos Cantos*, Rio de Janeiro 1851, pag. 268. Não sabemos o motivo que levou o poeta a excluil-a da edição allemã, porquanto os versos, as imagens e a metrificação são bellissimos e dignos de competir com as melhores do poeta.

[2] Vej. o que diz Lopes de Mendonça (*Memorias de litteratura contemporanea*, Lisboa, 1855, 8.º, pag. 346), ácerca dos pontos particulares de suas descripções da natureza.

[3] Magalhães n'isto seguiu Filinto Elysio e o padre Caldas, tambem mestres do poeta caxiense.

[4] Vej. *Poesias*, 5.ª edição, 1870, pag. 65, tom. I, e 57, tom. II, e as transcripções no *Brésil littéraire*, 2.ª parte, n.os 79 e 80.

[5] Ao passo que assim se exprime o sabio litterato allemão, tão conhecedor da nossa lingua, e que ainda maiores louvores tecem ao poeta sobre tão peregrinas composições o sr. Pinheiro Chagas no seu *Ensaio Critico*, e o sr. F. Sotero dos Reis, no seu *Curso de litteratura*, vol. 5.º, desfaz n'ellas o sr. Macedo Soares.

seu talento de poeta, e de poeta portuguez, porém mereceu um logar distincto no Pantheon brasileiro por suas *Poesias americanas.*

Excedeu seus predecessores, e até ao mais proximo de nós, M. de Araujo Porto-alegre, cujas *Brasilianas* apontaram-lhe a estrada[1]. Não contenta-se com descrever subjectivamente as impressões que sobre elle fizeram as particularidades da natureza e dos costumes brasilicos, identifica-se objectivamente com as vistas e expressões dos indigenas. Vemo-lo ora como um *vate* indio (piága ou pagé) explicar e conjurar visões, ora entoar cantos guerreiros ou cantar os sacrificios e sangrentos combates, ora como uma *marabá* lastimar a sorte d'essa raça mestiça que os indigenas desprezam, ora qual joven india fallar dos feitiços das *mães d'agua,* que taes como as sereias as arrasta para a humida sepultura; em uma palavra approxima-se Gonçalves Dias da ballada e está no melhor caminho para crear uma poesia verdadeiramente nacional, revestida de uma fórma apropriada ao gôsto do nosso tempo[2].

Não é pois para admirar que estas *Americanas* tenham adquirido uma grande popularidade no Brasil[3], quando satisfazem egualmente o gôsto dos leitores europeus, e por isso sentimos ver-nos forçados a limitar-nos a alguns especimens[4].

Este novo caminho epico e objectivo conduziu naturalmente Gonçalves Dias a dar uma epopéa em um grande quadro da vida indigena de que só publicou até hoje fragmentos similhantes a quadros de genero, porém de um grande effeito. N'esse intuito escolheu as contendas, pois que não pódem-n'as chamar guerras, de duas tribus

[1] Atraz já disse (V. 1.ª e 6.ª partes) no que me fundo para não suppor Gonçalves Dias imitador do sr. Porto Alegre.

[2] Concordo com a opinião do sabio escriptor allemão, que diverge n'isso da do sr. Pinheiro Chagas (V. *Ensaios criticos,* e *Novos ensaios criticos),* que extractarei no logar competente do 7.º volume das *Obras Posthumas,* e cuja opinião combato n'este ensaio biographico.

[3] Vej. o artigo de D. Juan Valera, intitulado da *Poesia Brasileira,* traduzido da *Revista de Dous Mundos,* jornal hespanhol, e inserto no *Guanabára,* tomo III, pag. 322 e 323. Chama Gonçalves o *Zorilla do Brasil,* e diz com respeito ás suas *Americanas: é o mais popular de todos os poetas brasileiros.*

[4] Vej. a 2.ª parte d'esta obra *(Bresil litteraire)* n.º 81 e 84, pag. 216 a 217. Fazemos preceder as Americanas *O canto do piaga, Marabá e a mãe d'agua,* poesias epicas pela *Canção do exilio,* poesia lyrica. Recordam na verdade a profundeza de sentimentos e a simplicidade classica do *Mimoso* de Goethe de onde tirou a epigraphe.

F. W.

indias, Tymbiras e Gamellas; e ao que parece, evitou a intervenção dos elementos europeus no seu poema para assim poder reproduzir a vida dos indigenas em toda a sua originalidade. Por isso tambem chamou seu poema dos *Tymbiras* um poema *Americano* *.

Não possuimos, é certo, senão quatro cantos d'este poema; apenas ahi se nos depara a occasião d'estas contendas, uma descripção do theatro d'ellas, e de alguns dos heroes, o que nos impossibilita de dar sobre este trabalho um juizo; comtudo já podemos observar que a escolha de um assumpto tão limitado nos parece perigoso e constitue uma inferioridade da obra de Gonçalves Dias comparada com as do sr. D. J. de Magalhães e de seus predecessores[1].

Se houvesse tomado como este um acontecimento historico de grande alcance, feito sobresaír o contraste da vida e dos costumes

* Na *Introducção* patenteia elle bellamente as suas vistas:

«Os ritos semi-barbaros dos piágas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem,
D'onde como d'um throno em fim se abriram
Da cruz de Christo os piedosos braços;
As festas e batalhas mal-sangradas
Do povo americano agora extincto,
Hei de cantar na lyra.

Adiante:

Como os sons do boré sôa o meu canto
Sagrado ao rude povo americano.
Quem quer que a natureza estima, preza,
E gosta ouvir as empoladas vagas
Batter gemendo as cávas penedias,
E o negro bosque sussurrando ao longe
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de myrtho e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flores enfeitando a lyra;
Não me assentei nos cimos do Parnaso,
Nem vi correr a lympha da Castalia.
Cantos das selvas entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle soltarei meu canto,
Em quanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos, encontrados leques.

(Nota de *F. W.*)

[1] Se houvesse sido publicado todo o poema conheceria o professor allemão que o elemento europeu occupava n'elle uma parte mui notavel e interessante. (Vej. pag. 300 a 302 d'este tomo.)

dos indigenas com as qualidades e defeitos da civilisação dos brancos, teria não só augmentado o interêsse, como evitado o tom monotono que deve naturalmente tomar a pintura particularisada dos characteres e das acções de tribus semi-barbaras, como elle mesmo as appellida. Esta predilecção por tudo quanto é indigena preoccupa tanto o poeta que lamenta ter-se a America (pag. 47-49) posto em communicação com a Europa[1], e só enxerga os lados maus da civilisação que vae d'este continente. É esta epopéa tambem concebida em hendecassyllabos não rimados. Comtudo revela-se ahi o talento do poeta na belleza dos versos e na dicção, como em muitos outros pontos *.

(Le *Brésil Littéraire,* por Ferdinand Wolf-Berlin, 1863, pag. 175 e 180).

Vejamos agora o tom. XIV da *Nouvelle Biographie Générale :*

DIAS (Antonio Gonçalves), poeta e philologo brasileiro, nasceu em Caxias ou Cachias (provincia do Maranhão) a 10 de agosto de 1823. Terminou em Portugal e em Coimbra os estudos que havia começado em seu paiz natal. Regressou para o Brasil em 1845 e fez imprimir em Caxias (na cidade de S. Luiz do Maranhão; pois é equivoco de M. F. Denis) os primeiros versos que chamaram sobre elle a attenção pública. Foi para o Rio de Janeiro em 1846, e n'essa capital publicou uma collecção de suas poesias com o titulo de *Primeros Cantos,* in-8.° Une o poeta n'este volume as reminiscencias do seu paiz natal ás impressões da natureza européa. Pinta sobretudo a cidadesinha de Caxias, erguendo-se tão pittorescamente do meio do deserto, e expõe scenas verdadeiramente originaes, sobretudo para aquelles que moram em grandes cidades ás margens

[1] Já o prosador maranhense J. F. Lisboa declara-se em guerra aberta contra essa tendencia dos imitadores de Gonçalves Dias que queriam em tudo ver só os indigenas; mas fal-o com demasiada ironia e de um modo absoluto. Vej. no 1.° volume das *Obras* de J. F. Lisboa, na noticia da sua vida, a pag. CXLV do tom. I, e no corpo da obra, tom. II, pag. 208

* Achamo-l'os sobretudo notaveis, por exemplo no segundo canto, no que põe na bôca do peiága (pag. 28 e 29) sobre a significação dos sonhos que manda Tupan, pelo tom mysterioso e sombrio, assim tambem a lamentação pela perda de Coema (pag. 32 e 38); a scena em que o louco Pyahiba vae ter com Ogib, a quem a inquietação torna vigilante, porque seu filho Jatyr partiu em busca de aventuras: o louco canta um hymno de morte cheio de presentimentos horriveis, e alternam n'elle os hendecassyllabos com os hemistiquios, o que produz um effeito particular (pag. 39 e 42), etc.

Nota de *F. W.*

do mar. É o resto do volume particularmente consagrado ás intimas impressões do poeta: nota-se ahi, mais que todas, a poesia dedicada ao dr. Rego, sob o titulo de *Quadras da minha vida*. Causaram os *Primeiros Cantos* viva sensação no Rio de Janeiro logo-que appareceram. Nos *Segundos Cantos* e *Sextilhas de fr. Antão* que sahiram no Rio de Janeiro em 1848, in-8.º: e que o poeta attribue a um frade velho da ordem de S. Domingos, são balladas mui singelas. N'este volume são mui notaveis o canto de *Tabyra* e a ode aos pernambucanos. Depois d'esta publicação foi A. G. Dias nomeado lente de história patria no imperial collegio de Pedro II. Como introducção á segunda edição dos *Annaes* de Berredo, que foi publicada em 1849, traçou o poeta um quadro da emigração das tribus indigenas. No seguinte anno, em que fez publicar o terceiro volume—*Ultimos cantos*, foi commissionado para visitar as provincias áquem do Amazonas. Foi nomeado no seu regresso empregado superior da secretaria de estrangeiros e acaba de ser nomeado para uma nova commissão scientifica na Europa.

Alem das obras acima citadas, publicou Gonçalves Dias um drama intitulado *Leonor de Mendonça* (Rio de Janeiro, 1847), várias memórias insertas na *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, sobresaindo ás demais o *Brasil e a Oceania* em que o author estabelece o parallelo entre os characteres physicos, moraes e intellectuaes das nações pertencentes ao Brasil e á Oceania taes quaes existiam no momento da descoberta.

FERDINAND DENIS.

Nota L

... o litterato hespanhol D. Juan Valera ...—pag. 246

Da poesia brasileira

Na *Revista Española de Ambos los Mundos* de 1851, traduzido e publicado no tomo III do *Guanabara* ás páginas 232 a 323 appareceu com o titulo acima um artigo do litterato D. Juan Valera, que, ao concluil-o, assim se expressa ácerca de Gonçalves Dias:

«Ha comtudo poetas que merecem mui particularmente ser conhecidos. Um d'elles é Gonçalves Dias que, por sua originalidade e fecundidade, póde ser chamado o Zorrilla do Brasil, e cujas lendas e canções brasileiras são interessantissimas. Uma d'ellas denominada *y-juca-pyrama* (ou o que ha de ser morto) pinta maravilhosamente os ferozes costumes das tribus selvagens.

N'outra poesia intitulada *A mãe d'agua* descreve a nayade brasileira ou o espirito que habita o fundo dos rios, o qual, segundo a crença supersticiosa do Brasil, é uma formosa nympha com bastos cabellos de oiro que lhe servem de vestido, com olhos de tão inexplicavel fascinação e voz tão harmoniosa que ninguem que a oiça resiste á tentação de arrojar-se á agua para vel-a e ouvil-a de perto. Os meninos costumam ser victimas d'essas crueis sereias e morrem afogados. *O Gigante de pedra,* que serve para titulo de outra poesia do sr. Gonçalves Dias, é uma successão de enormes penhascos que se vê á entrada do Rio de Janeiro, e que erguendo-se até ás nuvens simula um extraordinario gigante deitado e ali posto como de atalaia. Ao cantar o poeta este prodigio da natureza celebra em elegantes versos o passado de seu paiz e o brilhante futuro que o aguarda. Gósto tambem dos *Olhos verdes,* idyllio delicadissimo. *Marabá* é a triste e melancolica pintura do menospreço com que os indios tractam os mistiços. E por último, no seu *Tabyra* mostra-nos o poeta os indios guerreando entre si e destruindo-se pelo dominio portuguez, como se aquelle vastissimo territorio fosse pequeno para elles, preparando d'est'arte sua conquista pelos europeus.

Este canto parece-me, quanto á metrificação, imitado do *Carmagnola* de Manzoni. Nota-se muito a miudo em Gonçalves Dias a leitura de Victor Hugo e Zorrilla. Porém este vate americano possue a ternura que fallece aos nossos poetas europeus. Tendo Gonçalves Dias escripto muito, tem tocado em todos os generos, excepto na poesia dramatica que se póde quasi assegurar que ainda não nasceu no Brasil. Gonçalves Dias é o mais popular de todos os poetas brasileiros, porém ha outro muito maior do que elle e digno de memória, fallamos de Porto-Alegre.

(D. Juan Valera, *Revista Española de Ambos los Mundos)*

Nota M

... com desabrimento pelo crítico inglez na «Saturday Review»
...—pag. 239 e 249

A REVISTA DE SABBADO

ÁCERCA DE

POLITICA, LITTERATURA, SCIENCIA E ARTE

N.º 104, vol. 4.—24 de outubro de 1857

A poesia brasileira[1]

Ha algumas nações tão pequenas que de independentes só teem o nome. É de presumir que tivessem n'outras eras uma história, mas não cresceram como o mundo que as circumda, e ora devem de receber das outras as leis que a estas apraz impor-lhes. São para a Suecia os dous seculos esplendidos decorridos do primeiro Wasa até Carlos XII como que o brazão heraldico de uma casa nobre—um ornamento formoso, mas sem significação. Para a Europa moderna não passa Bernadotte de um cheffe de *condottieri*, e os poemas de Tegner são apenas lidos nas traducções. Não degeneraram os homens senão que as potencias mais fortes e maiores tomaram o passo ás mais fracas. Participou Portugal da sorte commum em muito maior grau do que as nações do Norte. Era um dos primeiros exploradores da India e do Novo Mundo, emquanto que hoje em dia as suas possessões nos mares do Sul são meramente nominaes. Entrou resolutamente nos combates contra Napoleão, mas a liberdade, que desde então começaram os portuguezes a estimar, foi suffocada pelo desgovêrno de uma rainha louca e de um principito allemão. Julgamos, os inglezes, com demasiada benevolencia nosso antigo alliado, e applaudimos quaesquer vislumbres de reformas que de tempos a tempos apparecem como as que se deram no ministerio do duque de Saldanha, ou ainda com a elevação ao throno de um joven monarcha[2] que appellidam de rei liberal: nunca porém ligamos idéas de progresso e de litteratura á terra que outr'ora produziu Vasco da Gama e Camões.

É digno de menção, ao menos como simples objecto de curiosidade, o apparecimento de um volume de poesias portuguezas de que já ha a segunda edição, se é que o livro do sr. Dias não tivesse outros titulos á nossa attenção. É o author brasileiro por

[1] *Cantos*, collecção de poesias de A. Gonçalves Dias, Leipsick, Brochaus & C.ª

[2] Refere-se o escriptor inglez a D. Pedro V.

THE SATURDAY REVIEW
OF
POLITICS, LITERATURE, SCIENCE, AND ART
No 104, vol. 4.—October 24, 1857

Brazilian poetry[1]

There are some nations too small to possess anything independent, except a name. Perhaps at one time they may have had a history, but they have not grown with the world about them, and must now accept from others the laws which they once assisted to give. The splendid two centuries of Sweden, from the first Vasa down to Charles XII., are like the scutcheon of a noble house—a graceful ornament, but without a meaning. Bernardotte was nothing to modern Europe but a captain of *condottieri*, and Tegner's poems are only read in translations. The men have not degenerated, but greater and stronger powers thrust out the weak. Portugal has shared the common fate in an even greater degree than the Northern nations. It was one of the first pioneers of India and the New World, and its possessions in the Southern Seas are now merely nominal. It fought bravely in the struggle against Napoleon, and the freedom it had learned to prize was frittered away under the misrule of a foolish woman and a petty German Prince. We in England think kindly of our old ally, and welcome the little promise of reform that has broken out from time to time with Saldanha's Ministry, or with the accession of a young, and it is said, a liberal King. But we never connect the ideas of progress or of literature with the land which once produced Vasco de Gama and Camoens.

Simply, therefore, as a matter of curiosity, the appearance of a volume of Portuguese poetry, which has reached a second edition, deserves our notice. But the poems of Senhor G. Dias have other titles to attention. He is a Brazilian by birth, and fills the chair of

[1] *Cantos.*—Collecção de Poesias de A. Gonçalves Dias. London: Türbner and C.°

nascimento e exerce no Rio de Janeiro o lugar de professor de história do Brasil. Bebe nos annaes da sua terra natal os assumptos em que se inspira, e parte de suas poesias são essencialmente americanas. Appresentou-se ao público europeu, alem d'estes titulos, com uma recommendação do sr. Alexandre Herculano, o mais distincto de entre os authores portuguezes. Algumas das suas opiniões são tão curiosas e derramam tanta luz nas relações das duas nações, que quando não fosse por outros motivos, bastavam estes para que merecessem citadas. «Em Portugal diz elle, os espiritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos*, aquelles que ainda tentam esquivar-se no sanctuario da sciencia ou da poesia ao pégo da podridão dissolvente que os cérca no meio dos seus generosos esforços, chegam a illudir a Europa com essas aspirações do futuro, que tambem n'elles não são mais do que uma illusão. As suas tentativas quasi fazem acreditar que para esta nação moribunda (Portugal) ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas d'este corpo semi-cadaver de novo se vai injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortalharmos no estandarte de João I ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos emfim repousar no cemiterio da história. O desengano chega, porém, em breve.» .....

.....

.....

.....

«Que é feito d'essa phalange ardente, ambiciosa de uma glória pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento? De tudo isso, de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta? Algum crente solitario, que deplora em silencio a quéda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das lettras, attiraram-se á arena das facções e estão manchados da baba dos odios civis.....

..... «O Brasil é a moderna Sparta, de que Portugal é a moderna Helos.»

.....

«N'aquelle paiz de esperança, cheio de viço e de vida, ha um ruido de lavor íntimo, que sôa tristemente cá, n'esta terra onde tudo acaba.....

.....

Brazilian History at Rio de Janeiro. He has drawn on the annals of his native country for materials, and a part of his poems are distinctly American. They come, too, before the European public with the recommendation of a highly flattering notice from Herculano, the most distinguished Portuguese author of the day. Some of his criticism is so curious, and so lights up the relations of the two countries, that, if only for that reason, it deserves to be quoted. «In Portugal, the spirits whom the old poet spoke of as *happily born*, those who yet try to take refuge in the sanctuary of science or poetry from the sea of acrid corruption that encircles us, through their generous efforts succeed in deceiving Europe with these aspirations after the future, which, even in them, are nothing but an illusion. Their attempts almost make it be believed that there still remains for this dying people a hope of regeneration — that we have yet a destiny to accomplish, before we shroud ourselves in the banner of Don John I., or the pennant of Vasco de Gama, and lay ourselves down at last to rest in the sepulchre of history. But the disenchantment comes quickly.».....
.....
.....
.....

«What remains now of that impetuous company, ambitious of a pure glory, which began to practise itself in the lists of thought? Of all this, of all that brilliant and hopeful youth, what remains? Some solitary believer who deplores in silence and remains out of so many archangels. The other priests, apostatizing from the religion of letters, have hurried to the arena of factions, and are stained with the venom of civil hatred.....
..... Brazil is the modern Sparta, to which Portugal is the modern Helos.»
.....

«In that country of hopes, full of vigour and of life, there is an echo of earnest work which falls in sadness on us in this land where all is ending.....
.....

«Ás publicações periodicas, primeira expressão de uma cultura intellectual que se desenvolve, começam a associar-se as composições de mais alento, os livros. Ajunte-se a este facto outro, o ser o Brasil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será facil conjecturar que no dominio das lettras como em importancia e prosperidade as nossas emancipadas colonias nos vão levando rapidamente de vencida.»

Tece o sr. Alexandre Herculano altos louvores aos poemas americanos que foram publicados em primeiro lugar e formam parte do presente volume. «Imperfeição de lingua, de metrificação e de estylo» que o crítico attribue benevolamente á conta de falta de experiencia e ao verdor dos annos equilibra de algum modo no ánimo de um público extranho o elogio de «nobres inspirações» epitheto este que tem todo o cabimento. Preferimos seguir as pegadas do escriptor portuguez, e por isso transcrevemos um trecho da poesia *Seus olhos,* que o sr. Alexandre Herculano dá como «uma das mais mimosas composições lyricas que tenho lido na minha vida». Não póde comtudo o elogio d'essa poesia ser bem justificado por uma versão em inglez; porque não ha traducção ou sequer imitação que dê uma idéa, aindaque approximada, dos donaires e graça de um original onde os pensamentos chispam por entre as palavras como brilhantes em um collar: —

. . . . . .

Seus olhos, tão negros, tão bellos, tão puros
    Assim é que são;
Ás vezes luzindo, serenos, tranquillos,
    Ás vezes vulcão!

Ás vezes, oh! sim, derramão tão fraco,
    Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes fallece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece
    Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
    Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, scismando mil coisas,
    Não pensa — a pensar.

The periodical publications — the first expression of a literature which is disentangling itself — begin to take rank with compositions of more substance — with books. Add to this another fact, that Brazil is the principal market for the little that is printed among ourselves, and it will be easy to conjecture that our emancipated colonies are rapidly surpassing us in the domain of letters, as well as in importance and prosperity.»

Senhor Herculano proceeds to notice with high praise the American Poems, which were the first published, and which form part of the present volume. «Imperfections of language, metre, and style,» which the critic good-naturedly imputes to want of experience in a young man, will hardly weigh with a foreign public against the praise of «noble inspirations», if the epithet be deserved. We prefer to follow in the track of the reviewer, and transcribe a portion of the poem, «Her Eyes», which Senhor Herculano speaks of as «one of the most delicious lyrical compositions which I have read in my life». This praise, however, will scarcely be justified by any English imitation, for no translation can give an idea of the easy grace of the original in which thoughts sparkle out through the words, like jewels under lace: —

.....

Her eyes, so lovely, so pure, so bright,
  They are never the same,
Now shining clear with a quiet light,
  Now volcanoes of flame.

At times so gentle their scattered beams,
  So soft and deep,
I seem to gaze through a blinding haze,
And those sad eyes, where the tear half gleams,
  Draw me, too, to weep.

As a little child, that was sleeping securely,
  Starts up with a cry;
Then questioning, musing, but mutely, demurely,
  Is puzzled it knows not why.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Ás vezes do céo
Cae doce harmonia d'uma harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véo.

Quer sejão saudades, quer sejão desejos
Da patria melhor;
Eu amo seus olhos que chorão sem causa
Um pranto sem dôr [1].

.....
.....

É na verdade uma linda poesia, se bem que não pertença ás de ordem mui elevada. Os extractos que dá o sr. Alexandre Herculano das que são chamadas *poesias americanas,* são antes curiosos do que interessantes. O *Canto do guerreiro* nada mais é do que a exaltação e a jactancia nas suas fórmas mais communs; porque a idéa real que anima uma guerra hodierna e os diversos e intensos sentimentos que desperta — generosidade, piedade e amor do lar —, são fructos da civilisação. Poucos versos aliás sobre pagés e guerreiros, craneos e tacapes, ornados com termos pittorescos e euphonicos taes como *tupi, maracá, arasoya,* podem tornal-os supportaveis á leitura, e é para notar que ultimamente uma eschola pre-homerica toma a peito ensurdecer-nos tambem com epopéas diffusas e vagas e odes desconnexas que os homens de pel vermelha nunca poderiam ter escripto nem seriam capazes de comprehender [2]. O melhor elogio que podemos render a producções da ordem d'estas que temos ante nós, é que o êxito duvidoso por ellas obtido com a pintura dos costumes e de outros caracteres dos indigenas é remido por mui genuinas bellezas de idéas modernas. Innovações de outro genero é uma serie de poemetos no estylo das antigas chronicas rimadas ou balladas. São ellas na sua maioria apraziveis, principalmente quando

[1] É de notar que não foi essa poesia vertida no seu todo.

[2] Parece que o escriptor inglez mostra-se mais desaffeiçoado a estas poesias pela rivalidade que ha entre os litteratos da antiga mãe patria e os da America do Norte, sendo que é ali que mais vigora essa eschola iniciada com tão feliz successo por Fenimore Cooper e seguida por Longfellow e outros.

To the innocent sense of the infant, the maid,
  Come sounds on the gale
From a harp above; the breathings of love;
And the soul, shrinking back in virginal dread,
  Puts on tears as a veil.

Are they signs of greeting or wishes that rise
  To the home of light;
I love those causeless teardrops in eyes
  That weep, and are bright.

.....
.....

This is pretty poetry, though it does not affect to be of the highest order. The extracts which Senhor Herculano gives from what are called the American poems are rather curious than interesting. The war-song of an Indian chief can only express exultation and self-reliance in their most vulgar forms; for the great ideas which animate a modern war, and the various and intense feelings which it calls up — generosity, pity, and domestic love — are the products of civilization. A few verses therefore about squaws and braves, and scalps and tomahawks, studded with a few picturesque or euphonious names, such as «The Howling Wind» or «Tupinambá», are as much as common taste can endure to read; and latterly a sort of pre-Homeric school in poetry has rather overdone us with sprawling epics and disjointed odes, which the Red Men could never have written, and could not now understand. The best praise we can give to productions of this sort in the pages before us is, that a questionable success in the affectation of Indian characteristics is redeemed by very genuine beauties of modern thoughts. Revivals of another kind are a series of small poems in the style of the old metrical chronicles or ballads. These are often pleasant reading, especially

contêem alguns toques de lenda, mas a nosso pezar deixamos de extractar algumas d'ellas por demasiado extensas. Passamos, pois, adiante, e aqui reproduzimos a que tem por titulo *Sobre o tumulo de um menino:*

O involucro de um anjo aqui descança,
Alma do céo nascida entre amargores
Como flôr entre espinhos! — tu, que passas,
Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha,
Que um instante correu no mar da vida;
Romper da aurora que não teve occaso,
Realidade no céo, na terra um sonho!
Fresca rosa nas ondas da existencia,
Levada á plaga eterna do infinito,
Como off'renda de amor ao Deos que o rege;
Não perguntes quem foi, não chores: passa.

Ha profusão de imagens e de ornatos nas poesias que constituem este volume, o que é em parte devido á mocidade do author (porquanto Gonçalves Dias principiou a publicar obras litterarias na edade de vinte e tres annos) senão que o é ainda mais, como me parece, pela indole e character especial da poesia peninsular. O temperamento ardente e luxuriante phantasia dos meridionaes (da Europa) tornaram-se muito mais intensos pelas prolongadas relações com o Oriente — o sangue asiatico ainda percorre as veias dos homens que expelliram os mouros. Felizmente, porém, que as decorações, a despeito de profusas, teem nos versos de A. G. Dias uma significação, uma razão de ser, uma connexão com o texto, e não são meras lantejoulas postas para deslumbrar. Não foi por certo a *eschola spasmodica*, que alguns jornaes de segunda ordem teem procurado fazer grassar entre nós o que influiu no ánimo do poeta, tanto que o que se lhe nota de morbido é puramente Byroniano.

Sentimos, todavia, saber que não raro —

Folga de ver os renques dos sepulchros

quem quasi sempre escreve com tamanha graça, se bem que no fim do poema assegura-nos o poeta que « embalado pelo perfume de uma

when they contain the kernel of a legend; but they are told too diffusely to be quoted or reproduced at length. We pass on, therefore, to the later poems, and take an «Epitaph on an Infant»:—

Here lies the garment which a spirit put off.
A soul of heaven that grew 'mid bitternesses,
Like a flower among thorns. O passer-by,
Inquire not who I was — a painted cloud,
Which in a moment melted in life's sea;
A burst of dawn whose sun hath never set;
A real life above — on earth a dream —
A fresh rose on the waters of existence,
Borne to the shores that stretch eternally,
To the great ruler God a gift of love.
Inquire not who I was — weep not — pass on.

There is a profusion of imagery and ornament about the poems in this little volume, which is partly attributable to the author's youth (for Senhor Dias began to publish at twenty-three), but is even more, we think, characteristic of Peninsular poetry in general. The fervid temperament and luxuriant fancy of the South have been intensified by long intercourse with the East-Asiatic blood still flows in the veins of the men who expelled the Moors. Fortunately, the decorations, although profuse, have always a meaning, and a connexion with the text — they are something more than a mere string of spangles. Indeed, «the spasmodic school», which one or two second-rate journals have puffed into notice among ourselves, does not appear to have influenced Senhor Dias — whatever is morbid in his writings, is distinctly Byronic.

Thus, for instance, we regret to learn that not unfrequently —

A bitter simile,
Funeral and sad, sits on the lips

of one who in general writes so pleasantly; though the end of the poem relieves us with the announcement that, as the poet's «heart

alma angelica» é capaz de ainda «supportar a vida e o pêso de uma existencia inutil». O sr. G. Dias ha de ter sem dúvida percebido que taes confissões, quando verdadeiras, devem de ser feitas a um amigo, que é um outro eu, e quando falsas, são mais do que desprezíveis. Fraquezas pessoaes, quaes crimes, com serem idealisados, não são admittidos pela arte, nem assumptos dignos d'ella. Passagens, porém, do gôsto da que apontei, são mui raras no volume do poeta. Parecem-nos em geral frouxas as poesias religiosas, sendo apenas meditações metrificadas. Querendo pol-as em parallelo com outras não podemos equiparal-as senão a alguns dos mais fracos esforços de Victor Hugo[1]. Como o hymno — *O meu sepulchro* — representa a idéa favorita do author no genero, poremos aqui um extracto d'elle, que dará seguramente uma idéa avantajada do bom êxito do poeta na especie —

. . . . . .

Oh! quão formosa a vida se revela
A quem já bate as portas do infinito,
Encostado aos umbraes da eternidade,
A vez extrema contemplando o mundo!
A folha já myrrhada, a pedra solta,
A flor agreste, a fonte que murmura
E as cantoras do céo, as ledas aves
De variado esmalte, e as suspirosas
Brisas da noite e as do romper da aurora,
A estrella, o sol, o mar, o céo, a terra,
A planta, os animaes, tudo então vive,
Tudo comnosco sympathisa,— tudo,
Como orchesta afinada por nossa alma,
Accorde aos nossos sentimentos, vibra
Revelando ao que morre os fins da vida.

. . . . . .

[1] Discordam os demais escriptores do critico inglez na apreciação dos hymnos. O sr. F. Sotero dos Reis, no *Curso de litteratura* preconisa-os, e o sr. Pinheiro Chagas diz d'elles: «Ha nas suas poesias a que deu o titulo de *Hymnos a suave inspiração de Lamartine*» (pag. 177 dos *Ensaios Criticos*); e assim tambem os louvam os escriptores allemães, cujos artigos vão antes d'este, o sr. Macedo Soares, D. Juan Valera, etc. Bem se diz que entre gostos não ha disputar.

is embalmed by the perfume of an angelic soul», he is now able «to support life and the weight of an useless existence». Surely Senhor Dias ought to perceive that such confessions, if true, ought only to be made to a friend who is a second self, and if false, are worse than contemptible. Personal weaknesses, like crimes, do not admit of being idealized, and are no wortby subjects of art. But passages of this kind are happily few in number. The religious poems strike us generally as weak—they are meditations in verse, but little more. The nearest parallel we know to them is in some of Victor Hugo's feebler efforts. But as a «Hymn to my Tomb» appears to be a favourite with the author, an extract from it will probably give a good idea of his success in this line:—

How gloriously does life unfold itself
To him who knocks at the eternal gates,
Where slant the shadows of eternity;
Whose last long gaze looks out upon the world.
The sear and yellow leaf, the crumbling stone,
The field flower, the music of the fount,
And songsters of the sky, the joyous birds
Of varied plumage, and the winds that sigh
When night begins, and those that waft in dawn,
The stars, the sun, the sea, the heaven, the earth,
All hath its sympathy with me; yea, all
In multitudinous unison distinct
Thrills back the answer to our secret thoughts,
And tells the dying man life's mystery.

* * * *

Que importa que eu não tenha uma só corôa,
Um myrrado laurel, uma só folha,
Que ás novas gerações diga o meu nome
E sollicite as attenções futuras?
Sou como o passarinho quando passa
Á flor de um lago e a sombra vacillante
No liquido christal debalde estampa.
Ou similhante ao viajor que batte
Da vida a estrada pulvurenta, e nota
Como os rastos mal impressos cobre
O pó que de seus passos se levanta.
Ah! que dos louros me não doe a ausencia,
Mas de lagrimas, sim, que me orvalhassem
A sepultura humilde, a cujas gottas
Meus ossos de prazer estremecidos
De as sentir se alegrassem...
.....

São as melhores composições d'este volume os versos fugitivos sobre o amor e o soffrimento, porém quasi que intraduziveis. A graça e o mimo da fórma original, dependendo das palavras que lhes dão todo o realce, não se podem reproduzir. O traductor desespera e vê-se tolhido quando pretende fixar ou sequer imitar esses lindos traços e expressões, esses rapidos reflexos dos cantos do poeta. No emtanto o volume do sr. Dias dá-lhe immensa honra, e talvez não seja um grande e digno cumprimento dizermos que achâmos seus versos a muitos e essenciaes respeitos superiores aos de Longfellow e a todos os de Rodwitz. Começou pois sob felizes auspicios a litteratura do novo imperio transatlantico.

What matters it, if not a single crown,
A single leaf of laurel bloom for me
To tell my name, and draw the curious gaze
Of ages and dominions yet unborn.
I am a bird of passage, one that skims
The surface of a lake, and vainly stamps
A fleeting shadow on the crystal wave.
I do not care though laurels bloom not for me,
Yet I confess I wish some tears should fall
Upon my lowly sepulchre, that so
My dry bones, thrilling at the grateful touch,
May glow with fresh sensation.

The best pieces in this volume are the little poems of love and sentiment, which scarcely bear to be translated. The lighter, the grace of the original, the more important do the differences of words become. It is the play of pretty features, and the expression of rapid glances, that a copyist always despairs of fixing or imitating. Altogether, Senhor Dias's volume is highly creditable to the author. It is not, perhaps, too great a compliment, to say that in all essential respects it is superior to most of Longfellow and all of Redwitz. The literature of the new Transatlantic empire has opened with happy auspices.

Uma revista mensal, publicada em Nova York, apresenta como uma de melhores composições do poeta o *Não me deixes*—de que dá uma traducção, que se não recommenda pela metrificação, como se verá confrontando-a com o original:

Debruçada nas aguas de um regato
A flor dizia em vão
Á corrente, onde bella se mirava...
«Ai, não me deixes, não!»

«Commigo fica ou leva-me comtigo
«Dos mares á amplidão,
«Limpido ou turvo, te amarei constante;
«Mas não me deixes, não!»

E a corrente passava; novas aguas
Após outras vão;
E a flor sempre a dizer curva na fonte:
«Ai, não me deixes, não!»

E das aguas que fogem incessantes
Á eterna successão
Dizia sempre a flor, e sempre embalde:
«Ai, não me deixes, não!»

Por fim desfallecida e a côr murchada,
Quasi a lamber o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não;

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobresinha:
«Não me deixaste, não!»

Over the waters of a noisy brook
There hung a little flower bending low,
Pleading with heart of love blushing look:
«Oh do not leave, me, no!»

«Stay thou with me, or, to the boundles sea
«Where thou art swiftly going, let me go;
«Turbid or clear, I can love only thee.
«Oh do not leave me, no!»

The stream stays never, but new waters fast
Succeed each other in their onward flow,
While murmurs still the trembling flower down cast:
«Oh do not leave me, no!»

Eternally the ceaseless current flies,
Seeming more strong and swift and loud to grow,
While the poor flower importunately cries:
«Oh do not leave me, no!»

Drooping at last, bent to the very ground,
Its bloom all gone, its blushes lost in woe,
Close to the stream it whispers with faint sound:
«May you not leave me, no!»

The proud unloving wave with haughty crest
Seizes the flower, and bears far below.
Sinking, it says: «I perish, yet am blest;
«Thou hast not left me, no!»

Nota N

... que lhes mereciam mais louvores — pag. 302 e 322

PAGINAS MENORES

6 de dezembro

Não é debalde que muita gente não acredita na pretendida pobreza dos poetas. Quem é pobre não dá presentes como o que acaba de offerecer a S. M. o Imperador o sr. dr. Gonçalves Dias.

Já lestes os primeiros cantos dos *Tymbiras?* Se ainda o não fizestes, apressai-vos, nunca é cedo para saborear um fructo sazonado, cujo perfume e côres nada recorda do que conheceis.

É um poema americano, bem nosso, exclusivamente nosso; é um episodio da história da raça indigena do Brasil idealisado pelo poeta de desgraças d'elles, de suas guerras, de seu heroismo. Está contado em magnificos versos que só podia inspirar a nossa natureza, esse sol fecundo que nos alumia. De todos os festejos do dia 2 — discursos, felicitações, cortejos, applausos, vivas, hymnos e saudades — nenhum sem dúvida agradou mais ao illustre protector das lettras patrias, do que a offerta do poeta.

É o terceiro poema que no espaço de um anno tem sido dedicado a S. M. o Imperador: — *A Confederação dos Tamoyos, A Nebulosa,* e agora *Os Tymbiras.*

A posteridade que não olha, nem para as prevenções, nem para as inimisades pessoaes; que não leva em conta nem odios, nem invejas, dirá que, quem dedica obras de tanto vulto ao monarcha de um povo livre, é porque reconhece n'elle, não um poder a quem se bajula para lhe arrancar favores, mas uma intelligencia culta e elevada, que ama as lettras sem precisar d'ellas, e que por isso merece os cultos dos que como elle as estimam e respeitam.

Deixando a cada intelligencia a direcção de seu vôo, o Imperador acolhe todas as producções litterarias e scientificas com a mesma cordeal complacencia, dando um elogio ao vencedor para que redobre de esfôrço, dando um consólo ao vencido para que não desanime na senda do trabalho, verdadeira musa dos mais inspirados como dos menos favorecidos.

Os *Tymbiras* continuam a poesia americana que o sr. Gonçalves

Dias, depois de S. Carlos e de Porto-Alegre, tornou tão popular nos seus *Cantos*.

Remontando-se ás epochas anteriores á descoberta, estudando as tradições e a theogonia das raças autochthones, seus costumes e usanças, o poeta achou uma rica e nova veia de poesia, em que Alexandre Herculano e alguns outros juizes tão competentes lhe aconselharam que persistisse.

A essas producções ligeiras, mas de toda belleza, que se encontram nos tres volumes de poesias lyricas do sr. Gonçalves Dias, com o titulo de *Poesias Americanas*, no poemeto *Y-juca-pyrama*, inspiração de maior folego e perfeição do que as anteriores, succede agora um poema completo. A obra não está concluida. Só depois de terminada é que deverá ser julgada definitivamente.

Os quatro cantos, porém, que acabam de ser entregues á curiosidade pública, auctorisam a dizer que, se o poeta não fraquear na continuação e fim de seu poema, fez uma obra magistral, levantou um monumento eterno á poesia nacional; fez mais, abriu uma senda nova para onde tende e deve seguir a nossa litteratura, não tornando-se estupidamente selvagem e julgando ter achado uma novidade por fallar em *maracá*, *boré* ou *piaga*, mas inspirando-se na nossa natureza, nas tradições d'essas raças extinctas ou abastardadas que foram senhoras d'esta terra, que lhe foi conquistada á traição e á custa de tanto sangue d'ellas.

Chateaubriand e F. Cooper na America do Norte, o auctor de *Paulo e Virginia*, na ilha de França, acharam n'essa natureza fecunda e virgem o cunho immortal de algumas de suas obras.

Porque não poderão fazer os nossos poetas o mesmo? Pois os *Natchez* ou os indios de Cooper serão mais poeticos do que os nossos?

F. Octaviano d'Almeida Rosa.

(*Correio Mercantil*, de 7 de dezembro de 1857, n.º 234.)

A SEMANA

5 de dezembro de 1857

.....

.....

Um novo poema! leitores, novo; porém, já esperado.

Acabam de chegar da Europa nitidamente impressos em Leipzig, os quatro primeiros cantos dos *Tymbiras*, poema do nosso suavissimo Gonçalves Dias.

Por mais que me averbassem de suspeito eu não hesitaria em apresentar o meu juizo sobre esta obra do nosso distincto litterato, se ella nos tivesse chegado completa, mas não o devendo fazer por emquanto, contento-me com satisfazer a natural curiosidade dos meus leitores dando-lhes a ler a introducção e os primeiros versos do segundo e terceiro canto, que encerram primores de doçura, de encanto e de imagens no genero descriptivo.

Ahi vão elles, e com elles encérro este folhetim que vae longo. *(Seguem-se as transcripções dos citados trechos).*

DR. JOAQUIM MANUEL DE MACEDO.

(*Jornal do Commercio* de 6 de dezembro de 1857, n.º 235.)

Nota O

... um monumento que testemunhasse o nosso apreço, admiração e reconhecimento—pag. 167, 188 e 352

MONUMENTO Á MEMORIA DO POETA ANTONIO GONÇALVES DIAS

Logo que foi sabida a triste notícia da morte de Gonçalves Dias, aventei pelo jornalismo a idéa de erigir-se um monumento á sua memoria e no dia 13 d'esse mez convoquei em minha casa uma reunião que foi assim noticiada no *Publicador Maranhense* de 15 de novembro (1864):

«Antes de hontem á noite reuniram-se varios cidadãos em casa do sr. dr. Antonio Henriques Leal, a convite do mesmo, para tra-

ctarem dos meios a pôr em prática, a fim de levar-se a effeito a idéa por elle suggerida de um monumento ao desditoso Gonçalves Dias.

«Foi resolvida a nomeação de diversas commissões parciaes tanto n'esta cidade em cada uma das classes da nossa sociedade, como em Caxias, lugar do nascimento do insigne poeta, e em todas as mais villas de certa importancia[1].

«A principal commissão, composta dos srs. dr. Antonio Henriques Leal, Francisco Sotero dos Reis, dr. Antonio Rego, dr. Pedro Nunes Leal e dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, já para o mesmo fim dirigiu-se ás camaras municipaes das capitaes de todas as provincias do Imperio, aos redactores de jornaes e a alguns amigos do dr. Antonio Gonçalves Dias, residentes na côrte do Rio de Janeiro.

«É uma subscripção nacional, a que se tracta de promover; é um appêllo feito á generosidade e patriotismo dos brasileiros e estrangeiros aqui residentes.

«É condição da subscripção o concorrer cada um para ella com a quantia de que podér dispôr; tanto valerá o mais como o menos, o muito como o pouco.

«O rico e o pobre darão na proporção dos seus haveres ou na medida de sua generosidade; por menor que seja o óbolo será elle acceito com a mesma gratidão e reconhecimento.

«O que se deseja é ver o espirito nacional manifestando-se, produzindo-se e galardoando o merecimento de um dos mais illustres e ao mesmo tempo um dos mais desditosos filhos d'este paiz.

«Para o monumento que se lhe pretende levantar, tem ou não titulos e direitos o maior poeta brasileiro da presente epocha?

«É ociosa a pergunta, porque ninguem ha entre nós que os conteste.

«Se os tem paguemos-lhe esta divida, rendâmos á sua memória o culto que de certo merece, não queiramos que sobre nós pése o epitheto de indifferentes, de esquecidos e de ingratos para com

[1] D'estas commissões só a composta dos srs. Joaquim Coelho Fragoso, Carlos Rocha e Joaquim Domingues Lima, a dos srs. Candido José Cordeira, Verissimo Ricardo Vieira e Trindade (alfaiates), e as de Caxias e villa nova de Pinheiro trabalharam e deram cópia de si!..... As mais.... algumas nem responderam ao convite!...

aquelle que tanto contribuiu para dar lustre ao nome pelo qual somos conhecidos como nação.

«A glória que d'este acto resulta é repartida igualmente entre nós e o poeta, nós — filhos d'este Imperio; — nós compatriotas d'esse genio.

«Os vindouros unirão nossos nomes e nossas lembranças; o monumento não recordará tão sómente o merito de Gonçalves Dias. Attestará tambem a gratidão do povo, relembrará um feito d'esta geração, que não seguiu o exemplo de outras, a quem coube por triste sorte a denominação de ingratos, provinda do severo e justo juizo da posteridade.

«Temos fé que o reclamo de alguns dedicados amigos não será feito nem dirigido em vão.

«Foi de todo tempo costume honrar e estimar os poetas. Vultos grandiosos são elles que reflectem de glória sobre a humanidade.

«O divino dom da inspiração, que os colloca tão acima dos outros homens é concedido a raros eleitos. O respeito que se lhes deve provém do duplo sêllo do genio e do infortunio.

«Creaturas á parte, formam elles excepção em tudo, sendo raro aquelle que teve por suaves auras n'esta vida o bafejo da felicidade.

«Vive a Grecia em Homero; a Italia em Virgilio, em Dante, em Tasso, em Petrarcha e em Ariosto; a França em Corneille, em Racine, em Beranger, em Lamartine, em Chateaubriand e em Hugo; Portugal em Camões, Almeida Garrett; a Hespanha em Cervantes, Lope da Vega, Calderon de la Barca, em Martinez de la Rosa, em Zorrilla; a Inglaterra em Milton e Byron; a Irlanda em Th. Moore; a Escocia em Ossian e Walter Scott; a Allemanha em Goethe e Schiller, em Huhlan e Heine.

«Nós viveremos no nome do grande poeta. Emquanto se fallar ou se escrever a lingua portugueza ou aquellas em que houverem sido traduzidos os seus inimitaveis cantos, a immortalidade do dr. Gonçalves Dias será acompanhada da de seus compatriotas. O genio onde quer que elle appareça ahi symbolisará o povo, a nação, o seculo.

«Pois se d'elle é que ha de vir a duração de nossa memória, concedâmos á memória do grande poeta uma pequena parte do que é nosso.

«Erga-se-lhe uma estátua sobre a terra, já que a profundidade dos

mares, avara e má, guarda e contém em si os seus ultimos despojos.

«Corrijámos o involuntario capricho dos acontecimentos de uma existencia, que teve tanto de brilhante e festejada, quanto de desditosa e soffredora.

«Levantemos no bronze ou no marmore um protesto e um voto; protesto de gratidão; voto de commemoração e lembrança.

«Não é muito o que se pede; quem paga não dá.

«Sirva a morte de meio obrigatorio para que todos saldemos a divida contrahida com promptidão e boa vontade.

«Abaixo publicâmos a circular dirigida pela commissão principal encarregada de levar a effeito o monumento a Gonçalves Dias.»

Ill.mo Sr.

«Um desastroso naufragio acaba de dar sepultura no fundo do Oceano, e já nas aguas do Maranhão, ao maior poeta brasileiro da epocha presente, Antonio Gonçalves Dias, que, gravemente enfêrmo de molestia incuravel, vinha da Europa morrer na terra da patria, onde desejava descançassem seus ossos como o último donativo que lhe legava.

«Este fatal acontecimento não cobriu sómente de luto os amigos do poeta, mas consternou profundamente a toda a cidade de S. Luiz, e ha de causar a mesma dolorosa sensação em toda a provincia e em todo o Brasil, que perdem no illustre morto uma das glórias litterarias mais brilhantes, um dos mais grandiosos vultos de poeta, um dos genios mais favorecidos da natureza, que teem em nossos dias ennobrecido o nome brasileiro.

«Projectam os amigos do poeta, cujos restos mortaes não poderam ter jazigo na terra da patria, como elle desejava, erigir-lhe em uma das principaes praças de S. Luiz um monumento, que, perpetuando a sua memória, seja de modo possivel a expressão d'aquelle desejo, e da veneração de seus concidadãos; mas como para isso não bastem unicamente as suas fôrças, recorrem a todos os brasileiros, a quem por justo titulo toca a glória do nome immortal legado ao Brasil por Gonçalves Dias, a fim que os auxiliem n'esta patriotica e sancta empreza.

«Este monumento erigido ao poeta na capital de sua provincia,

attestará ás gerações futuras o honroso e merecido culto, que rendem ao genio, não só os maranhenses seus comprovincianos, mas todos os brasileiros em geral, de quem foi elle um dos concidadãos mais illustres.

«N'este presupposto os abaixo assignados teem a honra de sollicitar do patriotismo de V. S.ª algum donativo para o nobre fim indicado, já por si, já abrindo uma subscripção, cujo producto enviar-nos-ha no mais breve praso; e esperam ser por V. S.ª attendidos, vista a utilidade commum da empreza, que é honrar o Brasil, na pessoa de um de seus filhos que maior nome tem ultimamente adquirido na republica das lettras por seu extraordinario e incomparavel engenho.

«Somos com a maior consideração e respeito

Maranhão, 14 de novembro de 1864.

De V. S.ª

Francisco Sotero dos Reis.
Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.
Antonio Rego.
Pedro Nunes Leal.
Dr. Antonio Henriques Leal.

(Do *Publicador Maranhense* de 15 de novembro de 1864).

Para avaliar-se como foi acolhida esta idéa pelo jornalismo de todo o imperio, transcrevo apenas este artigo do *Publicador* da Parahyba:

«A provincia do Maranhão, por iniciativa do sr. dr. Antonio Henriques Leal, fez um appêllo que é uma chamada de honra para todos os brasileiros.

«Na sua desoloção, a terra que se ufana de ser o berço de Gonçalves Dias conhece bem que outro dever, alem de prantea-lo, deve merecer os seus esforços e homenagem.

«A divida do paiz é enorme e elle a vae pagar; porque, felizmente já são passados os tempos em que ficaram insoluveis debitos d'egual natureza.

«Portugal, na epocha em que vive Garrett, Herculano e Castilho,

já vindicou a honra de Portugal coberto de trophéus marciaes e manchado da mais feia ingratidão. Hoje não se procura debalde a estátua da Camões. A terra de Vasco da Gama já tambem deu um monumento ao grande epico do *forte capitão.*

«Na Allemanha é uma festa annual a commemoração do natalicio de Schiller que tem seu busto coroado em mais de um edificio público.

«Dante tem sua estátua na Italia, como Byron dorme o somno eterno ao lado dos reis d'Inglaterra, e Petrarca, glorificado no Capitolio, solemnisa o povo italiano os centenarios dò grande cantor de Laura com pompa extraordinaria.

«O Maranhão sabe d'isso e deixa-se levar na onda do patriotismo e da veneração ás lettras—onda fertilisadora que regenera o seculo actual.

«Gonçalves Dias lega um monumento immortal á nossa patria, e justo é que ella lhe pague em preito tanta glória e o fervoroso affecto que elle lhe tinha.

«O primeiro poeta nacional, aquelle que veiu marcar em nossa litteratura uma phase nova e decisiva, tem titulos e direito ao nosso enthusiasmo e reconhecimento.

«A poesia brasileira, até elle sem um cunho fixo e characteristico, e apenas entrevista e balbuciada no bello poemeto de Basilio da Gama, viçou e deu os mais sazonados fructos com o apparecimento das *Americanas,* com essas joias de mil facetas brilhantes que trazem por titulos—*Tymbiras, Y-juca-pyrama, Tabyra, Gigante de pedra, Leito de folhas verdes, Mãe d'Agua, Marabá, Canto do Guerreiro, Canto do Piága e outros.*

«Gonçalves Dias é incontestavelmente o maior vulto da nossa história litteraria. Assim como Garrett, elle não é só um litterato, é uma litteratura inteira. Outros virão que, se for possivel, cantarão melhor; mas com o mimo, com o sentimento do mavioso e imaginoso Dias, isso não.

«A provincia onde viu a luz o grande poeta quer erigir-lhe uma memória de bronze ou de marmore, uma memória que atteste sua gratidão—sua homenagem ao em summa sublime cantor.

«É justo e sancto esse pensamento; mas não póde seguramente ser realisado unicamente pelo Maranhão. Nem a offerta seria digna do poeta, nem é só o Maranhão immortalisado com os cantos d'elle,

que é glória de todo o Brasil, e tem o mundo por sua patria, como succede aos mais genios sublimes.

«Nós, porém, brasileiros e mais proximos herdeiros de seu nome, devemos associar-nos todos na obra de patriotismo, cuja primeira pedra já foi lançada nos fundamentos pelo Maranhão. Vae n'isso a nossa honra, os nossos brios, os brios de nossa história.

«Não soará por certo em vão o nobre rebatte que do extremo norte já vae reboando por todos os angulos do Imperio.

«Engrandeçamo-nos, engrandecendo tão grande quão infeliz poeta, que hoje repousa no seio dos mares.»

D'ahi a pouco annunciava o *Diario do Rio de Janeiro:*

«Os estudantes da Eschola Central nomearam uma commissão para agenciar uma subscripção destinada ao monumento que se projecta levantar no Maranhão a Gonçalves Dias. A camara municipal da Parahyba do Norte nomeou uma commissão para o mesmo fim.»

Não sei se a primeira d'estas commissões chegou a promover subscripção; por quanto nunca m'o communicou nem remetteu a menor quantia. Quanto á da Parahyba, essa sei que trabalhou, entregando ao ex.mo sr. dr. Sinval Odorico de Moura, então presidente d'essa provincia, a quantia por ella agenciada, e que foi-me por esse distincto caxiense remettida com a que por sua influencia e empenho directo alcançou de seus administrados. Convem notar que afóra o resultado liquido de um beneficio, que a meu pedido levou no theatro S. Luiz do Rio de Janeiro seu emprezario, o actor portuguez Luiz Candido Furtado Coelho, nas demais provincias não passou o auxílio ao monumento de sympathias e artigos enthusiastas do jornalismo! Instei com os emprezarios do theatro de Belem do Gram-Pará por um espectaculo a beneficio do monumento, a que o sr. Vicente Pontes d'Oliveira accedeu; mas desavindo-se com elle os membros da commissão a que havia encarregado de promovel-o, nunca chegou a effeituar-se. Duas vezes dirigi-me indirectamente aos emprezarios dos theatros de Pernambuco, sendo as respostas evasivas.

As circulares profusamente espalhadas dentro e fóra da provincia, nada deram de si, e meus companheiros de commissão uma vez assignadas as circulares, e tendo prestado seu auxílio na realisação de um beneficio que foi-nos generosamente offerecido pelos emprezarios do nosso theatro da capital do Maranhão, os srs. Vicente

Pontes d'Oliveira e D. Manuela Lucci, não poderam, distrahidos por molestias e várias occupações da vida, prestar-me o seu efficaz e valioso apoio. Apezar de só em campo não desmaiei, e nem perdi a esperança de que não estaria longe o dia de levar a effeito uma idéa, sancta, generosa e que era de todos. Lancei então as vistas para a nossa assemblea provincial e ahi encontrei o sr. Joaquim Maria Serra que, como em outras occasiões, e no intuito de proteger as lettras, encarregou-se de propor no seio d'aquelle corpo legislativo a verba de 10:000$000 de réis para accrescentar o peculio que já tinha a juros no Banco Commercial do Maranhão. Seus esforços foram baldados a despeito de muito boa vontade e dos termos eloquentes e persuasivos que empregou em seus discursos, tantoque não pôde conseguir senão a decretação de 2:000$000 de réis. São estes os seus discursos:

ASSEMBLÉA PROVINCIAL DO MARANHÃO

Sessão de 5 de julho de 1865

(Apresentação de projectos)

Maranhão—5 de julho de 1865.

O sr. Joaquim Serra:

Senhor presidente, tomei para mim o encargo de ser quem n'esta casa venha esmolar a favor dos grandes homens da provincia[1] *(Movimento de attenção).*

Tem-me sido tão facil quão honrosa esta tarefa; facil porque encontro sempre predispostos para o bem os animos generosos dos dignos maranhenses que illustram esta corporação; honrosa porque ella nobilita aquelle que se constitue o promotor de um acto tão resplendente de justiça.

Bem longe já vão os dias em que os contemporaneos deixaram que succumbissem á mingoa e ao abandono aquelles que mais illustravam a terra onde tinham o berço.

Este seculo, reparador das injustiças preteritas, tem saldado as dividas que as nações guardavam em aberto para com os varões assignalados que a distinguiam, e tem ensinado que para certos vultos proeminentes a posteridade começa-lhes ainda em vida.

[1] Foi este intelligente e mimoso escriptor quem propoz e alcançou da assembléa legislativa do Maranhão o auxilio pecuniario para a impressão das obras d'Odorico Mendes de que já está publicada a *Illiada.*

O funeral de Beranger por entre os soluços da França inteira, o jazigo de Byron nas cavas de Westminster, a apotheose annual que a Allemanha celebra em honra de Schiller, bem mostra que o reconhecimento das nações veiu substituir o ingrato esquecimento, que tanto as affeiaram.

O anno passado, d'este mesmo logar, pedi um auxílio para Odorico Mendes; uma outra vez ergui-me supplicando igual favor para João Francisco Lisboa; hoje venho impetrar d'esta casa o quinhão, que deve caber em partilha a um outro filho tão dilecto como esses dous, genio o mais caracteristico e original entre as summidades maranhenses.

Aquelle que nos deu os memoraveis cantos que fazem a glória do Brasil; que nos patenteou os rudes mysterios das sagradas tabas dos nossos aborigenes; que evocou as sombras magestosas dos selvaticos habitantes de nossas mattas — Gonçalves Dias, em summa, é aquelle que hoje deve receber de vós o premio, que reservastes para os filhos de eleição d'esta bella provincia que representamos. Fazer o elogio de Gonçalves Dias é um pleonasmo inutil e banal. Elle nos deu tanto que comparando-se o donativo com o pouco a receber, quasi nada ter-lhe-hemos dado.

Quem mais sublime e arrojado se ergueu ás regiões da poesia, de que o peregrino cantor que firmou o edificio da litteratura brasileira? Elle possuia todos os encantos e seducções que o talento descommum sabe buscar para seu adôrno. Morreu sem deixar herdeiros de seu genio, sem collacteraes que lhe disputassem a herança.

Outros poderão vir que cantem com admiravel gentileza, porém nenhum mais ha de cantar assim.

Trata-se de erigir em uma das principaes praças d'esta capital um monumento, que atteste aos vindouros, que os grandes homens da patria não colheram n'ella o indifferentismo. Esta provincia, que é mãe, deve abrir os seus cofres e inscrever-se como a primeira em lhe prestar o culto do seu amor.

Eis o que peço no projecto que acabei de ler; para que quando se fallar da legislatura de 1864 a 1865, se possa dizer, que se dentro d'esse biennio a provincia perdeu os seus mais importantes filhos, elles foram chorados e commemorados de uma maneira digna d'elles e digna de nós.

Vozes: — *Muito bem, muito bem.*

— Vae á mesa e é lido o seguinte projecto, o qual a requerimento do author é dispensado dos intersticios da leitura, a fim de ir a imprimir:

«A assembléa provincial resolve:

«Artigo 1.º Fica o governo authorisado a gastar até a quantia de 10:000$000 réis, auxiliando a construcção do monumento que se vae erigir á memória do cidadão Antonio Gonçalves Dias.

«Art. 2.º Ficam revogadas as disposições em contrário

«Maranhão, 5 de Junho de 1865.

JOAQUIM SERRA.

(Do *Publicador Maranhense.)*

Sessão de 7 de julho de 1865

(Discussão de uma emenda reduzindo a dois contos a quantia projectada)

O sr. *Joaquim Serra:*—Eu julgo-me dispensado de dizer as razões pelas quaes a provincia do Maranhão deve erigir uma estátua ao poeta dos *Tymbiras.*

Não tenho a pretensão de com as minhas palavras fazer crescer no espirito dos nobres deputados um só atomo da consideração e estima que todos devem ter para com os seus concidadãos da elevada esphera de Gonçalves Dias.

Eu não creio possivel que o verbo do orador o mais authorisado possa abalar a crença dos que vêem n'esse distincto maranhense uma glória do Brasil e da lingua portugueza.

O falso louvor não dá merito a quem não o tem, e a estulta crítica não prejudica os que se exaltam por qualidades privilegiadas.

O meu elogio, portanto, nada absolutamente accrescenta ao incontestavel merito do insigne maranhense, e as declamações dos que me contrariam, não poderão, por mais que façam, diminuir de uma linha a aureola do cantor caxiense. Esta casa está de crença feita a este respeito.

Dispenso-me totalmente da questão do merecimento. Já disse alguem e eu o repito:—Não morre a fama onde vive a glória.

A emenda, que ora se acha em discussão, é pois o unico motivo que obriga-me a occupar a tribuna. Só venho impugnal-a, porque acho muito mesquinha, muito ridicula.

Concedendo que, no projecto por mim elaborado, haja seu tanto de enthusiasmo, e assim uma elevação no *quantum* pedido, mas de-

terminar que o govêrno da provincia gaste até a quantia de 2:000$000 de réis, não prefixando nem mesmo essa quantia de 2:000$000 de réis, antes, deixando-a vacillar entre o elasterio do cifrão cortado até o maximo limitado, não posso admittil-o por fórma alguma.

Não sei regatear n'este negocio. Ou a provincia ha de inscrever-se de uma maneira digna de nós, ou consintam meus collegas que eu retire o projecto.

Sinto intimo e profundo pezar vendo esta materia, que julgava indiscutivel, passar por entre o embate de opiniões inimigas e por entre o emmaranhado dos algarismos!

Acato em extremo o pensamento do nobre author da emenda; sei que é elle um grande apreciador do illustre poeta, mas discordo inteiramente de seu modo de encarar este assumpto pelo seu lado puramente economico. Com a frieza dos algarismos não deve a provincia responder ao caloroso enthusiasmo público. Maior thesouro perdemos nós n'aquelle que hoje deploramos *(prolongados apoiados)*.

Nós que auxiliamos a impressão das obras de Manuel Odorico Mendes com uma quantia superior a 2:000$000 de réis; as de João Francisco Lisboa com uma de 2:000$000 de réis, para com Antonio Gonçalves Dias, devemos estar revestidos de uma parcimonia tão impropria d'elle e de nós?!

Instaria com meu nobre collega por que retirasse a sua emenda, ou antes com a casa por que consinta na retirada do projecto. Quando as municipalidades da provincia abrem subscripção em favor da estátua[1], a provincia assigna-se com uma verba de avarento, inferior á de qualquer assignatario particular? Não, não póde isto ser assim.

Não creio mesmo que a quantia de 10:000$000 réis seja muito forte, tanto mais quanto póde declarar-se na lei do orçamento que ella sáia da verba de obras públicas.

Portanto, impugno e voto contra a emenda. Sustento a idéa capital do projecto á vista das rasões, que tenho expendido.

A provincia não vae por sua conta erigir a estátua, vae concorrer apenas com seu auxilio que não póde ser muito abaixo do dos particulares, A obra deve saír de fórma que não envergonhe a provincia e seja digno epitaphio do homem que ella assim commemorará.

[1] Ficou isto só em fallatorio, e nenhuma chegou a leval-a a effeito.

A um grande homem, uma grande homenagem; não ha alliança possivel entre o pigmeu e o gigante.

Para Napoleão I só as pyramides do Egypto em vida; e a columna *Vendôme* para eternisar-lhe a memória.

.....

O sr. *Joaquim Serra:* — Acceito plenamente a censura que o nobre deputado me fez quanto á redacção do projecto; incorri integralmente na pena que me foi por elle comminada; mas docil ás censuras justas vou reformar o meu êrro emendando o projecto por mim apresentado.

O que me chama, porém, de novamente á tribuna é a última parte do discurso do nobre deputado: — O verdadeiro monumento de Gonçalves Dias são os seus memoraveis cantos, — disse o meu collega e amigo.

Por maior apreço, senhores, em que tenhamos o merecimento do primeiro poeta lyrico brasileiro, creio que elle não será maior do que aquelle que os portuguezes tinham para com o seu primeiro epico.

Portugal foi considerado uma nação ingrata até ha poucos annos do presente seculo.

O mais mimoso poeta da nova geração lusitana, Garrett, esse proximo herdeiro das glórias de Camões, em um poema feito decretadamente para solemnisar a memória do morto, tão esquecido dos seus, malsinou a terra que malbaratára a sua fama, e invocou a generosidade do paiz transatlantico, que falla a lingua portugueza, do nosso paiz! Pediu que elle vindicasse os creditos do poeta enorme, e pagasse a divida que Portugal tinha deixado em aberto para com o seu Homero.

Essa sublime peroração tirou Portugal de sua lethargia.

Almeida Garrett não pensava, sem dúvida alguma, que a memória de Camões estivesse apagada, porque as producções d'este corriam impressas, lidas e applaudidas por nacionaes e estrangeiros, e o seu genio portentoso era por todos admirado. Mas elle queria que a patria, em um padrão duradouro e tangivel, assignalasse a sua lembrança.

A Allemanha não tem em menos apreço o merecimento do seu immortal Schiller; entretanto ella não se julgou dispensada de eternisar-lhe a memória com a capciosa desculpa de que nos poemas

do grande cantor estavam os seus melhores monumentos. Mais de uma cidade da Confederação, entre outras Weimar e Jenna, possuem em suas praças e em varios estabelecimentos publicos a estátua ou o busto do seu sublime poeta. Para execução d'essas estátuas, e bem assim para a de Camões, concorreram as municipalidades dos diversos paizes.

Sei que a memória de Antonio Gonçalves Dias não será mais duradoura, nem mais brilhante, por causa do marmore ou do bronze em que o representemos. Mas tambem sei que ha de ser um incentivo para que, com os olhos fitos no galardão dos seus, queiram e possam trilhar senda tão cheia de escabrosidades por onde caminham, n'este e em todos os paizes, os homens que se dedicam á cultura das lettras.

O monumento de que se tracta não é só um tributo ao homem que deixou de viver, é um estimulo para os que vierem. É certo que os genios, como Gonçalves Dias, nascem feitos, e nem são susceptiveis de apparecerem pela unica fôrça de estimulos taes. Rebentam espontaneos do seio da creação; mas, tambem é certo que, quando mal apreciados, quando isolados no centro de um mundo que os desconhece; cerram os olhos e ouvidos ás seducções do ideal, e procuram os sorvedouros, onde se afundaram os Chattertons, os Gilberts e outros desilludidos. É preciso galardoar, ainda com as ovações além da campa, aquelles que ennobreceram a terra que lhes deu o berço.

Deve-se ter o cuidado de espancar o scepticismo d'essas almas extremamente sensiyeis, que não visam outro premio além da gratidão, respeito e saudades, dos que se enriquecem com o producto de suas vigilias, de suas dôres e fadigas. Aquillo que vem a ser riqueza de uma nação é ás vezes o manancial das desgraças, de quem o concebeu. Cumpre á gratidão pública cuidar dos vivos, honrando os mortos.

Eu insisto para que a provincia faça um monumento digno do poeta que perdeu. Demais, a idéa da estátua não é nossa; partiu da população, dos enthusiastas do poeta.

Quer ou não a provincia inscrever-se como veneradora do maior dos seus filhos? Nada de tergiversar, dizendo que a memória do poeta dispensa estátuas, por quanto vae-se fazer uma.

A termos de fazer memórias ridiculas, será melhor não consignar-

mos quantia alguma; fique o poeta com a estátua que elle mesmo levantou, mas, reparem os nobres deputados, que essa, elle a fez mais em honra do Brasil do que em sua propria. É uma estátua titanica, de inabalavel granito, porém que tambem servirá para desanimar aquelles que, contemplando-a, procurem debalde os signaes de reconhecimento da patria.

Voto contra a emenda [1].

(Do Publicador Maranhense).

Passados quatro annos, e quando achava-me ausente dos meus e luctando com as difficuldades que assoberbam o enfêrmo em terra estranha, sem recursos para manter-se e a familia[2], ainda afagava a minha idéa e importunava a alguns patricios para que me ajudassem no cumprimento d'esse voto patriotico, e assim escrevendo aos deputados pela minha provincia consegui d'elles que appresentassem na assembléa geral legislativa o seguinte projecto, justificado por meu illustrado amigo o ex.mo sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva.

ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA

Sessão de 29 de maio de 1869

(Apresentação de propostas e discurso do sr. dr. Luiz Antonio Vieira da Silva)

1868—N.º 8

A assembléa geral resolve:

Artigo 1.º Fica o govêrno authorisado para mandar extrahir, desde já, duas loterias pelo plano das da Santa Casa da Misericordia da côrte, em favor do monumento que se pretende erigir na capital da provincia do Maranhão á memória do poeta brasileiro Antonio Gonçalves Dias.

[1] Passou a emenda a despeito d'este persuasivo discurso do sr. Joaquim Serra.

[2] Cabe-me aqui declarar cheio de reconhecimento que desde junho de 1871, graças ao ter sido encarregado pelo govêrno imperial de uma importante commissão util para o Brasil, vivo a cuberto de necessidades e de serios cuidados que impediam-me e tolhiam-me a disposição ao trabalho. Trago indelevel no coração agradecido, e nunca mais se me riscará em qualquer circumstancia da vida a memoria de quem tem concorrido para manter-me em posição que traz-me o socêgo d'espirito, e me permitte estar em clima onde vou adquirindo sensiveis e constantes melhoras na saude.

Art. 2.º O beneficio será entregue á commissão encarregada de levar a effeito a construcção do mesmo monumento; revogadas todas as disposições em contrário.

Sala das sessões da camara dos deputados, em 22 de maio de 1869.—*Vieira da Silva.—João Mendes.—H. Graça.—A. F. de Salles.—Barão de Anajatuba.—C. Mendes de Almeida.—Gomes de Castro.*

Fallou contra esta proposta o sr. dr. Perdigão Malheiros, a quem respondeu assim o sr. dr. Luiz Antonio Vieira da Silva:—O nobre deputado pela provincia de Minas Geraes que acaba de impugnar o projecto em discussão, concedendo duas lóterias para auxiliar o monumento que se pretende levantar no Maranhão á memória do poeta Antonio Gonçalves Dias, baseou a sua impugnação nos seguintes argumentos:

1.º que as loterias constituem um jogo immoral;

2.º que Gonçalves Dias não precisa de monumento á sua memória, pois bastam-lhe as proprias obras;

3.º que o meio proposto para auxiliar o monumento que se pretende levantar á sua memória lhe parece deshonroso, devendo antes abrir-se uma subscripção para esse fim.

Disse o nobre deputado que, em vez de monumentos de bronze ou de granito, Gonçalves Dias tinha nas suas obras monumento mais duradouro, erigido por elle mesmo.

É verdade, sr. presidente, que o verdadeiro monumento do nosso poeta são os *Cantos*, que legou á posteridade; mas o testemunho de admiração, o testemunho de reconhecimento das nações, manifesta-se por monumentos de bronze ou de granito. A culta Europa dá-nos d'isso exemplo. É assim que em Frankfort vê-se a estátua de Goethe, testemunho da admiração do mundo e da gratidão de um povo inteiro. As suas obras existem; são lidas e estudadas pelos sabios; fallam ellas bem alto; mas nem por isso a Allemanha esqueceu-se do que devia á sua memória; não deixou de levantar-lhe na praça pública o monumento que o lembra aos que por alli passam. E o povo que sente verdadeiro orgulho por esse homem, ainda hoje no anniversario do seu nascimento manifesta quanto o admira e venera por festas que celebra e illuminando a cidade de Frankfort.

Em Stutgard vemos a estátua de Schiller e em Strasburgo a de Guttenberg. A Europa toda está cheia de monumentos levantados á memória dos seus homens de lettras, homens que são para ella o que Gonçalves Dias é para o Brasil.

Não levo o meu enthusiasmo pelo nosso poeta a ponto de querer approximar o author dos *Primeiros Cantos* ao author do *Faust*, não; mas, para o Brasil, Gonçalves Dias já constitue uma glória assaz brilhante.

Como tributo de nossa gratidão, da gratidão nacional, lembraram-se alguns maranhenses de erigirem-lhe um monumento na sua provincia natal. Para este fim abriu-se uma subscripção; o producto d'ella foi recolhido ao banco do Maranhão, onde se conserva em deposito. Mas que quantia produziu ella! Isto despertou a lembrança de recorrer-se ao meio proposto, e o amigo do poeta, o dr. Antonio Henriques Leal, infatigavel cultor das lettras, e que promette preencher em breve o vacuo que deixaram na provincia do Maranhão tantos filhos illustres, escrevendo-me de Lisboa, pediu-me que, como maranhense e representante da provincia, tractasse de obter do corpo legislativo algumas loterias como auxilio ao monumento de Gonçalves Dias.

Acquiesci ao pedido d'aquelle meu illustre comprovinciano, colleccionador e revisor das *Obras Posthumas* do poeta e author da sua biographia, e apresentei o projecto em discussão de accôrdo com os seus illustres assignatarios[1].

O argumento produzido pelo nobre deputado pela provincia de Minas Geraes a respeito da immoralidade que se prende ao jogo das loterias não me parece procedente, e não póde nem deve embaraçar n'esta casa a approvação do projecto. Se ha immoralidade no jogo das loterias, ella tem sido sanccionada pelo nosso govêrno e por outros.

É verdade o que disse o nobre deputado, «as loterias são condemnadas», mas lembro-lhe que não o estão entre nós. São ellas reputadas mesmo nocivas ao estado; porém muitos paizes teem lançado mão d'ellas para contrahirem emprestimos, outros servem-se d'esse meio para melhorarem as suas finanças, para crearem recursos pe-

[1] Dirigi por essa occasião uma circular aos deputados presentes n'essa sessão legislativa, pedindo o seu voto a favor da medida.

cuniarios, como, por exemplo, a Austria. O Brasil mesmo, sr. presidente, tira recursos d'este jogo que o nobre deputado condemna pela sua immoralidade, pelos graves inconvenientes que acarreta. O imposto sobre as loterias é hoje uma fonte de renda para o estado, é hoje receita ordinaria do imperio.

A applicação, pois, que por ventura se faça do producto das loterias, ou seja para obras pias, para o culto divino, ou tenha outro destino, não faz ao caso; a immoralidade existe sempre.

Sabemos muito bem que é immoralidade ter casas de expostos. *(Não apoiados).*

Pois haverá quem desconheça, já não direi a immoralidade de similhante instituição, as desvantagens d'ella?!... Basta pensar-se nos abusos que provoca. Quem póde negar a sua influencia perniciosa em relação á sociedade, fomentando e animando as relações illicitas?! A sciencia e a estatistica condemnam uma tal instituição. Entretanto tem-se entendido que o Estado não póde deixar no abandono os desvalidos condemnados pela ingratidão de paes desnaturados.

No mesmo caso das rodas e casas de expostos, creadas por um sentimento de humanidade para com esses infelizes, estão as loterias.

Resumindo-me, concluirei que se a sciencia condemna aquellas, como condemna estas, se o jogo das loterias é uma immoralidade, nós o temos tolerado, o nosso govêrno d'elle lança mão como uma fonte de renda, e assim procede a Europa, a culta Europa, cujos exemplos procurâmos seguir como filhos da experiencia e da sabedoria dos homens.

E que sacrificio viria ao Estado pela concessão d'essas duas loterias? Parece-me que mingoado é o sacrificio que se pede ao corpo legislativo para levar-se a effeito o empenho de levantar-se á memória de Gonçalves Dias um monumento. Esta concessão não seria senão uma homenagem que lhe prestariamos, seria um testemunho da gratidão nacional.

Partindo do corpo legislativo este favor, seria talvez incentivo para uma subscripção pública, como o nobre deputado aconselha.

Portugal, que revive nos versos do cantor do Gama, paga uma divida nacional, erigir vae em pouco uma estátua a Luiz de Camões.

A Inglaterra tambem levanta á memória de seus filhos estátuas

de bronze. Em Liverpool a estátua de Nelson, em Londres a de Wellington, são testemunhos de que os povos costumam gravar em padrões vistosos as glórias da patria.

Gonçalves Dias é uma glória nacional, o paiz deve levantar-lhe um monumento; que elle o merece.

Será deshonroso o meio proposto, porque pedimos pouco? Eu o creio, porém mais deshonrosa será indubitavelmente a ingratidão dos representantes do Brasil, negando-se a tão justa homenagem.

O sr. Perdigão Malheiros.—Não ha ingratidão, elle vive na memória de seus concidadãos *(apoiados)*.

O sr. Vieira da Silva.—É essa uma rasão justificada para que não concedamos tão mingoado favor? O que se nos pede em summa? Pede-se-nos talvez antes nossa animação á idéa do que dinheiro, pede-se ao corpo legislativo um testemunho da gratidão nacional, pede-se-lhe o exemplo.

Insisto, portanto, no meu projecto; a camara decidirá se deve ou não passar. (Do *Jornal do Commercio*, transcripto no *Publicador Maranhense*, n.º 147, de 2 de julho de 1869).

Depois d'estas duas mallogradas tentativas, tem sido approvadas na camara temporaria por duas vezes propostas concedendo uma loteria para o mesmo fim, mas ambas cahiram no Senado! Consta-me que na sessão d'este anno já passou na mesma camara nova concessão que ora pende d'este corpo. Importa declarar que estas tres propostas, bem como o andamento da que dispensou de direitos as peças e demais accessorios do monumento, e a prompta expedição das ordens do Thesouro Nacional para a alfandega do Maranhão, foram devidos aos esforços e prestadia intervenção do sr. Antonio Henoch dos Reis, official da secretaria da camara dos deputados.

Não foram comtudo estas e outras contrariedades motivos para que desistisse de minha idéa, antes perseverei com mais vigor, não abandonando-me a esperança de que um dia seria erguido na capital de minha provincia esse testemunho eloquente de nosso reconhecimento e admiração para com um dos mais egregios brasileiros, e foi n'esse presupposto que me dirigi com muita antecedencia aos artistas europeus recebendo dos srs. Bompiani, de Roma, e do célebre esculptor M. Rochet, author do monumento ao Imperador D. Pedro I, propostas n'este sentido. Tanto a do author da estátua da Sa-

pho, como a do célebre esculptor francez orçava as despezas em quantia muitissimo superior á somma arrecadada. Vindo n'este comenos para Lisboa, onde o trabalho de canteiro é bastante modico, e em vista do preço por que andou o monumento de Bocage, cobrei alento e submetti o meu plano de monumento ao sr. Germano José de Salles, honesto industrial e cuja officina é dirigida pelo intelligente e habil artista, o sr. Reis. Não quiz decidir por mim só de negocios de tanta ponderação, e submetti os desenhos á esclarecida crítica do ex.mo sr. Manuel de Araujo Porto Alegre (barão de Sanct'Angelo) que fez algumas modificações n'elle, sobretudo na columna, indicando que substituisse a de ordem corynthia por outra á similhança de palmeira, e n'isso assentámos, e contractei a obra em junho de 1871 tal como imaginára, e acha-se hoje levantado o monumento.

Em quanto procurava os meios de levar a effeito o monumento, esmolando hoje a este, ámanhã battendo á porta d'aquelle, ninguem veiu de motu-proprio ajudar-me, ninguem nem ao menos inqueriu em quanto montava a somma recolhida ao Banco, e perseverava só em meu intento; mas logo que fiz conhecido o plano e requeri á camara municipal da cidade de San Luiz licença para erigir o monumento na praça dos Remedios, entraram a surgir os maiores tropeços que encontrei na realisação de minha idéa.

Constando-me que houve quem censurasse á bôca pequena a collocação de bustos no pedestal da estátua, julguei de minha obrigação defender-me.

Escrevi sobre isto ao redactor do *Paiz*[1], que ajudou-me poderosamente em tudo isso: — «É bem certo o annexim — *tot capita, tot sententia,* e ainda mais a fabula do *Velho, o rapaz e o burro,* tanto que os vejo confirmados pelo que d'ahi escrevem-me agora, relativo a uma intriguinha que se forja á surdina desde que V. m. publicou no seu jornal o trecho de uma carta minha, descrevendo-lhe o plano do monumento á memória do maior poeta lyrico brasileiro, achando alguns que ficavam rebaixados os grandes vultos litterarios — Sótero, Odorico e João Lisboa — e o sabio Gomes de Souza por figurarem seus bustos n'essa glorificação ao genio!

Não me doeria uma tal censura, antes alvoroçar-me-hia com ella

[1] Vej. o n.º 93 do *Paiz* de 1 de julho de 1871.

por ser indicio do apreço em que são tidos esses illustres varões, e de que meus censores iam congregar-se para levantarem a cada um uma estátua, se não enxergasse d'envôlta com ella uma injustiça, que não mereço.

Pois eu que fui amigo de todos elles, que sempre os acatei, e procurei honral-os, já empenhando-me para que em 1864 se decretasse verba para a impressão das obras de Odorico e para as de João Lisboa, revendo e collegindo estas e fazendo-as preceder de uma biographia, e depois, e até ainda d'aqui de Lisboa, escrevi sollicitando d'alguns deputados influissem a fim de que a assembléa decretasse auxílio para a impressão do *Curso de Litteratura,* que propuz na legislatura de 1866—1867 verba para a trasladação dos restos mortaes do Dr. Gomes de Souza e Odorico Mendes, e teria levado a effeito essa idéa patriotica se grave enfermidade me não viesse tolher de ir ás sessões da camara municipal, onde tractava com empenho d'esse negocio; é pois crivel que pretendesse deslustrar a qualquer d'elles para fazer realçar outrem?

Não protestam altamente contra similhantes arguições estes precedentes de minha vida, e outras propostas que fiz na camara municipal com o mesmo intuito, como a de substituição de nomes de ruas e de praças pelos de nossos comprovincianos illustres? Quem estiver de ánimo calmo e tiver conhecimento do que são obras d'arte d'este genero, verá por sem dúvida em meu procedimento antes motivo de louvor, que de censura.

O que noto é que tendo amadurecido por tantos annos o meu projecto, meditado sobre elle e consultado exemplares e pessoas entendidas na materia, viesse agora um espirito vesgo com tão enfesada intriguinha!

Veja v. m. como não ficaria magoado por saber envenenadas as minhas intenções, aliás tão puras, e quando suppunha de mim para mim que era esse mais um meio de prestar homenagem de admiração e respeito a tão insignes maranhenses!

Declaro, pois, em alta voz que pequei, intencional e determinadamente fundando-me para isso em monumentos que tinha ante os olhos. Erraram antes de mim esses artistas, errou o que collocou no pedestal da estátua de D. José o busto do grande marquez de Pombal, no da estátua de Luiz de Camões as figuras de João de Barros, de Damião de Goes, de Côrte Real e de Sá de Miranda,

e assim tambem merecem açoitados todos quantos promoveram esses monumentos que ostentam-se soberbos pelas cidades da culta Europa, tendo homens illustres representados nos pedestaes!

No meu acanhamento de idéas imaginava, que sendo o monumento de um não podia e nem devia collocar quatro estátuas emparelhadas, e que quando para o futuro se erigissem iguaes a todos os nossos homens que as merecem, figuraria na base d'ellas o busto do poeta, achando-se tão honrado alli, pela lembrança e boa convivencia, como no seu proprio monumento.

Ainda está em tempo, se conhecer que a opinião *sensata* e *esclarecida* é pela exclusão dos bustos, avise-m'o logo, que a meu grandissimo pezar as farei substituir por baixos relevos allegoricos ás scenas do poema *Tymbiras, Y-juca-pirama, Tabyra e Mãe de Agua.*

Não trasladam os ossos de Odorico e Souza, não levantam um singelo monumento a Sotero, nem a Falcão ou José Candido (o *Pharol*), mas não falta quem descubra nos bem intencionados culpas que não teem. Ao passo que assim procedo ha quem se encarregue ahi de infamar a memória, por exemplo, de João Francisco Lisboa[1], abusando para isso da ignorancia em que está o sr. Varnhagen (visconde de Porto-Seguro) das nossas cousas provinciaes, e da cegueira com que sua vaidade lhe impede de descortinar a verdade para que não sirva de echo a calúmnias. Paciencia! nem me arrependo do que fiz, nem por isso arripiarei carreira.

Irei honrando a meu modo a todos quantos entendo que o merecem, senão erguendo monumentos de granito ou bronze, que commemorem suas virtudes e merecimentos, certo o farei em toscas e perecedouras obras, d'essas que no cabo de certo prazo são vendidas a pêso e servem para embrulhar manteiga e assucar ou quando não de pastos das traças e polilha, entregues á poeira do esquecimento n'algum recanto de bibliotheca.

—Não ouvimos, accrescenta o redactor do *Paiz*, de ninguem a censura de que falla o nosso illustre comprovinciano Se porêm, houve, ahi fica a resposta completa, e sem réplica.—

N'isto enganou-se o dsitincto escriptor, illudido pelo patriotismo e amisade; porque appareceu a 25 de março (1873), no *Publi-*

[1] Vej. o n.º 5 do *Diario do Maranhão* de agosto de 1873 e o desfrutavel *Protesto-officio* ou *Officio-protesto* do nobre debicavel visconde.

cador Maranhense, um folhetim com o titulo — *A conferencia dos finados* — em que lastima-se o author (*Tabyra*) que eu quizesse *rebaixar* tão distinctos maranhenses, collocando seus bustos por baixo da estátua de Gonçalves Dias!

Esta reincidencia da censura, que veiu a público, não prova que a causa não seja boa, senão que o defensor é fraco, e que nem soube usar de argumentos que destruissem completamente os casos de consciencia de almas excessivamente timidas.

Fui por deante, e com muita antecedencia nomeei o sr. José Manuel Vinhaes, em cujo zêlo e actividade muito confiava, meu procurador especial para representar-me na cidade de San'Luiz do Maranão em tudo quanto dissesse respeito ao monumento, e ao vencer o primeiro tropêço que appareceu, dei-me parabens pela acertada escolha.

Era concebido nos seguintes termos o requerimento que dirigi á camara municipal, sollicitando licença para erigir o monumento:

Requerimento

Ill.mos Srs. Presidente e mais membros da Camara Municipal de San'Luiz do Maranhão.

Accordam em vereação: Concede-se a licença na fórma requerida.

Maranhão 25 de novembro de 1871. — *Collares Mor.e P. = Domingos T. Jorge do Carvalho = Alves = Ribeiro da Silva = Alves Monteiro.*

Confiado no espirito patriotico e amante dos melhoramentos d'este municipio que domina tão illustre corporação, vem o Dr. Antonio Henriques Leal requerer a V. S.as para que hajam de conceder-lhe licença para erigir no centro do Largo dos Remedios, que corre em frente da egreja e dos predios dos srs. Joaquim Marques Rodrigues, commendador José Joaquim Teixeira V. Belfort e de outros, o monumento dedicado á memória do grande poeta Antonio Gonçalves Dias, e outrósim para aformosear o dito largo arborisando-o discretamente, e calçando-o com pedras brancas e pretas em fórma de mosaico, contribuindo esta corporação com a despeza de mão de

obra do calçamento, e elle, por conta da quantia subscripta para o monumento, com os materiaes precisos para o dito calçamento, arborisação, bancos para junto das arvores, etc., e portanto

Lisboa, 17 de julho de 1871.

E. R. M.ce

Dr. Antonio Henriques Leal.

Deu d'elle noticia o *Paiz* no seguinte artigo transcripto na *Reforma* (do Rio), n.º 201, de 5 de setembro de 1871.

Vai finalmente ser erigida a estátua de Gonçalves Dias, na capital do Maranhão.

Dando a noticia d'esse acontecimento o *Paiz*, importante folha da provincia, expressa-se por esta fórma:

«Consta-nos que o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal já mandou o requerimento á camara municipal, pedindo licença para ser erigida na praça dos Remedios a estátua de Gonçalves Dias.

«Esta licença é para se ir fazendo algumas obras indispensaveis para o monumento.

«Agora pela sua parte deve a camara fazer o que podér para embellecer a praça.

«Segundo o plano, devem ser plantadas quatro palmeiras com uma mamoirama no centro em cada face do perallelogrammo. Isto é cousa de que se devia tractar já, e não se deixar para depois de levantada a estátua.

«A praça, segundo diz-nos o Sr. Dr. A. Henriques, deverá ser calçada de mosaico preto e branco, representando labyrintos ou crochets, tendo florões symetricos ao redor do quadro.

«Realmente o todo ficará assim muito bello. Aquella alegre e elevada praça, toda calçada de mosaico, ladeada de palmeiras e erguendo-se no centro a estátua do primeiro poeta do Brasil, será um lugar digno da visita dos viajantes.

«A camara na nossa opinião teria um procedimento altamente louvavel, se desde já fizesse saber ao sr. dr. A. Henriques, o incansavel lidador d'esta idéa, que o calçamento e embellecimento será á custa da municipalidade. Não deve propor-se a dar só a mão de obra, que isso pouco é, deve fazer toda a despeza.

«Escrevendo-nos a respeito d'esta estátua diz-nos o Sr. Dr. A. Henriques:

—«Já está tudo modelado em gesso, e qualquer dia terei o prazer de ver essas massas informes de marmore, que já estão no atelier, cinzeladas e representando o nosso poeta e a columna sobre a qual se erguerá a estátua d'esse grande vulto brasileiro.—

«Raras vezes o seductor proloquio—*querer é poder*—tem tido mais completa sancção do que a respeito d'este monumento.

«Concebeu o sr. dr. A. Henriques a idéa de erigil-o, e desde logo começou a luctar com toda a sorte de embaraços, e ha sete annos que sustenta essa lucta, fazendo desapparecer um obstaculo, para logo ter de debellar outro.

«Ajuntando por migalhas o que o enthusiasmo de uns, o bom senso de outros e a condescendencia do maior numero tem offerecido, não perdendo um ceitil do rendimento d'esse peculio, com tanto zêlo, como se fosse o patrimonio de sua familia, chegou a ver uma quantia que o animou a fazer a encommenda, contando que não será desamparado quando for preciso completal-a para total embolso do artista.

«Se a divida de gratidão que o paiz, principalmente a provincia, tem para com a memória do poeta é grande, não menos é a que tem para com sr. dr. A. Henriques, que com tanto ardor e dedicação tem-se empenhado para pagar essa divida, que sendo de todos, parece ser d'elle só. Não dar-lhe, pois, todo o auxilio seria procedimento muito ingrato, mesmo deshonroso.

«Contemple cada um com os olhos da consciencia e sem paixão a posição do sr. Dr. A. Henriques Leal n'este negocio. Longe da patria, affligido por cruel enfermidade, privado do exercicio de sua profissão, cercado dos mil cuidados que pede a educação de seus filhos, e no meio de tudo isto, fitos os olhos n'esta terra, que estremece, concorrendo por todos os meios que póde para o seu engrandecimento, satisfazendo a tudo que d'elle se exige tendente a melhoramentos publicos, sempre tenaz na idéa de pagar ao desditoso poeta a grande divida nacional, contemple-se uma vida toda assim dedicada ao bem público, e diga-se o que ha de mais nobre e patriotico, diga-se se póde haver quem lhe negue o auxílio que pedir para o cumprimento do encargo que a si tomou.»

A despeito da opinião authorisada do orgam do commércio, de contar com o apoio da gente sensata, teria a camara negado a licença, a não serem os esforços do sr. J. M. Vinhaes, e influencia dedicada

do ex.mo sr. dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, a quem sou devedor não só d'este assignalado favor, como do de expedir ao thesouro provincial ordem, como presidente da provincia, para a entrega da quantia de 2:000$000 de réis decretada por lei para auxiliar as obras do monumento. A imprensa com mais ou menos vehemencia stygmatisou essa opposição infundada da edilidade, e chegando aqui a noticia, o sr. Antonio Magno de Castilho deu-a assim, por occasião de descrever o monumento no n.º 36 do *Brasil* de 13 de julho de 1872:

«Damos em seguida minuciosa descripção do monumento que o Maranhão vae possuir, graças aos esforços e á fôrça de vontade do incansavel ex.mo sr. dr. Antonio Henriques Leal; esforços que nem a enfermidade, nem a ausencia da patria poderam minorar.

«Quando, porém, tudo se prepara á erecção do monumento, consta-nos que a camara municipal concede licença para a collocação do monumento, negando o seu consentimento ao aformoseamento da praça, exigindo que ella fique tal qual está, não consentindo até que seja o monumento revestido do seu respectivo gradeamento!

«Apesar da respeitabilidade da pessoa que do Maranhão transmitte esta desagradavel noticia, pedimos licença para não acreditar em tal. Seria caso unico que uma camara negasse concessão ao aforseamento de uma praça, contribuindo o peticionario para isso com a parte mais dispendiosa! Não póde ser; e do contrário, enganou-se de certo o municipio ao eleger a vereação, e de tal e de tamanho absurdo ha de sair victorioso o bom senso.

«A memória enlaça e leva á posteridade o immortal cantor Gonçalves Dias, o patriotismo dos maranhenses e o iniciador da idéa, o ex.mo dr. A. Henriques Leal.»

Infelizmente foi exacta a informação, e para confirmar tão systematica opposição, ahi está a data do accordam concedendo a licença, que é de 25 de novembro, quasi quatro mezes depois de ter a camara conhecimento d'elle, e que n'essa sessão compareceram apenas cinco membros, e parte d'elles supplentes!...

Contrariedades mui superiores a esta emergiram quando já estavam todas as peças e mais accessorios do monumento postos no lugar onde deviam ficar. Não calculei com fretes tão crescidos, de modo que o transporte da cantaria e grades do monumento, de Lisboa para o Maranhão, e o de parte das pedras para o calçamento

e conducção para a praça dos Remedios, importaram em quasi tanto como o custo de todos esses objectos!

Fui sempre para deante, e escolhi para formar a commissão directora das solemnidades do assentamento da primeira pedra e da inauguração da estátua aos ex.mos srs.:

José Manuel Vinhaes (meu procurador e representante).
Joaquim Marques Rodrigues.
Themistocles da Silva Maciel Aranha.
Dr. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal.
Dr. Gentil Homem de Almeida Braga.
Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro.
Dr. Filippe Franco de Sá.
Laurindo José Alves de Oliveira.
Martinus Hoyer.
Luiz Antonio Vieira.
Dr. Raymundo Teixeira Belfort Roxo.
José Gaune.

Estes dois ultimos senhores deixaram de fazer parte da commissão, depois do assentamento da primeira pedra, e quando tractava-se de determinar a collocação da estátua, e os tres primeiros formaram a commissão das obras carregando com todo o pêso, trabalhos e responsabilidade do levantamento d'esse padrão do testemunho da gratidão dos admiradores de Gonçalves Dias.

Parecia-me que a pedra fundamental do monumento devia ser lançada no dia do anniversario natalicio do poeta, e a inauguração da estátua no da sua morte — 10 de agosto e 3 de novembro — e assim consultei com a digna commissão.

II

... sobretudo no que entende com o aformoseamento da praça — pag. 190.

Como foi collocada a pedra fundamental melhor o diz o *Echo Americano* de 15 de outubro de 1872, no seu n.º 35, transcrevendo o que a tal respeito disse o *Publicador Maranhense*, de 11 de agosto.

«Está assente a primeira pedra do monumento ao immortal cantor, ceremonia que celebrou-se no Maranhão a 10 de agosto d'este anno. Embora extenso, temos tal respeito á memória do grande

poeta e tal veneração pelo illustre iniciador da idéa, o ex.mo sr. dr. Antonio Henriques Leal, que os nossos leitores levarão a bem a descripção d'aquella pomposa festa [1].

«No centro da praça dos Remedios, no sitio onde ha de erigir-se o monumento ao grande poeta estava preparado o alicerce que devia receber a pedra fundamental. Para a cava, que era muito mais espaçosa do que a base do monumento, descia-se por uma larga escada de madeira coberta de tapete e flores. Aos lados estavam dois coretos para as bandas de musica ahi tocarem até ás dez horas da noite. No centro, proximo ao alicerce, levantava-se um grande pavilhão bem ornamentado e com cadeiras para as pessoas a quem a commissão do festejo havia dirigido convites especiaes. Viam-se no centro lugares distinctos para as tres primeiras authoridades da provincia e a um lado o desenho da planta da praça como deve ficar depois de calçada a mosaico e arborisada. A extensa praça apresentava alegre vista com as bandeiras que ondeavam dos mastros, e das cordas que a circumdavam para indicar o perimetro que devia ser protegido por um leve gradil de ferro.

«Das quatro horas da tarde ás quatro e meia foram chegando os convidados, sendo dos primeiros o ex.mo sr. presidente da provincia e a camara municipal. Estiveram mais presentes o rev.mo vigario geral do bispado, commissionado pelo ex.mo sr. bispo diocesano, cujo estado de saude não lhe permitte saír, os principaes magistrados da cidade, os altos funccionarios publicos, o corpo consular, deputados provinciaes, commissões enviadas pelo cabido, commissão da praça, banco do Maranhão, banco commercial, companhia de navegação a vapor, Atheneo Maranhense, sociedade patriotica 1.º de Dezembro, sociedade dos ourives, gabinete portuguez de leitura, sociedade da instrucção popular — Onze de Agosto, associação typographica, sociedade dos musicos e as redacções dos diversos jornaes da cidade.

«Estas commissões e mais convidados eram recebidos á porta do elegante pavilhão pela commissão do festejo, que se achava completa á excepção dos srs. drs. Augusto Olympio Gomes de Castro e Filippe Franco de Sá, que estavam fóra da cidade por motivos mui justos.

«Ás quatro e meia procedeu o rev.mo vigario geral ao benzimento

[1] Transcrevo aqui em parte o que vem no *Publicador*, mas afasto-me em um ou outro ponto d'elle, extractando tambem do *Paiz*, para que seja mais completo e exacto este trabalho.

da pedra, sendo depois da aspersão entregues ao sr. dr. Theofilo pelos presidentes da provincia e da camara municipal os objectos para serem encerrados na caixa que tem de ficar depositada na cava do alicerce. Consta a caixa de um involucro de chumbo bastante solido para proteger a de cedro e os objectos contidos n'ella. — Os *Cantos* do poeta (4.ª edição de Leipsick — 1871), um exemplar dos *Sonidos*, volume de poesias do sr. dr. Gentil Homem de Almeida Braga, publicado este anno e onde vem o poemeto *Chara Verbana*, dedicado á memória do poeta, cópia do auto do assentamento da pedra fundamental, escripto em pergaminho, um numero do *Publicador Maranhense*, do *Telegrapho*, do *Paiz* e do *Domingo*, jornaes publicados n'aquelle dia e alguns tirados em papel de côr expressamente para esse fim, e oito moedas cunhadas no actual imperio do Senhor D. Pedro II.»

«Tres padiolas, diz o *Publicador* do dia seguinte, uma com a trolha e o martello de prata, outra com o cimento e a terceira com a caixa e pedra de marmore preparada pelo sr. Francisco de Oliveira, foram conduzidas, a primeira contendo a pedra e caixa pelos srs. dr. Maia, presidente da camara municipal, dr. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal, amigo do poeta, Themistocles da Silva Maciel Aranha e José Maria Correia de Frias, jornalistas.

«A segunda, que levava o cimento, pelos srs. Martinus Hoyer, Laurindo José Alves de Oliveira, Luiz Antonio Vieira e Manuel Silvestre da Silva Couto.

«A terceira pelos srs. Joaquim Marques Rodrigues, José Manuel Vinhaes, David Freire da Silva e Affonso Henriques de Albuquerque e Mello.

«Sahindo do pavilhão, seguidos por s. ex.ª o sr. presidente da provincia e mais convidados, desceram á cava em que devia ser collocada a pedra, que conduziram, para servir de fundamento ao soberbo monumento que se vae erigir

«O sr. Joaquim Marques Rodrigues collocou a caixa no alicerce, e o sr. presidente da provincia, tomando a colhér, encheu-a de cimento e lançou-o sobre a caixa, sendo em continente collocada sobre ella a pedra; então o sr. presidente tomando o martello deu com elle uma pancada sobre ella, e passando-o ao sr. dr. Maia, presidente da camara municipal, este praticou o mesmo, e depois d'elle o sr. dr. Theophilo.

«Tomando em seguida a palavra o mesmo sr. dr. Theofilo, leu uma alocução adequada ao acto. Amigo extremoso do poeta, de quem foi condiscipulo, apossou-se d'elle tão grande commoção ao recordal-o n'aquelle lugar, que se lhe embargava a voz, terminando a custo a leitura, que por entre lágrimas e soluços estava fazendo d'esta eloquente e sentida alocução:

Meus senhores.— Sou eu aqui o unico membro da primeira commissão encarregada de promover a subscripção para o monumento de Gonçalves Dias, e fui eu, senão o maior e o mais querido, o amigo certo do poeta desde os annos da juventude; á mim, pois, cabe na hora solemne do seu maior triumpho erguer a humilde voz para agradecer com a maior effusão de meu coração a todos quantos contribuiram para levantarmos esse padrão de glória, não sei se diga á memória de Gonçalves Dias, se á gratidão da patria, que em tão nobre e generosa recompensa abriu um grande exemplo para os seus futuros filhos. Auxílio dos poderes publicos, donativos de associações, favores e contribuições individuaes tudo alcançámos— mas tudo isso seria como marmore bruto em mãos inexpertas se não foram o fervor e a piedade quasi filial de Antonio Henriques Leal, que esmolando e mealhando de porta em porta, sempre, sem cessar, na patria ou entre estranhos depois de perdida a saude, soube transformar o obulo da caridade em formosissimo monumento de reconhecimento e admiração.

Luctaste amigo! e se foi a lucta tenaz e porfiosa, é esplendida a victória. Consagraste dignamente a memória do amigo commum! e aquella alma, cavada em vida pela desventura, receberá agora entre as harmonias do céo esta extrema consolação.

Ah! que não possas tu, Antonio Henriques, vir hoje receber de nós o premio da tua obra! e menos felizes ainda ha! que não possam os amigos e companheiros das lides academicas de Gonçalves Dias[1] ver aqui selladas com a sentença da posteridade as esperan-

[1] Com as saudades de tão bons amigos sinto uma consolação ineffavel em repetir-lhes os nomes:

Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu — Portuguez.
Izidoro Emilio Baptista — filho de Goa.
Henrique José de Castro — Rio-Grandense.
José Hermenegildo Xavier de Moraes — Fluminense.
João Duarte Lisboa Serra — Maranhense.

ças que n'elle fundaram os primeiros fulgores de sua poesia! Somos de hontem e já não existimos, a morte fez em tôrno de nós a solidão! Puderam comtudo, oh Dias! dizer-te ainda no adeus supremo *morituri te salutant* ave!

«Nós, porém, os raros que sobrevivemos, havemos de contar ás gerações vindouras a história das tuas íntimas agonias desde o berço humilde até o immenso tumulo no oceano, e dir-lhes-hemos que se a dor e o soffrimento faziam gemer, nunca fizeram vergar tua alma de martyr — as lágrimas, devoravas na lição assidua dos teus grandes modelos e emulos, e no trabalho insano, longo e sem fim — os soluços, transformavas n'esse suavissimos e sublimes cantos em que o esplendor e a magnificencia da expressão correm parelhas com a pureza e a santidade da inspiração e do pensamento: e pois, o que foste, o que és a ti sómente o deves, a ti, á fôrça da tua vontade, ás tuas peregrinas virtudes, ao prodigio d'esse genio que nunca soube nem póde achar inspirações senão nas grandes idéas e nas grandes cousas — Deus — Patria — Amor!

É a quem perguntar-nos

Onde jaz..... o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?

apontaremos para a tua estátua: — lição viva e moral á mocidade brasileira para que não profane nunca o seu talento, e só confiada no amparo de Deos, na prática da virtude, na fôrça da vontade e do trabalho penetre intrepida nas sendas da vida: — e guarda eterno dos destinos da patria, como o outro *Gigante de Pedra*:

... se algum dia fortuna inconstante
Poder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, oh duro gigante!
Innunda estes montes, desloca este mar!

Maranhão, 10 de agosto de 1872.

A. Theofilo de C. Leal.

Seguiu-se-lhe o sr. José Maria Correia de Frias, como presidente do gabinete portuguez de leitura, e depois, como editor d'este jornal, pela imprensa maranhense.

Passou depois o sr. dr. Gentil Homem de Almeida Braga a ler esta alocução:

Meus senhores. — Está collocada a pedra fundamental da estátua do nosso grande poeta lyrico. No dia 3 de novembro vindouro vê-la-hemos erguida n'este lugar, illuminada aos fulgores d'este céo esplendido, e com enthusiasmo applaudida por todos os nossos corações.

A constancia de esforços do illustre sr. dr. Antonio Henriques Leal conseguiu dentro de poucos annos ver realisada a idéa, que lhe serviu de alento e consólo á grande magoa dos seus extremamente affectuosos sentimentos de verdadeira e dedicada amisade. Deu elle á memória do poeta, com quem viveu sempre nos mais intimos laços prêso e unido, a alliança da sua intelligencia e de sua vontade depois que a morte os separou n'esta vida. Na edição das *Obras Posthumas* do nosso grande escriptor e poeta ergueu um monumento a formosa intelligencia do biographo. No cimento e no marmore, nos florões e nos symbolos, levantou a sua vontade a fórma duradoura da gratidão popular.

Se foram dignos um do outro emquanto a vida alimentou entre ambos as mais puras effusões de reciproco affecto, o sôpro gelido da morte não resfriou o sentimento no coração do que sobreviveu, antes augmentou a dignidade da memória de ambos. Aos que delicadamente estimam esta união de espiritos elevados ha de sempre parecer merecedor de respeito o bello procedimento do sr. dr. Antonio Henriques Leal.

Logo depois da morte do nosso grande poeta, trazendo-se ao conhecimento público a idéa de se lhe erguer um monumento, e pedindo-se o meu apoio, escrevi algumas linhas n'esse sentido.

Ei-la que em breve estará erguida n'esta praça, d'onde se veem as eminencias de S. Marcos, sobranceiro lugar posto pela natureza á beira dos mares, que nos cercam, e por cujos areiaes andou sempre suspirando de saudades a alma do nosso grande poeta, quando ausente d'esta formosa terra do seu berço.

Não era por entre as neblinas das montanhas do sul que lhe andava o espirito errante e gemedor; mas, aqui a desprender-se em orvalho pelas folhas das bananeiras, como elle proprio o disse nas confissões da carta, que escreveu a um dos seus melhores e maiores amigos, o sr. dr. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal, que

presente se acha, alma de Orestes em coração de Cincinnato, offerecendo-lhe os seus *Ultimos Cantos*.

Dignos, muito dignos tambem um do outro, estão ambos aqui unidos, um fallando de ignotas espheras ao que ainda vive d'esta vida terrena, e outro dirigindo para além dos espaços incommensuveis toda a expressão do seu amor e da sua saudade.

A estátua do nosso grande poeta lyrico é a terceira, que se levanta no imperio americano, tendo por companheiras a de D. Pedro I e a de José Bonifacio, aquelle, o rei cavalheiro, que poz ao serviço da independencia nacional o interêsse monarchico por elle representado, e José Bonifacio, o sabio patriota, que representa com Washington e Rivadavia a mais bella e pura expressão da nacionalidade de um povo.

O sentimento brasileiro manifesta-se coherente n'este seu raciocinio. Se Pedro I e José Bonifacio crearam a nossa nacionalidade politica, Antonio Gonçalves Dias formou a nossa nacionalidade litteraria.

Honremos a memória do nosso grande poeta, e no monumento, que lhe perpetuará a vida e o nome, vejamos sempre um novo estímulo para novos serviços e novos engrandecimentos.

GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA.

Coube a vez aos srs. Barata e Arthur de Azevedo:

> Mais um sol se escondeu no fundo ocean
> Mais uma perola para o mar voltou;
> Morreu mais um poeta soberano,
> Mais uma harpa estalou.
>
> P. DE CALAZ·NS.

Qual geme Eólo iracundo
Nas areias do Sarah;
Como o troar da pocema
Tangida pelo Tupá;
E o écho das ventanias
No bronco das penedias
—Tal nasceu Gonçalves Dias
D'um sôpro de Jehovah!

Fagulha da intelligencia
Tornou-se um facho de luz!
Genio! trindade soberba
D'Homero, Dante e Jesus,
Embora tanto soffresse
E mão súpplice estendêsse,
Ninguem diz que elle jazesse
Da corrupção nos paúes!

Ergueu-se! Elevou-se tanto
Quanto se eleva o condor,
Que solta o vôo dos Andes
E vae posar no Thabor!
E n'esse vôo arrojado,
Deixa após si consternado,
Todo o espaço admirado,
Todo o Atlantico em furor!

Moldado para o sublime,
P'ra grandeza da dicção,
O genio transpoz do ether
A desmedida amplidão!
E aos Alpes que o cortejaram
E pasmos, quêdos ficaram,
Por seu turno recuaram
Das lavas da erudição!

Como o judeu da legenda
Vive o bardo a caminhar!
Mas este aonde chegasse
Tinha um pouso a descançar!
Aos genios tal acontece;
E se o vulto desparece,
Nunca a memoria fenece:
O marmore fal-a lembrar!

Quando seu ninho materno
Buscava o triste cantor,
Leve fez da linda Coêma
Flor de b'leza e luz do amor,
Abre-se um mar de saphiras,
E ao som de celestes lyras,
Mago Tupan dos Tymbiras
Dá su'alma ao Creador.

Não póde descer á terra
Um ente que vem dos Céos!
Sete palmos de terreno
Não podem conter um Deus!
Quem por berço teve o mundo,
Por nome um sec'lo fecundo,
Só póde dormir no fundo
Do leito dos Prometheus!

Para viver respeitado
Do templo p'la grande mó,
Deus! estatuario do genio
Nunca o sotterra no pó!
Tal fez ao rei dos talentos!
Mais rijo que os elementos,
Maior que mil monumentos
Deu-lhe um nome, um nome só.

Mas deveis sempre orgulhar-vos
Ó filhos do Maranhão,
Dos actos que praticardes
Como este — do coração;
Pois ao Deus das harmonias,
Ao genio das melodias...
Pagaes a Gonçalves Dias
Um penhor de gratidão!

10 de agosto de 1872.

M. A. Lima Barata.

Pelo sr. Arthur Azevedo foi lida:

Ali vereis no marmor modelado
Aquelle que na lyra sempre altivo
O genio sustentou!
Sublime emanação d'um ser divino
O seu nome é um poema, doce hymno
Dos hymnos que cantou!

Era um genio gigante, um astro lucido!...
Qual de Homero, Virgilio, Tasso, Dante
Seu estro fulgurava!...
No berço deu-lhe Apollo a poesia!
Poeta,—fez-se rei da melodia
Que os cantos lhe adornava.

As mellifluas canções, as harmonias,
Os acordes sublimes que derramão
Suas obras immortaes,
Que «*Seus olhos*» o digão, «*Minha terra*»
E o sabiá saudoso la na serra
Por entre os palmeiraes!...

Não póde rude lyra tão mesquinha
Vibrar em teu louvor cantor sublime,
Poeta divina!
Em subidas espheras tu pairaste,
E o mundo com teus cantos fascinaste
Fazendo-te immortal.

Famosos Pantheons se edificárão
Em Athenas e Roma bellicosas
Ao Deos das harmonias:
Pois bem! o Maranhão ao mundo culto
Mostrar vem orgulhoso o grande vulto
Do seu Gonçalves Dias.

MIGUEL MARQUES.

Era imponente e magestoso o que ali se fazia. N'aquella cava, uma vintena de homens rodeavam uma pedra, que despertava tantas recordações — alegrias e dôres, umas que passaram, outras que presistem — á roda d'essa cava, ávidos de presenciar o que ahi se passava, um povo immenso, e, honra seja feita, commovido e respeitoso.

O acto esteve solemne, nada faltando para abrilhantal-o.

A viração maritima com o brando quebrar das ondas na praia, parecia trazer-nos o último suspiro de Gonçalves Dias, quando sua alma tão grande desprendeu-se do corpo, e remontou ao seio do Creador!

Parecia ouvir-se ainda o doce murmurio de suas poesias tão saudosas, «os seus cantos suavissimos e sublimes onde o esplendor e a magnificencia da expressão correm parelhas com a pureza e a santidade da inspiração e do pensamento».

Deus, Patria, e Amor foram as tres cordas da sua Lyra, que sempre afinadas mais elle dedilhou, e Deus abençoou seu genio, a Patria o abraça como filho querido, e os seus concidadãos e apreciadores o cercam de amor, que póde ser egualado mas não excedido.

Está pois lançada a primeira pedra para o monumento erguido áquelle, que nascendo «em berço humilde teve no Oceano immenso tumulo, e possa o Poeta entre as harmonias do Céo receber esta extrema consolação, que lhe proporcionou o fervor e a piedade quasi filial de Antonio Henriques Leal, transformando o obulo da caridade em formosissimo monumento de reconhecimento e de admiração», como muito bem disse o seu amigo intimo, o dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, e com elle, todos aquelles que alli se achavam.

Acabada a cerimonia da collocação de pedra voltaram todos ao pavilhão aonde o sr. secretario da camara fez a leitura do respectivo auto, que em seguida foi assignado pelo sr. presidente da provincia, authoridades, commissões e por todos os mais cavalheiros que o quizeram fazer.

O sr. Joaquim Marques convidou s. ex.ª o sr. presidente da provincia para sua casa, e ahi reunido um concurso escolhido de con-

vivas, foi-lhes servido um profuso e delicado copo d'agua, que o sr. Joaquim Marques lhes offereceu.

Á primeira meza, a que assistiram senhoras e o sr. presidente, seguiu-se a segunda composta de algumas senhoras e cavalheiros, e depois a terceira só de cavalheiros.

Varios brindes se levantaram e foram perfeitamente correspondidos sobresahindo o feito pelo sr. Vinhaes a s. ex.ª o sr. presidente da provincia, e por este aos maranhenses, em quem tinha achado sempre a mais prestimosa coadjuvação.

O sr. Joaquim Marques não se poupa a despezas e trabalho para abrilhantar as festas de que se incumbe, e obsequiar aquelles que a ellas concorrem.

Muitas familias e cavalheiros se demoraram ainda no largo, aonde tocava uma banda de musica e s. ex.ª o sr. presidente da provincia retirou-se muito satisfeito depois das oito horas.

Conclue assim o *Paiz* n.º 97 (13 d'agosto) a descripção d'este acto:

«Reunidos de novo no pavilhão os convidados, foi pelo sr. secretario da camara municipal lido o seguinte auto, o qual foi assignado pelo sr. presidente da provincia, vigario geral, presidente e vereadores da camara municipal, e pelas pessoas que tiveram convite especial e todos os mais que o desejaram fazer.

«Ás 5½ horas da tarde estava concluida toda a ceremonia.

«O sr. Joaquim Marques Rodrigues offereceu em sua casa ao sr. presidente da provincia e mais convidados um profuso e delicado copo d'agua, em que houve diversos brindes relativos ao festejo.

«A musica continuou a tocar durante a noute.»

Auto do assentamento da primeira pedra do monumento á memoria do poeta Antonio Gonçalves Dias

Aos dez dias do mez de agosto do anno de mil oitocentos setenta e dois do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, na cidade de S. Luiz do Maranhão, na praça denominada—Largo de Nossa Senhora dos Remedios—sendo ahi presentes pelas cinco horas da tarde o Excellentissimo Presidente da Provincia, Commendador

Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, o Reverendissimo Vigario Geral do Bispado, padre Fabricio Alexandrino da Costa Leite, que por ordem do Excellentissimo e Reverendissimo Bispo Diocesano, D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, que se acha doente, veio substituil-o, o Presidente da Camara Municipal, Dr. José da Silva Maya e mais Vereadores, o Dr. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal, amigo do poeta, José Manoel Vinhaes, representante do Dr. Antonio Henriques Leal, iniciador da idéa de um monumento ao poeta, os mais commissionados pelo referido Dr. Leal para dirigirem e assistirem a esta ceremonia, Dr. Gentil Homem de Almeida Braga, Martinus Hoyer, Laurindo José Alves de Oliveira, Manoel Silvestre da Silva Couto, Joaquim Marques Rodrigues, Themistocles da Silva Maciel Aranha, José Gaune e Luiz Antonio Vieira, commissões das associações litterarias, beneficentes e commerciaes, redactores de jornaes e mais pessoas que com as que ficam indicadas vão abaixo assignadas; procedeu-se á collocação da primeira pedra sobre o alicerce do monumento de marmore lioz branco, construido, com o producto de donativos promovidos n'esta cidade, na de Caxias, na provincia da Parahyba do Norte, e na côrte do Rio de Janeiro, por meio de um beneficio cedido pelo emprezario e actor Luiz Candido Furtado Coelho, e de outro no theatro d'esta cidade, cedido pelo seu emprezario, Vicente Pontes de Oliveira, e dedicado á memoria do grande poeta Antonio Gonçalves Dias, natural d'esta provincia e districto de Caxias, nascido a dez de agosto de mil oitocentos e vinte tres e fallecido a tres de novembro de mil oitocentos sessenta e quatro, pela fórma seguinte: Arvoradas bandeiras nacionaes nos quatro angulos da alludida praça e diversas flammulas no recinto onde se ha de erguer o monumento, foi celebrada a ceremonia religiosa pelo Reverendissimo Vigario Geral do Bispado. Subiram então ao ar muitos foguetes, tocando as bandas de musica dos Educandos Artifices e do quinto batalhão de infanteria. Tomaram em seguida o Presidente da Provincia e o da Camara Municipal algumas moedas nacionaes cunhadas no actual imperio de D. Pedro II, um exemplar das obras do poeta, edição de Leipsick, e do numero mais recente de cada uma das folhas periodicas que se publicam n'esta cidade entregando tudo ao Dr. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal, que os metteu em um cofre de chumbo que se achava dentro de outro de folha de Flandres enver-

nisado por dentro e resguardado exteriormente por um fôrro de madeira, e onde tambem ha de ser mettida cópia d'este auto, logo que seja lido por mim secretario da camara e competentemente assignado. Foram successivamente tomando as supracitadas auctoridades e as pessoas presentes de uma colhér e martello de prata, e lançando o cimento para assentar a pedra na qual será encerrado o referido cofre, batendo-a com o martello. Findou esta ceremonia por breves allocuções feitas pelos Drs. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal e Gentil Homem de Almeida Braga, relativas á solemnidade que fica descripta, sendo as cópias das mesmas incluidas com outros papeis no cofre encerrado na pedra fundamental: do que para constar eu, Affonso Henrique de Albuquerque Mello, secretario da Camara Municipal, fiz o presente auto, que tambem assigno e subscrevo. =*(Seguem-se as assignaturas.)*

«A commissão encarregada das obras do monumento de Gonçalves Dias vai offerecer ao Dr. A. Henriques Leal a colher e o martello de prata, que serviram na collocação da primeira pedra, bem como o sr. secretario da Camara Municipal a penna com que foi escripto e assignado o auto. Ninguem mais digno certamente para receber essa offerta.

«A história do monumento que se vai levantar ao maior poeta nacional será para o escriptor da laboriosa e intelligente vida do Dr. Antonio Henriques Leal um episodio rico de dedicação e amisade.

«Admirador do poeta, como todos que prezam as boas lettras (nas quaes tão distincto nome tem), seu amigo extremoso, quando chegou a noticia do naufragio do navio *Ville de Boulogne* e da angustiosa morte do desventurado Dias, fez o Dr. Antonio Henriques o que era humanamente possivel para descobrir os restos mortaes do amigo e dar-lhes sepultura em terra christã.

«Foram de balde os seus esforços. Nem o corpo, nem os manuscriptos do grande poeta, que o acompanhavam, poderam jamais ser descobertos.

«Desde então começou o Dr. Antonio Henriques com outros amigos e admiradores de Gonçalves Dias que associou a si, a trabalhar para levantar-lhe o eterno padrão da gratidão nacional, que lhe era devido.

«Nós que fomos testemunha desde o principio dos passos que deo para realizar esta idéa, que o vamos acompanhando para a completa realisação d'ella, não temos phrase que exprima devidamente o valor d'estes serviços do Dr. A. Henriques.

«São serviços publicos, e bem preciosos que são. Quando o viajante vir levantado um monumento á memória do grande poeta nacional na terra onde teve o berço, não deixará de louvar os filhos d'essa terra que souberam honrar a memória do seu illustre conterraneo.

«E a quem deverão os maranhenses esse louvor?

«Sem duvida áquelle a quem devem o monumento, ao Dr. Antonio Henriques Leal.

«A elle, pois, sejam dirigidas as nossas congratulações. Seja n'este dia, e diante d'aquella pedra, sobre que ha de assentar o monumento do poeta, o seu nome saudado honrosamente como merece.»

O enthusiasmo que mostraram os habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão foi contagioso, como manifestaram-n'o os jornaes do imperio e muitos de Portugal, uns ao transcrever as descripções d'esta cerimonia feitas pelo jornalismo maranhense, outros resumindo-as.

Agradecido a todos pela parte que me toca, como amigo e comprovinciano do poeta, ajuntarei em seguida o officio que dirigiu-me a digna e patriotica commissão ao enviar-me o martello e colhér de prata que serviram n'essa solemnidade:

.....

A commissão por V. encarregada de dirigir os festejos do assentamento da primeira pedra do monumento do grande poeta brasileiro Antonio Gonçalves Dias, tem a honra de offerecer a V. a trolha e o martello que serviram n'esta occasião.

A V. , a quem deve o Maranhão incontestavelmente a glória de mostrar por um soberbo monumento sua gratidão ao mais illustre de seus filhos, compette, e a ninguem mais, guardar esses instrumentos que agora vão symbolisar a gratidão da provincia para com V.

E tem a commissão a certeza de que assim exprimindo-se, é fiel interprete dos sentimentos dos maranhenses.

Deus guarde a V.

Maranhão, 24 de agosto de 1872. — Ill.mo ex.mo sr. commendador dr. Antonio Henriques Leal.

Alexandre Theofilo de Carvalho Leal.
Augusto Olympio Gomes de Castro.
Gentil Homem de Almeida Braga.
Filippe Franco de Sá.
Laurindo José Alves de Oliveira.
Martinus Hoyer.
Joaquim Marques Rodrigues.
Themistocles Aranha.
José Manuel Vinhaes.
Luiz Antonio Vieira.

Reconhecendo a commissão que a deficiencia de meios e de tempo não permittia levantar-se o monumento e inaugural-o d'ahi a tres mezes, como era meu desejo, não teve outro remedio senão guardal-a para mais tarde. Cotisaram-se então todos os membros da commissão directora, contribuindo o sr. dr. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal com 1:000$000 réis, procedendo alem d'isso os tres membros encarregados da obra a uma subscripção entre seus amigos. Com esse capital entenderam que podiam metter mãos á obra; mas ainda bem não estava em meio quando sabido do público que a estátua seria collocada com a frente para onde havia edificios nobres, entraram em ebullição os interêsses individuaes e os jornaes de todas as parcialidades politicas e noticiosos vinham cheios de artigos e correspondencias, e por toda a parte não se tractou mais senão de cada um opinar sobre aquelle assumpto, querendo que prevalecesse seu parecer. A propria camara municipal, exorbitando de suas attribuições, porque o lado para onde deve olhar uma estátua não affecta o aformoseamento de uma praça nem os interêsses do municipio, embargou a obra! Os tres incansaveis e zelosos cavalheiros, membros da commissão de obras, em quem depositei sempre a mais plena confiança, a quem não sei que mais agradecer e

admirar, se a generosidade de tomar a inteira responsabilidade de uma deliberação toda minha, se a apurada delicadeza de nada decidir sem que me ouvissem! As rasões que tive para assim obrar, estão bem patentes n'esta publicação a que julgou-se a commissão obrigada em satisfação ao público e reproduzo para completar a historia do monumento.

A commissão encarregada das obras da estátua de Gonçalves Dias ao publico

Cahindo sobre nós, e outros companheiros, que infelizmente não poderam permanecer por muito tempo ao nosso lado, a escolha do ex.mo sr. commendador dr. Antonio Henriques Leal para dirigirmos as obras do magestoso monumento, que por seus esforços está-se levantando para perpetuar a memória do mais distincto filho d'esta terra, o grande poeta Gonçalves Dias, acceitámos o encargo, embora antevissemos quão difficil sería o seu desempenho.

E, entrados n'elle, tractámos immediatamente de vencer uma das maiores difficuldades que se apresentavam, e para isso tivemos de recorrer á generosidade dos habitantes d'esta cidade. N'esta tarefa, que ainda não demos por terminada, as poucas recusas que encontrámos (e d'estas quasi todas de conterraneos do poeta!) foram suavisadas pela espontaneidade de muitos, que vieram em nosso auxílio.

Muitos outros obstaculos têem apparecido, os quaes vae a commissão debellando como póde, e não os enumera porque não vem aqui fazer praça dos seus serviços.

Mas, obtidos os primeiros recursos, não se demorou a commissão em dar começo ás obras, que foram immediatamente contratadas com quem mais probabilidades offerecia de melhor executál-as.

Tinha a commissão em seu poder, dada pelo sr. dr. Henriques Leal, a disposição do monumento, segundo a qual devia a frente da estátua ser voltada para a terra, olhando para as casas da praça que ficam do lado da igreja. Não lhe parecendo, porém, *a ella primeiro do que a qualquer outro,* este o mais acertado plano, e não devendo alteral-o, quiz comtudo consultar o gôsto do público, e n'este intuito deu-lhe publicidade.

Se não fosse este o desejo da commissão, poderia, auctorisada como estava pelo sr. dr. Henriques Leal, levantar immediatamente

o monumento conforme o plano que o acompanhou; o que só viria a ser conhecido quando não podesse mais ser remediado. Tem, porém, procedido a commissão com a maior franqueza e lealdade. Embora nenhuma responsabilidade lhe coubesse pela disposição artistica do monumento, simples executora de um plano por outro traçado, como entretanto não o julgasse bom, suspendeu a sua execução, e pediu a quem só podia alteral-o que attendesse á manifestação da opinião pública.

Esta manifestou-se condemnando abertamente o plano. Externaram uns o seu pensamento de um modo respeitoso e conveniente, e outros com inusitada arrogancia e intoleravel impertinencia em questões d'esta natureza. Houve de tudo. Mas a commissão, respeitando a opinião de todos, desprezando os rudes ataques que lhe eram dirigidos, apesar da franqueza do seu procedimento, levou as obras até onde podiam aguardar uma solução definitiva da questão, muito decidida a cumprir a determinação do sr. dr. Henriques Leal, ainda com sacrificio de sua convicção d'ella.

Entretanto a camara municipal, ardendo em zelos por amor da arte, e para arredar de si toda a responsabilidade que da má disposição do monumento lhe podesse ser arguida pelos povos cultos e as gerações vindouras, intimou á commissão que não lhe permittiria que continuasse as obras — se a estátua não tivesse a frente para o lado do mar. A commissão recebeu esta intimação justamente no dia em que deliberou pelas rasões acima ditas suspender as obras.

Admirada da estranha ordem, leu a commissão o volumoso codigo municipal, e nada encontrou que podesse dar apparencia legal ao procedimento da camara; recorreu á licença concedida para a construcção, e viu que era ella sem restricções; consultou a alguns homens da lei, e responderam estes que a intervenção da camara só podia ser emquanto ao logar, solidez e decencia do monumento — em fim que não ameaçasse este as vidas, não impedisse o trânsito e não offendesse aos bons costumes dos municipes. A commissão, que sempre foi muito attendida pelos honrados vereadores, cuja boa vontade pela conclusão da obra por todos os modos se tem revelado, hesitou alguns dias sobre o partido que devia tomar. Se por um lado embargava-lhe o passo o muito respeito que deve aos benemeritos cidadãos que formam a camara, por outro aguilhoava-a o dever de cumprir fielmente o seu mandato, o que só poderia fazer,

tendo inteiramente livre a acção, direito que lhe queria tolher a camara.

E, assim, foi com a maior magoa que mui respeitosamente a commissão recorreu para o ex.mo sr. presidente da provincia, que com a esperada justiça deu provimento ao seu recurso, indicando á camara os limites de sua intervenção.

A commissão, diz-lhe a consciencia, entende que a camara deve estar satisfeita com esta solução, porque por ella, ficando livre de toda a responsabilidade, a deixa aos encarregados das obras, os quaes aliás nunca quizeram que outros a tomassem por si.

Cumpre mencionar um facto muito digno de notar-se. Durante o tempo que esteve pendente a questão, como agora, a opinião pública, sempre vária, pareceu mudar. Já não deve ser a frente da estátua para o mar; deve ser para o lado em que principia a rua dos Remedios!

Porém a commissão, pensando como d'antes, isto é, que a frente da estátua deve olhar para o mar, assim levantará o monumento, porque já recebeu a resposta, que esperava, do sr. dr. Antonio Henriques Leal, a qual está concebida n'estes termos:

Ill.mos srs. membros da commissão encarregada de dirigir as obras do monumento á memória de A. Gonçalves Dias

Lisboa, 24 de fevereiro de 1873.

Prezadissimos senhores.—Attendendo á opinião pública da nossa terra, que parece inclinar-se a que seja a estátua do immortal cantor caxiense collocada com a frente voltada para o mar, e por ser a questão grave, não quiz decidir só por mim, e socorri-me ás luzes e conselhos praticos de uma illustração tres vezes artista. Apresentei a planta do largo dos Remedios, desenhada pelo estimavel sr. J. Braga, ao ex.mo sr. commendador Porto Alegre, architecto da casa imperial, pintor e grande poeta, e sobreposse homem de variados conhecimentos, adquiridos pelos estudos, viagens e repetidas contemplações dos primores da arte nos proprios fócos, e isto d'ella no longo periodo de sua bem aproveitada existencia. Depois de ouvir as diversas opiniões, e de examinar a planta, que o resolveu mais que tudo, declarou em tom decidido e cathegorico que não havia que

oscillar, devendo ser a collocação da estátua com a frente para o mar. Não se contentando só com o affirmar verbalmente, escreveu no verso da planta:

«Meu caro sr. dr. Leal.

«Á vista das explicações e sobretudo d'esta planta, sou de opinião que a estátua do nosso querido Gonçalves Dias *deve olhar para o mar.*

«Lisboa, 23 de fevereiro de 1873.

«*Porto Alegre.*»

Vou, portanto, rogar instantemente a v. s.as hajam de fazer as seguintes modificações, qualquer que seja o adiantamento em que estejam as obras: — que a estátua seja voltada com a frente para o lado da casa dos herdeiros de Joaquim Duarte, acompanhando-a o busto de João Lisboa; que o de Odorico olhe para as casas da viuva do commendador J. Moniz; o de Sotero para o lado do alpendre, e o do dr. Gomes de Souza, finalmente, para o lado da casa dos srs. Joaquim Marques e commendador Belfort; que não se plantem palmeiras no lado da casa do referido Joaquim Duarte, para ficar livre e desimpedida a vista do mar.

Certo de que v. s.as annuirão de bom grato a isto, desde já lhes agradeço mais este favor.

Sou com toda a consideração e estima

De V. S.as

Am.o att.o e cr.o obr.o

Dr. Antonio Henriques Leal.

A commissão, dando conhecimento de haver terminado esta questão na qual julga ter tido o procedimento que lhe aconselheram a lealdade para com aquelle que a incumbiu da grata e difficil tarefa, e o respeito devido á opinião pública, vae continuar as obras do monumento, e espera de todos a mais decidida coadjuvação.

Maranhão, 24 de março de 1873.

Joaquim Marques Rodrigues.
José Manuel Vinhaes.
Themistocles Aranha.

(Do n.o 36 do *Paiz* de 25 de março de 1873.)

Destruida esta barreirra, tudo correu desempedido para o dia da brilhante e explendida festa, que a commissão achou mais acertado cahir, não no dia do fallecimento do poeta—3 de novembro—mas no do memorandum e maior dos nossos fastos nacionaes—o 7 de setembro—a que annui gostosamente. Chegou em fim o almejado anniversario de tão jubilosas e gratissimas recordações para nós brasileiros, e n'esse effectuou-se a inauguração da estátua do nosso poeta nacional, saudada por toda a imprensa brasileira e estrangeira, e eis como esses festejos foram descriptos pelo *Paiz* de 10 do mesmo mez (n.º 107):

III

... ficam acima de todo o encarecimento—pag. 192.

INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA DE GONÇALVES DIAS

(Maranhão, 10 de setembro de 1873)

Poucas festas tem tido o Maranhão como a da inauguração do monumento do grande poeta.

Foi no dia 7, ás 5 horas da tarde, que teve lugar a magestosa ceremonia, assistida por numerosissima multidão, que enchia a vastissima praça, em cujo centro ergue-se o monumento.

Desde a vespera, ainda velada a estátua, já começava o monumento a ser visitado e saudado por numerosas pessoas. Entre os grupos de visitantes distinguiram-se dous que eram acompanhados de excellentes musicas e por muito tempo ali estiveram tocando.

Ao romper da aurora de 7 foi a musica dos Educandos tocar a alvorada juncto do monumento, e ao nascer do dia via-se a praça toda empavesada fluctuando no alto dos mastros a bandeira nacional, tres elegantes coretos para as bandas de musica e um pavilhão para o acto da inauguração, o pedestal do monumento tendo em todos os degráus vasos com flores, e cingido por festões de murta entretecida com flores naturaes.

Ás quatro horas da tarde começou o povo a affluir, e numerosos carros de aluguel, comboios successivos da companhia ferro-carris traziam centenares de pessoas. Em pouco tempo estava a praça cheia. O 5.º batalhão estendia-se em linha defronte da estátua, e

formava em alas os artifices outros dous lados de um immenso quadrilongo o corpo de Educandos. No meio da multidão viam-se collegios de meninos com seus directores, e senhoras e cavalheiros de todas as gerarchias, etc.

Ás cinco horas em ponto, estando no pavilhão os ex.mos srs. presidente da provincia, governador do bispado, presidente e vereadores da camara municipal, senador Vieira da Silva, dr. chefe de policia, chefes das repartições, a commissão da praça, e as commissões representantes de differentes associações, deu-se principio á ceremonia, lendo o sr. José Manuel Vinhaes o discurso inaugural escripto pelo sr. dr. A. Henriques Leal, o qual já publicámos e está inserido no auto, abaixo transcripto.

Dirigiram-se depois para juncto do monumento, e alli tomando os srs. presidente da provincia e o da camara, senador Vieira da Silva, como representante do Instituto Historico, e J. M. Vinhaes os cordões das bandeiras nacionaes, que velavam a estátua, a descobriram.

Foi um quadro arrebatador o que então se apresentou. Uma massa enorme de povo, cheia de vida e animação, dirigia as vistas para a nobre figura do poeta, e respeitosa descobria-se, o 5.º batalhão apresentava armas, tocavam o *hymno a Gonçalves Dias* as bandas de musica, o estrepito de numerosas girandolas de foguetes sôltas diante do monumento e de todas as praças e muitas ruas da cidade atroavam os ares, salvavam os fortes, repicavam os sinos, milhares de avulsos contendo discursos e poesias eram lançados ás turbas de todos os pontos do largo e até das torres da igreja, e ao mesmo tempo distribuiamos em toda a cidade e em grande cópia no largo uma folha dedicada á memória do poeta, contendo a maior parte dos discursos e poesias que tinham de apparecer n'aquella occasião. Póde, pois, dizer-se sem exageração que a saudação ao poeta foi levantada pela cidade em pêso.

Diminuindo o ardor d'esta primeira saudação, voltaram ao pavilhão o sr. presidente da provincia e mais pessoas que n'elle anteriormente se achavam, e começaram a ser recitados os discursos e poesias.

Fallou em primeiro lugar o sr. presidente da camara municipal. cujo discurso já publicámos e está transcripto no auto da inauguração, e em seguida o sr. dr. Gentil Braga, por parte da commissão da estátua. Seguiram-se outros discursos e poesias, todos applau-

didos com enthusiasmo, principalmente uma poesia do sr. capitão Caliope, distinctissimo official do exercito, a qual abaixo publicámos. Recitou-a o seu author com todo o fogo da inspiração com que a produziu, e o gesto e a voz, harmonisando-se perfeitamente com o elevado pensamento, foi magnífico o effeito, merecendo o poeta as calorosas felicitações que lhe foram dadas.

Todos os discursos e poesias de que só tivemos cópia na occasião da inauguração vão em seguida, ficando assim com os que se acham na folha distribuida n'aquelle dia completa a publicação de todas as producções que então appareceram.

Concluida a leitura d'essas producções, leu o sr. secretario da camara o auto da inauguração, que foi assignado em primeiro lugar pelo ex.mo sr. presidente da provincia, governador do bispado, presidente e vereadores da camara, dr. chefe de policia, commissão da estátua, commissões das associações e as authoridades que ali se achavam. Assignaram todos com a riquissima penna de ouro, feita expressamente para este acto, e que pela commissão da estátua vae ser offerecida ao sr. dr. H. Leal.

O sr. presidente antes de retirar-se dirigiu algumas palavras de louvor áquelles que se esforçaram para que o monumento fosse realisado, e levantou diversos vivas, que foram enthusiasticamente correspondidos.

Terminado o acto, continuou a praça cheia de povo e continuava a apresentar a rua dos Remedios curioso aspecto; numerosos carros e bonds cruzavam-se em todos os sentidos, e a cobria immensa multidão, que substituia-se em continuo fluxo e refluxo.

Á noite illuminaram-se todas as casas da praça e algumas da rua.

Ás oito horas, pouco mais ou menos, os caxienses, reunidos no largo do Carmo, tendo á frente uma banda de musica, dirigiram-se aos Remedios para tributarem particular homenagem á memória do seu conterraneo. Chegando á praça postaram-se defronte da estátua do seu cantor, e foram lidas tres allocuções, uma do sr. dr. Frederico José Correia, outra pelo sr. dr. Cesar Marques e outra por um joven caxiense, o sr. Luiz de Lima Sá, e por último o sr. José J. Pereira dos Santos levantou estes vivas, que foram freneticamente acompanhados: *Glória a Gonçalves Dias, Glória ao poeta! Glória ao preclaro vate caxiense!*

Dirigiram-se finalmente os caxienses a casa do sr. Joaquim Marques Rodrigues, onde se achavam alguns membros da commissão da estátua, e fazendo-se representar por tres de seus conterraneos agradeceram á commissão os serviços pela mesma prestados.

Eram quasi onze horas da noite; já a praça tinha menos gente e parecia terminada a festa.

Magnifico era o luar, a maré cheia beijava as verdes margens do Anil, os grupos de passeiantes, que se haviam demorado, gosavam a doce brisa que soprava do lado do rio. O scenario era para inspirar o mais desilludido poeta.

N'isto viu-se um grupo numeroso de meninas todas vestidas de branco, entrarem na praça e dirigirem-se para o monumento.

Formadas na frente da estátua, vinham duas a duas depôr ramalhetes nos degraus do monumento, no throno do poeta-rei. Ao mesmo tempo ouviam-se os melodiosos accordes de uma musica suavissima executada por habilissimos professores, e que acompanha a *Canção* do Exilio, cantada por aquelles anjinhos.

Profundissima, indescriptivel, foi a impressão causada por esta scena, assistida com todo o recolhimento, parecendo que cada um temia que a propria respiração a interrompesse e fizesse perder uma só nota da inspirada composição.

« Presenciou-se então, escreve um talentoso cultor das lettras, a verdadeira apotheose do genio. Os pallidos clarões da veladora lampada nocturna estavam a denunciar-nos que era emfim chegado o momento dos sonhos e mysterios, porque áquella hora,

« hora em que voam as fadas
« soltas as tranças douradas
« das campinas perfumadas
« por sobre o floreo matiz,

um bando da anjinhos, esplendidos e candidos como a branca plumagem das garças, veiu laurear o vate excelso, enchendo de ramalhetes odoriferos o pedestal marmoreo de sua estátua magestosa!

« Durante esta arrebatadora scena que a todos enchia de indisivel satisfação, maviosas harmonias eram pelas auras balsamicas trazidas a nossos ouvidos, e a nossa imaginação transportava-se

a ponto de ouvir n'ellas o canto dulcissimo das sereias que lá nos Atins guardam o sepulchro ingente do primeiro poeta brasileiro.»

Offerecidas as flores, veiu uma respeitavel senhora, em cujo semblante transparecem as nobilissimas qualidades de seu coração de ouro, e por sua vez depositou uma corôa de louros, atada por um riquissimo laço em que liam-se estas palavras — *O collegio de Nossa Senhora da Nazareth á memória de Gonçalves Dias.*

Aquellas meninas eram as alumnas do collegio de Nossa Senhora da Nazareth, e esta senhora sua distincta directora a ex.ma sr. D. Rosa Laura Parga Nina.

Se a alma do poeta baixou n'este dia á terra ou lá do céu contemplava esta festa, nada podia ser-lhe mais grato do que o tributo d'aquellas virgens, d'aquellas innocentes meninas, verdadeiros anjos terrestres.

A musica foi composição do sr. L. Raiol, joven e talentoso artista, que n'este dia não quiz deixar de render um preito de homenagem áquelle laureado artista, sublime mestre da mais sublime das artes.

Pediu a offertante a um dos membros da commissão da estátua, que se achava presente, e a quem offereceu um *bouquet* de flores naturaes, gratissima recompensa dos serviços que prestou, que guardasse a corôa para ser remettida ao sr. dr. H. Leal.

E assim por esta fórma brilhante, devida á feliz lembrança da ex.ma sr.a D. Rosa Nina e do sr. L. Raiol, terminaram os festejos da inauguração do monumento levantado ao primeiro filho d'esta terra, ao primeiro poeta nacional — a Antonio Gonçalves Dias.

Auto do inauguração solemne da estátua do poeta Antonio Gonçalves Dias

Aos sete dias do mez de setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e oitocentos e setenta e tres, na cidade de S. Luiz do Maranhão e largo dos Remedios, em cujo centro achava-se erigido o monumento á memória do poeta Antonio Gonçalves Dias rematado pela estátua do mesmo velada por bandeiras nacionaes do imperio do Brasil, foram presentes as authoridades civis e ecclesiasticas, os representantes das provincia resi-

dentes na capital, os chefes das repartições públicas, as commissões representantes de associações commerciaes, industriaes e beneficentes, os redactores de jornaes, homens de lettras e outras pessoas.

Sendo cinco horas da tarde dirigiram-se para juncto do monumento — a commissão nomeada pelo dr. Antonio Henriques Leal para presidir a esta solemnidade, o presidente da provincia, o ex.mo dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, o da camara municipal, major Alexandre Collares Moreira, o governador do bispado, arcediago dr. Manuel Tavares da Silva, e mais pessoas presentes, e ahi leu o sr. José Manuel Vinhaes, procurador do dr. Henriques Leal, para represental-o na construcção do monumento e solemnidades a elle concernentes, o seguinte discurso inaugural enviado de Lisboa:

«Senhores, descubramo-n'os e curvemos respeitosos as frontes ante a estátua do sublime poeta cuja immensa e impericivel glória irradia explendorosa por todo o imperio do Brasil; d'essa estátua que se nos mostra com todo o seu brilho artistico illuminado pelo sol americano. Enchamo-n'os do mais justo orgulho não só por possuir esta bella cidade um monumento, senão por ser o primeiro que se levanta no Brasil a expensas e esforços particulares. O estrangeiro que aportar a nossas plagas contemplerá de longe este testemunho da nossa homenagem ao genio poetico.

«Traçar o elogio do creador da poesia nacional é ocioso quando o proclamam com eloquencia e bem alto seus escriptos, os *Tymbiras*, e seus immortaes *Cantos*. E demais, não me é dado coordenar idéas; que me combatem n'este momento o espirito e embaraçam-me a penna tantos e tão oppostos sentimentos — de intima satisfação e extraordinario contentamento pela realisação d'esta idéa por que lido desde o infausto dia 3 de novembro de 1864, que é de todos nós, e de que fui apenas humilde executor e fiel interprete; e de saudades d'essa terra querida, que trago sempre no coração e na memória; pungindo-me ellas amargamente agora mais que nunca.

«Ahi tendes essa divida de gratidão paga por nós, coetaneos, ao genio da poesia brasileira, não consoante os meritos, o valor litterario, e o patriotismo de Antonio Gonçalves Dias, nem á medida de meus desejos, que, mercê de Deus e da coadjuvação de meus patri-

cios e benevolos estrangeiros, levaria de certo ao cabo, se a cruel enfermidade que me traz ausente da patria ha mais de cinco annos me não frustrasse os planos; mas consola-me ao menos a idéa de que a posteridade é para Gonçalves Dias de hontem, fazendo quasi nove annos que esse astro fulgurante mergulhou-se para sempre nas aguas do oceano, que lhe serviram de tumulo!

«A vós, habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão, e com especialidade aos illustres membros da sua municipalidade, dirijo-me por derradeiro: minha missão termina hoje, e a vossa, muito mais importante e delicada, vem substituil-a; poisque vos cumpre zelar pela conservação d'este monumento, que é agora propriedade da provincia e deposito nacional que importa ser guardado com toda a veneração e acatamento, como estimulo perenne, que é, a instigar as gerações vindouras para que trilhem desassombradas as sendas, que conduzem á glória e á immortalidade».

Terminado este, os srs. presidente da provincia e da camara municipal, José Manuel Vinhaes, representante do dr. Leal, iniciador e promotor da idéa do monumento e senador dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, representante do Instituto Historico, tomaram os cordões das bandeiras nacionaes que occultavam a estátua e a descobriram. Apresentou armas o 5.º batalhão de infanteria que fazia as honras militares, salvaram os fortes, repicaram os sinos de todos os campanarios, subiram ao ar numerosas girandolas de todas as praças, e todas as bandas de musicas reunidas tocaram o hymno composto expressamente para este acto pelo sr. Francisco Libanio Colás.

Acto continuo, leu o seguinte discurso o sr. presidente da camara, recebendo o monumento e agradecendo em nome da provincia o serviço prestado pelo dr. Leal.

«Srs. membros da commissão encarregada de erigir o monumento ao dr. Antonio Gonçalves Dias:—É para mim motivo de justa glória ser o interprete do jubilo d'esta cidade por ver realisado o monumento do grande poeta. A divida que hoje paga o Maranhão era uma divida nacional, porque Gonçalves Dias não honra só a sua terra natal, porém a todo o Brasil.

«A camara municipal d'esta cidade, recebendo este monumento, não póde deixar de dirigir um voto de louvor, expressão do reconhecimento nacional, ao dr. Antonio Henriques Leal, a quem se deve a realisação do grandioso pensamento por elle concebido e

desenvolvido; e tambem agradece a todos, nacionaes e estrangeiros, que por qualquer fórma o auxiliaram e contribuiram para que a estátua do grande cantor do alto d'aquella columna possa attestar ás gerações futuras a gratidão de um povo coetaneo áquelle, cujos *Cantos* lhe serão padrão de eterna glória.

«A cidade do Maranhão assignalará entre os seus primeiros dias este em que se inaugura a estátua do immortal poeta.

«E a camara municipal, á qual tenho a honra de presidir, congratula-se com a digna commissão que dirigiu as obras do monumento pelo cabal desempenho que deu a tão honrosa tarefa. Possa este tributo de homenagem ao primeiro poeta nacional servir de estimulo aos que trabalham para opulentar as lettras patrias, ou, por outra qualquer fórma, para glória e engrandecimento do Brasil.»

Foram depois lidos um discurso do dr. Gentil Homem de Almeida Braga, por parte da commissão encarregada de presidir a esta solemnidade e outros dos relatores de diversas commissões, assim como numerosas poesias, sendo uns e outros distribuidos em avulsos e publicados em uma folha do jornal *Paiz* dedicada á memória do poeta. Encaminhando-se o prestito para a tribuna levantada juncto ao monumento, foi ahi lido e assignado pelas pessoas presentes este auto, sendo do mesmo extrahida duas copias authenticas, uma para ser remettida ao Instituto Historico Brasileiro, e outra ao dr. Antonio Henriques Leal, devendo ficar este livro guardado no archivo da municipalidade.—Eu, Antonio José da Silva Sá, secretario da camara, o escrevi e assigno. = *Antonio José da Silva Sá.*

Foram membros das commissões que representaram diversas sociedades na inauguração do monumento de Gonçalves Dias os srs.:

Commissão da praça

José Joaquim P. dos Santos, P.
José Pedro Ribeiro, S.
Antonio Justiniano de Miranda, T.
Domingos Theotonio Jorge de Carvalho.
Jeronymo José Tavares Sobrinho.
Franklin Jansen Serra Lima.
Luiz Manuel Fernandes.

Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Senador Luiz Antonio Vieira da Silva.
Dr. Cesar Augusto Marques.

Gabinete portuguez de leitura

João Marques da Silva.
Manuel de Figueiredo Couto.
Francisco Fernandes Junior.
Domingos Ennes Pereira.

Associação typographica maranhense

Antonio Joaquim de Barros Lima, relator.
Manuel Francisco Vianna Pires.
Antonio Justino de Mesquita.
João Francisco Bezerra de Menezes.
José Theodoro da Silva e Sousa.

Sociedade dos caixeiros

Mariano P. Alves, relator.
José de C. Smith.
Francisco Carneiro Junqueira.
Pedro José da Silva Pereira.
José Joaquim F. de Carvalho.

Sociedade dos ourives

João Marcellino Romeu, P.
Raymundo Nonnato Romeu, S.
Filippe Thiago Borges de Queiroz.
Joaquim Ferreira Rabello.
José Honorato de Menezes.

Sociedade manumissora 28 de julho

Dr. Tolentino Augusto Machado, relator.
Dr. José Gaune.
Luiz Claro Serra.

Harmonia maranhense

Fernando R. do Carmo e outros cujos nomes não nos foram dados.

DISCURSOS E POESIAS

Discurso em nome dos caxienses

Gonçalves Dias! Aqui estamos, nós teus amigos de infancia, teus irmãos de berço, teus companheiros de estudos, os filhos da tua patria, de

Caxias, bella flor, lyrio dos valles,
Gentil senhora de mimosos campos,

aqui viemos tambem ver-te — no dia da tua maior glória, na melhor hora dos teus triumphos — aqui viemos tambem saudar-te, e juncto á base do monumento erguido á tua memória depositar nossas saudades.

Não faltariamos, porque muito te estimámos em vida, e agora ainda mais te apreciâmos depois de morto.

Mas que dissemos? tu não morreste, apenas no dia 3 de novembro de 1864 « no instante, que te estava marcado, tu, no vasto oceano

... então mais forte do que elle, tua alma,
Desconhecendo o temor, o espaço e o tempo,
Quebrou n'um relance o circulo estreito
Do finito, e dos Ceus!
Então, entre myriades de estrellas,
Cantando hymnos de amor nas harpas d'anjos,

tua alma foi espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos; a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurar nos leques das palmeiras. Lá está ella nos sitios, que teus olhos sempre viram, nas paizagens, que tu amaste, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o pau d'arco enfeitado de flôres amarellas. Ali está... « ali está ella, desfeita em lágrimas nas folhas das bananeiras, desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares», sobre tudo, que tu amaste!

Vem, vem depressa, deixa todas essas bellezas, desprende-te de todos esses encantos

Vem correndo
Lançar-te nos braços nossos.
Mais veloz que o ligeiro pensamento,
Vem depressa, urge o tempo, vem dar calor
..... aos membros gelados,
Talhados a golpes de habil buril,
vem dar movimento
aos braços no peito crusados,

vem dar luz a esses olhos, vem acordar essa intelligencia tão luminosa, vem quebrar o silencio d'essa voz outr'ora tão eloquente, traze comtigo o saudoso ciciar das palmeiras tão queridas, onde canta o sabiá.

Pede cantos aos ledos passarinhos
Pede clarão ao sol, perfume ás flores,
Ás brisas suspirar, murmurio aos ventos,
E o sol, a ave, a flôr, a brisa, os ventos
E as fontes que murmuram docemente,
Na festa de tua alma hão seguir-te;

mas vem, vem depressa, vem afinar pelas harmonias do céu — essa lyra que ahi jaz abandonada, rasga-lhe o crepe, que a ennegrece, reverdece-lhe

As grinaldas gentis, de que a toucaram
Donzeis louçãos, enamoradas virgens,

anima esse braço, desfira elle

Uns versos de prazer entre soluços!

Mas ah! desejos vãos! triste realidade! cruel desengano!

N'esta doce mudez, n'este silencio

procuramos o poeta, e só achamos a saudade a pungir-nos o cora-

ção, e a dizer-nos, que de balde lá nas praias do Guanabara o espera a virtuosissima esposa

... que tanto amou,—e que amou-o tanto,
Cuja presença lhe escaldava a mente
Cuja voz o encantava,
Cujo silencio lhe fallava n'alma,.
Essa mulher—tão terna—e amante e pura;

debalde o esperam lá nas margens do triste Mearim o teu amigo íntimo Theofilo Leal, «nobre coração que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente a teu lado»; á beira do Tejo Antonio Henriques, o teu amigo íntimo na vida e alem-tumulo; aqui, em Caxias, no Brasil inteiro, ou melhor no Universo, nós todos, e todos os que conhecem as bellezas de teus versos, os encantos de tuas poesias, a força, o vigor de teus trabalhos litterarios.

Já que não quizeram
um dia as vagas
.... os teus restos rejeitar na praia
D'onde tão novo te partiste, e onde
Devia a cinza fria achar jazigo—

A saudade dos teus amigos, e a gratidão nacional, e

..... o affecto
Que se gera e se nutre em almas grandes,
Que não acaba e nem muda, antes cresce

Com o tempo avultando, e mais augmentando em forças, ergueram uma estátua á tua memória, que sempre

Firme na base, intacta, e sempre bella

attestará á geração vindoura qual a amisade, que todos te tributavam, e ella

Seja padrão de glória entre nós outros.

Venha o sol, qual lampada celeste alumiar esta estátua todos os dias.

Venha a noite, «melhor que o dia, taciturna e queda envolvel-a com seu manto de milhões de sóes, humedecel-a com seu orvalho, embebel-a e ensopal-a em extasis de amor, venha alumial-a com mil tochas, venha aromatisal-a com sua brisa mais pura.

Venha a lua candida, com fronte pallida, espancando negros horisontes, brilhando docemente, reflectindo-se alli n'aquelle mar, com seu lindo cortejo de fulgentes estrellas,

Em gelido sudario
De neve alvi-nitente,

venha cheia de saudade, venha abraçar esta estátua.

E quando o sol, a noite, e a lua a cercarem, sempre hão de encontrar nos degraus d'este monumento assentada a história, essa

rainha veneranda
Trajando sedas e velludos,

para dizer aos vindouros qual o amor, a amisade, a estima e a veneração, que nós todos caxienses tributâmos ao poeta.

Basta, deixemos o poeta descansar: desde as cinco horas da tarde que elle está recebendo respeitosas homenagens dos seus admiradores, que em avultado numero aqui tem vindo em piedosa romaria festejal-o.

Gonçalves Dias... adeus, ainda uma vez adeus.

Vive com Deus na glória
E no nosso coração tua memória.

Dr. Cesar Augusto Marques [1].

SENHORES.

Nós, caxienses, poderiamos preferir outros deveres, menos o de tomarmos parte, e parte principal, nas manifestações e jubilos de que hoje se acha possuida a população maranhense, vendo consa-

[1] Este discurso é quasi todo composto com expressões do poeta, e apenas ligadas por nós e bem ás carreiras.

(Nota do Dr. Cesar Augusto Marques.)

grar este monumento de gratidão e de glória ao mais inclyto dos seus comprovincianos, o immortal cantor dos fastos aborigenes das tribus brasileiras, o eximio poeta Antonio Gonçalves Dias, cuja glória pertence mais a Caxias do que ao Maranhão, e mais ao Maranhão do que a outra qualquer das suas irmãs.

Foi n'esse torrão abençoado, onde tambem nos coube a fortuna de vir á luz, que o genio nascente do insigne vate recebeu as primeiras inspirações, e começou a ensaiar os seus primeiros adejos, que depois se haviam de tornar em vôos transcendentes.

E quanto é lisonjeira, senhores, a glória em que tambem nos cabe uma minima parte, senão pela congenialidade, ao menos pelos laços que ligam mais particularmente o homem á patria, e ainda mais particularmente á gleba que o viu nascer!

Quão inspirado foi o egregio vate caxiense, dizem-n'o as suas immorredoras canções, di-lo o *Gigante de Pedra*, por elle immortalisado; — quando obras, como estas, apregoam o genio, a palavra dos homens deve abster-se de quere-lo fazer mais conhecido.

Gonçalves Dias foi um d'esses eleitos, com quem Deus reparte maior porção do fogo ethereo, para distingui-los do vulgo. Estes privilegiados não se fazem, já nascem feitos. Quer o queiram, quer não, elles hão de cumprir o seu glorioso destino, e a immortalidade que lhes assegura a admiração das turbas é uma consequencia necessaria da sua missão divina.

F. J. Correia.

SENHORES.

Dominado por jubilo inexprimivel venho proferir algumas palavras, aindaque não elucidadas por grande saber e estudo.

Hoje soberbos e dourados véos cobrem a provincia do Maranhão. Athenas do vasto imperio americano, que ufana erige uma estátua a um seu filho, que tornou-se um genio — Antonio Gonçalves Dias.

Esse Bardo, que espalhou seus immorredouros cantos por todas as praias brasileiras, acha-se hoje desfeito em pó, e o que d'elle apenas resta, é immortal memória.

Sua provincia que prazenteira via não lhe bastar só essa memória, tractou de levantar-lhe uma estátua, e ei-la.

Esta mesma provincia, tocada de prazer immenso, aponta ás vindouras gerações as glórias que d'elle sempre permanecem.

Este bardo, a cujo prospecto lançámos nossas offuscadas vistas, que ao dedilhar a lyra fazia emmudecer os peitos e as aves, gentis corypheos, para por sobre ellas elevar seus extaticos arroubos, já não existe, obumbrou-se sua glória, mas ficou sua fama!

Hoje, satisfação illimitavel acha-se espargida por todos os recantos d'esta provincia da terra de Santa Cruz e por todos os corações maranhenses, que alegre saudam este dia.

Vós, maranhenses, que a este apreciaveis, tributae-lhe as honras devidas; e vós, estrangeiros, amigos do paiz, que a este acto não menosprezaes, tecei grinaldas das mais odoriferas flores para collocar sobre a cabeça d'este vulto immortal.

S. Luiz, setémbro 7, 1873.

LUIZ DE SÁ LIMA.

SENHORES.

De que servirão as minhas phrases a par das eloquencias que acabaes de ouvir? Certamente de nada! Mas ah! sendo eu comprovinciano do illustre maranhense, sobre quem todos vós tendes espargido flores, não posso por minha vez, deixar de proferir algumas palavras, postoque rudes, é verdade, porém filhas de um peito juvenil e sincero.

O dia tem-se mostrado prazenteiro, as doces auras tem bafejado o torrão florido regado pelo Anil e Bacanga, cujas aguas em ondinas prateadas procuram como que engastal-o — a natureza toda parece sorrir — é que a estátua perduradora do cantor de seus encantos se mostra á admiração geral, aindaque não qual as elegantes das europeas terras ou soberbos monumentos asiaticos, mas com grande brilho — a comprehensão monumental de seus admiraveis cantos.

Ha muito que almejamos pela inauguração, até que afinal eis nossa vontade satisfeita! Gonçalves Dias, senhores, esse genio proeminente, já não existe! porém, seu nome jámais será esquecido, e sim sempre lembrado nas páginas da história illustrada.

Vêde o Maranhão revestido de galas! vêde suas pompas! a homenagem, bem entendida, ao Pindaro brazileiro. Oxalá que este soberbo monumento que tanto honra o Maranhão não venha a ter a

sorte d'essas esphynges que jaziam em vastos desertos thebanos.

Senhores, que me ouvis, á vista d'este painel tão agradavel, d'este quadro tão sublime, quem não terá vontade de trilhar com ardor a senda das lettras? quem não se esforçará por vencer as lides escholares?

De certo que todos vós, jovens, desejareis que um dia vosso nome seja escripto com aureas lettras na mesma columna onde lemos o de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Camões, etc.; e n'elles espalhemos flores odoriferas das quaes restam apenas ruinas para testemunhar uma gloriosa idade.

S. Luiz, 7 de setembro de 1873.

SILVESTRE MARQUES DA SILVA FERRÃO,

Alumno do collegio da Immaculada Conceição.

MEUS SENHORES.

A sociedade B. P. dos Caixeiros, nos envia em commissão para se fazer representar e ouvir, n'esta festa de verdadeiro júbilo nacional, que, em plena apotheose, rende homenagem ao genio immortal da poesia brasileira, Gonçalves Dias!

Hoje, meus senhores, se abre nas eras dos seculos uma epocha mui grata aos povos de Santa Cruz, porque, recordando o anniversario da sua emancipação politica, associa mais um facto grandioso — a emancipação litteraria, symbolisada n'este monumento, que attestará aos vindouros — a glorificação do poeta e uma revolução no mundo ideal da poesia!

E, de facto, surgiu ao jocundo sol de 7 de setembro a nacionalidade politica; Pedro I disse: Brasil és livre! e após veiu a nacionalidade litteraria, e o verbo fecundo e sublimado de Gonçalves Dias, que obliterando velhas ideias abriu novos caminhos, apontando novos horisontes aos romeiros do Parnaso!

E o poeta empunhou a lyra; perpassou amestrados dedos sobre as flexiveis cordas, vibrou aos sentimentos da alma, interpretou a natureza, fundou escola sua, deu renome á patria; immortalisou-a!

Desde então se abriu entre o poeta e a patria, espaço immenso, cujos termos eram — divida e gratidão!

Hoje, tanto quanto *(póde)* é possivel, vae o Maranhão, erigindo a estátua que vemos, demonstrando seu reconhecimento á glória com que o nobilitou seu dilecto filho, saldar a grande divida que não poderá ser incriminada pelos povos do futuro.

II

MEUS SENHORES.

Feliz o paiz que levanta padrões como este para eternisar a memória illustre dos varões que o ennobreceram! Feliz o povo que remunera seus concidadãos, conspicuos pelas virtudes, civismo, heroicidade e saber! Sublime exemplo de gratidão nacional, gerador sem dúvida de grandes commettimentos!

E quando um povo reconhecido empunha o cinzel e buril para escrever na pedra e no bronze os feitos immortaes do heroe admirado, a história, testemunha insuspeita, grava em suas páginas eternas, os feitos illustres do varão e o recommenda aos vindouros como benemerito da humanidade! Assim n'este momento estamos vendo dois padrões de glória erigidos á posteridade: — o marmore silencioso que se ergue altaneiro e imponente, prolongando-se ao zenith do firmamento, e a história que acaba de archivar em lettras de ouro este successo grato ás almas sinceras, aos admiradores do genio, aos enthusiastas das conquistas das lettras, do progresso da civilisação e da intelligencia!

Deixemos, porém, que a história cumpra seu dever: não a perturbemos: sua missão sublime é — stereotypar a verdade. Admiremos a grandeza moral do poeta, sua glória passada, seu nome perpetuado no futuro, e indelevel, imperecivel sua memória no monumento!

Contemplae-o. Eis ali, senhores, sua estátua, stylita, symbolica representando-o entre os instrumentos que mais amou, sua lyra; e no alto da idolatrada palmeira parece sobranceiro, egual ao genio, cravar a vista no infinito e o pensamento em Deus!

E o poeta é mudo! Sua voz sublime abafou-se no bramir do oceano; mas o echo valente, remontando por sobre os seculos vencerá por sobre os seculos as idades.

Seu corpo jaz sepultado, envolto no vasto sudario do Atlantico, em soberbo mausuleu que circumda os continentes; mas a effigie

serena, affrontando os elementos, incorruptivel, vencendo os vermes da campa, attestará aos seculos por vir sua glorificação immortal!

Salve! Gonçalves Dias! Salve!

Eis o tributo á tua memória e a teu nome. E se o marmore algum dia se franger, ahi estão teus versos eternos, teus cantos harmoniosos, teus soberbos tymbiras, tuas palmeiras verdejantes, teus hymnos edificantes, teus conterraneos saudosos, que no coração guardam eterna lembrança e na bôca repetem tuas endechas e loas.

Salve! Gonçalves Dias! Salve!

III

Terminando, senhores, deixae que, por entre as hosanas do triumpho, solte um brado de louvor.

Entre as festivas demonstrações surgem vultos proeminentes de todas as classes sociaes, só um falta, que, estremecido no exilio, forçado por cruel enfermidade, deixou de comparecer.

O dr. Antonio Henriques Leal, auctor d'esta luminosa ideia, incansavel promotor d'ella, seu triumphador, emfim, receba dos maranhenses agradecidos o voto mais espontaneo de louvor e gratidão.

Tambem são dignos de todo encomio os distinctos membros da commissão, que hoje faz entrega do monumento á municipalidade. Recebam, portanto, elles os nossos jubilosos parabens.

Expressando n'estas palavras modestas nossos pensamentos, somos interprete da sociedade B. P. dos Caixeiros, que representamos, e enviamos aos maranhenses um amplexo de amigos e irmãos a quem por este modo felicitamos.

Temos concluido.

Marianno P. Alves, relator.
José de Salles Smith.
Francisco Carneiro Junqueira.
Pedro José da Silva Pereira.
José Joaquim Ferreira de Carvalho.

SENHORES.

É com viva satisfação que aqui se apresenta a commissão enviada pela associação typographica maranhense, para assistir aos justos e merecidos festejos da inauguração da estátua do primeiro cantor brasileiro, o dr. Antonio Gonçalves Dias, e congratular-se com todos os maranhenses por tão elevada homenagem dispensada ao seu illustre litterato.

Desde o primeiro iniciador da sublime obra, o illustrado e incansavel dr. Antonio Henriques Leal, amigo de coração do grande e immortal poeta, até o último cidadão que para ella concorreu, quer com donativos, quer com serviços relevantes, dirige a corporação que representamos um sincero abraço, como prova de verdadeiro reconhecimento e gratidão.

De outra fórma não podia proceder a associação typographica maranhense, vistoque teve ella a glória de inscrever no quadro de seus socios honorarios o sempre lembrado nome do dr. Antonio Gonçalves Dias, assim como tambem tem a de ver o do prestante e estimado comprovinciano dr. Antonio Henriques Leal, como seu presidente honorario desde 1857.

Honrá pois a todos os filhos da provincia de S. Luiz, e ao brilhante concurso, que generosamente aqui se acha tributando os votos mais ardentes do amor e saudade ao grande e sublime vate maranhense!

Seja seu magestoso e rico monumento tão respeitado, quanto será immorredoura a nossa estima e veneração á memória do illustrado e mavioso poeta Antonio Gonçolves Dias!

S. Luiz, 7 de setembro de 1873.

Antonio Joaquim de Barros Lima, relator.
Manuel Francisco Vianna Pires.
Antonio Justino de Mesquita.
João Francisco Bezerra de Menezes.
José Theodoro da Silva e Souza.

PERANTE A ESTÁTUA

I

Maranhenses, esta estátua
É tributo muito honroso,
Porém elle merecia
Tributo mais grandioso.

Devia ser monumento
De mais amplo pedestal
A surgir d'entre palmeiras
Na sua terra natal.

Todo o Brasil lh'o devia,
Todo o Brasil, não só vós;
Elle ao Brasil pertencia,
Pertencia a todos nós.

Não consultando as provincias,
Sabei-o: fizeste mal;
Que esta glória brasileira
Não é glória maranhense,
É glória nacional...

Devieis voltar-lhe a face
Para a terra, p'ra o mar, não,
Porque este grande invejoso
Já teve o melhor quinhão,
E sendo forte e tão rico,
Portou-se como villão:

Vendo que pouco restava-lhe
No correr da vida o trilho,
Roubou a terra o consôlo
De ter no seio seu filho...

Entre um grupo de Tymbiras
Devia-se o ver ali,
Escutando a lenda nobre
Do nobre velho tupi:

N'uma campina virente
Devieis vel-o acolá
Praticando docemente
Co'a formosa marabá.

Chorando a linda Coéma
Devia-se ver depois
Em desespêro Itajuba,
Co'o arco *partido em dois*...

Devia ter muitas faces
A vasta, altiva peanha
Imponente miniatura
De brasileira montanha;

Mil faces; em cada face
Um quadro de melhor fama,
E um dos mais primorosos
Vos déra — Y Juca Pirama.

O quadro insano horroroso
Do Gamela e do Tymbira...
Originaes e vivazes
Mil quadros da sua lyra;

D'aquella lyra mimosa
Que Deus a muitos não dá;
Que canta com tanto acêrto
As bondades de Tupá,
Como a furia inquebrantavel
Do tenebroso Anhangá!

Sobre os quadros, entre flores,
Cascatas, bosques e rios,
Animaes de toda a especie,
Domesticados, bravios.

D'entre tudo então se erguêra
Rijo tronco de palmeira,
E a elle encostado, o genio
D'esta glória brasileira;

E sobretudo, no apice,
Já quasi as nuvens tocando,
A figura do poeta
A doce lyra empunhando.

Assim a imagem querida
Se veria em muitas partes,
Alliada ao nobre esfôrço
Da mais prestavel das artes...

Não consultando as provincias,
Sabei-o, fizeste mal;
Que esta glória brasileira
Não é glória maranhense,
É glória nacional!

II

Sim, maranhenses, muita *glória* mente;
Ha muita *glória* de fallaz origem,
Glórias criadas por um vão presente,
Vultos que engendra a popular vertigem.

São meteoros que da vida á morte
Um só instante, ou pouco mais, terão;
D'essas não quero, não lh'invejo a sorte,
Nem me deslumbra o seu fugaz clarão.

Mas quando a glória no fatal declive
Prende-se ás folhas de algum livro-flôr...
Curvai-vos, grandes! Essa glória vive,
Pois'stá dotada de eternal vigor!

Nobres! venceu-vos o plebeu modesto!
Ricos! o pobre mais que vós já tem!
Curvai-vos todos! que ao fatal aresto,
Que lavra o genio, não se escusa alguem...

III

Perdão, senhores, se na alheia festa
Extranho ousei me apresentar intruso;
Se impertinente já vos vae molesta
Minha palavra de que tanto abuso.

Bem quiz conter-me; mas conter-me como?
Se enthusiasta d'este genio eu sou!
Se ao ver-lhe a imagem com febril assomo
O fogo santo dentro em mim lavrou?...

Perdão, senhores! Do perdão careço
D'essas palavras de valor baldias.
Perdão, senhores! Eu perdão mereço.
Perdão, senhores!... Por Gonçalves Dias!

S. Luiz do Maranhão, 7 de setembro de 1873.

FELICIANO CALIOPE MONTEIRO DE MELLO.

Á ESTÁTUA DO EXIMIO POETA MARANHENSE ANTONIO GONÇALVES DIAS

Erecta no largo da igreja de Nossa Senhora dos Remedios da capital do Maranhão

Erguendo-se nas ondas radiante
Do leito de coraes, em que jazia,
No patrio solo eis se ostenta ovante
O genio americano da poesia!

Salve, collosso illustre, estátua nobre,
Que um tal genio eternizas gloriosa,
Genio que a virgem com seu manto cobre,
Afagando-lhe a lyra harmoniosa!

Em tôrno ao pedestal illustres sabios,
Que á patria se tornaram mui augustos,
O silencio pairando-lhes nos labios,
O poeta cortejam com seus vultos!

Vicejem sempre amenas as palmeiras,
Circumdando-lhe o throno magestoso,
E as aves suas, caras, mui fagueiras,
Gorgeem-lhe ao redor do busto honroso!

«Posteridade, és minha, diga ufano!
«Respeite os cantos meus a patria ovante!
«Do Brasil entre os vates sou sob'rano,
«Meu nome luzirá sempre brilhante!»

Do alto de sua gloria o mar fitando,
Diga-lhe: «Sepultado em abandono
«A patria os seus direitos reclamando,
«Eis o meu posto d'honra, eis meu throno!...»

S. Luiz, 7 de setembro de 1873.

J. DE C. ESTRELLA.

TRIBUTO (A GONÇALVES DIAS)

Bem sei que não sou bardo, que fico aquem do genio,
que nem fallar devêra da poesia aqui;
porque inda não fez-se a luz do meu espirito,
porque das negras trevas ainda corri.

Bem sei qu'é nobre o drama, que dá soberba illiada,
que só pertence a penna do grande mestre Homéro;
bem sei que sou mesquinho, que vou manchar-lhe a glória,
porém neste momento tambem cantar eu quero.

Eu d'um Gilbert não fallo nos braços da loucura,
nem mesmo d'um Chattérton que d'orgulho morreu;
aqui nos pobres versos não trato d'um Bocage
que dentro das tavernas, coitado, falleceu.

Esqueço Malfilátre no seio da miseria,
assim como de Byron tambem o scepticismo;
um Tasso não recordo gemendo da amisade,
assim como escureço d'Werner o cynismo.

Deixae-me, pois, que venha depôr o meu tributo
a quem tem por peanhas os pinc'ros d'Hymalaia,
Eu sou do Deus dos genios o mais humilde acólyto;
— deixae que queime incenso ao pé da sua alfaia.

Qu'importa me falleça de Lamartine os cantos;
que nem sobre os vestigios os possa acompanhar?
Embora saiba mesmo que vou queimar-me em brazas,
eu rasgo o meu silencio e venho pois cantar.

Dorme, gigante de ouro,
na fina colcha de louro,
que tiveste por thesouro
a lyra para trovar!
Dorme ao som das harmonias,
qu'inda és — Gonçalves Dias
que da patria as melodias
soubera tanto exaltar!

Dorme! a patria te deplóra,
e a velha Europa te chora,
e todo o mundo te adora,
cantor sublime do céo.
Dorme o somno da pureza
matizado de belleza,
que da glória a gentileza
não cessa no sonho teu!

Dorme na plaga que é tua,
onde é linda meiga lua
quando no azul fluctua
depois a nuve a beijar.
Sonha a glória dos teus cantos,
esses penhores tão santos
que pasmaram com quebrantos
essas plagas d'alem-mar!

Dorme! as espumas ridentes
que vam quebrar-se dormentes
nas brancas areias quentes
dos infindos desapraiados,
e as pororócas seguidas
á reboar destemidas
teem de cór phrases polidas
de teus hymnos delicados.

O murmurar das palmeiras,
crescidas nas ribanceiras
onde vegetam fagueiras
c'os cantos do sabiá,
não tem um outro gemido
que não seja tão sentido
como aquelle desprendido
da formosa marabá.

Ó tu, cantor dos Tymbiras,
monarcha primo das lyras,
estro illustre que nas pyras
da glória Appollo atirou,
sonha lá na eternidade,
embora tenha saudade
a nossa Athenas cidade
que o destino malfadou.

Dorme, gigante de ouro,
na fina colcha de louro,
que tiveste por thesouro
a lyra para trovar.
Dorme ao som das harmonias
qu'és o rei das melodias,
e acceita, Gonçalves Dias,
este meu rude cantar.

J. Auto Pereira.

CANTO AO PINDARO BRASILEIRO

Dorme, ó lutador, teu somno eterno;
Mas sobre a lousa do sepulchro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto
Austero e glorioso.

G. Dias.

A Grecia vetusta — no sul da Turquia
Dormindo embalada — por sã poesia,
Ergueu á Homero — um vulto immortal;
O Imperio Romano por altas conquistas,
Trazendo a sciencia dos homens nas vistas
Ao monte Piério — fiel colossal.

Simulacros equestres em praças romanas,
Erguidos a bravos de grandes campanhas,
Não vimos — não vimos á Marte sagrar;
Estátua marmorea a Dias Appollo,
Que ao orbe pasmou e da Lysia o solo,
É sim o que vimos aqui tributar.

A patria natal — soberba nas artes —
De sabios augustos — grandiloquos martes —
Espalha a memória — d'um filho immortal;
Á um filho eloquente — egregio na terra —
Orgulhoso no mar, o peito que o encerra,
Nós todos só damos insignia real.

Foi principe, foi sabio nas lettras do mundo,
A Lyra pasmou — e a Pedro o segundo
Transpondo das artes soberbos umbraes;
Foi rei — e não rei — qual foi Bonaparte —
Gaulez orgulhoso — discipulo de Marte —
Que d'ossos cingiu — seus tempos reaes.

Louvores e honras—, que cedo se esquece,
No meio d'este povo — que breve fenece,
Não levam — não dizem ao povo vindouro
O nome, o genio do grande cantor,
Por isso, ó estátua, d'outro sec'lo o albor
Alcança — proclama — que és um thesouro.

San'Luiz do Maranhão, 7 de setembro de 1873.

HEMETERIO JOSÉ DOS SANTOS.

Saíram numeros extraordinarios do *Publicador Maranhense* e do *Diario do Maranhão* com a descripção da ceremonia inaugural e por occasião d'ella, alem de distribuirem pela população impressas em papeis de differentes côres as producções escriptas para solemnisar o acto, foi tambem distribuido ainda em mais profusão um numero do *Paiz*, que concatenando quasi todas as peças que celebraram esse acto pomposo, damo-lo integralmente á estampa. Trazia no frontespicio, depois do titulo esta inscripção em letras capitaes: *Glória a Antonio Gonçalves Dias*. Seguíra-se nas columnas do jornal:

HOMENAGEM Á MEMORIA DE GONÇALVES DIAS

Pela redacção do «Paiz»

Setembro — 7 — 1873

Glória ao poeta

Diante da estátua do immortal cantor curva-se reverente e jubiloso todo um povo.

É justo que de entre os que n'esta occasião lhe tributam homenagem não sejam dos ultimos os lidadores da imprensa periodica.

E nós d'elles os mais humildes não esqueçâmos esse dever.

Um mixto de ineffaveis gosos e de dolorosas attribulações foi a vida do mavioso bardo.

Desde a hora em que veiu á luz do dia, quando o anjo da poesia,

adejando-lhe o berço, recolhia os seus primeiros vagidos, até o angustioso momento em que via ir-se-lhe a vida no navio que se afundava, esquecido no fundo de um camarote, sem estender-se para salva-lo mão protectora, durante os quarenta annos de sua penosa existencia, mal gosava as doçuras de um prazer ligeiro que mil amarguras o vinham logo torturar.

«De um mundo a outro impellido», as flores e os cardos misturavam-se-lhe no caminho da vida, que ainda aspirando os perfumes d'aquellas, já sentia-se ferido pelos espinhos d'estes.

Moço, menino ainda, já a inspiração incendiava-lhe o cerebro, e expontaneo brotava-lhe o verso, correcto e puro, a annunciar o grande poeta. Eram os primeiros lampejos, era o madrugar do genio.

Lá, nas margens do Mondego, na convivencia fraternal de outros filhos dilectos das Musas, a todos sobrelevava-se o bardo maranhense, occupando logo o logar que mais tarde ninguem ousaria disputar-lhe.

Como nos tempos da cavallaria, o moço valente e brioso, cujos feitos já eram admirados, sentia-se cheio de nobre orgulho, sendo armado cavalleiro pelo velho guerreiro, heroe de mil batalhas, tal sentiu-se Gonçalves Dias quando o principe da litteratura portugueza, poeta elle mesmo, Alexandre Herculano, depois de ler os *Primeiros Cantos*, escreveu sem ao menos conhece-lo estas palavras:

«Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta.»

Jamais vaticinio algum teve tão plena realisação.

De então cada producção do joven poeta, cada livro que publicou, foi mais um florão para a refulgente corôa que cingia-lhe a fronte, mais uma columna para o monumento de eterna glória que levantava-lhe o seu peregrino talento.

Alma aberta aos mais nobres sentimentos, engenho fecundo e sempre virente, estro brilhante e inspirado, nunca os seus versos desceram ás miserias humanas; aquellas alvissimas azas do cysne do Itapecurú jamais roçaram pela vasa. Carregado de trophéus, nunca se deu por saciado, e ainda soavam as acclamações de uma victória, já em novas conquistas litterarias empenhava-se o seu robusto talento, já a sua esplendida imaginação entrava a devassar novos horisontes.

Patria, amisade e amor — foram as divindades a que rendeu mais fervoroso culto.

Quanto o amor o embeveceu dizem-nos esses lindos versos que todos nós sabemos.

E a amisade, santa e nunca desmentida, revela-se em cada página de seus immortaes livros.

Ausente da patria, sentidissimas endechas desprendiam-se-lhe da lyra, voava-lhe a alma e vinha espairecer nos leques de suas queridas palmeiras. Ou fossem as glórias nacionaes, ou bellezas naturaes d'esta terra, ou os prelios e ritos de seus aborigenes, a strophe que os cantava vinha sempre repassada do suavissimo sentimento que a inspirava.

Tal foi Gonçalves Dias.

Morto tão desastradamente quando já aspirava as auras patrias e alongava a vista por esses bosques e varzeas, onde encontrava mais vida e mais amores, mal enxugavam-se as lágrimas que amigos sinceros derramavam por perda tão irreparavel que a elles vinha a ideia de manifestar a gratidão nacional no marmore que acaba de ser levantado.

E de entre seus amigos um, alma ardente, coração talhado para os mais nobres commettimentos, o dr. Antonio Henriques Leal, tomou na empreza decidido empenho e a ella entregou-se de corpo e alma.

Era que na realisação do magnifico pensamento havia mais do que um preito rendido á amisade, era uma homenagem ao genio, um serviço á patria.

Foi a ideia abraçada com alacridade, mas bem depressa caíu e esfriou. Só elle não esmoreceu.

Não podia ser farta a colheita; contentou-se com o pouco que ía obtendo, até que esses poucos, adquiridos lenta e esparsamente, arrojaram-n'o a dar cabo da empreza.

Que não seria sumptuoso o monumento dizia-lh'o o obulo recolhido, mas ao menos poderia servir para mostrar que a geração contemporanea do poeta não legaria ás gerações futuras o saldar essa grande divida. Tem pois este monumento esta singularidade — levantaram-n'o aquelles que ainda hontem apertavam o poeta entre os seus braços.

Não poude a terra da patria guardar-lhe os restos — que roubou-lh'os o occeano. Não quiz Deus que fosse satisfeito o desejo por elle manifestado, quando no *adeus a seus amigos no Maranhão,* dizia:

..... Oh! quem me dera
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que eu morresse entre vós....

— que não lh'o consentiu a sorte vária; mas guarde-lhe este povo o monumento que perpetua-lhe a memória, e nos seus livros, que perdurarão emquanto se fallar e escrever esta lingua, conviva com elle que ahi, n'essas sublimes páginas, encontrará toda expandida a grande alma d'aquelle que hoje glorifica.

Está erigido o monumento.

Pompea a estátua em sua soberba columna.

Descobre-se respeitosa a multidão e sauda com delirante enthusiasmo a effigie do gran-cantor.

Mas, espraiando a vista, sentem-se vasios dois logares, que por ninguem podem ser preenchidos: um dos que os deviam occupar está não longe, o outro alem dos mares; este é o amigo dedicado e enthusiasta, o iniciador, o motor, alma e vida de tudo que vemos; aquelle o amigo-irmão, o companheiro da juventude, o que viu o despontar do astro e o acompanhou admirando-lhe o esplendor que nunca enfraqueceu — porque do zenith em que se achava tombou e desappareceu entre as ondas — o amigo que sentiu-lhe mais perto o coração, que conheceu as dôres e prazeres que o faziam pulsar; ambos, ardendo em desejos de se achar entre nós, mas cedendo ao — impossivel — que lhes obsta a presença aqui — um o dr. Antonio Henriques Leal, o outro o dr. A. Theofilo de Carvalho Leal.

A aquelle, se n'esta hora, por seus esforços consagra tão dignamente o Maranhão a memória do poeta, a elle paga o premio merecido, tributando-lhe ao mesmo tempo o mais vivo reconhecimento.

A redacção do *Paiz,* não podendo por outra fórma manifestar o seu júbilo, distribue na hora em que é inaugurado o monumento esta folha, contendo os principaes discursos e poesias, que vão ser proferidos e lidos, para que a saudação levantada ao poeta diante de sua estátua seja ao mesmo tempo correspondida por toda a cidade.

Breve allocução escripta pelo dr. Antonio H. Leal, para ser lida por seu procurador especial o sr. José Manuel Vinhaes, no dia e por occasião da inauguração da estátua do poeta Antonio Gonçalves Dias.

Senhores, descubramo'nos e curvemos respeitosos as frontes ante a estátua do sublime poeta cuja immensa e imperecivel glória irradia explendorosa por todo o imperio do Brasil; d'essa estátua que se nos mostra com todo o seu brilho artistico illuminada pelo sol americano. Enchamo'-nos do mais justo orgulho não só por possuir esta bella cidade um monumento, como por ser o primeiro que se levanta no Brasil a expensas e esforços particulares. O estrangeiro que aportar a nossas plagas contemplará de longe este testemunho da nossa homenagem ao genio poetico.

Traçar o elogio do creador da poesia nacional é ocioso quando o proclamam com eloquencia e bem alto seus escriptos, os *Tymbiras*, e seus immortaes *Cantos*. E demais, não me é dado coordenar idéas; que me combatem n'este momento o espirito e embaraçam-me a penna tantos e tão oppostos sentimentos — de intima satisfação e extraordinario contentamento pela realisação d'esta idéa por que lido desde o infausto dia 3 de novembro de 1864, que é de todos nós, e de que fui apenas humilde executor e fiel intérprete; e de saudades d'essa terra querida, que trago sempre no coração e na memória; pungindo-me ellas agora mais amargamente.

Ahi tendes essa divida de gratidão paga por nós, coetaneos, ao genio do poeta brasileiro, não consoante aos meritos, ao valor litterario e ás virtudes de Antonio Gonçalves Dias, nem á medida de meus desejos que, mercê de Deus e da coadjuvação de meus patricios e de benevolos estrangeiros, levaria de certo ao cabo, se a cruel enfermidade que me traz ausente da patria ha mais de cinco annos me não frustrasse os planos; mas consola-me ao menos a idéa de que para Gonçalves Dias é de hontem a posteridade, fazendo apenas nove annos que esse astro fulgurante afundou-se para sempre nas aguas do oceano, que lhe serviram de tumulo!

A vós, habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão, e com especialidade aos illustres membros da sua municipalidade dirijo-me por derradeiro: minha missão termina hoje e começa a vossa, muito mais importante e delicada, poisque vos cumpre zelar pela conservação d'este monumento, que é d'ora avante propriedade da pro-

vincia, e depósito nacional que importa ser guardado com toda a veneração e acatamento, como estímulo perenne a instigar ás gerações vindouras para que trilhem desassombradas as sendas, que conduzem á glória e á immortalidade.

Discurso do sr. presidente da camara municipal

Srs. membros da commissão encarregada de erigir o monumento ao dr. Antonio Gonçalves Dias—É para mim motivo de justa glória ser o interprete do júbilo d'esta cidade por ver realisado o monumento do grande poeta. A divida que hoje paga o Maranhão era uma divida nacional, porque Gonçalves Dias não honra só a sua terra natal, porém a todo o Brasil.

A camara municipal d'esta cidade, recebendo este monumento, não póde deixar de dirigir um voto de louvor, expressão de reconhecimento nacional, ao dr. Antonio Henriques Leal, a quem se deve a realisação do grandioso pensamento por elle concebido e desenvolvido; e tambem agradece a todos, nacionaes e estrangeiros, que por qualquer fórma o auxiliaram e contribuiram para que a estátua do grande cantor do alto d'aquella columna possa attestar ás gerações futuras a gratidão de um povo coetaneo áquelle, cujos cantos lhe serão padrão de eterna glória.

A cidade do Maranhão assignalará entre os seus primeiros dias este em que se inaugura a estátua do immortal poeta.

E a camara municipal, á qual tenho a honra de presidir, congratula-se com a digna commissão que dirigiu as obras do monumento pelo cabal desempenho que deu a tão honrosa tarefa. Possa este tributo de homenagem ao primeiro poeta nacional servir de estímulo aos que trabalham para opulentar as lettras patrias, ou, por outra qualquer fórma, para glória e engrandecimento do Brasil.

Maranhão, 7 de setembro de 1873.

A. Collares Moreira.

Allocução proferida por occasião de ser inaugurada a estátua do poeta Antonio Gonçalves Dias

SENHORES.

Estão cumpridos os nossos votos; a estátua do nosso grande poeta acaba de ser inaugurada, solvendo-se d'este modo a divida de gratidão em que se achava este povo para com aquelle homem. Quem tanto se elevou quando vivo entre os seus compatriotas a esforços do seu immenso trabalho, ao influxo do seu bellissimo talento, bem merecia estar hoje collocado em alto pedestal entre os que o cercam, não para lhe ouvir a palavra harmoniosa e inspirada, que a seus labios poz o eterno sêllo a mão da morte, mas para lhe sagrar a memória na representação duradoura do granito, entreleçando nos fustes e no capitel de uma columna os raios esplendidos da glória e as flores sempre vivas da saudade.

De hoje em diante devemos todos sentir o coração menos captivo; já o não opprime o cuidado, antes já o perfuma do seu delicadissimo consôlo o bafejo da consciencia na gratidão popular. Justo era que rendessemos tributo ao maior apostolo que nos prégava a religião da arte, e prestassemos esta homenagem á magestade do inspirado poeta.

Não lhe provinha a realesa da vontade de um povo, nem de um artigo de constituição ou lei humana. Recebeu-a elle das mãos de Deus; fê-la resplender entre os homens, subindo na terra á mais elevada posição, que se póde subir. Servia-lhe de corôa a aureola refulgente, que ornou a fronte de Homero; tecia-lhe o genio a roçagante purpura; alvejava-lhe o arminho o raio de luz complexa do seu formosissimo talento.

Magestade eleita pela propria natureza, subditos lhe foram todos os que leram seus maviosos *cantos*, ouvindo um echo dos seus versos immortaes, o mais fugitivo som da fama de seu nome.

Poesia, história, litteratura e linguistica — tudo se amoldou ao seu genio e foi por elle cultivado. A obra nos ficaria acabada e perfeita, se a morte no lanço da rede impia o não colhesse tão cedo, quando elle então se achava no periodo de maior robustez do seu talento; mas, é bastante o que d'elle nos ficou para eternisar o nome. Lavra-lhe um magnífico florão a epopéa indigena por elle creada, e os

cantos inspirados do seu delicado lyrismo não encontram rivaes na doce lingua, que é tambem a nossa, mais harmoniosa talvez depois que atravessou o oceano e veiu n'este mundo novo reflectir em si a luz de um ceo diverso, modificando-se ao som da brisa dos palmares, ás vozes consonas da nossa esplendida natureza, ou nas montanhas e nas campinas extensissimas do sul, ou nas florestas verdejantes e nos caudalosos rios do norte.

Nascido sob as auras ardentes d'este clima, em uma cidadesinha á beira-rio, apertada entre uns morros, que lhe estreitam o horisonte, e um manancial perenne de aguas, em valle risonho onde sombreiam laranjaes em flor cobertos de quando em vez pelo véo denso das neblinas, ali começou o despontar brilhante o seu rico engenho, que em seguida passou a desenvolver-se em uma outra cidade á beira-rio tambem, cheia de seu valor historico e da profusão de sua sciencia, a saudosa filha do Mondego, ufana ainda dos brasões de Cidazunda, e para sempre célebre pelos amores de Ignez, que ali passaram.

Era differente o povo, mas irmão; era diverso o clima, porém sem as sombras nevoentas do norte-europeu; e ali posto a viver os melhores annos da sua vida, com o espirito voltado para o ceo da patria, que tem mais estrellas, para as nossas varzeas, que teem mais flores, para os nossos bosques, que teem mais vida, e para a nossa vida que é mais cheia de amores, d'aquella célebre cidade, e do seio d'aquella boa e amiga gente voltou o inspirado poeta ao ninho seu paterno, rico de talentos e de esperanças para ser entre nós o verdadeiro creador de um novo mundo litterario.

Effectivamente o foi. O primeiro volume de versos com que veiu á luz da publicidade attrahiu grandemente a attenção do nosso e do glorioso povo transatlantico, que falla a mesma lingua em que tão formosos versos foram escriptos. Entre nós subiu logo de ponto a popularidade do inspirado poeta, e de alem do oceano um grande talento unido a um grande caracter e a uma vastissima erudição, o sr. Alexandre Herculano, bateu palmas a tão brilhante estreia, sagrando desde logo o apostolo das nossas lettras.

Foi no periodo da expectativa e de adormecimento em que então se achava o nosso movimento litterario. Guardavamos ainda viva a lembrança das *lyras* de Thomás Gonzaga, poeta do periodo colonial—que não era nosso e que bem podia sê-lo, se mais des-

prendido em espirito da Arcadia; e d'entre os nossos poetas contemporaneos só se haviam popularisado o sr. Magalhães com algumas das bellissimas composições dos *Suspiros e Saudades*, o velho Odorico Mendes com o seu *Hymno á tarde*, sendo tambem estimados porém em mais elevado circulo de homens de lettras o sr. Porto-Alegre, que tão grande reputação depois obteve, o sr. senador Firmino Rodrigues Silva por amor da sua *Nema* á morte de um moço de talento notavel, o dr. Francisco Bernardino.

José Basilio e Santa Rita Durão, os primeiros que entre nós deram fórma litteraria ao elemento indigena do paiz, viviam da memória dos seus poemas, e em ambos aquelle elemento foi pouco vivificado, porque só apparecia em descripções das scenas da natureza ou em episodios classicos, manifestando um sentimento, que é de todos os tempos e de todas as raças, e que já anteriormente havia sido symbolisado entre os pontos extremos dos Dardanellos nos fogos de Sestos e no tragico acabamento de Leandro, o louco amante de Hero.

D'este modo e em taes condições o primeiro livro do nosso poeta ganhou logo o favor público. Eram vozes que ainda não tinhamos ouvido, eram manifestações de sentimentos individuaes, que a todos aprazia ou enthusiasmava; era como que o resurgimento da vida de um povo por bem dizer extincto, de que nós não conservavamos a minima lembrança, mas que se erguia das sombras do passado a nos cantar os seus cantos de guerra, o phantastico da tradição receiosa da conquista, a nos pintar o seu estado de civilisação, a nos fallar, mas já em linguagem complexa, de tudo quanto haviam elles pensado e sentido.

D'ahi por diante o trabalho encetado se foi completando até que em quadro de maiores dimensões o esbôço já perfeito do elemento indigena mais se desenvolveu nos *Timbyras*. Pena, grande pena que o artista não concluisse a tela.

O romance, postoque incompleto; o drama; a história do povo extincto deram emprêgo ao seu talento. Mas, sobretudo nos cantos lyricos foi em que mais se elevou e distinguiu, occupando mais que saliente logar entre tantas composições delicadas e sublimes as *Sextilhas de frei Antão*, que eu peço licença para dizer que são no genero a que pertencem os melhores modelos em lingua portugueza.

Se tão alto se elevou pelo talento, não serei eu quem agora lhe

levante a cortina dos seus infortunios. Que lhe não foi próspera a vida n'este mundo — todos o sabem; mas, que da glória eterna elle se adorna — todos o reconhecemos.

Pois viva entre nós na apotheose d'esta estátua quem nem sequer teve a commum fortuna de possuir uma pedra para lhe cobrir os ossos. E não pequena é a nossa em lhe havermos pago tamanha divida, cabendo-nos ao mesmo tempo a glória de ver nos relevos do pedestal da columna, que aqui está e aqui fica, os medalhões de um Gomes de Sousa, de um Lisboa, de um Odorico e de um Sotero. Poderão de ora em diante tirar-nos tudo, menos esta gratissima sombra do portico de Athenas.

Devêra ter sido feita a 3 de novembro do anno passado, anniversario da morte do poeta, a cerimonia da inauguração a que hoje assistimos. Impediram que assim se fizesse algumas circumstancias imprevistas, que agora foram vencidas. Mas, não é o dia de hoje o menos proprio. Ao sol de setembro revive sempre em nossa memória o grito do Ipyranga; e com as recordações da nossa independencia bem podemos confundir as festas da apotheose do nosso grande poeta, ensinando ás futuras gerações que, assim como soubemos conquistar a liberdade, honramos a memória dos talentos privilegiados, que Platão no sonho do ideal da republica coroava de flores, postoque injustamente os collocasse fóra dos limites da gestão dos negocios politicos.

Honremos, honremos todos ao altissimo poeta.

GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA.

Discurso do sr. presidente da commissão da praça

SENHORES.

Quando o povo do Maranhão ergue-se, por um impulso generoso, para saudar esse perenne testemunho de gratidão, que o paiz reconhecido levanta a memória de Antonio Gonçalves Dias, a commissão da praça do commércio, não podia ficar inactiva, mas acode pressurosa a acompanhal-o em seu saudar patriotico, para com a estátua do mavioso cantor.

O Maranhão deve achar-se ufano!

É esta a primeira localidade, depois da capital do imperio, onde se ergue um monumento significativo do apreciado merecimento de um cidadão rei!

Honra pois a seus filhos que para elle concorreram.

Honra a esses cidadãos, que, sem o titulo obrigatorio de compatriota do grande genio, abraçaram a idéa de perpetuar sua memória em massiço granito, convencidos de que o genio não tendo patria fixa, é cosmopolita e pertence a todos os povos.

O monumento que acaba de ser desvendado aos olhos da população commovida, attestará aos vindouros, que um ponto do norte da Joven America do Sul, um povo enthusiasta soube pagar o tributo de amor e gratidão áquelle que tanto se esforçou por fazel-o conhecido, captando os applausos da velha Europa maravilhada!

Ainda mais — mostrará ás gerações futuras quanto póde conseguir um amigo dedicado, vontade energica e constancia inabalavel, que, vencendo innumeros obstaculos, mais pugnou para que fosse erguido esse padrão de glória ao immortal poeta.

A par d'esses venerandos bustos que circumdam a estátua do maior poeta do imperio de Santa Cruz, regista esse monumento um nome bastante illustre, para fazer honra aos mais benemeritos de seus filhos!

Antonio Henriques Leal será saudado, por certo, como um benemerito das lettras, typo da dedicação.

Agora que está paga a divida de honra ao caxiense, que, depois do lidar da intelligencia, veiu repousar no tumido leito dos mares da patria, cumpre ainda aos seus admiradores zelar e manter esse tributo de sua dedicação.

A commissão da praça do commércio do Maranhão deposita respeitosa ante a estátua do grande poeta seu patriotico saudar.

Maranhão, 7 de setembro de 1873.

José Joaquim Pereira dos Santos, presidente.
José Pedro Ribeiro, secretario.
Antonio Justiniano de Miranda, thesoureiro.
Domingos Theotonio Jorge de Carvalho.
Jerorymo José Tavares Sobrinho.
Franklin Jansen Serra Lima.
Luiz Manuel Fernandes.

Á MEMORIA DO INSIGNE POETA ANTONIO GONÇALVES DIAS

Entre uma idéa nobre, um pensamento
Quando fecundo, e ao mesmo tempo santo,
Entre as ondas de um povo enthusiasta,
Para exaltar-te o nome hoje reune
Do Maranhão a flôr nas ordens todas,
Longe embora da scena grandiosa,
Ser não póde meu peito indifferente;
E apesar da distancia activa parte
Tomo oh! Dias! em ledo e puro júbilo
Da memória immortal na honrosa festa.
Minha alma exulta imaginando a pompa,
Com que o presente ás gerações futuras
Envia-te a lembrança affectuosa,
A inicial do marmore, e do bronze,
Que a eternisar-te o vulto se destina,
Como os teus lindos versos eternisam-te
A voz, a inspiração, e o sentimento.
E a propria lyra que em silencio triste,
Por estranhos cuidados, muitas vezes,
Pende esquecida da mangueira a um ramo,
Do Eolo patrio agora bafejada,
Estremecendo as cordas, me convida
Uma off'renda a depor no templo augusto.
Digno porém de ti que canto acaso
Posso entoar que grato te pareça
Nas regiões ao genio destinadas?
Cysne do valle ameno, ah! quem me désse
As tuas azas nitidas, pujantes
Para soltar galhardo um vôo altivo,
Que chamasse a attenção por longas eras!
Oh! quem me déra um estro omnipotente!
Si escutado n'est'hora o meu desejo,
O poder ao querer egual me fosse,
Á profusão total meu preito unindo
Em carmes de um encanto inexhaurivel,

Suaves, como as auras matutinas,
Tristes, como a saudade enternecida;
Que partindo do mundo nos deixaste
E no entanto brilhantes, qual no estio
Do nosso sol a luz resplandecente,
Das tuas mesmas flores apanhadas
Aqui, ahi no teu jardim mimoso,
Uma formosa cr'ôa entretecêra,
Que o teu martyrio e glória recordasse!
Da côrte que te cérca pressurosa
N'essa oração ardente a proclamar-te,
Espontanea e sincera, um benemerito,
O animado sussurro ouvindo attonitos,
De eterno, frio gêlo repassados
Perguntarão, quem sabe?! os que não sentem
Da magica poesia o doce enlêvo:—
Em tão curta viagem esvoaçando,
Que fez o rouxinol americano
Para attrahir, que fez, tamanho affecto?!
O que fez?! eu direi—Cantou: seu fado
Era cantar até perder o alento!
E cantou como o anjo nas alturas;
De harpa divina, acompanhando as vozes:
Bemdisse da virtude; a palinodia
Proferiu contra o vicio desprezivel;
As dôres adoçou com sons sublimes,
E alegrias creou tambem com elles.
Si a ventura real do bem procede,
Quem mais que o vate amor e sympathia,
E gratidão merece sobre a terra?!
O eleito do Ceo por um mysterio
Não é seu, não, pertence á mão que o rege,
Que a inspiração nos labios lhe derrama,
Que na vontade a devoção lhe accende!
Da humanidade a marcha é uma epopéa
Pelo punho de Deus em leis escripta
Com caracteres vivos, indeleveis,
Do coração nas fibras melindrosas,

E na essencia subtil, que não perece:
Tão vasta como o mundo em que passa,
Tão bella como a origem d'onde emana,
Começou com a existencia do universo,
E ha de acabar... Quem póde achar um termo?
E o limite assignar do indefinido?!
Com as baixas turbas que não tem um nome
Varões ahi notaveis apparecem
E da obra immensa o pessoal completam.
O rei segue orgulhoso o seu destino
A si quanto conhece referindo:
O guerreiro o poder da força exerce,
Com os triumphos se apraz apregoados,
Que em sangue a seus irmãos nadar obrigam,
E de espolio, e conquistas se enriquece:
D'ouro o seu cofre o explorador repleta,
E nos prazeres ao depois se embebe,
Como em liquido a esponja a saciar-se
Os poros todos repassando anciosa:
Até o folião que nada occupa,
Que corre inutil procurando gosos
Lucra da vida que ao sabor lhe volve!...
Mas ao triste poeta, em seu proveito,
No geral movimento, o que pertence?!
Ao fanatismo apenas escapando,
Porque audaz a verdade proclamava,
Orpheo instrue a Grecia, e acaba misero
Em mãos que só amor reger devêra:
Vem ao depois Homero memoral-a,
Que cego esmola o pão de cada dia,
Como um proscripto, peregrino, errante
Dante exilado inda condemna o arbitrio
De Florença a favor que ingrata o engeita:
Camões se sacrifica pela Patria,
E indigente succumbe n'um hospicio
Só do seu Jau fiel acompanhado:
E tu, Dias, tambem do lar ausente,
Das mil bellezas suas na colheita,

Morres servindo o teu paiz querido,
E lhe legas ainda as harmonias
Que o mar roubar não quiz venerabundo!...
Assim a fonte limpida não brota
Para si o licor que a sêde applaca!
Assim o evablo dá seu doce nectar!
Assim a flor entorna o seu perfume!...

Setembro, 7—1873.

ANTONIO C. DE BERREDO.

GONÇALVES DIAS

ODE.

Ao dr. Antonio Rego

O céo e o oceano
— Imagens do infinito — reclamaram
E para si guardaram
Os despojos do vate americano
.....
.....
Mas se a terra seus ossos não consome
Teve em partilha a glória de seu nome.

BERNARDO GUIMARÃES.

Glória ao poeta — genio!
A turba se descobre e exclama: Glória!
O mundo acompanhando o côro edenio
mimoseia o porvir, corteja a história.
E a estátua de granito
anima-se no meio do concêrto,
erguendo-se á raiz do plaino aberto
como o sol no infinito.

Eil-o! Silencio!... A aragem
em nossas noites—meiga e perfumosa,
do rio a voz, da lua a branca imagem,
a palmeira a florir verde e frondosa,

da tarde as harmonias,
as rútilas espheras lá no espaço,
o mar que a escondeu em seu regaço,
tudo, tudo nos diz: GONÇALVES DIAS!

Sim, sim elle foi grande... elle era enorme!...
E quem d'aqui não descortina occulto
o *Gigante de pedra* homereo, informe?
Quem de *Coema* o doce e ameno vulto?
Inda *Y-Juca-pyrama* a voz expande
Em seu canto de morte altivo e nobre!
E tudo isso hoje diz, tudo descobre
o quanto elle era grande!

Elle era d'esses talhados
para crescer e subir.
Trazia a seiva divina
nos musc'los a refluir;
no cerebro a lava ardente,
na voz o verbo fulgente,
— como phanaes do porvir!

Em hora de amor profundo
Deus o fez vir até nós,
e disse: «Poeta, dirige
«as orchestras com tua voz!
«o mundo por ti espera,
«perfuma-o de primavera,
«dá-lhe eternos arrebóes.

«Em face de tuas dores
«rir-se-hão os pygmeus;
«mas, em troca, nos teus prantos
«dá conforto aos prantos seus;
«lhes aponta em teus poemas
«a solução dos problemas,
«que despenhou os Antheus.»
.....

Elle veiu peregrino
assentar-se ao nosso lar,
como o velho bardo grego,
de tenda em tenda a cantar
cantigas que ás caravanas
repetem hoje as savanas,
á luz alva do luar:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
as aves que aqui gorgeiam
não gorgeiam como lá...

E assim a cantar andava
soluçando paz e amor;
no prazer, velando o pranto;
no riso velando a dor:
mas seu olhar sempre fito
na planura do infinito
como no sol o condor!

Um dia porém... calou-se!
enviuvaram as canções!...
adormecêra e se fôra
como vão-se as estações...
guardaram-lhe o extremo alento
as vagas em movimento,
as bôcas dos furacões.

Como Haidéa em doces beijos
reanima a D. Juan,
as ondinas em cortejo
mostram-lhe nova manhã.
«Sê bem vindo!» — dizem umas
enxugando-lhe as espumas,
que o envolviam, do mar;
outras — vem-lhe pressurosas
trazer um leito de rosas
e folhas de nenuphar.

Sê bem bem vindo! ah! e tão tarde!
«Não vinhas mais já... talvez?!
«Meu coração por ti arde.
«pallido bardo... não vês?...»
Outra — meiga o acaricia
dá-lhe a beber ambrozia
dos seus paços de crystal.
E o poeta como em sonhos
aos beijos dorme risonhos
d'esse bando festival.

Assim emquanto o oceano
nas ribas que o viu nascer
seu corpo procura ufano
como um thesouro esconder,
outro oceano — o da história —
sua alma cheia de glória
guardando em rútilo veo,
eco de um triste lamento
aos frios beijos do vento,
vae abrigal-a no céo.

E tu, estátua d'argilla,
Trophéo erguido n'um montão de glória
tua base não vacilla...
não carece dos evos a memória!...
Para ires ao porvir te basta o nome
do vulto a quem te exalças em renome.

Minh'alma já desvenda
as nevoas d'essa edade que se avança...
Tu luzes lá na senda,
como um iris fagueiro de esperança!
em cada busto que teus pés rodeia,
eu vejo um prelio em que venceu a idea.

Vem, turba enthusiasta,
exalta o genio lhe inflorando a c'roa!
mentiras cortezans de ti afasta,
e solemne choral alegre entoa!

Terra das melodias,
terras do Maranhão, verdes palmares!
inda mais uma vez estruja os ares
seus cantos immortaes — GONÇALVES DIAS!

Rio de Janeiro, 1873.

JOSÉ E. TEIXEIRA DE SOUSA.

VERSOS NA INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA DE GONÇALVES DIAS

(A Themistocles Aranha)

... a historia os resgata do abandono
E as gerações lhe fazem para culto
do tumulo um altar, da campa um throno.

MENDES LEAL (Canticos).

O seu vulto ali vejo! Transparece-lhe
Na fronte augusta a nobre inspiração!
Tem-lhe, ha muito, rendido vassallagem;
Mas de novo prestar — vem homenagem
A seu grande Cantor o Maranhão.

Que hymno harmonioso o mar envia!
Que cantos festivaes a brisa entôa!
Não sabeis!? É que hoje aos pés do genio,
N'este plaino risonho por proscenio,
Vem-lhe o povo trazer — a sua c'roa.

Bem do peito, espontaneo é o tributo,
De versatil lisonja não nasceu:
Não é mais esse vulto um ser humano:
Lá ficou entre as dobras do oceano,
Entre as brancas espumas se escondeu...

Mas quem era?... Entre nós com lyra d'ouro
Nas magoas ensinou-nos a soffrer,
De seus labios perennes dimanavam
Melodias que o peito inebriavam
E o alento faziam reviver.

As bellezas da Patria com seus versos
Da Europa ás nações elle mostrou;
Nossas invias florestas penetrando,
Foi seu estro qual sol illuminando,
E os indicos mysterios revelou.

Lá do bosque no fundo, entre os palmares,
O indio fero atravessou veloz...
Nós, de susto transidos escutamos
Entre os gritos de dor dos gaturamos,
Do *boré* e da *inubia* a rouca voz.

E os grandes esquadrões de peito a peito
—Homericas visões!—pudemos ver.
Dos golpes ao embate, a penedia,
As florestas, o céo estremecia,
Ia o sol entre nuvens se esconder.

Depois, com que magia os outros quadros
Em que tudo é encanto e só primor!!
Onde acaso soou mais eloquente
Da magu-. e da paixão o verbo ardente?
Quem melhor traduziu o que era amor?!...

Sim exulta, poeta, e acceita ufano
Os louros d'esta explendida ovação.
Já ha muito rendeu-te vassallagem
Mas vem hoje prestar nova homenagem
A seu grande cantor o Maranhão.

UM MARANHENSE.

O ANJO DA GLORIA, O POETA E A PATRIA

VISÃO

Á memoria de A. Gonçalves Dias

O ANJO DA GLORIA

Quem és, que buscas da memória o templo,
Só destinado aos eleitos meus?
Quem és, que vens ao Pantheon sublime
Onde colheste os divinaes tropheos?

Tenho na dextra chammejante gladio
Para obstar aos desvarios teus,
Si no recinto penetrar quizeres,
Onde só vivem immortaes... e Deus!

O POETA

Quem quer que és, apparição ou encanto,
Venhas do céu, ou a um rancor profundo
Principio sejas condemnado e ao pranto
Consente que do mundo
Rompa minh'alma esta prisão sombria,
E como o fogo presto s'irradia.
Nos seios do tufão, do lodo immundo
Livre, se remonte á immensidade,
Que dos genios habita a potestade!

Quaes são os meus tropheos? de nobre povo
São da saudade os soluçados prantos.
É de harmonia inexhaurivel fonte,
É um livro immortal, são os meus *cantos*.

Quem quer que seja... o que importa? quero
Seguindo o impetuoso furacão,
Dos orbes todos percorrer a esphera,
De luz encher o espaço, a vastidão.

Inda que role pelo abysmo fundo
E sobre mim o raio o céo desprenda,
Deixa que fite o creador do mundo,
E que o meu em seu espirito accenda.

Si elle no cahos modelou a ordem,
Si ante a sua feitura se extasia,
Do bello eterno a substancia, a fôrça
O meu genio exprimiu na poesia.

O ANJO DA GLORIA

Creatura rebelde, tu revelas
N'este arrojo de orgulho irreverente
D'alma o desvario, o desatino
Do pensamento teu soberbo, ingente!

Mas é isto o poeta! Ora terrivel
Rubro clarão a mente lhe illumina,
Quer reunir possivel e impossivel,
Ultraja o proprio Deus, tudo fulmina!

Ora a ternura, a pallida tristeza
Lhe enche o peito, lhe motiva os prantos,
E o doce-amargo da saudade inspira
Languidos versos de suaves cantos.

Vem; tu recordas pelo orgulho insano
Ser descendente de Caim maldito,
Mas é teu coração mundo de affectos,
E n'alma tens o cunho do infinito!

Marcou-se teu destino lá no empyreo,
Para o teu nome tem logar a história;
Ergo a cortina ao Pantheon dos genios...
Entra, poeta, conquistaste a glória!

A PATRIA

Para ti, ó anjo, o poeta,
Para elle a eternidade.
A mim sómente o que fica?...

O ANJO DA GLORIA

Os seus *cantos* e a saudade.

Rio de Janeiro — 1873.

ANTONIO DE MELLO MONIZ MAIA.

AO POVO MARANHENSE

No dia da inauguração da estátua do seu maior poeta lyrico Antonio Gonçalves Dias em 7 de setembro de 1873

I

«Comme l'age future juges les monuments»
(LEMERCIER.)

Não, elle não morreu: seu genio e glória,
remidos do lethal esquecimento,
irão em duradouro monumento
dos evos á mais longiqua história.

Emquanto de seus versos a memória
o povo conservar no pensamento,
seu nome soará como um portento
nas tubas de alta fama meritoria.

Não, — elle não morreu: — na pedra dura
em que o ides ver, qual sempre foi,
não se póde cavar a sepultura.

N'esse marmor que o tempo não destroe,
exemplo ás gerações, — lição futura,
o vate viverá sagrado heroe.

II

Eia pois — á vida! — sus!
Corra-se o tetrico véo,
e venha a nós o poeta
na luz que nos vem do céo.
.....

III

Eil-o erguido na peanha
que o amor nosso lh'ergueu
contemplando o céo e sol
das terras em que nasceu!

Eil-o revendo as palmeiras
onde canta o sabiá,
desfructando esses primores
que só encontrava cá.

Eil-o ali no duro marmor,
que o tempo voraz não roe;
vede-o, e dizei aos evos
— não morreu; — sagrou-se heroe.
.....

IV

E vós, palmeiras da patria,
estrellas, varzeas e flores,
bosques em que elle achava
maior vida e mais amores;

e noites em que scismando
mais prazer sentia cá,
— sêde propicios ao marmor
do cantor do sabiá.

V

E tu, estátua, que mostras
d'este povo a gratidão,
vive e perdura emquanto
perdurar o Maranhão.

ALIQUANTO.

GONÇALVES DIAS

Por occasião de inaugurar-se a sua estátua

(Ao dr. Antonio Henriques Leal)

Eil-o talhado na pedra
fitando o dorso do mar,
o leito d'alvas espumas
onde se foi repousar;
sobre a lyra reclinado
o filho das harmonias
ouve as doces melodias
que a vaga vem entoar.

O bardo tem a seus pés
— o povo que mais amou,
sobre a cabeça — este céo
que seu verbo eternisou.
As turbas tecem-lhe c'roas,
o céo alegre o festeja,
a brisa que rumoreja
pelos palmares passou.

Doces beijos traz das rosas
abertas ao alvorecer,
um suspiro da açucena
que começa a enlanguecer;
do sabiá os gorgeios,
da jurity terno arrulho,
do lago brando marulho
a brisa vem-lhe trazer.

Saudemos todos no bardo
o genio da inspiração,
n'aquella estátua de pedra
voltada para a amplidão!
N'ella a patria reconhece
o senhor das melodias,
— o grande Gonçalves Dias —
a glória do Maranhão! —

7 de setembro de 1873. D. DA SILVA.

GONÇALVES DIAS

Recitada por occasião da inauguração da sua estátua

Eis em vulto entregue aos seculos,
quem, não sendo divindade,
perscrutava a eternidade
nos arroubos da poesia,
e, delirante abrasado
nas chispas da luz homerica,
dizia á Europa: D'America
a glória sou eu quem guia!

Silencio! que a história exalta
com voz sublime, estupenda
o seu nome, a sua lenda
aos sons de celeste hymno!...
Vinde, oh! turba! enthusiastica
prostrae-vos junto ao proscenio
onde em marmore é o genio
mostrando o sêllo divino.

Nasceu na brasilea Athenas,
onde se ostenta a corôa
de Sotero, de Lisboa,
de Mendes, Sousa e Galvão,
e tambem do audaz guerreiro
que no fogo das batalhas
entre o furor das metralhas
sempre foi o heroe Falcão.

De tanta seiva alentado,
qual o disco luminoso
elle se ergueu magestoso,
do berço das melodias;
e, na lyra meigamente,
vibrando «*Os primeiros cantos*»
a glória cheia de encantos
abraçou — Gonçalves Dias —

Oh! doce cysne adormido
no leito dos aquilões,
quebranta os duros grilhões
Do teu lethargo profundo,
que a Patria de amor perdida
teu nome ufana entoando
manda aos echos retumbando
espalhal-o pelo mundo.

Vem, oh filho das Mœonidas!
Sanctuario do ideal!
Do teu throno de crystal
contemplar a scena augusta.
Se humilde é a apparencia
brada altiva a voz da Fama:
—A glória o genio proclama
firmada em base robusta.

Que diga Dante, Virgilio,
quem com mais inspiração
brilhava quando o volcão
do teu craneo se inflammava,
e ouvindo o magico idylio
do sabiá mavioso,
teu estro terno e saudoso
mellifluas queixas soltava.

Mas alem era impossivel
um ser humano subir!
Era muito o seu fulgir,
devia o astro tombar.
Deus chamou-o ao seu imperio,
mas vendo a terra tão pobre
disse: P'ra argilla tão nobre
cave-se um tumulo no mar!

Caíu como o cedro enorme
pela tormenta batido,
como o condor que ferido
morre nos braços do vento.
Mas a saudade do bardo
para nós será estoica,
qual essa amisade heroica,
de quem fez-lhe o monumento!

Dorme, Poeta, que o genio
jamais o tempo consome!
A Fama dirá — teu nome,
a Glória — os fulgores teus —!
E, vós turba enthusiastica
vinde, correi offegante
saudar o vate Gigante
o brasileo semi-Deos.

S. Luiz, 7 de setembro de 1873.

MIGUEL MARQUES.

AOS MARANHENSES

I

Eis o Propheta sagrado.
Mensageiro do Senhor;
Na poesia embalado:
Eis o grande trovador:
Eis o bardo ennobrecido
Das Musas filho querido;
Excelso Propheta de Deus,
Que em todo mundo s'encerra,
Grandioso cá na terra,
Inda maior lá nos céos!

Eis o vate celestino,
Cuja lyra incomparavel
Fel-o no empyreo — divino,
Na terra fel-o louvavel:
Eis o genio portentoso,
Sublime, santo e donoso;
O bemdito do Senhor:
Eis a lyra incomparavel
Do poeta inimitavel;
Eis o nobre trovador.

Qual a rosa purpurina,
Rosa meiga e tão louçã;
Que se abre linda e divina
Ao rocio da manhã.
E que, do vento ferida,
Se desmaia emmurchecida
O anjo de melodias...
Mas o seu vulto ficou;
Eis ali — Gonçalves Dias!

Eis o cantor das palmeiras,
O cantor do sabiá;
O filho d'estas ribeiras:
Eis o poeta. Ali está
O genio mais sublimado,
Por mão divina fadado;
Do Brasil grande memória
Das Musas filho querido.
Eis o vate ennobrecido,
Do Brasil ditosa glória.

Como o dom de prophecia
Vaticinou qual a sorte,
Que elle, Rei da poesia,
Havia de ter de morte.
Cumpriram-se d'este poeta,
D'este invejavel Propheta
As celestes prophecias:
No niveo leito das aguas.
Se findaram suas maguas,
S'involveu — Gonçalves Dias!

Qual a Rosa desfolhada
Pelo rijo vendaval,
Aquella fronte inspirada
Do Brasil o pedestal
Se murchou, e lá das aguas
Vê o caminho sem fraguas
Qual a garcinha d'amor;
Abre, sahindo dos mares,
As azinhas, corta os ares,
Vôa ao throno do Senhor!

Lá, quem sabe?! o heroismo
Que no seu peito se encerra,
Com valor, patriotismo,
Talvez cante a sua terra,
Que reluz entre primores
No lindo leito de flores

De inspirações divinaes;
Talvez lá cante as palmeiras,
D'estas formosas ribeiras;
Talvez cante os sabiás!

II

Poeta nobre e sagrado
Do Brasil o pedestal,
Genio soberbo, inspirado
Pela musa divinal,
Grande vate ennobrecido,
Das Musas, filho querido,
Immortal d'estas ribeiras,
Recebe o meu canto pobre,
Que se humilha ao bardo nobre,
Ao gran cantor das palmeiras:

No branco leito dos mares,
N'esse leito de crystal,
Riscaram-se os teus pezares,
Morreste: És immortal
No nome, porque a palma
E os louros que tem tu'alma
São triumphos immortaes,
São glórias d'estas ribeiras,
Esmeraldas as palmeiras,
Diamantes os sabiás!

E lá do leito de flores,
Onde repousas, poeta,
Onde cantas teus amores,
Onde asseguras, ó Propheta,
Olha e vê o que s'encerra
Grande a ti por sobre a terra,
N'este throno de belleza,
Onde singelas canções
São dos ceus inspirações,
Onde brilha a natureza.

Possa minha voz se elevar
Da tua chegar aos ceus,
No teu peito descançar,
Sagrado filho de Deus;
Possa dizer-te ao ouvido:
Ó poeta enriquecido
De celestes melodias,
Morreste; mas sobre a terra
O teu nobre vulto se encerra,
Ind'está — Gonçalves Dias!

E vós, povo maranhense,
Perdoae se a honra, o brilho
Um joven piauhyense
Mareou do vosso filho.
Mas, emfim, sou brasileiro,
Sou d'este imperio altaneiro,
D'esta terra de harmonias,
Devo honrar ao bardo ingente
Do Brasil o mais potente,
Devo honrar ao grande Dias.

JOAQUIM RIBEIRO GONÇALVES.

GONÇALVES DIAS

Á digna commissão de inauguração do monumento ao poeta, no grande dia 7 de setembro

Non omnis moriar.
HORACIO

Nobre vulto! egregio vate,
Ergue a altiva fronte agora;
Que tua fama se dilate,
De setembro á linda aurora.
Não é acaso ao reclamo
Do teu nome grandioso,
Que se congrega gostoso,
N'este lugar tanto povo!?

É sim, este o povo altivo
Do galhardo—São Luiz,
Que vem dar-te signal vivo
De quanto amou e te quiz;
Que vem pressuroso alegre,
Render seus preitos augustos;
Ante a effigie e ante os bustos
De brasileiros illustres.

Appollo, Minerva, Marte?!
E vós Musas, tambem, sim;
Desenrolae o estandarte
Auri-verde de setim;
Vinde insufflar nova vida
Ao cysne tam popular,
Que tanto soubera amar
O berço que o Céo lhe deu.

Dae vida tambem a esse
Que se chamou Odorico,
No qual, *Virgilio* quem *lêsse*,
Saudaria um estro rico;
Dae vida a João Lisboa,
Historiador—eminente,
Que mesmo seria ingente
Se a parca o não retrahisse.

Dae vida ao grande Sotero,
Vulto de fundo saber;
Nobre, caracter austero,
Onde ha muito que aprender;
Dae vida a Gomes de Sousa,
Sol, que raiou no Brasil
Inda em annos, juvenil:
Dae vida a tantos luzeiros!

E depois prestae ouvidos
Ao Cantor dos Tymbiras;
Que d'essa tuba os soidos
Accordem suaves lyras.

Vindes ouvil-o? pasmae!
Pasmae, que Gonçalves Dias,
Creou novas ousadias
Co'estro que Deus lhe deu.

Jazia como dormido
Seu estro ardente e fugaz;
Mas este dia—querido
Novo impulso hoje lhe traz,
Ouvi-o, pois, em concerto
Com esses vultos da história,
E saudae, hoje a memória
Do cantor—rei da harmonia.

S. Luiz, 7 de setembro de 1873.

Frederico Guimarães.

GONÇALVES DIAS

Offerecido á digna commissão encarregada da inauguração da estátua

«Ao capitolio d'arte ascende entre a alegria,
Entre os vivas da lusa e da brasilea gente;
Se um sepulchro não tens, do berço teu florente,
Qual phenix immortal, resurge n'este dia.»

De setembro ao sol fecundo (realce á primazia!),
Jubiloso um povo te proclama—ingente.
E na imagem augusta, levantada em frente,
Sauda aqui nos tropicos,—o rei da poesia.

Da patria as bençãos, das lettras os gemidos;
O hymno, a strophe, as pompas—o tom das harmonias
Um céo risonho, o mar splendido, os bosques floridos:

Cortejo d'homenagens—qual só tu merecias!...
Depois—o som dos vivas aos versos repetidos:
Salve! Salve! Á glória do cantor Gonçalves Dias!

Maranhão, 7 de setembro de 1873.

SONETO A ANTONIO GONÇALVES DIAS

Em memória do Poeta laureado
O Brasil quiz erguer um monumento!
E tão grande e sublime pensamento
Foi em fino granito consummado.

Um tributo que ao genio só é dado,
Vem render a nação n'este momento!
Ao futuro legando um documento,
Que o presente lhe offerece do passado.

As musas n'esta festa nacional
Rendem cultos, em hymnos de harmonias
Áquelle que deixou nome immortal!

O cantor de inspiradas melodias,
Que na lyra seu estro divinal
Pelo orbe espalhou: Gonçalves Dias.

Maranhão, 7 de setembro de 1873.

SABBAS DA COSTA.

ANTE A ESTÁTUA

Á memoria de Gonçalves Dias

> Le Génie est un dieu tout de glorie et de flamme;
> L'harmonie est sa voix, la nature est son âme.
> Son vol n'est limité ni des cieux ni des mers;
> Les ailes, ses regards, embrassent l'univers.
>
> LEBRUN, LE GÉNIE.

Aquella fronte espaçosa,
Que vedes resplandecer,
Onde as muzas vão beber
Aurea luz da inspiração:
É do Deus das melodias,
O astro das harmonias,
Que surgiu como um vulcão

Deus disse «genio caminha
«Segue do Pindo a estrada
«Que tua fronte innundada
«De luz sempre ha de brilhar,
«Aclara dos ceus a terra
«E tudo que n'ella encerra,
«E ligeiro volta a teu lar.»

. . . . . .

Não vedes alli um monarcha
A um povo tyrannisar,
Nem vedes subjugar
Do culto povo a vontade:
Que essas purpuras... esses terrores
Quaes romanos imperadores
Tendo aos pés a «liberdade»!

Vedes do genio a estátua
De flamma c'roada a fronte
Que innunda o prado e o monte
De pura luz divinal!
O genio nunca arrefece,
E o mundo jamais se esquece
Do seu cantor immortal!

Passado bem curto espaço
Se cumpriu a prophecia,
Illuminou mais que o dia
Da terra té junto aos ceus;
O genio não demorou-se,
Da vida a luz apagou-se
Voltando ao seio de Deus.

Dos ceus a terra illumina
Esse astro tão brilhante,
Poisou na terra um instante
Deixou luz p'ra toda idade;
Essa luz não se limita,
Ella por Deus foi predita,
A rival da divindade!

A sorte mais que propicia
Marcou-lhe mais bella fada,
Entre os prismas d'alvorada
Lhes apontou a amplidão.
Em tudo resplandecia,
Seu estro brilhou mais que o dia,
Que a cratéra d'um vulcão.

O grato povo ergue o throno
Para um culto venerando,
Vejo a Europa memorando
Que junto ao culto s'acurva;
Todos os soes escurecem,
Todos planetas arrefecem,
Aquelle nunca se turva!

Um ser como és, bem vê-se,
Não póde ter outra sorte
Pois um Deus depois da morte
Sempre tem taes condições,
Tal foi o martyr da cruz,
Derramando intensa luz
Libertou as gerações.

O buril deixa em granito
De toda a idade a memória
Em aureas páginas a história
Aponta suas melodias,
A briza seu canto entoa
Taes são as per'las da c'roa
Que cinge Gonçalves Dias!

S. Luiz, 6 de setembro de 1873.

D. Freitas

Cabe aqui reiterar de publico, como já o tenho manifestado particularmente, meus sinceros e cordiaes agradecimentos aos distinctos e briosos membros da commissão, e em especial aos tres que compozeram a de obras, não só pelos muitos favores que sempre me dispensaram, como pelos assignalados serviços que prestaram, e porfiosas fadigas e desgostos que lhes sobrevieram no decurso d'essa operosa tarefa. Mereci-lhes sobre posse muita attenção, e por derradeiro a offerta da custosa e artisticamente trabalhada penna de oiro com que foi assignado o auto da inauguração da estátua. Egual obsequio recebi da digna directora do collegio de Nossa Senhora da Nazareth, a ex.ma sr.a D. Rosa Laura Parga Nina, respeitavel senhora, que ás raras qualidades de excellente mãe de familia accrescenta as de perfeita educadora de seu sexo, brindando-me, como grata recordação d'aquelle dia, com uma corôa de louros entretecida pelas innocentes e mimosas mãos de suas alumnas e por ellas depositada no dia 7 de setembro na base do monumento.

Não tomei tão significativas demonstrações como recompensa d'aquillo em que não fui mais do que mero executor dos desejos dos admiradores de Gonçalves Dias, e depositario das dadivas d'elles, senão como lembrança para consolar-me do grande pezar de não ter presenciado esses actos, junctado e minhas enthusiasticas vozes ás dos demais espectadores.

Fecho esta notícia com a descripção do monumento tal como a deu o bem escripto jornal de New-York — *O Novo Mundo*—, no seu n.º 44, do volume IV (23 de maio de 1874), por me parecer a mais completa de quantas tenho lido: «..... o monumento erigido á memória do insigne poeta brasileiro Antonio Gonçalves Dias, em uma das mais pittorescas e risonhas praças da cidade de S. Luiz, capital da provincia do Maranhão.... é elegante, magnifico e mui regular, sendo executada essa obra de arte na officina de canteiro do sr. Germano José de Salles, pelo talentoso esculptor portuguez, o sr. Reis.

«Tem o monumento, do primeiro degrau ao apice, 15 metros e 50 centimetros, cabendo á estátua 2 metros e 80 centimetros, á columna 9 metros e 50 centimetros, e ao pedestal e escadaria 3 metros e 20 centimetros. A estátua figura o poeta de corpo inteiro e de sobrecasaca, e como que a descuido desce-lhe do hombro esquerdo uma capa talar. Traz o braço direito naturalmente estendido, pendendo-

lhe da mão uma corôa de louros. O braço esquerdo encosta ao peito e segura na mão d'esse lado um rôlo de papeis. Juncto á perna direita está encostada uma lyra, e no lado opposto vê-se a mascara, emblema do drama.

«Nota-se muita originalidade na columna que, afastando-se dos systemas architectonicos conhecidos, imita um tronco de palmeira com os respectivos bolbos ou raizes por base, e por capitel palmas livres da mesma, sendo as demais presas de espaço a espaço por prescynthos. Em cada face do pedestal ha um busto de maranhense igualmente illustre por seu saber: Odorico Mendes — Sotero dos Reis — João Francisco Lisboa — e Gomes de Sousa.

«A grade que rodeia o monumento figura delgadas lanças terminadas por lyras, e as quatro columnatas que as reforçam são coroadas por grinaldas de louros.»

«O projecto de todo este conjuncto foi determinado pelo sr. dr. Antonio Henriques Leal, que só e com muita perseverança concebeu a idéa, adquiriu os meios de a levar a effeito, e conseguiu que se concluissem seus planos á medida de seus desejos.

«Foi effectuada a inauguração da estátua com grande apparato, brilhantismo e enthusiasmo, conforme já noticiámos, no dia 7 de setembro do anno proximo passado, anniversario da independencia do Brasil, e o assentamento da pedra fundamental do referido monumento a 10 de agosto, anniversario natalicio do poeta. A ceremonia e os festejos d'esse acto não ficaram a desmerecer em nada dos de agora.

«Tracta-se com muito empenho de aformosear a extensa praça dos Remedios, que vae ser toda calçada a mosaico, caprichosamente ordenado, segundo o plano remettido pelo referido sr. dr. Henriques Leal. Será circumdado de um leve gradil de ferro para proteger dois renques de formosissimas palmeiras que hão de ali ser plantadas, e dentro do espaço livre de um a outro renque um jardim com bancos de ferro.»

FIM DO TOMO III

ERRATA

AO

TOMO SEGUNDO DO PANTHEON MARANHENSE

PAG.	LIN.		ERROS		EMENDAS
9	1	em vez de	nem.....	leia-se	nada
15	14	»	ha.....	»	a
24	6	»	os primeiros.....	»	dos primeiros
53	14	»	como.....	«	como,
67	5	»	humanidade.....	»	humanidade,
69	21	»	perigosa quando.....	»	perigosa; e quando
89	19	»	do todo.....	»	de todo
102	22	»	que lhe succedeu.....	»	ministerio Itaborahy
116	7	»	reborbotivas.....	»	rebarbativas
125	2	»	célebre.....	»	célebres
139	28	»	doença, esquecido, ...	»	doença esquecido
140	26	»	anno.	»	anno,
173	5	»	a borboleta chrysalida..	»	a borboleta da chrysalida
214	13	»	ebella.....	»	e bella
240	13	»	isson os.....	»	isso nos
»	»	»	lhes obreposse.....	»	lhe sobreposse
248	29	»	destribuição.....	»	distribuições
277	16	»	8 de maio de 1848.....	»	8 de maio de 1842
299	2	»	10 de julho.....	»	10 de junho
318	18	»	em que.....	»	que
334	12	»	23 de junho.....	»	23 de julho
337	24	»	Petersburgo.....	»	Petersburgo)
»	25	»	(no quinto anno medico)	»	(bacharel em mathematicas)

Rectificação a pag. 29 — Quando já estava impresso o segundo tomo soube de pessoa segura que os restos mortaes do brigadeiro Falcão tinham sido, ao que parece a expensas de seu irmão, trasladados do Recife para a cidade do Maranhão, sendo sepultados na capella da egreja de San'João Baptista, ao lado esquerdo de quem entra, tendo na lapide que cobre o jasigo o seguinte epithaphio:

«Aqui jazem os restos mortaes de Feliciano Antonio Falcão, nascido n'esta cidade a 31 de Maio de 1810, Brigadeiro do Exercito, Dignatario da Imperial Ordem do Cruzeiro, Commendador da da Rosa, Cavalleiro da de S. Bento de Aviz, condecorado com a Medalha do Uruguay. Tendo assistido á batalha de 3 de Fevereiro de 1852 e sido Director do Arsenal de Guerra da Côrte, falleceu commandante das Armas de Pernambuco a 10 de Junho de 1853 com geral sentimento da População da Provincia onde importantes serviços prestou.»

ERRATA

A ESTE

TOMO TERCEIRO DO PANTHEON MARANHENSE

PAG.	LIN.		ERROS		EMENDAS
10	22	em vez de	de nada.....	leia-se	do nada
18	15 a 16	»	fucecias.....	»	facecias
21	5	»	é.....	»	e
26	21	»	e.....	»	é
51	26	»	quaes laçarias....	»	laçarias
54	10	»	exporadres.....	»	exploradores
55	12	»	costumados.....	»	costumes dos
70	10	»	do.....	»	de
80	27	»	Portuyal.....	»	Portugal
81	15	»	mesmo.....	»	mesmos
121	29	»	suaindustria.....	»	sua indústria
129	16	»	doBrasil.....	»	do Brasil
171	13	»	porc erto.....	»	por certo
184	28	»	onde se as.....	»	onde as
200	14 a 15	»	estatalado.....	»	estatelado
221	23	»	di-	»	disse
224	8	»	cordasir-se-lhe-hão	»	cordas ir-se-lhe-hão
233	»	»	*Sextilhos*.....	»	*Sextilhas*
236	1	»	de suas.....	»	suas
263	8	»	com o fr.....	»	como fr.
264 e outras		»	*Y-juca-pyrana*.....	»	*Y-juca-pyrama*
272	2	»	incontestavel-.....	»	incontestavelmente
276	11 a 12	»	precedentes.....	»	procedentes
284	21	»	Janguar.....	»	Jaguar
290	9	»	Retando porém, e,.	»	Reatando, porém, o
297	28	»	arasaya.....	»	arassoya
300	2	»	Tapuntapera.....	»	Tapuytapera
310	28	»	desprego.....	»	despreso
317	6	»	a que.....	»	com que
321	18	»	Cuema.....	»	Coema
325	24 a 25	»	Composto.....	»	Composta
333	21	»	intentos tuosos....	»	tuosos intentos
335	27	»	elle.....	»	ella
340	6	»	alleman ingleza....	»	alleman, ingleza
»	19	»	asd ifficuldades...	»	as difficuldades
384	23	»	*Sautos*.....	»	*Santos*

RETURNED TO THE LIBRARY ON OR
BEFORE THE LAST DATE STAMPED
BELOW. NON-RECEIPT OF OVERDUE
NOTICES DOES NOT EXEMPT THE
BORROWER FROM OVERDUE FEES.

BOOK DUE
APR 1 1981
707377